

*João Paulo Cabral*

VIDA E OBRA

PENSAMENTO E ACÇÃO

João Paulo Cabral

## FICHA TÉCNICA

**Título**

GONÇALO SAMPAIO. VIDA E OBRA - PENSAMENTO E ACÇÃO.

**Autor**

JOÃO PAULO CABRAL

**Coordenação**

JOÃO PAULO CABRAL

**Investigação**

JOÃO PAULO CABRAL

**Apoio à Investigação**

FACULDADE DE CIÊNCIAS DO PORTO - DEPARTAMENTO DE BOTÂNICA

**Fotografia**

JOÃO PAULO CABRAL

**Direcção Gráfica**

TRÊS SENTIDOS DESIGN LDA.

**Edição**

CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE LANHOSO

**Copyright**

CÂMARA MUNICIPAL DA PÓVOA DE LANHOSO E JOÃO PAULO CABRAL

**Local e Data de Edição**

PÓVOA DE LANHOSO, JUNHO DE 2009

**Tiragem**

700 EXEMPLARES

**Impressão**

VIANA & DIAS LDA.

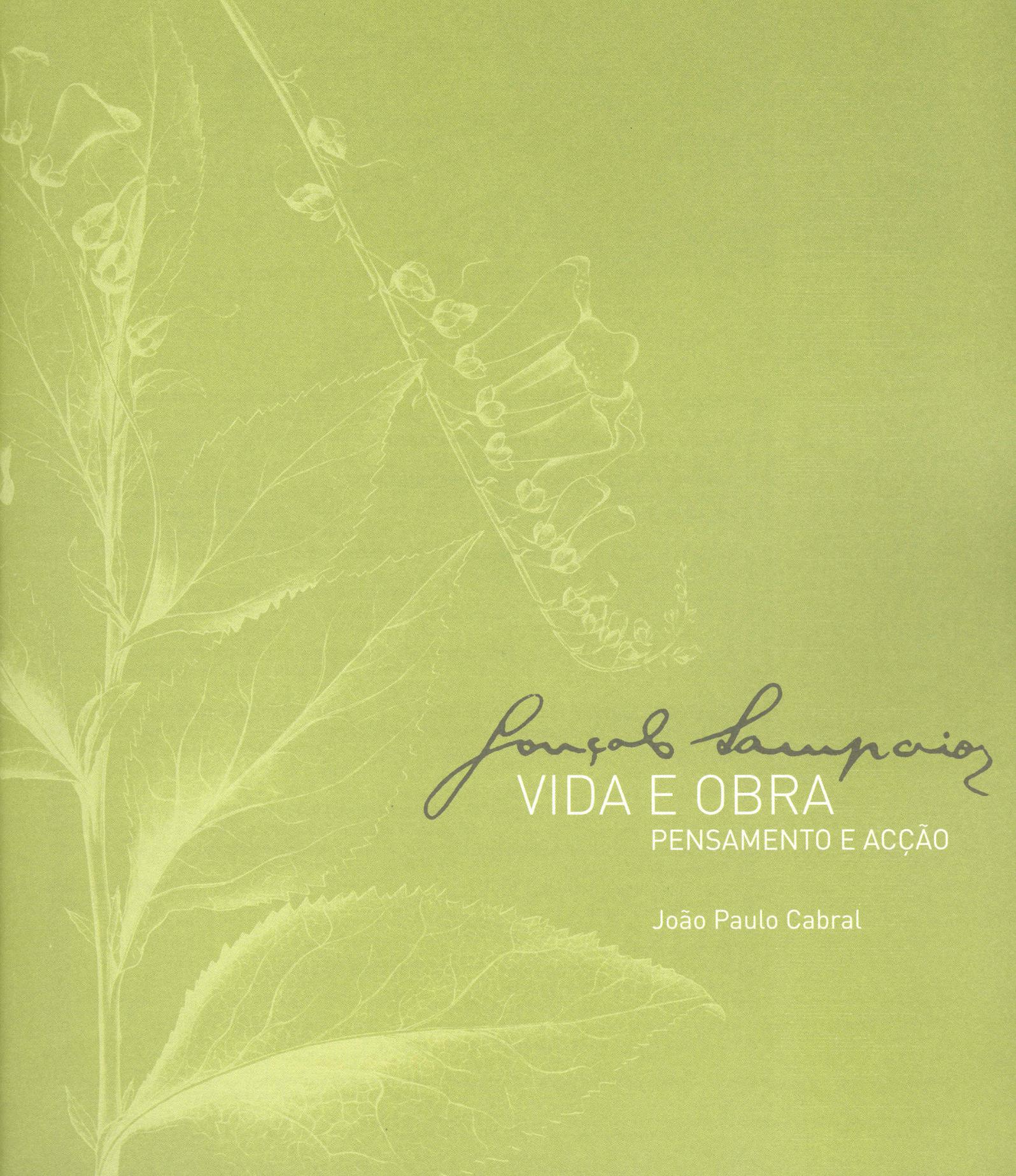
**Depósito Legal**

295398/09

**ISBN**

978-972-96027-9-5





*João Cabral de Melo*  
VIDA E OBRA  
PENSAMENTO E ACÇÃO

João Paulo Cabral

## Gonçalo Sampaio. Vida e obra - pensamento e acção<sup>1</sup>

João Paulo Cabral<sup>2</sup>

### ÍNDICE

Apresentação.....	4
I. G. Sampaio – ideário político e cívico, e ética da acção .....	7
1. G. Sampaio redactor da «Folha Democratica».....	7
2. G. Sampaio, João Franco e o Partido Regenerador Liberal .....	12
3. G. Sampaio e a Monarquia do Norte.....	20
4. G. Sampaio – mestre incompreendido?.....	29
II. G. Sampaio e o estudo da música popular .....	45
1. A conferência no salão do jornal «O Primeiro de Janeiro».....	45
2. G. Sampaio e o fado .....	48
3. G. Sampaio e Luis Crespi.....	51
4. G. Sampaio e Afonso Valentim.....	52
5. G. Sampaio e o estudo da música popular do Minho e da música sacra.....	55
6. Outras músicas populares.....	57
III. G. Sampaio e o estudo da História da Botânica.....	59
1. A História da Botânica vista por G. Sampaio .....	59
2. G. Sampaio e Amato Lusitano .....	92
IV. G. Sampaio e o estudo da flora vascular portuguesa.....	105
1. G. Sampaio e a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais .....	105
2. A rede de colaboradores .....	122
2A. Os Herbários de Coimbra e de Lisboa .....	122
2B. Os Jesuítas da Broteria .....	123
2C. Clemente Lourenço Pereira.....	125
2D. J. M. Miranda Lopes .....	127

<sup>1</sup> As biografias publicadas de G. Sampaio (MORAIS, 1937; ROZEIRA, 1946; PIRES DE LIMA, 1938, 1952; SALEMA, 1991) são muito sumárias. Parte da bibliografia de G. Sampaio está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/> e <https://museuvirtual.up.pt/up/jsp/pesquisas.faces>.

<sup>2</sup> Professor Associado do Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto e Investigador do Centro Interdisciplinar de Investigação Marinha e Ambiental da Universidade do Porto. Rua do Campo Alegre, s/ n.º Edifício FC4, 4169-007 Porto. E-mail: [jpcabral@fc.up.pt](mailto:jpcabral@fc.up.pt). URL: <http://www.fc.up.pt/pessoas/jpcabral/>

3. As Floras publicadas, inéditas e inacabadas.....	136
3A. As Floras regionais publicadas .....	136
3B. O Manual da Flora Portuguesa e o Prodrómo da Flora Portuguesa.....	140
3C. O Epítome da Flora Portuguesa .....	146
3D. A Flora Portuguesa e a Iconografia Selecta.....	147
4. O Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto.....	149
5. G. Sampaio e Carlos Pau – o projecto da Flora Ibérica .....	152
V. G. Sampaio e a nomenclatura botânica.....	181
1. G. Sampaio e a História da nomenclatura botânica .....	181
2. A «Lista das espécies» do Herbário Português .....	184
3. O Congresso do Porto .....	190
VI. G. Sampaio e o ensino .....	196
1. O ensino elementar da Botânica.....	196
2. O ensino universitário da Botânica .....	201
3. G. Sampaio, professor de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto .....	204
VII. G. Sampaio e o estudo dos líquenes portugueses.....	206
1. Como organiza G. Sampaio o estudo dos líquenes portugueses? .....	206
2. G. Sampaio e Bouly de Lesdain .....	209
3. Intercâmbios com H. Olivier, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner .....	219
4. O projecto da Flora de Líquenes de Portugal.....	229
VIII. A consagração. Uma obra inacabada? .....	231
1. A criação do «Instituto de Investigações Botânicas» na Faculdade de Ciências do Porto .....	231
2. A fundação do «Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio» .....	232
3. Conclusão .....	232
Anexo I. Nomes novos de plantas vasculares publicados por G. Sampaio .....	234
Anexo II. Nomes novos de líquenes publicados por G. Sampaio.....	237
Anexo III. Espécies e variedades novas de líquenes publicadas por Bouly de Lesdain com material recolhido por G. Sampaio .....	241
Anexo III. Espécies e variedades novas de líquenes publicadas por Bouly de Lesdain com material recolhido por G. Sampaio .....	241

Bibliografia citada..... 242

Índice remissivo ..... 270

## Apresentação

O final do século XVIII foi um período áureo para o estudo da flora portuguesa, com o trabalho de dois botânicos de nomeada – Brotero e Link. Um século passado, e apesar dos trabalhos realizados pelo Conde de Ficalho (da Escola Politécnica de Lisboa), pelo Barão de Castelo de Paiva (da Academia Politécnica do Porto) e por Welwitsch, a Botânica portuguesa ansiava por modernização. Esta tarefa seria liderada por três botânicos portugueses notáveis – Júlio Henriques (da Universidade de Coimbra), A. X. Pereira Coutinho (da Universidade de Lisboa) e Gonçalo Sampaio (da Universidade do Porto).

G. Sampaio (1865-1937) nasceu na Póvoa de Lanhoso. Frequentou a Universidade de Coimbra e a Academia Politécnica do Porto, mas não concluiu os cursos. Em 1901, entrou como naturalista-adjunto de botânica da Academia Politécnica do Porto, em 1912, foi contratado como professor da Faculdade de Ciências do Porto, aposentando-se em 1935.

Os seus primeiros trabalhos botânicos focalizam-se no estudo da flora vascular do norte do país, publicando, em 1904, uma revisão do género *Rubus* em Portugal. Em 1905 publica as «Notas críticas sobre a flora portuguesa», cujo formato – discussão detalhada de táxones difíceis, confusos ou mal-conhecidos da flora portuguesa e descrição de táxones novos para a ciência, será o da maioria dos seus trabalhos posteriores.

G. Sampaio revela, desde início, uma marcada preocupação com a nomenclatura botânica, apresentando ideias divergentes das seguidas nos Congressos Internacionais de Botânica. As suas propostas visavam proporcionar, à nomenclatura, uma maior coerência e organicidade internas, e dar o devido reconhecimento ao trabalho dos botânicos pré-lineanos.

Em 1909, inicia a publicação do «Manual da Flora Portuguesa» e do «Prodromo da Flora Portuguesa», que pretendiam constituir, quando completos, uma Flora moderna de Portugal.

A partir de meados da década de 1910, e durante cerca de 10 anos, os estudos botânicos de G. Sampaio centram-se no estudo dos líquenes de Portugal. As suas publicações seguem o seu formato preferido – análise crítica de táxones problemáticos e descrição de novos táxones. Em 1923, organiza e distribui uma exsicata - «Lichenes de Portugal», constituída por 300 exemplares, incluindo táxones novos, por si descobertos, representativos da nossa flora.

Os estudos botânicos de G. Sampaio foram acompanhados de herborizações por todo o país que resultaram num enriquecimento notável do Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto.

Apesar de dotado de excepcionais dotes para o trabalho de investigação botânica – capacidade de trabalho, espírito independente, crítico e de síntese, arrojo e inovação, método e organização, G. Sampaio não se isolou nem trabalhou isolado, mas antes soube construir e gerir uma rede de contactos, tanto de académicos como de amadores, de norte a sul do país, e também estrangeiros, que potenciaram significativamente o seu trabalho e permitiram a construção e avanço de uma Botânica moderna no nosso país.

Concomitante com os estudos botânicos, e sobretudo a partir do início da década de 1920, G. Sampaio estuda, com afinco, a música popular minhota. A profundidade, inovação e espírito crítico, que revelava nos estudos botânicos, serão também características dos seus estudos musicais.

Além de professor e investigador, G. Sampaio teve uma actividade cívica e política destacada, sobretudo até ao início da década de 1920. Inicialmente assume-se como republicano convicto. Com o governo de João Franco, adere entusiasticamente ao Franquismo. Profundamente desiludido com o regime republicano instaurado em 5 de Outubro de 1910, milita activamente como monárquico. Defende as suas convicções até às últimas consequências, participando activamente, na efémera Monarquia do Norte.

Defendendo acerrimamente os seus princípios e modos de ver, tanto no campo científico como no político, do percurso de G. Sampaio emerge uma constelação de valores éticos, dos quais se salientam a honestidade, a seriedade e o patriotismo.

Com este trabalho pretende-se dar a conhecer a vida e a obra de G. Sampaio, nas suas múltiplas facetas e actividades. Tendo chegado até nós um apreciável espólio documental, a maioria do qual inédito<sup>3</sup>, e devendo a História da Botânica ser alicerçada, primordialmente, na análise de fontes primárias, optámos por publicar, geralmente na íntegra, muitos destes documentos, em vez de transcrever partes seleccionadas.

Ao optar por transcrições extensas (integrais no caso de Carlos Pau, e muito extensas relativamente a Bouly de Lesdain, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner) dos documentos existentes no seu legado, o texto final resultou extenso, mas os documentos transcritos podem servir de fontes de trabalho para outros estudos da História da Botânica em Portugal.

---

<sup>3</sup> Foi utilizado, neste trabalho, o espólio documental de G. Sampaio existente no Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências (Universidade do Porto) e na Biblioteca Nacional de Portugal. Foi muito recentemente disponibilizado, no sítio da Biblioteca Digital de Botânica da Universidade de Coimbra (<http://bibdigital.bot.uc.pt/>), um vasto conjunto de manuscritos epistolares de G. Sampaio. A disponibilização desta fonte informativa ocorreu após a redacção do presente texto, pelo que não foi nele incorporada. Estes manuscritos, depois de estudados, certamente contribuirão para um melhor conhecimento da vida e obra de G. Sampaio, e da História da Botânica em Portugal.

A mesma lógica presidiu à elaboração dos anexos, em que se sintetiza informação que estava muito dispersa e que, só reunida, permite uma visão de conjunto da extensa e criativa obra botânica de G. Sampaio.

Destaco os mais penhorados agradecimentos à Câmara Municipal da Póvoa de Lanhoso, pela edição deste trabalho, que é, antes de mais, uma homenagem a um ilustríssimo cidadão da Póvoa de Lanhoso, e um dos portugueses que levaram e honraram o nome do país a todas as partes do mundo.

Uma palavra de agradecimento ainda a diversas personalidades e entidades que contribuíram para a realização do presente trabalho: ao Professor José Pissarra, actual presidente do Departamento de Botânica (Faculdade de Ciências da Universidade do Porto), pelo apoio que lhe tem merecido o Museu do Departamento; ao Professor P.<sup>o</sup> João Francisco Marques, pelas discussões críticas e sugestões ao texto; à Dr.<sup>a</sup> Elisa Folhadela, Assessora do Departamento de Botânica, que tem cuidado pela preservação do espólio documental de G. Sampaio, e pelo Herbário do Departamento; e à Sílvia, pela revisão atenta e cuidada do texto.

## I. G. Sampaio – ideário político e cívico, e ética da acção

1. G. Sampaio redactor da «Folha Democratica»
2. G. Sampaio, João Franco e o Partido Regenerador Liberal
3. G. Sampaio e a Monarquia do Norte
4. G. Sampaio – mestre incompreendido?

## 1. G. Sampaio redactor da «Folha Democratica»

Na sua juventude, G. Sampaio foi redactor do «semanario politico» - «Folha Democratica», de periodicidade semanal, editado na Póvoa de Lanhoso. O jornal, dirigido por Albino Bastos, assumia-se como virulentamente anti-monárquico.

O primeiro número do jornal é publicado a 2 de Fevereiro de 1888 (FD 1888 02 02). G. Sampaio escrevia o seguinte editorial, em que estabelecia o paralelo entre as leis biológicas e as sociológicas, evocando Darwin, e assumia-se como republicano e defensor absoluto da soberania popular<sup>4</sup>: «As leis biologicas que regem o organismo dum individuo são tambem leis sociologicas que regem o organismo duma nação. No meio da titanica lucta que os seres vivos e as nacionalidades vão sustentando em prol da sua existencia são as analogas condições de vitalidade ou morte reguladas sempre pelo principio da selecção natural. [...] o militarismo declina naturalmente para ceder o seu antigo prestigio ás classes trabalhadoras. [...] Depois de ter derrubado a seus pés o absolutismo é este movimento de reacção popular o que se propõe actualmente a fazer substituir a antiga forma monarchia pela moderna forma republicana. [...] Militando, pois, nas fileiras do partido republicano combaterá intemeratamente por um idial, a Liberdade; por um bem, a Justiça; por um soberano, o Povo».

No segundo número, datado de 9 de Fevereiro de 1888 (FD 1888 02 09) (**Estampa** I.1.), no texto «Artigos para o povo. I. Para que serve um rei», são enumerados alguns defeitos do regime monárquico. Que acusações apresentava G. Sampaio ao regime em vigor? A principal era o despesismo da monarquia: «[...] a familia real custa annualmente ao paiz 600 a 700 contos, fóra o mais que se não diz. [...] Com 700 contos annuaes não se realisariam importantes melhoramentos e com os quaes o

---

<sup>4</sup> As transcrições encontram-se entre aspas, as de documentos impressos, em letra redonda, as de manuscritos em itálico. Nas transcrições de manuscritos seguimos as recomendações de COSTA (1982), transcrevendo de acordo com os originais, em que a acentuação das palavras é muito irregular. Limitámo-nos a desdobrar as abreviaturas e a acrescentar alguma pontuação, quando era indispensável para uma melhor leitura do texto. Para tornar o texto mais claro, em algumas transcrições, omitimos algumas palavras. Estas foram substituídas por: [...]. Também utilizámos este símbolo para substituir palavras que não conseguimos transcrever. Todavia, estas omissões em nenhum caso puseram em causa o sentido do texto transcrito. Comentários nossos intercalados nas transcrições encontram-se em letra redonda, entre parêntesis rectos. Considerámos os documentos dactilografados como manuscritos. Sublinhámos os nomes de táxones. Mantivemos geralmente a ortografia original dos nomes de pessoas, excepto para os nomes de botânicos antigos em que utilizámos várias grafias (o nome na língua materna, o nome latinizado e o nome aporuguesado). A ortografia dos nomes dos táxones de plantas vasculares no texto principal segue SAMPAIO (1946). Os nomes actuais dos táxones, de plantas vasculares foram retirados da «Flora Europaea», e de líquenes do «Index Fungorum» (<http://www.indexfungorum.org>).

povo lucraria extraordinariamente? Applicada em favor da nossa agricultura esta somma produziria incalculaveis auxilios ao proprietario pela fundação de bancos agricolas etc. Applicada em favor da instrucção cobriria o paiz de jardins de infancia, cuja falta tanto se faz sentir entre nós. Emfim, 700 contos annuaes em qualquer fim que se applicassem traziam innumerous beneficios. Os monarchicos, porem, não veem que com tal bagatella se possa satisfazer muita necessidade». Concluía: «a necessidade duma monarchia é injustificavel. Um rei não representa mais que os restos do prestigio militar antigo, uma velharia despendiosa e inutil, sustentando-se á custa do trabalho nacional [...] Abaixo, pois, os reis. Viva a Republica!».

Na edição da semana seguinte, a terceira do jornal, datada de 16 de Fevereiro (FD 1888 02 16) (**Estampa** I.2.), G. Sampaio continuava a série de «Artigos para o povo. II. Os braganças», focalizando-se agora na personalidade e obra dos monarcas «que a casa de Bragança nos tem fornecido». A apreciação é impiedosamente negativa e acusadora. Que defeitos tinham tido os monarcas da Casa de Bragança? «João IV [...] foi um cobarde que com medo de Filippe III quiz abandonar este paiz, fugindo para a America. Affonso VI [...] era um demente [...] que com uma malta de ladrões e assassinos praticava nas ruas de Lisboa scenas duma devassidão vergonhosa e repugnante. Pedro II, depois de ter infamemente roubado a coroa a seu irmão [...] derrotou a agricultura e industria nacionaes [...]. João V gastou todas as enormes riquezas que então nos vinhas do Brazil em luxos e vaidades [...]. José I [...] não passou dum triste manequim do Marquez de Pombal. Maria I foi uma doida confirmada [...]. João VI foi um desgraçado cobarde que ao ter conhecimento da invasão franceza fugiu para o Brazil deixando-nos á mercê dos inimigos [...]. Pedro IV roubou-nos o Brazil proclamando-se seu imperador. Miguel I foi um barbaro que inundou o paiz com o sangue dos liberaes. Maria II [...] não duvidou, para se sustentar no throno em esmagar a vontade do povo com as armas dos soldados estrangeiros. Ora aqui estão os gloriosos coevos do senhor D. Luiz de Bragança. Vê-se bem, que é uma familia illustre!».

No número quarto do jornal, de 23 de Fevereiro de 1888 (FD 1888 02 23) (**Estampa** I.3.), G. Sampaio elogiava, sem reservas, o regime republicano, que considerava: «uma boa forma de governo»; «a fórmula mais racional, mais economica e vantajosa de governo»; «a soberania popular sem a mordada do veto real»; queria «a liberdade de consciencia, garantindo a cada um o direito de professar e manifestar a sua fé religiosa». Concluía que era «necessario estabelecer um governo economico, [...] implantar a republica em Portugal», porque a republica era «esta trindade sympathica e luminosa: liberdade, egualdade e fraternidade».

Na edição de 1 de Março (FD 1888 03 01), o editorial de G. Sampaio é substituído por um excerto de um texto de P.<sup>o</sup> Antonio Vieira com o título sugestivo de: «Conjugação do verbo “rapio”». A citação deste texto, descritivo da governação portuguesa na Índia no tempo de S. Francisco Xavier, pretendia, naturalmente, estabelecer um paralelo com a situação que o país vivia naquela altura. Vieira, com a sua maestria de prosa acutilante, denunciadora, mas inegavelmente realista, escrevia: «Conjugam por todos os modos o verbo rapio, porque furtam por todos os modos de arte, não falando em outros novos, e exquesitos [...] Finalmente, nos mesmos tempos não lhes escapam os imperfeitos, perfeitos, plusquam-perfeitos, e quaesquer outros; porque furtam, furtaram, furtavam, furtariam, e haveriam de furtar mais, se mais houvesse».

O sexto número do jornal era publicado a 8 de Março de 1888 (FD 1888 03 08). Novamente não existe um editorial, mas a primeira página é ocupada com uma extensa transcrição de uma notícia do jornal «Seculo». A notícia relatava que o Ministro da Fazenda tinha sido eleito director da Companhia de Gaz, sendo seu importante accionista. O conteúdo da notícia era bem ao gosto de G. Sampaio – denunciava corrupção, desvios de dinheiros, e falta de honestidade. O Ministro da Fazenda, que «ha tres annos não possuia senão dividas e luctava com grandes difficuldades financeiras para viver n’uma vida modestissima, é hoje director da companhia do norte e leste, joga na bolsa e está director da companhia do gaz. De jornalista pobre e honrado apparece-nos por encanto transformado em senhor de grandes capitaes, impondo-se ao mundo da alta finança pelo seu dinheiro mais ainda que pelas suas habilidades. [...] dois annos de governação e um de intrigas bastaram para que o snr. Mariano de Carvalho nos appareça transformado em accionista poderoso das grandes companhias, quando ainda ha pouco não tinha dinheiro para pagar os seus compromissos. [...] o snr. Mariano de Carvalho é hoje grande accionista da Companhia do Norte e Leste e possui o numero de acções necessarias da companhia do gaz para ser eleito director d’essa empreza». Após relatar o caso concreto, a noticia do jornal resvalava para uma análise global da situação do governo e do país: «Urge que o paiz se levante inteiro, armado d’um soberbo latego, para correr os vendilhões que o infamam [...] Nunca a corrupção atingiu um tão subido grau de evidencia e de ganancia. [...] os actuaes ministros, que hontem faziam publico alarde da sua miseria, esses é que sahem do poder todos ricos. [...] Estamos em pleno bandoleirismo, ao qual é preciso oppôr uma severa resistência para se limpar o paiz desta imundice. Está á frente dos negocios publicos um governo de directores de companhias poderosas, que tudo sacrificando aos seus interesses pessoaes, a começar pelo decoro do poder e a acabar na sua propria reputação. É inaudito este spectaculo de immoralidade. Urge varrer esta porcaria, que

transforma os representantes do poder em caixeiros e empreiteiros avidos e dos potentados da finança. [...] É preciso pôr-se cobro a esta tremenda devassidão».

No número 12 do jornal, datado de 19 de Abril de 1888 (FD 1888 04 19), continuava-se o que se chamava de «folhetim – O processo da monarchia». A avaliação deste regime era feita na forma de perguntas e respostas e o saldo não podia ser mais negativo – a monarquia só tinha defeitos. À pergunta de «O que nos diz a historia?», respondia-se «que a realeza é synonymo de sangue, de morticinios, de assassinatos, de incextos, de roubos em de concussões [sic]». À pergunta de «o que é um paiz monarchico?» respondia-se que era «um povo declarado menor». «A monarchia é, então, uma exploração?», respondia-se que sim porque «explora o homem em beneficio proprio, não olhando senão aos interesses e ás suas conveniencias pessoais». A existência da monarquia era mesmo devida à «ignorancia e á miseria dos povos». Um dos defeitos da monarquia era estar reduzida «a um mero agente do nepotismo mais desenfreado e da moralidade mais affrontosa». Emergem então dois dos temas mais caros a G. Sampaio – a honra e a ética do dever, e a economia da poupança e o gasto supérfluo. Como estava então minada a «honradez» da monarquia? «Nos concursos publicos só são escolhidos os recommendados, os filhos ou sobrinhos dos ministros». «Os politicos monarchicos» «adulam o rei, - quando governo, e acusam-no violentamente – quando opposição». «A realeza só serve para alimentar a ociosidade e o parasitismo». Qual o desperdício da monarquia? «Muitos e muitos milhares de contos», «só o rei ganha um conto de reis por dia sem nada fazer, ganha a rainha, ganham os filhos do rei, o irmão do rei e toda a sua familia, alem dos extraordinarios festejos, brodios e comesainas». Qual era a solução? Segundo a «Folha democratica» era destruir «a realeza pelo suffragio e» proclamar «a republica» - «A republica» era a «suprema formula da emancipação social», um «elemento d’ordem, de paz, de trabalho e de segurança politica». Para a sua instauração «bastava só que o povo se revestisse de energia e independencia, votando em candidatos republicanos».

O «folhetim – O processo da monarchia» continuava no número seguinte do jornal, datado de 26 de Abril de 1888 (FD 1888 04 26). Agora era atacado o próprio sistema representativo que se considerava «pura ficção» dado que quem governava era efectivamente «o rei e só o rei»: «do paço sahem os ministros, que, por seu turno, fabricam os deputados para votarem tudo quanto o rei quizer». Também o sistema judiciário não escapava porque «deixou de ser soberano pela dependencia em que os juizes» estavam «dos ministros». O desperdício da monarquia tinha levado o país à bancarrota: «Quanto devemos nós? Quinhentos mil contos». «Qual é o nosso deficit? Dez mil contos, a terça parte das nossas receitas». «Qual o estado da nossa divida fluctuante? Doze mil contos». «Como remediar este mal? Reduzindo as despesas e equilibrando definitivamente a receita com a despeza» «Será isto

possível com a monarquia? Não porque do alto funcionalismo, começando pelo rei, é que nos vem o mal» Qual a solução? Mais uma vez «trabalhar, com todas as nossas forças, para a imediata proclamação da republica»<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> G. Sampaio terá abandonado a redacção da «Folha Democratica» depois deste número. Na edição de 18 de Maio de 1888 é anunciado, simplesmente, que Albino Bastos era o administrador (FD 1888 05 18). O nome de G. Sampaio não figura na capa do jornal. O jornal publica-se pelo menos até 22 de Agosto de 1889, assumindo-se como «orgão politico» e tendo como administrador e proprietário, Albino Bastos.

## 2. G. Sampaio, João Franco<sup>6</sup> e o Partido Regenerador Liberal

<sup>6</sup> João Franco Ferreira Pinto Castelo-Branco (1855-1929), estadista, foi o fundador e dirigente da corrente política designada de «Franquismo». Formou-se em direito pela Universidade de Coimbra em 1875. Seguiu a carreira de magistrado e notário, nos concelhos de Sátão, Baião e Alcobça. Sendo eleito deputado pela primeira vez em 1884, abandona então a carreira da magistratura judicial. Combate politicamente o governo do Partido Progressista, chefiado por José Luciano de Castro, no poder de 1886 a 1890. No governo regenerador presidido por Antonio de Serpa Pimentel, que inicia funções em Janeiro de 1890, é-lhe confiada a pasta da Fazenda. Todavia, ao fim de alguns meses, em Outubro deste ano, caía o governo. João Franco publica então um relatório sobre o estado financeiro do país, que provocou vivas discussões. Em 1891, entra como ministro das Obras Públicas no governo presidido por João Crisóstomo de Abreu e Sousa, que todavia só governou de Maio de 1891 a Janeiro de 1892. Reforma os institutos e escolas industriais e agrícolas, e toma várias medidas relativas ao fomento do comércio. No governo regenerador, presidido por Hintze Ribeiro, que se manteve no poder de Fevereiro de 1893 até Fevereiro de 1897, «coube a João Franco a missão essencialmente política de ministro do Reino. Atravessa-se um período excepcionalmente agitado, com intensa actividade de republicanos, socialistas e anarquistas, e João Franco representou então um papel de político autoritário, herdeiro da doutrina do fortalecimento do poder real. Decretou a reforma da instrução secundária e a do código administrativo, pela qual se adoptou um sistema mais centralista, suprimindo-se a representação das minorias nas câmaras municipais e ampliando-se o âmbito da tutela do ministério do Reino sobre as autarquias» (GEPB). Contrariado com o comportamento do Parlamento, o governo dissolve-o. «Por um acto adicional à Carta, [...] aboliu-se a parte electiva da Câmara dos Pares; convocados os colégios eleitorais (17-XI-1895), as oposições abstiveram-se, resultando de aí a formação de um parlamento só composto por regeneradores» (GEPB). «Bastou que um pobre louco, internado no Hospital de Rilhafoles, tivesse arremessado pedras à carruagem do Rei, e que uma bomba tivesse explodido, sem causar vítimas, nas escadas de um prédio de Lisboa, para logo se fazer aprovar a “lei antianarquista”, de 13 de Fevereiro de 1896. Nela se estabelecia que os suspeitos de ideias e práticas anarquistas deveriam ser submetidos a julgamentos expeditos e secretos, com sumarríssimas garantias de defesa, devendo tais processos ser instruídos e apreciados pelo Juízo de Instrução Criminal. Os condenados cumpririam as suas penas de degrado em inóspitos e longíquos territórios ultramarinos» (CARVALHO HOMEM, 1995:391). As Associações Comercial, Industrial e dos Lojistas, protestam e o governo dissolve-as. O Partido Progressista une-se então aos republicanos contra o governo. A pretexto de uma discordância sobre a nomeação dos Pares do Reino, o governo de Hintze-Franco demite-se, e, é novamente o Partido Progressista, chefiado por José Luciano de Castro, que forma governo. Mas este só governa durante três anos, e, sobe novamente ao poder o Partido Regenerador. João Franco, que era o líder do Partido na Câmara dos Deputados, recusa entrar para o governo e entra em conflito aberto com os regeneradores - oposição que se manifesta publicamente na sessão da Câmara dos Deputados de 13 de Fevereiro de 1901. Ao lado de João Franco, alinham outros regeneradores como Malheiros Reimão, Melo e Sousa, Adriano Cavalheiro, Martins de Carvalho, Teixeira de Vasconcelos, Luciano Monteiro, Luís de Magalhães, Pedro Gaivão, Vasconcelos Porto, Freitas Branco, Patrício dos Prazeres, José da Silva Viana, Lobo de Amaral e José Estêvão de Moraes Sarmiento. «No Parlamento e na Imprensa (onde tinha por órgão o Diário Ilustrado) o novo grupo político entrou em luta contra o seu antigo Partido e contra o governo» (GEPB). Hintze Ribeiro ataca então politicamente João Franco e seus apoiantes. Dissolve a Câmara dos Deputados e promulga uma nova lei eleitoral com o intuito de diminuir a representação dos republicanos e dos franquistas. «O expediente surtiu efeito, porque não entrou no Parlamento um único deputado republicano, ao mesmo tempo que o próprio João Franco perdia a eleição e via eleito um só dos seus aderentes» (GEPB). João Franco não se dá por vencido, e, funda, a 16 de Maio de 1903 um novo Partido – o Regenerador Liberal, onde proclama «o seu ideal de descentralização administrativa, o seu amor à educação popular, os seus projectos quanto á administração das colónias» (GEPB). A actividade política do novo Partido é febril – consegue a adesão de personalidades prestigiosas, organiza reuniões por todo o país, «radicando o franquismo pelas terras da província» (GEPB). O problema do comércio e monopólio do tabaco está então na origem da queda de dois governos, e, causa uma cisão no Partido Progressista – José de Alpoim sai do governo, onde ocupava a pasta da Justiça, e coloca-se na oposição. O governo do Partido Progressista acaba por cair sendo substituído, em Fevereiro de 1906, por um chefiado novamente por Hintze Ribeiro, do Partido Regenerador. Mas o modo como ocorreram as eleições causa uma indignação geral, forçando Hintze Ribeiro a pedir a sua demissão, que o Rei aceita. A 17 de Maio de 1906, João Franco assumia enfim o pleno poder do governo, tendo Ernesto Schröeter, José Novais, Vasconcelos Porto, Malheiros Reimão, Luís de Magalhães e Aires de Ornelas, como seus ministros. João Franco prometia então que «garantiria a liberdade de imprensa, modificaria a lei de 13 de Fevereiro, promoveria a descentralização administrativa, apresentaria uma nova lei eleitoral com círculos uninominais, manteria o concurso aberto para os tabacos, não pediria nada ao país sem assegurar, de modo real, a ordem da administração publica [...] amnistiou sem demora os condenados por liberdade de Imprensa e encetou uma rigorosa administração financeira, fazendo economias, mandando cessar os adiantamentos, cortando gratificações, abonos, subsídios, remunerações escandalosamente dadas ou não estabelecidas no orçamento ou por lei» (GEPB). A política do governo de João Franco tem então uma cerrada oposição dos republicanos (que também pretendiam uma aniquilação do próprio regime monárquico), e também no Partido Regenerador. Todavia o governo de João Franco tem uma febril actividade legislativa. Em «Maio de

A actividade pública jornalística de G. Sampaio e os documentos que existem no seu espólio, indicam claramente que G. Sampaio foi um adepto do Franquismo e apoiante do Partido Regenerador Liberal. Num rascunho de uma carta para o Governador Civil de Vila Real (que seria João Saraiva<sup>7</sup>), datada de 6 de Junho de 1906<sup>8</sup>, G. Sampaio elogiava João Franco que recentemente tinha assumido o poder: «*Venho dar-lhe os meus sinceros parabens por ter sido nomeado governador civil de Villa Real [...] Não sei se se recorda de lhe ter dito [...] que se um dia o conselheiro João Franco fosse ao poder e*

---

1907 era encerrada a sessão legislativa e entrava-se em ditadura. O Partido Progressista rompeu o entendimento que tinha com João Franco, e os Partidos da realza ligaram-se aos republicanos contra o Franquismo. «O estabelecimento da ditadura aproximou de novo Hintze Ribeiro e José Luciano, que publicaram manifestos a distanciar-se da experiência franquista. O que equivale a dizer que João Franco ia governar com a oposição dos dois Partidos monárquicos e do republicano, uns e o outro decididos a travar o que definiam como um golpe de Estado» (SERRÃO, 1990:124). «João Franco reconheceu que a sua manutenção no Poder só teria viabilidade através de medidas severíssimas. Assim se explica toda uma estratégia legislativa tendente ao amordaçamento da liberdade de informação e à domesticação dos Poderes extragovernamentais. Os jornais foram entregues à vigilância dos Governadores Civis (decreto de 20 de Junho); as eleições municipais viram-se proteladas “sine die” (decreto de 14 de Outubro); aos Juizes de Instrução Criminal foram atribuídas competências alargadas, sobretudo em matéria de julgamento de atentados contra a segurança do Estado (decreto de 21 de Novembro); dissolveram-se as representações camarárias em funções, substituindo-as por “Comissões de Gerência” afectas ao Governo (decreto de 12 de Dezembro)» (CARVALHO HOMEM, 1995:397-398). «A reacção contra a ditadura foi imediata e generalizada. Os partidos dos vários matizes protestaram com veemência, quer junto do rei quer na imprensa. [...] Na rua, multiplicavam-se os comícios, as correrias e os tumultos, motivando quase sempre a intervenção das autoridades, que espancavam e prendiam» (OLIVEIRA MARQUES ET AL., 1991:692). «João Franco cometeu o erro de trazer ao Parlamento a chamada questão dos adiantamentos. O governo admitia que, ao longo dos anos, se haviam feito, pelo Ministério da Fazenda, “adiantamentos” de somas avultadas aos vários membros da família real, a serem deduzidas da respectiva lista civil. Como tais deduções nunca se tivessem integralmente realizado, acontecia que a família real devia ao Estado muitas centenas de contos, num total jamais cabalmente apurado. Para resolver a questão, João Franco propunha um acerto de contas, com a privação perpétua das rendas de prédios pertencentes à coroa, arrendados ao Estado para diversos serviços públicos, e a venda ao Estado do iate real Amélia. Propunha também o aumento da lista civil do rei de 100 para 160 contos. Os resultados desta questão foram desastrosos, tanto para o governo quanto para a própria Monarquia» (OLIVEIRA MARQUES ET AL., 1991:690). A 28 de Janeiro de 1908, fracassa uma tentativa revolucionária, em que participam José de Alpoim, Egas Moniz, Afonso Costa e o Visconde da Ribeira Brava, entre outros, estando então a família real em Vila Viçosa. O governo publica um Decreto, «pelo qual podia banir do reino ou enviar para as colónias as pessoas que fôssem pronunciadas por algum dos crimes compreendidos no artigo 1.º do decreto de 21 de Novembro de 1907, “quando os interesses superiores do Estado assim o aconselhassem”». «Este “decreto do desterro” foi assinado por D. Carlos em Vila Viçosa, no dia 31 de Janeiro. Era a derradeira prova da íntima e funérea aliança entre o Rei e o seu Presidente do Conselho» (CARVALHO HOMEM, 1995:399). No dia seguinte regressava a família real a Lisboa, e dá-se o regicídio. «João Franco retirou-se da vida pública, partindo passados dias para o estrangeiro. Veio a falecer vinte e um anos depois de terminada a sua carreira política, em Abril de 1929» (GEPB). «Goste-se ou não do seu feitio autoritário, deve reconhecer-se que Franco tinha alma de líder e a bagagem suficiente para se impor como homem de Estado. Possuidor de uma larga cultura histórica e literária, não era o homem rústico que os seus inimigos faziam dele. Nem de outra maneira se compreenderia a auréola política e popular que lhe envolveu o nome» (SERRÃO, 1990:116) (GEPB; OLIVEIRA MARQUES ET AL., 1991:689-693; CARVALHO HOMEM, 1995:390-399).

<sup>7</sup> João Baptista Pinto Saraiva (1866-1948) «foi figura de relevo na poesia portuguesa, quer pelo seu lirismo, quer pelo seu espírito satírico». Colaborou em vários jornais de Lisboa e Porto. «Politicamente, a sua actividade foi intensa, mas não longa». Quando da cisão do Partido Regenerador, em 1901, ingressou no Partido Regenerador Liberal fundado por João Franco. Foi deputado numa legislatura e exerceu, em 1906, as funções de Governador Civil em Vila Real. «Depois da queda do governo de João Franco, que se seguiu ao regicídio, embora permanecendo fiel às suas ideias monárquicas, abandonou, para sempre, a política». Frequentou a Escola Médico-Cirúrgica do Porto, que abandonou por doença, o mesmo tendo feito pouco tempo depois de se haver matriculado no Curso Superior de Letras (GEPB).

<sup>8</sup> A documentação epistolar de G. Sampaio encontra-se arquivada em pastas, organizadas por ordem alfabética de autores e, em cada autor, por ordem cronológica, de forma a facilitar a sua consulta.

*ahi persistisse nas suas afirmações liberaes e desse provas de realisar o seu programma, eu seria franquista, por entender util para o paiz a existencia, dentro da monarchia, de um partido com orientação democratica. Ora os ultimos acontecimentos convenceram-me de que o Sr. Conselheiro João Franco é hoje, realmente, um convicto liberal, com uma tendencia acentuadamente progressiva e uma honestidade de processos administrativos que todo o homem serio deve aplaudir e apoiar. A sua conducta, desde que se encontra no poder, tem sido admiravel sob todos os pontos de vista, conseguindo impressionar profundamente a opinião e merecendo as simpatias dos que não põem acima dos interesses do paiz um cego espirito de partidarismo. Felicito a V. Ex.<sup>a</sup> por ter sido um dos companheiros do sr. Conselheiro João Franco na fundação de um partido que tão correctamente está procedendo e que, espero-o, continuará a dar bons exemplos aos outros partidos, inclusivamente aos republicanos, cuja linha de procedimento perante os actos e declarações do actual governo não tem sido de modo a merecer a aprovação de nenhum democrata sincero e honesto».*

Existe também no espólio de G. Sampaio uma carta não-datada de João Saraiva para G. Sampaio, que terá sido quiçá a resposta à carta transcrita antes (**Estampa I.4.**): *«Meu Ex.<sup>mo</sup> Amigo: Como vê, eu não me tinha enganado – nem com a sinceridade liberal de João Franco nem com a nobreza moral de Gonçalo Sampaio. Predisse-lhe que, subindo ao poder, o meu chefe seguiria inalteravelmente a linha politica e administrativa que havia traçado, aos olhos do país, no programma do seu partido e nos seus discursos de propaganda. E affirmei-lhe ainda, meu caro amigo, que em frente da realização d'esse programa, ninguem de boa fé, republicano ou não, desde que amasse o seu País, podia dignamente combater esse homem raro que, surgindo das ruinas d'um desmantelado edificio politico, se propunha a levantar com materiaes novos um baluarte de interesses nacionaes. O João Franco está a dar-me razão; mas o Gonçalo Sampaio, com a sua nobre resolução de se alistar sob a bandeira do meu partido, não lisongêa apenas em mim o politico que soube prever, lisongêa tambem o meu espírito, dando-lhe a camaradagem, tão preciosa, d'um homem de talento e d'um homem de character. Deixe que d'aqui abrace o meu querido correligionario; e permita-me ainda que eu tenha a honra de pessoalmente apresentar ao nosso chefe o novo companheiro d'armas. O João Franco deve ir ao Porto ainda n'este mez. Reserve-me para então o prazer de o approximar d'esse homem que, em todas as circunstancias, hade reconhecer digno do seu apoio politico e da sua estima pessoal. Mande o seu amigo e admirador».*

No ano seguinte, João Saraiva era governador civil em Póvoa de Lanhoso e contacta novamente com G. Sampaio. Num telegrama datado de 13 de Setembro de 1907 e enviado às 12 horas e 15 minutos, João Saraiva escrevia do governo civil de Póvoa de Lanhoso: *«Gonçalo Sampaio, Naturalista,*

*Polytechnica, P. Lanhoso, Peço favor vir aqui até amanhã 3 horas tarde. Governador Civil, João Saraiva*». Quiçá para reforçar o pedido, João Saraiva enviava novo telegrama poucos minutos depois, às 12 horas e 30 minutos para o Administrador do concelho de Póvoa de Lanhoso: «*Administrador do Concelho Lanhoso. Peço a V. Ex.<sup>a</sup> communique a Gonçalo Sampaio Naturalista da Academia Polytechnica Porto que desejo falar-lhe com urgencia neste Governo Civil. Governador Civil, João Saraiva*».

Todavia, é na actividade jornalística que G. Sampaio expressará mais veementemente as suas convicções políticas de apoio ao ideário de João Franco. No meio da inúmera proliferação de jornais que se publicavam nas grandes cidades como Lisboa e Porto (RAMOS, 201:52-57), o «Diario Nacional» - «jornal da manhã», iniciava a sua publicação em 1907. O director e administrador era inicialmente Pedro de Mello Alvim, mas a 1 de Outubro de 1907 (DN 1907 10 01), G. Sampaio assume o cargo de director, sendo Miguel Calheiros o administrador. Em pleno auge do regime de João Franco, o jornal assume-se como incondicionalmente apoiante do governo, e virulentamente crítico dos partidos da oposição. Os artigos editoriais não são geralmente assinados, mas seriam escritos por G. Sampaio, ou senão, tinham certamente a sua concordância. Nestes textos editoriais é enfatizada a actividade legislativa, enérgica e reformadora, do governo de João Franco, em oposição à prática estagnada e «rotativista» dos governos anteriores, e ao ideário dos partidos da oposição. Na primeira página do diário são transcritos, na íntegra, os mais importantes diplomas legislativos, e apresentadas entrevistas ao chefe do governo. G. Sampaio é director do jornal até ao fim da sua publicação, e mantém-se mesmo como director do jornal que lhe sucede - «O Nacional».

Em 1908, com o regicídio, cai o governo de João Franco, mas o Franquismo e o Partido Regenerador Liberal mantêm-se acesos. «O Nacional», «Diario regenerador-liberal», de periodicidade diária, sucedia ao «Diario Nacional», e continuava a acção de propaganda e apoio ao Franquismo. G. Sampaio era o seu director. Francisco Pinto, Leite de Magalhães, Luiz Vianna, Rodrigo Solano, os redactores. A redacção e oficinas de tipografia e impressão situavam-se na Rua da Alegria, 171, Porto. Os artigos editoriais da primeira página não aparecem assinados, mas é de admitir que fossem escritos por G. Sampaio, ou se não, teriam certamente o seu aval. Nestes artigos emerge o ideário ideológico do Franquismo e do pensamento de G. Sampaio. Na edição de 5 de Março de 1908 (N 1908 03 05), o editorial intitulava-se «Para a frente» e pretendia manter acesa a chama do Franquismo: «Engana-se redondamente o governo se pensa que pode aniquilar, por qualquer modo, o partido regenerador-liberal ou submeter de novo o paiz ao dominio das praxes rotativas. Nem nos aniquila, por mais que o tente, nem conseguirá nunca vencer a reacção que se fez nas consciencias limpas contra o modo como

regeneradores e progressistas vinham, desde longa data, administrando de commum acordo os negocios da nação. Os velhos processos do rotativismo fizeram o seu tempo, felizmente, porque não ha força que os possa restaurar». «Não está d'isto convencido o governo? Parece que não, se attendermos á serie de actos que mais definem a sua acção e que trahem, evidentemente, o pensamento occulto de restabelecer por completo o miseravel regimen em que viviamos antes de ter subido ao poder o partido politico do snr. conselheiro João Franco». «O partido regenerador-liberal, pugnando com fé inquebrantável pela realização de um programma de moralidade governativa, de reforma cabal nos nossos costumes politicos».

Alguns dias depois, na edição de 21 de Março de 1908 (N 1908 03 21) (**Estampa I.5.**), o editorial, sugestivamente intitulado «A bambochata», numa linguagem truculenta, assumia-se totalmente desencantado com o novo governo pós-regicídio: «O espectáculo que se vem desenrolando no ministerio do reino, n'um triste crocitar de corvos perante a carniça planturosa e ainda quente da mesma prêsa, prova em demasia toda a extranha verdade das nossas palavras. E é mesmo n'elle, assim convertido, n'uma intima ligação aos erros passados, na chocadeira-Pinheiro dos futuros deputados da nação, que o paiz hoje crava e prende os olhos, admirado de que um ministerio chamado, como o actual, de concentração monarchica, por tál forma descure e malbarate os interesses do paiz, trahindo a propria lisura da funcção que foi chamado a excercer, para se entregar de animo irreflectido e olhos vendados, a todo esse escandaloso tripudio eleitoral, como se o objectivo da sua missão, tão delicada e importante, quanto grave e difficil, se resumisse no grosseiro e ingrato papel de verdadeiro deita-gatos dos dois partidos rotativos!». «E deixemo-nos de amaveis e morbidas benevolencias. Constituido o governo n'uma hora de amargas desventuras, a sua missão, para cujo religioso e cabal desempenho ninguem o prendeu, devia resumir-se tão sómente n'este simples fito: administrar o paiz, politica e economicamente, com o mais encendrado, meticuloso e inabalavel patriotismo. Ultrapassar porém taes limites, não para mais elevado tornar o desempenho d'essa missão, antes para o prejudicar, emporcalhando-o e emporcalhando-se com nojentas baixesas de galopim, não é procedimento que permitta desculpas, nem acto que, mesmo benevolmente, se possa admittir ou perdoar. Desde que, pois, o ministerio do reino abriu as suas portas á feira de ambições em que todos o vemos convertido, ao paiz impôz-se, urgentemente, o direito e o dever indeclinaveis de lhe bradar bem alto, em nome da sua boa fé patriotica assim grosseiramente escarnecida, e muito embora a descontente de regeneradores, progressistas e dissidentes, que são os tres parceiros da roleta eleitoral – abaixo a bambochata!».

Na edição do dia seguinte, 22 de Março de 1908 (N 1908 03 22), o alvo do editorial era o Partido Republicano: «Republicanos e socialistas. [...] As classes obreiras, que constituem entre nós a grande massa do partido socialista, sabem ou devem saber hoje quanto sincero interesse merecem ao partido regenerador-liberal, cujo governo lhes deu, como nenhum outro, provas inequívocas do modo como desejava promover o seu bem estar e satisfazer, cuidadosamente, muitas das suas justas e insistentes reclamações. Basta citar-se, em prova d’isto, a cedência feita pelo gabinete transacto de amplos e valiosos terrenos á “Voz do Operario” uma das associações mais florescentes da capital, a criação da caixa de aposentações para operarios de ambos os sexos, a lei do descanso semanal e o decreto que isenta de penhora os salarios dos trabalhadores. Acrescente-se que estava annunciada já uma lei estabelecendo pensões para os invalidos por accidentes de trabalho e que o chefe do governo, o snr. conselheiro João Franco, tinha publicamente exposto a tenção em que estava de proteger, nos centros manufactureiros, a apresentação de candidaturas genuinamente operarias [...] a passagem do partido regenerador-liberal pelo poder foi altamente proveitosa para os interesses das classes trabalhadoras, até então desattendidas e desprezadas por todos os governos. Ora que é que tem feito o partido republicano em prol das classes proletarias? Uma coisa apenas: apanhar-lhes os votos a favor dos seus candidatos, sem nunca lhes ceder a menor das compensações, nem se importar, sequer, com as suas reclamações e interesses. [...]»

Na edição de 24 de Março de 1908 (N 1908 03 24), o editorial continuava a crítica acesa ao governo em exercício, empolgada pela questão do enterro dos autores do regicídio: «O que, porém, ninguém ignora é que o governo, sob o ponto de vista moral, tem sido da mais capitulante e contingente subserviencia, pois tudo ha tolerado e consentido, n’uma triste confusão da liberdade com a licença, como o podem demonstrar, entre outros, factos d’este significativo jaez: a glorificação dos regicidas n’um cemiterio de Lisboa, e a abertura de subscrições na imprensa, a favor das familias d’esses mesmos regicidas, o que, afinal, não deixa de conduzir tambem ao mesmo escabroso e hórrido caminho – o applauso de um crime, cuja gravidade não permite attenuantes, e, consequentemente, a mais publica e implicita conivencia n’esse mesmo crime, por parte dos que, d’aquella fórma, perante o paiz inteiro procederam. Isto é incontestável! [...] Realmente, o que é que elle tem feito? Revogou dois decretos de recentissima data e que visavam a castigar factos ocorridos n’essa conjunctura, e cuja repetição precisava de ser a tempo e rigorosamente suffocada; dissolveu, como dissemos, o parlamento que já estava desde maio dissolvido; mandou convocar para o dia 5 de abril os collegios eleitoraes que o governo transacto já tivera mandado reunir n’esse mesmo dia, e, fingindo dar-se a um genialissimo

rasgo de legalismo, anulou o decreto dos adiantamentos que, por lei, a morte de El-Rei D. Carlos havia naturalmente já annullado! ... ».

O editorial da edição de 21 de Abril de 1908 (N 1908 04 21) focalizava-se no anticlericalismo do Partido Republicano, parecendo antever o desenrolar dos acontecimentos do pós 5 de Outubro de 1910: «A questão religiosa. Diz-se que os republicanos vão levantar dentro em breve a questão religiosa, tanto na imprensa como no parlamento. Não acreditamos. [...] Somos um paiz quasi exclusivamente catholico, sem duvida, mas o sentimento religioso do nosso povo nem se revela por actos repugnantes de fanatismo nem se define por acções de intolerancia, que seja urgente reprimir ou combater; anima-o, pelo contrario, um espirito de liberdade tão ampla e manifesta que quasi nos torna desconhecidas as incompatibilidades pessoas, por diversidade de crenças, entre individuos ou familias. Clericalismo, tal como se entende lá fora, isto é, a predominancia absoluta do clero sobre o povo, impondo-se-lhe como arbitro dos seus destinos e senhor indiscutivel da sua vontade, é perigo que não temos, felizmente, na sociedade portugueza. O nosso aldeão do norte constitue uma força politica do parocho, certamente, mas não é por um motivo de submissão religiosa ou de cegueira fetichista que elle apoia eleitoralmente o seu abbade; segue-o como a um amigo e não como a um padre ou apostolo da sua seita, porque tem n'elle o seu protector e conselheiro, que lhe livra os filhos de soldado, que o defende perante os rigores das auctoridades e o auxilia, sempre, em situações embaraçosas e difficeis. Que um parocho não preste favores d'esta natureza aos seus parochianos, e a sua influencia politica será nulla, por mais prestigioso que seja o seu renome de sacerdote ou, até, de santo. N'estas circunstancias, pois, sem odios, sem luctas, sem perseguições religiosas, sem a menor sombra de clericalismo – que especie de questão religiosa se poderia agitar entre nós, agora? Querem, porventura, que não haja religião do Estado? Mas lembrem-se, n'esse caso, os que se apoiam na doutrina do sufragio, isto é, na opinião da maioria, na quantidade e não na qualidade dos votos, de que a maior massa dos cidadãos portuguezes é, evidentemente, partidaria de que o Estado professe a religião catholica, e não se esqueçam de que não seria sem uma enorme violencia feita á consciencia nacional e aos costumes da nossa terra que o contrario poderia conseguir-se por emquanto.[...] Para o povo, a religião não constitue apenas uma necessidade, como fonte eterna da sua moral; é uma verdadeira synthese philosophica, quando lhe ministra, com a tradição biblica, uma concepção do mundo, concepção symbolica, é certo, mas em harmonia com a sua falta de cultura e não opposta ao espirito e ás conquistas de qualquer sciencia. Couberam n'ella, pelo menos, sabios como Newton, Leibnitz, Descartes e Pasteur. Ora, desde o momento que uma religião nem se mostra anti-progressiva nem anti-scientifica, como o catholicismo se não mostra, segundo os factos o provam e desde o momento que se

exerce como entre nós, sem fanatismos, sem intolerancias e sem odios, claro está que não é sob o ponto de politico ou social que pode ou merece ser atacada e rebatida. Fazel-o, e fazel-o sobretudo com a sanha de certos elementos que se dizem avançados, não é mais do que pretender substituir no paiz uma verdadeira e authentica tolerancia de crenças, como a que gosamos, por um fanatismo anti-religioso, que representa, sem duvida, a negação de todo o sentimento de liberdade em que devem assentar e desenvolver-se as sociedades de hoje. Certamente, pois, que o partido republicano não pretenderá levantar, como se affirma, a questão religiosa no paiz; essa questão nem lhe convem, nem tem agora a menor oportunidade ou condições provaveis de sucesso. O que pretende, talvez, é intimidar com ella o partido nacionalista, cuja imprensa vam atacando denodadamente as phalanges do barreto phrygio, sempre no campo dos factos ou dos principios, e sem fazer o menor caso dos insultos e ameaças com que só sabem ou podem responder-lhe».

G. Sampaio mantém-se como director de «O Nacional» até à edição do 25 de Abril de 1908 (N 1908 04 25). Na edição de 26 de Abril de 1908 (N 1908 04 26) o director é Leite de Magalhães (ex-redactor) e os redactores são os restantes antigos redactores, Francisco Pinto, Luiz Vianna e Rodrigo Solano.

Relacionado com a permanência de G. Sampaio na direcção de «O Nacional» existe ainda, no seu espólio documental, uma carta não-datada (provavelmente de 1908), em papel timbrado da «Alfandega do Porto», de Affonso Vieira d'Andrade para G. Sampaio. O assunto principal é um pedido de favores, mas o seu conteúdo é interessante para se compreender o clima político da época: *«Meu presado amigo: Recorda-se de eu lhe ter fallado outro dia á noite, no Suisso, acerca d'um rapaz que poderia ser um bom elemento na redacção do Diario Nacional? Fallei-lhe eu n'esse rapaz que é sub-inspector d'esta alfandega e se chama Luiz Vianna. Disse-lhe rapidamente quaes os serviços que elle lhe podia prestar e ainda agora os confirmou. Tem pratica de jornalismo por ter sido redactor d'um jornal de Vianna – O Imparcial – a tempo em que o Malheiro Reymão era ainda da politica regeneradora. Fundou nas ilhas onde já esteve um jornal franquista que abandonou aquando do seu regresso ao continente. Tanto o Malheiro Reymão como o Thiago d'Almeida podem informá-lo acerca dos seus meritos litterarios, porque ambos são amigos d'elle, politicamente e pessoalmente. Este meu amigo tem desejos de entrar para a nova redacção, mas não quer pedir nem valer-se da amizade d'esses seus amigos. Eu tambem não venho pedir-lhe nem metter requerimento, porque comprehendendo bem a sua actual situação, não posso nem desejo priva-lo de proceder no actual momento com toda a liberdade e com toda a circunspecção. Devo dizer-lhe porem que este rapaz é versado em determinados assumptos economicos, muito estudioso, muito trabalhador e d'uma*

*lealdade a toda a prova. É dotado d'uma grande vivacidade e conhecedor do nosso meio politico e dos seus variados processos de combate, julgando-o d'optima collaboração por exemplo na Secção dos Sultos. Tem espirito e conhece a Chronica dos adversarios, o que parece essencial n'essa secção. De resto melhor do que eu podem informá-lo o Thiago ou o Malheiro Reymão, que são patricios d'elle e que o conhecem desde creança. O Francisco Pinto tambem pode dizer-lhe alguma cousa d'elle, se você quizer aproveita-lo. Eis o que venho espontaneamente dizer-lhe para o caso de carecer d'um elemento d'esta ordem, mas na certeza porem de que o Vianna nada me pediu nem suggestionou. Se tal fosse o seu intuito tinha portas melhores que a minha onde bater. Falo-lhe assim porque o conheço bem e entendo que a sua victoria só poderá sahir de um corpo de redacção unidissimo e solidario, que d'alma e coração entre na nova cruzada».*

### 3. G. Sampaio e a Monarquia do Norte<sup>9</sup>

A proclamação da restauração da monarquia e a constituição da «Junta Governativa do Reino de Portugal» eram anunciadas na edição de 21 de Janeiro de 1919 de «O Commercio do Porto» (CP 1919 01 21). Júlio Girão Faria de Moraes Sarmiento, visconde do Banho, era nomeado Ministro da Instrucção e da Justiça, e instalava-se no edifício da Universidade do Porto: «A proclamação da monarchia. A acção da Junta Governativa do Reino, installada antehontem no Porto, tornou-se hontem mais activa, recebendo adhesões de numerosas entidades de diversos pontos do paiz. Essas adhesões foram feitas nos termos mais calorosos, denunciando os vogaes da Junta Governativa, a par de uma grande satisfação, um decidido proposito de encaminhar os negocios publicos no sentido de que o paiz entre na normalidade, no mais curto praso possivel, e sejam devidamente consideradas as importantes e complexas questões que se acham pendentes. Esse é tambem o empenho de quantos verdadeira e desapaixonadamente se interessam pela prosperidade e bem-estar d'este paiz. Passamos a relatar os factos ocorridos depois da publicação do supplemento ao Commercio do Porto, distribuido hontem a todos os nossos assignantes. Ministro da Instrucção e da Justiça. O snr. Visconde do Banho, ministro da instrucção e da justiça, installou-se hontem no edificio da Universidade do Porto. Tendo officiado previamente ao reitor da Universidade, o vice-reitor em exercicio snr. Conselheiro Ferreira da Silva compareceu e ficaram destinados para os serviços [...] aquelle titular o gabinete do director da Faculdade de Sciencias, a sala dos conselhos da mesma Faculdade e a sala da recepção. Já depois de installado o snr. Visconde do Banho n'esses aposentos, um numeroso grupo de estudantes fez-lhe uma calorosa manisfestação de sympathia, discursando em nome dos manifestantes o estudante snr. Roberto

---

<sup>9</sup> Para uma perspectiva recente da história da Monarquia do Norte ver SILVA (2006).

de Espigueira Rodrigues Mendes. Nota officiosa – Os ministerios da justiça e instrucção ficaram hontem instalados no edificio da Universidade. As repartições estarão abertas desde as 11 horas da manhã ás 6 e meia da tarde. S. Exc.<sup>a</sup> o snr. ministro recebe quaesquer pessoas que desejam tratar de negocios pendentes do ministerio da justiça [...] e da instrucção». A 27 de Janeiro, «O Commercio do Porto» editava um suplemento totalmente dedicado à instauração da Monarquia do Norte (CP 1919 01 27) (**Estampa I.6.**).

Na edição do dia 22 de Janeiro (CP 1919 01 22) noticiam-se as primeiras prisões dos dissidentes republicanos. A Monarquia do Norte, liderada por Paiva Couceiro tinha uma vida curta, e a República era restaurada a meados do mês de Fevereiro. A edição de 14 de Fevereiro de 1919 de «O Commercio do Porto» (CP 1919 02 14) anunciava a restauração da República: «n'um movimento rapido, de extraordinario e grande presteza, foi hontem restaurada a republica no Porto». Podia ainda ler-se nesta edição de «O Commercio do Porto»: «Restauração da Republica. Na Universidade. No edificio da Universidade bastantes alumnos percorreram os corredores soltando vivas á Republica e á porta repetiram essas aclamações, calorosamente secundadas pelo povo que se reunira».

Na edição de 19 de Fevereiro (CP 1919 02 19) são, pela primeira vez, noticiadas as «prisões de implicados nos ultimos acontecimentos [...] que recolheram incommunicaveis ao Aljube». Nas edições do «O Commercio do Porto» dos dias seguintes são noticiadas mais prisões de (supostos) adeptos monárquicos. Na edição do dia 21 de Março de 1919 (CP 1919 03 21) (**Estampa I.7.**) podemos lêr, na rubrica das prisões: «Em Ponte de Lima foi detido, vindo para esta cidade e recolhendo ao Aljube, o snr. G. Sampaio, professor da Universidade do Porto».

Por que razão era preso G. Sampaio? Nas edições do «O Commercio do Porto» de 21 de Janeiro a 19 de Fevereiro de 1919<sup>10</sup> (CP 1919 01 21 – 1919 02 19) não encontramos qualquer referência a actos públicos de G. Sampaio de adesão à Junta de Paiva Couceiro. Existem, no entanto, dois documentos valiosíssimos que nos indicam que G. Sampaio terá provavelmente sido preso por ter sido dirigente do «Real Batalhão Académico do Porto». LIMA (1919) num livro publicado ainda no rescaldo dos acontecimentos, escreve (**Estampa I.8.**): «Factos mais notaveis do reinado. Batalhão Académico. 21-Janeiro-1919. Numa reunião havida ontem no edificio da Universidade do Pôrto, à qual assistiram professores e alunos, resolveu-se organizar o Batalhão Académico Monárquico que incondicionalmente se colocará ao serviço da Junta Governativa. O «comité» dirigente é constituído pelos srs. Gonçalo

---

<sup>10</sup> Os jornais «O Primeiro de Janeiro» e «Jornal de Noticias» não foram publicados durante a Monarquia do Norte.

Sampaio, professor da Universidade; Bernardino Camilo da Costa e João Sampaio<sup>11</sup>, respectivamente alunos da faculdade de ciências e da Escola Superior de Farmácia. Informan-nos ainda que se contam já muitas adesões, estando a inscrição aberta na Universidade do Pôrto, para todos os professores e estudantes que desejem alistar-se no batalhão Académico. Os novos voluntários da causa monárquica serão comandados pelos alunos das escolas oficiais que sejam militares» (LIMA, 1919:15). O segundo documento é uma carta de G. Sampaio para sua mulher, Livia Sampaio. G. Sampaio escrevia, do Porto, a 10 de Fevereiro, para Livia Sampaio, na altura a residir em Sá, Ponte de Lima, a seguinte carta patética, mas também demolidoramente acusativa para a direcção do movimento revolucionário monárquico, (**Estampa** I.9.): «*Livia. A causa monárquica está definitivamente perdida, não tenhas a menor duvida disso. Em Lamego fomos completamente derrotados, apesar de publicarem os jornais que derrotamos os republicanos. Não publicam senão mentiras sobre mentiras, com o maior descaro! O João<sup>12</sup> chegou agora, contando a nossa derrota. O batalhão académico bateu-se bem, mas os soldados não tiveram quem os comandasse (!) e andavam á toa. O Couceiro chegou, como sempre 2 horas depois da derrota! É um incompetente este homem funesto, embora seja um soldado valoroso. Depois desta derrota já não podemos fazer nada, crê. Na coluna do Joaquim<sup>13</sup> creio que não terá havido combates, a não ser que os houvesse hoje. Enfim, já se não pode vencer a partida. Mas, no entanto, nada de afligir e toca de pôr o coração de largo. [...] Estou perfeitamente calmo e peço-te que tambem te não incomodes. Recomendações a todos, teu, Gonçalo Sampaio».*

Apesar de «O Commercio do Porto» nunca mencionar G. Sampaio como pertencente e dirigente do Real Batalhão Académico do Porto, a actividade desta organização é bem relatada em diversas edições do periódico. Logo na edição do dia 22 de Janeiro de 1919 (CP 1919 01 22), podia ler-se: «Real Batalhão Academico. O comité do Real Batalhão Academico do Porto acaba de nos comunicar, para conhecimento de todos os seus alistados, que foi auctorizada pela Junta Governativa do Reino a constituição d'este batalhão, que fica subordinado ao ministro da guerra, de onde serão emanadas todas as ordens. O comité mostra-se muito penhorado com os snrs. Barros & C.<sup>a</sup> e Papelaria

<sup>11</sup> João António Ferreira Sampaio, filho de G. Sampaio, nasceu no Porto, na freguesia de Paranhos, a 4 de Outubro de 1898. Concluiu, na Universidade do Porto, o curso de Farmacêutico-Químico. Por Decreto de 21 de Junho de 1921, foi nomeado 2.º assistente da secção de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto. A sua nomeação para o referido cargo foi renovada sucessivamente até ao ano lectivo de 1935-36, ano em que, a 10 de Janeiro, apresentou um atestado de doença, tendo ficado ao abrigo da legislação aplicável aos funcionários civis tuberculosos, situação em que permaneceu até pelo menos 1942. Dedicou-se ao estudo da Flora de algumas regiões do nosso país, tendo obtido resultados que, no entanto, nunca foram publicados (PIRES DE LIMA, 1942).

<sup>12</sup> Trata-se, seguramente, de João António Ferreira Sampaio.

<sup>13</sup> Trata-se certamente de Joaquim Sampaio, filho de G. Sampaio. Joaquim António Ferreira Sampaio nasceu no Porto, a 6 de Julho de 1899. Frequentou a Faculdade de Ciências do Porto. Foi colector do Gabinete de Botânica, ingressando como naturalista do Instituto de Botânica em 1926. Estudou exaustivamente as cianobactérias e as desmídias portuguesas (PIRES DE LIMA, 1942).

Araujo & Sobrinho, pela maneira captivante como atenderam os delegados do batalhão nas solicitações que lhes fizeram. Os alistados do Real Batalhão Academico devem reunir hoje, ao meio dia, na Universidade do Porto». Na edição do dia seguinte (CP 1919 01 23), a notícia confirmava que se tratava de uma organização académica mas também militar: «Real Batalhão Academico. Os allistados no Real Batalhão Academico tiveram hontem instrucção militar e hoje, ás 9 horas e meia da manhã, reúnem na Universidade para o mesmo efeito». Nesta edição do jornal também se podia ler: «Adesão dos academicos – manifestação. Os academicos promoveram hontem uma ruidosa manifestação, para o que se reuniram em crescido numero na praça da Universidade, cerca das 2 horas da tarde, attraíndo alli numerosissimas pessoas, que confraternizaram com os estudantes, no meio de uma alegria digna de registo. Organizou-se um grande cortejo pela seguinte ordem: Banda do Internato Municipal, Real Batalhão Academico, na força de 200 voluntarios, sob o comando do aspirante snr. Gandarella, com a respectiva bandeira, escoltada por uma guarda de honra feita por voluntarios armados [...]. O luzidio cortejo atravessou as ruas no meio das mais vivas e enthusiasmas aclamações, a que se associaram o povo, que abria alas nas ruas [...]. Ao gabinete do chefe do governo subiu uma comissão que saudou o snr. coronel Paiva Couceiro [...] o alumno da Faculdade de Sciencias snr. Marques de Carvalho proferiu um discurso cheio de patriotismo e de intenso entusiasmo, sendo as suas palavras muito aplaudidas. O Real Batalhão Academico que, n'este acto, fez a sua apresentação, postou-se em continência ao chefe do governo».

Na edição do dia 29 de Janeiro (CP 1919 01 29), outra notícia sobre o Real Batalhão Académico do Porto: «Real Batalhão Academico. As snr.<sup>as</sup> D. Maria da Gloria Vasconcellos Montenegro, D. Estephania Frade, D. A. A. Pereira e D. Rosa da Conceição Gonçalves Frade, alumnas do Lyceu do Porto, resolveram, entre as suas condiscipulas dos differentes collegios, obter donativos para a confecção de uma bandeira de sêda azul e branca, a fim de a offerecer ao Real Batalhão Academico do Porto. A lista da subscrição encontra-se patente no Campo dos Martyres da Patria». Na edição do dia seguinte (CP 1919 01 30), podia ler-se: «Real Batalhão Academico. Foram convocados os alistados do Real Batalhão Academico do Porto a comparacer depois de amanhã, ás 10 horas da manhã, na respectiva sede, sendo punidos os que faltarem». Na edição de 4 de Fevereiro (CP 1919 02 04), uma notícia informava que so alunos do Batalhão iriam estar dispensados das aulas: «Batalhão Academico. Vai ser publicada uma portaria determinando que não sejam marcadas faltas aos alumnos que estejam em serviço como voluntarios no Real Batalhão Academico do Porto, devendo o respectivo commandante enviar ás secretarias dos estabelecimentos de ensino a que esses alumnos pertencerem, uma relação das praças sob o seu commando a quem respeite o disposto na mesma portaria».

Interessantemente, em Lisboa o «Batalhão Academico» era republicano e não monárquico. Na edição de 3 de Fevereiro de 1919 da «Ilustração Portuguesa» (IP 1919 02 03) eram dedicadas duas páginas ao batalhão académico lisboeta. O tom era naturalmente de entusiasmo republicano - em Lisboa a «sublevação» monárquica de Monsanto tinha sido neutralizada. «A mocidade das nossas escolas, levada do seu amor á liberdade e aos interesses do paiz, tambem entrou espontanea e entusiasticamente na luta». No entanto tanto no Porto como em Lisboa, era a comunidade universitária que parecia ser a vanguarda da acção. «Partiu da Universidade de Lisboa a idéa da organização de um batalhão academico, pertencendo o maior numero dos seus alistados ás faculdades de sciencias e de letras. Já tiveram o seu baptismo de fogo na Serra de Monsanto. A imprensa, em geral, dedicou registos calorosos á coragem e valentia dos briosos rapazes, que avançaram contra o inimigo com o sangue frio de tropas experimentadas. Sufocado o movimento em Lisboa, os academicos constituiram-se no dever de acompanhar a causa das instituições até final vitoria. Ofereceram-se para seguirem para o norte e o governo aceitou-lhes prontamente o oferecimento, aproveitando assim um concurso que, se não pode ser decisivo, sob o ponto de vista da força, é de uma alta importancia moral como estimulo para levantar o espirito publico, o que não contribue pouco para a vitoria». Pelas fotografias inseridas na página 88 deste artigo, sabemos que, neste batalhão académico de Lisboa, também participavam «alunos dos liceus e escolas secundárias de Lisboa».

Por uma notícia publicada a 7 de Fevereiro (CP 1919 02 07), poderemos concluir que as aulas estariam paralizadas na cidade do Porto: «Batalhão Academico. Telegrama recebido. Real Batalhão Academico segue bem. Sauda as suas familias. Viva Portugal restaurado! Viva a Monarquia! – O commandante, Alvaro Aguiar, aspirante. Pretensão de academicos. Os estudantes das 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> classes do Lyceu D. Manuel II que, como temos noticiado, vêm ha varios dias reclamando para si as regalias concedidas aos seus collegas do Real Batalhão Academico do Porto [apresentaram] a seguinte petição [...]: O funcionamento irregular das turmas, havendo algumas que tendo a frequencia normal de 99 alumnos, estão actualmente a funcionar com [ilegível] apenas, de onde se conclui que o ensino ministrado a estes poucos assistentes se não pode fazer sem manifesto prejuizo para todos os outros que se não podem apresentar devido á anormalidade do momento presente».

Logo no dia 3 de Março de 1919 era publicado, no «Diário do Govêrno» um Decreto (DG 1919 03 03) que estabelecia como iriam ser julgados os «indivíduos implicados no último movimento monárquico». Considerava que era indispensável que estes julgamentos se realizassem «com rapidez mas sem postergar» a defesa dos implicados. Eram criados Tribunais Militares para o julgamento tanto dos militares como dos civis. Os «autos de investigação» eram remetidos ao «comandante da divisão

militar em cuja área o crime tiver sido cometido». O comandante da divisão tinha então 48 horas para exarar o despacho. «Se o comandante da divisão entender que se não constata a responsabilidade criminal» eram os arguidos postos «imediatamente em liberdade». Caso contrário, «lavrado o despacho de culpabilidade e remetido o processo ao auditor assistente, mandará êste entregar cópia dêle aos acusados presos, dentro de quarenta e oito horas, e intimá-los para, em três dias, apresentarem, querendo, a sua defesa». O presidente do tribunal «ouvido o respectivo auditor» designava o «dia, hora e local para o julgamento, devendo os autos ser examinados antes pelo auditor, promotor e defensor para o que cada um terá vista dêles por vinte e quatro horas e sendo dado daquele despacho imediato conhecimento ao auditor assistente, a fim de, sem perda de tempo, ordenar as necessárias diligências para o julgamento». Só eram admitidos recursos «depois da sentença e tendo por fundamento a preterição de qualquer formalidade substancial que haja influído no apuramento da verdade, ou êrro na classificação do crime ou na aplicação da pena, únicos que o Supremo Tribunal Militar poderá conhecer, devendo o julgamento de tais recursos antepor-se aos de quaisquer outros». «Na organização dos processos e respectivos julgamentos» eram observadas «as disposições do Código do Processo Criminal Militar, salvo as modificações estabelecidas» neste Decreto.

Em Agosto decorrem muitos julgamentos dos presos implicados na Monarquia do Norte. «O Primeiro de Janeiro» e «O Commercio do Porto» narravam diariamente as sessões dos julgamentos. «O Primeiro de Janeiro» de 1 de Agosto de 1919 (PJ 1919 08 01) (**Estampa** I.7.) relatava que «foram entregues ao tribunal militar os processos referentes aos presos politicos srs. Gonçalo Antonio da Silva Ferreira Sampaio e Antonio Ferreira Sampaio, moradores na rua da Constituição». Esta notícia pode referir-se a João António Ferreira Sampaio ou a Joaquim António Ferreira Sampaio, que, como vimos anteriormente, participaram activamente na Monarquia do Norte.

Tanto nas edições de «O Primeiro de Janeiro» como em «O Commercio do Porto» de 1 a 21 de Agosto de 1919 (PJ 1919 08 01 - 1919 08 21; CP 1919 08 01 - 1919 08 21) não encontrámos qualquer notícia referente ao julgamento de G. Sampaio. Finalmente, na edição de 21 de Agosto de 1919 (PJ 1919 08 21) (**Estampa** I.7.) podia ler-se: «Foi restituído á liberdade o snr. dr. G. Sampaio, que se encontrava em tratamento no hospital da Misericórdia». G. Sampaio tinha estado cinco meses encarcerado.

Encontramos eco da libertação de G. Sampaio do cárcere em diversas cartas que recebeu dos seus amigos e colegas. António Soeiro, em carta datada de 27 de Agosto de 1919, endereçada do Porto, escrevia (**Estampa** I.10.): «[...] Tive conhecimento que V. Ex.<sup>a</sup>, emfim, foi posto em liberdade e seu filho tambem, e, se me regosigei por isso, entristeceu-me a noticia que a Esposa de V. Ex.<sup>a</sup> me deu de

que o meu amigo veio doente. Procurei em casa hontem, mas V. Ex.<sup>a</sup> tinha sahido ha pouco para o comboyo. Tive pena de lhe não poder dar um abraço, mas fa-lo-hei quando regressse. Como ficou o nosso Doutor Costa Pinto? Coitado. Desejava ter noticias do meu amigo. Se lhe merecer essa honra, peço a fineza de se escrever para a – Contabilidade da Comp.<sup>a</sup> Carris de Ferro do Porto. Se lhe poder ser prestavel para alguma disponha, d’este seu creado e creia-me [...] Ant.<sup>o</sup> Soeiro». A. Ricardo Jorge escrevia em carta datada de 29 de Agosto de 1919: «A noticia da sua libertação, que o Dr. Julio Henriques me deu em Coimbra, causou-me o mais vivo contentamento. Tendo de partir nesse mesmo dia, limitei-me a telegrafar-lhe e guardar um outro [ilegível] para uma carta que só agora pode ser escrita. Excusado dizer-lhe que aguardava com [ilegível] o desfecho de agora, tendo seguido passo a passo confrangido a evolução do seu caso, condenado a um silencio em virtude das noticias que me davam do Porto e mesmo aqui em Lisboa da impossibilidade de qualquer comunicação, [ilegível] pela falta de resposta a 2 cartas sucessivas que logo a principio lhe escrevi. Ainda bem que tudo [ilegível] terminou e terminou o melhor possivel para si, para os seus e para aquêles – e eu sou dêste numero – que não podiam conformar-se com o menor [ilegível] de homem de envergadura que o senhor é, - o nosso primeiro botanico -, que se fez graças a um tenazissimo e constante esforço, sacrificando todos os momentos pela sciencia, a que se entregou fervorosamente com lustre para o seu nome e para esta nossa pobre terra, tão ingrata». A esta ou outra carta próxima, respondia G. Sampaio a A. Ricardo Jorge num bilhete-postal datado de 30 de Janeiro de 1920. «Já estou efectivamente em exercicio mas vou pedir uma licença de 6 mezes, porque não vale a pena ir d’aqui ao Pôrto dar aulas» (BNP A/2049). J. S. Tavares escrevia em carta datada de 29 de Dezembro de 1920: «Aproveito este ensejo para, mais uma vez, lhe exprimir a satisfação que tive em ver V. Ex.<sup>cia</sup> restituído, com tanta honra, aos cargos que antes tão dignamente desempenhava».

Álvaro Basto<sup>14</sup> escrevia em Janeiro de 1920 (**Estampa** I.11.): «Alvaro Basto cumprimenta o seu prezado colega e amigo Gonçalo Sampaio e felicita-se por ver restituir á actividade scientifica quem com tanto brilho a escreve. Coimbra [dia não é perceptível] janeiro 1920». Belarmino Osório, em carta escrita de «Carvalhais (Mirandela)», datada de 21 de Janeiro de 1920, escrevia: «Agora mesmo acabo de tomar conhecimento da justa reparação que acaba de ser feita a V.<sup>a</sup> Ex.<sup>ca</sup>. Venho por êste motivo

<sup>14</sup> Álvaro José da Silva Basto foi professor ordinário de Química e director do Laboratório Químico da Universidade de Coimbra, entre 1911 e 1922. Tinha transitado da Faculdade de Filosofia, em 1911. Foi sócio fundador da Sociedade Química e sócio do Instituto de Coimbra e da «Société Chimique» (RODRIGUES, 1992:298). Existe correspondência entre Álvaro Basto e G. Sampaio anterior à citada acima, de 1920. Num bilhete-postal com carimbo de correio de 12 de Janeiro de 1915, o professor de Coimbra escrevia a G. Sampaio: «Meu querido colega: Muito obrigado pela oferta das suas ultimas publicações, que servem doravante de um magnifico ensino e de uma obra, os botanicos. Disponha sempre o seu amigo e admirador, Alvaro Basto».

*apresentar as minhas felicitações e, ao mesmo tempo pedir que aceite os meus respeitosos cumprimentos [...] Belarmino Modesto Pinto Osório».*

O encarceramento de G. Sampaio durante alguns meses, teve, naturalmente, eco no meio académico e científico da época. Alguns dos colegas mais distantes não sabiam o que se tinha passado, mas sabiam que as cartas que enviavam não tinham resposta. Fr. Sennen, num bilhete-postal ilustrado datado de 24 de Setembro de 1919 dava conta da sua preocupação com a ausência de resposta do seu colega: *«Depuis longtemps je suis sans nouvelles de vous et cela m'inquiète. Je vous prie de m'écrire quelques lignes. D'autre part vous m'aviez annoncé un envoi de bonnes plantes portugaises que je n'ai pas reçues et dont l'envoi aura été probablement retardé. Dans l'espoir de vous lire bientôt»*<sup>15</sup>. J. Henriques num bilhete-postal datado de 24 de Novembro de 1919 escrevia: *«Desejo o seu completo restabelecimento»*. G. Sampaio não terá respondido, porque o colega de Coimbra, poucos dias depois, a 30 de Novembro, escrevia admirado: *«Não sei se está vivo ou não»*. No entanto, G. Sampaio terá reiniciado as suas actividades não muito tempo depois da sua libertação, porque a 21 de Dezembro deste ano, J. Henriques escrevia para o colega: *«Recebi agora o seu postal e o manuscrito das Desmidiaceas, que muito agradeço. [...] Não manda também alguma coisa sobre líquenes? Da carta do Nobre»*<sup>16</sup> *sei que ainda não está livre de tudo dos resultados dos casos belicos, e que ainda não foi reintegrado. Sinto muito isto porque é muito desagradável e prejudicial. Bem desejo que essas cousas se resolvam [...] Bom será pelo menos que a sua saúde seja boa e que todos os seus estejam bem»*. A 9 de Fevereiro de 1920, J. Henriques escrevia novamente para G. Sampaio: *«Há muito tempo que não tenho notícias suas. Mande-lhe um bilhete de parabens logo que o Nobre me deu a notícia de estar livre politicamente. Não o recebeu? Já foi reintegrado no seu posto universitario? Como esta de saúde?»*. Pouco tempo depois, a 23 de Abril, em tom carinhoso, escrevia: *«Como está o doente? Está em bom andamento? É o que muito desejo»*.

Após a sua libertação G. Sampaio vive, durante alguns meses, na Póvoa de Lanhoso, e, pelos registos que faz nos seus cadernos de apontamentos, trabalha afanosamente recolhendo líquenes.

Num dos seus cadernos de apontamentos escreveu: *«Povoa de Lanhoso: 8.º - 1919 e 9.º»*. Segue-se uma extensíssima lista de espécies de líquenes recolhidos em S. Gens, Lages, Pilar, Calvos, Portela, Castelo, Porto de Bois, Frades, entre outras localidades. Seguidamente existe uma lista das espécies «novas para Portugal» dos líquenes recolhidos, seguida de umas «Observações». Numa

---

<sup>15</sup> Trata-se de um documento interessante, porque tinha o endereço do Porto, mas encontra-se rasurado e escrito por cima «Ponte de Lima, Freguezia de Sá». G. Sampaio esteve hospitalizado antes de ser libertado. Estaria a recuperar em Ponte de Lima?

<sup>16</sup> J. Henriques referia-se a Augusto Nobre (ver capítulo IV.1.).

página seguinte, existe uma lista de «*Duvidosas*», onde G. Sampaio escreve cinco números de entrada do Herbário de Líquenes da Faculdade, e, à frente de cada número, uma identificação. Em quatro destes números G. Sampaio só escreve a identificação genérica, mas no número 1993 escreve: «*Buellia Duartiana Samp. (sp. n.)*». Era um achado excepcional - uma espécie nova para a ciência. Esta descoberta será publicada em SAMPAIO (1920a). Designará este líquene de *Buellia duartei* e escreverá após a diagnose «Encontra-se este líquen no concelho da Póvoa de Lanhoso, sôbre as pedras graníticas da Lage-Longa, no lugar de Nasce, onde o colhi a 29 de setembro de 1919».

Em Outubro de 1919, nos dias 5 e 6, faz uma excursão a Vieira do Minho. No mesmo caderno de apontamentos onde anotou as suas colheitas de Agosto e Setembro na Póvoa de Lanhoso, numa página seguinte escreveu «*Vieira (5 e 6 de 10-1919)*», seguida de uma lista de espécies de líquenes. No dia 14 deste mês herboriza em Ermesinde. Escreve neste mesmo caderno: «*Ermezinde (14-10-1919)*», seguida de uma lista de espécies de líquenes. No dia seguinte recolhe líquenes em Guimarães. Escreve no seu caderno de apontamentos: «*Guimarães (15-10-1919)*», seguida de uma lista de espécies de líquenes.

G. Sampaio continuaria a manter a sua simpatia por regimes autoritários após o episódio da Monarquia do Norte. Numa carta que escreveu a A. Ricardo Jorge, G. Sampaio manifesta-se simpatizante do regime autoritário instaurado pela revolução de 28 de Maio de 1926. Com o governo saído da revolução de Gomes da Costa, A. Ricardo Jorge<sup>17</sup> assume a pasta do Ministério da Instrução. G. Sampaio, numa carta datada de 3 de Julho de 1926, endereçada ao «*Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Artur Ricardo Jorge, Ilustre Ministro da Instrução*», escreve em tom contundente: «*Não me atrevo a dar-lhe parabens por ser ministro, embora o estimasse. Deve ser uma coisa horrivel ser ministro neste país! Pelo que lhe dou muitos parabens é por ter revogado a desgraçada lei do Dr. M. dos Remédios sôbre o curso preparatório de Medicina, em que aparecia esta monstruosidade pedagógica: um curso de ciência pura (a Biologia) professado por um professor de uma Faculdade profissional! [...] Muito estimo vê-lo a colaborar na obra de um governo que se propõe corrigir os desmandos praticados pelos politicos; mas, meu amigo, isto chegou a tal podridão que mal posso acreditar no milagre que se*

---

<sup>17</sup> Arthur Ricardo Jorge, filho do professor e distinto médico Ricardo Almeida Jorge, nasceu em 1886. Formou-se em medicina e cedo ocupa o cargo de médico dos Hospitais de Lisboa. No entanto, a paixão pelas ciências biológicas leva-o a abandonar o exercício da medicina, para se dedicar, primeiro à botânica, e depois à zoologia. Em 1911, entra como assistente da recentemente criada Faculdade de Ciências de Lisboa. Sob a orientação de G. Sampaio, inicia-se no estudo da flora liquenológica portuguesa. É um precioso auxiliar de G. Sampaio na edição da exsicata «*Lichenes de Portugal*» (ver capítulo VII.1.). Passa a naturalista em 1919, e a professor de Zoologia da Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1921. Organiza o Congresso Internacional de Zoologia, que decorreu em Lisboa, em 1935. Foi Ministro da Instrução em 1926, nos governos de Gomes da Costa (de 17 de Junho a 9 de Julho) e de Óscar Carmona (de 9 de Julho a 22 de Novembro). (GEPB; PERES, 1954:430,432, 433; OLIVEIRA MARQUES *ET AL.*, 1991:728-732).

*anuncia. Deus os ajude e lhes dê coragem no meio dos desgostos e das dificuldades que hão de ter. A quadrilha é enorme, temerosa, e a desmoralização da maioria é completa»* (BNP A/1987).

#### 4. G. Sampaio – mestre incompreendido?

G. Sampaio deslocou-se ao estrangeiro em diversas ocasiões: em Maio-Junho de 1910, para participar no Congresso Internacional de Botânica realizado em Bruxelas<sup>18</sup>; em Maio de 1917, a Sevilha, para participar na Reunião da «Asociación Española para el Progreso de las Ciências»<sup>19</sup>; em Maio de 1922, para assistir ao Doutoramento Honoris Causa de Gomes Teixeira, pela Universidade de Madrid.

No estrangeiro G. Sampaio é confrontado com outras realidades – colegas botânicos, instituições, cidades, culturas, mentalidades e sistemas políticos. Do estrangeiro escreve para familiares e colegas em Portugal. É nestes documentos, escritos no momento do confronto, na premência do contraste e no calor das emoções, que emergem alguns dos traços profundos da personalidade e pensamento de G. Sampaio. Alguns destes são, quiçá, características de uma «mentalidade» portuguesa que se enraíza num passado distante – deslumbramento e aceitação incondicional por tudo quanto é estrangeiro e secundarização e desvalorização pelo labor do português, mesmo quando os nacionais são excepcionais, e reconhecidos como tal pelos seus colegas de outros países. G. Sampaio também não deixa de comparar os sistemas políticos dos países que visita, com o do seu país, e, aqui, também o português é o pior. Até os republicanos e o sistema republicano estrangeiros eram muito melhores do que os nacionais. G. Sampaio sente-se incompreendido por todos, e, os que o tratam como efectivamente era - uma das figuras cimeiras da Botânica europeia do início do século XX, transformam-se em ídolos ofuscantes para G. Sampaio. O caso de A. Zahlbruckner, que citaremos de seguida, é ilustrativo.

Na viagem que realizou para participar no Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910, G. Sampaio foi acompanhado de Gomes Teixeira<sup>20</sup>, director da Academia Politécnica do Porto e

---

<sup>18</sup> O Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910 (terceiro Congresso Internacional de Botânica) decorreu de 14 a 22 de Maio, sob a presidência do Barão de Moreau, ministro belga, e secretariado por Théophile Alexis Durand (1855-1912) ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)).

<sup>19</sup> No espólio documental de G. Sampaio existe uma factura do «Gran Hotel de Madrid y su sucursal – Sevilla», referente a uma estadia de G. Sampaio, em Sevilha, de 4 a 12 de Maio de 1917, seguramente para assistir a esta reunião.

<sup>20</sup> Francisco Gomes Teixeira (1851-1933) doutorou-se em matemática na Universidade de Coimbra com elevadíssima classificação. Foi inicialmente professor da Universidade de Coimbra, e, a partir de 1884, lente-proprietário da Academia Politécnica do Porto. Leccionou primeiro Geometria Descritiva e depois Cálculo Diferencial e Integral. Em 1877, funda, em Coimbra, a revista *Jornal de Ciências Matemáticas e Astronómicas*, que dirige durante 28 anos. Em 1905, cria os *Anais Científicos da Academia Politécnica do Porto*. Foi o quarto (e último) director da Academia Politécnica, cargo que ocupou até 1911, quando a instituição se transforma em Faculdade de Ciências do Porto. É neste ano nomeado reitor da

reconhecido matemático. A viagem foi longa, tendo visitado várias cidades e instituições de diversos países.

Existe no espólio de G. Sampaio uma carta que escreveu para Livia Sampaio. A carta não está datada, mas pelo seu conteúdo sabemos que foi escrita durante a viagem de 1910. Em papel timbrado do «Grand Hotel Montréal» de Bordéus, escrevia (**Estampa I.12.**): *«Minha Livia. Hoje não recebi telegramma d'ahi, o que me deu grande satisfação, porque é prova, claramente, de que não estás mais mal. Se porventura peiores, o que espero em Deus, que não aconteça, manda-mo dizer telegraphicamente para eu voltar para ahi. De modo algum quero que me occultes o teu estado, repara bem n'isto que te digo. Eu continuo muito bem, pois estou completamente restabelecido. São 10 horas da noite, tendo chegado agora mesmo de jantar no restaurante do Louvre, com o dr. Gomes Teixeira e família. No hotel onde estamos, que é o Hotel Montréal, não se come; apenas se dorme e se toma caffè e leite, de manhã. É o costume francez. Como te disse hontem Bordeus é uma bella cidade, de monumentos e ruas magnificas, com um movimento enorme. Eu tenho gostado muito da França e de Bordeus saio, certamente, encantado. O povo francez é de um requinte e amabilidade que captiva as almas delicadas, certamente. Tudo n'elle é distincto, desde o vestuário até ao convívio. Não calculas como isto é suave e como eu gostaria de viver aqui! Hoje de manhã sahi com o dr. Gomes Teixeira, que foi fazer uma visita. Na volta entramos na igreja de S.<sup>ta</sup> Eulalia, um bello monumento de estylo gothico. Admiravel o interior do templo, o décor e o espirito profundamente religioso d'esta população. É bem aqui a grande patria do catholicismo, por mais que as ideias revolucionarias tentem tirar-lhe o carácter que o proprio sangue lhe imprimiu. Bordeus, sendo republicana, é religiosa, e o seu republicanismo é moderado, porque são os chamados moderados que dominam. É assim que foi hoje dia, de eleições, com triumpho para os republicanos moderados. Os proprios socialistas recebem o influxo d'esta tendencia e perdem o carácter radicalista que tanto tem perturbado a França. Basta dizer que nunca aqui houve uma greve operaria, n'este tempo revoltado de greves. Ás quatro horas da tarde acompanhei o dr. Gomes Teixeira e filhas a casa do professor Barbarin, onde lhe foi offerecido um chá. Ficamos encantados. Allem de mathematico distincto Barbarin é musico, como a senhora e filhos, preparando por isso, em sua casa um concerto em honra do dr. Gomes Teixeira. Concorreu um pianista que é um artista de altissimo valor e que brevemente parte para Bruxellas a dar concertos.*

---

Universidade do Porto, e, em 1919, seu reitor honorário. Completa 70 anos em 1921, mas é reconduzido nas suas funções. Em 1929, deixa o lugar na Universidade, para ser director do Instituto de Investigações Científicas da História das Matemáticas Portuguesas. Foi Doutor Honoris Causa por várias Universidades estrangeiras, sócio da Academia das Ciências de Lisboa e presidente de diversas associações científicas. Foi ainda deputado em 1879, 1883 e 1884. Publicou diversos trabalhos originais e brilhantes de investigação matemática, sendo considerado um dos académicos portugueses mais brilhantes (GEPB).

*Cantou uma senhora, esposa de um dos convidados e ouviu-se um trecho de piano, violino, violoncello em que entrou por vezes o proprio dr. Barbarin e esposa. Estes tocam violoncello, e muito bem. Viemos encantados com isto e com o acolhimento carinhoso, cheio de amoroso conchego com que nos acolheram. Foi para mim um dia de satisfação, porque como portuguez comoveu-me intensamente as homenagens prestadas no estrangeiro a um portuguez illustre, que é hoje a maior gloria da nossa raça. Esse homem que atravessa as ruas do Porto como um desconhecido dos seus proprios compatriotas, é consagrado e acolhido nos centros mais civilizados do estrangeiro com estas provas de estima, tão tocantes e tão significativas, que até me custa a comprehender como podera formar o seu extraordinario valor n'uma terra em que o verdadeiro talento não encontra meio nem incentivos para se desenvolver e frutificar. Dormirei esta noite cheio de ventura, cheio d'este prazer espiritual que só poderia dar-me o prazer de me ter orgulho o ter nascido portuguez. Amanhã dar-te-ei impressões de diversos aspectos de Bordeus. Agora vou deitar-me, que a noite está fria e eu não quero perder novamente a saúde. Muitos beijos do teu, Gonçalo. Como vão os pequenos? Amanhã mandarei postais ilustrados».*

A 1 de Junho de 1910, Livia Sampaio escrevia a seu marido, pensando que se encontrava em Paris. O envelope tinha escrita a seguinte direcção de Paris: «*Monsieur Gonçalo Sampaio, Hotel du Rhone, Rue Jean Jacques Rousseu, Paris, França*». Este endereço está riscado, e escrito «*Portugal, Porto*». Quando a carta chegou a Paris, G. Sampaio já teria regressado a Portugal. A carta foi re-enviada para o Porto. «*Meu querido Gonçalo. Até que enfim já te posso escrever! Há tantos dias sem te poder dar noticias nossas! Eu estava anciosissima por escrever-te e agradecer-te o cuidado que tens tido em mandar-nos novas tuas. Hoje 1.º de Junho recebi o teu postal com a direcção para Paris, e fiquei contentissima. O que tens viajado, meu Deus! [...] E não dizes ainda pouco mais ou menos quando vens, já hoje é o primeiro de Junho, e nada de fallar na volta. [...] Os pequenos estão bons, e mandam-te saudades. [...]*».

Do estrangeiro, G. Sampaio escreve para o jornal «O Commercio do Porto» três extensos e interessantíssimos textos relatando as suas impressões de viagem<sup>21</sup>. O primeiro texto é publicado na edição de 24 de Maio de 1910 (CP 1910 05 24), sendo totalmente focado na figura do seu acompanhante, Gomes Teixeira. Na sua escrita, G. Sampaio transforma Gomes Teixeira no arquétipo

<sup>21</sup> «O Commercio do Porto» publica também, nesta altura, outros artigos sobre a actividade de Gomes Teixeira nesta viagem. São publicados, nos dias 27 de Maio (CP 1910 05 27), 1, 3, 5 e 9 de Junho (CP 1910 06 1,3,5,9), cinco artigos apresentados como sendo cartas «de um amigo que acompanha o sr. dr. Gomes Teixeira» e assinados simplesmente por «C». Nestes textos, é descrita em pormenor, toda a actividade de Gomes Teixeira, nos locais que visitou, em particular nas Universidades que contactou. É ainda apresentada, nas edições dos dias 18, 22 e 23 de Junho (CP 1910 06 18,22,23), uma extensa carta do próprio Gomes Teixeira a relatar as suas impressões da viagem.

do homem de ciência reconhecido pela comunidade internacional. G. Sampaio não escreve, mas fica sub-entendido, que, pelo contrário, ele próprio - G. Sampaio, pensava não ter este estatuto, considerando-se desprezado pelos colegas, desafortunado e sozinho. Em G. Sampaio, a crise era agravada pela comparação que faz com a figura de Barbarin - músico amador de prestígio. Emerge então em G. Sampaio outra das suas paixões – a música. Neste texto, são também nítidas outras das matrizes do pensamento de G. Sampaio – um patriotismo e amor «infinitos» pela Pátria<sup>22</sup>, um desprezo absoluto pela classe política e pelos «falsos homens de valor». Transcrevemos integralmente o texto publicado na primeira página do jornal: «Na Belgica. O snr. Gonçalo Sampaio, esclarecido naturalista da Academia Polytechnica, que foi a Bruxellas representar este estabelecimento scientifico no congresso de botanica alli realizado, prometeu dar-nos impressões da sua viagem. É interessantissima, a todos os respeito, a carta que hoje publicamos. <sup>23</sup>Bruxellas, 18 de Maio. Apesar de me encontrar há quatro dias em Bruxellas, aonde vim com a honrosa missão de representar a nossa Academia Polytechnica no 3.º congresso Internacional de botanica, é só hoje que posso enviar ao Commercio do Porto as primeiras notas, escriptas muito rapidamente, sobre o certamen scientifico e sobre a grande exposição universal, que se realizam agora na bella capital dos belgas. Um pequeno incommodo de saude, a natural fadiga da viagem e as multiplas occupações que me tomaram todo o tempo, durante estes primeiros dias, não permittiram, na verdade, que mais cedo podésse prestar algumas informações d'aqui aos leitores d'este jornal. É, portanto, um pouco justificadamente, como vêem, que inicio só agora a remessa de algumas noticias e impressões, promettendo ser de futuro tão regular quanto os mil inesperados do dia a dia me consintam que o seja. Parti do Porto no dia 6 do corrente e quis a boafortuna, que nem sempre me acompanha, que seguisse no mesmo trem, para Bordeus, o eminente homem de sciencia e director da Academia Polytechnica, dr. Gomes Teixeira. O illustre mathematico, que é hoje a mais authentica e brilhante gloria do nosso paiz, dirigia-se aos centros cultos do estrangeiro, no alto encargo de apreciar a organização e o ensino em muitas das mais reputadas universidades e escolas technicas europeias. Eu sabia perfeitamente como a excepcional capacidade mental do dr. Gomes Teixeira era apreciada nos meios scientificos cá de fóra e, portanto, prevía, por assim dizer com segurança, que esta sua viagem seria não só uma digressão triumphal para elle, mas tambem um motivo da mais intensa satisfação para a alma de todo o portuguez. Não hesitei, portanto, em alterar um pouco o programa que me havia imposto e resolvi acompanhar o consagrado geometra na sua visita a Bordeus, onde esperava ter o inegalavel prazer espiritual de me sentir com orgulho

---

<sup>22</sup> Ver RAMOS (2001:76-79).

<sup>23</sup> O texto de G. Sampaio começa a partir deste ponto.

portuguez. E não me enganei. O dr. Gomes Teixeira, o nosso e bem nosso Gomes Teixeira, teve na cidade de Bordeus a consagração mais elevada e honrosa a que pôde aspirar um trabalhador mental. Este homem modesto, este portuguez que passa diariamente pelas ruas do Porto quasi ignorado da grande maioria da população da sua terra – onde os mais insignificantes politicos são conhecidos e consagrados – soube, no primeiro centro intellectual do estrangeiro a que chegou, fazer mais a bem do nome da nossa patria e da reputação da nossa raça que as mil e uma celebridades inventadas pelas gazetas de Portugal, mas inteiramente desvalidadas por aqui. Logo que soube da chegada do dr. Gomes Teixeira a Bordeus, o professor Barbarin, bem conhecido em todo o mundo scientifico pelos seus notaveis trabalhos sobre geometria não eucladiana, apressou-se a visitá-lo no hotel, enviando-lhe, poucas horas depois, o convite para um chá das quatro horas, em sua casa. Tive a honra de acompanhar o dr. Gomes Teixeira e suas exc.<sup>mas</sup> filhas, podendo affirmar que, se poucas vezes tenho assistido a um acolhimento tão fino e tão delicado, nunca assisti a nenhum que mais profundas recordações me deixasse no espirito. O professor Barbarin, que além de mathematico notavel é um amator de musica bastante distincto, tinha reunido em sua casa não só famílias diversas, representantes da aristocracia mental de Bordeus, mas tambem artistas de verdadeiro valor, entre os quaes o pianista Dames, que já deu um concerto em Lisboa, que vem agora dar concertos a Bruxellas e que, seguidamente, irá a Anvers [Antuérpia] e Bilbao. Fez-se musica de primeira ordem, musica de Bach, Beethoven, Grieg e Saint-Saëns, em que tomaram parte o proprio professor Barbarin, ao violoncello, e sua esposa. No dia seguinte, o dr. Gomes Teixeira visitou o Lyceu – que, devo dizer, é considerado como o melhor organizado da França – e, ao entrar n'uma sala de mathematica, teve a agradavel surpresa de vêr que o exercicio que fôra distribuido aos alumnos, n'esse dia, era tirado do seu “tratado das curvas”, conforme gentilissimamente lh'o fez notar o professor. Não quero deixar de mencionar que o professor Barbarin, ao apresentar em sua casa o dr. Gomes Teixeira ao director geral dos Lyceus de Bordeus, esclareceu que o nosso illustre compatriota era o auctor do notavel livro “Tratado das curvas”, que elle lhe havia indicado, para premio de honra aos estudantes mais distinctos. Eu creio que estes factos não pôdem deixar de sensibilisar o nosso sentimento patriotico, parecendo-me que o escolher-se em França uma obra scientifica portugueza para ser conferida como premio de honra, significa tudo quanto de mais grato pôde haver para o nosso mais justo orgulho nacional. Na Universidade, assistiu o dr. Gomes Teixeira a uma lição de mechanica celeste do dr. Picart, que é o decano da Faculdade e o director do Observatorio Astronomico, sendo apresentado pelo professor aos seus alumnos nos seguintes termos: “Apresento-lhes o sr. dr. Gomes Teixeira, que é um clarão não só na sciencia portugueza, como na de todo o mundo culto.”. O dr. Duhem, que é membro do Instituto de França e um dos maiores sabios do

seu paiz, realisa actualmente, no grande amphithetro da Faculdade de Sciencias, uma série de conferencias sobre a Historia da Astronomia. A uma d'estas conferencias, a que concorre tudo quanto de mais elevado há na mentalidade de Bordeus, assistiu o dr. Gomes Teixeira, tendo logar especial no estrado, á direita do conferente. Foi nos seguintes termos que o dr. Duhem abriu “Começando a conferencia de hoje, cumpre-me saudar o illustre geometra portuguez Gomes Teixeira, director da Academia Polytechnica do Porto, que me dá a honra de me ouvir. O dr. Gomes Teixeira, antes de dirigir a Polytechnica do Porto, foi professor da Universidade de Coimbra, Universidade de que já tenho falado aqui algumas vezes e de que falarei ainda em outras conferencias. Estas palavras do dr. Duhem foram cobertas por uma grande salva de palmas, dada pelos numerosos assistentes. Finalmente, para se ver bem o altissimo apreço em que no estrangeiro é tido o nosso grande mathematico – verdadeiro titulo de nobreza da sua patria – devo ainda mencionar o facto de ter o dr. Picart convidado o dr. Gomes Teixeira a voltar a Bordeus para fazer na Faculdade de Sciencias uma série de conferencias sobre curvas notaveis. A saudade e as recordações com que deixei aquella importante cidade, não as posso bem exprimir. Durante tres curtos dias de permanencia alli, a minha alma de portuguez vibrou com uma intensidade de tal ordem, que – confesso-o – as lagrimas algumas vezes me vieram aos olhos, ao vêr victoriado pelas mais prestigiosas capacidades de um grande centro de cultura um compatriota, um homem nosso, que pelo seu enorme talento e pela nobilissima vida de trabalho scientifico, merece as homenagens de todo o mundo sabio e espalha sobre o nome de todos nós – que quasi o ignoramos – as radiações de toda a sua gloria. Em Pariz, onde há quatro dias me apartei do dr. Gomes Teixeira, as demonstrações de estima pelo seu alto merecimento não serão menores, pois sei positivamente que homenagens de um grande carinho e significação lhe serão prestadas pelo professorado superior da grande capital. Pesar tenho – e pesar enorme – de não assistir a ellas, porque do meu sentimento de raça, á minha amizade pelo dr. Gomes Teixeira e ao meu amor pela terra em que nasci, não deixaria de ser incomensuravelmente grato o presenciar tudo quanto em sua honra se fizer. Conto encontrar-me novamente em Gand ou em Liège com o director da Academia Polytechnica do Porto, onde poderei outra vez abraçar-o, reconhecidamente, pelo muito que vem fazendo em favor do nosso prestigio nos paizes estranhos. A sua viagem, mais que uma digressão official de estudo, está representando uma importantissima missão de propaganda do seu paiz, missão que não será menos proveitosa, do que até aqui tem sido, nos centros universitarios de todas as nações que venha a visitar. E não lhes fallo ainda hoje nem da exposição nem do congresso, onde, infelizmente, não brilhamos, pois seria mal cabido que, depois de tão consoladoras noticias para todos os que lêem este diario,

passasse a tratar de coisas na realidade importantes e com oportuno interesse, mas muito menos lisonjeiras para nós. Gonçalo Sampaio».

O segundo texto é publicado na edição de «O Commercio do Porto» do dia 28 de Maio (CP 1910 05 28), também na primeira página (**Estampa** I.13.). Desta vez, é a própria cidade e sociedade de Bruxelas que serve de paradigma para G. Sampaio criticar a sociedade e o sistema político português. Quando escreve que à «evolução serena, sem rompimentos bruscos com a tradição, filiando-se no passado» de Bruxelas, G. Sampaio estaria a pensar no seu país e na sua cidade, efectivamente dilacerados pela constante agitação política e instabilidade institucional dos últimos anos (RAMOS, 2001). G. Sampaio apresenta-se como um conservador progressista – com respeito pelo passado, mas aberto a novos progressos e melhorias. Ao referir-se à Bélgica como «o país clássico do sufrágio universal», estaria G. Sampaio a pensar no seu país, em que só os cidadãos (maiores do sexo masculino) que soubessem ler e escrever ou pagassem contribuições superiores a um certo montante, podiam votar? (OLIVEIRA MARQUES *ET AL.*, 1991:412- 419)<sup>24</sup>. Ao escrever: «Para o partido catholico, que há vinte e seis annos se encontra no poder», G. Sampaio estaria a pensar na constante alternância entre partidos que ocorria no governo do seu país, nas últimas décadas (RAMOS, 2001). À ordem pública nas ruas da cidade belga, mesmo com desfiles partidários, G. Sampaio teria no seu pensamento os frequentes desacetos nas ruas da sua cidade. Ao referir o respeito pelas convicções religiosas do partido socialista belga, G. Sampaio estaria a evocar mentalmente o anti-clericalismo latente (e efectivo após o 5 de Outubro de 1910) do Partido Republicano Português (RAMOS, 2001:232-234, 296-301). G. Sampaio revela-se intransigentemente contra a ostentação, o desfile de celebridades, mesmo sendo de cientistas.

É interessante a total mudança de registo quando G. Sampaio passa da análise da sociedade belga para a organização do congresso de botânica<sup>25</sup>. Agora que está no domínio da ciência, o seu juízo é implacável - a sociedade belga era irrepreensível, mas os belgas que organizaram o congresso eram uns incompetentes. Já aqui, em 1910, são nítidas as opiniões de G. Sampaio em relação à nomenclatura botânica, e, sobretudo, quanto à forma de a implementar e de a discutir. Revela-se avesso às decisões tomadas por maioria em congressos internacionais, considerando estes votos colectivos como uma imposição inaceitável. Todavia, o assunto é particularmente sensível, porque o progresso da taxonomia

---

<sup>24</sup> Em 1911, a lei eleitoral seria alterada, tornando também eleitores os cidadãos que não sabendo ler e escrever, fossem chefes de família há mais de um ano. Todavia, em 1913, a lei seria novamente alterada, restringindo-se os eleitores aos cidadãos maiores que soubessem ler e escrever (OLIVEIRA MARQUES *ET AL.*, 1991:417-418).

<sup>25</sup> Para uma descrição do programa científico do Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910 ver FARLOW & ATKINSON (1910).

exige uma nomenclatura estável com regras universalmente seguidas. G. Sampaio discordava de algumas das regras do Código de Viena de 1905, e não as seguia. Tinha argumentos válidos para apoiar algumas das suas discordâncias, mas outras posições, como a dispensabilidade de diagnose latina para novos táxones, não eram defensáveis, e efectivamente foram responsáveis por parte da sua obra ter sido votada ao esquecimento.

Transcrevemos na íntegra o artigo publicado na edição de 28 de Maio de 1910 de «O Commercio do Porto» (**Estampa** I.13.): «Na Bélgica II. Publicamos hoje a segunda carta do distinto naturalista da Academia Polytechnica, snr. Gonçalo Sampaio, enviada de Bruxellas, onde foi representar este estabelecimento de instrucção no congresso de botânica alli realizado. As principais manchas obtidas pelo nosso patricio na capital da Belgica, especificam-se ahi com uma impressão cada vez maior. <sup>26</sup>Bruxellas, 24 de Maio. Estou em vespuras de deixar Bruxellas e não será sem uma certa saudade que me hei-de retirar d'esta magnifica cidade, magnifica não só pelo seu asseio, pela beleza e grandiosidade dos seus edificios, pelas suas ruas amplas, pelos seus parques sem igual, mas tambem pela perfeita organização dos seus serviços, pelo progresso enorme da sua industria, pela excellencia dos seus nucleos de cultura e pela alta educação civica da sua grande população. A capital belga é bem a capital de um povo moderno, de um povo que avança prodigiosamente, mas dirigido com excepcional criterio, procurando todas as formulas de uma civilização perfeita, com equilibrio, ponderadamente, sem exagêros perturbadores, sem demagogias desesperadas. É uma evolução serena a sua, sem rompimentos bruscos com a tradição, filiando-se no passado, que procura apenas modificar pelo aperfeiçoamento constante, mas que não pensa em supprimir de chofre para crear um typo modelado em fórmas de um convencionalismo idealista, destacadas de tudo quanto existiu e independentes dos modos de ser ancestraes, que constituem, sem contestação possivel, as condições basilares de qualquer organismo vivo, por mais simples ou complexo que elle seja. Para o partido catholico, que há vinte e seis annos se encontra no poder, o estado actual da Belgica representa um verdadeiro titulo de gloria, pois é innegavel, absolutamente, que sob a sua direcção se téem realizado os mais consideraveis progressos do paiz, que é hoje um dos mais avançados do mundo e que possui uma legislação em que predomina o mais accentuado espirito liberal. E que a Belgica está satisfeita com o seu governo dil-o claramente nas eleições realisadas no domingo ultimo, em que os catholicos obtiveram oitenta e seis deputados, enquanto que os liberaes monarchicos alcançaram quarenta e quatro e os socialistas tiveram apenas trinta e cinco. Devo esclarecer que é este o paiz classico do suffragio universal e aquelle em que as eleições são consideradas como as mais perfeitas de toda a Europa. Na vespera do

---

<sup>26</sup> O texto de G. Sampaio começa a partir deste ponto.

acto eleitoral, á noite, assisti ao desfilarm de uma grande multidão socialista, que percorreu as ruas cantando, com archotes e com grandes cartazes illuminados, que recommendavam a sua lista. Pois não houve a menor desordem, nem qualquer intervenção policial se tornou necessaria, porque o partido socialista, aqui, sabe cumprir o seu dever, educando os seus correligionarios no mais meticoloso respeito pela ordem, pelas auctoridades e pelas ideias politicas e sentimentos religiosos de todos os cidadãos. E, para se vêr que isto é assim, quero citar o seguinte facto: dias antes da eleição, os jornaes catholicos noticiavam que, n'um ponto qualquer da Belgica, alguns socialistas haviam commetido um acto de profanação de um crucifixo. Pois a imprensa socialista, referindo-se ao facto, declarava que não sabia o que elle teria de verdade, acrescentando, todavia, a dar-se, só poderia ser obra de estupidos selvagens e não de cidadãos socialistas conscientes dos seus deveres. É este um bello paiz, certamente, e com algum pezar o deixarei, dentro de dois dias, dando da carruagem que me ha-de conduzir á Allemanha um silencioso adeus á deliciosa cidade e vendo perder-se no horizonte de infinita planicie o zimborio enorme do Palais de Justice, que é o maior e mais grandioso edificio europeu, as arestas elegantes do magnifico Hotel de Ville, as igrejas de Sabion e de Sainte-Gudule, e tantas outras maravilhas architectonicas que me prenderam os olhos e o espírito ás linhas supramente bellas do seu calcareo. Bruxellas é uma terra cheia de coisas deliciosas, com os seus museus de Arte, em que abundam assombrosos Rubens, com as suas mulheres lindas e distinctas, com as suas escolas de primeira ordem, com as suas bibliothecas prenhes de preciosidades, com as suas avenidas sem fim e com o seu incomparavel Bois, sobretudo com o seu Bois, o passeio predilecto da cidade e do qual é impossivel fazer ideia sem o vêr. É junto do Bois que fica a grande exposição universal, occupando uma área extensissima, em que pavilhões sem conta formam uma verdadeira povoação, percorrida pelos trilhos de um tramway especial. Estão muito longe, ainda, de serem concluidas todas as installações da exposição; todavia, a affluencia dos visitantes é phenomennal, sobretudo em dias santificados. Fez domingo ultimo oito dias que a venda de entradas pagas ascendeu a cem mil, segundo as informações dos jornaes. Cumpre dizer que se estava na festa do Pentecostes, muito celebradas aqui, festas de alegria e de expansão popular, que trouxeram a Bruxellas todas as populações das aldeias e villas proximas, com as suas associações locaes, algumas em trajés carnavalescos e todas de costumes interessantissimos; bandeira e phylarmonicas – que eram horriveis – e frequentemente com o seu abbade á frente. Era uma coisa em extremo pittoresca toda essa turba muito ruidosa, que enchia a cidade e invadia por toda a parte as cervejarias, com os seus farneis trazidos da terreola, cantando e bebendo, como os nossos romeiros do Senhor da Pedra. Foi no recinto da exposição que se realizaram quasi todas as sessões do 3.º congresso Internacional de botanica, ante-hontem encerrado. Devo dizer,

a proposito, que, se as minhas ideias sobre o valor scientifico dos congressos não eram das mais lisonjeiras para estes, aquellas com que fico, agora, ainda o são muito menos, certamente, porque me mostraram com toda a clareza que a celebração d'estes certames não corresponde a uma necessidade dos tempos modernos, em que a permuta das ideias visiveis encontra outros meios mais faceis de realização. Por isso, perdem dia a dia o seu valor e vão tomando um character de festas, promovidas por empresarios avidos, não de dinheiro, mas de celebridade de ocasião, character que, para bem da dignidade scientifica da nossa época, não é bem que possuem. Em primeiro logar, este congresso foi mal organizado, não se pensando por um momento em coisas que podéssem representar a comodidade dos congressistas, que vinham de paizes á vezes bem distantes, para uma terra inteiramente desconhecida para elles e inteiramente cheia, n'esta ocasião, de forasteiros. Não houve a menor preocupação em garantir alojamento em qualquer hotel, em prevenir contra a natural elevação dos preços, nem, ao menos, em pedir a seu favor a costumada redução da importancia da passagem nos caminhos de ferro. O resultado foi alguns ficarem cara e pessimamente installados, mesmo depois de empregarem os maiores esforços em busca de pousada, pois um d'elles sei eu – o dr. Chodat – que, com a sua esposa, percorreu quatorze hoteis, antes que obtivesse um quarto em casa particular. Ora, este pecado de falta de boa organização manteve-se sempre, infelizmente, porque raro era o dia em que eu podésse atinar com a hora e local dos trabalhos, por quasi sempre ser alterado o programma. Uma trapalhada! A primeira reunião dos congressistas foi no dia 15 do corrente, em sessão extraordinaria da Sociedade Real de Botanica, com tres pequenas conferencias de naturalistas belgas, préviamente annunciadas<sup>27</sup>. Seguidamente a esta sessão, que não teve o menor character de solemnidade, foi servido champagne no herbario e museu florestal, que estão optimamente installados e ficam no edificio do Jardim Botanico, que é muito inferior a qualquer dos nossos de Lisboa e Coimbra, mas que possui estufas, na verdade, magnificas. Alli tomei relações pessoais com Rouy, um dos botanicos do maior valor, que veio ao congresso, mas que apenas vi n'uma outra sessão, por se haver retirado para o seu paiz, como muitos. A visita ao Instituto de Botanica Léo Errera, annunciada no programma, deu-me a conhecer uma magnifica collecção de culturas de fungos ahi expostos pela Sociedade Botanica. Afóra isto, interessou-me em particular a secção de histologia vegetal, que me pareceu imperfeitissima o que, posso asseveral-o com segurança, é inferior em tudo á da nossa Academia Polytechnica. Note-se, porque é preciso, que o Instituto Errera é um instituto já de especialização botanica, cuja frequencia

---

<sup>27</sup> FARLOW & ATKINSON (1910) descreveram da seguinte forma este dia do congresso: «On Sunday, the fifteenth, the members of the congress assisted at a session of the Royal Botanical Society of Belgium, held in the "Dome" of the large building connected with the Jardin Botanique, at which several interesting papers were presented by members of the society».

exige a botânica geral da Universidade, ao passo que as instalações de micrographia vegetal da nossa Polytechnica pertencem apenas ao curso de botânica geral. N'este ponto, com orgulho nacional o reconheço, a superioridade da nossa organização é evidente, para quem que visite as duas instalações, com conhecimentos técnicos indispensáveis. O director do Instituto Errera é um botânico muito trabalhador, de aspecto inculto, cabelo e barbas crescendo á vontade, mas que teve a amabilidade de oferecer a todos os congressistas o seu trabalho recente e, na verdade, de altissimo valor, "Esquisse de la Géographie botanique de la Belgique", par Jean Masart. Logo á primeira sessão do congresso, pude reconhecer, com toda a nitidez, que os trabalhos, pelo menos na secção de nomenclatura das cryptogamicas<sup>28</sup>, tomariam uma orientação e seriam submetidos ao mesmo criterio absolutista que tinham dominado no anterior congresso de Vienna<sup>29</sup>. Abstive-me, portanto, de votar, como muitos dos meus collegas, reservando a minha opinião livre, como sempre, para poder proceder sobre o assumpto, nos meus trabalhos, com toda a independencia e segundo o meu criterio pessoal. Eu não posso concordar, de modo algum, com certos principios consagrados n'este e no anterior congresso, principios que levantaram contra si uma aberta opposição de muitos botanicos dos mais illustres do nosso tempo e que determinaram, até, a publicação de um código dissidente. Reagir, dentro dos congressos, é inutil, porém, enquanto predominarem n'estas assembleias mais professores do que botanicos; enquanto não fôr supprimido o voto multiplo, que faz com que um senhor que representa vinte sociedades e sociedadesinhas botanicas abafe, com os seus vinte votos, vinte opiniões de pessoas muito mais auctorizadas do que elle, e enquanto não se estabelecer o predominio da votação de qualidade sobre a votação numeral. Convencer os cavalheiros? Como? Pessoas com uma tendencia despotica de tal ordem, que chegam a legislar que perca o direito de prioridade em nomenclatura todo o

---

<sup>28</sup> A data de início da publicação válida para as plantas vasculares tinha sido estabelecida no Congresso de Botânica de Viena de 1905. No Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910 discutiram-se e aprovaram-se as datas para as criptogâmicas (fungos, líquenes e briófitas) (FARLOW & ATKINSON, 1910).

<sup>29</sup> G. Sampaio estaria a referir-se à manutenção dos nomes conservados e à obrigatoriedade de uma diagnose em latim acompanhar as novas espécies, regras contra as quais se opunha. A existência de nomes conservados tinha sido aprovada no Congresso de Botânica de Viena de 1905, e no Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910 foi re-afirmada a sua necessidade e importância. FARLOW & ATKINSON (1910) descreveram da seguinte forma a unanimidade de opiniões sobre este assunto: «On one point, viz., the desirability of having extensive lists of genera conservanda, the expression of the opinion of those present was so strong that it was practically unanimous and commissions were appointed to prepare lists of genera conservanda in the fungi, lichens, algae, mosses and liverworts». A obrigatoriedade da diagnose latina tinha sido aprovada no Congresso de Botânica de Viena de 1905 para entrar em vigor a 1 de Janeiro de 1908. Pela descrição de FARLOW & ATKINSON (1910) houve uma moção para que esta regra fosse revista ou anulada. Ao contrário dos nomes conservados, diversos congressistas (incluindo G. Sampaio), apesar de em minoria, apoiavam esta mudança: «The motion to amend the Vienna rules by striking out the clause requiring a Latin diagnosis of new genera and species was voted down Monday afternoon along with several other motions of a general nature. The question was discussed, however, at a later time when considering a motion by the paleobotanists to the effect that a diagnosis be required only in one of the following languages: French, English, German or Italian. This discussion broadened into a general one, and although it was defeated the discussion showed that there was a strong sentiment against the Latin requirement, especially on the part of the American botanists, and the subject will probably be brought up again for discussion at the next congress».

botanico que de futuro não publique a diagnose das suas especies novas em botanica? Por pouco que os illustres não condemnavam a gente em quinze dias de cadeia, com custas e sellos do processo, pelo delicto enorme de não publicarmos em latim a primeira comunicação das nossas descobertas. Mas, pobre latim, que tambem não foi poupado e teve de soffrer as consequencias terriveis do direito de voto multiplo que assiste ao illustre representante das vinte associações! Fique-se sabendo: 1.º, que d'ora avante se fórma o genitivo latino do nome de um auctor sem primeiro latinisar esse nome, conforme ensinaram sempre os grandes mestres da nomenclatura e conforme o praticaram todos os classicos, mesmo os pre-lineanos; 2.º, que esse genitivo se fórma muito simplesmente, acrescentando um i ao nome que não termina em consoante. Por exemplo, o genitivo de Ecluse, que latinisou o seu nome sob a fórma de Clusius, porque é conhecido em sciencia este notabilissimo botanico, será d'ora avante não Clusii, como sempre foi e sempre escreveram os que não representaram vinte associações de socorros botanicos, mas sim Eclusei. Querem nada mais ridiculo, com franqueza? Congressos que entram por estes e outros caminhos do mesmo valor, deshonram-se, forçoso é reconhecê-lo, desde que acima das convenções e das fatuidades se não põe o sentimento de respeito pela dignidade da sciencia. E eis uma pequenina amostra do que me levou a abster-me de votar no congresso, acompanhando os dissidentes das suas conclusões. E como esta já vai longe, concluirei amanhã. Gonçalo Sampaio».

O terceiro e último texto é publicado na edição de «O Commercio do Porto» do dia 29 de Maio (CP 1910 05 29), também na primeira página. G. Sampaio mantém a opinião desfavorável em relação ao Congresso, mas o tom é agora muito menos severo. Após as notas negativas do segundo artigo, G. Sampaio, salienta, neste terceiro texto, os aspectos que considera terem sido positivos no Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910. «Continuando a occupar-me do congresso de botanica, sobre o qual já fiz por um modo geral, na minha carta anterior, uma apreciação certamente desfavorável, cumpre-me dizer que, todavia, os trabalhos de algumas secções me pareceram muito apreciaveis, sobretudo como ponto de partida para futuros estudos». G. Sampaio menciona então as secções de «bibliographia e documentação», «ensino» e «nomenclatura phytogeographica». Todavia, infelizmente estas secções tinham sido «muito pouco concorridas, não tomando parte nas sessões respectivas, por vezes, mais do que tres ou quatro congressistas». De seguida, G. Sampaio retoma o seu tom crítico e negativo: «E foi isto o congresso: mal organizado desde o inicio, insignificamente concorrido em algumas secções de primacial importancia e orientado, na unica secção de regular assistencia aos seus trabalhos – a de nomenclatura das cryptogamicas – pelo criterio e pelas individualidades que dominaram já no congresso de Vienna». As regras vigentes da nomenclatura botânica, nomeadamente a questão dos nomes conservados - excepções ao princípio da prioridade que G. Sampaio considerava como

universal, emergem novamente do seu discurso cáustico: «este criterio, repito, não pode fazer carreira na sciencia, porque se apoia em convenções despoticas, com sancções irrisorias e com ameaças de castigos ridiculos, que vão de encontro ao principio do direito de prioridade, que vem fazendo progressos há mais de um seculo na botanica e cujo predominio se tem acentuado poderosamente nos ultimos tempos, em todos os centros cultos do mundo». O tom impiedoso abate-se, de seguida, sobre o vestuário dos seus colegas congressistas. O conservadorismo é patente no tom da escrita de G. Sampaio: «Quanto á solemnidade pela fórmula exterior – que ainda é qualquer coisa, de agradável ao menos, nas grandes assembleias aristocraticas do pensamento ou das castas – não teve nenhuma, apresentando-se quasi todos os congressistas muito em familia ou em toilette de caminho de ferro, felizmente protegidos pela ausencia de espectadores». Finalmente, G. Sampaio enaltece os aspectos positivos do congresso a que tinha acabado de assistir. Refere a intervenção do «dr. Nicotra, director do Jardim Botanico de Messina». Assim como tinha feito em relação a Gomes Teixeira, G. Sampaio parece rever-se na figura do botânico italiano. Também ele tinha dedicado «todo o vigor e talento» à Academia Politécnica, erguendo quase sózinho um monumental herbário a partir das poucas colecções existentes: «o respeitavel sexagenario, que tem tanto de cordeal e insinuante como de sabedor e reflectido, aproximou-se do estrado, pedindo licença para lêr ao congresso um appêllo feito aos botanicos de todas as nações, a pedir que lhe enviassem exemplares dos duplicados, para reconstituir o herbario da sua universidade, totalmente destruido pelo terramoto. Comoveu-me aquelle espectáculo inédito: o de um homem um tanto cansado e abatido pela idade, que vinha alli, perante os seus collegas estrangeiros, pedir que o ajudassem no pesado trabalho de organizar de novo as suas colleções bem amadas, na preparação das quaes puzera, talvez, todo o vigor da sua mocidade e do seu talento, a energia, e que uma catastrophe lhe arrebatára n’um momento». Querendo certamente referir-se a Manoel Amandio Gonçalves<sup>30</sup>, então professor de botânica, escrevia G. Sampaio de seguida: «Espero que a Academia Polytechnica do Porto saiba corresponder a esta eloquente acção do illustrado professor, enviando-lhe tudo quanto possa ceder, por agora, em especimes da flora portugueza». De seguida, G. Sampaio também elogia a Biblioteca Real de Bruxelas. Agora, é o método e a organização da biblioteca, que fascinam G. Sampaio. É interessante a referência que faz a um manuscrito de música sacra portuguesa, parecendo antever a sua paixão por esta temática<sup>31</sup>: «Eu não posso descrever o excepcionalissimo valor d’esta installação, nem a ordem e methodo com que tudo se encontra lá disposto [...] Lá encontrei um formosso missal [...] que pertenceu a D. João III e sua esposa Catharina

---

<sup>30</sup> Ver capítulo VI.

<sup>31</sup> Em particular pelo trabalho sobre músicos portugueses publicado em 1934.

de Austria». O registo de G. Sampaio continua altamente elogioso quando termina, referindo-se à sociedade belga, «além congresso»: «Mas o que maiores recordações poderá merecer-me d’esta inolvidável terra há-de ser, creio-o bem, o elegantissimo raout do dia 21, no monumental Hotel de Ville, offerecido [...] aos membros dos congressos [...] Durante toda a duração da festa, que foi das mais bem organizadas e de maior sucesso, orquestras symphonicas, occultas com massiços de palmeiras e de flôres, contribuiam para a animação d’esta recepção, que a todos deixou uma excellente recordação. À sumptuosidade da casa da camara de Bruxellas, onde o raout se effectuou, faz d’ella um dos edificios mais notaveis da Europa, pois so pela grandeza e pelo valor architectonico do seu gothico exterior occupa um dos primeiros logares entre os grandes monumentos d’esta cidade, pelas riquezas e preciosidades artisticas dos seus salões constitue um verdadeiro museu, d’onde se não pôde sahir sem uma emoção intensa».

Em Maio de 1922, G. Sampaio é convidado a assistir ao Doutoramento Honoris Causa de Gomes Teixeira, pela Universidade de Madrid. Existe, no seu espólio documental, o convite para assistir a esta cerimónia (**Estampa** I.14.). «La Universidad de Madrid celebrará sesión el día 20 (sábado) de Mayo de 1922 [...] para conferir la investidura de Doctor honoris causa al Exc.<sup>mo</sup> Sr. D. Francisco Gomes Teixeira». O convite era formulado pelo «Catedrático-Secretario Dr. Castro» e endereçado ao «Sr. Dr. Gonçalo Sampaio y Señora». Alguns dias depois da cerimónia, mas ainda em Madrid, G. Sampaio escrevia um bilhete-postal datado de 24 de Maio, para sua filha Julia Sampaio, a viver em Sá, Ponte de Lima (**Estampa** I.14.). Mais uma vez G. Sampaio sente-se deslumbrado pelo estrangeiro: «*Ex.<sup>ma</sup> Senhora D. Julia Sampaio, Sá, Ponte de Lima, Portugal. Julinha: Escrevo-te de Madrid, onde estou desde há cerca de oito dias e donde partirei para o Porto ainda hoje á noite. Isto é muito lindo e temos sido obsequiadissimos, com um banquete diario. Hoje é o banquete da embaixada portugueza no fim da qual seguiremos para a estação. Recomenda-me á madrinha e recebe beijos do teu pai muito amigo. Madrid, 24-5-1922, Gonçalo Sampaio*».

A. Zahlbruckner<sup>32</sup>, liquenólogo reputado, manifestará especial apreço pelo trabalho liquenológico de G. Sampaio. A troca epistolar e científica entre G. Sampaio e o botânico austríaco dura poucos anos, mas teve um efeito marcante em G. Sampaio. O facto de A. Zahlbruckner tecer, nas

<sup>32</sup> Alexander Zahlbruckner (1860-1938) era neto de um botânico austríaco notável, - Johann Baptist Zahlbruckner. Formou-se pela Faculdade de Filosofia de Viena, em 1883. É assistente científico do Museu de História Natural de Viena («Naturhistorischen Museum»), em 1886, e curador em 1912. Aposenta-se em 1922. O seu interesse por líquenes remonta a 1885, e o estudo da taxonomia destas plantas, começa em 1891. Adota as ideias de Vainio e publica um novo sistema de classificação dos líquenes. Publica duas exsiccatas de líquenes: «Kryptogamae exsiccatae» e «Lichenes rariores exsiccati». Em 1916 inicia a publicação de um catálogo monumental de todos os táxones de líquenes descritos na bibliografia – o «Catalogus lichenum universalis». Publica em vida nove volumes deste catálogo. O décimo volume seria publicado postumamente, em 1940 (HAWKSWORTH *ET AL.*, 1995:493; PIŠŮT, 2002). Ver capítulo VII.3.

suas cartas, elogios à qualidade do trabalho de G. Sampaio, e, na sua compilação monumental da literatura liquenológica («Catalogus lichenum universalis»), citar os seus trabalhos, constituíram para G. Sampaio um sinal vital de aceitação e apreço pelo seu trabalho. Foi num rascunho de uma carta que terá enviado a A. Zahlbruckner, que encontrámos, pela única vez, G. Sampaio a tratar um colega seu por «Mestre»<sup>33</sup>. Estas particularidades são bem evidentes num rascunho de uma carta não-endereçada, mas que, pelo seu conteúdo, se destinava seguramente a A. Ricardo Jorge. Escrevia G. Sampaio a 1 de Fevereiro de 1921, portanto no meio da sua troca epistolar com A. Zahlbruckner (**Estampa I.15.**):

*«Mandei para a Broteria, onde virá publicado no próximo numero de botânica, um novo trabalho sobre líquenes de Portugal. Lá descrevo entre outras novidades a interessantíssima Acarospora Zahlbruckneri Samp. que colhi em Santarém e em Lisboa. Hei-de mandar-lhe um exemplar para vêr que se, conhecendo-a, a colhe ahi em quantidade para as distribuições. Já a mandei ao Dr. Zahlbruckner, que a reputa uma boa espécie. Estou em activa correspondência com ele, que se mostra interessadissimo com os líquenes portugueses que, diz ele, têm grande relação com os da Dalmacia. Mandei-lhe já uma coleção, na qual iam quasi todas as espécies que eu tenho descrito como novas. Pedi-lhe que as examinasse e me desse a sua opinião. Respondeu-me que as examinou e que não só as considerou espécies novas, mas também boas especies. Enviou-me já um pacote de líquenes contendo espécies que eu lhe pedi e líquenes da Dalmacia. Mas ainda não chegou cá o pacote. Tambem diz que vai enviar-me uma segunda remessa, que está a preparar. Enfim, estou satisfeito com as suas relações e com a maneira como me trata. Tem já a imprimir o seu Systema, ou seja, Catalogo Universal dos líquenes, em 6 volumes e nelle incluye as minhas espécies. Está a redigir a apreciação dos meus trabalhos - que todos lhe envie, a seu pedido, para ser publicado numa revista da especialidade, em alemão. Actualmente trabalha na redacção da 2.<sup>a</sup> edição do volume dos líquenes da obra do Engler e diz-me que nela virá já incluido o meu género Carlosia, das [...] Tendo sentido um grande prazer com isto, pois vejo que o meu esforço, desprezado em Portugal, é apreciado ao menos pelas auctoridades scientificas lá de fora. A maneira como o Dr. Zahlbruckner me está tratando só foi igualada até certo ponto pela forma carinhosa como me tratou o Dr. Focke a respeito dos meus trabalhos sôbre os Rubus de Portugal. [...] Meu caro, não podemos ter outra recompensa superior ao prazer que se sente vendo o nosso trabalho apreciado e louvado pelos grandes mestres. Por isso nestes últimos dias o Dr. Zahlbruckner tem-me feito feliz. Trabalho com amôr, que isso me dará recompensas superiores a tudo e que fazem esquecer muito ponta-pé que se leva por esta vida fóra. Não se esqueça do que lhe pedi na ultima carta. Eu desejo apurar certas particularidades para ultimar o catalogo dos líquenes de*

---

<sup>33</sup> Ver capítulo VII.3.

*Portugal. E não deixe de colher líquenes até no sul, que deve estar cheio de novidades sem fim». G. Sampaio sente-se incompreendido por todos, excepto por A. Zahlbruckner. Revê no botânico austríaco o arquétipo do que gostaria de ser e pensava que não era – um botânico de prestígio internacional, respeitado e venerado por todos.*

## II. G. Sampaio e o estudo da música popular

1. A conferência no salão do jornal «O Primeiro de Janeiro»
2. G. Sampaio e o fado
3. G. Sampaio e Luis Crespi
4. G. Sampaio e Afonso Valentim
5. G. Sampaio e o estudo da música popular do Minho e da música sacra
6. Outras músicas populares

1. A conferência no salão do jornal «O Primeiro de Janeiro»

A partir do início da década de 1920, emerge em G. Sampaio mais uma das paixões intelectuais que o acompanharão até ao fim da vida – o estudo da música. Corresponde em G. Sampaio a mais uma derivação intelectual, e um factor adicional de dispersão de interesses. Bertino Daciano R. S. Guimarães<sup>34</sup> na sua «Bibliografia Musical Portuguesa» (GUIMARÃES, 1947)<sup>35</sup> destacava os seguintes trabalhos de G. Sampaio sobre temas musicais: «As origens do fado» (SAMPAIO, 1923c); os «Cantos populares do Minho» (SAMPAIO, 1929); os «Cantos populares minhotos a Nossa Senhora» (SAMPAIO, 1931c) e o «Côro das maçadeiras» (SAMPAIO, 1933); o trabalho histórico «Subsídios para a história dos músicos portugueses» (SAMPAIO, 1934b); e o seu «Cancioneiro Minhoto» publicado postumamente em 1940 (SAMPAIO, 1940).

Em 1923, G. Sampaio realiza, no dia 5 de Maio, uma conferência sobre os corais minhotos, no salão do jornal «O Primeiro de Janeiro». Na edição deste jornal do dia seguinte é publicada uma notícia sobre a conferência (PJ 1923 05 06) (**Estampa II.1.**). O texto é importante para a compreensão da personalidade e obra de G. Sampaio. O artigo tem o seguinte título: «A Sociedade de Belas Artes. Inicia-se uma série de conferências no Salão de Festas de “O Primeiro de Janeiro”. O sr. Dr. Gonçalo Sampaio dissertou sobre “As corais do Minho”». Pudemos ler no artigo: «Pelas 21,15 entra na sala o conferente, acompanhado pelo sr. Dr. Aarão de Lacerda<sup>36</sup>, que com breves palavras convida para

<sup>34</sup> Bertino Daciano Rocha da Silva Guimarães nasceu no Porto, em 1901. «Publicista, musicólogo e professor [foi] professor da Escola Comercial Mousinho da Silveira e director do Instituto de Cegos. Licenciado em ciências económicas e financeiras, dedicou-se a estudos lingüísticos, à música e à literatura, colaborando em numerosos jornais e revistas» (GEPB). Num bilhete-postal para G. Sampaio, datado de 18 de Setembro de 1931, identificava-se como sendo «licenciado em Antropologia, Etnologia, Musicologia» e residente na Rua da Marinha Grande, Leiria.

<sup>35</sup> Bertino Guimarães terá pedido directamente a G. Sampaio, os elementos que veio a inserir nesta resenha bibliográfica. Escrevia para G. Sampaio (Póvoa de Lanhoso) num bilhete-postal datado de 18 de Setembro de 1931: «*Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> o maçador – que o é pela necessidade de terminar o mais cedo possível a parte bibliográfica do trabalho indicado. Aguardando a indicação prometida das obras sobre música de que V. Ex.<sup>a</sup> é autor, subscrevo-me com a mais alta estima, consideração e respeito.*»

<sup>36</sup> Aarão Soeiro de Lacerda nasceu no Porto, em 1890. Formou-se em direito e em letras, na Universidade de Coimbra. Foi professor de História de Arte na Academia de Belas-Artes do Porto, e de Estética e História da Arte da Faculdade de Letras do Porto. Grande amador de música, foi professor de História da Música no Conservatório do Porto. Em 1945, reingressou no ensino universitário (de que estava afastado por ter sido extinta a Faculdade de Letras do Porto), como professor de Estética e História da Arte, da Faculdade de Letras de Coimbra. Publicou diversos estudos sobre história de arte e uma

presidir o sr. Moreira de Sá<sup>37</sup>, de quem faz o elogio como musicografo, consagrado e trabalhador incansável». «O sr. Moreira de Sá assume a presidencia [...] e termina pedindo ao sr. dr. Aarão que faça a apresentação do conferente». «O erudito critico e ilustre professor da Faculdade de Letras, [...] começa dizendo: O dr. Gonçalo Sampaio é conhecido em todo o paiz e conhecido no estrangeiro como homem de sciencia. Temol-o hoje aqui como um investigador de etnografia artistica». «Como botanico, o seu ultimo trabalho sobre Lichens e o triunfo ainda ha pouco alcançado no Congresso Luso-Espanhol, que adoptou a sua nomenclatura botanica em substituição da reforma decretada pelo Congresso de Viena d’Austria, consagraram-no e impuzeram o seu nome como homem de sciencia. Hoje vem dizer-nos o que o seu estudo conseguiu fixar ácerca dos “Coraes do Minho”». «Feito silencio, ergue-se o conferente. Despretencioso e sorridente, num á vontade que dispõe bem, serenados os aplausos com que foi saudado [...]». Seguidamente G. Sampaio agradece a Moreira de Sá: «porque [...] foi há muitos anos já, o seu primeiro professor de musica». «O conferente, diz, [que] vai entrar propriamente no assunto – As coraes do Minho. Explica que ha 25 anos principiou reunindo materiaes para uma monografia sobre a sua terra. Assim, encontrou, reparou e estudou as coraes, apesar de não ser musico, pois apenas em rapaz, - e que saudades desse tempo, - chegou a saber pouco mais do que a escala em violino. Trabalhos scientificos a que se dedica lhe tomaram e tomam todo o tempo e a monografia ficou aguardando melhores dias, que já vêm perto, acrescente, pois já pouco lhe falta para poder aposentar-se e retirar-se para a sua aldeia, que tanto ama ...». «Não podemos, por falta de espaço, dar uma pálida ideia do que foi a exposição tão interessante, tão viva, do dr. Gonçalo Sampaio». O autor do texto faz então uma descrição do conteúdo da conferência de G. Sampaio. Termina classificando-a de «duas horas de grande prazer espiritual».

Num bilhete-postal escrito poucos dias depois, a 9 de Maio de 1923, G. Sampaio descrevia esta conferência a A. Ricardo Jorge, ao mesmo tempo que o alertava para não se esquecer que tinha uma exsicata de líquenes para acabar: «Desde que vim de Sá não pude ocupar-me mais de botânica – porque só tratei de musica. Há dias realizei uma conferencia no salão de festas do “Primeiro de

---

História da Arte em Portugal. Dirigiu as revistas «Prisma» e «Museu». Foi membro da Academia Portuguesa de História (GEPB).

<sup>37</sup> Bernardo Valentim Moreira de Sá (1853-1924) foi um notável concertista, maestro e professor de música. Foi um dos fundadores da Sociedade dos Quartetos, em 1871, e da Sociedade de Música de Câmara, que dirigiu. «Trabalhador infatigável e carácter nobilíssimo, dedicou-se ao ensino, sendo professor e director da Escola Normal do Porto durante muitos anos. Leccionou piano, violino, composição, estética, matemática e línguas e foi também regente de orquestra e coros, concertista, conferencista, crítico musical e autor de obras didáticas». Foi o fundador, em 1881, da sociedade de concertos - Orfeon Portuense, da qual foi seu director. Realizou conferências sobre compositores modernos, acompanhadas da execução das mais notáveis das suas obras. Fundou, em 1901, com Guilhermina Suggia, Benjamim Gouveia e Henrique Carneiro, o Quarteto “Moreira de Sá”. Foi o organizador e o primeiro director do Conservatório Municipal do Porto em 1917 (GEPB).

*Janeiro”. O anuncio dessa conferencia e o seu programa fizeram escandalo! Houve risota. Podia lá ser? Um botânico a meter-se em música! Afinal fui bem sucedido e os criticos tiveram que engolir um pouco em sêco. Hontem o Moreira de Sá escreveu um artigo no “Jornal de Noticias” que me deixou como um paio. E promete outro sôbre a origem do fado dada por mim. No entanto considero como finda esta diversão musical e volto ás minhas plantinhas, já com saudade delas. Vou concluir as colecções, atrasadas com este incidente. Não de descuide na colheita de liquenes. Nestas ferias descobri algumas novidades interessantes» (BNP A/2051).*

Efectivamente, B. V. Moreira de Sá tinha publicado, no «Jornal de Noticias» do dia 8 de Maio uma primeira notícia sobre a conferência de G. Sampaio, e publicaria uma outra, em continuação, na edição do dia 15 de Maio. O artigo do dia 8, intitulado «Conferencia notavel», debruçava-se sobre as características musicais dos corais minhotos. Moreira de Sá realça (e concorda com) as descobertas musicais de G. Sampaio, com ênfase para a polifonia e origem grega dos corais e a prática de quartos de tom, estabelecendo um paralelo com a prática científica inovadora de G. Sampaio (JN 1923 05 08): «Foi tão interessante quanto instructiva a conferencia que o sr. dr. Gonçalo Sampaio realizou na noite de sabado sobre as canções corais do Minho. O preleccionador eminente patenteou-se na clareza e notavel fluencia da exposição, cheia de vida, assim como o homem de sciencia, habituado ao método scientifico das sciencias naturais, se mostrou em argutas observações, pessoais e valiosissimas, já etnográficas, já mitológicas, já de foklore, já especialmente naturais, nas quais o preclaro conferente disse completamente a alegação de falta de competencia na especialidade. Bastava a maneira como foi analisada e exposta a estrutura polifonica das corais. Não tendo á minha disposição espaço bastante para relatar a importante conferencia, com grande pesar sou forçado a cingir-me rapidamente a dois ou tres topicos. É muito curiosa a existencia da canção polifonica coral popular, por isso mesmo que excepcional. A canção popular é, com raras excepções, universalmente monodica. No nosso paiz a canção harmonizada a varias vozes existe no Alentejo e em alguns outros pontos circunscritos por exemplo no termo do Dão (Beira Alta), onde tambem se conhece a voz de “guincho” (é vulgar a locução “deitar o guincho”). O canto em “troças” ouve-se frequentemente no Minho e alhures: mas a polifonia, tal como se pratica nas ribeiras do Cavado, Ave e Lima não sei que tenha sido [ilegível] por alguém. A este respeito a conferencia teve a importancia de uma revelação; assinalado serviço, não só foklórico, mas tambem nacional prestará o sr. dr. G. S. coleccionando pelo menos algumas canções corais tipicas, como aquelas de que apresentou exemplos interessantissimos e preservando-as do seu completo desaparecimento. O eminente conferente afirmou, por forma a não admitir duvida, a pratica do quarto de tons (bipartição do semitom), efectuada pelas cantadeiras das corais. É uma observação

absolutamente inédita e pessoal de um facto curiosíssimo e de grande momento etnológico. Em primeiro lugar, ele é prova de excepcional acuidade auditiva, pois que se não observa em todo o resto do país; em segundo lugar, como explicar esta prática? A influência árabe deve ser posta completamente de parte porque os árabes só conhecem o terço de tono. O quarto de tono existe no tetracorde enarmónico grego, subsistindo ainda hoje em antigos cantos populares. O sr. dr. G. S. justificou a opinião da influência hebraica pela sabida existência de uma colónia grega no termo de Braga. É conhecida a importância que, já em tempos proto-históricos, tinha esta cidade na região interamense. Podem-se também lembrar, talvez, as relações, especialmente monásticas, com Constantinopla, as ordens dos Hospitalários e dos Templários, os contingentes fornecidos às cruzadas do Oriente, etc. Este tópico merece especial estudo.» Moreira de Sá terminava o artigo, referindo a última parte da conferência de G. Sampaio, em que foi abordada a origem do fado: «Na última parte da sua conferência, o sr. dr. G. S. resolveu por forma tão perentoria como inesperada a debatida origem do “fado”. Este assunto foi versado numa maneira tão erudita, tão desenvolvida e tão interessante, que não posso resistir à tentação de o referir mais pormenorizadamente num próximo artigo».

Esta palestra de G. Sampaio sobre temas musicais teve um grande impacto no meio musical nortenho. Celestino Lobo, secretário da direcção do «Orfeon de Braga», escrevia a 5 de Junho de 1923 em papel timbrado do «Orfeon de Braga» (**Estampa II.2.**): «A Direcção do “Orfeon de Braga”, na sua reunião d’hontem, congratulou-se com a boa ideia de ter convidado Vossa Excelência a pronunciar em Braga a conferência “As corais do Minho”. Trabalho verdadeiramente notável e acentuadamente original que Vossa Excelência, com todos os meritos de conferente e com todas as qualidades de Professor, soube vincar perante o auditorio que, agradavelmente, o escutou. A Direcção do “Orfeon de Braga” agradece, sincera e fervorosamente, a vinda de Vossa Excelência a esta cidade e jamais esquecerá o grande e glorioso minhoto, braço de Sciencia e orgulho de Portugal. Todas as nossas homenagens, todo o nosso reconhecimento, todos os nossos respeitos».

## 2. G. Sampaio e o fado

Nesta conferência sobre temas musicais que se realizou em Maio de 1923, G. Sampaio pronunciou-se sobre as origens do fado. Leonardo Coimbra, um dos directores da revista «A Águia», o porta-voz da Renascença Portuguesa<sup>38</sup>, terá assistido a esta conferência ou conhecido o seu conteúdo

---

<sup>38</sup> Todavia os contactos com a Renascença Portuguesa já vinham de uns anos atrás. No espólio documental de G. Sampaio, existe um convite datado de 30 de Janeiro de 1914 para «visitar a nova sede desta colectividade, cuja inauguração se realiza no próximo dia 1 de fevereiro, às 5 horas da tarde». O Conselho de Administração da Renascença Portuguesa era constituído por Alvaro Pinto, Jaime Cortesão e Joaquim da Costa Carregal.

porque escreve a G. Sampaio num bilhete-postal timbrado da Renascença Portuguesa, não-datado, mas muito provavelmente de Maio de 1923 (**Estampa II.3.**): «*Meu caro Gonçalo: Peço-lhe que me mande uma nota da sua conferencia sobretudo da parte da relação entre o fado e o S. João para publicar neste número da Aguia. É urgente. Saudações á familia, L. Coimbra*». Efectivamente, o inovador<sup>39</sup> trabalho de G. Sampaio é publicado na revista «A Aguia», em Maio<sup>40</sup> (SAMPAIO, 1923c) (**Estampa II.4.**). O trabalho é apresentado sob a forma de uma carta dirigida a L. Coimbra: «Meu caro Leonardo Coimbra. Acabo de receber o seu bilhete pedindo alguns esclarecimentos sôbre a origem do fado. Aqui os tem, redigidos muito sumária e apressadamente. Os numerosos cantos do S. João que se encontram no nosso país, desde norte a sul, são simples modificações de um canto primitivo, que ainda vive e que vem reproduzido, com insignificantes alterações em muitas das corais do Minho. Esse canto, cuja origem se prende com as antiquísimas festas pagãs<sup>41</sup> ao Sol, realizadas em Braga, e transformados pelo cristianismo em festas joaninas, tem uma importância fundamental na música popular portuguesa, pois não só se encontra em muitas dessas corais, como disse, mas também dêle derivam outras, assim como um não pequeno número de monodias. Entre estas destacam-se particularmente os fados, de que existem muitas variedades, algumas já bem afastadas do seu tipo original e característico, nascido nas vielas da capital, talvez após a lei que, em 1761, aboliu a escravatura no continente do país. Sabe-se com efeito, que uma parte dos pretos libertos por esse diploma se entregou à vadiagem, aos vícios e ao roubo, pejando sobretudo o bairro de Alfama, onde vivia de mistura com as mulheres de má nota, promovendo desordens e cantando “uma canção langorosa a que chamavam o fado”<sup>42</sup>. Foi esta a génese do “fadista” e, provàvelmente, a do seu canto triste, fatalista e decadente. Ora, comparando as

<sup>39</sup> Pinto de Carvalho, na sua «Historia do Fado», publicada originalmente em 1903 (PINTO DE CARVALHO, 1982) e Alberto Pimentel, em «A triste canção do sul», publicada pela primeira vez em 1904 (PIMENTEL, 1989), já tinham associado a génese do fado ao «lundum», ideia que G. Sampaio partilha neste artigo. A contribuição original de G. Sampaio era derivar o fado e os corais do Minho, de um cântico primitivo de festas pagãs dedicadas ao Sol.

<sup>40</sup> Nos fascículos 11-12 da revista «A Aguia» de 1923, G. Sampaio publicará a descrição do género novo de líquenes - *Carlosia* Samp. e da espécie - *C. lusitanica* Samp. Este trabalho tinha sido acabado de apresentar ao Congresso de Salamanca, realizado em Junho deste ano (SAMPAIO, 1923b).

<sup>41</sup> Existe aqui um erro tipográfico, que G. Sampaio emendou num exemplar. Este trabalho foi publicado, como separata da revista - uma folha com duas páginas, com o texto já corrigido. Apresentamos a transcrição de acordo com a separata.

<sup>42</sup> Parece ser hoje aceite, pela maioria dos investigadores, que o fado, uma forma musical que emerge, bem definida, no segundo quartel do século XIX, nos bairros pobres de Lisboa, é uma síntese de diversas expressões musicais e danças populares existentes no Brasil e em Portugal: a principal, o «lundum», uma forma musical de origem africana (possivelmente congoleza), cantada, tocada, e sobretudo dançada «sensualmente» aos pares, ao ar livre, por negros, no Brasil colonial no fim do século XVIII; a «modinha», um género de cantiga de salão que se desenvolveu em Portugal e no Brasil, a partir de meados do século XVIII; o «fandango», uma dança portuguesa com origem espanhola; o «fado», uma dança brasileira das áreas rurais; e a «fofa», uma dança existente no Brasil e em Portugal. As formas musicais e de dança existentes no Brasil terão sido trazidas para Portugal continental, sobretudo a partir das primeiras décadas do século XIX, com o fim da guerra peninsular e o retorno da família real portuguesa do Brasil, mas a sua entrada inicial no nosso país pode ser anterior e estar relacionada com a abolição da escravatura (GEPB; PINTO DE CARVALHO, 1982; PIMENTEL, 1989; CASTELO-BRANCO, 2002; NERY, 2005).

respectivas músicas, resulta que o fado não passa, afinal, de uma leve modificação, quasi meramente rítmica, do S. João, que o fadista adulterou ao prolongar muito naturalmente a primeira nota radical, para dar à canção o expressivo de lamento pela fatalidade do seu destino. Alterada assim a primeira fracção rítmica da frase, o princípio da simetria e da proporção, universalmente impôsto pelo ouvido, determinou o resto, que quasi nada é; e assim apareceu uma canção de ritmo especial e, portanto, de aparência inteiramente diversa daquela que lhe deu origem». G. Sampaio apresenta de seguida um exemplo musical. Termina «seu velho, afectuoso amigo e admirador, Gonçalo Sampaio».

B. V. Moreira de Sá, num artigo publicado no «Jornal de Noticias» de 15 de Maio, apreciava da seguinte forma as opiniões originais de G. Sampaio sobre o fado, expressas na conferência realizada a 5 de Maio (JN 1923 05 15): «A ultima parte da prelecção do sr. dr. Gonçalo Sampaio versou sobre a seguinte tese, absolutamente original: “A origem do fado está na modificação rítmica da popular cantiga a S. João”. A afirmação fundamenta-se nesta outra tese conhecida: “As festas joaninas filiam-se no culto solar”. Com brilhante erudição desenvolveu o conferente esta tese; referindo-a aos festejos bracarenses, salientou a sua forte tradição pagã, mencionando pormenores muito curiosos e pela maior parte ignorados. Todos esses pormenores foram muito claramente realçados com o culto do sol, desde a Índia, atravez da Grécia, e sobretudo de Roma que, em conexão com este culto, ideou um deus particular, o deus Jano de duas faces, considerado como um dos principais deuses. No canto dos Sálios era denominado “deus criador e principio de todas as coisas”; como deus solar abria as portas do céu ao nascer do dia e fechava-as ao anoitecer, e por isso era representado geralmente com chaves na mão. Todos estes atributos se relacionam estreitamente com o culto do sol, como claramente o mostrou o sr. dr. G. S. na sua magistral prelecção. O culto do sol é de todos o mais antigo, constante e universal; é sabida a primazia que ele possuía no Egipto e até entre os Incas do Peru. Braga, a «Bracara Augusta», foi, como todos sabem, um dos mais importantes centros de cultura romana na Península Ibérica. Não é, pois, de estranhar que as tradições pagãs permanecessem tão vivas atravez dos tempos, mormente quando fusionadas com o culto cristão do popularíssimo Batista. Assim, as cantigas joaninas, longe de serem exclusivamente regionais, difundiram-se por todo o paiz, para o que concorreu uma outra circunstancia que está na psicologia dos povos: a letra possuía todas as modalidades, religiosa, graciosa e brejeira. A consideração destes factos elucida a muito interessante e original tese do sr. dr. G. S. sobre a origem do fado: “O decreto que no fim do século XVIII tornava libertos os escravos em Portugal, provocou numerosa imigração de africanos; muitos deles, dados á vadiagem, povoaram o bairro de Alfama, apossando-se da popular cantiga de S. João, a que deram um ritmo langoroso e criaram assim o fado. Não é este o lugar para discutir tese tão atraente e interessante, certamente muito mais verosímil

do que todas as hipóteses que se teem avançado, além do facto irrecusável de que uma leve deformação rítmica da cantiga produz uma forma do fado, talvez a primitiva, como o mostrou o douto conferente. O que é certo é que o fado nasceu nos alcouces de Alfama; muito tempo circunscrito á sua infecta região, os fidalgotes toireiros e fadistas introduziram-no nos salões onde suplantou as “modinhas”, encontrando-se depois tambem terreno propicio na estudantada de Coimbra. Neste meio culto, alguns teem procurado aristocratizar a cantilena e os autores de revistas fazem dela o principal atractivo das suas composições. Como infeccioso micróbio de uma epidemia, o fado tem-se infiltrado por toda a parte e, para irrisória desgraça, os estrangeiros consideram-no como o nosso canto nacional por excelência. Todos aqueles em que pulsa o sagrado amor da arte pura e augusta são obrigados a gritar bem alto: O fado não é a flôr amável dos campos ou dos montes portugueses; é, sim, o venenoso tortulho das alfurjas.»

### 3. G. Sampaio e Luis Crespí

L. Crespí<sup>43</sup> contacta G. Sampaio, em 1924, com o objectivo de receber ensinamentos em liquenologia, em particular sobre a prática de identificação de líquenes. Escreve então um bilhete-postal a G. Sampaio com a data de 4 de Novembro de 1924. «*Vengo comisionado por el Gobierno Español a estudiar con V. los líquenes. Traigo una carta de mi querido amigo el prof. G. Fragoso<sup>44</sup>. Espero hablar con V. para iniciar mis trabajos y para que V. me ayude a resolver el difícil problema de la vida ¿Seria mas útil que yo fuera a Braga a hablar con V.? Se agradecería que me dijera donde y cuando podia hablar con V. mi direccion es, Hotel Lisbonense, Porto*». A resposta de G. Sampaio foi positiva e o estágio de L. Crespí iria concretizar-se. A 12 de Outubro de 1925, Crespí escreve a G. Sampaio anunciando a sua chegada, «*Decididamente llegaremos a Porto el dia 15 de Octubre en el correo de Valença-Porto que habrá su entrada en Porto alrededor de las 7 de la tarde*». Seguidamente refere que lhe tinham indicado o Hotel e restaurante Bastos e a Pensão Portuguesa para ficar alojado no Porto, e pede a opinião a G. Sampaio sobre que local escolher. O estágio de L. Crespí com G. Sampaio terá durado até ao fim do ano de 1925, dado que a 18 de Janeiro de 1926, L. Crespí escreve uma longa carta a G. Sampaio endereçada de Madrid. «*Mi queridísimo maestro: En este punto estaba cuando recibí su cariñosa carta del 14. Voy pues a contestar ampliamente. 1º. Le agradecería que me enviase los líquenes de Galicia que V. determinó. [...] 2º. La lista de líquenes de Galicia se publicará tan pronto V. me diga si me puede o nó enviar esos líquenes. He querido hacerla con comentarios pero me*

<sup>43</sup> Luis Crespí Jaume, botânico espanhol, foi presidente da Real Sociedade Espanhola de História Natural, em 1936-1938 ([http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural)).

<sup>44</sup> Trata-se de R. G. Fragoso (ver capítulo IV.5.).

*es imposible por ahora pues necesito revisar las colecciones del Botánico de Madrid y [...] 3º. He recogido bastantes líquenes del Guadarrama pro no me ocupé aun de ellos hasta no concluir la formación de la colección de líquenes del Museo<sup>45</sup>. Con las que tenia el Sr. Fragoso<sup>46</sup>, los que V. envió, los que yo traje de Portugal y de Galicia ya va habiendo una colección regular. Calculo que de momento llegara los 1500 cartones. No he podido aun inventariar las especies porque sólo puedo ocuparme en esta labor tres mañanas a la semana». L. Crespí era professor do «Instituto-Escuela de Segunda Enseñanza» de Madrid e escasseava-lhe o tempo para os estudos de liquenologia – o trabalho sobre os líquenes da Galiza só seria publicado em 1928.*

G. Sampaio terá pedido algumas informações sobre música popular a L. Crespí. No «Cancioneiro», no estudo sobre as «Toadilhas de aboar», G. Sampaio escreve que «estas características toadas de aboar nada têm de semelhante, pela letra ou pela música, com os cantos de arada da Galiza, de que consegui obter alguns interessantes exemplares, por intermédio do meu ilustre amigo professor D. Luiz Crespi. Numa carta datada de 1 de Abril de 1926, L. Crespí escrevia a G. Sampaio (**Estampa II.5.**): *«A otra cosa. Me han dicho que el empleo de terceras sucesivas y aun de quintas y la cancion con cierto tipo coral en España solo se encuentra en el pais vasco. Recuerdo la estancia de los vizcainos en Braga, lo que V. me tiene dicho de ellos, y me pregunto: Habran influido ellos en el canto popular de Braga o habra influido Braga en el canto popular de ellos? Apunto la idea y mientras usted la analiza yo hare lo posible por buscarle canciones populares del pais vasco. Celebre inmenso el enorme exito de su conferencia y procurare que aquí sea conocida su labor musical».*

#### 4. G. Sampaio e Afonso Valentim

Afonso Valentim<sup>47</sup>, professor, maestro e compositor, por quem G. Sampaio tinha uma grande admiração, era uma figura destacadíssima do meio musical portuense (**Estampa II.6.**). Na década de

<sup>45</sup> L. Crespí referir-se-ia ao Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid. Foi criado em 1772, por Carlos III, instalando-se inicialmente no actual edifício do Museu do Prado. Em 1910, por iniciativa do seu director – Ignacio Bolívar y Urrutia, muda-se para o Palácio da Indústria e Belas-Artes, onde ainda hoje se encontra. Os seus objectivos actuais centram-se na investigação, descrição e conservação da diversidade biológica e geológica de todo o mundo ([http://es.wikipedia.org/wiki/Museo\\_Nacional\\_de\\_Ciencias\\_Naturales\\_España](http://es.wikipedia.org/wiki/Museo_Nacional_de_Ciencias_Naturales_España)).

<sup>46</sup> Trata-se de R. G. Fragoso (ver capítulo IV.5.).

<sup>47</sup> Afonso Valentim da Costa Pinto nasceu no Porto (Foz do Douro) a 16 de Março de 1899. Desde criança se revelaram as suas excepcionais qualidades musicais. Como executante, fez parte da orquestra sinfónica de Raimundo Macedo, da Sociedade de Concertos de Música de Câmara e do Grupo Musical de Santa Cecília. Em 1922, foi nomeado professor de música nas escolas da Ordem da Trindade, e, poucos anos depois, regente do Orfeão Lusitano do Porto. Em 1925, assume a direcção do grupo musical de Santa Cecília. Em 1937, foi convidado pelo reitor da Universidade do Porto a fundar o Orfeão Universitário, que dirigiu durante décadas. Foi durante alguns anos professor de música no Liceu de Rodrigues de Freitas, e, a partir de 1939, professor de música no Conservatório de Música do Porto. Foi bolseiro do Instituto para a Alta Cultura,

1920, Afonso Valentim dirigia o Orfeão Lusitano<sup>48</sup>. Num bilhete-postal escrito a A. Ricardo Jorge, datado de 24 de Janeiro de 1929, G. Sampaio anuncia ao seu colega lisboeta que iria a Coimbra trabalhar no Herbário da Universidade e aproveitava para assistir a um concerto do Orfeão Lusitano que se realizava nessa cidade: «*No proximo Domingo, 27 do corrente, vou a Coimbra, onde estarei até quarta-feira. Todas as semanas irei ali resolver o melhor possível um certo numero de duvidas sobre a flora portuguesa. A seguir irei estar oito dias em Lisboa. Quero empregar o ultimo esforço para produzir com a minha Flora um trabalho honesto. Depois disto meto-me na aldeia a passar os últimos dias. Como é Domingo, dia feriado, porque não vem passá-lo a Coimbra, onde nos juntaremos com o dr. Carrisso [L. W. Carrisso<sup>49</sup>], passando um dia agradável? De mais á noite há o concerto do Orfeon Lusitano do Porto, que é muito bom e que canta coisas bonitas*» (BNP A/2000). G. Sampaio assistiu efectivamente ao concerto do Orfeão Lusitano realizado em Coimbra<sup>50</sup> e terá ficado deveras impressionado com a qualidade mas também com as dificuldades do Orfeão, porque a 18 de Fevereiro deste ano (1929), escrevia a seguinte carta a A. Ricardo Jorge: «[...] *Eu estou novamente muito interessado pela minha Flora. [...] No entanto não é por causa da botânica que lhe escrevo agora: é por causa do Orfeão [Orfeão Lusitano]. Os rapazes, que obtiveram um grande e justo sucesso em Coimbra, estão com muito empenho em apresentar-se ao público de Lisboa, e contando-lhes eu a conversa que sôbre isto tivemos ahi eles pedem-me para eu lhe escrever a perguntar se seria possível um entendimento com o teatro de seu irmão, para ali realizarém uma apresentação na capital. O*

---

tendo frequentado, em Itália, cursos de aperfeiçoamento musical. Dirigiu alguns concertos históricos realizados no nosso país, como a apresentação do Messias de Handel, da Criação do Mundo de Haydn, da Infância de Cristo de Berlioz, do Canto do Destino de Brahms, do Requiem de Domingos Bomtempo, do Stabat Mater de Rossini, e das Sete Palavras de Cristi de Vittadini. É autor de várias composições de carácter religioso, «sendo considerado um dos melhores regentes de conjuntos orfeónicos». Possui o oficialato da Ordem de Sant'Iago da Espada (GEPB).

<sup>48</sup> O Orfeão Lusitano foi fundado em 1922. Em 1928, por ocasião do seu sexto aniversário, realizou, de 29 de Julho a 1 de Agosto, umas «festas comemorativas». No espólio documental de G. Sampaio existe um pequeno folheto evocativo destas comemorações, que terá sido enviado a G. Sampaio (**Estampa II.7.**). Num texto curto subscrito pela direcção do Orfeão, era sintetizada a vida do agrupamento, durante os passados seis anos de existência: «Celebra o Vosso Orféon o sexto ano duma vida progressiva e eloquentemente afirmada. Comemora, com o entusiasmo das obras que vingaram, o dia em que um punhado de dedicações, no número das quais muitos de vós se contam ainda, creou para a difusão duma Arte sublime uma esforçada falange!». O agrupamento, dirigido pelo maestro Afonso Valentim, realizou no dia 30 de Julho um «sarau de arte». Na primeira parte, entre outras peças, cantou «Misericórdia, Senhor, Coro religioso popular recolhido por: Dr. Gonçalo Sampaio». Na terceira parte deste concerto cantou uma peça de Moreira de Sá «Rataplan (Brincadeira Orfeónica) em Côro mixto».

<sup>49</sup> Luís Wittnich Carrisso (1886-1937) nasceu na Figueira da Foz. Terminou o seu curso na Faculdade de Filosofia de Coimbra e doutorou-se na Faculdade de Ciências de Coimbra em 1911. Em 1918 é professor catedrático e assume a direcção do Jardim Botânico de Coimbra e do Instituto de Botânica de Coimbra, por jubilação de J. Henriques. Foi reitor da Universidade de Coimbra. Reorganiza a Sociedade Broteriana e assume a direcção do seu Boletim. Dedicou-se principalmente à botânica ultramarina, estudando a flora de Angola. Morre prematuramente em 1937 (GEPB; CARVALHO, 1939; CORREIA, 1939; FERNANDES, 1939; QUINTANILHA, 1975).

<sup>50</sup> Este concerto terá sido mesmo um concerto histórico e memorável. É mencionado explicitamente na biografia de Afonso Valentim (GEPB).

*grupo é magnífico, pode acreditar, sendo a unica coisa realmente boa que, no género, se tem realizado em Portugal. Os trechos que executam são dos melhores auctores e, se quizer, eu mando-lhe um programa do que ahi poderão cantar. [...] Poderá, portanto, entender-se com seu irmão sobre isto? Como o orfeão tem mais de um cento de executantes, incluindo as senhoras, compreende que as despesas de transporte e alimentação são elevadas. Haverá possibilidade de com a receita se cobrirem as despesas? Os rapazes não pretendem tirar lucros; o que desejam é não perder. [...] Agradar devem agradar muito, porque se ouvem com grande prazer, executando muito bem um excelente programa. Nenhum outro em Portugal se lhe aproxima, como verá, se ahi forem. O regente é um formidável artista. O professor Nascimento, do Conservatorio, pode informar, porque já aqui os ouviu, assim como qualquer dos jornalistas que cá vieram. O professor Nascimento é insuspeito, porque é director de um orfeão em Lisboa. Peço-lhe uma resposta, não se descuidando do caso. De botânica falaremos depois. Estou agora a rever o género Iberis, dispondo de um material excelente: a colecção d'ahi, a do Museu de Madrid, o Herbário Willkomm, o herbário europeu e o herbário português de Coimbra, além do material de cá, que é bom. Todavia, o género é extremamente dificultoso e os problemas são muitos e muito sérios. O trabalho será publicado no próximo número do Bol. Soc. Broteriana, porque assim o prometi ao dr. Carrisso» (BNP A/2006).*

Existe no espólio documental de G. Sampaio um rascunho de uma carta que pensava enviar (ou terá enviado) ao Ministro da Instrução (**Estampa II.8.**). Pelo seu conteúdo, esta carta terá sido escrita na década de 1930, e a principal motivação era o facto de Afonso Valentim ter sido preterido num concurso para professor do Conservatório de Música do Porto. Neste documento, transparece a admiração de G. Sampaio para com o músico portuense, mas também um sentido de rectidão moral e justiça, parâmetros inquestionáveis da constelação ética de G. Sampaio. Que qualidades de Afonso Valentim eram homenageadas por G. Sampaio? Humildade, honestidade, autodidactismo, talento, mérito, competência, iniciativa e capacidade de trabalho: «*Ex.<sup>mo</sup> Senhor. Alguns admiradores do maestro Afonso Valentim, entre os quais me encontrava, assignaram há dias uma exposição feita a V. Ex.<sup>a</sup> sobre os extraordinarios meritos deste musico, que tanto está nobilitando o Porto e que, infelizmente, ainda não encontrou das estações competentes a protecção que por estas é devida, sem dúvida, aos que se afirmam tão brilhantemente pelo talento, pelas faculdades de iniciativa e pela capacidade de trabalho. Afonso Valentim, filho de pobres, educou-se por si. Não tem um curso oficial, mas tem o merecimento de ser indiscutivelmente o primeiro ensaiador e regente de massas musicais. [No] Porto tem feito executar obras notabilissimas, que nunca tinham sido ouvidas em Portugal, como o Messias de Haendel e a Criação de Haydn, a gloriosa obra dos nossos grandes polifonistas dos*

*seculos 16 e 17, que estava absolutamente e crimosamente esquecida por todos, inclusivamente pelos nossos Conservatorios (!).[Deve-se a] Afonso Valentim o reconhecimento de ser apresentada em audições publicas, como trechos de Duarte Lobo, Manuel Cardoso, D. João IV, Lourenço Rebelo, Manuel Machado, [ilegível] e Fr. José da Assumpção. Eu tenho a maior admiração por este homem despretençioso e simples, extraordinária vocação do artista, que me tem tomado de assombro ao ve-lo reger com uma competencia incedíveis massas orquestrais com cerca de 200 executantes. O que vale como pedagogo, que o diga o conselho do liceu Rodrigues de Freitas, onde foi professor interino de canto coral durante dois anos e donde saiu em nome de uma lei incompreensível que lhe preferiu um simples diplomado com o exame do Conservatório do Porto. Ultimamente assistiu o Porto a esta iniquidade: Afonso Valentim foi regeitado, por não ter um curso oficial, para professor interino de canto coral no Conservatório do Porto, preferindo-se um novato, sem obra alguma, mas com o cursozinho da casa. Até para interino lhe fecharam a porta, esquecendo-se que todos ou quasi todos os professores que ali se encontram nem têm curso oficial nem obra que se compare á do concorrente regeitado. Pois dentro do Conservatório é que Afonso Valentim teria o seu verdadeiro e justo lugar. V. Ex.<sup>a</sup> perdoa-me, certamente, o atrevimento de me dirigir por esta forma ao meu próprio Ministro. Reconheço a inconveniência que cometo, mas não posso resistir a este ímpeto da minha consciência, vindo pedir encarecidamente a quem possui o poder que atenda ás condições de um grande artista que muito honra, pela sua competência e pelo seu trabalho, e que pela sua vida moral é um verdadeiro e raro exemplo de honestidade. Perdoe-me pois V. Ex.<sup>a</sup> recebendo as afirmações muito sinceras de meu maior respeito e particular consideração, Porto».* A forma como G. Sampaio caracteriza Afonso Valentim parece fazer eco da sua própria personalidade, percurso pessoal e profissional, e constelação de valores éticos. G. Sampaio também era um auto-didacta – não tinha terminado o curso da Academia Politécnica, que tinha frequentado durante três anos. G. Sampaio também era um vanguardista – propunha revoluções na taxonomia da flora portuguesa e na nomenclatura botânica. G. Sampaio também tinha re-habilitado as grandes obras dos botânicos pré-lineanos e as de Brotero, Link e van Hoffmanssegg, injustamente esquecidas pelos botânicos seus contemporâneos. G. Sampaio também gostava particularmente de resolver problemas difíceis – rever táxones confusos ou mal-conhecidos da nossa flora.

##### 5. G. Sampaio e o estudo da música popular do Minho e da música sacra

«Cantos populares do Minho» (SAMPAIO, 1929) é um trabalho muito curto. A introdução ocupa o primeiro parágrafo. G. Sampaio elogia a riqueza da música popular do Minho: «Sem a menor sombra

de dúvida, é o Minho a mais rica das nossas províncias em música popular, visto que nenhuma outra a eguala no imenso reportório e na assombrosa variedade dos seus cantos. Com uma excepcional aptidão creadora da melodia, produzindo a maior parte das canções que anualmente aparecem pelas romarias e que se propagam para o sul alteradas mais ou menos na beleza do seu desenho e despidas do revestimento harmónico que originalmente possuíam, esta encantadora terra [...] marca sobretudo [...] pela superioridade dos seus córos de mulheres que, sob o ponto de vista polifónico, constituem a mais elevada e artistica manifestação de música popular que se conhece». De seguida apresenta uma classificação dos principais tipos de cantos populares não-religiosos da região, descrevendo-os sob o ponto de vista musical. Não dispensa a sua crítica ao relativo esquecimento em que a música popular da região se encontrava: «Estes córos [...] tendem actualmente a desaparecer, sem que nem pessoas cultas nem câmaras municipais se esforcem por manter a sua conservação [...]».

No trabalho «Cantos populares minhotos a Nossa Senhora» (SAMPAIO, 1931c) são apresentadas as músicas e as letras de «Salvè Rainha», «Avè Maria», «Aléluia», diversos «cantos de romeiros», «canções redondas» e «cantos modernos». Escrevia na introdução, antes da análise musical, um elogio ao Minho, sua região natal. «Sendo o povo profundamente católico e possuindo, entre outras excelentes qualidades, aptidões musicais como poucos, não poderiam os cânticos religiosos deixar de ocupar uma parte consideravel, como realmente ocupam, do seu vastíssimo e formoso cancionero. Nesta encantadora província, onde tudo é lindo, quem mais canta não são as aves: é a mulher. Trabalha cantando, ama cantando, resa cantando».

Na introdução ao «Côro das maçadeiras» (SAMPAIO, 1933), G. Sampaio descreve o contexto em que eram cantados estes cânticos. Apresenta a música e a letra de um cântico das mulheres que maçavam o linho, recolhido em duas localidades do concelho da Póvoa de Lanhoso. De seguida analisa-o musicalmente, e finalmente apresenta a hipótese, que fundamenta, de uma origem grega para este tipo de cantares populares.

O trabalho «Subsídios para a história dos músicos portugueses» (SAMPAIO, 1934b) (**Estampa II.9.**) é uma pesquisa histórica sobre importantes músicos e compositores portugueses (sobretudo de música sacra) dos séculos XVI a XIX. São apresentadas biografias de 41 músicos relevantes deste período<sup>51</sup>. G. Sampaio efectua pesquisa histórica no Arquivo Distrital de Braga. Descobre muitos

---

<sup>51</sup> Pela ordem que são mencionados no texto: P.º Pero de Gamboa, P.º Lourenço Ribeiro, P.º Manoel Mendes, P.º Duarte Lobo, Manuel Machado, Fonseca, P.º António Milheiro, Filipe de Magalhães, P.º Marcos Soares Pereira, João Lourenço Rebelo, Gaspar dos Reis, P.º Manuel Cabreira, Fr. Manuel Correia, Fr. Manuel Pousão, P.º João dos Santos Pereira, P.º Francisco Luiz (séculos XVI e XVII), P.º António Baião Magro, P.º António Vieira Gomes Marra, P.º Manuel de Matos, P.º Francisco Ferreira, Jerónimo de Sequeira, Mateus de Costa Pereira, João Cordeiro da Silva, Andrea da Silva Gomes, João de Sousa Vasconcelos, Fr. José de Santo António, Fr. José da Graça, Fr. Domingos de S. José Varela, Manuel de Sá

documentos inéditos e publica a sua informação mais importante. Consulta arquivos e bibliotecas especializadas em obras de música. Consulta outros estudiosos da música antiga como António Domingues Correia<sup>52</sup>, professor do Seminário de Braga. Cita obras clássicas da bibliografia portuguesa, das quais às vezes discorda.

A primeira edição do «Cancioneiro Minhoto» de G. Sampaio só seria publicada postumamente em 1940 (SAMPAIO, 1940), e logo em 1944, saía uma segunda edição. A primeira edição era apresentada por José Vilaça. A segunda edição era prefaciada por A. Pires de Lima. No fim do prefácio, A. Pires de Lima descreve os objectivos de G. Sampaio no estudo da música popular portuguesa: «a Gonçalo Sampaio não interessavam as canções alindadas, mas tão somente as que são verdadeiramente populares, tradicionais, em risco eminente de se perderem. Entendia êle que, antes de mais nada, era preciso inventariar fielmente o riquíssimo património do cancionero popular, manifestações artísticas do nosso povo, com a sua feição peculiar e distintiva entre os outros povos».

O «Cancioneiro» apresenta, na sua introdução, textos transcritos de trabalhos anteriores. No texto principal, em «Modas de Terno» são apresentadas 46 composições, em «Modas de Romaria», 78, nos «Cantos Coreográficos», 24, em «Cantos dos Velhos Romances», 16, seguem-se 15 em «Todas», e finalmente, 26 composições de música popular religiosa.

## 6. Outras músicas populares

Encontrámos na documentação epistolar de G. Sampaio eco das suas preocupações com o estudo da música popular portuguesa. Aparentemente não era só a música minhota que interessava a G.

---

Couto, António da Silva Leite, José Monteiro Pereira, António Joaquim Nunes, P.º Vicente José Maria de Reboredo, Jerónimo Xavier Varela, Fr. António de S. Joaquim Almeida, P.º Henrique da Silva Barbosa, José Maria de Fiscal, Joaquim José Rodrigues da Silva, P.º Eugénio da Costa Araújo Mota, Manuel João de Paiva, Aires Borges (séculos XVIII e XIX).

<sup>52</sup> Existe no espólio documental de G. Sampaio, uma carta do P.º António Domingues Correia para G. Sampaio, datada de 16 de Janeiro de 1935 (**Estampa** II.10.), portanto posterior aos contactos que efectuou para este trabalho publicado em 1934. O conteúdo da carta mostra que G. Sampaio continuava a manter interesse no estudo da história da música portuguesa. A carta foi endereçada do Colégio dos Órfãos: «*Meu Ex.º Mestre e Amigo: Quanto me penhorou a gentileza com que V. Ex.ª se dignou oferecer-me um exemplar dos interessantíssimos “Subsídios para a história dos músicos portugueses”! Exprimindo a V. Ex.ª o meu reconhecimento, só tenho de lamentar que o meu apagado nome lá figure a propósito de insignificantes dados por mim fornecidos. Vê-se que V. Ex.ª tem toda a razão em partir deste princípio: Braga foi com certeza um importante centro de cultura musical. Daí, o belo resultado das pesquisas efectuadas, com o qual me congratulo, dando a V. Ex.ª os merecidos parabens. Publiquei ano passado na “Acção Católica” (não me lembro o n.º, e não o tenho à mão) a cópia de uma Provisão de D. Fr. Caetano Brandão, a autorizar um Paiva, certamente antecessor dos que se fixaram em Braga, a estabelecer rancho musical. Está essa Provisão no Registo da Câmara Eclesiástica. Em Viseu, se em 1910 se não perdeu o que havia no Seminário, devem encontrar-se grandes preciosidades musicais. Ao menos, em cantochão tinha códices muito antigos. Nenhuma referência tenho feito ao livro impresso de músicas de Cardoso, n.º 40 dos antifonários da nossa Sé, em cujo Museu está. Uma vergonha para Braga ter o livro sofrido, em tempos já remotos, os vandalismos que sofreu. Seria também interessante apurar quem era aquele cantor da Sé de Braga, Carlos, que em 1742 copiou uma excelente missa polifónica, a 4 vozes, que lá está, não indicando infelizmente o autor, que bem pode ser português. Terminando já, mais uma vez afirmo a V. Ex.ª toda a sua admiração e grata estima».*

Sampaio. Um amigo seu, escrevia numa carta datada de 26 de Agosto de 1925, em tom simplista e redutor: «*Rosal, Sabóia, Meu caro Gonçalo Sampaio: Recebi já há tempos a tua cartinha, que, se por um lado me deu imenso prazer pelas tuas noticias, por outro me fez tremer pela incumbência de que me encarregas. Tu sabes lá a vida de trabalho que eu levo? Não me chega o tempo para nada, e olha que o que me pedes é coisa para tomar muito tempo e duvido, ainda assim, que se pudesse obter coisa de jeito. Em Silves meio em que vivo, não há povo nem musica popular. A população da cidade compõe-se de uns tantos proprietários, comerciantes e industriaes corticeiros d'um lado; do outro as massas operarias que sómente se preocupam com ideias bolchevistas e imitam a burguezia em todos os seus costumes: vestuario, danças e musica. É um bolchevismo russo, em que as massas começaram por usurpar os costumes burguezes enquanto lhes não podem tirar o dinheiro e as propriedades. Nas outras terras industriaes do Algarve acontece o mesmo. A população dos campos já vae seguindo o mesmo caminho. Assim é que as mulheres e filhas de quinteiros e trabalhadores do campo vestem já pela ultima moda, calçam bota de tacão ou sapato de tacão alto e meia de seda ... Nos bailes d'essa gente dança-se o fox-trot e o one-steeps, etc. Enfim, as características populares têm-se extinguido para dar logar a todas as macaquices da moda. Um pavor. Creio que isto são os efeitos da feliz democracia em que vivemos ha 15 anos. Aqui, no sul do Alentejo, onde tenho propriedade e onde me encontro ha um mez tratando das colheitas, ainda ha uns restos de tradição, mas já nos pequenos povos e aldeias, as raparigas se envergonham de trajar á antiga, vendo-se com frequencia mulheres de braços e mãos tismados do sol, com vestidos decotados da ultima moda. Onde queres tu pois que eu vá encontrar musica tradicional, musica popular leiga, ou religiosa, se já não existe povo, nem tradição, nem religião?! Em 1911 ouvi a um orador da Republica, em propaganda pela província, que a historia de Portugal havia começado em 1910; tudo quanto se fez desde a fundação da monarquia até 5 de Outubro não passou de um acerto de crimes e de roubos!! disse o tal orador. Pois, amigo, parece que o povo tomou a serio semelhante vontade e transformou-se, banindo tudo quanto lhe cheire a passado. Falas-me nos cantos do S. João! Mas por cá já ninguém canta ao Batista; as festas do São João limitam-se a umas fogueiras onde as moças defumam as sortes; e os homens comem caracoas e bebem vinho até cair. Enfim, não exagero dizendo que no sul do pais as tradições populares desapareceram, e as massas de operarios e trabalhadores só aspiram a uma coisa: serem ricos para não mais trabalharem. Caminhamos para o paraíso russo a passos rápidos se não houver juízo nas altas governanças. Deve estar radiante o teu campovinciano José Domingos dos Daibos. Um grande abraço do teu velho amigo, A. D. Lima [ilegível]».*

### III. G. Sampaio e o estudo da História da Botânica

1. A História da Botânica vista por G. Sampaio
2. G. Sampaio e Amato Lusitano

#### 1. A História da Botânica vista por G. Sampaio

Quiçá pelo seu interesse particular na nomenclatura botânica, G. Sampaio foi um estudioso da História da Botânica. A Biblioteca da Academia era valiosíssima. Possuía muitas obras dos autores clássicos. A Biblioteca Pública Municipal do Porto era também excepcional. Outras obras terão sido adquiridas por sua iniciativa. G. Sampaio discordava de algumas das regras vigentes da nomenclatura botânica. Apesar de concordar que o ponto de partida para a nomenclatura das plantas era balizado pelas obras fundamentais de Lineu - «Species plantarum» e «Genera plantarum», para G. Sampaio, os autores originais pré-lineanos dos nomes dos táxones deviam ser mencionados, obrigatoriamente, a seguir ao nome do táxon. Esta era, na realidade, mais uma das facetas do «rigorismo» e respeito «religioso» e absoluto pelo mérito do «descobridor» científico, que norteava a vida e obra de G. Sampaio. No caso dos géneros, a questão era particularmente crítica, porque efectivamente Lineu tinha essencialmente organizado e «arrumado» a obra dos seus predecessores, mais do que criado um número significativo de géneros novos para a ciência. Era justo omitir autores pré-lineanos notáveis como Boerhaave, Dillenius, Micheli, Rivinus, Rupp, Tournefort e Vaillant? Seguramente que, para G. Sampaio, não era. Mas, para atribuir correctamente a autoria original dos nomes dos táxones, era necessário consultar e estudar atentamente as obras clássicas da Botânica mundial, e foi efectivamente o que G. Sampaio fez. Este estudo não só lhe permitiu atribuir as autorias originais dos nomes dos táxones (que publica eloquentemente em 1913 na «Lista das espécies»), como apreciar devidamente o conteúdo das obras clássicas, e concomitantemente, o valor e enquadramento do autor na sequência evolutiva da História da Botânica.

Como organizou G. Sampaio o seu estudo da História da Botânica? Para tentar reconstruir o percurso evolutivo da concepção de G. Sampaio sobre este assunto, recorreremos a vários elementos: os seus cadernos de apontamentos; o seu espólio epistolar; as anotações que inseriu em muitas das obras que consultou; o próprio conteúdo programático da disciplina de Botânica Geral que leccionou durante muitos anos.

Um estudo aprofundado da História da Botânica exige a consulta das próprias fontes originais – as principais obras publicadas no domínio da Botânica, a maioria das quais se encontra redigida em latim. Pelas anotações que colocou em muitas obras, sabemos que G. Sampaio efectivamente as

consultou e estudou. O acervo bibliográfico da Academia Politécnica (e da Faculdade de Ciências) do Porto era riquíssimo. No espólio documental de G. Sampaio existe um catálogo manuscrito das obras existentes na secção de Botânica<sup>53</sup>. G. Sampaio escreveu na capa: «*Universidade do Porto. Faculdade de Sciencias. Catalogo da Bibliotheca da Secção de Botânica. Organizado por Gonçalo Sampaio. Porto, Novembro de 1911*». Pela data inscrita, sabemos que este catálogo foi elaborado poucos meses depois da transformação da Academia Politécnica em Faculdade de Ciências do Porto<sup>54</sup>. Terá querido G. Sampaio fazer um inventário das obras existentes na biblioteca da nova secção de Botânica? Faria este inventário parte do seu estudo sistemático da História da Botânica, tema que iria incluir no programa da Cadeira de Botânica Geral? Quais os botânicos representados na biblioteca da secção de Botânica? Encontramos obras de A. Acloque<sup>55</sup>, C. Acqua<sup>56</sup>, M. Adanson<sup>57</sup>, C. Allioni<sup>58</sup>, G. Arcangeli<sup>59</sup>, J. Casimiro Barbosa<sup>60</sup>, G. Bauhini<sup>61</sup>, W. Becker<sup>62</sup>, A. A. F. Benevides<sup>63</sup>, P.<sup>e</sup> Berardo<sup>64</sup>, Ed. Boissier<sup>65</sup>,

<sup>53</sup> Trata-se de um caderno constituído por folhas de papel tipo almaço, seccionadas a meio. Cada folha é dedicada a um autor. Em cada autor, as obras estão listadas, mas sem uma ordem determinada. As folhas foram perfuradas no canto superior esquerdo. O conjunto era mantido por um grampo metálico. As folhas não estão numeradas, não sendo possível saber se o catálogo está completo.

<sup>54</sup> O Decreto de 22 de Abril de 1911 criava a Universidade de Lisboa e a Universidade do Porto e reformava a Universidade de Coimbra. O Decreto de 15 de Maio de 1911 organizava as Faculdades de Ciências de Lisboa, Coimbra e Porto. Finalmente, o Decreto de 22 de Agosto de 1911 estabelecia os regulamentos das três Faculdades de Ciências.

<sup>55</sup> Deste autor, G. Sampaio refere unicamente a «*Flore de France, Paris, 1894*».

<sup>56</sup> G. Sampaio cita, deste autor, «*Il Microscopio, Milano, 1907*».

<sup>57</sup> Michel Adanson (1727-1806), de ascendência escocesa, foi aluno de René-Antoine Ferchault de Réaumur e de Bernardo de Jussieu, no Museu de História Natural de Paris. De 1748 a 1754 viaja pelo Senegal, onde realiza importantes trabalhos de história natural com a descoberta de espécies novas para a ciência. De regresso de África, instala-se em casa de Bernardo de Jussieu, estudando as suas coleções botânicas. Sob a influência deste botânico, e discordando dos sistemas de classificação de Ray, Tournefort e Lineu, publica, em 1763, a obra monumental - «*Familles des Plantes*». Neste trabalho, apresenta e discute um novo sistema de classificação das plantas, baseado numa análise global de 65 caracteres diversos das plantas, não incidindo apenas sobre as características do aparelho floral, como era proposto por Lineu. Idealiza a concepção de uma gigantesca «*Enciclopédia Universal*» abrangendo todas as ciências da natureza, mas a Revolução Francesa impede a sua concretização. Morre na solidão e empobrecido. Lineu, em sua homenagem, criou o género *Adansonia* ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Michel\\_Adanson](http://fr.wikipedia.org/wiki/Michel_Adanson)). G. Sampaio cita «*Famille des plantes, Paris, 1763*».

<sup>58</sup> Carlo Allioni (1728/1729-1804) ensinou botânica na Universidade de Turim. Foi director do Jardim Botânico de Turim. Deste autor, G. Sampaio refere, nomeadamente, a sua obra principal - «*Flora Pedemontana, 1785*» (na qual são descritas 237 espécies novas para a ciência), e «*Rariorum Pedemontii stirpium, Turim, 1755*». O género *Allionia* foi criado em sua homenagem ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Carlo\\_Allioni](http://fr.wikipedia.org/wiki/Carlo_Allioni)).

<sup>59</sup> Giovanni Arcangeli (1840-1921) foi presidente da Sociedade Botânica de Itália. Deste autor, G. Sampaio refere o «*Compendio de la Flora italiana, Torino, 1894*».

<sup>60</sup> De J. Casimiro Barbosa, G. Sampaio cita «*A Horta, Porto (2.<sup>a</sup> edic.)*». Ver capítulo IV.4.

<sup>61</sup> De Gaspar Bauhino, G. Sampaio refere o monumental «*Pinax Theatri Botanici, Basileae, 1671 (É a 2.<sup>a</sup> edição)*».

<sup>62</sup> De Wilhelm Becker (1874-1928), G. Sampaio cita a monografia «*Viola Europaea, Dresden, 1910*».

<sup>63</sup> António Albino da Fonseca Benevides (1816-1885) era formado em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa e pela Universidade de Pisa. Foi médico da Real Câmara, do Hospital de São José, das Cadeias Civas e da Misericórdia, e professor de Zoologia da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB). Publicou, em 1841, o «*Diccionario de glossologia botanica ou descripção dos termos technicos de organographia, taxonomia, physiologia, e pathologia vegetal*». Deste autor, é referido o «*Compendio de Botanica, Tomo I, Lisboa, 1837*».

<sup>64</sup> É citada a obra «*Vocabulario Franco-Lusitano, segundo a nomenclatura do Dr. Brotero, Coimbra, 1840*».

<sup>65</sup> Pierre Edmond Boissier (1810-1885), botânico suíço, frequentou a Academia de Genebra, onde foi aluno de A. P. De Candolle. No Inverno de 1831-1832, vive em Paris, onde contacta com diversos botânicos, provavelmente com P. B. Webb,

A. Boistel<sup>66</sup>, G. Bonnier<sup>67</sup>, Brotero<sup>68</sup>, Af. De Candolle<sup>69</sup>, A. P. De Candolle<sup>70</sup>, Ch. Chamberlain<sup>71</sup>, E. Chavannes<sup>72</sup>, L. J. Chenon<sup>73</sup>, R. Chodat<sup>74</sup>, C. Clusius<sup>75</sup>, J. Dalechamps<sup>76</sup>, R. Dodoens<sup>77</sup>, C. Gesnerius<sup>78</sup>, J. G. Gmelin<sup>79</sup>, B. A. Gomes<sup>80</sup> & C. M. F. da S. Beirão<sup>81,82</sup>, W. J. Hooker & G. W. Arnott<sup>83</sup>, Th.

que tinha herborizado em Espanha. Deste contacto, terá ficado a vontade de estudar a flora de Espanha, o que concretizará em 1837. Desta viagem resultou a publicação de «Voyage botanique dans le Midi de l’Espagne pendant l’année 1837» (em dois volumes, editado em Paris, em 1839-1845) e a descrição de um elevado número de espécies novas para a ciência ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_Edmond\\_Boissier](http://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Edmond_Boissier)). Deste autor, G. Sampaio refere: «*Elenchus plantarum novarum minusque cognitarum quas in itinere hispano legit, Genevae, 1838*»; «*Pugillus plantarum novarum, Africae borealis Hispaniaeque australis (de colaboração com G. F. Reuter), Genevae, 1852*»; «*Diagnoses plantarum novarum, 1854-59*»; «*Flora orientalis, Basileae, 1867-84, 5 vol.*»; «*Supplementum Flora orientalis, 1 vol., 1888*».

<sup>66</sup> Alphonse B. M. Boistel (1836-1908) era jurista de formação. Ensinou direito em Grenoble e Paris, tendo publicado diversas obras desta especialidade. Apaixona-se pela história natural, dedicando-se em particular ao estudo dos líquenes de França. Publica, em 1902 uma obra hoje clássica da bibliografia liquenológica - «*Nouvelle Flore des lichens*», que G. Sampaio cita neste inventário. Foi ainda presidente da Sociedade Geológica de França ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Alphonse\\_Boistel](http://fr.wikipedia.org/wiki/Alphonse_Boistel)).

<sup>67</sup> Gaston Bonnier (1853-1922) foi director do laboratório de botânica da Escola Normal Superior de Paris e, a partir de 1887, professor de botânica da Faculdade de Ciências de Paris. Participa na fundação da «*Revue générale de botanique*», que dirige até 1922. Em 1890, foi eleito presidente da Sociedade Botânica de França. Os seus trabalhos focam temas diversos da botânica, sendo autor de muitas monografias nas áreas da sistemática, biogeografia, ecologia e fisiologia vegetais, e também de livros escolares de botânica, como a «*Nouvelle Flore pour la détermination facile des plantes*» e «*Petite flore des écoles*» (em colaboração com G. de Layens) ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Gaston\\_Bonnier](http://fr.wikipedia.org/wiki/Gaston_Bonnier)). G. Sampaio cita «*Le Monde végétal, Paris, 1907*».

<sup>68</sup> Representadas as obras fundamentais deste autor: «*Compendio de Botanica, 1788*», «*Phytographia Lusitaniae selector, fasc. 1., 1800*», «*Flora lusitânica, 2 vol., 1804*», «*Phytographia Lusitaniae selector, 2 vol., 1816-1827*», «*Description of a new genus of plants named Araujia, and a new species of Passiflora, 1817*», «*Descriptions of two New species of Erythrina, 1824*» e «*Historia natural dos pinheiros, larices e abetos, 1827*».

<sup>69</sup> Representadas obras fundamentais de Afonso De Candolle: «*Monographie des Campanulées, Paris, 1830*»; «*Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis, Paris, 10 vol., 1844-73, com 2 vol. de Index, por Buek*»; «*Lois de la nomenclature botanique, 2.<sup>a</sup> edic., Geneve, 1867*»; «*Monographiae Phanerogamarum, Paris, 1878*»; «*Nouvelles remarques sur la nomenclature botanique, Geneve, 1883*»; «*Origine des plantes cultivées, Paris, 1896*».

<sup>70</sup> Representadas obras fundamentais de Agostinho Piramo De Candolle: «*Plantarum succulentarum historia (com desenhos de Redouté, coloridos), Paris, 2 vol., 1799 (encadernado n’um volume)*»; «*Catalogus plantarum Horti botanici Monspeliensis, Monspelli, 1813*»; «*Flore française (de Lamarck), 6 vol., Paris, 1815*»; «*Regni vegetabilis systema naturale, 2 vol., Paris, 1818-1821*»; «*Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis, Paris, 7 vol., 1824-1839*».

<sup>71</sup> Citado o «*Methods in Plant Histology, Chicago, 1905*».

<sup>72</sup> G. Sampaio citava o trabalho de revisão: «*Monographie des Antirrhinées, Paris, 1833*».

<sup>73</sup> De Leonhard Joh. Chenon, G. Sampaio listava a «*Nova plantarum genera, Upsaliae, 1751*».

<sup>74</sup> De Robert H. Chodat (1865-1934), G. Sampaio listava: «*Algues vertes de la Suisse, Berne, 1902*»; «*Principes de Botanique, Geneve, 1907*»; «*Polymorphisme des Algues (Etude critique), Geneve, 1909*».

<sup>75</sup> Deste autor, existiam «*Rariorum plantarum historia, Antuerpiae, 1601 (com apendice, no mesmo tomo)*», «*Fungorum in Pannoniis observatorum historia (com o precedente)* [encadernada com a obra anterior]» e o «*Exoticorum libri decem, Antuerpiae, 1605*».

<sup>76</sup> Jacques Daléchamps (D’Aléchamps) (1513-1588) foi médico, botânico, filólogo e naturalista. Formou-se na Universidade de Montpellier, estudando com Guilherme de Rondelet. Vive durante alguns anos em Grenoble e Valença, instalando-se em Lyon, onde exerce medicina. G. Sampaio cita a «*Historie general des plantes, 2 vol., 1654*», publicada em Lyon, e que é a sua obra principal, onde compila todos os conhecimentos botânicos existentes na época. Também é designada por «*Historia plantarum Lugdunensis*». As gravuras, em madeira, são, no entanto, de fraca qualidade. Publicou traduções dos mestres clássicos da Medicina. C. Plumier dedicou-lhe o género das Euforbiáceas - *Dalechampia* ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques\\_Daléchamps](http://fr.wikipedia.org/wiki/Jacques_Daléchamps); SACHS, 1906:30).

<sup>77</sup> Deste autor, G. Sampaio cita a obra clássica: «*Stirpium Historiae pentades sex, Antuerpiae, 1583*».

<sup>78</sup> De C. Gessner (Gesner), G. Sampaio listava a «*Opera botanica, Norimbergae, 1751*».

<sup>79</sup> G. Sampaio referia a «*Flora Sibirica, 2 vol. Petropoli*».

<sup>80</sup> Bernardino António Gomes (1806-1877), filho de Bernardino António Gomes (1768-1823), era formado em medicina, pela Faculdade de Paris, e, em matemática, pela Universidade de Coimbra. Foi professor de Matéria Médica na Escola

Johnson<sup>84</sup>, P. Magnol<sup>85</sup>, Rob. Morison<sup>86</sup>, C. Plínio (Segundo)<sup>87</sup>, J. Pontederæ<sup>88</sup>, J. Ray<sup>89</sup>, A. Q. Rivinus<sup>90</sup>, Roemer & Schultes<sup>91</sup>, C. C. Schmidel<sup>92</sup>, C. Sprengel<sup>93</sup>, J. P. Tournefort<sup>94</sup>, S. Vaillant<sup>95</sup>, Conceição Velloso<sup>96</sup> e João Vigier<sup>97</sup>. Estavam assim representadas obras de botânica (floras,

Médico-Cirúrgica de Lisboa e médico da Real Câmara. Era sócio da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Ciências Médicas (de que foi presidente) e da Sociedade Farmacêutica Lusitana, e director do Hospital da Marinha. Foi um dos fundadores da «Gazeta Médica» e do «Jornal da Sociedade de Ciências Médicas de Lisboa». Colaborou na edição de 1876 da «Farmacopeia Portuguesa» (GEPB).

<sup>81</sup> Caetano Maria Ferreira da Silva Beirão (1807-1871) formou-se em medicina, em 1836, pela Universidade de Coimbra. Foi professor de Matéria Médica e Terapêutica Interna na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e de Agricultura Geral e Lavoura no Instituto Agrícola (de que foi director). Foi médico da Real Câmara, e sócio da Academia das Ciências de Lisboa, da Sociedade de Ciências Médicas (de que foi presidente) e da Sociedade Farmacêutica Lusitana (GEPB).

<sup>82</sup> De B. A. Gomes e de C. M. F. da S. Beirão, G. Sampaio cita o catálogo de plantas existentes no Horto Botânico da Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa: «*Catalogus plantarum Horti botanici Medico-cirurgicae Scholae Olisiponensis, Olisipone, 1852*» (GOMES & BEIRÃO, 1852).

<sup>83</sup> Destes autores, é referida «*The British Flora, London, 1850*».

<sup>84</sup> De Thomas Johnson, são referidas duas edições (1633 e 1636) da monumental «*The herbal or generall historie of plantes by John Gerarde, London*».

<sup>85</sup> Pierre Magnol (1638-1715) foi professor e director do Jardim Botânico de Montpellier. Contactou de perto com Tournefort. Escreveu uma das primeiras floras - «*Botanicum Monspeliense*», publicada em Lyon, em 1676. Descreveu muitas plantas novas para a ciência. Em sua homenagem, Lineu criou o género - *Magnolia* ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre\\_Magnol](http://fr.wikipedia.org/wiki/Pierre_Magnol); MAGNIN-GONZE, 2004:138; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007). G. Sampaio cita a edição de 1686 do «*Botanicum Monspeliense*».

<sup>86</sup> G. Sampaio lista a monumental «*Plantarum historiae universalis oxoniensis, 2 vol., 1738 (a edição original é de 1680)*».

<sup>87</sup> De Plínio, existiam duas edições valiosíssimas: «*Historia natural, traduc. de Geronimo de Huerta, 2 vol., Madrid, 1624-29*» e a «*Storiae mundi, Basileae, 1554*».

<sup>88</sup> Deste autor, G. Sampaio listava o «*Compendium tabularum botanicarum, Patavii, 1718*».

<sup>89</sup> Deste autor, G. Sampaio cita: «*Catalogus plantarum Angliae, Londini, 1670*»; «*Stirpium europaeorum extra britannias nascentium, Londini, 1694*»; «*Synopsis methodica stirpium britannicarum, Londini, 1724 (edição 3.<sup>a</sup>)*»; «*Methodus plantarum (emendata et aucta), Londini, 1733*».

<sup>90</sup> De Rivínio, G. Sampaio cita a «*Introductio generalis in rem Herbarium, Lipsiae, 1690*».

<sup>91</sup> G. Sampaio cita o «*Systema vegetabilium, 7 vol., 1817-30, (falta a 1.<sup>a</sup> parte do 7.º [volume])*».

<sup>92</sup> Casimir Christoph Schmidel (1718-1792) destacou-se pelos estudos da reprodução das briófitas (SACHS, 1906:197-198,438). G. Sampaio cita o «*Descriptio itineris per Helvetiam Galliam et Germaniae partem, Erlangae, 1794*».

<sup>93</sup> Kurt Sprengel (1766-1833), médico, professor e botânico alemão, era sobrinho de Christian Konrad Sprengel (1750-1816). Notabilizou-se por ter promovido novas edições do «*Systema vegetabilium*» e de «*Genera Plantarum*» de Lineu. Deste autor, G. Sampaio lista: «*Historia Rei Herbariae, 2 vol., Amsterdami, 1807-1808*»; «*Species Umbelliferarum minus cognitae, Halae, 1818*» e o «*Systema vegetabilium, 5 vol. (o 4.º em 2 partes), Gottingae, 1825-8*».

<sup>94</sup> Deste autor, existia a 3.<sup>a</sup> edição (de 1719, em três volumes, publicada em Paris) da obra fundamental: «*Institutiones rei herbariae*». Existia ainda a «*Relation d'un voyage du Levant, Lyon, 1717 (3 vol.)*».

<sup>95</sup> Sébastien Vaillant (1669-1722) estudou com Tournefort e sucedeu-lhe na direcção do Jardim do Rei, em Paris. Introduziu, em França, a utilização de estufas-quentes para o cultivo de plantas suculentas. Introduziu designações para diversas partes dos órgãos florais, como os termos: estame, filete, ovário e óvulo. O seu estudo da estrutura da flor influenciou acentuadamente Lineu. Tournefort dedicou-lhe o género *Valantia*, da família das Rubiáceas, que Lineu re-denominou de *Vaillantia*. O seu herbário conserva-se no Museu de História Natural de Paris ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Sébastien\\_Vaillant](http://fr.wikipedia.org/wiki/Sébastien_Vaillant); MAGNIN-GONZE, 2004:113; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007). Deste autor, G. Sampaio cita o «*Botanicon Parisiense, 1727*».

<sup>96</sup> Frei José Marianno da Conceição Velloso (1732/42-1811), religioso franciscano, de nacionalidade brasileira, foi um botânico notável. Publicou a «*Florae Fluminensis*», em 11 volumes, a mais completa descrição, à época, da flora espontânea do Brasil. Vem para Lisboa. É nomeado director literário da «*Impressão Régia*» (GEPB). Deste autor, G. Sampaio cita a «*Alographia, Lisboa, 1798*» («*Alographia dos alkalis fixos, vegetal ou potassa, mineral ou soda e dos seus nitratos*»).

<sup>97</sup> João Vigier, boticário francês, veio para Portugal em meados do século XVII. Parece ter estabelecido, em Lisboa, uma casa de plantas medicinais e preparados farmacêuticos. «Além de erudito e activo, era esmerado botânico» (GEPB). É autor de uma farmacopeia, datada de 1716. Deste autor, é citado: «*Historia das plantas da Europa, 2 vol., Lion, 1718*».

monografias, compêndios), mas também monografias de técnicas de microscopia e de histologia, e de horticultura.

Todavia, algumas obras fundamentais da História da Botânica não existiam nesta Biblioteca, o que terá levado G. Sampaio a procurá-las em outras Instituições, nomeadamente a Biblioteca Pública Municipal do Porto e a Biblioteca da Escola Médico-Cirúrgica do Porto.

Existe no espólio documental de G. Sampaio, três cadernos de apontamentos dedicados ao estudo de obras clássicas da História da Botânica. Num deles, nas primeiras páginas tem uma listagem dos «*Livros de Botanica da Bibliotheca Municipal do Porto*» (**Estampa III.1.**). Que autores são citados? «*Acosta*<sup>98</sup>, *Alpini*, *Amati-Lusitani* [Amato Lusitano], *Aria Montano*, *Aristotelis et Theophrasto*, *Bauhino*, *Beckmanno*, *Bomare*, *Boutelon*, *Brez*, *Brotero*, *Candolle*, *Capello*, *Cavanilles*<sup>99</sup>, *Clusii* [Clúcio], *Columna*, *Correia da Serra*, *Crantz*, *Desfontaines*<sup>100</sup>, *Dilleni* [Dillenio], *Dioscorides*, *Dodanaeus*, *Donati*, *Ferrari*, *Fuchs*, *Forskal*, *Gilibert*, *Gaertner*<sup>101</sup>, *Loureiro* [João Loureiro], *Linneu*,

<sup>98</sup> Cristóbal Acosta (Cristóvão da Costa) (1538-1594/1596), de ascendência judia, nasceu em território africano, provavelmente em Tânger. É possível que tenha cursado cirurgia nas aulas de anatomia e cirurgia do Hospital Real de Todos os Santos, em Lisboa. Embarcou para a Índia, em 1568, na qualidade de físico ou cirurgião da armada. Em 1569, exerceu funções de médico no Hospital Real de Coxim. Trabalhou ainda em vários hospitais de portos do mar de Malabar. Em Novembro de 1571, trabalhava em Tenor. Voltou depois para Coxim e, de seguida, para Portugal, provavelmente em 1572. No entanto, sai de Portugal para residir em Salamanca e depois em Burgos, onde exerce medicina. É nesta cidade que, em 1578, edita a primeira versão em castelhano dos «Colóquios dos Simples» de Garcia de Horta (WALTER, 1964).

<sup>99</sup> Antonio José de Cavanilles y Palop (1745-1804) foi um notável naturalista e botânico espanhol. Formou-se na Universidade de Valencia, em 1766. Foi ordenado sacerdote em Oviedo, em 1772. Em 1777, parte para Paris, como preceptor dos filhos do Duque do Infantado. Nesta cidade, contacta com A.-L. Jussieu. Regressa a Espanha, em 1789. Herboriza intensamente pela Península Ibérica, publicando os resultados na obra em seis volumes - «*Icones et descriptiones plantarum quae aut sponte in Hispaniae crescunt*» (1791-1804), na qual descreve muitas espécies novas para a ciência. Fundou, em 1799, a revista «*Anales de Historia Natural*», que, em 1801, dá lugar aos «*Anales de Ciencias Naturales*». Em 1801, é director do Real Jardim Botânico de Madrid, cargo que ocupa até à sua morte. Re-organiza a instituição, nomeadamente os seus herbários. Entre os seus discípulos, destacam-se Mariano Lagasca y Segura, que, em 1815 seria nomeado director do Real Jardim Botânico de Madrid, e Simon de Rojas Clemente y Rubio. É autor de dezenas de géneros novos e mais de mil espécies novas para a ciência (<http://es.wikipedia.org/wiki/Cavanilles>).

<sup>100</sup> René Louiche Desfontaines (1750-1831) foi aluno de Bernardo de Jussieu. Estudou, em particular, a flora do norte de África, constituindo um importante herbário e publicando a «*Flore atlantique*» (1798, em dois volumes). Sucede a Le Monnier na Cadeira de Botânica, no Jardim do Rei, em Paris. As suas aulas eram assistidas por numerosa e destacada audiência. Jean Jacques Rousseau contava-se entre os seus ouvintes. Das suas obras de botânica destacam-se: «*Cours élémentaire*» (1796); «*Tableau de l'école botanique du Muséum d'histoire naturelle*» (1804); «*Histoire des plantes et des arbrisseaux qui peuvent être cultivés en France en pleine terre*» (1809) e «*Expériences sur la fécondation artificielle des plantes*» (1831) ([http://fr.wikipedia.org/wiki/René\\_Desfontaines](http://fr.wikipedia.org/wiki/René_Desfontaines)).

<sup>101</sup> Josef Gärtner (Gaertner) (1732-1791) começou os seus estudos com von Haller, em 1751, em Gotinga. Viaja em Itália, França, Holanda e Inglaterra. Em 1760, é professor de anatomia em Tubinga, e em 1768, é professor de botânica em S. Petersburgo. Regressa a Calw, em 1770, para se dedicar à conclusão de «*De fructibus et seminibus plantarum*». Nesta obra, descreve e ilustra a estrutura dos frutos e dos órgãos florais de mais de mil plantas. Demonstra que os esporos das criptogâmicas são muito diferentes dos frutos das fanerogâmicas. Gärtner dedicou-se especialmente ao estudo comparativo dos frutos e das sementes. Seu filho, Karl Friedrich Gärtner (1772-1850), formou-se em 1796, em Gotinga. Dedicou-se, em particular, ao estudo da sexualidade nas plantas. Realiza inúmeras experiências em hibridação, descrevendo pela primeira vez o processo de fertilização em pormenor (SACHS, 1906:122-126,427-431; MAGNIN-GONZE, 2004:152).

*Matthiolo, Michelio, Plukenet, Mentzelius, Monardes*<sup>102</sup>, *Laicharding, Seguierio, Scopoli, Volchameri, Voutenat*». Para cada autor, G. Sampaio listou as obras principais. A lápis escreveu, para algumas obras, as cotas de localização.

Seguidamente tem uma listagem, mais pequena, dos «*Livros de Botanica da Bibliotheca da Escola Medica do Porto*». Que autores são mencionados? «*Bauhino, Candolle, Cooke, Crantz, Duchesne, Duhamel, Durante, Endlicher*<sup>103</sup>, *Figueiredo*<sup>104</sup>, *Gilibert*<sup>105</sup>, *Gleditsch*<sup>106</sup>, *Herail, Humelbergins, Jugen-Hansz, Jussieu* [A.-L. Jussieu], *Link, Linneu, Loureiro* [João Loureiro], *Ludwig*<sup>107</sup>, *Plenck, Porta, Saint-Hillaire*<sup>108</sup>, *Scopolus, Senebier, Tournefort, Vandelli, Vigier*».

Quais os mais importantes botânicos que marcaram a evolução histórica desta disciplina?<sup>109</sup>

<sup>102</sup> Nicolás Monardes (1493-1588) foi um destacado médico e botânico espanhol. A sua obra mais significativa «*Historia medicinal de las cosas que se traen de nuestras Indias Occidentales*» (publicada em 1569-1574) foi traduzida para latim por Clú시오, que a edita em 1593, conjuntamente com uma edição dos «*Colóquios dos Simples*» de Garcia de Horta (<http://es.wikipedia.org/wiki/Monardes>; FICALHO, 1886).

<sup>103</sup> Stephen Ladislau Endlicher (1805-1849) foi professor de botânica e director do Jardim Botânico de Viena. Organizou uma biblioteca e um herbário notáveis. Editou os «*Annalen des Wiener-Museums*». Além de taxonomista, era filologista e linguista. Publicou, em 1836-1840, o «*Genera plantarum secundum ordines naturales disposita*». O seu sistema de classificação das plantas é semelhante ao de A. P. De Candolle, com quatro grandes grupos de plantas. As plantas são primeiro classificadas em dois grupos: Cormófitas e Talófitas. As cormófitas são as fanerogâmicas e as criptogâmicas com órgãos sexuais de De Candolle, e as talófitas correspondem às criptogâmicas sem órgãos sexuais. As cormófitas são subdivididas em três grupos: dicotiledóneas, monocotiledóneas e criptogâmicas com órgãos sexuais (SACHS, 1906:146; GRAY, 1907:341).

<sup>104</sup> Deve tratar-se de J. J. de Figueiredo, autor da «*Flora pharmaceutica e alimentar portugueza ou tractado daquelles vegetaes indigenas de Portugal, e outros nelle cultivados*», publicada em 1825, obra clássica da bibliografia portuguesa desta temática. Jerónimo Joaquim de Figueiredo (1772-1828) era formado em medicina pela Universidade de Coimbra. Foi professor de Matéria Médica e Farmácia desta Universidade, e sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB).

<sup>105</sup> Num dos seus cadernos sobre os tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu acerca deste autor: «*Methodi Linneaenae botanicae, Lugduni, (não traz data), 1 vol. (Bibliotheca da Escola Medica do Porto)*» descrevendo esta obra como sendo «*uma forma do Species (no sentido, em disposição da Flora de Brotero) – bem feito. Binomes (entre todos os mais notáveis), traz os synonymos para os binomes de Bauhino*». Seguidamente, G. Sampaio escreveu uma lista com cerca de 20 binomes específicos.

<sup>106</sup> Gleditsch foi director do Jardim Botânico de Berlim. Estudou o processo de fertilização nas plantas (SACHS, 1906:393-394). Num dos seus cadernos sobre os tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu acerca deste botânico: «*Systema plantarum, Berolini, 1764 (Bibliotheca da Escola Medica do Porto)*» e sobre esta obra: «*É um “Genera” com os generos muito bem definidos, mas sem indicação dos auctores nem das especies a que se refere*».

<sup>107</sup> Num dos seus cadernos sobre os tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu acerca deste botânico: «*Institutiones Regni Vegetabilis, Editio altera, aucta et emendata, Lipsiae, 1757 (Bibliotheca da Escola Medica do Porto)*», descrevendo esta obra da seguinte forma: «*É uma especie de compendio de Botanica, muito interessante. Tem uma parte de morphologia, de physiologia, noções de classificação (genero e especie) e classificação, com a historia dos principais botanicos auctores de methodos. Dá um quadro dos generos, entre os quaes devo mencionar os generos*». Segue-se uma lista de algumas dezenas de nomes genéricos.

<sup>108</sup> Auguste de Saint-Hillaire (1779-1853) foi professor em Paris. Publicou «*Leçons de botanique*» em que revela influências da doutrina da simetria de A. P. De Candolle, da teoria de metamorfose de Goethe e da doutrina de filotaxis de Schimper (SACHS, 1906:149-150).

<sup>109</sup> Transcrevemos, de seguida, as ideias de G. Sampaio sobre a História da Botânica, expressas nos programas da Botânica Geral (SAMPAIO, 1911c, 1920c e 1935b).

Para G. Sampaio, Aristóteles<sup>110</sup> foi o fundador da Botânica: «Aristóteles, que escreveu uma “Teoria das plantas” e outras obras fitológicas de que restam apenas fragmentos, foi o verdadeiro fundador desta ciência».

A seguir a Aristóteles, G. Sampaio considera Teofrasto<sup>111</sup>: «cujos livros botânicos esboçam uma tentativa de classificação e versam grosseiramente a morfologia externa e a fisiologia das plantas, constatando os fenómenos da sexualidade e da acção fecundante do pólen em espécies dioicas».

Para G. Sampaio, deve-se a Dioscorides<sup>112</sup> e a Plínio<sup>113</sup> a criação de muitos dos nomes que ainda hoje se dão às plantas: «No primeiro século da nossa era Dioscorides, que foi o primeiro

---

<sup>110</sup> Aristóteles (384 aC-322 aC) é considerado o filósofo e erudito que exerceu a mais duradoura, profunda e enriquecedora influência no domínio das Ciências Naturais no mundo ocidental. Os seus estudos de Zoologia são, no entanto, muito mais significativos do que os de Botânica (DE WITT, 1992:46). «Conjectura-se que a sua educação houvesse sido dirigida no sentido da Medicina. É certo que se ocupou muito, posteriormente, da dissecação de animais, e que a sua mentalidade foi sobretudo a dum naturalista, e dum naturalista classificador [...] Aristóteles deve ser considerado como o fundador da Zoologia na acepção verdadeira da palavra, pois foi ele quem recolheu os dispersos conhecimentos dos seus predecessores e os enriqueceu com os resultados das suas numerosas investigações, coordenando-os cientificamente sob um critério filosófico [...] Os seus trabalhos mais notáveis neste ramo da Ciência são: Geração dos animais, Partes dos animais e História dos animais» (GEPB). Só escreveu dois livros sobre botânica que, de acordo com Julius Scaliger, foram posteriormente muito alterados ou até mesmo re-escritos, possivelmente pelo seu discípulo Teofrasto (JOHNSON, 1636; ALLORGE & IKOR, 2003:27). Aristóteles considerava que tanto as plantas como os animais têm uma alma, mas a dos animais é mais completa do que a das plantas. Classificou os seres vivos em função do seu grau de perfeição, atribuindo a proeminência ao homem. Para Aristóteles, a existência das plantas justifica-se pela sua utilidade, estando portanto, por natureza, à disposição do homem. As plantas são seres vivos porque apresentam nutrição, crescimento e desenvolvimento, mas são inferiores aos animais, dado que não têm sensibilidade (emoções e pensamento) (MAGNIN-GONZE, 2004:16).

<sup>111</sup> Tyrtamnos Teofrasto (372/370 aC-288/286 aC) foi seguidor de Platão, discípulo de Aristóteles e seu sucessor na direcção do Liceu. Os seus tratados de Botânica - «Peri phytoon historias (Historia plantarum)» e «Peri phytoon aitiōon (De causis plantarum)», constituíram, durante séculos, as obras de referência da Botânica. Os seus trabalhos revelam uma preocupação para observar o melhor possível as plantas. Distingue os órgãos das plantas, examina as suas funções, e tenta determinar os fenómenos que ocorrem nestes órgãos. Mostrou que existem diversos tipos de flores – distinguiu as inflorescências indefinidas das definidas, reconheceu diferenças na posição do ovário, separou as corolas polipétalas das gamopétalas. Classificou as plantas com base no porte – árvores, arbustos, subarbustos e herbáceas, distinguindo-as, quanto ao ciclo de vida, em anuais, bienais e perenes. Para Aristóteles, a Natureza era racional – a estrutura dos órgãos é um resultado directo da sua função – a função cria o órgão. Teofrasto salienta que podem existir excepções a esta lei – a Natureza não se constrói segundo uma finalidade inexorável, a entelequia. A existência de uma homologia entre os órgãos dos animais e das plantas, não era, para Teofrasto, bem exacta – os órgãos das plantas são ilimitados e variáveis, e, os dos animais, reduzidos e limitados. Estabelece uma diferença fundamental entre as plantas e os animais, e recusa, ao contrário de Aristóteles, qualquer analogia superficial entre a organização vegetal e animal. Observa que existem plantas («mykes») que não têm raízes, caule, folhas, flores e frutos, nem tecidos – descobria os fungos. (TOURNEFORT, 1797:51; LAWRENCE, 1973:22; DE WITT, 1992:66-74; ALLORGE & IKOR, 2003:27-28; MAGNIN-GONZE, 2004:17-22). Na sua História das Plantas, em nove volumes, Teofrasto menciona mais de 550 plantas, a maioria das quais de importância agrícola e económica. As plantas são classificadas em sete classes, de acordo com as suas qualidades, tais como: o local de origem; a dimensão (erva, arbusto ou árvore); o uso como planta hortícola; se dão sementes comestíveis; e se causam «suores». As classes são divididas em 48 secções ou capítulos, em que as plantas são agrupadas por semelhanças (ADANSON, 1763:vi; MAGNIN-GONZE, 2004:17-22). As suas obras, escritas em grego, foram traduzidas para latim, no século XV, por Théodore Gaza, a pedido de Nicolau V, mas a transcrição foi muito deficiente, omitindo algumas partes, adulterando outras e alterando os nomes das plantas (JOHNSON, 1636; MAGNIN-GONZE, 2004:17-22). «Era sobretudo um erudito, mas muito bem informado, e exprimia-se com muito método e nitidez» (GEPB). DE WITT (1992:66) considera-o como o botânico mais notável da Antiguidade.

<sup>112</sup> Pedacio Dioscorides Anazarbeo viveu no primeiro século da era cristã. Estudou em Alexandria e Tarzus, e foi médico militar grego ao serviço de Nero (54-68 dC). Classificou as plantas de acordo com as suas qualidades: plantas aromáticas; plantas comestíveis; plantas medicinais; plantas venenosas. As suas descrições das plantas são melhores do que as de

iconógrafo, compoz um tratado de matéria médica em cinco livros ilustrados, com a descrição de 600 plantas<sup>114</sup>, tratado que teve uma grande importância como guia botânico, durante séculos<sup>115</sup> [Estampa

---

Teofrasto. São referidas muitas designações para cada planta - nomes gregos, mas também de países vizinhos. Dioscorides escreveu sobre as plantas e sobre a Medicina da época em «De Materia Medica» (JOHNSON, 1636; ADANSON, 1763:vi; TOURNEFORT, 1797:51-52; GEPB; DE WITT, 1992:101). «Notável observador e descritor, Dioscorides foi original em algumas indicações (acetato de chumbo, água de cal, óxido e sal de cobre, etc.); a mandrágora, como somnífero, êle a recomendava nas operações cirúrgicas [...] Em Portugal, a influência de Dioscorides foi muito grande e o ensino farmacológico na Universidade quase a ele se limitava, até ao séc. XVIII» (GEPB).

<sup>113</sup> Caius Plinius Secundus Major (23/24 dC - 79 dC), «Plínio-o-Velho», passou a sua juventude em Roma onde estudou direito. Escolheu a carreira militar, terminando como almirante. Viveu ao tempo de Vespesiano e morreu sufocado pelos gases sulfurosos do Vesúvio, ao aproximar-se do vulcão para o observar de perto, na violenta erupção de 79 dC (JOHNSON, 1636; TOURNEFORT, 1797:52; DE WITT, 1992:95-101). Escreveu uma enciclopédia («De Historia Mundi») em que compilou citações de ca. 500 autores anteriores, às quais junta as suas próprias observações, constituindo a mais rica fonte de informações da Antiguidade. Esta obra deve, no entanto, ser lida com atenção, dado que Plínio nela incorporava todo o tipo de informações que obtinha - factos verídicos que tinha observado, mas também lendas extraordinárias e anedotas. «O seu mérito científico não é grande. Não mostra empenho de estruturação filosófica; as observações são quase todas de segunda mão, e revela pouca discriminação no separar o verdadeiro do falso e o provável do fantasioso. O seu pensamento é muitas vezes obscuro, devido à falta de conhecimento pessoal das matérias de que trata e à incapacidade de apreender o verdadeiro sentido das passagens que cita ou traduz. Mas a obra é um grande monumento de pesquisa e valiosa por nos fornecer pormenores de uma grande variedade de assuntos sobre os quais não possuímos qualquer outra fonte de informação» (GEPB). Para Plínio, a definição de natureza incluía o natural e o artificial, feito pelo homem, e a ideia de história estava associada a uma descrição e não a um sentido específico do passado (FINDLEN, 2006b:437). Dos 37 volumes desta obra-prima monumental, 17 são dedicados às plantas. Considerado um estudioso prodigioso e incansável, um dos eruditos mais extraordinários da história da humanidade, a sua influência durante a Idade Média e o Renascimento foi incomparável (DE WITT, 1992:95-101; FINDLEN, 2006b:437-438). «Compilador incansável» reuniu toda a informação sobre as plantas de Teofrasto e Dioscorides (JOHNSON, 1636; ADANSON, 1763:vii). «Pline, d'une insatiable curiosité envers le monde, n'est cependant ni un scientifique ni un philosophe» (MAGNIN-GONZE, 2004:25).

<sup>114</sup> «De Materia Medica», escrito em grego ao tempo do imperador Nero, é um tratado «dividido em seis livros, onde trata de substâncias medicamentosas na forma de aromas, óleos, unguentos, licores e gomas; estuda plantas e suas partes – raízes, caules, folhas, bolbos, frutos e sementes – e seus produtos, e vinhos, e sumos; produtos animais, compreendendo leite, enxúndia, mel; produtos minerais; e venenos e antídotos. No índice de drogas e plantas medicinais, há entradas com cerca de quatrocentas unidades» (GOUVEIA, 1983:299). A cópia mais antiga que se conserva do trabalho de Dioscorides é um manuscrito bizantino, em pergaminho, do século VI, designado de «Códex Vindobonensis» ou «Códex Aniciae Juliana», que se encontra hoje em Viena. Trata-se de um manuscrito que os cidadãos de Honoratae, perto de Bizâncio, ofereceram ao seu patrono, Juliana Anicia, em 510 dC. Em 1569, foi comprado, por um elevadíssimo valor, pelo diplomata austríaco – Ogier Ghislain de Busbecq (1522-1592), e trazido para Viena. Antes de ser entregue à Biblioteca Imperial de Viena, de Busbecq emprestou-o a Matthioli, que o estudou atentamente para redigir os seus «Comentários». Uma cópia do século VII, o «Códex Neapolitanus», conserva-se na Biblioteca de Nápoles. Existe também um códice do século VIII – o «Códex de Munique», ilustrado com mais de 900 pequenas, mas magníficas estampas, mais do dobro das 387 ilustrações do Códex de Juliana Anicia. Existe ainda um códice do século IX - «Herbarium Apulei», que se conserva em Monte Cassino, Itália. Ermolao Barbaro (1454-1493) traduziu para latim o texto grego. Esta tradução foi publicada pela primeira vez, em 1516, e reimpressa muitas vezes, tendo-se tornado a edição de referência até ao século XVIII. As descrições das plantas feitas por Dioscorides são muito breves, sendo o ênfase focado nas suas propriedades medicinais. Das plantas mencionadas por Dioscorides, 130 figuravam no «Corpus hippocraticum». A obra de Dioscorides foi interpretada por diversos mestres botânicos como Clúcio, Amato Lusitano (em 1536 no «Indere Dioscorides» e em 1553 na «In Dioscorides Anazarbei de Medica Materia»), Laguna e Matthiolo no século XVI, Tournefort e Sibthorp no século XVIII, que tentaram identificar as plantas mencionadas pelo antigo mestre. No entanto, as brevíssimas descrições das plantas dadas por Dioscorides dificultaram sobremaneira esta leitura botânica e taxonómica, e originaram as mais fantasiosas interpretações do texto do mestre antigo ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Ogier\\_Ghislain\\_de\\_Busbecq](http://fr.wikipedia.org/wiki/Ogier_Ghislain_de_Busbecq); LAWRENCE, 1965:8-9; DE WITT, 1992:101-102; ALLORGE & IKOR, 2003:91-92; MAGNIN-GONZE, 2004:23-25; FINDLEN, 2006b:438-439). «De Materia Medica», considerada uma das obras-primas da bibliografia botânica e médica de todos os tempos, foi apreciada por Galeno da seguinte forma: «na minha opinião escreveu o seu trabalho na maior das perfeições; apesar de muitos antes dele [Dioscorides] terem escrito bem sobre este assunto, nenhum escreveu tão bem como ele» (JOHNSON, 1636). Na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) existem duas traduções clássicas, comentadas, desta obra: uma, castelhana, de

III.2.], e o romano Plínio compendiou em seis livros da sua “Historia naturalis” [**Estampa** III.3.] tudo quanto se sabia, errado ou certo, sobre os vegetais. Muitos dos nomes dados por estes dois sábios ás plantas conservam-se ainda, como nomes de géneros, na nomenclatura moderna»<sup>116</sup>.

G. Sampaio considera então a Idade Média como um período morto no desenvolvimento da Botânica<sup>117</sup>, ressurgindo esta disciplina com a expansão portuguesa e espanhola, além-mar: «Depois de Plínio, a botânica conservou-se quási estacionária ou com progressos pouco notáveis até ao século XVI, em que as descobertas geográficas dos portugueses e espanhóis excitaram o desenvolvimento desta ciência, pela curiosidade e pelo interesse económico que despertavam as populações vegetais

Andrés Laguna, publicada em Salamanca, em 1566 (**Estampa** III.2.); outra, italiana, de P. A. Matthioli, publicada em Veneza em 1573. São obras valiosíssimas. A edição de Laguna não existia ao tempo de G. Sampaio, tendo sido adquirida, em 1948, seguramente por iniciativa de A. Pires de Lima, pelo custo de 300\$00.

<sup>115</sup> Efectivamente muitos nomes criados por Dioscorides permanecem hoje na nomenclatura botânica (DE WITT, 1992:102). Os grandes tratados de botânica dos séculos XVI-XVIII citam sistematicamente Dioscorides. Terá sido através destes textos que G. Sampaio teve um conhecimento pormenorizado da obra de Dioscorides.

<sup>116</sup> Existe na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP), um exemplar de uma tradução espanhola de Geronimo de Huerta desta História Natural de Plínio, publicada em 1624 (**Estampa** III.3.). Terá sido esta obra consultada por G. Sampaio?

<sup>117</sup> É no entanto de mencionar a contribuição para o estudo das plantas medicinais, de árabes notáveis como Avicena (Ibn Sina), Averbóis (Ibn Bushd), Rhazi e Serapio, que seguiram o estilo de Dioscorides e Galeno. «Avicena, no Livro II do Cãnone de medicina trata de «Medicinis simplicius», cujo índice apresenta mais de 2.000 unidades. Da folha 99 a 176 trata, por ordenação alfabética, de simples [plantas medicinais], iniciados com «anisum» (anis ou erva doce) a «zuccaro alhusar» (ar. súkhar, açúcar)» (GOUVEIA, 1983:300). Tournefort considerava Serapio como o botânico árabe mais importante: «Sérapion, qui vivoit dans le huitième siècle, est de tous les Arabes celui que s’est le plus appliqué à la connoissance des plantes et des drogues. On voit à la tête de ses oeuvres les noms de soixante et dix-neuf auteurs presque tous de son pays, des lumières desquels il avoit profité ; mais le corps de l’ouvrage est presque tout tiré de Dioscoride et de Galien» (TOURNEFORT, 1797:55). Na Idade Média, os mosteiros tornaram-se os centros dos estudos botânicos e da actividade dos herbolários. Dois importantes centros na Europa foram os mosteiros beneditinos de Monte Cassino (Itália) e de St. Gallen (Suíça). Os manuscritos medievais ocupam-se sobretudo de plantas medicinais, quiçá trazidas pelos monges durante as suas missões, e não de plantas das regiões onde são escritos. Os textos estão também impregnados do conteúdo das obras de Dioscorides e de Plínio – a tradução dos clássicos sobrepenha-se a uma observação directa e viva das plantas. Nos séculos XI-XIII, floresceu a Escola de Salerno, perto de Nápoles. Nesta escola trabalharam estudiosos árabes, judeus e cristãos. Constituiu-se uma excelente biblioteca de ciência. Ensinou-se. Traduziram-se os clássicos gregos. Uma das figuras proeminentes da escola foi o espanhol Arnaldo de Villanova (1235-1313), alquimista e astrólogo, que escreveu sobre plantas, medicina e agricultura (LAWRENCE, 1965:9-10). Neste período outros estudiosos e trabalhos importantes sobre as plantas e a História Natural foram Mateo Platearius (que escreveu «Circa instans»), Matthaeus Sylvaticus (que escreveu, com Simão Genuense, «Pandectae Medicinae» «em que são descritas as propriedades gerais e valor curativo de simples, em doenças relacionadas com determinados órgãos, e a enumeração dos simples especificados, cujas descrições são dadas em ordem alfabética, ocupando uma parte considerável do livro» (GOUVEIA, 1983:300)) e Bartholomaeus Anglus ou Bartholomew Glanvill (vivo em 1397 que escreveu «De proprietatibus rerum») (JOHNSON, 1636; LAWRENCE, 1965:10). Na segunda metade do século XV, a invenção da tipografia revolucionou totalmente a difusão das obras botânicas, que todavia eram minoritárias em relação às dedicadas à religião, ao direito e à política. Os incunábulo de botânica do século XV são hoje raridades valiosíssimas. O primeiro a ser impresso foi o «Macer Floridus» de Odo de Meung (Odón de Meudon), publicado em Nápoles, em 1477, por Arnoldus de Bruxella, em que são descritas as propriedades medicinais de 77 plantas. A esta edição, seguiram-se duas edições da «De Materia Medica» de Dioscorides em 1478, o «Herbarium Apulei» em 1484, o «Ortus Sanitatus» em 1484 e o «Gart der Gesundheit» em 1485 (LAWRENCE, 1965:11). Todavia, Tournefort apresenta a Idade Média como um período obscuro para a Botânica: «Après la mort de cês médecins Arabes, l’ignorance qui devint comme générale, fit oublier ce que la tradition avoit conservé de meilleur touchant la connoissance des plantes. On peut juger de la barbarie de ce temps-là par les œuvres de [...] On s’avisa, sur la fin du quinzième siècle, de tirer les anciens botanistes de la poussière où ils étoient depuis long-temps; est l’on entreprit, dans le commencement du seizième siècle, de rétablir l’ancienne botanique» (TOURNEFORT, 1797:55-56).

das novas terras. Mercê desta influência, produziu-se então como que uma grande febre de saber, sobressaindo muitos naturalistas viajantes<sup>118</sup>, fundando-se os primeiros jardins botânicos, na Itália<sup>119</sup>, e

---

<sup>118</sup> Associada à exploração botânica, criam-se, no século XVI, os primeiros herbários: «The more naturalists observed nature in situ, the more they realized that limited contact with specimens did not yield enough knowledge to describe and compare medicinal herbs. They needed to take nature home» (FINDLEN, 2006b:447). Os primeiros herbários constituem-se na década de 1540, por iniciativa de Luca Ghini. Rondelet aprendeu a técnica de secar as plantas para herbário, provavelmente com Ghini, durante uma viagem que realizou a Itália, em 1549. Já em 1554, Felix Platter, enquanto estudante de Medicina em Montpellier, preparava folhas de herbário. O herbário constituiu uma ferramenta indispensável no avanço da Botânica, dado que permitia ter sempre acessível ao estudo, um repositório da diversidade do mundo vegetal (FINDLEN, 2006b:447).

<sup>119</sup> Os primeiros jardins botânicos formaram-se em Itália - em Pádua, Pisa e Florença (1545), e Bolonha (1568), sob a direcção, primeiro de Ulisse Aldrovandi (1522-1605) e depois de Cesalpino. O Jardim Botânico de Leida formou-se em 1577, sob a direcção de Clúsio. O Jardim Botânico de Montpellier e o Jardim Botânico de Heidelberg foram fundados em 1593 e 1597, respectivamente. No fim do século XVI, existiam 13 jardins botânicos em cidades europeias. Em 1673, mais seis cidades da Europa apresentavam jardins botânicos. Estes jardins, onde se cultivavam não só espécies europeias como plantas do Novo Mundo, pretendiam representar um microcosmos do mundo natural. Neles se podiam observar, ao lado das espécies medicinais descritas nos grandes tratados de Botânica, as plantas das Américas e das Índias. Os Jardins Botânicos desempenhavam três funções principais: 1. Repositório de «medicamentos» vegetais. 2. Local de ensino, onde o professor de botânica ensinava, aos seus alunos, a natureza e virtudes das plantas. 3. Local de investigação, onde o botânico procurava conhecer melhor a planta em si, indo além do conhecimento das suas propriedades medicinais e curativas. Os primeiros estudos de morfologia e classificação nascem nos jardins botânicos. Cesalpino escreve «De plantis» enquanto ensinava na Universidade de Pisa e cuidava do seu Jardim Botânico (Jardim Botânico de Pisa). Bauhino estuda no Jardim Botânico de Pádua e no Jardim Botânico de Bolonha, em 1577-1578, antes de leccionar botânica na Universidade de Basileia. O seu «Pinax theatri botanici» de 1623 culmina décadas de estudo em jardins botânicos europeus. Com a criação de jardins botânicos, torna-se prática regular, a troca de sementes e plantas, entre regiões distantes e de floras diversas. Nos primeiros jardins botânicos, como o Jardim Botânico de Pádua, a disposição das plantas seguia sobretudo critérios estéticos e simbólicos. Estes critérios foram sendo substituídos por uma disposição das plantas por áreas de distribuição geográfica, já que o Jardim Botânico pretendia simbolizar uma miniatura do mundo vegetal conhecido. Clúsio redesenhou o Jardim Botânico de Leida, criando quatro quadrantes, representando os quatro continentes, cada um subdividido em 16 secções. No Jardim Botânico de Montpellier, fundado por Pierre Richer de Belleval, as plantas estavam associadas por habitat natural, e não por utilizações medicinais (SACHS, 1906:18; MCCLELLAN, 2003:101-102; FINDLEN, 2006a:280-283). Muito desfasados no tempo, o Jardim Botânico de Coimbra, e o Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, criados no século XVIII, tinham os objectivos dos jardins botânicos do século XVI. Todavia, agora, com a influência do Iluminismo, os Jardins Botânicos também deviam cultivar e estudar, além das imprescindíveis plantas medicinais, as plantas de uso alimentar e industrial, de alto valor económico. «Os “Estatutos Pombalinos” [da Universidade de Coimbra] dedicam um capítulo próprio, [preconizando a criação] de um Jardim Botânico no qual se mostrem as plantas vivas. “Pelo que, no lugar que se achar mais próprio e competente nas vizinhanças da Universidade, se estabelecerá logo o dito Jardim, para que nele se cultive todo o género de plantas e, particularmente, aquelas das quais se conhecer ou esperar algum préstimo da Medicina e nas outras Artes, havendo o cuidado, e providência necessária, para se ajuntarem as plantas dos meus Domínios Ultramarinos os quais têm riquezas imensas no que pertence ao Reino Vegetal”. [...] nele se cultivavam as plantas úteis “às Artes, em geral, e à Medicina em particular”. A existência do Jardim Botânico criava a obrigação de o mestre universitário de história natural o utilizar durante a regência do seu curso. Assim o exigiam os Estatutos: “Para dar um conhecimento exacto das plantas fará” o mestre “a demonstração delas no Jardim Botânico todas as vezes que for necessário, principalmente no tempo em que elas florescem e se distinguem melhor os seus diferentes caracteres, procedendo em tudo com o zelo que convém para formar discípulos solidamente instruídos nesta ciência” a Botânica “e capazes de a promoverem eficazmente por meio de observação (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:57-59). «O interesse do Real Jardim Botânico [Jardim Botânico da Ajuda] não se limitava a torná-lo em lugar apazível para os soberanos e meio de instrução e de educação científica para os infantes. Servia também, e em larga escala, para nele se efectuarem experiências sobre cultura de plantas das quais se pudessem vir a retirar benefícios de interesse económico para a nação [...] As espécies vegetais cultivadas no Jardim Botânico da Ajuda, que passavam de cinco mil, [...] vieram, [...] de toda a parte do mundo. Vandelli, ele próprio, fez “vir dos mais ricos Jardins Botânicos plantas vivas e sementes” e, num plano mais ambicioso, foi preparando os seus alunos matriculados na recém-criada Faculdade de Filosofia, para se dedicarem à busca, à colheita e à classificação de plantas no território português continental, insular e ultramarino. [...] Especial interesse tiveram também os governantes em tentar adaptar ao nosso clima continental e insular certas plantas trazidas do Ultramar, de alto valor económico como sejam o café, a canela,

desenvolvendo-se a botânica descritiva<sup>120</sup>, que desponta com os alemães Brunfels<sup>121</sup> e [Leonardo] Fuchs<sup>122</sup>, na primeira metade do século, e toma, a seguir, um excepcional incremento, com a publicação de numerosas obras em todos os paizes cultos. É a época dos grandes tratadistas<sup>123</sup>».

---

o algodão, o cravo-da-índia, a pimenta, o linho, o cânhamo.» (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:65-67). FINDLEN (2006a:280) associou a criação dos jardins botânicos ao aparecimento dos Teatros Anatômicos, no século XVI.

<sup>120</sup> Este verdadeiro renascimento da Botânica era descrito por TOURNEFORT (1797:56-59) da seguinte forma: «Il parut dans la suite de ce siècle-là [século XV] une foule de commentateurs, de critiques et de restaurateurs de l'ancienne botanique. Les plus fameux furent Leoniceus, Antonius Musa, Brasavolus, Otho Brunfelsius, Euricus Cordus, Ryssius, Valerius Cordus, fils d'Euricius, Amatus Lusitanus, André Laguna, Maranta, Tragus, Cornarius, Goupil, Fuchsius, Matthioli, Daléchamp, Camerarius». Todavia, Tournefort adverte para as limitações dos botânicos que se basearam exclusivamente nos textos dos clássicos antigos: «On doit tenir compte à ces auteurs de leur bonne intention ; mais ils s'appliquèrent peut-être avec trop d'attachement à chercher, dans les livres des anciens, des éclaircissements qu'il n'est pas possible d'y trouver, à cause qu'il n'y a presque rien dans le débris de leurs ouvrages, sur quoi l'on puisse compter avec certitude. [...] il falloit se consoler du peu de profit qu'on en pouvoit retirer, sur l'impossibilité qu'il y avoit de pouvoir reconnoître les plantes dont les anciens n'ont presque laissé que les noms». Para o botânico francês, a solução para a Botânica avançar era estudar novamente as plantas, mas agora com mais objectividade e rigor, e enquadradas num sistema de classificação moderno: «On aurait pu, ce semble, faire de la botanique une science fort utile et fort agréable, si l'on eût joint à l'étude des livres anciens une exacte recherche de la nature ; et sur-tout, si l'on eût commencé par établir les genres et les classes des plantes sur des principes assurés». Como interpretar objectivamente os textos clássicos? Como saber a que planta se referia por exemplo Dioscorides quando a designava por um nome vulgar? Tournefort é de opinião que se devia utilizar, como guia, o nome vulgar e as propriedades medicinais, na altura reconhecidas, porque «les noms que les anciens donnoient aux plantes ne soient pas si fort déguisés, que l'on ne reconnût encore, dans le langage ordinaire de ceux du pays, quelques-unes de leurs syllabes. L'usage de leurs vertus n'est peut-être pas entièrement perdu». Tournefort termina o raciocínio em tom positivo, enaltecendo a obra de grandes mestres botânicos dos séculos XVI-XVII: «Nous devons aux veilles et aux fatigues de Dodonée, de Cesalpin, de Clusius, de Lobel, de Columna, de Prosper Alpin, des deux Bauhin, et de quelques autres, ce que la botanique a de plus précieux et de plus solide. Ils l'ont enrichie de ce que l'Europe produit de meilleur, sans trop embarrasser si Théophraste et Dioscoride en avoient parlé».

<sup>121</sup> Otho Brunfels (1488-1534) era monge cartuxo, mas abandona a regra para se tornar pregador protestante luterano itinerante. Todavia renuncia à teologia para se dedicar à medicina, obtendo o título de médico em Basileia, em 1530. Os desenhos de plantas que inclui nos seus trabalhos são rigorosos e verídicos – os primeiros a representarem fielmente as plantas, e de qualidade muito superior aos seus textos botânicos, que contêm muitas imprecisões de citações de Dioscorides. Publicou «Herbarum vivae eicones» em três volumes (1530, 1532 e 1536), com edição em Estrasburgo. As gravuras, sobre madeira, são de Hans Weiditz (muito provavelmente aluno de Albrecht Dürer) e de qualidade excepcional. Pensa-se que os desenhos originais foram executados como aguarelas, a partir das quais se elaboraram as gravuras. A primeira edição da obra apresenta 135 gravuras, e as seguintes, 260. Como era típico da época, Brunfels interessava-se sobretudo pelo valor medicinal e pela utilidade doméstica das plantas, cujas propriedades eram, às vezes, erradamente conhecidas, devido a superstições e lendas de feitiçaria (JOHNSON, 1636; LAWRENCE, 1965:14-15, 1973:23; DE WITT, 1992:179-180; STRATTON, 1999; MAGNIN-GONZE, 2004:60-61). Num dos cadernos de apontamentos dedicados aos tratadistas clássicos, G. Sampaio cita a obra deste autor: «*Herbarum de 1530*», transcrevendo, de seguida, alguns nomes latinos de plantas.

<sup>122</sup> Leonhardt Fuchs (1501-1566) foi professor de medicina em Tubinga. Publicou, em 1542, em Basileia, «*De historia stirpium*», que alcançou grande sucesso, sendo traduzida para diversas línguas e editada várias vezes. Descreve mais de 500 plantas, sendo a maioria da flora espontânea alemã. As ilustrações, mais de cinco centenas, em formato grande, gravadas em madeira por Veit Rudolph Speckle, a partir de desenhos de Albert Meyer, representam plantas em plena maturação, e são de grande precisão e excelente qualidade - «alguém disse serem dignas de Holbein» (GEPB). Esta obra contém, em quatro páginas iniciais, a primeira lista de terminologia botânica. É considerada a melhor flora do século XVI. Foi estudada com particular atenção por botânicos posteriores como Dodonaeus e Bauhin. As obras de Brunfels e Fuchs contêm as primeiras boas ilustrações botânicas (GEPB; SACHS, 1906:20-21; LAWRENCE, 1965:15-16; DE WITT, 1992:183-185; STRATTON, 1999; ALLORGE & IKOR, 2003:92-93; MAGNIN-GONZE, 2004:62; FINDLEN, 2006b:443). Num dos cadernos de apontamentos dedicados aos tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu o seguinte sobre a flora de Fuchs: «*De Historia stirpium commentarii insignes, 1 vol., 1.ª edição (1542-1545)*. Esta obra tem muitas edições. Biblioteca de S. Lázaro (Pôrto), cuja edição é de 1555 (Lugduni)». Desta obra, G. Sampaio transcreve alguns nomes latinos de plantas.

<sup>123</sup> Os tratadistas do século XVI são também herbolários, dado que as suas obras tratam fundamentalmente das plantas medicinais – sua caracterização botânica, importância médica e usos terapêuticos. Estes botânicos, além de possuírem conhecimentos aprofundados das floras regionais e da Medicina da época, dominavam as línguas clássicas, como o grego e

Do século XVI, G. Sampaio destaca dois portugueses notáveis, Amatus Lusitanicus e Garcia de Horta. De Amatus Lusitanicus<sup>124</sup> (João Rodrigo Castel-Branco), G. Sampaio refere a publicação, em 1553, de “Dioscorides de matéria medica libros quinque enumerationes”<sup>125</sup>. De Garcia de Horta<sup>126</sup> refere a publicação em 1563 do “Coloquios dos simples<sup>127</sup> e drogas”<sup>128</sup> que «adquiriu uma enorme reputação nos centros cultos, sendo vertido para latim por Clusio [Clúcio] e, depois, para italiano e para francês».

---

o latim, e por vezes o árabe. O objectivo dos seus trabalhos era descobrir as plantas empregues pelos médicos antigos, conhecimento que se tinha perdido no tempo. Baseavam-se nas cópias disponíveis dos textos de Teofrasto, Dioscorides, Plínio e Galeno, mas as descrições imprecisas destes autores antigos tornava a tarefa muito complexa. A este facto acrescia que muitas plantas descritas pelos antigos não existiam na Europa, e muitas plantas nativas da Europa não constavam dos textos antigos. Muitos géneros de plantas comemoram os nomes dos grandes tratadistas, como por exemplo *Brunfelsia* (de Brunfels), *Fuchsia* (de Fuchs), *Lobelia* (de Lobélio), *Gerardia* (de Gerard) e *Clusia* (de Clúcio) (SACHS, 1906:3-4; LAWRENCE, 1965, 1973:23). Ver nota anterior.

<sup>124</sup> Ver capítulo seguinte.

<sup>125</sup> Matthiolo, na sua «Opera omnia» publicada em 1674, incluiu um trabalho sobre a obra de Amatus: «Apologia adversus Amatum Lusitanum cum censura in ejusdem enarrationes». Amatus Lusitanicus e Matthiolo foram dois dos mais importantes divulgadores da obra de Dioscorides (JOHNSON, 1636).

<sup>126</sup> GOUVEIA (1983:303-309) descreveu da seguinte forma a vida e obra de Garcia de Horta (1499-1568). Nasceu em Elvas. Terminou a sua formação académica nas Universidades de Salamanca e Alcalá, por volta de 1523. Regressa a Portugal e exerce medicina em Castelo de Vide. Mais tarde, de 1531 a 1532, é professor de Filosofia Natural na Universidade de Lisboa. Em 1534 «embarca para a Índia, onde em Goa, num meio para ele excepcionalmente propício a estes estudos, cerca de 30 anos depois, publica em 1563 os “Colóquios dos Simples e Drogas”, resultado de trabalhos que tiveram por finalidade “saber e descobrir a verdade das plantas medicinais simples, que nesta terra nascem, das quais tantos enganos e fábulas não somente os antigos mas muitos dos modernos escreveram”. «Nas obras de Orta há numerosíssimas referências aos clássicos, aos árabes e aos “modernos” [...] Nos problemas de identificação e descrição das propriedades dos simples e drogas da Índia, censura com penetrante sentido crítico, particularmente, os clássicos gregos e latinos, que acusa de exporem assuntos de que muitas vezes não tinham conhecimento directo e rigoroso; a sua crítica é mais benevolente para os árabes, que considera mais conhecedores dos produtos e das suas origens; e, com algumas excepções [...] desdenha dos “modernos” que considera mal informados, repetindo erros de clássicos e árabes. Orta defende o rigor experimental e de observação, não é criador, ou mesmo receptivo de ideias ousadas, mas paciente colector de factos e de verdades cientificamente reconhecíveis, atitude que dá à sua obra excepcional valor, reconhecido pela quase imediata publicação de traduções adaptadas em várias línguas e países da Europa [...] [Garcia d’Orta] submete toda a ciência apresentada a rigorosa crítica [...] Em toda a sua obra, a primazia do trabalho científico é evidente [...] Em cada Colóquio o ponto central é sempre o produto útil, com a sua descrição, preparação e características. Se provém de plantas identifica-as e às vezes descreve-as, mas a maior atenção vai para a droga [...] Trata de problemas técnicos de purificação, de branqueamento, de falsificações, referindo a utilização de aparelhagem e instrumentos, com a descrição de processos. Faz usualmente um bosquejo histórico da droga ou simples, e refere-se a autores que anteriormente os trataram [...] presta especial cuidado à identificação das diferentes espécies [botânicas]. [Em resumo] Orta é um estudioso dos produtos naturais da Índia e do Oriente, aplicando para seu conhecimento um método rigorosamente científico. A sua formação era essencialmente médica [...] e a sua experimentação consistia essencialmente na observação rigorosa e crítica dos produtos, das suas propriedades, e dos seus efeitos. Evita a influência de conceitos acumulados pelos silogismos aristotélicos, e adopta uma atitude empírica donde tira todos os seus conhecimentos. É esta uma norma científica de procedimento que se intensifica e generaliza nos séculos seguintes (XVII e XVIII), principalmente através de mais intenso trabalho laboratorial. Nas ideias e actuação de Orta verifica-se a intenção de pôr de parte tudo que seja obscuro e não verificado, modo de actuar que representa um nítido progresso para fundamentar aquilo que mais tarde seria a ciência química. A desvantagem de Orta em relação a outros químicos contemporâneos está na falta de instalações laboratoriais e do conhecimento prático das tecnologias químicas especializadas». Morre na Índia (GEPB; COLMEIRO, 1858:151; ROZEIRA, 1970; GOUVEIA, 1983:303-309). O Conde de Ficalho publicou na Imprensa Nacional em Lisboa, a monografia «Garcia da Orta e o seu tempo» (FICALHO, 1886).

<sup>127</sup> Designam-se de «simples» as plantas usadas para fins medicinais e terapêuticos, isoladamente, sem mistura com outras plantas ou substâncias inertes (ALLORGE & IKOR, 2003:42).

<sup>128</sup> A secção de Botânica da Faculdade de Ciências, por iniciativa de G. Sampaio, adquiriu, em 1929, um exemplar desta obra de Garcia de Horta, datada de 1891-95, pelo preço de 40\$00.

Para G. Sampaio, Conrado de Gesner<sup>129</sup> foi quem pela primeira vez estabeleceu o conceito moderno de género como categoria taxonómica: «o suíço Gesner, que redigiu as suas obras entre os anos de 1540 e 1565, sendo o primeiro que reconheceu um valor particular nos caracteres das flores e dos frutos para a constituição dos géneros, isto é, de grupos de espécies com semelhança de organização»<sup>130</sup>.

A delimitação das famílias modernas e a criação de muitos binomes específicos deve-se a um contemporâneo de Gesner, o francês Lobélio<sup>131</sup> «que em 1570 imprimiu os seus tratados, onde se

---

<sup>129</sup> Konrad Gesner (Gessner) (1516-1565) foi professor em Zurique (em 1536) e em Lausana (de 1537 a 1540), cirurgião e professor de Ciências Naturais, novamente em Zurique, a partir de 1555. Funda um jardim botânico (Jardim Botânico de Zurique) e um gabinete de história natural. É considerado um exemplo típico do homem ilustre do século XVI: eclético, estudando numerosas disciplinas, das letras às ciências, e enciclopedista, escrevendo obras de compilação e síntese, como a sua monumental «*Bibliotheca Universalis*» em 20 volumes, publicados em Zurique entre 1545 e 1555, que pretendia ser a súpula de todo o conhecimento à época. Publica, em 1541, em Paris, a sua «*Historia plantarum*» «espécie de vade-mecum didáctico e dicionário portátil» (GEPB). Foi publicada, postumamente, em fascículos, entre 1751 e 1771, a «*Opera botanica*» (**Estampa III.4.**). Considera a estrutura da flor e do fruto, importantes na classificação das plantas. Apesar da sua obra botânica ser reputada, a sua obra-prima é «*Historia animalium*» (quatro volumes, publicados em Zurique, em 1551-1558; o quinto volume foi editado em 1587) - a principal obra de referência de zoologia do século XVI, considerada por Cuvier como um dos fundamentos da Zoologia moderna. «*Todavia, Plínio e Aristóteles são seus principais mestres (os seres são agrupados pelos princípios plinianos e aristotélicos) e a obra peca por excesso de fantasia no que respeita a determinados animais. Chama-se-lhe o Plínio alemão, epíteto que lhe deu também Cuvier*» (GEPB). Editou as obras de outro naturalista notável, o alemão Valério Cordus (1515-1544). As suas ilustrações são notáveis em exactidão e legendagem, e revelam que Gesner, à semelhança de Leonardo da Vinci, considerava que a atenção ao pormenor era indispensável para uma compreensão cabal do organismo: «*in order to know a thing, it is necessary to represent and describe*» (PYLE, 2000). Morreu de peste com 49 anos (GEPB; SACHS, 1906:20; DE WITT, 1992:188-191; MAGNIN-GONZE, 2004:72-73; FINDLEN, 2006b:435,445).

<sup>130</sup> Tournefort exprimia esta ideia nos seus «*Éléments de botanique*»: «*Nous devons à Gesner, la pensée d'établir les genres des plantes, par rapport à leurs fleurs, à leurs semences et à leurs fruits. Ce savant homme, à qui l'histoire naturelle est si redevable, s'explique assez clairement sur ce sujet, en deux endroits de ses lettres. Les caractères des plantes sont plus sensibles, dit-il, dans les fruits, dans les semences et dans les fleurs, que dans les feuilles. C'est par leur moyen, que j'ai reconnu que l'herbe aux poux et le pié d'alouette étoient de même genre que l'aconit. Il a dit à peu près la même chose dans une autre lettre adressée à Adolphus Occo, fameux médecin d'Aubourg. Il semble, dit-il, que la melisse de Constantinople approche en quelque manière du Lamium ; mais elle en diffère par la figure de la semence, qui est la partie dont je me sers principalement pour juger des rapports des plantes*» (TOURNEFORT, 1797:65).

<sup>131</sup> Matthias de l'Obel (1538-1616) nasceu em Ryssele, na Flandres, e estudou em Montpellier. Foi médico pessoal de Guilherme d'Orange. Após o assassinato de Guilherme d'Orange, Lobélio praticou medicina na Bélgica, durante alguns anos. Mais tarde, parte para Inglaterra, onde se torna «botanicus» na corte de Jaime I. Publicou, em 1570, «*Stirpium adversaria nova*», que pretende ser uma actualização da «*De Materia Medica*» de Dioscorides, mas que contém ilustrações pequenas e de fraca qualidade. Em 1576, publicou «*Plantarum seu stirpium historia*» (**Estampa III.4.**), uma ampliação e melhoramento de «*Stirpium adversaria nova*». A obra contém 1.450 figuras, constituindo uma verdadeira flora dos arredores de Montpellier e de Cévennes. Publicou posteriormente, em 1581, em holandês, um trabalho em que compilou toda a informação contida nestas duas obras precedentes – o «*Kruidboeck*». Contém mais de 2.000 figuras de plantas, impressas por Cristophe Plantin. Em 1605, publicou mais uma edição ampliada da «*Stirpium adversaria nova*». Publicou ainda uma edição crítica da «*Pharmacopea*» de Rondelet (JOHNSON, 1636; SACHS, 1906:31-32; LAWRENCE, 1965: 16; DE WITT, 1992:197; ALLORGE & IKOR, 2003:109-110; MAGNIN-GONZE, 2004:68-69). Lobélio dividiu as plantas em sete classes, considerando a sua constituição, dimensões e qualidades medicinais. Duas destas classes - as orquídeas e as palmeiras, podem considerar-se como naturais (ADANSON, 1763:viii).

encontram secções que correspondem a verdadeiras famílias naturais e designou já várias plantas por binomes que ainda hoje se mantêm»<sup>132</sup>.

Para G. Sampaio outro notável botânico do século XVI foi «o francês [Carlos] Clúcio<sup>133</sup>, que visitou Portugal e a Espanha, publicando entre 1576 e 1601<sup>134</sup> os seus magníficos livros, em que revela uma perfeição notável nas descrições<sup>135</sup>».

<sup>132</sup> G. Sampaio estaria aqui a referir-se a «Plantarum seu stirpium historia», publicado em 1576. Existe um exemplar desta obra na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) (**Estampa III.4.**). Toda a monografia se encontra em latim. A descrição de cada género começa por uma transcrição de Dioscorides. Seguem-se as descrições das espécies. Algumas designadas por dois nomes, outras por vários. Muitas das espécies estão ilustradas, por desenhos de boa qualidade. Não contém anotações, mas a obra foi consultada por G. Sampaio. Num dos cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu em relação a esta obra: «*Plantarum seu Stirpium historia, Antuerpia, 1576. Nota - A Stirpium adversa nova é de 1570 (Londres) (de colaboração com Pena (12.ª edição é de 1576, Antuerpia))*. *Observationes sive stirpium historia é de 1570. Icones plantarum – 1580*». Segue-se uma longa lista de nomes latinos de plantas.

<sup>133</sup> Charles de l'Écluse ou de Lécluse (Clusius) (1526-1609) é, como Gesner, o erudito típico do século XVI: poliglota, historiador, geógrafo e naturalista. Estuda em Lovaina, Marburg e Wittenberg. Viaja pela Alemanha e pela França, e de 1551 a 1554, estuda medicina em Montpellier, com o notável naturalista Guilherme de Rondelet (1507-1566). Foi nesta última cidade, sob a direcção de Rondelet, que Clúcio principiou a herborizar. Em 1554, voltou aos Países Baixos, onde iniciou o convívio com Dodoens. Clúcio encarrega-se, então, da publicação de uma tradução para francês do Cruydeboeck de Dodoens, que intitula «Histoire des plantes» e que publica em 1557. Entre 1560 e 1565, trabalha em Paris e Inglaterra. Durante ano e meio viaja pela Península Ibérica. Da expedição resulta a publicação, em 1576, de «Rariorum aliquot stirpium per Hispanium» e também o contacto inicial com a obra de Garcia de Horta. Verificando ter o livro de Garcia de Horta grande importância, traduziu-o para latim e resumiu-o, resultando na edição da «Aromatum et simplicium aliquot medicamentorum apud indos nascentium historia». Deve-se efectivamente a Clúcio, a divulgação inicial das obras de Garcia de Horta. Também traduziu para latim e resumiu um livro valioso de Cristóvão da Costa, «Tractado de las drogas, y medicinas de las Indias Orientales», resultando na publicação, em 1582, do «Aromatum et medicamentorum in orientali India nascentium liber». Em 1573, é director do Jardim Botânico de Maximiliano II, em Viena (Jardim Botânico de Viena). Finalmente, em 1593, é professor de botânica na Universidade de Leida, onde cria um «Jardim das Plantas» (Jardim Botânico de Leida). Clúcio dividiu as plantas em sete classes, considerando as suas dimensões, qualidades medicinais e a sua constituição. As plantas criptogâmicas mereceram-lhe especial atenção. A primeira parte da «Opera omnia» (1601) contém a descrição de mais de 100 espécies de fungos. Clúcio é considerado, por isso, um dos fundadores da micologia (GEPB; JOHNSON, 1636; LEMOS, 1899:217; SACHS, 1906:30; WALTER & ALVES, 1964:v-vi; LAWRENCE, 1965:16; DE WITT, 1992:194-197; ALLORGE & IKOR, 2003:110-113; MAGNIN-GONZE, 2004:67-68; FINDLEN, 2006b:445). As suas descrições das plantas são superiores às de Dodaneo e Lobélio (ADANSON, 1763:ix). «Sens aigu de l'observation, connaissance parfaite de son sujet, rigueur scientifique du propos ; ses admirateurs ne se sont pas trompés en surnommant de l'Écluse "prince des descripteurs" » (ALLORGE & IKOR, 2003:113). «Da sua vasta obra de vulgarização faz parte o resumo latino dos Colóquios e é essa a razão de não terem ficado esquecidos o livro e o autor» (GEPB). A Junta de Investigações do Ultramar editou, em 1964, uma tradução portuguesa da «Aromatum et simplicium» de Clúcio. Parte da bibliografia de Clúcio está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>.

<sup>134</sup> G. Sampaio referia-se a várias obras deste botânico que, já em 1911, existiam na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto. Num exemplar de «Rariorum plantarum historia», publicado em 1601, G. Sampaio escreveu a seguinte anotação manuscrita (**Estampa III.5.**): «*Edição original, de 1601. G. S.*». Num dos seus cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos escreveu acerca desta obra: «*Rariorum plantarum historiae, Anvers, 1601 (edição original)*. *Nota. Tem mais este autor: Exoticorum liberi, Anvers, 1605. Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observ., Anvers, 1576*». Toda a monografia se encontra em latim. A gravura da folha de rosto tem representadas duas personagens, identificadas - Teofrasto e Dioscorides, indicando portanto quais eram, para Clúcio, os fundadores da Botânica. As plantas estão descritas em seis capítulos (livros). Muitas são designadas por dois nomes. Outras por vários nomes. Existem diversas anotações de G. Sampaio. Muitas referências à Lusitânia, como nomes vulgares em português, estão sublinhadas a lápis de cor. Alguns géneros estão extensivamente anotados por G. Sampaio, como: *Cistus*, *Rhamnus* e *Narcissus*. Existe um capítulo à parte para os fungos: «*Fungorum in pannoniis observatorum brevis historia*», em que estão descritos 26 géneros. Neste mesmo caderno de apontamentos, G. Sampaio escreveu sobre outras obras deste autor: «*Exoticorum Liberi Decem, Anvers, 1605*» e «*Rariorum aliquot stirpium per Hispanias observationes Historia, Antuerpia, 1576*», das quais transcreveu diversos nomes latinos de plantas.

Ainda deste século, considerou botânicos notáveis, como: «o holandês Dodaneo<sup>136</sup>, que em 1583 deu á luz a principal das suas obras, com as diagnoses de muitas espécies novas»<sup>137</sup> e «o italiano Cesalpino<sup>138</sup>, que é o fundador do primeiro sistema artificial de classificação, exposto em 1583 no seu “De plantis libri XVI”, sistema que divide os vegetais de que trata em 15 classes apoiadas sobre

<sup>135</sup> Clúsio foi efectivamente um observador excepcional. Descreveu cerca de 600 novas plantas com tal precisão e rigor que foi possível identificá-las com segurança (DE WITT, 1992:194-197).

<sup>136</sup> Rembert Dodoens (Dodoneus) (1517-1585) estudou medicina em Lovaina. Em 1548, é medico-chefe em Malines (Mechelen), e posteriormente em Viena, tornando-se médico pessoal do imperador Maximiliano II e seguidamente do imperador Rudolfo II. Em Viena, encontra Clúsio, então director do Jardim Botânico do Imperador (Jardim Botânico de Viena). Em 1577, instala-se em Colónia, posteriormente em Mechelen, e finalmente em Antuérpia. Em 1582, é professor de medicina em Leida, cidade onde morre. Em 1554, publica, em flamengo, uma flora - «Cruydeboek», em que descreve mais de 1.000 espécies de plantas, acompanhadas de cerca de 700 estampas de gravuras sobre madeira (reproduzidas da obra de Fuchs). A obra foi re-editada muitas vezes em flamengo, inglês e latim (a 13.<sup>a</sup> edição em flamengo, foi publicada em 1644). Em 1583, publica «Stirpium historiae pemptades sex», onde descreve mais de 2.000 plantas, acompanhadas de mais de 1.300 ilustrações (**Estampa III.6.**). Dodaneo descreve as plantas com precisão e rigor (LAWRENCE, 1965:16; DE WITT, 1992:193-194; MAGNIN-GONZE, 2004:70). Dodaneo classifica as plantas em 29 classes, de acordo com as suas qualidades e propriedades, a sua dimensão e a sua constituição (ADANSON, 1763:viii; D’AVOINE, 1850). Clúsio traduziu para francês algumas obras de Dodaneo. «Stirpium historiae pemptades sex» de Dodaneo influenciou directamente a obra do botânico inglês John Gérard - «The herball or general historie of plantes» publicada em 1633 e 1636 (JOHNSON, 1636). D’AVOINE (1850) publicou uma lista de equivalência entre os nomes utilizados por Dodaneo e os nomes lineanos.

<sup>137</sup> G. Sampaio refere-se à obra «Stirpium historiae pemptades sex. Sive liberi XXX» que, já em 1911, existia na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto (**Estampa III.6.**). Neste exemplar, G. Sampaio escreveu a seguinte anotação: «Esta é a principal obra de Dodoens, que n’ella refundiu todas as suas obras anteriores. É esta a edição original. Gonçalo Sampaio (1909)». Num dos cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos, escreveu a propósito desta obra: «Stirpium Historiae Pemptades sex sive libri XXX, Anvers, 1583. Nota – É esta a principal obra do auctor, que n’ella refundiu as suas obras anteriores. Edição original». De seguida transcreveu, desta obra, muitos nomes latinos de plantas. Toda a monografia se encontra escrita em latim. A obra está organizada em seis partes («pemptades»), cada uma tem vários livros, que por sua vez cada um contém vários capítulos. Em cada capítulo, as plantas estão ordenadas por géneros. Cada género é descrito pormenorizadamente. As diferentes espécies de cada género, designadas pela nomenclatura polinomial, estão também descritas com pormenor. A maioria das espécies está acompanhada de uma ilustração. No final existem vários índices, contendo um destes índices todas as plantas citadas no trabalho.

<sup>138</sup> Andrea Cesalpino (1519-1603), médico e botânico italiano, natural de Arezzo, foi professor na Universidade de Pisa e director do seu Jardim Botânico (Jardim Botânico de Pisa). Depois passa para Roma, onde é médico pessoal do Papa Clemente VIII e professor do Colégio de Ciências. Viveu em Roma até à sua morte. Atribui-se-lhe a descoberta da circulação pulmonar do sangue. Estabelece semelhanças entre a estrutura e a circulação, nos animais e nas plantas. Para Cesalpino, o sangue é análogo da seiva. As plantas extraem a seiva do solo, que contem todos os nutrientes de que a planta necessita para viver. Onde se encontra o coração das plantas? Para Cesalpino, as plantas têm um pequeno coração – o «corculum», situado na plântula entre os cotilédones, e nas plantas adultas, entre a raiz e o caule. A cabeça das plantas é a raiz, porque uma planta absorve os seus nutrientes através deste órgão. A medula das dicotiledóneas é homóloga da coluna vertebral dos vertebrados. É considerado um botânico aristotélico, cujas conclusões se fundamentavam mais no raciocínio do que na observação (GEPB; SACHS, 1906; LAWRENCE, 1973:23; DE WITT, 1992:200-201, 350-353; DEAR, 2006:117). «Filósofo muito discutido, e acusado de ateu nos tribunais da Inquisição, nega a alma sensitiva dos animais, mesmo dos mais perfeitos, e situa a alma humana no coração, como centro das sensações» (GEPB). A sua obra principal, «De plantis libri xvi», publicada em 1583, é constituída por 16 livros, onde são descritas 1.520 plantas. O seu conceito de género, como categoria taxonómica, aproxima-se da aceção moderna, tendo portanto exercido influência em botânicos posteriores como Tournefort e Lineu (PORTER, 1959:11). Tournefort explicitava-o da seguinte forma: «Cet auteur regardoit les fruits et les semences, comme les parties des plus essentielles des genres. On a eu raison, dit-il, d’établir plusieurs genres de plantes sur la production et sur la structure des fruits, puisque la nature n’emploie pour la production d’aucune autre partie des plantes, un aussi grand nombre de différentes pièces» (TOURNEFORT, 1797:66-67). Cesalpino distribuiu as plantas por 15 classes, de acordo com as características da raiz, da flor, do fruto e da semente (ADANSON, 1763:ix-x; MAGNIN-GONZE, 2004:76-77). «Deve-se-lhe a descoberta do sexo nos órgãos das flores, sendo considerado o precursor de Lineu» (GEPB). O seu herbário, preparado em 1563, e constituído por 768 espécimes, identificados com os respectivos nomes latinos e italianos, encontra-se hoje no Museu de História Natural de Florença (PORTER, 1959:11).

caracteres dos frutos e subdivididas em 47 ordens<sup>139</sup>. Foi este ensigne botânico quem, pela primeira vez, notou e aproveitou como elemento taxinómico o número de cotilédones do córculo seminal»<sup>140</sup>.

Na viragem do século XVI para o XVII, G. Sampaio salienta duas figuras notáveis, os irmãos Bauhino, Gaspar e João: «em 1596, o suíço Gaspar Bauhino<sup>141</sup> faz aparecer o seu célebre “Pinax”, que é um tratado enorme sobre a sinonímia de seis mil plantas conhecidas no seu tempo<sup>142</sup> [Estampa

<sup>139</sup> Admitindo seguir as doutrinas de Aristóteles – a forma de um órgão provém da sua função, Cesalpino considerava que, no reino vegetal, a estrutura do fruto reflecte a semelhança e proximidade entre as espécies. Para Cesalpino, o fruto desempenha uma função primordial dado que é o garante da perenidade. Diversas das categorias taxonómicas propostas por Cesalpino ainda hoje são aceites (DE WITT, 1992:200-201).

<sup>140</sup> G. Sampaio não destaca, neste texto, dois botânicos notáveis do século XVI: Pier Andrea Matthioli (Mathiolo, Matthiolo, Matthiolus) (1501-1577) e Fabius Columna (1567-1650). Matthioli foi médico do Arquiduque Ferdinando I e do Imperador Maximiliano II de Áustria. Foi um estudioso das obras clássicas de Plínio e de Dioscorides. Os seus «Comentarii in sex libros Pedacii Dioscoridis» são muito mais do que uma tradução da obra do mestre grego, dado que Matthioli acrescenta as suas próprias observações botânicas e médicas às plantas descritas por Dioscorides. Matthioli foi o primeiro estudioso sério do «Códex Aniciae Julianae», da obra do mestre grego. Conheceu pessoalmente Clúcio e provavelmente Dodoens (SACHS, 1906:29; LAWRENCE, 1965:16-17).

<sup>141</sup> Kaspar (Gaspard) Bauhin (1560-1624) forma-se em medicina em Basileia, em 1581, onde se torna professor de anatomia e botânica. Publica «Phytopinax» em 1596, «Prodromus pinax theatri botanici» em 1620, e «Pinax theatri botanici» em 1623. Estas obras são compilações da informação conhecida na época sobre as plantas. Para cada espécie, Bauhin apresenta, de forma exaustiva, os sinónimos conhecidos. Todas as partes da planta são descritas de forma breve, mas concisa: «the description of a single species is here in fact developed into an art and becomes a diagnosis» (SACHS, 1906:33). Algumas espécies são designadas por dois nomes, sendo pois um precursor da nomenclatura binomial que se estabelecerá em definitivo mais de um século depois. Todavia, a maioria é designada pela nomenclatura polinomial. No «Prodromus» descreve ca. de 600 espécies novas. O «Pinax», publicado em 1623, sintetiza toda a obra de Bauhin. São descritas ca. de 6.000 plantas. JOHNSON (1636) descreveu-o como o resultado de 40 anos de trabalho. Tournefort caracteriza-o da seguinte forma: «le Pinax de Gaspard Bauhin, qui est un excellent livre, où ce savant homme a ramassé tous les différents noms que les auteurs qui l’ont précédé ont donné aux espèces de plantes» (TOURNEFORT, 1797). Em «Pinax», o conceito de espécie e de género aproximam-se da concepção moderna. Um género é um conjunto de espécies bem diferentes das espécies pertencentes a outro género. O género é, para Bauhin, uma constelação morfológica, obtida a partir da síntese de um conjunto dos caracteres comuns a um grupo de espécies, com afinidades evidentes. A espécie é, para Bauhin, um conjunto de plantas morfológicamente muito próximas. As obras de Gaspar Bauhino foram consideradas como a «bíblia» dos botânicos até às obras de Lineu (GEPB; JOHNSON, 1636; SACHS, 1906:33-36; DE WITT, 1994:28-30; ALLORGE & IKOR, 2003:110; MAGNIN-GONZE, 2004:81-83). G. Bauhino dividiu as plantas em 12 classes, considerando a sua constituição e composição, e as suas qualidades e propriedades (ADANSON, 1763:xiii-xiv). O «Prodromus pinax theatri botanici» está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

<sup>142</sup> Existia, em 1911, na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto um exemplar do «Theatri botanici» deste autor, datado de 1671 (cuja 1.ª edição é de 1623) Este exemplar encontra-se hoje no Departamento de Botânica (FCUP) (Estampa III.7.). Muitos nomes de autores, de géneros e de espécies estão sublinhados a lápis vermelho. São provavelmente marcações de G. Sampaio. Num dos seus cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos escreveu sobre esta obra: «*Pinax theatri botanici*, edição 2.ª (1671). A edição 1.ª é de 1623». Desta obra são transcritos dois binomes específicos. Trata-se de uma obra monumental, que compila muita da informação conhecida à época sobre as plantas. Todos os grandes tratadistas do passado são citados: «Amatus, Anguillara, Aristoteles, Avicenna, Caesalpinus, Clusius, Columna, Dioscorides, Dodonaeus, Galenus, Hippocrates, Lobelius, Matthiolus, Oviedus, Plinius, Svvertius, Virgilius». As plantas estão organizadas por grupos. Em cada um, são descritos os géneros. A maioria dos géneros é designada por uma única palavra, cuja etimologia é apresentada. Em cada género são apresentadas as espécies. As espécies são designadas por duas ou mais palavras. Para cada espécie, estabelece correspondência com as plantas descritas pelos tratadistas clássicos. No final, existe um índice com os nomes dos géneros e das espécies. Toda a obra está escrita em latim.

III.7.]. Seu irmão mais velho, João Bauhino<sup>143</sup>, redigiu uma “*Historia universalis plantarum*”, que contem tudo quanto em botânica se havia escrito, mas que só veio a imprimir-se em 1660».

No século XVII, a invenção do microscópio permitia a descoberta da célula e dos tecidos vegetais<sup>144</sup>. G. Sampaio destaca «o inglês Grew<sup>145</sup> e o italiano [Marcelo] Malpighi<sup>146</sup> [que] fundam a histologia, em trabalhos publicados entre 1673 e 1675, representando as composições de tecidos vegetais, com desenhos de células, de vasos e de traqueias, ao mesmo tempo que estudam a anatomia e a germinação das sementes»<sup>147</sup>.

<sup>143</sup> João Bauhino (1541-1613), médico franco-suiço, é importante pela sua obra póstuma, excelentemente ilustrada, publicada em 1650 e 1651 - «*Historia plantarum universalis*», em três volumes, onde descreve mais de 5.000 plantas e ilustra mais de 3.000, classificadas em 40 classes de acordo com a sua constituição e composição, a sua dimensão e a duração do seu ciclo de vida, e as suas qualidades e propriedades (ADANSON, 1763:xv-xvi,11; LAWRENCE, 1973:24; ALLORGE & IKOR, 2003:110; MAGNIN-GONZE, 2004:81).

<sup>144</sup> A descoberta do microscópio permitia ver o mais pequeno, mas também obrigava a compreender melhor, com mais rigor e exactidão, o que se observava. SACHS (1906:220-222) sintetiza as implicações da descoberta do novo equipamento óptico na investigação do mundo vivo da seguinte forma: «The invention of the microscope made small things seem large, and revealed to sight what was too small to be seen without it; but the use of magnifying glasses brought an advantage with it of a different kind – it taught those who used them to see scientifically and exactly. In arming the eye with these increased power the attention was concentrated on definite points in the object; what was seen was to some extent indistinct, and always only a small part of the whole object; perception by means of the optic nerve had to be accompanied by conscious and intense reflection, in order to make the object, which is observed in part only with the magnifying glass, clear to the mental eye in all the relations of the parts to one another and to the whole. Thus the eye armed with the microscope became itself a scientific instrument, which no longer hurried lightly over the object, but was subjected to severe discipline by the mind of the observer and kept to methodical work. [...] This enhancement of the mental capacity of the observer by the microscope is however the result of long practice [...] In examining the structure of plants, as in every science, it is necessary to work with the mind upon the object seen with the eye of sense, to separate the important from the unimportant, to discover the logical connection between the several perceptions, and to have a special aim in the examination».

<sup>145</sup> Nehemiah Grew (1628/1641-1711) estudou em Cambridge, especializou-se em medicina em Leida, e instalou-se como médico em Londres. Foi secretário da «Royal Society» em 1677. Os seus desenhos de histologia são considerados obras-primas inultrapassáveis de rigor e estética. A sua «*The anatomy of vegetables*» publicada em 1672, «*The comparative anatomy of trunks*» publicada em 1674/1675, e «*The anatomy of plants*» editada em 1682, marcam uma etapa histórica na histologia vegetal (SACHS, 1906:239-240; DE WITT, 1992:289-292; MAGNIN-GONZE, 2004:97-98).

<sup>146</sup> Marcello Malpighi (1628-1694) foi professor em Bolonha, Pisa e Messina. Em 1691 retira-se para Roma, onde é médico pessoal do Papa Inocêncio XII. Não satisfeito com os microscópios italianos da época, Malpighi construía os seus próprios aparelhos. Em 1669, foi eleito «Fellow» da «Royal Society» de Londres, instituição que publicará, postumamente, grande parte da sua obra. Estudou vários tecidos do homem, tendo descoberto a camada profunda da epiderme – o corpo mucoso de Malpighi. Outras e numerosas partes anatómicas do corpo humano têm o seu nome, pelos estudos que delas fez: cápsula de Malpighi; corpúsculos de Malpighi; glomérulos de Malpighi; pirâmides de Malpighi. Descobre os capilares sanguíneos dos pulmões. Constatou que existe uma correspondência fundamental entre a estrutura anatómica dos animais e das plantas. Demonstra a importância dos cotilédones na germinação, e das folhas na fisiologia das plantas (GEPB; SACHS, 1906:235-239; DE WITT, 1992:285-289; PICCOLINO, 1999; GRIBBIN, 2002:142-144; MAGNIN-GONZE, 2004:97-98). «Foi um experimentador infatigável [...] Em oposição a uma visão dogmática e retrógrada da Medicina, Malpighi elogiava as descobertas científicas da sua época, em particular, o carácter experimental da ciência moderna, que não era baseada exclusivamente em raciocínios a priori como faziam os adeptos de Galeno [...] O conhecimento baseia-se na observação» (PICCOLINO, 1999).

<sup>147</sup> Malpighi, Grew e van Leeuwenhoek são considerados os fundadores da Histologia (DE WITT, 1992:286). As suas obras devem, no entanto, ser entendidas no contexto da época, e não como se tivessem sido escritas após a formulação da teoria celular. Na anatomia vegetal moderna, a interpretação dos tecidos vegetais começa e baseia-se na unidade básica - a célula. Na anatomia de Malpighi e Grew, parte-se do macroscópico para o tecido, focalizando a atenção, não na sua constituição, mas nas inter-relações entre os diferentes tecidos dos órgãos das plantas: «With Grew as with Malpighi the main point of enquiry is not the individual cell, but the histology» (SACHS, 1906:232-233,240).

«Em 1661, Gabriel Grisley<sup>148</sup> publica em Lisboa o primeiro inventário da flôra portuguesa, sob o título “Viridarium lusitanicum”»<sup>149</sup>. No final do século XVII, «o inglês Morison<sup>150</sup> [publica] em 1680 uma história das plantas profusamente ilustrada<sup>151</sup>, [afirmando-se] como o mais antigo monógrafo pelo seu trabalho especial sobre as apiáceas, “Plantarum umbelliferarum distributio nova”, aparecido em 1672<sup>152</sup>».

Para G. Sampaio, J. Ray<sup>153</sup> era o fundador da classificação natural das plantas: «o seu “Methodus plantarum”, de 1682, em que se encontram pela primeira vez grupos de vegetais definidos

<sup>148</sup> O «médico alemão Gabriel Grisley [...] veio para Portugal no tempo de D. João IV e [...] entre nós exerceu a Medicina com influência notória no nosso meio por intermédio de uma sua obra, publicada em língua portuguesa, “Desengano para a Medicina”, que teve diversas edições, entre nós, nos séculos XVII, XVIII e até XIX!» (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:13).

<sup>149</sup> Esta obra de Grisley foi editada, em 1789, pela Academia das Ciências de Lisboa. A proposta, feita por Vandelli, «consta da acta da sessão de 16 de Novembro de 1788 daquela Academia “atendendo a que este livro foi até agora o único de Botânica que sobre Portugal houvesse”». «A reedição levada a efeito pela Academia não foi motivada pela excelência da obra, cujo texto, no dizer da mesma acta, era “originalmente escuro e confuso”, mas porque Vandelli desejou aplicar às plantas referenciadas por Grisley, talvez como entretenimento e exercício, as regras da classificação estabelecidas entretanto por Lineu» (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:13). J. Ray publica, em 1694, a «Stirpium europaeorum extra Britannias nascentium sylloge». Nas páginas 370 a 392 desta monografia, Ray incluiu uma listagem das plantas descritas por Grisley: «Viridarium lusitanicum Grisleii resectis relectis duntaxat Indicis, Americanis, Hispanicis nostris, inque Europa passim sponte nascentibus». As espécies estão designadas pela nomenclatura polinomial, por ordem alfabética. Algumas têm o nome vulgar em português. Algumas espécies são seguidas de uma breve descrição em latim. Existem algumas anotações manuscritas de G. Sampaio, nas margens de algumas folhas deste trabalho. Terá sido esta obra, uma das fontes que G. Sampaio utilizou para estudar os trabalhos de Grisley sobre a flora portuguesa?

<sup>150</sup> Robert Morison (1620-1683), escocês, foi médico de Carlos II de Inglaterra. Com Cromwell, refugia-se em Paris, onde é intendente do Jardim do Rei. Regressa a Inglaterra em 1660. Em 1669 é professor na Universidade de Oxford (SACHS, 1906; DE WITT, 1994:40-41; MAGNIN-GONZE, 2004:116; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007).

<sup>151</sup> G. Sampaio estaria provavelmente a referir-se à obra «Plantarum historia universalis oxoniensis» que, já em 1911, existia na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto (onde hoje permanece no Departamento de Botânica). No início, a obra apresenta um prefácio do autor que assina «Robertus Morison, medicus & professor regius botanicus, nec non Universitatis Oxon. P. B. ejusdemque Horti Praefectus primus». Toda a obra está escrita em latim. As plantas estão distribuídas por 18 classes, baseadas no tipo de fruto. Em cada secção, são apresentados os géneros. Cada género é caracterizado, com referências aos clássicos - Plínio e Dioscorides. Para cada género, existe um quadro resumo, que é quase uma chave dicotómica, separando as espécies, por características principais. Em cada género, são descritas as espécies. Cada espécie é designada pela nomenclatura polinomial. Muitas espécies são ilustradas. As ilustrações estão agrupadas por géneros. Os tratadistas clássicos são citados, com especial ênfase para Bauhino.

<sup>152</sup> Esta obra é ainda hoje considerada como uma referência no estudo desta família. Utiliza a forma e a estrutura dos frutos como um carácter primário da classificação nesta família (SACHS, 1906:67; DE WITT, 1994:41; MAGNIN-GONZE, 2004:116).

<sup>153</sup> John Ray (1627-1705) foi filósofo, teólogo e naturalista. Entrou para a Universidade de Cambridge, em 1644, terminando o curso de teologia, em 1648. Ensina grego, matemática e humanidades, no «Trinity College» desta Universidade, e nos tempos livres, estuda botânica. Viaja pela Grã-Bretanha, na companhia de Francis Willughby, estudando a flora e fauna regionais. Publica, em 1660, uma flora de Cambridge - «Catalogus stirpium circa Cantabrigiam nascentium». A qualidade desta obra conduz a Botânica descritiva a um nível superior. Para cada espécie nova, apresenta uma diagnose, em que refere o habitat, as características morfológicas, a época de floração, a duração do ciclo de vida, e as propriedades medicinais da planta. Herboriza intensamente em numerosas regiões de Inglaterra. Recolhe plantas, que cultiva em Cambridge, num jardim botânico e experimental. De 1663 a 1666, viaja e herboriza pela Europa - Países Baixos, Alemanha, Áustria, Itália, Malta, Suíça e França, acumulando material para a elaboração de uma flora europeia. Em 1670, publica a primeira flora britânica - o «Catalogus plantarum Angliae et insularum adjacentium». Em 1667, é membro da «Royal Society» de Londres (PORTER, 1959:11; LAWRENCE, 1973:24-25; GRIBBIN, 2002:203-213; FORD, 2003:565; MAGNIN-GONZE, 2004:99-102; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007). Tournefort descrevia assim a contribuição de Ray para a definição do conceito de género: «l’histoire des plantes qu’il nous a donné, est une bibliothèque botanique, dans laquelle on trouve non-seulement tout ce que les auteurs ont dit de meilleur sur chaque plante, mais encore les caractères des genres y

não por um carácter tirado de um órgão especial mas sim por um conjunto de caracteres deduzidos de vários órgãos». Deve-se a este botânico inglês a separação das plantas com flor, das sem flor, e das monocotiledóneas, das dicotiledóneas. «A sua “*Historia plantarum generalis*”, publicada em 1686 e 1704, abrange 18.655 formas de plantas e constitui o mais completo inventário de espécies vegetais realizado até essa época<sup>154</sup>»

G. Sampaio considerava Rivínio<sup>155</sup> como o continuador de Gesner na definição e estabelecimento do moderno conceito de género<sup>156</sup>: «Rivínio, que no seu “*Ordo plantarum quoe sunt flore irregulari, tetrapetalo*”, publicado em 1690<sup>157</sup>, estabeleceu géneros bem apoiados nos caracteres da flor e do fruto». Para G. Sampaio, também se devia a este botânico alemão, o fim da tradicional divisão das plantas em lenhosas e herbáceas: «no seu “*Introductio generalis [universalis] in rem herbarium*”, aparecido em 1690, acaba com a tradicional distinção das plantas em árvores e ervas, sustentada ainda

sont designés d’une manière assez commode» (TOURNEFORT, 1797:68). Nas suas obras apresenta-se como Joannis Raii, Joannes Raius ou Joannis Ray.

<sup>154</sup> Esta obra, publicada em três volumes (1686, 1688, 1704), é um verdadeiro embrião de uma primeira flora mundial. Ray faz a transição entre os antigos sistemas de classificação das plantas, baseados no porte, e os modernos, baseados em características morfo-anatómicas. Mantém a divisão primária das plantas em herbáceas e árvores, mas cada um destes grupos é sub-dividido em monocotiledóneas e dicotiledóneas (as herbáceas são antes subdivididas em plantas sem flor – criptogâmicas, e com flor). Ray também distingue as gimnospérmicas das angiospérmicas. Esta forma de classificação das plantas representa um avanço notável (SACHS, 1906:69-74; GRAY, 1907:333; PORTER, 1959:11-12; LAWRENCE, 1973:24-25; GRIBBIN, 2002:211; FORD, 2003:565; MAGNIN-GONZE, 2004:99-102). No seu conjunto, as plantas são distribuídas em 33 classes considerando diversas características: dimensões e porte; duração do ciclo de vida; habitat; caracteres da flor, fruto e semente (ADANSON, 1763:xxix). A «*Historia plantarum generalis*» extravasa a classificação, abordando outros temas da Botânica como a anatomia, a morfologia, a fisiologia, os métodos de propagação, as propriedades medicinais, as relações entre as plantas e o habitat, os métodos de recolha, secagem e preservação das plantas, a química, e as doenças das plantas. «Il n’est pas donc exagéré de dire que Ray apporte à la botanique empirique, alors naissante, ce que Théophraste a donné à la botanique ancienne, et qu’il unit le tout dans une science cohérente» (MAGNIN-GONZE, 2004:102). Num dos seus cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos G. Sampaio escreveu sobre esta obra: «*Historia plantarum (2.<sup>a</sup> edic. 1693) 3 vol., grande formato – Londini*», transcrevendo de seguida um grande número de nomes genéricos e específicos. Diversas importantes obras de Ray existiam já em 1911, na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto.

<sup>155</sup> A. Q. Bachmann (1652-1723/1725) que se faz chamar de Rivinus (Augustus Quirinus), médico, botânico e astrónomo alemão, foi professor em Lúpsia. Distinguiu-se sobretudo como médico e botânico. Em vez de agrupar as plantas pela sua semelhança aparente, apresentou um sistema de classificação baseado na flor – o número e a regularidade das pétalas. Diversas das suas ideias foram aceites por Lineu (GEPB; GRAY, 1907:332-333; DE WITT, 1994:43; MAGNIN-GONZE, 2004:119; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007).

<sup>156</sup> De todas as categorias taxonómicas, o género é talvez a que tem raízes mais antigas, quiçá por ser, na realidade, «the lowest most clearly definable groups [of species] which the botanist recognizes and accounts worthy to bear the generic name» (GRAY, 1907:323). Desde há muito tempo que se utiliza a designação de, por exemplo, pinheiros, carvalhos, trevos, violetas, para referir plantas que hoje se consideram espécies de um mesmo género. Apesar de ter sido Tournefort quem estabeleceu, em definitivo, a concepção moderna de género, outros botânicos que o precederam, como Brunfels, já tinham delineado este conceito. Lineu irá adoptar os géneros de Tournefort e de Plumier, contemporâneo de Tournefort, que em 1703 denomina mais de 900 plantas americanas, colocando-as em determinados géneros (GRAY, 1907:333; PORTER, 1959:67-68; LAWRENCE, 1973:50-51).

<sup>157</sup> Nesta obra, Rivínio dividiu as plantas em 18 classes, de acordo com determinadas características da flor. Estas foram subdivididas em 91 secções, baseadas em características da flor e do fruto (ADANSON, 1763:xix-xx; SACHS, 1906:75-76).

por Ray e seguida por Tournefort, estabelecendo um novo sistema de classificação baseado sobre a forma da corola<sup>158</sup>».

Para G. Sampaio, deve-se a [José Pitton de] Tournefort<sup>159</sup> a elaboração definitiva do conceito moderno de género<sup>160</sup>, como categoria taxonómica: Nas suas obras publicadas em 1694, “Les éléments

<sup>158</sup> Nesta obra, Rivinus também usa, para designar muitas plantas, a nomenclatura binária, sendo assim um dos precursores da revolução lineana (SACHS, 1906:74-75; DE WITT, 1994:43). Esta obra existia já em 1911, na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto.

<sup>159</sup> Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), o «pai da botânica francesa», nasceu em Aix-en-Provence. Estudou num colégio de jesuítas, onde aprendeu as línguas antigas. Em 1679, parte para Montpellier, onde estuda medicina. Herboriza intensamente no sul de França, nos Alpes e nos Pirinéus. É aluno de Pierre Magnol, com o qual estabelece relações de amizade para o resto da vida. Em 1683, parte para Paris, onde exerce as funções de professor de botânica no Jardim do Rei. Viaja então na Península Ibérica, e alguns anos depois, na companhia de Andreas Gundelscheimer (médico e naturalista) e de Claude Aubriet (ervanário e desenhador), na Grécia, Ásia e África, mas a peste que grassava no Egipto fá-lo regressar a França, em 1702. Em 1701, é membro da Academia das Ciências de Paris. Publica, em 1694, «Éléments de botanique», ilustrado com 451 estampas de Claude Aubriet, e descrevendo 698 géneros e 10.146 espécies. Esta obra seria ampliada e traduzida para latim em «Institutiones rei herbariae» de 1700 (TOURNEFORT, 1797; SACHS, 1906:76-79; PORTER, 1959:12; LAWRENCE, 1973:24; DE WITT, 1994:87; ALLORGE & IKOR, 2003:157-162; FORD, 2003:565; MAGNIN-GONZE, 2004:117). Em 1702, foi nomeado professor de medicina do Colégio de França (GEPB). Para M. Adanson, Tournefort «a introduit dans la Botanique l’ordre, la pureté & la précision, en donnant les principes les plus sages & les plus certains pour l’établissement des genres & des espèces, & en fondant sur ces principes la méthode la plus facile & la plus exacte que ait paru jusqu’à ce jour». À semelhança do sistema de classificação de Rivínio, Tournefort organizou as plantas em 22 classes, de acordo com a duração do seu ciclo de vida e com diversas características da flor, em particular da corola. Distingue flores com pétalas e sem pétalas, com corolas regulares e irregulares. Todavia, mantém a antiga divisão primária das plantas em herbáceas e árvores e não distingue as mono- das dicotiledóneas. O sistema de classificação de Tournefort é considerado mais artificial do que o de Ray (ADANSON, 1763:xxx; GRAY, 1907:333; PORTER, 1959:12; MAGNIN-GONZE, 2004:117).

<sup>160</sup> Tournefort, na introdução aos seus «Éléments de botanique», explicitava da seguinte forma o seu conceito de género: «Pour avoir une idée claire du mot de genre, au sens qu’on doit le prendre dans la botanique, il faut remarquer qu’il est absolument nécessaire, dans cette science, de ramasser comme par bouquets, les plantes qui se ressemblent, et les séparer d’avec celles qui ne se ressemblent pas. Cette ressemblance doit être tirée uniquement de leurs rapports prochains, c’est-à-dire, de la structure de quelques-unes de leurs parties, et l’on ne doit point faire d’attention aux rapports éloignés qui se trouvent entre certaines plantes, comme sont les rapports des vertus qu’elles ont, ou des lieux où elles naissent. Nous considérerons donc les plantes, parmi lesquelles la même structure des parties se trouvera, comme les plantes renfermées dans le même genre ; de sorte que nous appellerons un genre de plante, l’amas de toutes celles qui auront ce caractère commun qui les distingue essentiellement de toutes les autres plantes» (TOURNEFORT, 1797:60). Para Tournefort, o género não era portanto um grupo de plantas aparentadas pelas suas propriedades (medicinais) ou pela sua distribuição e ecologia, como os botânicos antigos e a maioria dos tratadistas dos séculos XV e XVI admitia, mas um conjunto de plantas semelhantes na sua organização e estrutura. Seguidamente, Tournefort discorria sobre o conceito de espécie: «Mais, comme les plantes de même genre diffèrent encore entr’elles par quelque particularité, nous appellerons espèces, toutes celles, qui, outre le caractère générique, auront quelque chose de singulier, que l’on ne remarquera pas dans les autres plantes du même genre ; par exemple, toutes celles que nous appellerons des renoncules auront un caractère commun tiré de la structure de quelques-unes de leurs parties, qui établira leur genre, et qui ne conviendra qu’aux seules renoncules. Mais comme toutes les renoncules ne se ressemblent que dans ce caractère commun, et qu’elles sont différentes dans quelques autres de leurs parties, la différence de ces parties établira les différentes espèces de renoncules» (TOURNEFORT, 1797:60-61). Terminava, resumindo lapidarmente o conceito (moderno) de género (como unidade taxonómica): «Les caractères des genres doivent avoir deux conditions : 1.º être aussi semblables qu’il se peut dans toutes les espèces ; 2.º être sensibles et faciles à remarquer, sans qu’on soit obligé d’employer le microscope pour les découvrir» (TOURNEFORT, 1797:61). Tournefort aborda então a problemática da nomenclatura dos géneros, tecendo considerações de acuidade e modernidade notáveis. Para Tournefort, o nome de um género deve ser: 1. Um único nome, que não pode ser usado em mais nenhum outro género. 2. Se possível, deve ser um nome já usado pelos tratadistas clássicos, mas caso este seja confuso, deve ser substituído por outro. 3. A etimologia do nome não se aplica necessariamente a todas as plantas pertencentes ao género. Pode só se aplicar a algumas espécies do género. Muitos nomes foram criados pelos botânicos antigos e pelos tratadistas para «géneros» com outro significado (plantas afins nos seus efeitos medicinais ou ecologia). Ao alterar o conceito de género, a etimologia do nome perdeu, em muitos casos, a sua aplicação objectiva (TOURNEFORT, 1797:61-64). DE WITT (1994:87-88) apreciava a

de botanique”<sup>161</sup> e em 1700 “Institutiones rei herbariae”<sup>162</sup> [Estampa III.8.], Tournefort define inequivocamente muitos dos géneros modernos de plantas vasculares, sendo desta forma um dos criadores da moderna taxonomia botânica e um dos grandes botânicos pré-lineanos: «só Tournefort, porém, é que fez verdadeiramente a abstracção dos caracteres genéricos, e definiu os géneros de todas as plantas que estavam conhecidas<sup>163</sup>. [...] A reforma de Tournefort, em 1700, distribuindo em géneros precisa e cientificamente definidos todas as plantas até aí conhecidas, foi uma reforma fundamental de taxinomia e, ao mesmo tempo, de nomenclatura, porque estabeleceu que o nome da espécie fosse o nome latino do respectivo género seguido de um pequeno número de termos descritivos, que permitissem distingui-la das suas congéneres». G. Sampaio considera que Tournefort ampliou o conceito gesneriano de género, baseado na flor e no fruto, acrescentando que «também os órgãos vegetativos devem servir, quando dão analogias ou diferenças muito acentuadas, para estabelecer géneros naturais, embora secundários<sup>164</sup>. Este critério, combatido mais tarde por Lineu, foi seguido por quási todos os grandes botânicos e é o que domina actualmente»<sup>165</sup>.

---

contribuição de Tournefort para o conceito de género como categoria taxonómica da seguinte forma: Tournefort interpretou o género no sentido clássico-filosófico do termo. O género é a essência («essentia») que caracteriza um grupo de organismos que possui em comum um certo número de propriedades, mas cujos membros se distinguem uns dos outros por algumas diferenças («differentiae»). Cada planta contém a essência do género mas também a diferença que é própria à espécie.

<sup>161</sup> As ilustrações são de C. A. Aubriet, desenhador que acompanharia Tournefort numa viagem ao mediterrâneo oriental (DE WITT, 1994:87). Num dos cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos, G. Sampaio escreveu a propósito desta obra: «*Elemens de Botanique, Paris, 1694*» considerando ser um «livro precioso, com capitulos notaveis sobre a historia da Botanica e metodos e ideias sobre o genero. Entre os auctores citados, na bibliografia, não traz Rivinus!». De seguida, G. Sampaio escreveu uma extensíssima lista de géneros citados por Tournefort nesta obra. No fim da lista, G. Sampaio escreveu ainda o seguinte comentário: «*Revi esta obra na Bibliotheca da Universidade de Coimbra, onde existe um magnifico e bem conservado exemplar. Note-se que em alguns pontos, Tournefort dá notas sobre os caracteres que Rai adscribe a alguns generos, fazendo comentarios. Teria J. Rai em realidade dado caracteres genericos? É preciso apurar este ponto*». Esta obra não existia na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências ao tempo de G. Sampaio. Existia na Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde ainda hoje se encontra.

<sup>162</sup> Nesta obra, Tournefort segue o sistema de classificação das plantas de Rivinus. As plantas são divididas em dois grandes grupos, herbáceas e lenhosas. Dentro de cada grupo, a classificação é baseada nos caracteres da flor, em particular da corola, resultando em 22 classes. Algumas das classes de Tournefort constituem hoje famílias (DE WITT, 1994:88-89; MAGNIN-GONZE, 2004:117). Esta obra fundamental (a edição de 1717) existia na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências ao tempo de G. Sampaio.

<sup>163</sup> Tournefort caracterizou cerca de 700 géneros de plantas (DE WITT, 1994:88; MAGNIN-GONZE, 2004:117).

<sup>164</sup> Tournefort considerava que as características da flor e do fruto eram os elementos principais para a delimitação da maioria dos géneros de plantas. No entanto, em algumas famílias, como as *Chenopodiaceae* e as *Brassicaceae*, as características das sementes, das plântulas e dos embriões, também eram importantes para a separação dos géneros. Nas coníferas, a forma e arranjo das folhas permite a separação dos géneros, quando as características da flor não diferem significativamente entre estes géneros (PORTER, 1959:68). Tournefort considerava, efectivamente, a existência de dois tipos de géneros. Os géneros de «primeira ordem» eram definidos e delimitados unicamente pelas características da flor e do fruto, mas nos de «segunda ordem», eram necessárias características de outros órgãos, ou outras características gerais como a existência de sucos internos, o sabor e o gosto, e o porte da planta. Tournefort argumentou, de forma exaustiva, na introdução aos seus «*Éléments de botanique*», a importância relativa das características dos principais órgãos das plantas, para a definição e delimitação dos géneros: «il est certain que les rapports qui font les caractères des genres des plantes, se doivent trouver dans deux ou dans trois de leurs parties. Pour déterminer ce nombre plus précisément, il faut combiner toutes les parties des plantes, deux à deux ou trois à trois. [...] Nous n'avons donc plus à choisir pour la combinaison des

Tournefort tem particular relevo para o estudo da flora portuguesa dado que «percorreu largamente o nosso paiz em 1689, elaborando um amplo catálogo de plantas por ele observadas, catálogo cujo manuscrito original se encontra no museu de botânica da Universidade de Coimbra».

No incío do século XVIII, «em 1727, surge um volume notável no campo da fisiologia, o “Vegetable statik”, do sábio inglês Hales<sup>166</sup>, que estabelece ideias precisas e exactas sobre a absorção radicular, a circulação de seiva e a transpiração das folhas». Também nas primeiras décadas do século XVIII, «em 1718 o boticário francês João Vigier<sup>167</sup> publicou na nossa língua uma “Historia das plantas da Europa”<sup>168</sup>, com numerosas gravuras extraídas das obras de Mattiolo [Matthiolo]<sup>169</sup>».

---

deux parties; car il ne reste que celle des fleurs et de des fruits, et certainement c’est la seule dont on pût faire un bon usage. Il est constant que les rapports de structure qui se trouvent entre les fleurs et les fruits de différentes plantes, sont beaucoup plus justes, et frappent plus vivement que ceux que l’on pourroit trouver entre les feuilles comparées avec les feuilles, ou entre les autres parties des plantes comparées chacune à sa semblable. [...] On peut donc établir pour maxime générale en botanique, que la fleur et le fruit sont des parties absolument nécessaires, pour l’établissement de tous les genres dont les espèces portent des fleurs et des fruits, mais que ces parties ne suffisent pas toujours pour distinguer ces genres les uns des autres» (TOURNEFORT, 1797:78-79,82).

<sup>165</sup> Existe na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) um exemplar da 3.<sup>a</sup> edição, datada de 1717, desta famosa obra de Tournefort «Institutiones rei herbariae» (**Estampa III.8.**). O exemplar apresenta na primeira página o carimbo da «Real Academia do Porto» (Academia Real da Marinha e Comércio do Porto), e contem diversas anotações de G. Sampaio. Neste exemplar, alguns géneros estão extensivamente anotados. O terceiro volume, com o texto principal descritivo, encontra-se em mau estado de conservação, apercebendo-se que foi muitíssimo manuseado. Toda a monografia está escrita em latim. O texto começa com uma biografia de Tournefort, seguindo-se uma bibliografia do autor, e, uma lista dos trabalhos referenciados no texto. Duas referências estão marcadas a lápis: Gerardi, 1597, «Historia plantarum» e Rivini, 1690, «Introductio generalis in rem herbarium». De seguida, existe um longo texto sobre a História da Botânica. Segue-se o corpo principal do trabalho com a descrição das plantas. As plantas estão organizadas em 22 classes, cada classe correspondendo a um tipo de organização floral, como foi referido em nota anterior. Só são descritas as plantas vasculares. Em cada classe, estão descritos os géneros. Cada género é designado geralmente por um nome, mas alguns têm dois nomes. A seguir ao nome latino, tem o nome vulgar em francês. O género é caracterizado em latim, mas sem referências a autores anteriores. Ao lado da descrição do género, na margem, é dada a indicação da estampa correspondente, presente nos outros dois volumes. Em cada género são listadas as espécies. Nas espécies, Tournefort não usa a nomenclatura binária, mas antes a polinomial. A seguir ao nome da espécie, são indicadas as referências da bibliografia dos tratadistas clássicos. Segue-se um glossário. No final existe um índice de autores, um índice de géneros, um índice de nomes vulgares (em francês) e um índice de sinónimos. Após o texto principal, existe ainda um «Corollarium institutionum rei herbariae». G. Sampaio escreveu a tinta: «O *Corollarium de Tournefort* foi originalmente publicado em 1703». Trata-se de uma adenda com géneros e espécies não incluídos na parte principal da monografia.

<sup>166</sup> Stephen Hales (1677-1761) estudou teologia em Cambridge, tornando-se padre em 1709. Foi admitido como membro da «Royal Society» em 1718. «Vegetable staticks, or an account of some statical experiments on the sap in plants», publicado em 1727, sintetiza 25 anos de experimentação, sobre a fisiologia e nutrição das plantas. Nestes estudos utilizou, muitas vezes, a planta do girassol em crescimento, como modelo experimental. Demonstra que a transpiração ocorre através das folhas. Determina experimentalmente a quantidade de água que uma planta liberta na transpiração. Demonstra que constituintes gasosos da atmosfera são utilizados na nutrição das plantas (SACHS, 1906:476-482; DE WITT, 1993:71-74; MAGNIN-GONZE, 2004:115).

<sup>167</sup> «Merece também registo a presença, entre nós, no século XVIII, de um outro médico estrangeiro, médico francês, não aqui de passagem mas com residência permanente em Lisboa durante mais de trinta anos. Chamava-se Jean Vigier.» (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:14).

<sup>168</sup> A obra, em francês, foi editada, pela primeira vez, em Lyon, em 1670. A tradução para português foi do próprio Vigier, e esta edição de 1718, também foi editada em Lyon (RÓMULO DE CARVALHO, 1987:14). A obra existia na Biblioteca de Botânica da Faculdade de Ciências ao tempo de G. Sampaio (permanece hoje no Departamento de Botânica, FCUP). Vigier reconhece que segue Gaspar Bauhino na organização da obra: «esta obra parecia impossível sem valer-se da maravilhosa obra do grande G. Bauhino; este he o grave Autor que no seu Pinax, que a Botanica considera como sua tocha; porque sem ella estaria ainda de presente no cahos; deunos a ordem que nesta obra se tem seguido & deu occasion de a dividir em doze

Também na primeira metade do século XVIII, dois botânicos notáveis dão contribuições importantes na taxonomia botânica, em particular na delimitação de géneros das plantas não-vasculares. «O italiano Micheli<sup>170</sup> publica, em 1729, o seu “Nova plantarum genera”<sup>171</sup>, onde são descritos vários géneros novos, sobretudo de criptogamas<sup>172</sup>, e é dada uma primeira noção sobre a

livros & cada livro em seis divisoens em que estaon os mesmos títulos; asim que de baixo dos generos & especies principaes, puseraonse as plantas cujas qualidades notician a que dellas participaon; os que tiverem penetrado a ideia de Bauhino conheceraon a utilidade d’este exercicio, visto que naon ha sciente na Medecina que naon huja recebido o Pinax por huma das maravilhosas obras de arte, & que seu autor, que sem duvida conhecia sua ponderaçao & merito d’ella fés sobre seu frontespicio o panagyrico, disendo que hera achave dos outros autores & que a tinha trasido meyo século na sua cabeça primeiro que a dar a luz». Seguidamente apresenta o esquema geral usado na obra da classificação das plantas: «Distribuição das plantas conteudas nesta historia segundo a ordem do Pinax de Gaspard Bauhino; divididas em doze livros cada livro em seis divisoens». Vigier apresenta então os géneros contidos em cada um dos doze livros. Seguidamente apresenta uma «Tabuada das virtudes das plantas contidas nesta obra», em que para cada patologia, indica as plantas a utilizar. Segue-se uma lista de abreviaturas das obras citadas no texto e um índice dos nomes vulgares. Em seguida descreve as plantas: «descripção hé o que ensina o conhecimento pella distribuição de todas suas partes & de tudo o que lhe succede desde seu nascimento ate a sua morte; tem se lhe encontrado muytas difficuldades porque como se quiz tratar succintamente, & sem embarassos, naon se pude se naon com muyto trabalho representar tantas cousas em taon poucas regras, o que tem que narrar em cada planta». Algumas espécies só têm um nome, outras dois, outras mais. São indicados os sinónimos de Bauhino e Matthiolo e as qualidades medicinais da planta. A seguir ao nome da espécie, apresenta os nomes vulgares em português, espanhol, francês, italiano e alemão. Indica também qual o habitat das plantas. Existe uma pequena gravura a acompanhar cada espécie. No final do segundo volume, existe um índice geral, com os nomes das espécies e os nomes vulgares em várias línguas. Os volumes só apresentam o carimbo verde do Instituto de Botânica, mas no final do segundo volume, encontra-se a seguinte frase manuscrita: «*Hé da Snr.<sup>a</sup> Francisca Shouza [?] da Silva, Boticaria nesta Villa da Povia de Lz.<sup>o</sup>*». Os exemplares terão sido adquiridos por G. Sampaio?

<sup>169</sup> Petrus Andreas Matthiolus, médico italiano, notabilizou-se pela sua edição da obra de Dioscorides. Matthiolo publicou várias edições da obra clássica de Dioscorides. Escritas em latim e profusamente ilustradas, contêm muitas adições e comentários ao trabalho de Dioscorides. Alguns desenhos são, no entanto, considerados como fantasiosos, dado Matthiolo parecer pretender seguir antes a descrição do mestre grego, do que retratar fielmente a planta viva (JOHNSON, 1636). Matthiolo publicou, em 1674, a sua «Opera omnia». Esta obra, que permanece na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP), era conhecida de G. Sampaio que escreveu por detrás da capa do volume: «*Em 1598 publicou em Francof. Gasp. Bauhino todas as obras de Matthiolo, com o titulo de Math. Opera omnia, 1 vol. – a 2.<sup>a</sup> edição da obra, a que pertence este volume, foi publicada em Basileae, em 1674. G. Sampaio*».

<sup>170</sup> Pier Antonio Micheli (1679-1737) é um dos fundadores da Micologia. Foi botânico de Cosimo III (Grande Duque da Toscana), e dirigiu os parques municipais e o Jardim Botânico de Florença. Na sua obra mais importante - «Nova genera plantarum», publicada em 1729, Micheli segue o sistema de classificação, e os géneros de Tournefort, mas amplia excepcionalmente o número de fungos conhecidos. São descritos 900 géneros de fungos, muitos novos para a ciência, como *Aspergillus*, *Botrytis*, *Clathrus*, *Geaster*, *Mucor*, *Polyporus*, *Puccinia* e *Tuber*. Com a ajuda do microscópio, que na época começou a ser utilizado na investigação botânica, descreve e desenha os esporos de todos os grupos de fungos. No himenióforo das agaricales, observa os cistídios e verifica que os basídios formam quatro esporos (basidiósporos). Descreve, pela primeira vez, o asco com ascósporos em *Pertusaria*. Observa os peridólios nos basidiocarpos do gasteromiceto *Cyathus*. Cultiva, em amostras de frutas, esporos de *Aspergillus*, *Botrytis* e *Mucor* (SACHS, 1906:211; DE WITT, 1994:133-134; HAWKSWORTH ET AL., 1995:276-277; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007).

<sup>171</sup> Esta obra fundamental de Micheli não existiria na Biblioteca da Faculdade de Ciências do Porto, mas, G. Sampaio tê-la-á consultado na Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde ainda hoje se encontra. Efectivamente, G. Sampaio, num dos seus cadernos de apontamentos, indicou-a numa listagem de tratados clássicos de Botânica existentes nesta Biblioteca. Toda a obra está escrita em latim. Para cada género, é feita uma descrição, com citação de bibliografia, e uma lista das espécies com os seus respectivos autores. A nomenclatura das espécies é polinomial. A obra tem 108 estampas, muitas das quais ilustrando fungos e líquenes.

<sup>172</sup> Mas também géneros novos de plantas vasculares que G. Sampaio incluirá na sua «Lista das espécies» explicitamente com a autoria de Micheli: *Cynomorium* Mich., *Montia* Mich., *Tillaea* (*Tillea* em Micheli) Mich., *Vallisneria* Mich. e *Zannichellia* Mich.

esporulação dos fungos». «O inglês Dillenio<sup>173</sup> faz aparecer, em 1741, a sua “Historia muscorum”, obra amplamente ilustrada, contendo a descrição de mais de cem géneros novos de criptogamas, ainda hoje conservados»<sup>174</sup>.

Lineu<sup>175</sup>, o genial botânico sueco do século XVIII foi o fundador da moderna taxonomia biológica: «Linneu, possuidor de uma erudição profunda e dotado de um espírito metodizador verdadeiramente extraordinário, publica numerosas obras sobre ciências naturais, entre os anos de 1731 e 1775, em que se revela o maior sistematizador de todos os tempos». No entanto, para G.

<sup>173</sup> Johann Jakob Dillen (Dillenius) (1684/1687-1747) foi professor de botânica na Universidade de Oxford, em 1728, e um excelente desenhador. Dedicou especial atenção ao estudo dos fungos, líquenes e musgos. No «Catalogus plantarum» e seu Apêndice, publicados em 1718 e 1719, respectivamente, são descritos diversos géneros de plantas vasculares, novos para a ciência. Na «Historia muscorum» de 1741, Dillenius descreve todos os líquenes conhecidos na época (HAWKSWORTH *ET AL.*, 1995:134; MAGNIN-GONZE, 2004:89; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007).

<sup>174</sup> Para G. Sampaio, Dillenio era também importante como criador de diversos géneros novos de plantas vasculares. Na «Lista das espécies», G. Sampaio refere os seguintes géneros, com a autoria explícita deste botânico: *Alisma* Dill., *Carex* Dill., *Centunculus* Dill., *Draba* Dill., *Festuca* Dill., *Hollosteum* Dill., *Iberis* Dill., *Mesembryanthemum* Dill., *Myosotis* Dill., *Panacratium* Dill., *Serratula* Dill. e *Sherardia* Dill. O «Catalogus plantarum» e o seu Apêndice existiam na Biblioteca Pública Municipal do Porto, onde G. Sampaio os terá consultado. Num dos seus cadernos de apontamentos, G. Sampaio indicou este Catalogus e apêndice numa listagem dos tratados clássicos de Botânica, existentes nesta Biblioteca. Existe ainda no seu espólio documental, um pequeno manuscrito, quiçá escrito na Biblioteca, na presença da obra, onde G. Sampaio listou e comentou os «Generos novos de Dillenius» transcritos do Apêndice ao Catalogus plantarum (**Estampa** V.6.). À frente de *Alisma* escreveu «É. Muito bem», de *Centunculus* «É», de *Draba* «É», de *Festuca* «Parece, pela figura, ser bem a Festuca», de *Hollosteum* «É», de *Iberis* «É», de *Myosotis* «É bem este genero, que o auctor discute bem dizendo que o *Myosotis* de Tournefort é o genero *Cerastium*», de *Serratula* «É!!», de *Sherardia* «É bem este genero!!».

<sup>175</sup> Carolus Linnaeus (1707-1778) era médico e botânico. Quando jovem, e patrocinado pela Academia de Ciências de Uppsala, realizou, em 1732, uma expedição botânica à Lapónia, em que recolheu mais de 100 espécies novas para a ciência. Como resultado desta viagem publicou, em 1737, uma Flora Lapónica. Em 1735, viaja para a Holanda, onde se forma em medicina. Contacta com Grovonijs e Boerhaave. Nenhum outro período da vida de Lineu foi tão produtivo em trabalho botânico como os três anos que passou na Holanda. Viaja ainda por Inglaterra e França, regressando à Suécia, a Estocolmo, em 1738, onde exerce medicina, e, finalmente em 1742, é professor de história natural em Uppsala, onde permanece até à sua morte. Uma das suas maiores contribuições foi o «Systema naturae regnum vegetabile» publicado pela primeira vez na Holanda, em 1735. A décima edição, publicada em 1758, é a obra base da organização taxonómica do mundo vegetal. Na classificação das plantas, considerou certas características dos órgãos sexuais, como os caracteres primários. As plantas são distribuídas por 24 classes, de acordo com as seguintes características: ausência ou presença de flor; presença de flores unissexuais na mesma planta ou em plantas diferentes; número, morfologia e posição relativa dos estames. As classes foram subdivididas em ordens, baseadas no número de estiletos no carpelo. Quiçá a maior contribuição de Lineu foi a adopção universal da nomenclatura binomial para designar todas as espécies do mundo vivo. Bauhino, Ray, Rivínio e Tournefort tinham anteriormente utilizado a nomenclatura binomial, mas sem o carácter obrigatório e universal que Lineu irá impor. A nomenclatura binomial possibilita uma melhor e mais fácil ordenação, catalogação e indexação dos nomes das espécies (como ordenar facilmente designações polinomiais de espécies?), mas alguns historiadores da Botânica atribuem-lhe também uma clara e prosaica motivação de economia de papel: «Linnaeus felt that too much space was devoted to the lengthy Latinized plant descriptions that were then current. By reducing the description to genus and species (one word for each) he reduced his printing costs» (FORD, 2003:568). Na primeira edição de *Species plantarum*, publicada na Holanda em 1753, Lineu descreve 7.300 espécies de organismos e identifica-as por um binome específico. Constitui a data de início para a publicação válida de espécies de plantas vasculares. No entanto, só são descritas 170 espécies de fungos, distribuídas pelos géneros: *Agaricus*, *Clathrus*, *Hydnum*, *Mucor*, *Phallus* e *Tremella*. A grande maioria dos líquenes é colocada no género *Lichen*. A segunda edição de *Genera plantarum* foi publicada em 1742 (**Estampa** III.9.). A delimitação dos géneros baseia-se em Tournefort, mas Lineu dá ênfase às características dos frutos. A edição de *Genera plantarum* de 1754 (1.<sup>a</sup> edição em 1737) constitui a data de início para a publicação válida de géneros de plantas vasculares (GEPB; SACHS, 1906; GRAY, 1907:333-338; PORTER, 1959:14-17; LAWRENCE, 1973:25-30; HAWKSWORTH *ET AL.*, 1995:251; GRIBBIN, 2002:213-221; MAGNIN-GONZE, 2004:120-128). Parte da bibliografia de Lineu está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

Sampaio é necessário separar as contribuições verdadeiramente originais de Lineu, das que são secundárias. Para G. Sampaio, o mérito excepcional do botânico sueco foi sem dúvida a aplicação da nomenclatura binária a todas as espécies e a organização sistematizada de toda a informação sobre as espécies conhecidas na época: «Coordenando e revendo toda a imensa obra dos seus antecessores, Linneu depura e fixa a terminologia botânica, define com clareza e rigor as ideias [...], torna precisa a noção de espécie, com variedades. Também foi fundamental a reforma de nomenclatura de Linneu, em 1753, porque aplicou a todas as plantas conhecidas até ali a nomenclatura binária das espécies, fixando-a definitivamente». Efectivamente, antes de Lineu, a maioria dos botânicos utilizava uma nomenclatura polinomial para caracterizar as espécies. No entanto, alguns botânicos pré-lineanos já definiam muitas das espécies por duas únicas palavras. G. Sampaio faz questão de homenagear estes autores: «Quanto à nomenclatura binária, deve-se esclarecer que a tendência para o seu emprego se vinha acentuando desde Lobélio, Clúsio e outros, tendo Rivínio preconizado a sua vantagem e havendo-a Chenon [L. J. Chenon] empregado pela primeira vez como norma invariável, em 1751, no seu “Nova plantarum genera”». Para G. Sampaio, a importância da revolução lineana da taxonomia botânica era potenciada pela divulgação sem precedentes das obras do botânico sueco: «Sem luxo e relativamente baratas, essas obras [tornaram-se] acessíveis a quasi todos e, espalhando-se rapidamente no mundo culto, exercem uma acção divulgadora como não existe igual. Os estudos de botânica local desenvolvem-se, então, por toda a parte, impregnados dessa influência lineana, que é bem clara e palpável nas inúmeras floras que vão aparecendo sobre todos os paizes, desde 1753 até aos começos do século XIX». No entanto, para G. Sampaio «não foi o grande mestre isento de erros e de graves imperfeições nas suas obras»<sup>176</sup>.

Diversos botânicos notáveis continuaram e consolidaram a revolução lineana da nomenclatura binária. Miller<sup>177</sup> «adota a nomenclatura binária na edição de 1759 do seu “The gardener’s

---

<sup>176</sup> SACHS (1906:85-90) considera mesmo que as obras de Lineu estão impregnadas da filosofia aristotélica e do escolasticismo – desprezo (recusa) pela observação directa e pela experimentação e construção de teorias baseadas em ideias pré-concebidas: «the most pernicious feature in scholasticism and the Aristotelian philosophy is the confounding of mere conceptions and words with the objective reality of the things denoted by them; men took a special pleasure in deducing the nature of things from the original meaning of the words, and even the question of the existence or non-existence of a thing was answered from the idea of it. This way of thinking is found everywhere in Linnaeus, not only where he is busy as systematist and describer, but where he wishes to give information on the nature of plants and the phenomena of their life». A ambivalência de Lineu – excepcional organizador e sistematizador, mas observador e experimentador «distorcido» era sintetizada por Sachs, neste texto, da seguinte forma: «This remarkable combination of an unscientific philosophy with mastery over the classification of things and conceptions, this mixture of consistency in carrying out his scholastic principles with gross inaccuracies of thought, impart to his style an originality, which is rendered still more striking by the native freshness and directness, and not unfrequently by their poetic feeling, which animate his periods».

<sup>177</sup> Philip Miller (1691-1771) foi jardineiro-chefe do Jardim Botânico de Chelsea («Physic Garden»), de 1752 a 1770. Publica, entre 1755 e 1760, «Figures of the most beautiful, useful and uncommon plants», com ilustrações de Dionysius Ehret (1708-1770), considerado como um dos mais excepcionais ilustradores da História da Botânica. Ao introduzir a

dictionary”<sup>178</sup>, uma das mais notáveis obras florísticas; Hudson publica uma flora da Inglaterra em 1760; von Haller<sup>179</sup> a da Suíça em 1768; Crantz a da Áustria, em 1769; Lamarck<sup>180</sup> a da França, em 1778». «Roth<sup>181</sup> [publica] entre 1787 e 1800, uma flora da Alemanha; Willdenow<sup>182</sup>, começa a publicar o seu “Species plantarum” em 1797<sup>183</sup> – as doutrinas de Lineu haviam triunfado por toda a parte<sup>184</sup>.

---

gravação em placas de cobre, Ehret obteve ilustrações botânicas com um detalhe e pormenor sem precedentes. P. Miller é considerado um conhecedor e observador excepcional das plantas, distinguindo-se em particular, as suas obras sobre as plantas cultivadas. Lineu considerou-o como o «príncipe dos jardineiros» («hortulanorum princeps»). Miller demonstrou que, em algumas plantas, nomeadamente na tulipa, são as abelhas que transportam os grãos de pólen das flores masculinas para as femininas. Era sócio da «Royal Society» de Londres (DE WITT, 1993: 242; FORD, 2003:568-571; MAGNIN-GONZE, 2004:112).

<sup>178</sup> A primeira edição desta obra foi publicada em 1731, seguindo-se diversas re-edições, sendo a oitava publicada em 1768. Ao adoptar o sistema de classificação de Lineu, Miller foi dos primeiros botânicos ingleses a abandonar os sistemas de classificação de Ray e Tournefort (DE WITT, 1993: 242). Na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) existe um exemplar da terceira edição desta obra datada de 1737. O exemplar não tem qualquer carimbo, nem anotação. Já existiria no tempo de G. Sampaio? Trata-se efectivamente de uma obra de grande envergadura, com centenas de páginas – simultaneamente um tratado de jardinagem, floricultura, horticultura, fruticultura, arboricultura e botânica sistemática e aplicada. Toda a obra está escrita em inglês. A maioria das entradas do «dicionário» corresponde a nomes de géneros de plantas, mas também existem entradas pormenorizadas sobre temas tão diversos como: as estufas; cada um dos meses do ano (em que descrevem detalhadamente os trabalhos a realizar no jardim, na horta, no pomar); o vinho; as sebes; o higrómetro; os relvados; o microscópio; os cogumelos; doenças como o míldio; a chuva, o sol, o arco-íris, o vento, o solo. As entradas sobre as plantas referem-se geralmente a nomes de géneros. Estes estão dispostos por ordem alfabética, mas ocasionalmente Miller intercala géneros próximos. Por exemplo, logo a seguir ao *Abies*, trata do *Pinus*, continuando com *Abrotanum*, *Absinthium*. Em cada género, Miller indica a etimologia do nome, o nome vulgar em inglês, e as características das plantas pertencentes ao género. No entanto, não cita os tratadistas clássicos. Seguidamente, indica as espécies do género. Cada espécie é designada pelo polinome usado por um tratadista clássico, seguido do nome vulgar. Nesta edição de 1737, Miller ainda utiliza a nomenclatura polinomial. Pelas palavras de G. Sampaio, sabemos que Miller, numa edição posterior desta obra terá adoptado a nomenclatura binária então recentemente introduzida por Lineu. Após a indicação das espécies, Miller descreve, detalhadamente, como cultivar as plantas citadas. Miller conhecia bem os tratadistas clássicos. Logo no início da obra lista a bibliografia que vai citar ao longo do seu trabalho. Boccone, Boerhaave, Caesalpinus, Bauhinus, Clusius, Dodonaeus, Magnol, Lobel, Dalechamp, Malpighius, Morison, Pluknet, Plumier, Ray, Tournefort e Zanoni, figuram entre os tratadistas clássicos citados.

<sup>179</sup> Albrecht von Haller (1708-1777) estudou medicina em Leida com Boerhaave, tornando-se médico em 1725. Foi professor de anatomia, medicina e botânica em Gotinga, em 1736, onde fundou um jardim botânico (Jardim Botânico de Gotinga) e uma sociedade científica. Em 1753, retirou-se para a Suíça. Publica, em 1768, a primeira flora suíça - «Historia stirpium indigenarum Helveticae inchoata», utilizando ainda a nomenclatura polinomial (DE WITT, 1993:14-15; MAGNIN-GONZE, 2004:129).

<sup>180</sup> Jean-Baptiste de Monet, cavaleiro de Lamarck (1744-1829) ficou conhecido na História da Botânica pela «Flore française» publicada em 1778, em três volumes, escrita sob a forma de chaves artificiais destinadas a permitir a identificação das plantas francesas. Em 1781, foi nomeado correspondente do Jardim do Rei e do seu Gabinete. O seu tratado de botânica ocupa os quatro primeiros volumes da «Encyclopédie méthodique» (1783-1793) e contribuiu para o progresso da Botânica e seu estabelecimento, no início do século XIX, como uma disciplina autónoma dentro das Ciências Naturais. Também é conhecido pela sua teoria – o «Lamarckismo», segundo a qual as mudanças no ambiente provocam mudanças na estrutura dos organismos (tais como novas utilizações e órgãos, ou a perda de partes, ou de órgãos, por desuso), e que essas modificações eram herdadas pelos descendentes. A sua teoria fica cristalizada na «Philosophie zoologique» de 1809 (LAWRENCE, 1973:33; GRIBBIN, 2002:236-237; ALLORGE & IKOR, 2003:641-643; MAGNIN-GONZE, 2004:156-157).

<sup>181</sup> A. W. Roth (1757-1834) foi médico em Vegesack, perto de Bremen. Publicou, em 1782, um trabalho sobre a planta insectívora *Drosera rotundifolia*. Roth destacou-se pelo estudo das algas, sendo o primeiro botânico a delimitar este grupo de plantas, num sentido moderno que ainda hoje se mantém, ao contrário da concepção confusa lineana das «Cryptogamia algae». Roth define algas como plantas (com clorofila, ao contrário dos fungos) sem vasos, sem órgãos (raiz, caule, folhas e flores) e não tendo os esporos envolvidos por uma estrutura, protectora (DE WITT, 1994:121).

<sup>182</sup> Karl Ludwig Willdenow (1765-1812) estudou medicina e tornou-se boticário em Berlim. Em 1798, foi nomeado professor de história natural em Berlim. Publica, em 1792, «Grundriss der Kräuterkunde zu Vorlesungen entworfen»

Para G. Sampaio foi António Lourenço de Jussieu<sup>185</sup> quem estabeleceu, em 1789 na sua “Genera plantarum”<sup>186</sup> [**Estampa** III.10.], o primeiro sistema natural de classificação das plantas: «As plantas devem ser reunidas num mesmo grupo [...] não pela semelhança ou diferença de um só carácter, mas sim pela semelhança ou diferença de um grupo de caracteres, positivos ou negativos, que definam suficientemente o conjunto geral da sua organização»<sup>187</sup>. Jussieu considerava no entanto que os caracteres não tinham todos a mesma importância<sup>188</sup>. G. Sampaio escrevia: «O carácter de maior

(Elementos de botânica para o uso no ensino), que atinge grande fama e difusão, com diversas re-edições. Neste trabalho, Willdenow tenta explicar a influência do clima sobre o tipo de vegetação e as alterações da vegetação da Terra ao longo da sua evolução. É a primeira tentativa de explicação científica da distribuição das plantas – a fundação da fitogeografia. Em 1801, é director do Jardim Botânico de Berlim, cuja colecção amplia excepcionalmente. Publica, entre 1803 e 1816, «Hortus berolinensis», uma colecção de 108 excelentes gravuras sobre cobre, de plantas. Em 1809, publica «Enumeratio plantarum horti regii berolinensis» em que apresenta a diagnose de 1180 géneros, representando 6351 espécies, seguindo directamente o sistema lineano de classificação. Publica também, de 1797 a 1810, uma edição revista de Species plantarum, de Lineu. É nomeado professor de botânica na Universidade de Berlim, em 1810 (DE WITT, 1994:154-155; MAGNIN-GONZE, 2004:155).

<sup>183</sup> Entre 1797 e 1810, Willdenow publicou, em quatro volumes, uma revisão da «Species plantarum» de Lineu. Após a sua morte, foi publicado o volume 5 em 1820, e o volume 6 em 1824-1825. Trata-se de uma ampliação e melhoria excepcional da obra de Lineu, em que Willdenow descreve 353 géneros e 4.600 espécies novas para a ciência. É, na realidade, uma nova «Species plantarum», e uma antevisão do que seria a monumental «Das Pflanzenreich» de Engler (DE WITT, 1994:154-155).

<sup>184</sup> Willdenow publicou, em 1787, um prodromo da flora de Berlim. São listadas 1234 espécies, incluindo as criptogâmicas. É interessante a forma do autor designar as espécies. O nome do género está em letra maiúscula, o epíteto específico em itálico, seguindo-se uma série de nomes em letra redonda. Willdenow parece querer fazer a transição entre a recente nomenclatura binomial e a antiga polinomial. Em 1809, Willdenow publica uma listagem completa das espécies existentes no Jardim Botânico de Berlim («Enumeratio plantarum horti regii berolinensis»). Neste trabalho, Willdenow designa as espécies unicamente pelo seu binome. A nomenclatura polinomial fora definitivamente abandonada.

<sup>185</sup> Antoine-Laurent de Jussieu (A.-L. Jussieu) (1748-1836) pertencia a uma família de distintos botânicos franceses. Formou-se em medicina, em 1770. Foi professor no Jardim do Rei e director do Museu de História Natural de Paris. «Foi-lhe incumbida a reforma da Escola de Botânica do Jardim das Plantas [de Paris] e nela aplicou as ideias de seu tio, Bernardo de Jussieu (também um botânico notável), o chamado “método natural”, que expôs em duas memórias à Academia em 1773 e 1774» (GEPB). Publicou, em 1789, a sua obra principal - «Genera plantarum secundum ordines naturales disposita». Nesta obra, as plantas são classificadas em 15 classes, de acordo com as seguintes características: número de cotilédones; número de pétalas; posição relativa dos estames e da corola. Foi membro da Sociedade Lineana de Londres. Atravessa a Revolução Francesa sem percalços, talvez pelas suas relações cordiais com Lamarck. Retira-se em 1826, e morre cego, perto de Paris. A.-L. Jussieu reconhecerá explicitamente a influência de seu tio no seu sistema de classificação das plantas. Os seus conceitos de classificação botânica foram seguidos por Lamarck, na sua «Encyclopédie méthodique». (GEPB; GRAY, 1907:338-339; PORTER, 1959:17-18; LAWRENCE, 1973:33-34; DE WITT, 1994:91-94; ALLORGE & IKOR, 2003:309-313; MAGNIN-GONZE, 2004:144-145).

<sup>186</sup> Existe na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) um exemplar desta edição da obra de A.-L. Jussieu (**Estampa** III.10.). O exemplar tem o carimbo da «Real Academia do Porto». Numa das primeiras páginas, G. Sampaio escreveu: «Esta 1.<sup>a</sup> edição é mais estimada que a 2.<sup>a</sup> sahida em Usteri, em 1791. Regula no seu custo 5 francos. G. Sampaio».

<sup>187</sup> O Marquês de Condorcet, na introdução à edição de 1789, escrevia que A.-L. Jussieu considerava que «pour suivre la marche de la Nature dans le rapprochement des espèces, il faut joindre celles que se ressemblent par le plus grand nombre de leurs caractères».

<sup>188</sup> No sistema de classificação de A.-L. Jussieu, os caracteres das plantas não tinham todos o mesmo «peso» ou «valor». O Marquês de Condorcet, na introdução à edição de 1789 escrevia: «des caracteres plus constants & d’autres qui le sont moins, donne lieu à l’annoncé d’un autre principe; savoir, que les caractères doivent être pesés ou calculés suivant leur valeur relative, de sorte qu’un caractère constant équivaut à plusieurs caractères variables». Para Jussieu, os caracteres mais gerais e menos variáveis são os dos órgãos mais essenciais, como a flor e o fruto. A raiz, o caule e as folhas são órgãos secundários – os seus caracteres são mais variáveis e menos importantes que os da flor e fruto.

poder associativo [...] tem o nome de carácter dominante e serve por si só, em muitos casos, para definir o grupo taxinómico em que se manifesta»<sup>189</sup>. No sistema da classificação de A.-L. Jussieu «todos os vegetais conhecidos [eram distribuídos] em famílias definidas quási sempre com nitidez científica»<sup>190</sup>.

A fisiologia vegetal também progredia. «O holandês Ingenhouz<sup>191</sup>, em 1780, e o suíço Senebier<sup>192</sup>, em 1788, constataam nos vegetais verdes o fenómeno da clorocarbonização à luz e o da respiração na obscuridade»<sup>193</sup>.

<sup>189</sup> A.-L. Jussieu considerava que, nas plantas, existiam caracteres fundamentais primários, secundários e terciários, que definiam (e distinguíam entre si) os diferentes níveis da hierarquia sistemática. O Marquês de Condorcet, na introdução à edição de 1789, definia da seguinte forma estes três tipos de caracteres morfológicos exibidos pelas plantas. Os caracteres primários eram «essentiels, toujours constants, uniformes dans tous les ordres, & tirés d'organes essentiels ; tels sont l'insertion des étamines ou leur disposition relativement au pistil, la situation de la corolle staminifère, & le nombre des lobes ou cotyledons de l'embrion». Quanto ao número de cotilédones, as plantas eram classificadas em acotiledóneas (sem cotilédones), monocotiledóneas (um cotilédone) e dicotiledóneas (dois cotilédones). Quanto à corola, as plantas eram classificadas em apétalas (sem corola), monopétalas (corola constituída por uma só peça) e polipétalas (corola constituída por duas ou mais peças). Quanto à posição dos estames relativamente ao pistilo, os estames eram classificados em epigíneos (estames numa posição superior ao ovário), hipogíneos (estames numa posição inferior ao ovário) e perigíneos (estames inseridos no cálice). Quanto aos caracteres secundários, escrevia Condorcet que «les seconds sont généraux, presqu'uniformes dans tous les ordres, variables seulement par exception, & tirés d'organes non essentiels ; tels sont la présence ou le défaut du calice soit de la corolle non staminifère, la structure de la corolle considérée comme monopetale ou polypetale, la situation relative du calice & du pistil, enfin la présence ou l'absence ainsi que la nature du perisperme que est un corps particulier environnant l'embrion, que l'on rencontre dans beaucoup de semences, & auquel Grew & M. Gaertner donnent le nom latin d'albumen». Finalmente, relativamente aos caracteres de terceira ordem, Condorcet escrevia que «les caractères de la troisième classe, sont tantôt uniformes, tantôt variables & tirés des organes, soit essentiels, soit non essentiels ; tels sont le calice monophylle ou polyphylle, l'ovaire simple ou multiple, le nombre, la proportion & la connexion des étamines ; le nombre des loges du fruit & sa manière de s'ouvrir, la position des feuilles & des fleurs & d'autres caractères analogues».

<sup>190</sup> A.-L. Jussieu organizou as plantas, à semelhança de Ray, em três grandes grupos: acotiledóneas, monocotiledóneas e dicotiledóneas. O primeiro grupo continha as plantas sem flor – as criptogâmicas. As mono- e dicotiledóneas eram subdivididas de acordo com características dos estames e da corola. O grupo das monocotiledóneas era constituído por três classes e o das dicotiledóneas por 11. O reino vegetal tinha portanto 15 classes. As classes eram constituídas por «ordines naturales», num total de 100 famílias. A última era a das coníferas. A organização em famílias de Jussieu ainda hoje é válida na nomenclatura botânica (GRAY, 1907:338-339; DE WITT, 1994:91-94). As 15 classes de Jussieu eram definidas com base nos caracteres fundamentais primários. O sistema de classificação das plantas de Jussieu era efectivamente hierárquico e coerente. As características de cada classe eram observadas em todas as ordens que constituíam a classe. Cada ordem era sub-dividida em secções. As características de cada ordem eram observadas em todos os géneros que a constituíam. Ao caracterizar um género, Jussieu não repetia as características da ordem a que pertencia (dado que estas eram implícitas no sistema hierárquico) mas tão-somente indicava os caracteres diferenciais desse género, que o distinguia dos outros géneros da mesma ordem. Jussieu também formulava um conceito moderno de espécie e género, como categorias taxonómicas. Vicq d'Azyr, da Academia Real de Medicina (Francesa), na introdução à edição de 1789 descrevia como Jussieu concebia a espécie e o género botânicos. Pertencem à mesma espécie: «toutes les plantes parfaitement semblables dans toutes leurs parties, & que si reproduisent toujours sous les mêmes formes». Os géneros são conjuntos de espécies análogas entre elas: «ici ce n'est plus une ressemblance complete qu'on exige; ce font des analogies susceptibles de différens degrés de nuances dont les limites ne sont pas déterminées d'une manière aussi précise [...] de ne rassembler, dans un même genre, que les espèces qui se rapprochent par le plus grand nombre de leurs caractères».

<sup>191</sup> Jan Ingen-Housz (1730-1790/1799) formou-se em medicina, em Leida, em 1753. Em 1765, instala-se em Londres. Experimentador persistente em fisiologia vegetal, publica, em 1779, «Experiments upon vegetables, discovering their great power of purifying the common air in the sunshine, and of injuring it in the shade and at night», onde demonstra que durante o dia as plantas purificam o ar pela absorção do flogístico que transformam em alimento vegetal, libertando o seu resíduo - «excrementitious fluid» (pelo processo que posteriormente será designado de fotossíntese em que ocorre uma

O século XVIII terá em Portugal botânicos e naturalistas excepcionais, que G. Sampaio naturalmente destaca. Domingos Vandelli<sup>194</sup>, naturalista italiano convidado pelo Marquês de Pombal para «reformar o ensino português das sciências histórico-naturais». G. Sampaio destaca o papel do naturalista italiano na fundação do Jardim Botânico da Universidade de Coimbra e no Jardim Botânico da Ajuda, em Lisboa, e a sua obra fundamental «Diccionario dos termos technicos de Historia natural» (**Estampa III.11.**). «Em 1790 aparece em Lisboa a “Flora Conchichinensis” do missionário português João Loureiro, dois volumes notabilíssimos em que são descritas muitas espécies orientais ainda então desconhecidas e definidos numerosos géneros novos». «O abade Correia da Serra<sup>195</sup>, sábio botânico reputadíssimo em todos os centros de cultura, considerado o primeiro fisiologista do seu tempo e um

---

absorção de dióxido de carbono e libertação de oxigénio), mas que, durante a noite, o tornam nocivo (pela respiração, onde ocorre uma libertação de dióxido de carbono). A produção de oxigénio cessa na obscuridade, produzindo então toda a planta, dióxido de carbono. A produção de oxigénio durante o dia excede a de dióxido de carbono durante a noite, depende da intensidade luminosa, e ocorre sobretudo na face inferior das folhas (SACHS, 1906:491-495; DE WITT, 1993:76-79; MAGNIN-GONZE, 2004:158-159).

<sup>192</sup> Jean Senebier (1742-1809) nasceu e morreu em Genebra. Em 1782, publica «Mémoires physico-chimiques sur l'influence de la lumière solaire, pour modifier les êtres des trois règnes de la nature, et surtout ceux du règne végétal», onde confirma as interpretações de Ingen-Housz. Demonstra que a produção de oxigénio depende directamente da presença do flogístico (dióxido de carbono). Publica a «Physiologie végétale», em 1799-1800, onde descreve os órgãos das plantas e seu funcionamento. Senebier, tal como Ingen-Housz, não identifica a natureza química do flogístico (SACHS, 1906:495-497; DE WITT, 1993:79-80; MAGNIN-GONZE, 2004:159).

<sup>193</sup> As descobertas de Ingen-Housz e de Senebier seriam aprofundadas por Nicolas Théodore de Saussure (1767-1843). Utilizando métodos experimentais mais rigorosos que os seus antecessores, Saussure demonstra que o aumento da massa nas plantas é feito essencialmente a partir do dióxido de carbono e da água, que todas as partes das plantas respiram, absorvendo oxigénio, e que os nitratos e outros minerais são indispensáveis à nutrição vegetal sendo absorvidos do solo e não da atmosfera. Finalmente, Liebig, químico notável, demonstra que todo o carbono das plantas provém do dióxido de carbono atmosférico (SACHS, 1906:497-531).

<sup>194</sup> Domingos Vandelli (1730-1816) nasceu em Pádua, em 1730, e faleceu em Lisboa, a 27 de Junho de 1816. Doutorou-se em filosofia na Universidade de Pádua. Em 1772, é nomeado, pelo governo de D. José I, lente de história natural e química da Universidade de Coimbra. Em Coimbra, dirigiu os primeiros trabalhos para a criação do Jardim Botânico de Coimbra. Foi jubilado em 1790. Vem para Lisboa, como Director do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda. Das suas obras de história natural, destaca-se o «Diccionario dos Termos Technicos de Historia Natural», publicado em Coimbra, em 1788, e o «Viridarium Grisley Lusitanicum, Linneanis nominibus illustratum», editado em 1789 (GEPB; FERNANDES, 1980; CABRAL & FOLHADELA, 2006). Sobre a vida e obra de Vandelli ver o detalhado trabalho de BRIGOLA (2003). A bibliografia de Vandelli está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

<sup>195</sup> MATTOS (1881) descreveu a vida e obra de José Corrêa da Serra (1750-1823) nos seguintes termos (**Estampa III.12.**): Nasceu em Serpa, em 1750. Aos seis anos de idade parte com os pais para Nápoles. Tem formação eclesiástica, onde adquire conhecimentos aprofundados de línguas e de história natural. Contacta com Antonio Verney. Desloca-se então para Roma, onde conhece D. João de Bragança, Duque de Lafões. É ordenado presbítero, em 1775. Regressa a Portugal, em 1777. Com o Duque de Lafões, funda, em 1779, a Academia das Ciências de Lisboa, assumindo a função de secretário. Sofre perseguições «nos tempos ominosos do intolerantismo religioso e da tyrannia politica», pedindo asilo em França (1786-1791, onde conhece o botânico Brousonet), e em Inglaterra, em 1797. Em Londres, é recebido por Joseph Banks, presidente da Royal Society de Londres. Nas «Philosophical Transactions» publica dois trabalhos, e nas «Transactions of the Linnean Society» duas memórias. Em 1801, é nomeado conselheiro da delegação portuguesa em Londres, «cargo que pouco tempo exerceu, sendo d'elle destituído por intrigas do embaixador». Deixa Londres, passa por França, e finalmente dirige-se para os Estados Unidos da América, onde tem uma brilhante carreira de diplomata e investigador. Em 1816, é nomeado por D. João VI, «ministro plenipotenciário junto do governo da república dos Estados-Unidos». Em 1821, regressa a Portugal, e é de novo secretário da Academia das Ciências de Lisboa. A idade – 71 anos, e a diabetes, tinham no entanto enfraquecido Corrêa da Serra. Morre nas Caldas da Rainha em 1823.

dos maiores e mais aprofundados carpologistas de todos os paizes» (**Estampa III.12.**). Na viragem para o século XIX, G. Sampaio destaca naturalmente a figura tutelar de Félix Avelar Brotero<sup>196</sup> (**Estampa III.13.**) «professor da Universidade de Coimbra, autor de um magnifico “Compendio de Botânica” (1788) e numerosos trabalhos fitográficos, inicia em 1800 a publicação da sua “Phytographia Lusitaniae selectior”, obra ampla e muito bem ilustrada com gravuras a buril, recomeçada em 1816 [**Estampa III.14.**]. A sua “Flora lusitanica”, em 2 volumes aparecidos em 1804, é um trabalho clássico, ainda hoje o único de conjunto que existe completo sobre a vegetação do nosso paiz. [**Estampa III.14.**.]»

---

<sup>196</sup> Julio Henriques publicou uma biografia de Brotero, da qual extraímos os elementos seguintes (**Estampa III.13.**) (HENRIQUES, 1882): Felix da Silva de Avellar (1744-1828) nasceu em Santo Antão do Tojal, perto de Lisboa. Educado pelos avós, estuda no Convento de Mafra «as primeiras letras, grammatica latina, lógica e metaphisica». «Em Lisboa tinha convivência íntima com Francisco Manoel do Nascimento, cujas ideias desagradaram ao Santo Officio, que lhe instaurou processo, tentando encarcerar-o». Em 1778, emigra para França. «Em Paris a Historia natural tinha então cultores distinctos. O genio de Buffon dava ao museu do rei grande esplendor; Valmont de Bomare, fazendo cursos publicos sobre as sciencias naturaes, chamava para ellas a attenção dos estudiosos; A.-L. Jussieu, herdeiro d’um nome glorioso nos annaes de Botanica, publicava o seu Genera plantarum secundum ordines naturales disposita; Lamarck creava nome com a publicação da Flora francesa, onde os sábios e os amadores encontravam óptimos elementos de estudo; Desfontaines, Geoffroy Saint-Hillaire e outros brilhavam pelo seu saber. Tudo n’essa época tendia a dar grande superioridade aos estudos histórico-naturaes. F. d’Avellar – que por esse tempo tomou o nome de Brotero (significando Amante dos mortaes) - não deixou de conhecer a importancia de taes estudos e por isso os seguiu. Ouviu as lições dos grandes naturalistas, praticou com os sábios mais distinctos». Deste trabalho resulta a publicação, em Paris, do Compendio de Botanica. «O Compendio era no seu tempo um livro de primeira ordem em toda a parte. Em Portugal tinha e tem valor excepcional. A introdução historica é optimamente feita e por isso mereceu elogios do professor Link. A parte anatomica e physiologica corresponde á sciencia d’aquelle tempo». «O systema linneano é alli exposto com máxima clareza e o methodo de estudar e descrever as plantas nada deixa a desejar. O dictionario dos termos próprios da Botânica, que fórma quasi todo o segundo volume da obra é ainda hoje o melhor e mais completo, que existe em língua portugueza». Decide voltar para Portugal, em 1790. Logo no ano seguinte foi encarregado do ensino da botânica e da agricultura, na Universidade de Coimbra. «O jardim botanico [Jardim Botânico de Coimbra], que tinha sido começado em 1774 sob a inspecção de Vandelli, só chegou a ter verdadeira importancia no tempo de Brotero. O plano por elle indicado para as obras necessárias é prova valiosa do seu saber e bom senso». Dedicava-se também ao estudo da flora portuguesa. Herboriza na Serra da Estrela, no Alentejo e no Algarve. «Em resultado d’estes trabalhos deu Brotero á publicidade em 1804 a “Flora lusitanica” e de 1816 a 1827 a “Phytographia Lusitaniae selectior”». «Na Flora descreve Brotero 1885 especies de plantas que colheu nas suas herborisações e a disposição d’ellas, artificial como a de Lúneo, é mais simples e homogénea. Muitas d’estas especies são descriptas como novas e ainda hoje muitas conservam a sua autonomia», «outras, melhor estudadas, não constituíam novidades. A parte relativa ás cryptogamicas é bastante deficiente e não nos deve por isso causar admiração, atenta a dificuldade da materia. Hoje é raro o botanico, que estudando as phanerogamicas, estude ao mesmo tempo as cryptogamicas. As fórmas e organização são tão diversas, que tal estudo constitue uma verdadeira especialidade. Na Phytographia Lusitaniae selectior a Flora é corrigida e ampliada. As descrições são completas e acompanhadas de gravuras representando as especies descriptas». Em 1811 «foi chamado por D. João VI, então regente, para director do real museu e jardim botanico da Ajuda [Jardim Botânico da Ajuda]». «Falleceu em Alcolena de Belém em 4 d’agosto de 1828». «Deve ter-se em vista na apreciação dos trabalhos scientificos de Brotero uma circumstancia, que considero de muito valor; é o isolamento de Brotero. Achar-se só, sem companheiros nas herborisações, sem homens competentes para com elles discutir os pontos duvidosos, com relações difficeis com os sábios estrangeiros e de certo com meios limitados, é de fazer desanimar os mais corajosos. Apesar de tudo Brotero não desanimou». «Brotero possuía qualidades litterarias muito notáveis. A educação classica, que tinha recebido, era própria para isso». «Na introdução da Flora e da Phytographia, nas descrições botánicas, no Compendio, em fim em todos os escriptos, é notavel a correcção da linguagem e a elegância da forma». «Os botanicos estrangeiros não desprezavam o nome do botanico portuguez e como prova de consideração, Sprengel, Cavanilles, Willdenow, como ainda hoje Hackel, Boissier, Willkomm e outros, tem ligado o nome de Brotero ao de muitas especies, que descreveram». A bibliografia de Brotero está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/> e <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

«No século XIX continuam os progressos da botânica descritiva e acentuam-se os estudos da fisiologia e da histologia dos vegetais<sup>197</sup>. Em 1803 o suíço Vaucher<sup>198</sup> publica a “Historie des conferves d’eau douce”, em que pela primeira vez são descritas a esporulação e a ovulação isogâmica nas algas; Ehrenberg<sup>199</sup> consigna em 1820 a ovulação nos fungos ficomicetos<sup>200</sup>; em 1822, e depois em 1830, o italiano Amici<sup>201</sup> estuda definitivamente a germinação do pólen sobre o estigma e a deslocação do tubo polínico até ao óvulo». Efectivamente será neste século que se estabelecem as fundações da botânica moderna, com o conhecimento aprofundado dos ciclos de vida em todos os grandes grupos de vegetais (desde as bactérias até às angiospérmicas). G. Sampaio descreve sucintamente os marcos históricos deste progresso: «em 1834 Unger<sup>202</sup> descobre pela primeira vez os anterozóides, nos musgos,

---

<sup>197</sup> Neste capítulo, G. Sampaio não menciona diversas contribuições importantes no estudo da célula vegetal: a de Robert Brown (1773-1858), no estudo do núcleo; a de Matthias Schleiden (1804-1881) e de Theodor Schwann (1810-1882), no estabelecimento da «teoria celular» – a célula como unidade fundamental da constituição e do desenvolvimento das plantas e dos animais; a de Hugo von Mohl (1805-1872), no estudo do protoplasma; a de Karl Nägeli (1817-1891), no estudo do núcleo e da divisão celular (SACHS, 1906:139-144,188-197,226-227,292-297; MAGNIN-GONZE, 2004:175-177). O incremento dos estudos de citologia e histologia vegetais e concomitante aprofundamento do conhecimento da célula vegetal, deveu-se ao notável desenvolvimento da arte da microscopia, nas primeiras décadas do século XIX. O ver mais pequeno suscitava interpretações para aquilo que se observava pela primeira vez. Por sua vez, as hipóteses, para serem testadas, exigiam novas observações, quicá com maior pormenor. O escolasticismo não podia manter-se nas Ciências Naturais. SACHS (1906:182-183,257-258) sintetizou esta revolução do estudo do microscópico da seguinte forma: «Investigation by means of the microscope enforces on the observer the very highest strain of attention and its concentration on a definite object, while at the same time a definite question to be decided by the observation has always to be kept before the mind [...] serious attention to microscopy was one of the causes which introduced the best observers to the practice of inductive enquiry, and gave them an insight into its nature; and in a few years’ time when the actual results of these investigations began to appear, and when a wholly new world disclosed itself to botanists, especially in the Cryptogams, then questions arose on which the dogmatic philosophy had not essayed its ancient strength; the facts and the questions were new and untouched, and presented themselves to unprejudiced observation in a purer form than those which during the first three centuries had been so mixed with the old philosophy and with the principles of scholasticism».

<sup>198</sup> Vaucher (1763-1841) era padre em Genebra. Descobre as células sexuais de uma alga verde, que, mais tarde, em sua homenagem, será designada por De Candolle, de *Vaucheria*. Observa e desenha a reprodução sexual em algumas algas verdes, como *Spirogyra* e *Zygnema* (DE WITT, 1994:122; MAGNIN-GONZE, 2004).

<sup>199</sup> C. G. Ehrenberg (1795-1876) estudou teologia e medicina em Lípsia e Berlim. Entre 1820 e 1825, viaja no Médio Oriente e recolhe animais, plantas e fósseis. É nomeado professor da Academia das Ciências de Berlim, em 1827. Na sua obra «Mycetogenesis», publicada em 1829, Ehrenberg observa o ciclo sexual em *Sporodinia*, constituindo a primeira observação da reprodução sexual nos fungos. Observa e descreve os esporos dos fungos, e a sua germinação. Também realiza importantes observações microscópicas em outros microrganismos (SACHS, 1906:211-212; DE WITT, 1994:114-115).

<sup>200</sup> Os fungos menos evoluídos (*Chytridiomycetes*, *Hyphochytriomycetes*, *Oomycetes* e *Zygomycetes*) foram designados, até meados do século XX, de ficomicetos. Hoje sabemos que este grupo é, evolutiva e estruturalmente, muito diverso (os chitridiomycetos e os zigomicetos são muito diferentes e mais evoluídos do que os restantes ficomicetos), pelo que a designação não é mais usada. Ehrenberg observou o ciclo sexual em *Sporodinia*. Trata-se de um zigomiceto do grupo das *Mucorales*, em que a reprodução sexual ocorre por fusão de gametângios, originando um zigosporângio.

<sup>201</sup> Giovanni B. Amici de Florence (1786-1863) era um microscopista de renome e também matemático. Contribuiu para um melhor conhecimento do processo de fertilização nas plantas (SACHS, 1906:434; MAGNIN-GONZE, 2004:174).

<sup>202</sup> Franz Unger (1800 - 1870) foi médico e depois professor de botânica em Viena. Observa a formação de uma parede transversal nas células vegetais em divisão. Demonstra que as células vegetais se multiplicam por divisão, e não se formam umas no interior de outras, como afirmava Mirbel (SACHS, 1906:325-326; MAGNIN-GONZE, 2004:177).

e o francês Thuret<sup>203</sup> revela a sexualidade nas algas; em 1848 o polaco conde Suminsky<sup>204</sup> descreve a formação do ovo nos fetos, o alemão Hofmeister<sup>205</sup>, entre 1849 e 1851, descobre a oosfera nas angiospermas, com a sua transformação em ovo pela acção do conteúdo do tubo polínico, e define o gametófito e o esporófito nas briófitas, nas pteridófitas e nas spermatófitas; em 1850 o francês Garreau demonstra a continuidade da respiração dos vegetais, na luz e na obscuridade, como fenómeno independente da clorocarbonização; [...] Schwendener<sup>206</sup> funda em 1867 a teoria simbiótica dos líquenes; em 1896 os japoneses Ikeno e Hirase descobrem nas gimnospermas natrices os anterozóides móveis, com cílios, e a formação do ovo; o russo Nawaschine consigna, em 1898, a existência de anterozoides moveis no tubo polínico das angiospermas e surpreende o fenómeno da dupla fecundação nestas plantas».

A taxonomia botânica acompanhava este esforço de sistematização do conhecimento botânico<sup>207</sup>: «o suíço [Agostinho Piramo] A. P. De Candolle<sup>208</sup> inicia em 1824 a publicação de uma

---

<sup>203</sup> G. A. Thuret (1817-1875) foi um dos fundadores da algologia moderna, tendo elucidado, em particular, os ciclos de vida em diversos grupos de algas. Num trabalho publicado em 1840, descreveu, nas *Characeae* (grupo de algas verdes), os anterozóides (células masculinas flageladas) a libertarem-se dos anterídios. Thuret e Decaisne apresentam, em 1844, uma comunicação à Academia das Ciências de Paris, onde descrevem os anterozóides de *Fucus* (uma alga castanha), notando que os flagelos destas células são diferentes dos observados nas Characeas. Em 1853, Thuret demonstra, experimentalmente, o papel dos anterozóides, no ciclo sexual de *Fucus*. A reprodução sexual nas algas vermelhas é muito diversa das restantes algas, e Thuret e Bornet publicam, em 1866, um trabalho em que descrevem que nestas algas, as células sexuais masculinas (espermácios) se fundem com os tricogínios dos carpogónios, as células femininas (SACHS, 1906:209; DE WITT, 1994:125-126).

<sup>204</sup> Michael Jerome Leszczyc-Suminski (1820-1898) descobriu o mecanismo da reprodução nos fetos (SACHS, 1906:438-439; MAGNIN-GONZE, 2004:184).

<sup>205</sup> Wilhelm Hofmeister (1824-1877) não teve uma formação académica em botânica, mas, por influência de Gustav Reichenbach de Hamburgo, tornou-se num especialista em microscopia vegetal. Em 1863, é convidado para professor de botânica na Universidade de Heidelberg. Especializa-se no estudo da estrutura, desenvolvimento, reprodução e ciclo de vida das gimnospérmicas, angiospérmicas e criptogâmicas superiores. Era dotado de uma maestria das técnicas de microscopia, de uma capacidade de observação invulgar e de uma aptidão excepcional para descrever e desenhar as suas observações (SACHS, 1906:199-203; MAGNIN-GONZE, 2004:184-185).

<sup>206</sup> Simon Schwendener (1829-1919), professor em Basileia, demonstra que os líquenes são constituídos por um fungo e uma alga. Interpreta a associação líquénica como um fenómeno de parasitismo do micobionte sobre o fotobionte (MAGNIN-GONZE, 2004:196).

<sup>207</sup> G. Sampaio não menciona a importante contribuição dos evolucionistas – Darwin e Wallace, e dos geneticistas – Mendel e De Vries, para o avanço da Botânica do século XIX (MAGNIN-GONZE, 2004:188-192).

<sup>208</sup> Augustin Pyrame De Candolle (1778-1841), suíço, formou-se em medicina em 1804, em Paris. Frequentou o Museu de História Natural de Paris, sendo influenciado pelo transformismo de Lamarck e de Geoffroy Saint-Hillaire. Em 1808, é nomeado professor de botânica na Universidade de Montpellier, sucedendo a Broussonet. Em 1813, publica o «Catalogus plantarum Horti botanici Monspeliensis». Lamarck confiou-lhe a redacção da 3.<sup>a</sup> edição da Flora francesa que refundiu por completo, publicando-a em 1815, em Paris, numa edição em seis volumes. Em 1816, regressa a Genebra, sua cidade natal, onde ensina história natural e dirige o Jardim Botânico (Jardim Botânico de Genebra). Apesar de ter estudado a fisiologia vegetal e publicado «Physiologie Végétale», será na taxonomia vegetal que se notabilizará, adoptando os princípios do método natural de A.-L. Jussieu, que todavia aperfeiçoa. Publica o «Regni vegetabilis systema naturale», em dois volumes, de 1818 a 1821, e inicia a publicação do monumental «Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis», que acabará por ser uma obra de três gerações (Agostinho Piramo, Afonso e Casimiro), publicada entre 1825 a 1873. A obra todavia não alcançou o objectivo inicial de ser um catálogo completo de todas as espécies conhecidas, e suas variedades. Publicou, em 1809, «Géographie agricole et botanique» tornando-se com Willdenow e Humboldt, um dos fundadores da ecologia vegetal

vasta flora universal, o “*Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis*”, em que são estabelecidos originalmente, embora com denominações hoje não adotadas, os quatro grandes grupos primários dos vegetais actualmente admitidos<sup>209</sup>. Em Portugal «em 1809 os alemães conde de Hoffmanssegg e professor Link<sup>210</sup>, que haviam percorrido o nosso paiz em 1798 e 1799, começam a publicar em Berlim a sua luxuosa “*Flore portugaise*”, cujo ultimo fascículo apareceu em 1840, ficando incompleta». Mas para G. Sampaio, o real valor científico desta obra não é tão elevado como o da sua apresentação: «Este trabalho, com magnificas estampas coloridas, está longe de possuir, no entanto, um valor scientifico correspondente ao aparato com que foi executado».

No último parágrafo dos programas da «Botânica Geral» que se tem vindo a analisar, G. Sampaio refere «as explorações e as colheitas de plantas portuguesas feitas pelo austríaco dr. Welwitsch<sup>211</sup>». A última frase é naturalmente dedicada ao decano da botânica portuguesa da época, Júlio Henriques da Universidade de Coimbra, em tons de admiração e rasgados elogios: «Porém, em 1879, o sábio e venerando professor de botânica na Universidade de Coimbra, snr. dr. Julio Henriques, funda a Sociedade Broteriana e consegue com os seus incitamentos e sua tenacidade produzir entre nós

---

e da fitogeografia. Em 1813, publica a «*Théorie élémentaire de la botanique*». O seu herbário, ampliado por seu filho e neto, e totalizando 399.646 espécimes, foi entregue, em 1921, à cidade de Genebra (GEPB; SACHS, 1906:126-139; PORTER, 1959:18-19; LAWRENCE, 1973:34-35; DE WITT, 1993:95-98; DROUIN, 2001; ALLORGE & IKOR, 2003:680-681; MAGNIN-GONZE, 2004:165-166). «A sua influência no desenvolvimento dos estudos botânicos foi primordial e a sua obra, um verdadeiro monumento de trabalho e erudição». O seu filho Afonso e seu neto Casimiro «continuaram a sua obra com notável proficiência» (GEPB).

<sup>209</sup> A. P. De Candolle dividiu as plantas em «vasculares» (fanerogâmicas) e «celulares» (avasculares – criptogâmicas). As plantas vasculares foram subdivididas em di- e monocotiledóneas. As plantas avasculares foram subdivididas em plantas com órgãos sexuais (fetos, musgos e hepáticas) e plantas destituídas destes órgãos (líquenes, fungos e algas) (GRAY, 1907:339-340). Os sistemas de classificação de De Candolle e de Endlicher, semelhantes entre si, são ainda hoje utilizados, nomeadamente na organização das disciplinas no ensino da Botânica.

<sup>210</sup> Heinrich Friedrich Link (1767-1851) após ter terminado os seus estudos em medicina e ciências naturais em Gotinga, leccionou em Rostock (1792), Wroclaw (1811) e Berlim (1815), onde foi director do Jardim Botânico (Jardim Botânico de Berlim). Na companhia do Conde de van Hoffmanssegg, Link viajou em Portugal e na Grécia, nos anos de 1797-1799. O relato da viagem a Portugal aparece numa obra em três volumes «*Voyage au Portugal*». Como resultado dessas explorações foi publicada a monumental «*Flore Portugaise*», em dois volumes, editados em 1809 e 1820. São também importantes as suas contribuições em estudos de anatomia e fisiologia vegetais (GEPB; SACHS, 1906:267-268; MAGNIN-GONZE, 2004:194; CABRAL & FOLHADELA, 2006). Parte da bibliografia de Link e van Hoffmanssegg está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/> e <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

<sup>211</sup> Frederico Artur Welwitsch (1806-1872), médico austríaco, cedo se interessou pelas ciências naturais. Numa missão botânica aos Açores e Cabo Verde, passa por Lisboa, onde acaba por residir durante alguns anos. Foi conservador do Jardim Botânico da Ajuda. Herborizou frequentemente no continente, recolhendo muitos exemplares para herbário. Antes de partir para África, o seu herbário é vendido à Academia das Ciências de Lisboa. Posteriormente, em 1853, o herbário de Welwitsch passa para a Escola Politécnica de Lisboa, onde ainda hoje se encontra. Em 1853, por iniciativa do visconde de Sá da Bandeira, parte para uma grande viagem científica a África. No deserto de Moçâmedes descobre a planta notável que em sua homenagem será designada de *Welwitschia Bainesii* Hooker. Os géneros *Welwitschella* O. Hoffm. e *Welwitschiina* Engl. também lhe foram dedicados. Após a sua morte, gerou-se uma séria disputa entre os governos inglês e português sobre as suas colecções africanas, mas estas acabaram por chegar a Lisboa em 1878. Algumas foram estudadas pelo Conde de Ficalho (GEPB; PALHINHA, 1953; MELO, 1987).

um renascimento de actividade investigadora no campo da botânica a que de futuro se fará toda a justiça».

## 2. G. Sampaio e Amato Lusitano

Amato Lusitano foi um médico e botânico notável do Renascimento português<sup>212</sup>. As suas descobertas médicas atraíram estudiosos da História da Medicina. Maximiano de Lemos publica, em

---

<sup>212</sup> João Rodrigues de Castelo Branco nasceu em 1511, em Castelo Branco, no seio de uma família judia. Parte para Salamanca, em 1526, onde frequenta sua Universidade. Estuda latim, grego, hebraico e árabe, música e matemática, filosofia, metafísica, ética e medicina. É colega de Andrés Laguna, que se tornará também num grande vulto da Medicina do século XVI e publicará, em 1555, uma tradução para castelhano da «De Materia Medica» de Dioscorides. Amato Lusitano termina o curso em 1529, regressando a Portugal. «Não pàra, porém, em parte alguma; digressa de uma terra para outra, ou porque em nenhuma se ajeita, ou porque o humor erradio o propete a divagar. Quem olhar para o mapa onde se marquem os lugares do Reino em que o Amato estanciou e passou, poderá notar que constituem e se dispõem em torno de cinco pontos de atracção – um, a sua terra Castelo Branco – os outros, quatro cidades de importância, como centros que eram da vida nacional, Coimbra, Santarém, Évora e Lisboa» (RICARDO JORGE, 1963:147). Após cinco anos de permanência em Portugal, parte para Antuérpia, em 1534. Na cidade flamenga, vai encontrar o condiscípulo de Salamanca, Luiz Nunes, os colegas portugueses Manuel Brudo (a quem se deve um tratado notável sobre dietética), Manuel Reinel e Pedro Fernandes, os cirurgiões Martinho e Mestre Dionysio (que tinha sido «physico-mor» de D. Manuel), além de outras personagens como o célebre humanista valenciano Luis Vives, o naturalista alemão João Amonio Agricola, o matemático Cristiano Morciense, e provavelmente Erasmo de Roterdão. Estudou e adquiriu vastos conhecimentos de botânica médica, e publicou o seu primeiro livro - «Index Dioscorides», hoje raríssimo, com uma única edição em 1536. Neste trabalho, Amato faz um comentário aos dois primeiros livros de Dioscorides, acrescentando muitas plantas nativas de Portugal e dos territórios ultramarinos. Ali trabalhou até 1541, ano em que se dirige para Ferrara, para ocupar a cátedra de anatomia na sua Universidade, a convite de Hercules II d'Este, duque de Ferrara. Dos seus amigos contavam-se o médico António Musa Brasavola (que escreveu sobre plantas medicinais), o anatomista João Baptista Canano (autor de um tratado sobre os músculos), e o botânico Falconer. Com Canano, pratica a dissecação de cadáveres, fundamental para o conhecimento real da anatomia humana. Inicia a redacção da obra propriamente clínica, as «Centurias Medicas» (dezenas de edições, entre 1551 e 1654) e da sua obra de matéria médica, os «Comentários a Dioscorides» («Enarrationes», mais de dez edições entre 1553 e 1577). Durante seis anos e cinco meses ensina em Ferrara, de onde parte para Ancona, em Maio de 1547, onde vai exercer medicina. É chamado a tratar a irmã do Papa Júlio III, tornando-se médico permanente de vários mosteiros. Em 1549, termina a redacção da primeira «Centuria», em que descreve 100 casos médicos, acompanhados do seu tratamento e desfecho clínico. De Ancona sai para Veneza, para tratar Diego Hurtado de Mendoza, embaixador de Carlos V junto da República de Veneza, regressando depois a Ancona. De Ancona parte para Roma, em finais de 1550, onde permanece até Maio de 1551. Juntamente com Laguna, trata o Papa Júlio III. No Verão de 1551, volta a residir em Ancona. Com a eleição do Papa Paulo IV, em Maio de 1555, ocorre a perseguição dos judeus de Ancona. Amato abandona a cidade e parte para Pesaro, onde chega em fins de 1555. Deixa Pesaro em 1556, e parte para Dubrovnik (Ragusa), e, finalmente, para Salonica em 1559, exercendo activamente a sua profissão até à sua morte, a 21 de Janeiro de 1568. Faleceu vítima de peste. Entre 1549 e 1561, escreveu sete das suas «Centurias». As suas «Centurias» estabeleceram-no como um investigador reputado em vários domínios, incluindo a anatomia, medicina interna, dermatologia e doenças mentais. O livro é também uma fonte preciosa de informação sobre a Medicina e a vida do dia-a-dia do século XVI. «A sua obra botânica é um longo e erudito comentário a Dioscorides, o celebrado autor grego. [...] o interesse de Amato pelas plantas era menos o do botânico ou do agricultor do que o do médico e do humanista. A botânica, com efeito, é uma das predilecções dos humanistas, que voltavam os olhos para a natureza a fim de a contemplar na sua magestade e formosura. Mas era também, e principalmente no caso de Amato, o desejo de aproveitar as propriedades terapêuticas das plantas, seguindo nisto uma tradição de muitos séculos, pois até ao séc. XVI quase todo o interesse pelas plantas era de ordem médica. [...] » (MILLER GUERRA, 1968). Na edição dos «Comentários a Dioscorides» de 1558, com 800 páginas, 30 ilustrações excelentes, sobretudo de plantas, Amato fornece os nomes das plantas e animais em grego, latim, italiano e árabe (em alguns também em francês e alemão). Indica erros que tinham sido cometidos por Matthioli na edição de 1544 dos seus Comentários a Dioscorides, o que desagradou profundamente o botânico de Viena que o acusa de heresia. «Se algum dia por vir alguém se abalarçar a tentar a história social deste País, não são poucas as espécies que o Amato ministrará – dados curiosos sobre usos e costumes, produções do solo, comércio, indústria, alimentação, etc. A História Natural em terra portuguesa teve nele o seu primeiro registador; [foi

1899, uma «Historia da Medicina em Portugal», e, em 1907, «Amato Lusitano: a sua vida e a sua obra»<sup>213</sup>. Ricardo Jorge<sup>214</sup> também se sente atraído por este tão extraordinário português do século XVI. De 1914 a 1916 publica, na revista «Arquivos de História da Medicina Portuguesa», dirigida por Maximiano de Lemos, vários artigos sobre a vida e actividade médica de Amato. Em 1916, o conjunto destes artigos era publicado sob a forma de separata dos Arquivos (RICARDO JORGE, 1916)<sup>215</sup>. Todavia, uma apreciação profunda da obra e prática médica de Amato exigia uma discussão dos seus «Comentarios a Dioscorides», e esta necessitava de sólidos conhecimentos botânicos. Ricardo Jorge

---

também pioneiro no estudo da] nossa Botânica e Matéria Médica» (RICARDO JORGE, 1963:184). Em resumo, Amato «aprofundou os dois sectores predilectos do quinhentismo médico: a Botânica ou estudo dos simples e drogas terapêuticas, e a Anatomia, que após vinte séculos de quase estagnação, desde Galeno, ia transitar para os moldes definitivos do saber moderno, fundados na observação e no experimento» (DIAS, 1952) (COLMEIRO, 1858:150; LEMOS, 1899:226-237; 1913; DIAS, 1952, 1968; MILLER GUERRA, 1968; RICARDO JORGE, 1963; EJ, 1971:795-796).

<sup>213</sup> Publicará ainda, em 1913, «Amato Lusitano. Novas investigações» (LEMOS, 1913), e, em 1922, «Amato Lusitano: correcções e aditamentos».

<sup>214</sup> Ricardo Almeida Jorge (1858-1939), nascido no Porto, «desde criança mostrou uma inteligência excepcional, qualidades de trabalho raras e uma ânsia de saber insaciável». Formou-se pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1879. «O laboratório de bacteriologia, criado em 1892 [no Porto, por iniciativa da Câmara Municipal], é um dos primeiros que houve no mundo». Em 1884, é eleito para o Conselho Superior de Instrução Pública. A partir de 1895, é lente-proprietário da Cadeira de Higiene e Medicina Legal da Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Durante a peste bubónica que surge no Porto, em 1899, «a população do Porto não aceitou as medidas sanitárias preconizadas por Ricardo Jorge, que, contestado e perseguido, se viu coagido a refugiar-se em Lisboa». Efectivamente, as medidas que adoptou, de estudo e isolamento dos doentes, pesquisas bacteriológicas e saneamento dos prédios habitados pelos doentes, apesar de modelares e impondo a sua fama internacional como epidemiologista, foram mal compreendidas pela população que o apupou, repeliu e ameaçou de morte. Em Lisboa, por renúncia de Bello de Moraes, é lente da Cadeira de Higiene na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, e Inspector Geral dos Serviços Sanitários. «Bate-se pela formação técnica de bons sanitaristas, publica o Regulamento dos serviços de saúde e Beneficência Pública e o boletim dos serviços sanitários do Reino». Escreve trabalhos sobre as principais doenças infecciosas importantes da época como a peste, cólera, tuberculose, febre tifóide, lepra, tifo exantemático, febre amarela, difteria, varíola, doença do sono e dengue, entre outras. «A saúde pública é o objectivo principal das suas meditações, do seu ensino e das suas decisões». Jubilado em 1929, «fica na presidência técnica do Conselho Superior de Higiene, permanece como representante de Portugal no “Office Internacional d’Hygiène” de Paris, e depois no “Comité de Hygiène” da Sociedade das Nações». Ricardo Jorge, «homem de invulgar personalidade e múltiplas e elevadas aptidões», também se notabilizou na História. Mais de trinta por cento das suas obras são de história. «Deixou estudos profundos e completos e notas rápidas, mas precisas e seguras, sobre a história da Higiene, da Salubridade, da Literatura e da Arte, entre as quais sobressaem: o estudo biográfico sobre Francisco Rodrigues Lobo, Amato Lusitano, os Amigos de Ribeiro Sánchez, estudo artístico sobre El Greco, as páginas dedicadas à catedral de Westminster, à Batalha e outros mais». «O seu estilo pessoalíssimo, de uma riqueza sem par, deixa na literatura portuguesa, páginas de inestimável valor» (BOTELHO, 1999a:261-264) (GEPB; GARRETT, 1941; MONTEIRO, 1941; BOTELHO, 1999a:261-264, 1999b:298).

<sup>215</sup> Ricardo Jorge publicaria, em 1936, uma adenda a estes «Comentos» (RICARDO JORGE, 1936). No prefácio deste texto eram relatadas as atribuições da publicação da primeira parte: «a 1.<sup>a</sup> parte saiu em 1916 como separata dos Archivos da História da Medicina Portuguesa de Maximiano de Lemos, de que os 50 exemplares só me chegaram às mãos em 1924. Maus fados de berço perseguiram o aparecimento deste trabalho, a testemunharem a aversão da publicidade que o meio reserva para certas obras e certos homens como que a condenar-lhes a pena à inércia e ao silêncio. Começado em Maio de 1907, foi tal a azáfama febril com que o acometi que, dentro de dois meses, tinha levado a carreira do Amato até à sua partida de Portugal. Continuado no ano seguinte, ficava o texto integralmente prontificado em meados de 1909. Reconhecida a impossibilidade de lhe fazer ver a luz do prelo, acamei na secretária os quartos de papel, rabiscados numa consoladora paixão de investigação e de crítica – até que em 1914, a rogos de Maximiano de Lemos, foi saindo aos pedaços no seu periódico, donde se coligiu a separata». Em 1963, foi publicado o texto completo, que incluía uma parte inédita sobre «As Conquistas e as Drogas das Índias», não publicada em vida por Ricardo Jorge (RICARDO JORGE, 1963). A edição de 1963 foi organizada por A. Ricardo Jorge, que terá escrito a «Nota editorial» (que todavia não aparece assinada). Existe na Biblioteca Nacional de Portugal, integrada no espólio de Ricardo Jorge (BNP, E18), diversa documentação de A. Ricardo Jorge relativa a esta edição. O texto de Ricardo Jorge de 1916 foi, no entanto, alterado, na edição de 1963.

devia possuir bons conhecimentos de botânica, porque esta disciplina fazia parte integrante da formação médica da época. O seu colega do Porto, Maximiano de Lemos, tinha publicado um livro de rudimentos de botânica para as escolas. No entanto, discutir a Botânica dos tratadistas antigos exige uma formação avançada em taxonomia, porque ainda não estava bem estabelecida uma nomenclatura inequívoca para as espécies vegetais. Como procede então Ricardo Jorge para desbravar os «Comentarios a Dioscorides» de Amato? Consulta a bibliografia publicada: a Flora lusitânica de Brotero, o Boletim da Sociedade Broteriana, a Flora de Portugal de A. X. Pereira Coutinho. Escreve a J. Henriques. Consulta Baltasar Osório sobre a fauna portuguesa, Carolina Michaelis sobre a etimologia de algumas palavras, e G. Sampaio sobre a flora de Portugal<sup>216</sup>. Mas estes contactos terão sido feitos muito perto da publicação, e os comentários que recebe dos três investigadores, não são incorporados no texto principal, mas antes sob a forma de notas de rodapé de página.

Ricardo Jorge terá escrito a G. Sampaio em Maio de 1916. G. Sampaio responde numa carta datada de 18 de Maio de 1916<sup>217</sup>. Trata-se de um documento de valor excepcional pelo que o transcrevemos na íntegra:

*«Ex.<sup>mo</sup> Senhor. Recebi ha dias as provas do estudo de V. Ex.<sup>a</sup> sobre o Amatus Lusitano; mas estava eu tão sobrecarregado de trabalho urgente que só hontem é que as pude lêr e consultar depois alguns livros, nos intervalos das minhas aulas. O assunto é difícil e requer, para ser bem resolvido, tempo de que certamente se não pode dispôr, por estar o artigo já à espera de revisão para se imprimir. Nestas condições limito-me a expôr algumas considerações faceis, mas sem importância. V. Ex.<sup>a</sup> faz a identificação das espécies botânicas referidas por Amatus baseando-se nos nomes populares, quasi sempre; o resultado é que não pode haver segurança nessas identificações. O significado dos nomes populares é muito variável, designando-se com o mesmo termo, espécies diversas, segundo as regiões do país. Além disso são fornecidos aos auctores por pessoas que por vezes conhecem mal as plantas e que, por isso, podem indicar para uma espécie um nome vulgar que pertence realmente a outra. É por isto, talvez que se encontram nas nossas obras botânicas muitos nomes populares erroneamente applicados, inclusive nas de Brotero, donde vários individuos teem*

<sup>216</sup> Escreverá Ricardo Jorge: «recorremos à revisão dos professores nossos amigos, D. Carolina Michaelis de Vasconcelos, Baltasar Osório e Gonçalo Sampaio, que gentil e proficientemente nos enviaram rápido as suas anotações, reflexões e correções, que não sabemos agradecer bastante. Delas nos aproveitamos, conforme consta das notas» (RICARDO JORGE, 1916:130).

<sup>217</sup> A carta de G. Sampaio encontra-se no espólio de Ricardo Jorge depositado na Biblioteca Nacional de Portugal (BNP, E18). No Departamento de Botânica (FCUP) existe o rascunho desta carta enviada a Ricardo Jorge (**Estampa** III.15.). O rascunho está datado de 17 de Maio de 1916, portanto foi escrito na véspera da carta que foi efectivamente expedida. À transcrição integral da carta enviada, acrescentámos alguns tópicos que estão no rascunho, mas que G. Sampaio retirou na carta expedida.

*copiado esses erros, espalhando-os*<sup>218</sup>. *Haja vista o que acontece com os termos cevadilha, cornicabra, etc. Mas vamos ao Amatus, que eu não tive tempo de compulsar, dêvo dizer-lo:*

*1.º - Pelo nome de palmito e palma agreste parece que Amatus se refere, realmente, à Chamaerops humilis Lin.<sup>219</sup>; mas as informações que dá é que se não conformam bem com esta conclusão. Cumprer em vista que Mathiôlo na sua «Apologia adversus Amathum Lusitanicum» ataca acerbamente o nosso semijudeu, como ele lhe chama, por descrever erroneamente a organização da palmeira (palma). Por outro lado é de notar que o termo palmito e palma usado pelo nosso povo para outras plantas, como por exemplo palmitos<sup>220</sup> ou palmas de S.<sup>ta</sup> Rita, aplicado a um Gladiolus de cultura ornamental. Ora o facto de Amatus dar uma descrição da palma que não corresponde ás palmeiras, de dar para o seu palmito indicações que não lhe convêm, pelo que parece, e de ter o nome palmito diversas aplicações no povo português, não serão suficientes para tornar pelo menos duvidosa a identificação que V. Ex.<sup>a</sup> faz? Devo dizer aqui que a citada obra de Mathiôlo é a critica mais notavel que conheço do nosso Amatus, critica que outros comentaristas apenas realçam.*<sup>221</sup>

*2.º - A industria do esparto<sup>222</sup> em Portugal não determinou a cultura entre nós dessa poacea, que se importou sempre de Espanha. Pode-se ver isto nas “Viagens em Portugal” do prof. Link [Voyage au*

<sup>218</sup> Sobre a dificuldade em identificar com certeza as espécies botânicas a partir dos nomes vulgares ou dos nomes que constam dos tratadistas clássicos como Dioscorides, escrevia Ricardo Jorge: «A sobreposição do nome clássico greco-latino, a do nome vulgar e a do nome taxonómico, pode conduzir a erros graves [...] a correspondência do nome vulgar que abrange por vezes espécies afins e até diversas, variável aliás regionalmente, [...] demanda atenção e pesquisas; muito mais a correspondência com o vocábulo erudito do Dioscorides e seus tradutores e comentadores [...] Há casos em que a maranha dos textos helenicos, latinos e arabes se torna um labirinto indestrinçavel» (RICARDO JORGE, 1916:129-130). Ricardo Jorge assinala, muito bem, a importância da ilustração neste processo de descodificação dos tratados clássicos, sem esquecer que os textos mais antigos não tinham ilustrações: «Desde que os tratadistas começaram a recorrer á imagem gravada, deram objectividade comparável e contrastável á sua nomenclatura; mas como os textos primordiais [Ricardo Jorge estaria aqui a referir-se por exemplo aos trabalhos de Plínio e Dioscorides] carecem de figuração, as estampas não são mais do que um documento de interpretação a ilustrar o comentário. Neste campo era preciso associar de par, além do dado bionómico, o dado histórico, o linguístico e filológico – a conjugação da ciência positiva e da ciência erudita» (RICARDO JORGE, 1916:130).

<sup>219</sup> Esta espécie também é designada por palmeira das vassouras (GOMES & BEIRÃO, 1852:174; VASCONCELOS, 1915:65).

<sup>220</sup> Palmito também pode designar a espécie americana - *Yucca gloriosa* Lin. (GOMES & BEIRÃO, 1852:189).

<sup>221</sup> No rascunho existe, sobre este assunto, o seguinte texto que G. Sampaio suprimiu da carta expedida: «as informações que dá é que certamente se não aplicam, porque as fibras desta planta não são celulósicas mas sim esclerenquimatosas, não podendo portanto aplicar-se ao fabrico de tecidos, nem poderiam dar bolsas de dinheiro com flexibilidade e maleabilidade aceitáveis. Cestas e condessas, isso sim. [...]». Quiçá em virtude de G. Sampaio, na carta enviada, não ter levantado objecções explícitas (apesar de as ter em mente), à utilização da palmeira das vassouras no fabrico de vestuário, Ricardo Jorge indicará, no seu texto publicado, a utilização desta planta para o fabrico de bolsas e vestuário: «faziam-se do cortex fibroso pequenas bolsas de dinheiro muito usadas em Portugal. Se não fôra a abundância de linho e lan, dali se poderiam tirar fibras texteis para vestuário» (RICARDO JORGE, 1916:130). Efectivamente, a *Chamaerops humilis* era, no século XIX, cultivada no sul da Europa e no Norte de África (especialmente na Argélia) para a extracção de fibras. Estas eram exportadas para a Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos da América, para serem utilizadas na confecção de cestaria (JACKSON, 1890:145).

<sup>222</sup> O esparto é a *Stipa tenacissima* Lin. (sinónimo: *Macrochloa tenacissima* (Lin.) Kunth.), uma espécie que ocorre espontaneamente no Algarve, sobretudo na região do Cabo de S. Vicente, nos arredores de Lagos e em vários pontos da Serra do Algarve (GOMES & BEIRÃO, 1852:203; VASCONCELOS, 1915:39; GEPP; SAMPAIO, 1946:66). «As fôlhas servem

Portugal], *que observa que sendo esta planta indígena no Algarve se poderia cultivar ali, em terrenos que aponta, em vez de se comprar em Espanha. Portanto não tem razão de ser a opinião do dr. Júlio Henriques, que V. Ex.<sup>a</sup> cita. Tal cultura nunca se fez, que eu saiba.*<sup>223</sup>

3.º - *Não sei as razões que V. Ex.<sup>a</sup> tem para identificar a “grã dos tintureiros” de que fala Amatus, com a “grã de carrasco” que fornecia a púrpura*<sup>224</sup>. *Não digo que não tenha V. Ex.<sup>a</sup> razão, note-se; o que digo é que a não conheço, nem tenho tempo de consultar o Amatus, que talvez a forneça. Como V. Ex.<sup>a</sup> sabe, havia várias grãs em tinturaria*<sup>225</sup> *industrial, e a que mais se empregava em Portugal na tingidura de panos, era a constituída pelas cocas da Chrozophora tinctoria A. Juss. (tornesol) que se cultivava no Algarve, donde era remetida em sacos e em grande quantidade para as fábricas de panos do país.*

4.º - *Quanto á Isatis tinctoria Lin.*<sup>226</sup> *(pastel do reino) observo que se o sr. P. Coutinho a eliminou da nossa flora cometeu um êrro grave. Não tinha base para fazer isso e, pelo contrario, tinha em publicações minhas a indicação de localidades portuguesas onde a crucífera se encontra espontânea. É planta frequente por toda a margem do rio Douro, desde o Pôrto à Barca d’Alva e o dr. Palhinha possui um bom exemplar que lhe cedi no ano passado, assim como o Herbário da Universidade de*

---

para a fabricação de cordas, esteiras, cestas, etc., e dão um bom material para a fabricação de papel» (VASCONCELOS, 1915:39). Em Inglaterra, Thomas Routledge, introduziu, em 1856, o fabrico de papel a partir de esparto importado. Um número da revista «Journal of the Society of Arts» de 1856 foi impresso em papel confeccionado a partir de esparto (JACKSON, 1890:123-124). No nosso país, o esparto é importado, não se utilizando o nativo (GEPB). Em tempos antigos, o esparto era um produto economicamente relevante, sendo mencionado explicitamente no Foral Manuelino de Aljezur, de 1504 (MARTINS, 2004). Pela análise deste foral se pode concluir que já nesta época, o esparto era geralmente importado de fora, sendo utilizado, localmente, no fabrico de esteiras, cestaria e cordas.

<sup>223</sup> Todavia Ricardo Jorge escreverá: «O esparto - *Stipa tenacissima*, L. - nasce na Andaluzia, principalmente no Reino de Murcia, e na provincia do Algarve [...] Das suas fibras sólidas e tenazes fabricam-se cordas, vélas, cabos [...] assim como infinito número de cestas, condessas e ceiras [...] para levar figos, passas, e outras mercadorias para a França, Alemanha, Prússia, Boémia e Rússia [...] Aqui temos em pleno desenvolvimento no século XVI a indústria do esparto e o comércio de exportação de frutas secas para a Europa central e setentrional. Hoje no Algarve, diz J. Henriques que o emprego da *Stipa tenacissima* indígena está quasi abandonado» (RICARDO JORGE, 1916:130).

<sup>224</sup> Ricardo Jorge manterá a identificação da grã dos tintureiros com as galhas dos carvalhos: «Nascia também apud lusitanos, como já contara Plínio (L. IV, en. 51), a grã dos tintureiros, o kermes vegetal dos arabes, insecto parasita do carvalho, *Coccus ilicis* (grã do carrasco, do *Quercus coccifera* Lin.); á parte corticosa da grã, menos rica, chamavam os portugueses cascolho (ib.). Os tintureiros empregavam muito, e sem êle não podiam tingir pano (Lib. II, en. 170)» (RICARDO JORGE, 1916:131). As galhas do carvalho-cerquinho (*Quercus pyrenaica* Willd.), causadas pela picada de um insecto do género *Cynips*, foram usadas no nosso país, nomeadamente em Alpendurada, para tingir tecidos (de lã ou de algodão), conferindo uma cor cinzenta escura (CARDOSO, 1927:44-46).

<sup>225</sup> Também se chamava de tintureira a *Phytolacca dioica* Lin., uma espécie da América do Sul (GOMES & BEIRÃO, 1852:156-157). «É empregada para dar côr ao vinho, mas é perigosíssimo tal emprêgo, porque é planta muito venenosa, dando origem a desastres mortais» (VASCONCELOS, 1915:33).

<sup>226</sup> *Isatis tinctoria* Lin. é designada de pastel-dos-tintureiros, corando de azul (GEPB; VASCONCELOS, 1915:66; GOMES & BEIRÃO, 1852:11; SAMPAIO, 1946:250). É uma espécie da Europa Central e do Sul. No século XV, desenvolveu-se a sua cultura nos Açores (GEPB). G. Sampaio considerava que, no nosso país, nas margens do rio Douro, existia uma raça própria que designou de *lusitanica* (SAMPALIO, 1946:250). O género *Isatis* foi formalmente criado por Tournefort, mas já Bauhino utilizava o nome *Isatis* e a designação de pastel, para as plantas deste género (TOURNEFORT, 1719:211). Lineu, em *Genera plantarum*, aceitou o género tournefortiano.

Coimbra possui outros, também enviados por mim.<sup>227</sup> Também não é verdade, creio eu, que esta planta viesse das ilhas, como V. Ex.<sup>a</sup> indica, porque o pastel das ilhas, que fornecia o indigo, era constituído por plantas do género *Indigofera* (*I. tinctoria*, *I. anil*, etc.)<sup>228</sup>, que nada tinham com o nosso “pastel do reino”.<sup>229</sup>

5.º - O que se faz com os cistos não é propriamente o que se pode designar de escôvas, porque estas plantas exsudam uma matéria viscosa, o ladanum, que estraga por completo o vestuário, a que se pega. Mas fazem-se umas vassouras do *Cistus hirsutus* Lin., no Minho, com que no fim das espadeladas se tiram do vestuário de trabalho os fiapos e tomentos do linho, quasi impossiveis de tirar de outra forma. Basta passar estas vassouras levemente pela roupa para que todos esses fiapos se peguem às folhas da planta. Usar-se-iam estas vassouras nas fabricas de tecidos, para limpar a roupa dos operários?<sup>230</sup> – Há nos nossos montes uma planta denominada mâtapulga (*Odontites tenuifolia* Pers.) de cujos ramos finos e hirtos se fazem ainda hoje umas pequeninas vassouras, que são, realmente verdadeiras e óptimas vasouras. Tão boas que os negociantes de panos do Pôrto e Braga não querem outras para limpar as fazendas, encomendando-as para Traz dos Montes, onde se fabricam em grande quantidade. Será a estas que Amatus se refere, dando à respectiva planta o nome de sargaço? Note-se que este nome é empregado para designar espécies muito diversas, inclusivamente algas marítimas<sup>231</sup>. No Minho aos *Cistus* chamam saganhos<sup>232</sup>, e não sargaços.

6.º - A planta denominada pelos antigos tratadistas *Salicornia* não é, como V. Ex.<sup>a</sup> supõe, qualquer espécie de *Salsola*, mas uma planta do actual género *Salicornia*<sup>233</sup>, com quasi certeza a *Salicornia*

<sup>227</sup> Ricardo Jorge escreve «Pereira Coutinho não insere êste *Isatis* na sua flora, embora Willkomm lhe dê ainda como habitat a Lusitânia; Brotero diz que já pouco se cultivava. [...] Assevera-me o prof. Gonçalo Sampaio que não deve eliminar-se a *Isatis tinctoria* da flora portuguesa, pois que colheu, mencionando-os nas suas publicações, exemplares de produção espontânea por toda a margem do Douro» (RICARDO JORGE, 1916:131).

<sup>228</sup> Da *Indigofera tinctoria* extrai-se um pigmento – indigo. As folhas são imersas em água. O pigmento presente nas folhas (indicano) converte-se em indigotina, que misturada com um alcali, origina o corante efectivo, que cora de azul a púrpura. A planta – da família das leguminosas (*Fabaceae*), encontra-se naturalizada em regiões da Ásia tropical e temperada e de África ([http://en.wikipedia.org/wiki/Indigofera\\_tinctoria](http://en.wikipedia.org/wiki/Indigofera_tinctoria)).

<sup>229</sup> Todavia Ricardo Jorge irá manter o pastel-das-ilhas como sendo, não a *Isatis tinctoria* (o «pastel» ou o «pastel do reino») como sugeria G. Sampaio, mas antes diversas espécies do género *Indigofera*, como a *I. tinctoria* Lin. e a *I. anil* Lin.: «O pastel do reino fôra-se substituindo já no século XVI pelo pastel das ilhas – o anil fornecido pelas *Indigoferas* (*I. tinctoria*, *I. anil*, etc.) - um produto colonial dos insulares, vassallos da corôa portuguesa, acabando com a cultura europeia do pastel que de facto em França era muito intensa nas províncias meridionais» (RICARDO JORGE, 1916:131).

<sup>230</sup> Ricardo Jorge manterá, no entanto, no texto principal, a utilização dos *Cistus* para fabricar escovas de fatos: «Faziam-se escovas de fato [...] dos cistos que os lusitanos apelidam de sargaços (cerguaços); é o *Cistus monspelliensis*, L.» (RICARDO JORGE, 1916:131).

<sup>231</sup> Sargaço é a designação popular para as macroalgas marinhas que são arrojadas às praias em certas alturas do ano. Todavia, VASCONCELOS (1915:78) admite sargaço como nome vulgar do *Cistus monspeliensis* Lin.

<sup>232</sup> Em especial ao *Cistus hirsutus* Lam., espécie que se distribui no norte e centro do país. O *Cistus salvifolium* L é designado de saganho-mouro, frequente em quase todo o país (GEPB).

<sup>233</sup> SAMPAIO (1946:154) considerará a existência, no nosso país, de quatro espécies deste género: *S. europaea* Lin., *S. fruticosa* Hill., *S. glauca* Stok. e *S. macrostachya* Moric.

*fructicosa* Hill. (non Lin.), que abunda nos chamados prados salgados da península hispânica e de toda a região mediterrânica<sup>234</sup>. A *Salicornia* era empregada como kali<sup>235</sup>, como se pode ver em vários tratadistas antigos (C. Bauhino, etc.).<sup>236</sup>

7.º - Deve V. Ex.<sup>a</sup> suprimir a nota sobre o termo *Anthylis* de Amatus, nota que envolve vários equívocos. Explico. O termo *Anthylis* vem de Dioscorides, que o empregou para plantas de géneros diferentes, como é evidente pelas respectivas estampas, e é admitido, sem discrepância, por todos os auctores. Ora numa dessas *Anthylis* de Dioscorides viu Amatus, pela figura, uma planta de Valencia, que era realmente empregada como barrilheira<sup>237</sup>. Por isso aplicou a essa planta valenciana o termo genérico de *Anthylis*, e, como nesse tempo os géneros eram constituídos mais pela analogia de organização, resultou que aplicou às plantas barrilheiras o nome genérico de *Anthylis*. Mais tarde C. Bauhino denominou o género de barrilheiras pelo nome kali, de que menciona várias espécies, entre as quais a *Salicornia*. Mathiolo criticou Amatus por ter chamado *Anthylis* a uma barrilheira, sustentando que nenhuma das *Anthylis* de Dioscorides era um kali. Esta critica de Dioscorides é repizada depois por outros, não obstante botânicos dos mais eminentes preferirem o critério de Amatus, tais como Clusius, que no célebre livro “*Rariorum plantarum historiae*” descreveu e figurou (lib. IV, pag. CIXXXVJ) precisamente a planta valentiana a que se referiu Amatus, dando-lhe o nome de *Anthylis Valentina*, que Lineu mais tarde mudou. Outros autores interpretaram Dioscorides de modo diferente, donde resultou que o nome *Anthylis* foi empregado pelos modos mais diversos, durante muitos anos, mas sem se referir a qualquer planta do género hoje assim designado [*Anthyllis* L.]. Já vê V. Ex.<sup>a</sup> que o ter Amatus chamado *Anthylis* ás kalis não resultou de ele se equivocar com qualquer

<sup>234</sup> Em Portugal ocorre nos terrenos salgados perto do litoral.

<sup>235</sup> As Kali dos tratadistas clássicos foram incorporadas, por Tournefort, em dois géneros: *Salicornia* e *Kali*. No género *Salicornia*, Tournefort albergou duas destas Kali, designadas por Gaspar Bauhino no seu «Pinax», de 1623, de «Kali geniculatum, majus sempervirens» e «Kali geniculatum brevius, annum» (TOURNEFORT, 1719, Corollarium:51). Lineu, em *Genera plantarum*, aceitou o género tournefortiano (LINNAEO, 1754:4). Acerca das salicornias, escrevia Vigier: «Toda a planta tem gosto salgado [...] O sal que se tira [das] cinzas [...] os arabios o chamaon alkali» (VIGIER, 1718).

<sup>236</sup> Ricardo Jorge, no entanto, manterá a identificação das salicornias dos tratadistas, como espécies do género lineano *Salsola*: «As hervas que pela lixiviação da cinza dão o álcali, empregado na confeição do sabão e vidro, crescem optimamente em Espanha no reino de Valença, especialmente nos logares marinhos [...] Êste alcali é a soda, que então e por muito tempo se extraía das cinzas da *Salsola soda* L., *S. longifolia*, Forsk., *S. vermiculata*, L., *S. Tragus*, L., *S. kali*, Ten. [...] a *Salicornia* dos antigos; o salicor ou salicon dos espanhoes é do género *Salsola* e não do género intitulado *Salicornia*» (RICARDO JORGE, 1916:131-132).

<sup>237</sup> Designam-se de barrilheiras algumas das Kali dos tratadistas clássicos, incorporadas por Tournefort no género *Kali* - as sodas (TOURNEFORT, 1719:247). O género *Salsola* foi formalmente criado por Lineu, em *Genera plantarum*, para substituir o género *Kali* de Tournefort (LINNAEO, 1754:104). Pertence à família das quenopodiáceas. A *Salsola kali* Lin. é vulgarmente chamada de gramata, barrilha ou barrilheira-espinhosa (GEPB; VASCONCELOS, 1915:12; SAMPAIO, 1946:156). É uma planta anual. A *Salsola soda* Lin. designa-se de soda ou barrilha (SAMPALIO, 1946:156). Ambas estas espécies se encontram no litoral marítimo do nosso país, nas areias e salgados. «As salsolas foram há séculos plantas muito apreciadas para a extracção do carbonato de sodio destinado ao fabrico do vidro e dos sabões, constituindo então uma grande base de riqueza no litoral mediterrâneo, principalmente Marrocos, sul de Espanha (Alicante) [...] À salsola está ligada a descoberta do fabrico do vidro» (GEBP).

espécie do actual género *Anthylis* [*Anthyllis* L.], pois que nessa época essas espécies não eram chamadas por ninguém *Anthylis*. Foi muito depois de Amatus que Lobelio creou o género que denominou *Anthylis leguminosa*, que nada tinha com os géneros chamados até ahi *Anthylis*. O azedo mas notável Rivínio é, que, muito depois, em 1694, denominou o género *Anthylis leguminosa* de Lobelio pelo único nome de *Anthylis*, que Tournefort, logo a seguir adoptou, bem como, mais tarde, Linneu [*Anthyllis* L.]. Devo acrescentar que a *Anthylis* de Amatus, ou *Anthylis Valentina* de Clusius, é hoje a *Frankenia pulverulenta* de Linneu, planta dos terrenos salgados, como a *Frankenia laevis* Lin.<sup>238</sup>, considerada também por C. Bauhino como um kali (Cali, sic).<sup>239</sup>

8.º - Também sobre a identificação dos tipos tenho algumas dúvidas, mas não posso, sem tempo suficiente, verificar o valor delas. Por isso só estas coisas ligeiras: O milho miúdo (*Panicum miliaceum*) é hoje conhecido no norte mais particularmente pelo nome de milho alvo<sup>240</sup>. Parece que era especialmente cultivado no Minho, como se deduz do seguinte dictado antigo: «Homem do Minho que calça de pau e veste de linho, come pão de passarinho e bebe vinho de enforcado, livre-me Deus dele e do Diabo». E também a cantiga transmontana: «Vóz dizeis que viva o Minho/ Não sei que graça lhe achais/ Terra do milho miúdo/ Alimento dos pardais». Do milho alvo ainda hoje se fabrica pão nos arredores de Braga, vendendo-se no mercado da cidade. É para mim o mais saboroso pão. É possível e até provável que os termos canoro e candial provenham da antiga denominação específica *Olyria candorem*; mas para se apurar isto com segurança é necessário algum tempo e vagar.<sup>241</sup> A planta hoje denominada simplesmente milho nunca foi designada pelo povo milho americano – o que é uma etiqueta posta pelos cultos. Chamou-se a principio milho grosso e milho maêz<sup>242</sup>. A palavra maêz,

<sup>238</sup> O género *Frankenia* foi proposto por Micheli e aceite por Lineu em *Genera plantarum* (LINNAEO, 1754:154).

<sup>239</sup> Ricardo Jorge incorpora esta importante observação de G. Sampaio sobre os diferentes significados da palavra *Anthyllis* numa nota: «mas o snr. G. Sampaio pondera-me que o género *Anthyllis* foi creado muito posteriormente por Lobelio, para abranger plantas que nada tinham com as que eram designadas pelo nome clássico de *Anthyllis*. Aqui está um exemplo de como os arbitrios dos cientistas vieram ainda mais turvar o problema da identificação do vocabulário greco-latino.» (RICARDO JORGE, 1916:132)

<sup>240</sup> Em Portugal, na Idade Média, era muito cultivado, e designado de «miliun», «milio» ou «milho» (ALMEIDA, 1992:107). A introdução do milho mais no século XVI, veio relegar esta cultura para segundo plano (ALMEIDA, 1992:128).

<sup>241</sup> Ricardo Jorge aceita esta observação de G. Sampaio, escrevendo numa nota: «Conta-nos o snr. G. Sampaio que o milho miúdo ainda hoje se panifica nos arredores de Braga sob o nome de milho alvo, e muita gente o saboreia.» (RICARDO JORGE, 1916:134).

<sup>242</sup> E ainda de milhão (GOMES & BEIRÃO, 1852:201), milho grande, milho graúdo, milho de maçaroca (ALMEIDA, 1992:108). O milho – *Zea mays* Lin., é uma espécie originária do México, tendo-se espalhado pela América Central e do Sul. Foi trazido para a Europa pelos viajantes espanhóis do tempo de Colombo. Os portugueses levaram-no para várias partes do mundo. A sua cultura em Portugal iniciou-se nas primeiras décadas do século XVI, tendo sofrido uma rápida expansão no norte do país. No final do século XVI – início do século XVII, no Minho e nas Beiras, a broa de milho tinha já um destacado lugar na alimentação do povo (ALMEIDA, 1992). VIGIER (1718:32) escrevia no início do século XVIII: «O milho grosso he taon conhecido neste reino que hé escusada a descripçam». «Maís» é um termo indígena americano (MARTINS, 1908; ALMEIDA, 1992:108).

derivada sem duvida de mays (*Zea mays*, Lin.), ainda hoje se conserva em todo o Minho, pelo menos, para a designação «palha maês» com que se indica a palha respectiva, do *Zea mays*, Lin.<sup>243</sup>

9.º - Não sei se será exacta a informação de que o *Asparagus officinalis* Lin. (com mais harmonia pelas leis da nomenclatura *Asparagus sativus* Hill.) se não cultivava na península no tempo de Amatus. No tempo de Grysléi cultivava-se em Portugal, pois este auctor o menciona no seu «*Viridarium lusitanicum*» publicado em 1661, isto é, cerca de um século depois de Amatus.<sup>244</sup>

10.º - No Minho a planta que se come à falta de hortaliça é a *Brassica sabularia* Brot.<sup>245</sup>, a que chamam saramago, distinguindo bem do *Raphanus raphanistrum* Lin.<sup>246</sup>, que denominam labrêsto e que nunca consegui apurar que se coma e que, até, é toxica pelo suco, quando em contacto com o sangue. É certo que tambem há regiões onde chamam saramago ás duas plantas, mas distinguindo os campónios muito bem as duas, que consideram como se fossem assim como variedades, apenas, de uma só espécie. Tambem noutras localidades chamam labrêsto ás duas brassicáceas; mas, em qualquer destes casos, constatei que o povo só procura e colhe para o caldo a *Brassica sabularia*. Pergunto, agora: o povo come realmente o *Raphanus raphanistrum* em ano de fome? Ou o asseverar-se isso virá, apenas, do facto de Brotero e outros applicarem exclusivamente o nome saramago ao *Raphanus raphanistrum*, ao passo que o povo o aplica ou só á *Brassica sabularia* ou simultaneamente a esta e ao *Raphanus*? Que o povo come o saramago não há duvida; o que falta saber é qual é a espécie botânica que corresponde realmente a esse saramago comestivel. Comerá as duas especies? As minhas observações só comprovam que come a *Brassica*.<sup>247</sup>

10.º - É preciso que V. Ex.<sup>a</sup> observe bem no Amatus se a tal leituga<sup>248, 249</sup> a que se refere é realmente a *Tolpis barbata* Gaert. – facto que me custa a crêr. Não vá ele referir-se, pelo contrário, á alface, a que

<sup>243</sup> Ricardo Jorge incorpora esta observação de G. Sampaio, escrevendo em nota de rodapé: «O milho grosso também se chamou em tempo milho maez, de mais, que ainda hoje subsiste em palha maez, termo porque designam a sua palha» (RICARDO JORGE, 1916:134).

<sup>244</sup> Todavia Ricardo Jorge irá manter no texto principal: «Os espargos (*Asparagus officinalis*, Lin.) aqui pela Espanha nem sequer se cultivavam, contentando-se com a nascença espontânea dos bravios» (RICARDO JORGE, 1916:136).

<sup>245</sup> Também chamada de couve da areia e mostarda brava (VASCONCELOS, 1915:61).

<sup>246</sup> Sinónimo de *Raphanus silvestris* Lamk. (SAMPAIO, 1946:230). O rabanete, rabão ou rabiças é o *R. sativus* Lin. (GOMES & BEIRÃO, 1852:12; SAMPAIO, 1946:230). SAMPAIO (1946:610) também admite que labresto seja a lapsana - *Lapsana communis* Lin. (GEPB).

<sup>247</sup> Ricardo Jorge, que no texto principal, tinha identificado o saramago de Amato como o *Raphanus raphanistrum* Lin., acrescenta esta observação de G. Sampaio numa nota: «Observa o snr. G. Sampaio que no Minho é também comida como hortaliça e com o nome de saramago a *Brassica sabularia*, Brot.; em algumas regiões ao raphanus chamam labrêsto, e em outras empregam indiferentemente para as duas plantas, ora saramago, ora labrêsto. Duvida qual seja das duas, tanto mais que nunca viu comer senão a *Brassica*» (RICARDO JORGE, 1916:136).

<sup>248</sup> *Tolpis barbata* (Lin.) Gaert. (*Crepis barbata* Lin.) era designada de leituga ou olho-de-mocho (GEPB; VASCONCELOS, 1915:51; GOMES & BEIRÃO, 1852:99; SAMPAIO, 1946:610). Trata-se de uma espécie da Europa do Sul e da África do Norte e frequente no nosso país.

em várias regiões ainda algumas pessoas chamam leituga. Apesar de Brotero identificar o termo leituga com a Tolpis, a verdade é que eu nunca verifiquei que fóra dos livros, e no pôvo, se chamasse “leituga” a tal planta. Já vi que se chamasse “leituga” aos Sonchus, mas ás Tolpis não. No Minho há o termo leituga aplicado ás Hypochaeris, planta que colhem para alimentação dos porcos. Ora que os cevados comam as Hypochaeris compreende-se, mas que os portugueses comessem noutras épocas as Tolpis é coisa que não cômô.<sup>250</sup>

12.º - Mathiolo corrigiu alguns erros que Amatus cometeu, realmente, sôbre as Cucurbitáceas; no entanto não me parece que Mathiolo e Laguna sejam neste ponto incompreensíveis, desde que se recorra ás obras dos auctores que os estudaram e nos dão boas estampas, sempre superiores ás descrições.

13.º - É necessario apurar bem se o pilriteiro de que os rapazes comiam os frutos era o Crataegus oxyacantha Lin.<sup>251</sup> ou a pereira brava, porque o povo dá o nome de pilriteiro a estas duas plantas – que são frequentes nos montados. A Pirus piraster<sup>252</sup> dá realmente pilritos que se podem comer, sendo os de algumas variedades bastante desenvolvidos e carnudos; mas o Crataegus, coitadinho, dá uns pilritos pequenitos sempre, que são tudo caroço e pelica.<sup>253</sup>

14.º - A de identificar a Barba de bode de Amatus com o Tragopogon porrifolius Lin., é que não pode ser, de modo algum. Mathiolo já reprobou a Amatus o facto de ele ter aplicado a uma planta que não podia ser o Tragopogon a denominação Hirci barbula com que era designada, então, esta última espécie. A designação portugueza de barba de bode dada pelos novos botânicos ao Tragopogon<sup>254</sup> não é uma designação popular, mas sim e unicamente uma designação dos antigos tratadistas, tradução

<sup>249</sup> Neste ponto, o rascunho da carta segue da seguinte forma, terminando a comunicação de G. Sampaio a Ricardo Jorge: «o caso é muito sério, mas está-me a faltar a luz, porque são 8 horas da tarde. Por isso peço licença a V. Ex.<sup>a</sup> para continuar amanhã, em que me devo referir a um erro grave de interpretação – que é o que diz respeito ao chamado Barba de bode. Esse erro de Amatus até já está apontado por Mathiolo. Por outro lado não se trata de um erro de Amatus, a bem dizer. Mas o que é errôneo é identificar o seu Barba de bode com o Tragopogon. V. Ex.<sup>a</sup> desculpa a minha redacção, porque eu escrevo a toda a pressa, lamentando que a falta de tempo suficiente – coisa de 15 dias, não permita estudar estes pontos a sério. Amanhã, como disse, escreverei nova carta a V. Ex.<sup>a</sup>, continuando. Pôrto, 17 – 5.º - 1916, De V. Ex.<sup>a</sup> admirador e muito reconhecido, Gonçalo Sampaio».

<sup>250</sup> Escreveria Ricardo Jorge: «o snr. G. Sampaio me fez notar quam pouco crível era que a tolpis pudesse ser comestível, devendo tratar-se antes de qualquer alface, ou talvez algum Sonchus, a que já ouviu chamar leituga. E é o que é, visto que Amato lhe dá o nome francês lettron, hoje laiteron ou laitron, botânicamente Sonchus. O Sonchus oleraceus, L. também se come em França cosido ou em salada» (RICARDO JORGE, 1916:135-137).

<sup>251</sup> Também chamado de espinheiro alvar de casca verde ou espinheiro ordinario de flor branca (GOMES & BEIRÃO, 1852:56).

<sup>252</sup> Nome actual: Pyrus pyraster Burgsd. G. Sampaio considerava o Pirus communis raç. piraster Samp. como o catapereiro, escalheiro-preto ou pilriteiro-negro (SAMPAIO, 1946:400).

<sup>253</sup> Ricardo Jorge escreverá no seu livro: «G. Sampaio reflexiona que entre nós se chama também pilriteiro a Pirus piraster que dá pilritos mais comestíveis que a oxyacantha» (RICARDO JORGE, 1916:139).

<sup>254</sup> Todavia as plantas do género Tragopogon Tour. são tradicionalmente designadas de barba-de-bode (VIGIER, 1718:501; GOMES & BEIRÃO, 1852:100), apesar de SAMPAIO (1946:615) não admitir essa interpretação.

*exacta de “Hirci barbula”. É possível que no tempo de Amatus o povo português chamasse barba de bode a uma planta que não era o “Hirci barbula” dos tratadistas. A não ser assim, Amatus enganou-se; porque o Tragopogon ou Hirci barbula dos antigos botânicos não dá tubérculos, como lhe observa muito bem o Mathiolo.<sup>255</sup> Trata-se de uma liguloflor que Amatus, pela semelhança de muitos caracteres, poderia tomar pelo verdadeiro “Hirci barbula”? Neste caso só poderia ser a Crepis bulbosa Cass., embora se não saiba que os pequenos tubérculos desta planta sejam comestíveis. Eu, pelo menos, não o sei. Há em Portugal umas pequenas umbelíferas do género Bunium (género Conopodium para outros) que produzem uns pequenos tubérculos que são na verdade saborosos e que os rapazes procuram com avidez, chamando á planta trangulho. Mas não acredito que o povo lhe chamasse barba de bode (que seria um disparate) nem que Amatus confundisse tal planta com o “Hirci barbula” dos tratadistas, atentas as formidáveis diferenças que separam as duas. O mais provável, pois, é que se trata da Crepis bulbosa, embora se não saiba ou esteja verificado que os seus tubérculos se possam comer.*

15.º - *O pão e queijo de Amatus de modo algum pode ser a Primula vulgaris Huds., não obstante nos arredores do Pôrto e em localidades da Beira chamarem a esta planta pão e queijo. Nada pode ter, igualmente, com os Thlaspi, como já o observou Mathiolo, que diz poder tratar-se do Lotus (hoje Nymphaea). Não sei se se trata ou não da Nymphaea, porque não tenho modo, agora, de estar a mastigar o latim do Amatus; o que sei, porém, é que os nossos garotos gostam imensamente de comer o receptáculo frutífero da Nymphaea lutea Lin. – a que chamam, até, nalgumas localidades (Ponte de Lima, etc.) “figueira d’agua”. Parece, portanto, que o Mathiolo, sem ver, acertou no alvo. Pode ser que a planta se chamasse pão e queijo, porque do seu rizoma se tem feito uma farinha para grão, e ainda hoje se faz na Rússia. Nesse caso o pão seria o rizoma e o queijo o receptaculo frutifero.<sup>256</sup>*

16.º - *Quanto ao chupa mel certamente está bem, correspondendo esta designação de Amatus ao Cerithe major. Todavia eu não sei que os rapazes cheguem á flôr – o que não admira, porque cá para o norte não existe a planta. Aqui pelo Minho os rapazes chupam a corola, pela base, do Lamium maculatum, que denominam chuchas e chuchapitos.*

<sup>255</sup> A este propósito, Ricardo Jorge escrevia em nota de rodapé: «A barba de bode, barbula hirci dos clássicos, é segundo os nossos praxistas um Tragopogon. G. Sampaio nega tal identificação, que já Matthiolo assacava contra Amato. Entra mesmo em dúvida se barba de bode será nome vulgar, ou apenas reminiscência erudita; vejo todavia que em Espanha ao Tragopogon chamam barba cabruna, e em França barbe de bouc. Pelos tubérculos radicais supõe que se tratará no Amato da Crepis bulbosa, Cuss, ignorando aliás que êles sejam comestíveis» (RICARDO JORGE, 1916:140).

<sup>256</sup> Ricardo Jorge escreveria: «Tanto a snr.<sup>a</sup> D. Carolina Mich. como o snr. G. Sampaio, dizem-me que no Norte se chama pão e queijo à Primula vulgaris, Unds. Êste último pende porisso a crêr que o pão e queijo do Amato seja, como já supozera Matthiolo, um lotus (Nymphaea), de que os nossos garotos comem o receptáculo floral» (RICARDO JORGE, 1916:140).

17.º - Não deve ser a *Clematis flammula* Lin., mas sim a *Clematis vitalba* Lin. (conhecida em português por cipó do reino e erva das chagas<sup>257</sup>) que Amatus se refere. A primeira é coisa raríssima em Portugal e limitada ao Algarve, creio eu; a segunda é relativamente frequente e com a aplicação das suas folhas vesicantes arranjaram os mendigos falsas chagas para expôr nas feiras em romarias.

18.º - Em Portugal não está confirmada a existencia do *Senecio praealtus* Bert., que é apenas uma variedade pouco distinta do *Senecio crucifolius* Lin. O sr. P. Coutinho é que, com um dos seus numerosos e audaciosos equívocos, julgou encontrar no *Senecio jacobeu* Lin.<sup>258</sup> var. *intermedius* Willk. o *Senecio* de Bert. Já rectifiquei este erro grave na minha “Lista das espécies do Herbário Português” pag. 134, em nota. A tasna, tasneira, tasninha, mija-cão, erva de S. Thiago (que tantos são os nomes que o nosso povo lhe dá) corresponde, pois, ao *Senecio jacobaea* Lin. var. *intermedia* Willk.<sup>259</sup>

19.º - É muito provavel que o tremoço de cão de Amatus seja o *Astragalus lusitanicus* Lamk. – de que conheço os nomes populares tremoção e alfavaca dos montes, já inventariados no “Dicionário das plantas de Portugal que teem nome popular” de Augusto de Vasconcelos<sup>260</sup>. Investigue V. Ex.<sup>a</sup> neste sentido.<sup>261</sup>

São estas as observações que um apurado exame das provas me sugeriu. Alguns outros pontos deveriam ser melhor analisados do que foram. Desculpe V. Ex.<sup>a</sup> a redacção imperfeitíssima, de fugida, e perdoe-me a demora a que fui forçado por trabalhos que no momento não podia pôr de lado. Na tipografia esperavam as gravuras dos meus trabalhos um sôbre espécies novas e os desenhos estavam ainda por fazer.

De V. Ex.<sup>a</sup>, com muita consideração, Gonçalo Sampaio

Porto, 18-5-1916

P. S. – Lendo novamente as provas reparei que o Amatus fala da raiz bulbosa do palmito. Ora a *Chamaerops* não tem bolbos, e isto mais convencido me faz de que não se trata desta planta.»

<sup>257</sup> Ou ainda por vide branca (GOMES & BEIRÃO, 1852:1).

<sup>258</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Senecio jacobaea* L.

<sup>259</sup> Ricardo Jorge escreverá: «tasna ou tasneira – *Senecio jacobaea* L. É o *S. jacobaea* L., rectifica o prof. G. Sampaio, e não o *S. praealtus* Bert. apud Pereira Coutinho» (RICARDO JORGE, 1963:206).

<sup>260</sup> Este «Dicionário das Plantas de Portugal que teem nome popular» de Augusto Vasconcelos (VASCONCELOS, 1915) tinha sido revisto pelo próprio G. Sampaio, que escreveu, em forma de prefácio, uma «Apreciação». G. Sampaio escrevia que recomendava este trabalho «pelo rigor da sua taxinomia botânica, pelo cuidado que demonstra em fornecer uma nomenclatura scientifica modernizada e pela atenção que presta ao significado dos termos vulgares nas diversas regiões do país», considerando-o como «repositório mais sortido e mais ponderadamente feito dos nomes populares dos vegetais espontâneos do país».

<sup>261</sup> Ricardo Jorge escreverá no seu livro: «tremoços de cão, fava venenosa para os cães e para o homem, que não consigo identificar. Talvez seja, segundo G. Sampaio, o tremoção – *Astragalus lusitanicus* Lam.» (RICARDO JORGE, 1963:206).

Neste documento G. Sampaio revela assim, de forma bem patente, os seus conhecimentos aprofundados dos antigos tratadistas de botânica, e também da flora popular portuguesa<sup>262</sup>.

---

<sup>262</sup> Interessantemente, G. Sampaio só opinou quanto à flora do continente. No trabalho publicado de Ricardo Jorge existe um extenso capítulo sobre a flora ultramarina que não contém qualquer comentário de G. Sampaio. Não terá sido pedido? Ou G. Sampaio terá declinado? Efectivamente a flora ultramarina nunca foi estudada por G. Sampaio.

#### **IV. G. Sampaio e o estudo da flora vascular portuguesa**

1. G. Sampaio e a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais
2. A rede de colaboradores
  - 2A. Os Herbários de Coimbra e de Lisboa
  - 2B. Os Jesuítas da Broteria
  - 2C. Clemente Lourenço Pereira
  - 2D. J. Miranda Lopes
3. As Floras publicadas, inéditas e inacabadas
  - 3A. As Floras regionais publicadas
  - 3B. O Manual da Flora Portuguesa e o Prodrómo da Flora Portuguesa
  - 3C. O Epítome da Flora Portuguesa
  - 3D. A Flora Portuguesa e a Iconografia Selecta
4. O Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto
5. G. Sampaio e Carlos Pau – o projecto da Flora Ibérica

##### 1. G. Sampaio e a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais

A Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais foi fundada em 1907, e, logo nesse ano, editava o primeiro número da sua revista, o «Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles». A direcção da revista era confiada a F. Mattoso Santos, presidente da Sociedade, e a M. Athias e C. França, seus secretários.

No primeiro número da revista (primeiro fascículo do primeiro volume), era feita uma introdução à Sociedade, escrita em francês, em que se explicitavam os seus objectivos. O objectivo primário era ser um fórum para os estudos de História Natural em Portugal: «La Société Portugaise de Sciences Naturelles se met á la disposition de tous les naturalistes qui voudront s’adresser á elle pour obtenir les renseignements dont ils auront besoin, relativement á la faune, á la flore, á la constitution minéralogique et géologique du Portugal», «et se charge de leur procurer, á leurs frais, du matériel pour leurs études et pour des Musées et de leur adresser dans les conditions qu’ils auront soin d’indiquer». «La Société peut également donner aux naturalistes voyageurs qui voudront faire des excursions scientifiques dans le Portugal, toutes les indications relatives au séjour, moyens de transport». A Sociedade também se propunha publicar catálogos da fauna, flora e mineralogia do país e das colónias. No seu Boletim, na secção de Ofertas e Pedidos, seriam publicados pedidos de ofertas e pedidos de materiais para troca entre sócios. A Sociedade agradecia o envio de publicações para a sua Biblioteca.

Após este texto introdutório, seguia-se um outro mais longo sobre a fundação da Sociedade. Quais as razões invocadas para a necessidade (e importância) de fundar, em Portugal, nessa época, uma sociedade científica dedicada ao estudo da História Natural? As razões fundamentais eram as seguintes:

A. As Ciências Naturais tinham, em Portugal, desde há muito tempo, um número considerável de «cultivadores apaixonados».

B. O número de trabalhos publicados na área era já considerável.

C. Existiam algumas publicações regulares de Ciências Naturais: os «Annaes de Sciencias Naturaes» publicados no Porto por Augusto Nobre; o «Boletim da Sociedade Broteriana» de Coimbra dirigida pelo «imminente botânico» Prof. Julio Henriques; a «Broteria» dirigida por J. S. Tavares do Colégio de São Fiel, um «dos nossos mais distintos naturalistas».

D. Além destas revistas exclusivamente dedicadas à História Natural, existiam outras que também inseriam trabalhos de Ciências Naturais: o «Jornal de Sciencias Mathematicas, Physicas e Naturaes» - publicação oficial da Academia das Ciências de Lisboa; «O Instituto» - «Revista scientifica e literária», do «Instituto de Coimbra»; os «Trabalhos do laboratório de Analyse clínica do Hospital de S. José» e os «Archivos do Real Instituto Bacteriológico Camara Pestana».

E. Além de publicarem nestas revistas nacionais, os naturalistas portugueses também publicavam em revistas estrangeiras.

F. Apesar de numerosos, os naturalistas portugueses trabalhavam sozinhos, só existindo a Sociedade Broteriana de Coimbra, como associação e fórum de naturalistas portugueses.

Perante este enquadramento e constrangimentos, a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais pretendia ser um fórum para os naturalistas portugueses comunicarem os seus trabalhos, trocarem ideias, contribuindo desta forma para o desenvolvimento das Ciências Naturais em Portugal.

A existência da Academia das Ciências de Lisboa não podia ser razão impeditiva, dado que esta instituição se dedicava a todas as ciências e os seus membros eram em número restrito, pelo que não poderia desempenhar as funções a que se propunha a Sociedade.

Quando surge a ideia da fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais? A ideia nasceu no XV Congresso Internacional de Medicina que se realizou em Lisboa em Abril de 1906<sup>263</sup>. O conselheiro F. Mattoso Santos e os naturalistas do Museu Nacional de Zoologia, ficaram então encarregados de fundar a Sociedade. Uma circular, assinada por F. Mattoso Santos, Bethencourt Ferreira, C. França, Anthero F. de Seabra, Celestino da Costa e M. Athias, foi enviada à maioria dos naturalistas portugueses<sup>264</sup>. Muitos responderam positivamente<sup>265</sup>. Os estatutos foram aprovados

---

<sup>263</sup> Organizado por Miguel Bombarda, contou com a presença de mais de 2.000 congressistas, de 27 países, de todas as partes do mundo. Foram discutidos 134 temas de estudo e apresentadas cerca de 500 comunicações livres. O programa científico foi publicado por M. Bombarda, em mais de 20 volumes de actas, logo em 1907 (CELESTINO DA COSTA, 1999:35-36).

<sup>264</sup> A génese da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais foi referida e descrita na revista Broteria, que transcreveu, na íntegra, esta circular, assim como os seus primeiros estatutos, e comentários de J. S. Tavares. A circular foi enviada em Outubro de 1906 e constava do seguinte texto: «Por ocasião do Congresso Internacional de Medicina que se reuniu em Lisboa em Abril do corrente ano, dois ilustres professores allemães, os srs. Waldeyer e Benda, impressionados pela belleza e pela riqueza da fauna das nossas costas, propozeram na secção de Anatomia que o Congresso exprimissem o voto de que se

oficialmente a 15 de Abril de 1907. A primeira reunião ocorreu a 29 de Abril de 1907. O presidente honorário era D. Carlos I, «naturaliste des plus distingués, dont les remarquables travaux, bien connus de tous, et la passion pour les Sciences Naturelles, notamment pour la Zoologie maritime, justifiaient amplement la résolution de la Société».

Ainda neste primeiro número da revista, eram apresentados os estatutos da Sociedade. Nestes ficavam cristalizadas as ideias-força que tinham motivado e justificado a fundação da Sociedade (já enunciadas nos textos precedentes). Assim, a finalidade da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais era «cultivar e desenvolver as Ciências Naturais e publicar trabalhos nesta área». A sede localizava-se em Lisboa. Só eram admitidas pessoas que tivessem feito trabalhos científicos de valor reconhecido na área das Ciências Naturais, ou que tivessem contribuído para o desenvolvimento destas Ciências em Portugal. Existiam cinco classes de membros: membros fundadores (membros à data da aprovação dos estatutos); membros honorários (título conferido pela Sociedade a personalidades de elevada categoria científica); membros titulares (todos os membros residentes em Portugal); membros correspondentes (todos os membros residentes no estrangeiro); membros benfeitores (membros que tinham prestado à Sociedade serviços importantes ou lhe tinham feito doações). Os membros fundadores e titulares

---

creasse, em Portugal, uma Estação de Biologia marítima, semelhante ás que existem em outros paizes, tais como a Itália, a Allemanha e a França. Esta proposta foi tanto melhor acolhida quanto é certo que de ha muito havia em espírito de investigadores portugueses a noção de que seria de um grande proveito para a sciencia e para o nosso país, o estabelecerem-se em Portugal, Institutos onde os nossos naturalistas e os estrangeiros podessem vir aproveitar das condições excepcionais que aqui se encontram reunidas para o prosseguimento de interessantes explorações científicas. Desde 1864 o illustre zoologo, professor Barbosa du Bocage, pôs em relevo a excellência dos nossos mares para estudos oceanográficos e a partir de então ficaram elles sendo considerados como manancial riquissimo. Em diversas publicações, auctorizados especialistas, como são os snrs. Augusto Nobre, Rocha Peixoto, Mello de Mattos, etc., demonstraram suficientemente a verdade de tal asserção e o primeiro d'estes naturalistas creou um Laboratório de Zoologia marítima [...]. Para o convencimento de que muito se pode fazer neste sentido entre nós, não pouco teem concorrido as investigações de S. M. El-Rei o Senhor D. Carlos que, nas suas explorações, tem descoberto exemplares que muito teem enriquecido a sciência e que cada vez mais revelam o interesse que há em se estudar d'uma maneira systemática, e com o auxilio de todos os progressos technicos das sciências naturais, a Biologia dos nossos mares. O que todas estas observações mostraram ser uma necessidade, o voto emittido pelo Congresso converteu numa urgencia e mal ficaria a Portugal deixar perder a oportunidade de realizar uma obra de tão grande alcance. Encarando o problema pelos seus varios aspectos e procurando a melhor fórma de o resolver, pareceu-nos que seria vantajoso começar por constituir uma aggremação de naturalistas portugueses, não só zoólogos, como tambem biólogos, botânicos, geólogos, etc., porque a todos póde interessar uma tal fundação. Congregando assim numa sociedade os que cultivam entre nós os diversos ramos das sciências naturais, affigura-se-nos que mais facilmente se pode estimular e desenvolver o estudo destas sciências e mais facilmente promover a criação e manutenção de instituições onde os estudiosos possam encontrar os meios indispensáveis para as suas investigações. Nesta orientação pensámos, pois, em fundar, em Portugal uma associação de character exclusivamente scientifico, sob o titulo de Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais, da qual enviamos a V. Exc.<sup>a</sup> um projecto de estatutos. É evidente que procurando fundar uma tal aggremação, não podiamos deixar de nos dirigir aos naturalistas mais eminentes do nosso país, solicitando-lhes não só o seu assentimento, como tambem a sua valiosa opinião sobre o modo como a nossa idéa poderá ser mais facilmente posta em prática e do modo mais proveitoso possivel. Desde já agradecemos a V. Exc.<sup>a</sup> a fineza de nos enviar a sua adhesão até 15 de Novembro do corrente anno, acompanhando-a de quaisquer modificações ou addições que julgue dever fazer ao projecto de estatutos que elaboramos» (B, VII:127-128).

<sup>265</sup> Os naturalistas que responderam positivamente à circular enviada constituíram os sócios fundadores da Sociedade (B, VII:128)

pagavam uma cota mensal de 500 réis, os membros correspondentes, uma cota anual de 5.000 réis, não pagando cotas os membros honorários e benfeitores. Existiam sessões ordinárias e sessões extraordinárias. Os corpos gerentes da Sociedade eram constituídos por um presidente, vice-presidente, primeiro secretário, segundo secretário, primeiro vice-secretário, segundo vice-secretário e tesoureiro. O Boletim tinha como redacção, o presidente e os dois secretários da Sociedade. No primeiro ano, o presidente de honra era, como já foi referido, o Rei D. Carlos I. Barbosa du Bocage era o membro honorário.

Os Estatutos da Sociedade eram modificados na Assembleia Geral de 10 de Março de 1908. Continuavam a existir cinco classes de sócios, mas as categorias originais eram ligeiramente modificadas, e criava-se uma nova modalidade de sócio. Os membros fundadores eram englobados nos sócios titulares. Mantinham-se as categorias de sócios honorários, correspondentes e benfeitores. A nova classe de sócios – associados, era destinada aos residentes em Portugal que se interessavam pelos progressos das Ciências Naturais e da obra da própria S. P. C. N. No segundo volume do «Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles» encontramos a lista de todos os sócios da Sociedade. Assim no final de 1908, a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais tinha, como membros honorários: C. Benda, professor na Universidade de Berlim; R. Blanchard, professor da Faculdade de Medicina de Paris; S. Ramón y Cajal<sup>266</sup>, professor na Universidade de Madrid; Ferreira da Silva<sup>267</sup>, professor da Academia Politécnica do Porto; A. Laveran, professor da Escola de Medicina de Val-de-Grâce; O. Thomas, professor e naturalista do Museu Britânico e W. Waldeyer, professor da Universidade de Berlim.

---

<sup>266</sup> Santiago Ramón Y Cajal (1852-1934) formou-se em medicina, em Saragoça. Em 1875, é professor de Anatomia na Faculdade aragonesa, onde se dedica afincadamente à Histologia e à técnica histológica. Em 1883, é professor na Faculdade de Medicina de Valência. Em 1892, é professor de Histologia e Anatomia Patológica da Universidade de Madrid, aposentando-se em 1922. Foi presidente da Real Sociedade Espanhola de História Natural, em 1897, sendo eleito seu presidente honorário em 1932. Realizou notáveis e originais estudos sobre a anatomia e fisiologia do sistema nervoso, demonstrando que o cérebro é constituído por biliões de células individuais - os neurónios. Foi, conjuntamente com Camillo Golgi, Prémio Nobel da Medicina em 1906. «Dado a trabalhos literários e filosóficos, dotado de uma grande e vasta cultura, tanto científica, como artística e literária, [...] a sua influência em Espanha foi muito grande» (GEPB) ([http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural); GEPB, ABBOTT, 2008:940).

<sup>267</sup> António Joaquim Ferreira da Silva (1853-1923) cursou filosofia na Universidade de Coimbra. Foi lente de química da Academia Politécnica do Porto. Em 1889, é Director do Laboratório Municipal de Química do Porto e do Posto Fotométrico. Em 1902, é professor de Química Legal e Sanitária na Escola de Farmácia portuense. Em 1911, é professor de Química Orgânica da Faculdade de Ciências do Porto, sendo também seu director em 1911-1912. Fundou, em 1905, a Revista de Química Pura e Aplicada. Aposentou-se em 1923. Publicou muitos trabalhos, sobretudo na área da Química. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB; MARINHO, 1924; SANTOS, 1996:141).

A lista completa dos seus sócios titulares (e fundadores) era a seguinte (transcrevendo do Boletim da Sociedade): Alberto de Aguiar<sup>268</sup>, professor da Escola de Medicina do Porto; J. M. de Almeida Lima<sup>269</sup>, professor na Escola Politécnica de Lisboa; J. Antunes Pinto<sup>270</sup>, professor de Fisiologia na Escola de Medicina Veterinária; Marck Athias<sup>271</sup>, chefe de serviço do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; A. Avila Horta, veterinário, assistente do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; C. Azevedo de Menezes<sup>272</sup>, naturalista; J. A. P. Azevedo Neves<sup>273</sup>, director do Laboratório do Hospital de S. José em Lisboa; C. Bello de Morais<sup>274</sup>, professor na Escola de Medicina

<sup>268</sup> Alberto Pereira Pinto de Aguiar nasceu no Porto, em 1867. Formou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, sendo nesta escola, lente-proprietário de Patologia Geral, em 1900. Regeu diversas Cadeiras como Higiene, Bacteriologia e Parasitologia, Química Biológica, Patologia Geral, Fisiologia. Foi director da Faculdade de Medicina do Porto e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Jubilou-se em 1935. «A sua obra publicada é extraordinariamente valiosa» (GEPB).

<sup>269</sup> João Maria de Almeida Lima (1859-1930) foi lente-substituto de Física Experimental da Escola Politécnica de Lisboa e professor da Faculdade de Ciências de Lisboa. Foi director da Faculdade de Ciências de Lisboa, reitor da Universidade de Lisboa, presidente da Academia das Ciências de Lisboa e Ministro do Fomento (GEPB).

<sup>270</sup> José Antunes Pinto nasceu em Lisboa e morreu em 1925. Foi lente de Patologia Geral, Especial e Clínica Médica do Instituto Geral de Agricultura e professor de Histologia e Fisiologia Geral da Escola Superior de Medicina Veterinária, da qual foi também director (GEPB).

<sup>271</sup> Marck Athias (1875-1946) «dotado de extraordinária inteligência e de grande curiosidade» foi «um dos propulsores da nova medicina portuguesa». Trabalhou no laboratório do histologista Mathias Duval, em Paris, terminando o curso de Medicina, nesta cidade, com 22 anos de idade. Regressa então a Portugal. Com o auxílio de Miguel Bombarda, instala um laboratório de histologia. Entra para a Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, em 1903, como preparador de histologia e fisiologia, mas rapidamente atinge o topo da carreira docente, em 1910. Liga-se a Carlos França, que trabalhava no Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Com a criação da Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1911, é escolhido para seleccionar o equipamento principal a ser adquirido para os seus Institutos (os antigos laboratórios da Escola Médico-Cirúrgica). Para dar resposta a este objectivo, viaja pelo estrangeiro (Paris, Gante, Bruxelas, Lúpsia e Gotinga) para visitar outros Institutos «onde pudesse adquirir o conhecimento científico e prático da melhor aparelhagem a adquirir». Funda, na Faculdade de Medicina de Lisboa, o Instituto de Fisiologia e Química Fisiológica. «Fiel à sua ciência mãe, a histologia, Athias utilizou sempre o método morfológico para os seus estudos fisiológicos, na sua grande maioria pertencentes ao campo da histofisiologia e alguns mesmo da histopatologia». No entanto, por diversas razões, deixa o Instituto de Fisiologia para ser investigador do Instituto Português de Oncologia. Foi ainda presidente da Junta de Educação Nacional. «Como bibliotecário da Biblioteca Central [da Faculdade de Medicina de Lisboa], orientou a compra de livros e revistas e organizou a classificação das espécies mais raras». Deixou como discípulos, A. Celestino da Costa e Abel Salazar (GEPB; BOTELHO, 1999b:293; CELESTINO DA COSTA, 1999:33-34, 43-44).

<sup>272</sup> Carlos Azevedo de Menezes (1863-1928) foi funcionário da secretaria da Câmara Municipal do Funchal, transitando depois para a direcção da Biblioteca Municipal. Apaixonado pela Botânica, publicou trabalhos em importantes revistas científicas da época, dos quais se destacam os «Subsidios para o conhecimento da flora das Ilhas Selvagens», e diversos trabalhos sobre a flora da Ilha da Madeira (GEPB).

<sup>273</sup> João Alberto Pereira de Azevedo Neves (1877-1955) formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi nomeado professor de Medicina Legal da Faculdade de Medicina de Lisboa, em 1911. Foi ainda director do Instituto de Medicina Legal, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, reitor da Universidade Técnica de Lisboa, Ministro e secretário de Estado do Comércio e dos Negócios Estrangeiros (1918) e presidente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi um «pioneiro da Medicina Legal, Luta contra o Cancro, Fisioterapia, e do Ensino técnico profissional» (BOTELHO, 1999b:301) (GEPB; BOTELHO, 1999b:301).

<sup>274</sup> Carlos Bello de Morais (1868-1933) formou-se em medicina, em Lisboa, em 1892. Foi lente-proprietário da 2.<sup>a</sup> Cadeira (Fisiologia Especial) e da 7.<sup>a</sup> Cadeira (Patologia Interna), na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi director de enfermaria do Hospital de S. José, director do Hospital Escolar de Santa Marta, presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Médicas e da Associação dos Médicos Portugueses. Foi director da «Medicina Contemporânea» durante muitos anos, onde publicou inúmeros trabalhos, e da revista «Lisboa Médica» (GEPB; BOTELHO, 1999b:300; JORDÃO, 1999:159-165). «Foi um erudito e dos grandes mestres da ciência moderna e clínico de grande prestígio. Modesto e inteiramente votado à ciência eximiu-se sempre a cargos honoríficos, recusando o seu nome, em 1923, para a eleição à presidência da República.

de Lisboa; A. Bensaude<sup>275</sup>, professor de Mineralogia do Instituto Industrial; Bethencourt Ferreira<sup>276</sup>, naturalista do Museu Bocage; Annibal Bettencourt<sup>277</sup>, director do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; N. Bettencourt<sup>278</sup>, assistente no Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; Miguel Bombarda<sup>279</sup>, professor de Histologia e Fisiologia Geral na Escola de Medicina de Lisboa; Ildefonso Borges<sup>280</sup>, veterinário assistente do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; Camara

Decidido a só desenvolver a sua actividade no campo científico, representou o país, com brilho, em vários congressos internacionais» (GEPB).

<sup>275</sup> Alfredo Bensaude nasceu em Ponta Delgada, em 1856. Era formado em geologia-mineralogia pela Universidade de Gotinga. Foi professor do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Por incumbência de Brito Camacho, Ministro do Fomento, elaborou uma reforma para o Instituto Superior Técnico (GEPB).

<sup>276</sup> Júlio Guilherme Bethencourt Ferreira (1866-1948) formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, tendo exercido clínica nesta cidade. Foi naturalista do Museu Bocage (Lisboa) e assistente da Faculdade de Ciência de Lisboa. Em 1923, foi nomeado 1.º assistente do subgrupo de Zoologia da 3.ª secção (Ciências Histórico-Naturais) da Faculdade de Ciências do Porto, onde permaneceu até à sua aposentação, em 1936. Tomou parte na missão médica à Madeira, dirigida por Carlos França, durante a epidemia de cólera de 1910. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB; FCP, 1969:327).

<sup>277</sup> Annibal Bettencourt (1868-1930) foi colaborador e colega de trabalho de Câmara Pestana, desde os primeiros estudos sobre a análise bacteriológica das águas de Lisboa (1892), sucedendo-lhe, depois, na direcção do Instituto Bacteriológico. Foi professor de Bacteriologia e Parasitologia da Faculdade de Medicina de Lisboa. Esteve ligado à fundação da Sociedade Portuguesa de Biologia e da Sociedade Portuguesa de Fotografia, de que foi o seu primeiro presidente e cultor exímio desta arte. Publicou a maior parte dos seus trabalhos nos Arquivos do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (GEPB; BOTELHO, 1999b:294; CELESTINO DA COSTA, 1999:49). «Foi dos primeiros que em Portugal se dedicaram ao estudo da Microbiologia, ciência em que veio a ser mestre insigne [...] Dirigi em todos os seus pormenores a instalação do modelar [Instituto Bacteriológico Câmara Pestana] no Campo dos Mártires da Pátria, que em breve se tornou, graças à competência e superior orientação do seu primeiro director, o primeiro grande centro de estudos de Medicina Experimental em Portugal» (GEPB).

<sup>278</sup> Nicolau Anastácio de Bettencourt nasceu em Angra do Heroísmo, em 1872. Foi médico bacteriologista, professor de Bacteriologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, médico dos hospitais civis de Lisboa e director do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (GEPB).

<sup>279</sup> Miguel Augusto Bombarda (1851-1910) nasceu no Rio de Janeiro. Estudou na Escola Politécnica de Lisboa e na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, onde se distinguiu como aluno brilhante. Foi médico cirurgião do Hospital de S. José, em 1879, e, cirurgião extraordinário, em 1884. Em 1892, é director do Hospital Rilhafoles (que mais tarde se transformaria, em sua homenagem, no Hospital M. Bombarda), onde se destaca na sua «reorganização sanitária, nosocomial, disciplinar, policial e administrativa». É um dos fundadores da psiquiatria portuguesa. Elabora «valiosíssimos relatórios médico-legais, bem como pareceres com que responde a numerosas consultas médico-forenses dos mais reputados advogados». Integra «também o Conselho Superior de Higiene e a sua intervenção sócio-sanitária pauta-se por abrangentes acções de divulgação dos princípios de higiene colectiva e individual, de noções científicas elementares, e, mais tarde, das suas ideias políticas». Em 1896, abre um curso livre de Psiquiatria, para estudantes e médicos, com lições periódicas todos os domingos. Na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, é lente-proprietário da 2.ª Cadeira (Fisiologia e Histologia), e, a partir de 1903, da 14.ª Cadeira (Fisiologia Geral e Histologia). Em Rilhafoles cria o laboratório onde M. Athias orientará investigadores notáveis como Carlos França, Azevedo Nunes, Pinto de Magalhães e Celestino da Costa. Preside à Sociedade de Ciências Médicas de 1900 a 1903. É redactor do «Correio Medico». Funda, em 1883, com Manuel Bento de Sousa e J. T. de Sousa Martins, a publicação «Medicina Contemporanea». «Como Secretário-Geral, organiza a máquina complexa do XV Congresso Internacional de Medicina» realizado em 1906. Morre assassinado, em 1910, às mãos de um doente (GEPB; BARBOSA, 1999:221-229; BOTELHO, 1999b:294). Para uma descrição do Congresso Internacional de Medicina, realizado em Lisboa, em 1906, ver CHORÃO (1906).

<sup>280</sup> Ildefonso Borges nasceu em Santa Cruz da Graciosa, em 1864. Formou-se em agronomia e medicina veterinária no Instituto de Agronomia e Veterinária. Foi professor de Parasitologia e de Patologia Exótica na Escola Superior de Medicina Veterinária, assistente do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana e director interino da Estação Zootécnica Nacional (GEPB).

Pestana, agrónomo; E. P. Canto e Castro<sup>281</sup>, professor no Liceu de Lisboa; A. Cardoso Pereira<sup>282</sup>, químico; A. Carvalho de Figueiredo, naturalista; F. A. Chaves<sup>283</sup>, director do Serviço de Meteorologia dos Açores; P. Choffat<sup>284</sup>, membro da Comissão dos Serviços Geológicos de Portugal; J. M. Corrêa de Barros, naturalista; A. Corrêa Mendes, director do Laboratório de Bacteriologia de Luanda (Angola); A. P. Celestino da Costa<sup>285</sup>, assistente no Laboratório de Histologia da Escola de Medicina de Lisboa; A. A. da Costa Ferreira<sup>286</sup>, professor no Liceu Central de Lisboa; C. França<sup>287</sup>, chefe de serviço do

---

<sup>281</sup> Eugénio Vaz Pacheco do Canto e Castro formou-se em filosofia, na Universidade de Coimbra. Em 1888, foi nomeado professor do liceu de Ponta Delgada. Veio depois para Lisboa, para um dos seus liceus, mas voltou já doente, a Ponta Delgada, onde morreu em 1911. Interessou-se por estudos geológicos, pedagógicos e filosóficos (GEPB).

<sup>282</sup> Artur Cardoso Pereira nasceu em 1865. Formou-se na Escola-Médico Cirúrgica do Porto. Especializou-se em química analítica no estrangeiro. Foi assistente da Faculdade de Medicina de Lisboa, director do laboratório químico do Instituto de Medicina Legal de Lisboa e professor de Química Geral e Química Inorgânica do Instituto Superior Técnico. Aposentou-se em 1935 (GEPB).

<sup>283</sup> Francisco Afonso Chaves (1857-1926) estudou na Escola Politécnica de Lisboa. Foi director do Observatório Meteorológico de Ponta Delgada e do Serviço Meteorológico dos Açores. «Deu notável impulso e unidade aos estudos meteorológicos e geofísicos nos Açores». Foi membro de diversas comissões meteorológicas internacionais, nomeadamente do Comité Meteorológico Internacional. Como naturalista, a sua obra foi também notável, fundando o Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada. R. Moniez dedicou-lhe uma espécie de crustáceo: *Cypridopsis Chavesi*; Adrien Dollfuss consagrou-lhe o género e espécie *Chavesia costulata*, e a espécie *Trichoniscus Chavesi*. A um peixe foi dado o nome de *Myctophum Chavesi* Collet (GEPB).

<sup>284</sup> Léon Paul Choffat (1849-1919), suíço, teve a sua formação académica em geologia, em Zurique. Vem para Portugal a convite de Carlos Ribeiro, acabando por permanecer no nosso país quase 40 anos. Trabalhador infatigável e investigador criterioso deixou estudos importantes e diversificados sobre a geologia de Portugal (GEPB).

<sup>285</sup> Augusto Pires Celestino da Costa (1884-1956) terminou o curso de medicina, em 1905. Fundou, em 1911, na recentemente criada Faculdade de Medicina de Lisboa, o Instituto de Histologia e Embriologia. Durante 43 anos exerce, neste Instituto, a função de professor de Histologia e Embriologia, e de investigador. Foi director do Laboratório Central do Hospital de S. José, director da Faculdade de Medicina de Lisboa, e presidente da Junta de Educação Nacional, do Instituto para a Alta Cultura e da Sociedade das Ciências Médicas de Lisboa. Foi ainda Doutor Honoris Causa por várias Universidades estrangeiras. Foi o mais destacado embriologista da Península Ibérica. Destaca-se também como pedagogo, tendo publicado os manuais necessários ao estudo das matérias que ensinava: um Manual de Técnica Histológica (1.<sup>a</sup> edição em 1921); os Elementos de Embriologia (Manual de Embriologia) (1.<sup>a</sup> edição em 1933); o Manual de Histologia (em colaboração com P. R. Chaves, 1.<sup>a</sup> edição em 1937), o Tratado Elementar de Histologia e Anatomia Microscópica; as Lições sobre a Histofisiologia das Glândulas Endócrinas. Também esteve envolvido na criação da Sociedade Portuguesa de Biologia, em 1920, e dos respectivos boletins. Foi ainda director técnico do Aquário Vasco da Gama, entre 1917 e 1923, «procurando torná-lo um verdadeiro Instituto de Biologia Marítima» (GEPB; BOTELHO, 1999b:296; CELESTINO DA COSTA, 1999:45-47).

<sup>286</sup> António Aurélio da Costa Ferreira (1879-1922) formou-se em filosofia e medicina na Universidade de Coimbra. Foi professor do Liceu Camões, em Lisboa. Em 1919 entrava como naturalista do Museu Bocage em Lisboa, e, em 1921, era nomeado professor de anatomia antropológica, na Faculdade de Medicina de Lisboa. «Convitado pelo dr. Brito Camacho para realizar estudos antropológicos em Moçambique, partiu para esta colónia, onde pouco depois da chegada e sob uma grave depressão nervosa, pôs termo à existência». Em 1910 tinha sido eleito deputado por Setúbal, e, em 1911, nomeado director da Casa Pia de Lisboa. Foi vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, e Ministro do Fomento em 1912-1913, no governo de Duarte Leite. «É vastíssima a sua bibliografia. Costa Ferreira foi um trabalhador infatigável, um notável investigador e do seu extraordinário labor ficaram inúmeros trabalhos» (GEPB).

<sup>287</sup> Carlos França (1877-1926) nasceu em Torres Vedras. Formou-se em medicina na Escola Médica-Cirúrgica de Lisboa. Foi um dos jovens colaboradores de Câmara Pestana, especializando-se em doenças infecto-contagiosas e em parasitologia humanas. Ao lado de Câmara Pestana, participou no combate à epidemia de peste que ocorreu no Porto em 1899 (onde morrerá o distinto bacteriologista lisboeta). Em 1910, também combaterá esta doença na Madeira. É nomeado médico-auxiliar do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, sendo seu sub-director em 1905. Neste ano, entra como naturalista para o Museu de Zoologia da Escola Politécnica. Após a implantação da República, incompatibiliza-se com as autoridades de saúde, abandona o Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, e retira-se para a sua Quinta de Colares, onde «seu et isolé du

Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; Jacintho P. Gomes<sup>288</sup>, naturalista do Museu Nacional de História Natural, secção de Mineralogia; J. A. Guimarães<sup>289</sup>, naturalista; Ayres Kopke, professor na Escola de Medicina Tropical de Lisboa; A. Le Cocq<sup>290</sup>, director geral da Agricultura; Maximiano de Lemos<sup>291</sup>, professor na Escola de Medicina do Porto; C. J. Lima Alves, chefe de serviço no Instituto Agronómico; E. Lima Bastos, chefe de serviço no Instituto Agronómico; A. Luisier<sup>292</sup>, professor do Colégio de Campolide; T. Martins Nato, naturalista; H. Mastbaum<sup>293</sup>, químico; F. Mattoso Santos<sup>294</sup>,

---

monde, avec de très maigres ressources, il improvise un petit laboratoire où il vat continuer ses brillantes investigations» (QUINTANILHA, 1926). A partir desta data, dedica-se à botânica. Contacta com A. X. Pereira Coutinho, J. Henriques e G. Sampaio. Estuda primeiro um parasita flagelado existente no látex das eufórbias. De seguida, dedica-se ao estudo das plantas carnívoras. Deste estudo, resultam várias publicações no Boletim da Sociedade Broteriana. Finalmente, a Faculdade de Medicina de Lisboa convida-o para professor de parasitologia. Faz investigação no Instituto Rocha Cabral. Inicia estudos sobre a malária, mas adocece. Morre prematuramente antes dos 50 anos (GEPB; QUINTANILHA, 1926).

<sup>288</sup> Jacinto Pedro Gomes formou-se na Escola de Freiberg. Foi naturalista do Museu Nacional da Escola Politécnica, onde sucedeu, em 1883, a Alfredo Bensaúde. Foi assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa e colaborador dos Serviços Geológicos (GEPB).

<sup>289</sup> José de Ascensão Guimarães (1862-1922) estudou botânica com J. Henriques, na Universidade de Coimbra. Pertenceu à direcção da Companhia das Águas Livres de Lisboa durante 25 anos. A Botânica ocupava-lhe alguns dos tempos livres. Recolheu muitos exemplares para o Herbário da Universidade de Coimbra. Publicou, na revista Broteria de 1904, uma monografia das Orobancháceas, e na revista Polytechnica de 1907, um estudo sobre as orquídeas portuguesas (TAVARES, 1922).

<sup>290</sup> Alfredo Carlos Le Cocq, prestigioso agrónomo, fundou o Laboratório de Patologia Vegetal, em Lisboa. Foi eleito deputado em várias legislaturas (GEPB).

<sup>291</sup> Maximiano Augusto de Oliveira Lemos Júnior (1860-1923) formou-se em medicina pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Foi lente-proprietário da Cadeira de Medicina Legal até 1911, dirigindo também a Morgue do Porto. Em 1916, é professor da Cadeira de História e Filosofia Médicas e Ética Profissional na Faculdade de Medicina do Porto. Foi director desta Faculdade, de 1918 a 1922. Em 1921, é vice-reitor da Universidade do Porto. Em 1923, abandona a carreira docente por motivos de saúde. Dirigiu a Enciclopédia Portuguesa Ilustrada, em 11 volumes. Da sua vasta bibliografia, destacam-se os trabalhos sobre a História da Medicina - a História da Medicina em Portugal publicada, em 1899, e as monografias sobre Amato Lusitano, Zacuto e Ribeiro Sanches. Fundou e dirigiu a revista Arquivos de História da Medicina Portuguesa, de que saíram 20 volumes, constituindo um repositório valioso sobre a História da Medicina em Portugal. Entre os seus mais próximos amigos contava-se Ricardo Jorge, que, aliás, também se dedicou, de forma notável, ao estudo da História da Medicina (GEPB).

<sup>292</sup> P.<sup>o</sup> Alphonse Luisier (1872-1957) nasceu em Frignoley (Suíça) e morreu no Colégio Nuno Álvares. Ingressou na Companhia de Jesus aos 19 anos. Faz os seus estudos teológicos em Innsbruck (Áustria). A diversidade botânica do Tirol terá despertado, no jovem padre jesuíta, o gosto pela Botânica, em particular pelos musgos e hepáticas. Ensina no Colégio de Campolide, entre 1907 e 1910. Com a expulsão dos padres jesuítas após a implantação da República em 1910, exila-se em Salamanca, onde reside na rua Serranos, 2. Herboriza intensamente nesta região. Alguns anos mais tarde desloca-se para o «Colegio del Pasaje» em La Guardia, na Galiza, onde ensina e dirige a Broteria. Regressa finalmente a Portugal, em 1932. Dirige a série de Ciências Naturais da Broteria e ensina no Colégio Nuno Álvares. Publica, em 1924, «Musci Salmanticenses», descrevendo 184 táxones, incluindo vários novos para a ciência. Conhecedor profundo da flora briológica da Madeira, publica «Les Mousses de Madère» (1917-1922), e uma segunda edição sob o título «Les Mousses de l' Archipel de Madère et en general des Îles Atlantiques» (1927-1932, 1938, 1942, 1945). Publica ainda dezenas de trabalhos de briologia. É um dos fundadores da briologia moderna. É Doutor Honoris Causa pela Universidade do Porto, em 1942, e titular da insígnia da Ordem Militar de Santiago do governo português. Em sua homenagem têm-lhe sido dedicados táxones novos para a ciência: *Luisieria fariae* Tav., *Luisieria lantanae* Tav. e *Luisierella pusilla* Ther., além de outros mencionados no presente trabalho. A sua colecção de briófitas encontra-se hoje no Colégio Nuno Álvares. O seu carácter é definido por CASTELLARNAU (1958): «Era austero, pero tratable y de un corazón bondadoso y muy caritativo» (GEPB; CASTELLARNAU, 1958; MELO, 1987).

<sup>293</sup> Hugo Mastbaum (1859-1945) nasceu na Alta Silésia e morreu em Lisboa. Era doutorado em filosofia e química pela Universidade de Berlim. Veio para Portugal a convite do ministro Emídio Navarro e foi colocado na Direcção Geral de

Conselheiro, professor de Zoologia na Escola Politécnica de Lisboa; Candido Mendes<sup>295</sup>, naturalista, professor no Colégio de S. Fiel; J. Miranda do Valle<sup>296</sup>, chefe de serviço na Escola de Medicina Veterinária; F. Möller<sup>297</sup>, inspector do Jardim Botânico de Coimbra; F. Newton<sup>298</sup>, naturalista; A. Nobre<sup>299</sup>, naturalista do Museu da Academia Politécnica do Porto; A. C. Oliveira Pinto<sup>300</sup>, professor no Colégio de Campolide; J. da Cunha Paredes, veterinário, assistente do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; J. V. Paula Nogueira<sup>301</sup>, professor na Escola de Medicina Veterinária; A. Pereira, director do Instituto Pasteur do Porto; Pereira e Sousa, naturalista; M. A. Pinto, chefe do Laboratório Nobre, Porto; J. P. Rasteiro<sup>302</sup>, chefe de serviço no Instituto Agronómico; M. Rebimbas<sup>303</sup>, naturalista;

---

Agricultura. Foi director do Laboratório de Análises Químico-Físicas e director-adjunto da Estação Agrária Nacional. Foi sócio de diversas sociedades científicas e da Academia das Ciências de Lisboa. A sua bibliografia é muito vasta (GEPB).

<sup>294</sup> Fernando Mattoso Santos (1849-1921) formou-se em filosofia e em medicina na Universidade de Coimbra. Foi médico na Golegã, lente-proprietário da Cadeira de Zoologia e Anatomia Comparadas na Escola Politécnica de Lisboa e lente do Instituto Industrial e Comercial de Lisboa. Foi eleito deputado em várias eleições. Em 1900, Hintze Ribeiro, que chefiava o governo, confiou-lhe a pasta da fazenda, em substituição do conselheiro Anselmo de Andrade (GEPB).

<sup>295</sup> P.º Cândido de Azevedo Mendes (1874-1944) nasceu em Soutos (Torres Novas). Em 1888, entrou no noviciado da Companhia de Jesus, no Colégio do Barro, perto de Torres Vedras. Coursou Teologia em Roma, tendo sido ordenado sacerdote em 1905. Desde cedo manifestou inclinação especial para as Ciências Naturais, em especial para a entomologia. Ensinou no Colégio de S. Fiel. Juntamente com J. S. Tavares e C. Zimmerman, fundou a revista *Broteria*, em 1902. Com a expulsão dos jesuítas após a instauração da República em 5-10-1910, exila-se em Salamanca, onde, em 1912, retoma a edição da *Broteria*. Vive ainda no Colegio del Pasaje até 1932. A sua notável colecção entomológica encontra-se hoje no Colégio Nuno Álvares (Caldas da Saúde, Santo Tirso) (LUISIER, 1944).

<sup>296</sup> José Miranda do Valle nasceu em 1877. Formou-se em medicina veterinária, em 1898. Em 1904, foi nomeado professor do Instituto de Agronomia e Veterinária de Lisboa (GEPB).

<sup>297</sup> Adolfo Frederico Möller (1842-1920) fez os primeiros estudos em Lisboa. Desloca-se para a Alemanha, em 1857, onde faz o curso de Silvicultura. Regressa a Lisboa, em 1860, entrando ao serviço da Administração Geral das Matas do Reino neste mesmo ano. Em 1865, é nomeado chefe da secção florestal do Mondego. Em 1874, foi nomeado inspector do Jardim Botânico de Coimbra, onde se conservou em actividade até 1914, quando adoeceu gravemente. Retira-se para Lisboa, onde morre no Hospital de S. José (B, XXI:88-90; GEPB).

<sup>298</sup> Francisco Newton, filho do distinto botânico portuense Isaac Newton, foi naturalista e explorador de Cabo Verde, Guiné e Timor. Os seus espécimes zoológicos enriqueceram os Museus de Lisboa e Porto (GEPB).

<sup>299</sup> Augusto Pereira Nobre (1865-1946) nasceu no Porto. Frequentou a Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra e a Academia Politécnica do Porto. Iniciou as suas investigações malacológicas no Museu Allen. Parte depois para Paris onde trabalha no Museu de História Natural. Entrou como naturalista-adjunto da Academia Politécnica do Porto, em 1901, na mesma altura que G. Sampaio. Em 1911, é nomeado professor extraordinário do 2.º grupo (Ciências Biológicas) da 3.ª secção (Ciências Histórico-Naturais) da Faculdade de Ciências do Porto, regendo as Cadeiras de Zoologia Geral, Zoologia dos Invertebrados e Zoologia dos Vertebrados. Foi director do Museu e Laboratório de Zoologia e da Estação de Zoologia Marítima, anexos à Faculdade de Ciências e da Estação Aquícola do Ave. Foi sócio correspondente da Academia das Ciências de Lisboa. Foi ainda professor da Faculdade de Farmácia e reitor da Universidade do Porto. Foi Ministro da Instrução dos governos de António Maria da Silva (de 26 de Junho a 19 de Julho de 1920 e de 6 de Fevereiro a 30 de Novembro de 1922), de Liberato Pinto (de 29 de Novembro de 1920 a 2 de Março de 1921) (GEPB; AFSP, 1911-1914; AFSUP, 1914-1918; PERES, 1954:280,292,325; OLIVEIRA MARQUES *ET AL.*, 1991:728-732).

<sup>300</sup> P.º Antonio da Costa e Oliveira Pinto foi professor do Colégio de Campolide e um dos fundadores da revista *Broteria*. Era especialista em física-química.

<sup>301</sup> João Viegas Paula Nogueira (1859-1944) formou-se em medicina veterinária e em agronomia no Instituto de Agronomia e Veterinária. Em 1918, foi nomeado director da Instrução Agrícola nos Ministérios da Instrução e da Agricultura, e director da Escola Superior de Medicina Veterinária. Como professor, dedicou-se especialmente a trabalhos bacteriológicos, soros e vacinas para o gado (GEPB).

<sup>302</sup> Joaquim Pedro da Assunção Rasteiro (1866-1936) formou-se no Instituto de Agronomia e Veterinária. Foi professor e director do Instituto Superior de Agronomia. Publicou diversos estudos agronómicos, de índole muito variada. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB).

M. A. Reis Martins<sup>304</sup>, chefe de serviço do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; A. A. Rocha Peixoto<sup>305</sup>, naturalista da Academia Politécnica do Porto; A. S. Sampaio, naturalista; Gonçalo Sampaio, naturalista do Museu da Academia Politécnica do Porto; Anthero F. de Seabra<sup>306</sup>, conservador do Museu Bocage (secção de Zoologia do Museu de História Natural de Lisboa); A. Seabra, agrónomo; J. de Seixas Palma, químico, assistente do Instituto Real de Bacteriologia Camara Pestana; J. S. Tavares<sup>307</sup>, professor no Colégio de S. Fiel; F. X. Silva Telles<sup>308</sup>, professor na Escola de

---

<sup>303</sup> P.<sup>e</sup> Manuel Rebimbas foi um dos fundadores da revista Broteria.

<sup>304</sup> Miguel Augusto Reis Martins (1864-1942) formou-se em medicina veterinária e agronomia no Instituto de Agronomia e Veterinária. Em 1895, foi nomeado veterinário do Ministério das Obras Públicas, em 1897, chefe de serviço do Instituto de Agronomia e Veterinária, e, em 1899, professor técnico da Escola Nacional de Agricultura de Coimbra. Em 1902, foi nomeado para chefe de serviços de soros e vacinas do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Em 1911, é professor da Cadeira de Higiene e Dietética dos Animais Domésticos e Bacteriologia da Escola Superior de Medicina Veterinária, e, de 1919 a 1931, seu director interino (GEPB).

<sup>305</sup> António Augusto da Rocha Peixoto (1868-1909), natural da Póvoa de Varzim, dedicou-se às ciências naturais e aos estudos históricos. Formado pela Academia Politécnica do Porto, ingressou como naturalista-adjunto do Gabinete de Mineralogia, Geologia e Paleontologia, da Academia Politécnica, em 1901. Foi director da Biblioteca Pública Municipal do Porto e do Museu Municipal do Porto. Exerceu também considerável actividade como escritor e jornalista. Investigou e publicou trabalhos sobre a «história das nossas indústrias locais, instituições jurídicas, actividades artísticas e comerciais da Antiguidade». Foi um dos fundadores da Revista de Ciências Naturais e da Portugaliae. Publicou na Revista de Portugal. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB).

<sup>306</sup> Anthero Frederico Ferreira de Seabra (1874-1952) fez os estudos universitários em Paris. De regresso a Portugal, dedicou-se ao estudo dos vertebrados do continente e ultramar, sob a orientação de Barbosa du Bocage. De 1896 a 1904, foi naturalista-coadjuvante do Museu Zoológico da Universidade de Lisboa, passando a conservador, em 1904. Simultaneamente trabalhava em entomologia no Laboratório de Patologia Vegetal, para onde entrara em 1905. De 1912 a 1917, foi assistente da Faculdade de Ciências de Lisboa, e, de 1918 a 1921, naturalista do Museu Zoológico. De 1909 a 1914, foi director do Aquário Vasco da Gama. Em 1922, foi ocupar o lugar de naturalista do Museu Zoológico da Universidade de Coimbra, onde se manteve até à reforma. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Especializou-se em entomologia, tornando-se num dos mais destacados especialistas portugueses nesta disciplina - «o seu nome passou a ser considerado como um dos mais notáveis entre os zoólogos e entomologistas contemporâneos. Notabilizou-se essencialmente pela perfeição e honestidade dos seus trabalhos de sistemática; lutando com as maiores dificuldades de ambiente e de recursos materiais e bibliográficos, persistiu sempre, numa dedicação rara e exemplar. A sua vida de investigador pode ser apontada entre nós como um modelo invulgar de probidade científica» (GEPB).

<sup>307</sup> P.<sup>e</sup> Joaquim da Silva Tavares (1866-1931) nasceu em Cardigos. Estuda Humanidades e Filosofia no Colégio de Setúbal, de 1882 a 1888, ingressando oficialmente na Companhia de Jesus, em 1888. Ensina no Colégio de Campolide e no Colégio de S. Fiel. Termina a sua formação religiosa em Viena (Áustria) em 1899, regressando então a Portugal. Ensina durante um ano no Colégio de Setúbal. Em 1901, estabelece-se no Colégio de S. Fiel. É director do Herbário e do Museu de História Natural deste colégio. Funda a Broteria. Em 1908, é nomeado reitor do Colégio. Na sequência da implantação do regime republicano, exila-se em Salamanca, e depois no Brasil. Fixa residência na Baía em colégio jesuíta, onde logo em 1912 continua a publicação da Broteria, que agora se sub-intitula «Revista Luso-Brazileira». Em 1914, regressa à Galiza. Em 1928, regressa definitivamente a Portugal. Entomologista desde cedo, especializa-se no estudo das cecídias, em especial nas deformações das plantas induzidas por insectos, tornando-se num reputadíssimo especialista desta matéria. Publica dezenas de artigos científicos. Em 1928, torna-se sócio efectivo da Academia das Ciências de Lisboa. É membro de diversas academias e sociedades científicas estrangeiras. Faleceu em Paris. São-lhe dedicados diversos táxones, de que se destacam três géneros novos para a ciência: *Tavaresia* Kief., *Tavaresiella* del Guercio e *Silvatares* Nav. (GEPB; LEITE, 1931). Parte da colecção de cecídias de J. S. Tavares encontra-se hoje no Colégio Nuno Álvares (Caldas da Saúde).

<sup>308</sup> Francisco Xavier da Silva Telles (1860-1930) formou-se na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa. Foi médico da Armada, professor e reitor da Universidade de Lisboa, e, em 1929, durante algumas semanas, Ministro da Instrução Pública. Ensinou Higiene e Climatologia, Geografia Económica e Administração Colonial, na Escola de Medicina Tropical e no Instituto Superior do Comércio. Publicou trabalhos em áreas diversificadas, com ênfase na geografia e antropologia. Foi o introdutor da geografia no ensino superior. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB; PIMENTA, 2004).

Medicina Tropical de Lisboa; M. de Souza da Camara<sup>309</sup>, professor no Instituto Agronómico; A. J. de Souza Júnior<sup>310</sup>, professor na Escola de Medicina do Porto; R. T. Palhinha<sup>311</sup>, professor da Escola Politécnica de Lisboa; C. Torrend<sup>312</sup>, naturalista; J. Verissimo d’Almeida<sup>313</sup>, professor do Instituto Agronómico e C. Zimmermann<sup>314</sup>, naturalista e professor do Colégio de S. Fiel.

Como membros correspondentes a Sociedade tinha: F. Mesnil, chefe de serviço no Instituto Pasteur de Paris; A. de Miranda Ribeiro, director do Museu de História Natural do Rio de Janeiro; R. J. Pocock, professor e superintendente da Sociedade dos Jardins zoológicos de Londres; C. L. Porter, professor e director do Museu de História Natural de Santiago do Chile; E. Schmitz<sup>315</sup>, naturalista, antigo reitor do Seminário do Funchal. Existiam ainda como membros associados: C. Arruda Furtado, estudante de Medicina; F. Betti, professor no Liceu de Lisboa; G. Brites, médico municipal em Loulé; A. J. Ferreira, agrónomo; A. F. B. de Fonseca, agrónomo; A. Gião, professor no Liceu de Évora; A. R. Jorge<sup>316</sup>, estudante de Medicina; J. S. Leite, médico dos Hospitais de Lisboa; J. Marques de Carvalho, agrónomo, viticultor na Chamusca; A. Pacheco, médico; H. Parreira, chefe de laboratório na Escola de Medicina de Lisboa; A. A. Sarmiento, naturalista e F. F. Silva, agrónomo.

<sup>309</sup> Manuel de Souza da Camara nasceu em Lisboa, em 1871. Foi lente do Instituto de Agronomia e Veterinária de Lisboa, leccionando a 6.<sup>a</sup> Cadeira (Silvicultura e Tecnologia Florestal) e a 7.<sup>a</sup> Cadeira (Viticultura e Arboricultura). No Instituto Superior de Agronomia foi professor da 9.<sup>a</sup> Cadeira (Silvicultura e Tecnologia Florestal) e da 10.<sup>a</sup> Cadeira (Parasitologia e Patologia Vegetal). Foi director deste Instituto durante alguns anos. Foi eleito deputado em duas eleições (1911 e 1921), governador civil de Évora (1917-1918) e Ministro da Agricultura (de 25 de Maio a 30 de Agosto de 1921). Foi membro e vogal de diversas comissões governamentais e sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Aposentou-se em 1941. Dos seus trabalhos publicados, destacam-se os estudos sobre micoses de plantas agrícolas e de fungos portugueses (GEPB).

<sup>310</sup> António Joaquim de Souza Júnior (1871-1938) formou-se na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1898. Reputado bacteriologista e epidemiologista, foi médico do Hospital do Bonfim e professor da Faculdade de Medicina do Porto, regendo as Cadeiras de Cirurgia, Terapêutica e Técnica Cirúrgica, e Anatomia Patológica. Foi eleito deputado e senador, tendo sido Ministro da Instrução Pública, em 1913 e 1924-1925. Aposentou-se em 1928 (GEPB).

<sup>311</sup> Ruy Telles Palhinha foi o sucessor de A. X. Pereira Coutinho na direcção do Jardim Botânico de Lisboa e do Herbário da Faculdade de Ciências de Lisboa. Foi reitor do Liceu Central de Lisboa em 1907-1908 (ALCL, 1907-1908:3), e do Liceu Camões em 1908-1909 (ALC, 1908-1909). Organizou a 2.<sup>a</sup> edição da Flora de Portugal de A. X. Pereira Coutinho. Estudou sobretudo a flora dos Açores. Também se dedicou a estudos da história das Ciências Naturais (MELO, 1987).

<sup>312</sup> P.<sup>e</sup> Camillo Torrend foi um dos fundadores da revista Broteria. Foi professor no Colégio de Campolide e especialista em fungos, de renome mundial.

<sup>313</sup> José Verissimo d’Almeida (1834-1915) foi lente do Instituto de Agronomia e Veterinária, e, posteriormente, professor e director do Instituto Superior de Agronomia e director do Laboratório de Patologia Vegetal. Investigou e publicou sobre temas agronómicos, e, sobretudo, sobre patologia vegetal (GEPB; TAVARES, 1915).

<sup>314</sup> P.<sup>e</sup> Carlos Zimmermann foi um dos fundadores da revista Broteria. Foi professor no Colégio jesuíta de São Fiel e especialista em microscopia e histologia vegetal, tendo-se dedicado, sobretudo, ao estudo das diatomáceas.

<sup>315</sup> P.<sup>e</sup> Ernesto João Schmitz (1854-1922), de nacionalidade alemã, mas naturalizado português, entrou, em 1864, para a Congregação da Missão de São Vicente de Paulo, e, em 1881, assumia as funções de professor e vice-reitor do Seminário diocesano do Funchal. No ano seguinte, funda, neste estabelecimento, um Museu de História Natural, onde reúne exemplares da fauna, flora e geologia da ilha. Em 1908, retira-se para Jerusalém, para dirigir o Hospício de São Paulo, em 1914, passa para o Hospício de Tabgha, nas margens do Lago Tiberíades, e, finalmente, no Verão de 1920, dirige o Hospício de São Carlos, em Haia, onde faleceu. Descobriu muitas espécies novas para a ciência, que foram descritas por colegas naturalistas que lhes atribuíram um epíteto específico em sua homenagem. Foi também um notável poliglota, dominando várias línguas. Era sócio da Academia das Ciências de Lisboa (GEPB).

<sup>316</sup> Trata-se provavelmente de A. Ricardo Jorge (Arthur Ricardo Jorge).

A lista dos membros da Sociedade Portuguesa de Ciências era assim excepcional. Era dominada pela presença de médicos e veterinários. Participavam todos os mais destacados botânicos jesuítas<sup>317</sup>, muitos naturalistas das escolas superiores (nomeadamente G. Sampaio), e também agrónomos, e ainda professores dos liceus.

A Sociedade tem, no início, um ímpeto e um ritmo febril de reuniões científicas<sup>318</sup>. No dia 20 de Maio de 1907, C. França apresenta duas comunicações. Na reunião do dia 4 de Junho deste ano, A. Luisier apresenta o estudo que tinha acabado de ser publicado no Boletim da Sociedade. Anthero F. de Seabra faz a apresentação de um trabalho que iria ser publicado no Boletim. Na sessão de 18 de Junho, C. França apresenta uma nova comunicação e Anthero F. de Seabra faz a apresentação de duas notas publicadas no Boletim. Na sessão de 2 de Julho, A. A. da Costa Ferreira apresenta uma comunicação e Anthero F. de Seabra apresenta vários trabalhos de botânica e zoologia que tinham acabado de ser publicados no Boletim. Na reunião de 16 de Julho, J. S. Tavares, J. da Camara Pestana, A. Luisier e C. França, apresentavam comunicações científicas.

---

<sup>317</sup> Na revista *Broteria*, J. S. Tavares, um dos sócios fundadores da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, tecia os seguintes comentários à constituição desta nova associação científica portuguesa: «julgamos opportuno o ensejo de patentarmos o nosso intimo regosijo por vermos assim fundada a Sociedade Portuguesa de Sciencias Naturais, cumprindo-se assim o desejo tão ardentemente expresso, ha muito tempo, por varios naturalistas portugueses. É de esperar que todos, unidos por este laço, conjuguem os seus esforços para o adiantamento das Sciencias naturaes em Portugal e para o conhecimento da nossa fauna e flora no estrangeiro. Se, nos ultimos annos, sem esse estímulo e auxilio mutuo, estas sciencias teem tomado um tão grande desenvolvimento, e se teem manifestado tantos noveis naturalistas em publicações de valor a honrar a sua pátria e a tornar conhecidos os seus nomes; natural é que se encete agora o periodo aureo para estes estudos em Portugal. Muito vale, com effeito, a união dos esforços e vontades para um fim determinado; grande incitamento é ao estudo a emulação despertada pelo exemplo de collegas. As comunicações feitas á Sociedade pelos socios, as publicações da mesma Sociedade, a sua bibliotheca, os estabelecimentos maritimos que ha-de fundar, tudo isso serão outros tantos incentivos a estimular o brio dos Naturalistas portugueses. Foi o movimento associativo que no seculo passado tornou tão florescente o estudo nos diferentes ramos da Zoologia e Botanica, em todas as nações da Europa». De seguida, J. S. Tavares menciona a Real Sociedade Espanhola de História Natural, como exemplo a seguir pela congénere portuguesa: «Bem humilde foi em seus princípios (1871) a Real Sociedade Hespanhola de Historia Natural [Real Sociedade Espanhola de História Natural] e bem menos que hoje em Portugal eram então os Naturalistas hespanhoes. E, com tudo, essa sociedade desenvolveu-se, cresceu e é hoje uma das mais importantes de Europa, contando em seu seio Naturalistas de grande nomeada, tanto nacionaes como estrangeiros. É a ella, póde dizer-se, que a Hespanha deve tudo quanto se conhece sobre a fauna e flora, bem como sobre a constituição do seu solo. É ella ainda que, á custa de importantes dispendios, inaugurou, com resultados tão brilhantes, as missões scientificas que teem por fim tornar conhecida a fauna e a flora das possessões hespanholas na África». Terminava, em tom positivo e de esperança: «a nova Sociedade propugna exactamente a fundação e augmento de taes estabelecimentos [estações de biologia marítima], e só por isso, quando outros motivos não houvesse, seria digna de toda a estima e auxilio. Outra vantagem, muito para ponderar, trará ainda a nova Sociedade, e é que o nosso Paiz poderá ser por ella representado no estrangeiro no que diz respeito a Sciencias naturaes, assim como a ella se poderão dirigir os Naturalistas em tudo o que lhes interresse saber sobre a nossa fauna e flora; coisas que até agora se não podiam fazer, com desar [pesar] do nome de Portugal. Antevendo, pois, um futuro glorioso á nova Sociedade, dir-lhe-hemos bem alto, resumindo nestes tres vocábulos os ardentes votos que fazemos pelo seu desenvolvimento, para gloria da Pátria e para lustre e progresso da sciencia: Vivat, crescat, floreat» (B, VII:133-134).

<sup>318</sup> As reuniões são descritas, com algum pormenor, na revista *Broteria*, «serie de Vulgarização Scientifica», de onde retirámos as informações que se seguem.

Todavia, diversos botânicos iminentes da época não aderiram à Sociedade e não iriam publicar os seus trabalhos no «Bulletin»: J. Mariz<sup>319</sup> e J. Henriques<sup>320</sup> da Universidade de Coimbra e A. X. Pereira Coutinho<sup>321</sup> da Escola Politécnica de Lisboa. G. Sampaio só publicará um trabalho na revista da

---

<sup>319</sup> Joaquim de Mariz Júnior nasceu em Coimbra a 28 de Janeiro de 1847. Terminou o curso de medicina da Universidade de Coimbra, em 1878. Exerceu clínica durante algum tempo. Entra como naturalista-adjunto à Cadeira de Botânica da Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra, em 1879. Realiza muitas herborizações no país, enriquecendo assinalavelmente o Herbário da Universidade e contribuindo para as distribuições de plantas da Sociedade Broteriana em mais de 200 espécies. Adquire um profundo conhecimento da flora portuguesa, tornando-se o responsável pela revisão das determinações da «Flora lusitânica exsiccata» distribuída pela Sociedade Broteriana. Publica, em fascículos, os «Subsídios para o estudo da flora portuguesa», que ocuparam inúmeros volumes deste Boletim. É autor de algumas espécies novas para a ciência: *Celsia brassicifolia* Mariz, *Succisa Carvalheana* Mariz, *Daveaua anthemoides* Mariz. O seu grande prestígio entre os botânicos da época levou a que alguns lhe dedicassem espécies novas, como: *Conopodium Marizianum* Samp., em «homenagem aos grandes conhecimentos botânicos e notáveis qualidades de trabalho do meu amigo e ilustre naturalista da Universidade de Coimbra dr. Joaquim de Mariz, a quem devem numerosas e importantes monographias sobre a flora phanerogâmica do nosso paiz» (SAMPAIO, 1905e). Era também desenhador exímio, tendo desenhos seus sido publicados em obras artísticas. Morre a 1 de Abril de 1916 em consequência de uma pneumonia, com pouco mais de 69 anos. J. Henriques, director do Herbário escreveu a seu respeito: «Nos 37 anos durante os quais ocupou este lugar, foi sempre empregado zeloso, trabalhador consciencioso, podendo servir de exemplo», concluindo que «Foi um grande e eficaz trabalhador» (HENRIQUES, 1917a) (GEPB; HENRIQUES, 1916a, 1917a).

<sup>320</sup> Júlio Augusto Henriques (1838-1928) era formado em direito e depois em filosofia pela Universidade de Coimbra, onde se doutorou em 1865. É nomeado lente-substituto aos 28 anos, e em 1874, lente-proprietário, sendo-lhe então confiada a direcção do Jardim Botânico de Coimbra. Em 1879, cria a Sociedade Broteriana e funda o Boletim da Sociedade Broteriana. Deve-se também a J. Henriques a compra do valiosíssimo herbário de Willkomm. Em 1906, inicia a publicação, em fascículos, do seu «Esboço da Flora da Bacia do Mondego», que aparecerá como volume independente em 1913 (HENRIQUES, 1913). São enumeradas 1.515 espécies. Estudou ainda a flora das Serras da Estrela, Caramulo, Buçaco, Lousã, Gerês, Marão, e a flora de São Tomé e Príncipe. Descreveu diversas espécies novas para a ciência, tanto do continente como das colónias, e foram-lhe dedicadas espécies novas e o género *Henriquesia* Pass. & Thüm. Publicou diversos trabalhos de Botânica geral (HENRIQUES, 1885, 1889b, 1916b). Traduziu para português algumas obras de Agricultura e Botânica geral muito em uso na sua época, como a de J. D. Baker, J. D. Hooker e H. Tanner. Escreveu dois trabalhos biográficos sobre J. F. Correa da Serra (HENRIQUES, 1918, 1923). Publicou ainda os programas de disciplinas que leccionava na Universidade de Coimbra (HENRIQUES, 1889a, 1892) (GEPB; FERNANDES, 1958, 1963; QUINTANILHA, 1975; CABRAL & FOLHADELA, 2006). Parte da bibliografia de J. Henriques está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

<sup>321</sup> D. António Xavier Pereira Coutinho (1851-1939) era formado em agronomia, em 1874, pelo Instituto Geral de Agricultura (Lisboa). Começa a trabalhar como agrónomo, em Bragança, em 1875. Estuda a flora espontânea da região. Estas herborizações foram certamente decisivas na sua orientação como naturalista. Envia exemplares das suas colecções para J. Henriques. Iniciou a sua vida de professor no Instituto Geral de Agricultura em 1880. É nomeado lente-proprietário em 1882, e, em 1883, rege a Cadeira de Silvicultura e Economia Florestal, transitando em 1886 para a Cadeira de Química Agrícola. Na década de 1880, publica um «Curso de Silvicultura» (COUTINHO, 1886, 1887), cuja segunda parte («Esboço de uma flora lenhosa») terá uma segunda edição em 1936 (COUTINHO, 1936). É escolhido pelo Conde de Ficalho para seu sucessor no cargo de naturalista-adjunto da Secção de Botânica do Museu Nacional de Lisboa, anexo à Escola Politécnica de Lisboa, cargo que ocupa de 1890 até 1921, quando atingiu o limite de idade. Em 1891, concorre à vaga de lente-substituto da 9.ª Cadeira da Escola Politécnica, apresentando como dissertação «As juncáceas de Portugal» (COUTINHO, 1890). Após a morte do Conde de Ficalho, ascendeu, em 1903, ao lugar de lente-proprietário da 9.ª Cadeira. A este incumbia também a direcção do Jardim Botânico anexo à Politécnica (Jardim Botânico de Lisboa). Continuava no entanto no Instituto de Agronomia e Veterinária, onde da Cadeira de Química passa para a de Botânica (que regeu até ao limite de idade). Ao ser promulgada a reforma do ensino universitário que transformou a Politécnica em Faculdade de Ciências de Lisboa, passou à categoria de professor ordinário. Publicou em 1913, a 1.ª edição da sua «Flora de Portugal» (COUTINHO, 1913). A flora desactualizou-se rapidamente. A 2.ª edição desta «Flora de Portugal», revista pelo seu autor (que contava então 86 anos de idade) saiu a público pouco tempo depois da sua morte (1939). R. T. Palhinha dirigiu a nova edição, impressa sob os auspícios do Instituto para a Alta Cultura. Esta 2.ª edição da Flora de Portugal (COUTINHO, 1939) enumera 799 géneros e 2.845 espécies, mais 12 e 110, respectivamente, que a 1.ª edição. A. X. Pereira Coutinho publicou, de 1914 a 1930, as «Notas da Flora de Portugal», I a VII. Mais tarde, em 1935, reuniu essas Notas no «Suplemento da Flora de Portugal» (COUTINHO, 1935). A. X. Pereira Coutinho também se dedicou ao estudo dos líquenes. Publica em 1916

Sociedade, logo no primeiro volume (SAMPAIO, 1907), e o «Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles» nunca se estabelecerá como um importante porta-voz dos botânicos portugueses. Por que razão a Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais não se impõe como fórum dos botânicos portugueses? A nosso ver por duas razões principais: na área da Botânica já existiam a Sociedade Broteriana<sup>322</sup> e o seu Boletim, e a revista Broteria<sup>323</sup>; a diversidade de formações e interesses dos seus membros era excessiva, sendo a componente médica-veterinária muito dominante.

No espólio documental de G. Sampaio existem diversas cartas manuscritas de Anthero F. de Seabra - um dos impulsionadores e fundadores da Sociedade, dirigidas para G. Sampaio. O conteúdo destes documentos apoia a interpretação que apresentámos, e permite-nos conhecer melhor o percurso inicial da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e também a História da Botânica em Portugal.

Numa carta não-datada mas que pelo seu conteúdo deve ser de 1907, Anthero F. de Seabra escrevia para G. Sampaio (**Estampa IV.1.**): «*Meu prezado amigo. Recebi o seu trabalho*<sup>324</sup> *que desde já agradeço em nome da direcção da nossa Sociedade. Na proxima reunião, apresento-o e entrego-o para entrar já no 1.º numero do Boletim. Espero tambem uns trabalhos do Nobre e não sei se o Correa de Barros mandará alguma couza. Já há bastantes trabalhos e [ilegível] de forma que o Boletim fica já naturalmente com mais de 100 paginas. O que nos poder mandar é bem vindo e bem recebido.*

---

«Lichenum Lusitanorum Herbarii Universitatis Olisiponensis Catalogus» (COUTINHO, 1916) e em 1917 o respectivo suplemento (COUTINHO, 1917a). Publicou também outros inventários das colecções do Herbário da Escola Politécnica (COUTINHO, 1917b, 1917c, 1919, 1921). É também importante a atenção que A. X. Pereira Coutinho dedicou ao ensino da Botânica a nível pré-universitário. Publicou numerosíssimas obras destinadas ao ensino da Botânica e da Agricultura nos liceus e escolas primárias (COUTINHO, 1893, 1896, 1898, 1900, 1906, 1907a, 1907b, 1920, 1923, 1928). Era sócio da Academia das Ciências de Lisboa. Em 1935, foi-lhe conferido o grau de Doutor Honoris Causa pela Universidade de Coimbra. Teve Aurélio Quintanilha como um dos seus mais distintos discípulos. Atingido o limite de idade, a última fase da sua vida decorreu na Quinta da Ribeira de Caparide (Estoril), dedicando-se então ao estudo dos fungos basidiomicetos, sobre os quais publicou dois trabalhos (GEPB; PALHINHA, 1940; FERNANDES, 1958, 1963; TAVARES, 1969; MELO, 1987; CABRAL & FOLHADELA, 2006; <http://www.isa.utl.pt/home/node/268>). Foi publicada uma lista completa das suas obras no Boletim da Sociedade Broteriana (BSB, II série, volume XIV:XI-XX) e em TAVARES (1969). Parte da bibliografia de A. X. Pereira Coutinho está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/>

<sup>322</sup> A Sociedade Broteriana foi fundada, em 1879, por J. Henriques. Tinha como finalidade o estudo da flora portuguesa e o intercâmbio de plantas (exemplares de herbário) entre os seus sócios. O Boletim da Sociedade Broteriana era o porta-voz da Sociedade, tendo-se iniciado a sua publicação em 1883. Em 1930, iniciou-se a publicação das «Memórias» da Sociedade, e em 1935, do «Anuário» (COUTINHO, 1938; CARVALHO, 1939). O Boletim da Sociedade Broteriana está disponível em <http://bibdigital.bot.uc.pt/>

<sup>323</sup> A Broteria iniciou a sua publicação em 1902, com o subtítulo de «Revista de Sciencias Naturaes do Collegio de S. Fiel». A ideia da criação da revista parece ter partido de J. S. Tavares, então professor no Colégio de São Fiel, ao qual se juntaram C. Zimmermann e Candido Mendes, também professores neste Colégio. Estes três professores constituíam a direcção da revista, tendo como colaboradores destacados A. Luisier (do Colégio de Torres Vedras), A. C. Oliveira Pinto (do Colégio de Campolide), C. Torrend (do Colégio de Campolide), Longinos Navás (de Saragoça) e M. Rebimbas (a viver na Bélgica). A maioria dos fundadores da Broteria esteve associada à fundação da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais (AZEVEDO, 1913; ver capítulo IV.1.). Sobre a fundação e os primeiros anos da Broteria, ver o pormenorizado trabalho de FRANCO (2003a). FRANCO (2003b) apresenta biografias exaustivas dos fundadores e directores da revista.

<sup>324</sup> Trata-se de SAMPAIO (1907). Como já referimos, seria o único trabalho que G. Sampaio publicará na revista da Sociedade (**Estampa IV.2.**). Este trabalho de G. Sampaio foi apresentado por Anthero F. de Seabra, na sessão da Sociedade de 2 de Julho de 1907 (B, VII:44).

*Qualquer trabalho que tenha mesmo estampas mande porque sendo coisa que se possa fazer pela photographia manda-se para a Allemanha e vem de lá trabalho bem feito como pode ver no Boletim do Instituto Bacteriológico Camara Pestana. Toda a gente em que me fala foi convidada para entrar para a Sociedade. O Bocage é hoje socio honorário. Como sabe este velho mestre está completamente cego e já mal se levanta da cadeira onde passa os seus dias. Não podemos contar com elle a não ser como ornamento. Pereira Coutinho não vae a Sociedade nenhuma. Não se negou, creio mesmo que vae agora entrar, mas já se sabe que é homem que não apparece. Dr. J. Henriques não quis ser fundador. Creio que é agora proposto na proxima reunião. O Sr. Mariz, não sei porque motivo, declarou muito determinantemente e antes mesmo de saber quem entrava ou quem não entrava para a Sociedade, que não aceitava o convite que lhe foi dirigido. Tenho visto com prazer que os socios que foram convidados para fundadores e não aceitaram, terem agora entrado como effectivos. De todos os naturalistas e professores notáveis que conheço não há quem tenha sido excluído. Não se convidou o Gerard [?] porque é um homem que tem magoado quasi toda a classe, contudo, estou certo que se elle de um dia para o outro quizer entrar, ninguém de certo se levantava contra isso. Para facilidades de dinheiro e por causa dos socios estrangeiros, convidou-se para presidente honorario da Sociedade, o Rei que aceitou. Enfim, o proximo numero do Boletim onde vem publicadas as actas das sessões, porá os socios que não podem assistir a ellas ao corrente de tudo. Que a Sociedade é útil, é, que tem tudo [ilegível] principio tambem é inegável; que há muito mais quem trabalhe do que se esperou é ainda uma verdade, agora, ou vae por agua a baixo ... isso meu presado amigo, ... não sei mas é possivel que não. [...] P. S. Receberá as provas do seu artigo que forem necessarias. Se conhece algum naturalista do Norte que queira entrar para a Sociedade, faz-nos muito favor em indicar o seu nome».*

Numa outra carta também não-datada mas que pelo seu conteúdo deve ser próxima à de 24 de Abril de 1909 que mencionaremos de seguida, escrevia Anthero F. de Seabra a G. Sampaio: «*Meu prezado amigo. Deve estar surpreendido com a minha demora em responder á sua estimada carta. Não tenho tido um momento de meu com trabalhos do laboratório, com a doença de dois dos meus pequenos e com a minha própria falta de saude. Agora felizmente lá vae tudo a entrar outra vez no estado normal e em principio tambem a funcionar com um pouco mais de rhythmo! Estive no Algarve uns dias mas sempre de corrida de uma terra para outra. É tarde, está tudo seco excepto as arvores próprias da região. Ainda assim pude trazer uma grande quantidade de insectos que entretive hontem a preparar. Tenho tambem já preparada nova caçada no Gerez e já estou a ver o que havia com respeito aquella supposta raridade do Burragevro [?] mas por enquanto não digo nada. Como naturalmente sabe pelo Nobre, o França [Carlos França] foi para Unhaes da Serra [?] tratar-se, ver se*

*arranjava ar que lhe purificasse o sangue creio que bastante arruinado. Ainda o fiz rir com a sua apreciavel carta, mas elle estava muito preocupado e partiu de Lisbôa n'uma verdadeira fuga de homem doente. Creio que o governo da Academia Polytechnica do Porto se prepara para entregar o Aquario á Sociedade de Sciencias Naturaes, e se assim succeder fica provado até á evidencia que é o primeiro governo do mundo! Se porem succede o contrario ... o Wenceslau fica abaixar dada a critica! A respeito da excursão? Agora estou tambem a ver em que pára isto do Aquario mas ao Gerez pelo menos tenho de voltar. [...] Não fui ainda a Portalegre».*

A 24 de Abril de 1909 escrevia: «Castelo Branco. Meu prezado amigo. O França deseja acompanhar-nos ás Berlengas e creio que arranjou maneira pratica de nos transportar para lá. Peça-lhe que me mande dizer para Lisboa o dia em que espera poder fazer essa exploração. Sigo d'aqui para Portalegre. Depois vou para Lisbôa».

A carta seguinte, curta, em estilo telegráfico, só é compreensível atendendo à história da ciência em Portugal, nos meses seguintes à implantação de República a 5 de Outubro de 1910. Escrevia Anthero F. de Seabra a 7 de Dezembro de 1910 (**Estampa IV.2.**): «Lisboa. Meu prezado amigo. Desculpe a demora! Não tenho um momento de meu. Os musgos estão salvos. O P. Coutinho já os encontrou e separou para lhe serem restituídos. É o critério da comissão ou pelo menos dos naturalistas. Dado que é material de trabalho especial, deve ser entregue aos seus donos. Fico esperando o seu [...] trabalho. Não se esqueça! Olhe que faço um grande empenho n'elle».

Efectivamente os colégios jesuítas foram extintos e as suas colecções biológicas desmembradas logo após o 5 de Outubro de 1910. A 18 de Novembro de 1910, é nomeada, pelo governo, uma comissão «encarregada de examinar urgentemente as colecções scientificas e a bibliotheca existentes no Collegio de Campolide, pertencente ao Estado, classificando o que encontrar digno de aproveitamento, e propondo ao Ministro da Justiça o destino a dar a esses objectos e livros, como entenderem mais util ao progresso da sciencia e ao enriquecimento das collecções, museus e bibliothecas de Lisboa» (AZEVEDO, 1913). Ora Anthero F. de Seabra era precisamente um dos membros desta Comissão<sup>325</sup>. A presença de professores da Escola Politécnica e de diversos liceus da capital poderia antever que o espólio do Colégio seria distribuído pela Escola Politécnica e liceus de Lisboa. Mas a comissão reúne-se e vota por unanimidade que se restituam as colecções aos seus

<sup>325</sup> A comissão era constituída por: Alberto Ferreira Vidal, reitor do Liceu de Passos Manuel; Anselmo Braamcamp Freire, presidente da Câmara Municipal de Lisboa e director do Arquivo Histórico; Adolpho Penna, professor do Liceu da Lapa; J. M. de Almeida Lima; Anthero F. de Seabra; A. A. da Costa Ferreira; A. Machado; A. X. Pereira Coutinho e Balthasar Osorio, professores da Escola Politécnica; Gabriel Pereira, inspector das Bibliotecas; José Leite de Vasconcellos, director do Museu Etnológico (AZEVEDO, 1913). A 21 de Novembro, eram adicionados à comissão, os seguintes elementos: J. Verissimo d'Almeida; Francisco Julio Henriques Cortes, do Colégio Militar (AZEVEDO, 1913).

proprietários (AZEVEDO, 1913). Isto significa que os exemplares que estivessem no Colégio de Campolide e que pertencessem aos botânicos jesuítas deveriam ser-lhes devolvidos, mas se estivessem lá por empréstimo de outras instituições, deveriam ser entregues aos seus proprietários das instituições originárias. Tal deveria ser o caso com os musgos de A. X. Pereira Coutinho, que pertenceriam ao Herbário da Escola Politécnica de Lisboa, mas que estariam nessa altura no Colégio de Campolide<sup>326</sup>.

A carta seguinte é datada de 7 de Outubro de 1915 e o assunto não diz respeito à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais: «*Mogofores, 7 de Outubro de 1915. Meu prezado amigo, Deve naturalmente saber já pelo Nobre do meu desejo de concorrer aos lugares de assistentes da Faculdade de Sciencias do Porto. Sei muito bem quanto é problemático o futuro d'esses lugares mas uma serie de fortissimas contrariedades obriga-me a procurar por todos os meios qualquer coisa fora de Lisboa e como sabe eu tirando-me da minha especialidade sou completamente inutil. Deixando pois o Museu de Lisboa e a Faculdade, tenho de procurar outro Museu e outra Faculdade. Eu cheguei a concorrer a Lisboa, [enviei para lá] os meus trabalhos e papelada, mas já pedi para me devolverem tudo para mandar para o [ilegível] Como sabe eu concorro ou desejo concorrer ao abrigo da lei de 12 de Maio de 1911 e regulamento de 3 de Junho de 1915 que foi publicado no Diario do Governo n.º 194. Alem da dificuldade do concurso, ser ou não ser admitido, ficar ou não ficar aprovado, tenho luctado com outra semelhante procurando um lugar que me dê o [ilegível] mensal para viver ahi com a minha família pois vivo com os 300.000 réis que me pode dar a situação de 2.º assistente é verdadeiramente impossível. Enfim, vamos a ver. Creia-me sempre seu amigo*». As pretensões de Anthero F. de Seabra não se concretizariam, mas insistirá novamente. Não existe mais correspondência de Anthero F. de Seabra para G. Sampaio, mas, em 1920, o investigador de Lisboa terá re-insistido junto do professor do Porto sobre a possibilidade de ingressar na Faculdade de Ciências do Porto. No espólio documental de G. Sampaio existe um currículo dactilografado de Anthero F. de Seabra que contém a sua bibliografia entre 1897 e 1920.

O último documento existente no espólio de G. Sampaio respeitante à Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais é uma curta missiva num cartão de Celestino da Costa, tesoureiro da Sociedade para G. Sampaio, datada de 13 de Janeiro de 1921 (**Estampa IV.3.**): «[...] *Por ocasião da minha ida ao Porto, em Janeiro de 1918, falei a V. Ex.<sup>a</sup> em regressar á Sociedade de Sciencias Naturais, de que V. Ex.<sup>a</sup> foi um dos fundadores, e tive o prazer de ouvir o seu consentimento. [ilegível] Agora venho falar com V. Ex.<sup>a</sup> perguntando-lhe se me quer dar a honra de deixar que o seu nome prestigioso fique numa*

---

<sup>326</sup> O empréstimo de material de herbário entre Instituições era (e ainda é) muito frequente. Existia também a oferta de material duplicado que iria enriquecer a instituição a que se oferecia.

*lista de sócios. Segundo os estatutos, V. Ex.<sup>a</sup> não é obrigada a pagar as quotas atrasadas. Apenas no caso de querer publicar algum trabalho só poderá fazer depois de satisfeitas as quotas.[...]*». Todavia G. Sampaio não tinha aderido ao projecto da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais e efectivamente nunca dela fez parte.

## 2. A rede de colaboradores

### 2A. Os Herbários de Coimbra e de Lisboa

G. Sampaio irá estabelecer intensa permuta e empréstimo de material com os Herbários de Coimbra (dirigido por J. Henriques) (**Estampas** IV.4. e IV.5.) e Lisboa (dirigido por A. X. Pereira Coutinho). A elaboração de uma flora tem de se basear em material de herbário. Os trabalhos de J. Henriques, A. X. Pereira Coutinho e G. Sampaio foram efectivamente acompanhados de extensivas herborizações.

O Herbário da Universidade de Coimbra seria o mais completo na altura, em parte devido às extensas herborizações feitas por J. Mariz. O Herbário da Escola Politécnica tinha sido enriquecido pelo material recolhido por J. Daveau<sup>327</sup>. No entanto, o país era extenso para os meios de transporte da época, e portanto difícil de herborizar. Terão sido estes factores que levaram J. Henriques, A. X. Pereira Coutinho e G. Sampaio, a permutar entre si, e sobretudo a emprestar muitos espécimes dos seus herbários para os colegas examinarem? (**Estampa** IV.6.)

No Herbário da Universidade de Coimbra estava integrado o notável Herbário de Willkomm<sup>328</sup>, adquirido por iniciativa de J. Henriques, uma decisão histórica de grande alcance. Era constituído por 100.000 exemplares representando 10.000 espécies, principalmente da região mediterrânea. Tinha

<sup>327</sup> Jules Daveau (1852-1929) nasceu perto de Paris. Aos 14 anos ingressa como jardineiro do Museu de História Natural de Paris. Encontrando-se vago o lugar de primeiro jardineiro do Jardim da Escola Politécnica (Jardim Botânico de Lisboa), a direcção do Jardim consulta o Museu de História Natural de Paris, que indica J. Daveau para o cargo. Inicia funções em 1876, dedicando-se afincadamente ao estudo da flora portuguesa, e publicando diversos trabalhos. Abandona Lisboa, em 1892. Em 1893, entra como jardineiro-chefe do Jardim Botânico de Montpellier. Passa a conservador do Museu. Organiza modelarmente os Herbários desta Universidade francesa, enriquecendo-os com numerosos exemplares (GEPB; PALHINHA, 1930; COUTINHO, 1938; MELO, 1987).

<sup>328</sup> Moriz Willkomm nasceu em 1821, em Herwigsdorf. Estudou medicina e ciências naturais em Lípsia. Viajou em Espanha, em 1844 e 1850, herborizando intensamente. Publica os resultados destas excursões em «Spicilegium Florae hispanicae» e «Sertum Florae Hispanicae», onde propõe muitas espécies novas para a ciência. Apresenta, em 1850, a sua tese doutoral sobre as Globulariáceas. Em 1855, abandona Lípsia para ser professor em Tharandt. Traduziu para latim, a flora aragonesa de Loscos e Pardo. Vive na Rússia, em 1868, onde estuda a sua flora. Em 1873, faz mais uma viagem a Espanha, acompanhado de Fritze, Winkler e Hegelmaier. Finalmente, é professor na Universidade de Praga, onde se jubila. Publica importantíssimos trabalhos sobre a flora ibérica: «Icones et descriptiones plantarum», em 1852-1856, «Illustrationes florae hispanicae», em 1881-1892, e, sobretudo o «Prodromus Florae Hispanicae», de co-autoria com J. Lange (botânico dinamarquês), publicado em 1862-1880, em 3 volumes. «Se trata de la primera obra que reúne y actualiza los conocimientos sobre la flora española, presentando detalladas descripciones y claves originales para los géneros, pero atendiendo también a enumerar con cuidado las localidades conocidas de cada especie por regiones» (MATEO SANZ, 1995b).

servido de base ao «Prodromus Florae Hispanicae», trabalho basilar de Willkomm e Lange sobre a flora portuguesa (BSB, série I, X:6-7; FERNANDES, 1977). Ao Herbário da Universidade de Coimbra estava ligada a importantíssima Sociedade Broteriana. O Boletim da Sociedade Broteriana assumia-se como o mais importante porta-voz da renovação da Botânica portuguesa (**Estampa IV.7.**), ao qual se associaria, alguns anos mais tarde, a revista Broteria, dos jesuítas portugueses. Logo em 1894, G. Sampaio, ainda aluno da Academia Politécnica, inscreve-se como sócio da Sociedade Broteriana. A sua actividade é desde logo destacada. Será um dos poucos colectores de plantas para a «Flora lusitanica exsiccata»<sup>329</sup> (**Estampa IV.7.**). Participa activamente nas distribuições de plantas entre sócios<sup>330</sup> (**Estampa IV.7.**).

## 2B. Os Jesuítas da Broteria<sup>331</sup>

Além da Universidade de Coimbra e da Escola Politécnica de Lisboa, foram os padres jesuítas da revista Broteria (**Estampa IV.8.**), outro dos pilares fundamentais da rede de intercâmbio científico que G. Sampaio soube construir ao longo da sua carreira, e que se veio a revelar de primeira e capital importância para os seus estudos botânicos. Os contactos de G. Sampaio com os padres jesuítas remontam ao início da década de 1900. G. Sampaio estabelecerá uma longa e rica troca epistolar e científica, tanto com A. Luisier como com J. S. Tavares (**Estampa IV.9.**), que se prolongará por mais de duas décadas<sup>332</sup>.

Com sede no Colégio de S. Fiel, em Lourçal do Campo, perto de Castelo Branco<sup>333</sup>, a publicação da revista Broteria inicia-se em 1902. O Colégio de Campolide, em Lisboa, era outro dos

<sup>329</sup> A «Flora lusitanica exsiccata» foi uma colecção de exemplares de herbário (exsiccata), representativa da flora portuguesa, organizada pela Sociedade Broteriana. Esta exsiccata não era vendida, mas antes permutada com outras instituições e particulares, por outras exsiccatas, desta forma enriquecendo-se notavelmente o Herbário da Universidade de Coimbra. Esta exsiccata organizou-se em centúrias (100 exemplares). Nos anos de 1886, 1887, 1888, 1889 e 1890, foram produzidas duas centúrias em cada ano. A exsiccata continua nos anos subsequentes, mas com a distribuição de uma centena de plantas por ano até 1893, e a partir deste ano, uma centena de dois em dois anos, até 1899. Termina em 1911, com a centúria XIX. A «Flora lusitanica exsiccata» seria portanto constituída por 1900 espécimes de plantas (correspondendo a um número aproximadamente igual de espécies). Tal como nas distribuições aos sócios, na exsiccata foram incluídos exemplares de algas, fungos, líquenes, hepáticas, musgos, fetos, gimnospérmicas e angiospérmicas, sendo naturalmente este último grupo, o mais representado. Nas primeiras centúrias, a maioria dos exemplares da exsiccata foi recolhida por A. Möller. Uma parte dos exemplares da exsiccata foi recolhida pelos sócios da Sociedade, como por exemplo G. Sampaio.

<sup>330</sup> Um dos objectivos da Sociedade Broteriana era a permuta de plantas (exemplares de herbário) entre os seus sócios. Entre a sua criação e 1900 o número de plantas permutadas entre os sócios da Sociedade foi impressionante. Só entre 1880 e 1889 foram distribuídos 1265 exemplares de herbário, por cada sócio, com a seguinte distribuição por grupo: algas (50); fungos (6); líquenes (18); hepáticas (5); musgos (25); pteridófitas (26); gimnospérmicas (1); monocotiledóneas (218); dicotiledóneas (916).

<sup>331</sup> Agradecemos penhoradamente ao P.<sup>o</sup> José Carvalhais a amável disponibilidade em nos guiar pelo Museu de História Natural do Colégio das Caldas da Saúde e à Dra. Maria José Carvalho, bibliotecária do Colégio, importantes indicações bibliográficas sobre a matéria deste capítulo.

<sup>332</sup> Apesar de G. Sampaio só publicar o seu primeiro trabalho na revista Broteria em 1916.

<sup>333</sup> Sobre o Colégio de S. Fiel ver GOMES (2003) e SALVADO (2003).

centros de cultura científica dos fundadores da Broteria (PINTO, 1910a, 1910b). O Colégio de S. Fiel, o Colégio de Setúbal e o Colégio de Campolide fundam e ampliam tenazmente os seus herbários (**Estampa IV.8.**). O Herbário do Colégio de S. Fiel tornar-se-á num dos melhores do nosso país (HENRIQUES, 1920, 1922). As colecções iniciam-se com C. Zimmermann em 1897 (TAVARES, 1924). Em 1903, J. S. Tavares assume a direcção deste herbário (TAVARES, 1924). Como seria de esperar, estabelece-se a troca de exemplares e a discussão das respectivas determinações, com os Herbários da Academia Politécnica do Porto, da Escola Politécnica de Lisboa, e da Universidade de Coimbra.

Os futuros fundadores da Broteria inscrevem-se como sócios da Sociedade Broteriana no fim da década de 1890 e irão participar nas distribuições de plantas da Sociedade, na flora lusitânica exsiccata e no Boletim (**Estampa IV.9.**). No Boletim de 1902 (BSB, série I, XIX), A. Luisier, C. Zimmermann e J. S. Tavares aparecem, pela primeira vez, referidos como sócios e participantes nas distribuições para os anos de 1899-1902. Participam nas distribuições de 1903-1906 (BSB, série I, XXI). Participam também na «Flora lusitânica exsiccata» nas centúrias XIX (BSB, série I, XXVI). A. Luisier publica um trabalho sobre a flora da região de Setúbal no Boletim da Sociedade (BSB, série I, XIX).

Em 1907, a revista Broteria divide-se em três séries, uma de vulgarização científica, outra de botânica, e uma outra de zoologia (AZEVEDO, 1913).

A implantação da República em 1910 seria trágica para a Companhia de Jesus, para os jesuítas botânicos, e para a Broteria. Todavia, a Companhia resiste, e no Brasil e na Galiza parece florescer redobrada. Expulsos de Portugal, alguns dos professores do Colégio de Campolide emigram para a Bélgica, instalam-se no «Château de Dielighem», em Jette-Saint-Pierre-lez-Bruxelles, e fundam o «Instituto Nun' Álvares» que inicia as suas aulas a 7 de Novembro de 1912. No entanto, a guerra com a Alemanha iria tornar a permanência do Colégio na Alemanha, inviável. Em 1914, o Instituto Nuno Álvares muda-se para o «Hotel de Los Placeres», em Lourizán, perto de Pontevedra. No entanto, as condições do Hotel para o ensino seriam deficientes e, em 1916, o Instituto muda-se para o «Colegio del Pasaje» em La Guardia (**Estampa IV.10.**). A Broteria interrompe a sua edição em 1910, mas reaparece logo em 1912 com edição no Brasil, e sub-título «Revista Luso-Brazileira». Em 1913, era editada em Salamanca, e, em 1916, no «Colegio del Pasaje». O Instituto Nun' Álvares e a Broteria permaneceram em solo espanhol até 1932, ano em que regressaram definitivamente a Portugal (AZEVEDO, 1913; ONC, 1914-1934). O Instituto Nuno Álvares instala-se então no Colégio das Caldas da Saúde (Colégio Nuno Álvares) (**Estampa IV.10.**), onde ainda hoje permanece em funcionamento regular. No seu Museu de História Natural encontram-se as colecções dos antigos colégios de S. Fiel, Campolide e Setúbal (**Estampa IV.11.**)

Com o exílio dos jesuítas não terminou o intercâmbio entre A. Luisier, J. S. Tavares e G. Sampaio. Pelo contrário, o período de permanência no «Colegio del Pasaje» foi especialmente rico para o intercâmbio científico entre os exilados e G. Sampaio, e para a qualidade científica da Broteria.

## 2C. Clemente Lourenço Pereira

Na década de 1920, G. Sampaio trava conhecimento com Clemente Lourenço Pereira e J. M. Miranda Lopes. Inicia-se então uma colaboração entre G. Sampaio e os párocos amadores de botânica que se prolongará por vários anos. C. L. Pereira vivia em Insalde (Paredes de Coura) e irá estudar a flora do Minho. J. M. Miranda Lopes vivia em Argoselo (Vimioso) e ocupar-se-á da flora de Trás-os-Montes. Ambos são introduzidos nos estudos botânicos por J. Henriques, mas talvez devido à idade do professor de Coimbra que em 1920 já estava aposentado há vários anos, os contactos são posteriormente dirigidos para G. Sampaio. Nas palavras de ambos se sente vibrar a paixão (tardia) do naturalista, o amor pela natureza, pela vida, pelas plantas como organismos, que como nós partilham a biosfera. G. Sampaio era muito melhor conhecedor da flora, do que C. L. Pereira e J. M. Miranda Lopes. Independentemente das idades de cada um, estabelece-se uma relação semelhante à de um aluno com o seu professor. Colhem plantas, identificam. Enviam exemplares para G. Sampaio confirmar as identificações. Esta colaboração será muito profícua, porque dará origem a duas floras regionais, uma de Paredes de Coura e outra de Vimioso. O enriquecimento foi mútuo. C. L. Pereira e J. M. Miranda Lopes apreenderam a Botânica (sistemática) e G. Sampaio enriqueceu o seu conhecimento da flora portuguesa e o Herbário da Faculdade de Ciências. Numa época em que as deslocações eram difíceis, ter colectores permanentes no Minho e em Trás-os-Montes era uma grande ajuda para a exploração da flora do continente português. A colaboração foi especialmente profícua em relação à flora transmontana que era na altura mal conhecida. As herborizações de J. M. Miranda Lopes darão a conhecer diversas variedades e espécies novas para a ciência. Os trabalhos botânicos de ambos são publicados no Boletim da Sociedade Broteriana.

Foi através de J. Henriques que C. L. Pereira se iniciou nos estudos botânicos no fim da década de 1910. Publica no Boletim da Sociedade Broteriana de 1920 (volume XXVIII) uma primeira flora regional de Paredes de Coura (plantas vasculares) (PEREIRA, 1920) (**Estampa** IV.12.). J. Henriques escreve uma pequena nota explicativa: «O estudo [...] foi cuidadosamente realizado pelo Rev. P.<sup>o</sup> Clemente Lourenço Pereira, o qual com o fim de conhecer a vegetação da região percorreu todo o concelho observando com cuidado todas as plantas vasculares que por ali se encontravam. Dirigiu-se a mim para o auxiliar, no que me deu muito prazer, e concorreu de modo especial para enriquecer o

herbário da Universidade com os exemplares que enviou. Bom exemplo deu, digno de ser seguido para se conseguir um conhecimento exacto da flora do nosso país». Na introdução à sua flora, C. L. Pereira faz uma caracterização geográfica do concelho, menciona culturas agrícolas e caracteriza sumariamente a vegetação. Termina a introdução agradecendo a contribuição do professor coimbrão: «O estudo que se segue é devido à iniciativa do Sr. Dr. J. Henriques. Um grande número de plantas, a maior parte, foram estudadas por êle; as restantes foram estudadas por mim, mas verificadas por êle. Dedicava-me ao estudo das plantas por distracção, movido por certas dificuldades consultei-o, e não só tive a resposta que desejava, como também o incitamento para continuar, com mais proveito, os meus estudos. Desde então nunca mais faltou o seu conselho de amigo, nem a sua sábia orientação; e foi assim que se estudou a flora do concelho de Paredes de Coura, o que não se teria feito sem a sua intervenção. Agradeço-lhe muito sinceramente todos os favores que tão generosamente me dispensou». O estudo das plantas vasculares de Paredes de Coura por C. L. Pereira é seguido por um estudo dos musgos do mesmo concelho por A. Machado<sup>334</sup> e dos líquenes por G. Sampaio. O trabalho de G. Sampaio é uma listagem de espécies, sem comentários adicionais.

No Congresso do Porto organizado por G. Sampaio no Verão de 1921, este fez menção do trabalho meritório que estava a ser realizado pelo pároco minhoto. G. Sampaio terá incentivado C. L. Pereira a prosseguir os seus estudos da flora de Paredes de Coura com vista à elaboração de uma flora regional completa.

No ano seguinte, em 1923, J. Henriques terá contactado C. L. Pereira para que publicasse no Boletim uma nova versão, melhorada, da flora de Paredes de Coura. Tendo G. Sampaio publicado, em 1920, uma primeira listagem dos líquenes deste concelho, J. Henriques também terá pedido a C. L. Pereira que enviasse para G. Sampaio amostras de líquenes do concelho.

C. L. Pereira parece recuperar do desalento porque termina a sua «Flora da Bacia do Minho» que seria publicada nos Anais da Faculdade de Ciências do Porto, quiçá por iniciativa de G. Sampaio. O trabalho é publicado em duas partes (PEREIRA, 1931a, 1931b), onde são listadas 773 espécies de plantas vasculares, correspondendo a 417 géneros. Algumas das espécies descritas são novas para a flora portuguesa. A maioria dos exemplares é recolhida por C. L. Pereira, uma minoria por G. Sampaio. Para cada espécie é geralmente indicada a sua frequência, se rara se vulgar. Os locais de colheita são variados, do litoral ao interior, de norte a sul da bacia do rio Minho. Numa curta introdução, o autor

---

<sup>334</sup> António Luis Machado Guimarães nasceu em Lisboa, em 1883. Formou-se em 1905, na Faculdade de Filosofia da Universidade de Coimbra. Foi professor no Liceu Camões (Lisboa), Rodrigues de Freitas (Porto) e em Braga. Em 1914, entra como assistente de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto, atingindo o topo da carreira, em 1921. Desenvolveu estudos botânicos, focalizados na flora briológica portuguesa (GEPB).

descreve sumariamente a região em estudo, incluindo até alguns dados artísticos. Chama a atenção para o facto de na Flora de Paredes de Coura, publicada no Boletim da Sociedade Broteriana, terem «algumas espécies» ficado «mal classificadas; por isso prevalece a classificação do presente trabalho». Termina com «a expressão do meu sincero agradecimento ao sr. Dr. G. Sampaio pela coadjuvação que me prestou para realizar êste trabalho, que não seria possível sem o seu auxílio». Não se tratando de um trabalho propriamente de investigação, esta flora regional foi certamente um importante contributo para a sistematização do conhecimento da nossa flora continental.

## 2D. J. M. Miranda Lopes

J. M. Miranda Lopes<sup>335</sup> publica, em 1926, no volume IV da nova série do Boletim da Sociedade Broteriana uma primeira versão da Flora do concelho de Vimioso, datada de Novembro de 1926 (LOPES, 1926) (**Estampa** IV.13.). Os contactos com G. Sampaio terão sido posteriores a esta primeira publicação. A primeira carta de J. M. Miranda Lopes para G. Sampaio que existe no seu espólio epistolar data de 21 de Outubro de 1927. «No correio d'hontem enviei a V. Ex.<sup>cia</sup> 17 cartazes com exemplares secos de varias plantas da “Flora da minha terra”, onde vão algumas que V. Ex.<sup>cia</sup> deseja vêr; e nem sequer tive tempo para lhe escrever duas palavras, porque ando atarefado com o fabrico do vinho da minha colheita, que este ano foi mais abundante do que esperava e que me apanhou sem vasilhame suficiente para o deitar. Por isso, só hoje posso escrever-lhe duas palavras para lhe dizer que no dia 11 dirigi a V. Ex.<sup>cia</sup> uma carta para a Povia de Lanhoso, por não saber se já estaria no Porto. Das outras plantas que V. Ex.<sup>cia</sup> desejava vêr não fiquei com exemplares. Irão na Primavera do proximo ano. Mandeí [...] buscar o *Aconitum Napellus*<sup>336</sup>, mas só me trouxe hastes secas e algumas folhas e capsulas dos fructos tambem já secos, e algumas raizes que têm a forma de bolbos

<sup>335</sup> P.º José Manuel Miranda Lopes (1872-1942) nasceu em Argoselo (Vimioso, Bragança). Frequentou o Seminário de Bragança, tendo sido ordenado presbítero a 3 de Novembro de 1895. Foi reitor da Igreja de Carção de 1900 a 1909, e seguidamente pároco de Argoselo, sua terra natal. O seu ministério era por vezes sentido de forma não recompensada. Desabafava para G. Sampaio numa carta datada de 30 de Agosto de 1928: «Eu tenho-me entretido com a direção espiritual dos meus paroquianos de Pinelo, que me desgostaram bastante, como verá pela inclusa instrução paroquial que lhes dirigi, e no proximo numero do Mensageiro Paroquial publico outra. V. Ex.<sup>cia</sup> não imagina quanto custa a aturar o povo, e os sacrificios que um pobre paroco faz, para lhe prestar a assistencia religiosa e ministrar a instrução e educação moral, de que tanto carece, para ver se a sociedade é mais perfeita e feliz. Não imagina! E por fim, aqueles por quem nos sacrificamos só nos dão amarguras e desgostos! Com isto quasi que se perde a vontade de fazer bem. Mas paciencia. Já agora terei de levar [...] a minha cruz». Auxiliado por J. Henriques, A. X. Pereira Coutinho e G. Sampaio estuda pormenorizadamente a flora de Vimioso. Deste estudo resulta a publicação, no Boletim da Sociedade Broteriana, de uma flora do concelho (LOPES, 1926, 1928, 1930, 1933). Descobre duas espécies novas para a ciência (*Gagea nova* Samp. e *Saxifraga Lopesiana* Samp.) que são descritas formalmente por G. Sampaio. Publicou ainda «Argosêlo – Notícia histórica e corográfica» e uma monografia sobre Carção (LOPES, 1939) (FERNANDES & GARCIA, 1943). Agradecemos ao Dr. Carlos Prada de Oliveira alguns elementos da biografia de J. M. Miranda Lopes, assim como a fotografia inserida na Estampa IV.14.

<sup>336</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Aconitum napellus* L.

*rhizomorfosos e que vou plantar na minha horta. Se V. Ex.<sup>cia</sup> quer algumas raízes desta planta, envias-lhas na volta do correio. Num dos cartazes vae um exemplar da “*Euphrasia officinalis* L.” para V. Ex.<sup>cia</sup> colocar no seu herbário. Peço-lhe o favor de me devolver todas as outras plantas, pois não possuo outros exemplares, e não posso ficar desarmado. Nem mesmo do “*Cirsium transmontanum*” tenho outro exemplar. Os mais que colhi foram para Lisboa e Coimbra<sup>337</sup>. Peço-lhe que na devolução ligue bem os cartazes para que as plantas não se estraguem no correio, pois as outras sofreram bastante, e se não conseguir metê-las todas na pasta onde foram, pode devolver metade noutros dois cartões bastante consistentes e bem ligados. E por hoje não posso mais. Desejo-lhe muita saúde; e creia sempre na elevada estima, admiração e respeito com que sou». G. Sampaio iria descrever, posteriormente, uma nova raça de *Aconitum Napellus* Lin., que designou de *lusitanicum*, restringida às terras de Miranda. Terão sido estes exemplares, descobertos por J. M. Miranda Lopes, os utilizados por G. Sampaio para descrever a nova raça? A *Euphrasia* seria de facto a *E. hirtella* Jord. ex Reut., espécie circunscrita, no nosso país, aos lameiros de Vimioso. Era uma novidade taxonómica para a nossa flora, a primeira espécie deste género observada em Portugal. Na segunda parte da flora do concelho de Vimioso, J. M. Miranda Lopes descrevia maravilhado a descoberta desta planta: «No dia 27 de mesmo mês de Junho tive também a felicidade de encontrar próximo da raia que nos separa da Espanha, nas faldas da Serra de Rompe Abarcas, no lameiro de Orreta Funda da Quinta de Vale-de-Pena, anexa da freguesia de Pinelo, a *Euphrasia hirtella*, Jord. var. *latibracteata* (Sen.), descoberta há poucos anos na Espanha pelo Padre Sennen (Frère Sennen). É género novo para a Flora de Portugal» (LOPES, 1928:235). G. Sampaio descrevia a descoberta da seguinte forma, em trabalho datado de Julho de 1931: «Do sr. P.<sup>o</sup> J. Miranda Lopes recebi há três anos exemplares desta espécie [*Euphrasia hirtella* Jord.], que é uma novidade para Portugal, assim como o respectivo género. Aquele meu prezado amigo colhera a planta perto da fronteira espanhola, em Junho de 1927.» (SAMPAIO, 1931b:157). A flora de Trás-os-Montes era nesta época mal conhecida. O conteúdo desta carta, e das restantes que citaremos*

<sup>337</sup> Este taxon novo seria proposto por A. X. Pereira Coutinho, num artigo que era publicado no mesmo volume do Boletim da Sociedade Broteriana (BSB, série II, V), onde J. M. Miranda Lopes publicaria a segunda parte da flora do concelho de Vimioso. J. M. Miranda Lopes descrevia desta forma a descoberta desta planta: «No dia 14 de Junho encontrei nas margens da Ribeirinha de Pinelo uma planta que me prendeu logo a atenção pela viscosidade do invólucro, e esta era tão grande, que ao mais leve contacto adería fortemente aos dedos e ao papel. Observando a planta com uma lente, descobri em cada bractea do invólucro como que uma lágrima de matéria gelatinosa muito viscosa escorrendo do espinho, que é muito curto, inofensivo e adunco. Não encontrei este carácter da planta descrito nos indivíduos de meu conhecimento pertencentes à mesma família, e para tirar as minhas dúvidas enviei ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Pereira Coutinho alguns exemplares desta planta. Sua Excelência estudou-a, confrontou-a com outras plantas da mesma espécie, que obtive do rico Herbário de Montpellier, e em sua amável carta de 22 de Julho declarou-me que estávamos em presença de uma variedade ou subespécie nova. Descreveu-a minuciosamente e admiravelmente, como se vê noutro lugar do presente volume deste Boletim, e deu-lhe logo o nome de *Cirsium transmontanum* para assegurar a prioridade da descoberta» (LOPES, 1928:234-235). J. M. Miranda Lopes estaria aqui a referir-se seguramente aos Herbários da Faculdade de Ciências de Lisboa e da Universidade de Coimbra.

neste capítulo, mostra o papel activo que J. M. Miranda Lopes desempenhou para o melhor conhecimento da flora transmontana.

No mês seguinte, em carta datada de 18 de Novembro de 1927, J. M. Miranda Lopes dirigia-se a G. Sampaio: «*Reservo-me porem para reformar o meu modestissimo trabalho quando concluir a minha exploração botanica em todas as freguesias do concelho, e então, seguindo as regras que V. Ex.<sup>a</sup> me indicar, veremos como uniformizar a nomenclatura botanica*». Inicia-se então uma curta mas intensa troca de plantas e opiniões entre o pároco transmontano e G. Sampaio. J. M. Miranda Lopes enviava plantas para o Porto com identificações provisórias. Recebia de volta os comentários de G. Sampaio. Logo a 29 de Novembro deste ano, J. M. Miranda Lopes acusa a recepção de plantas enviadas por G. Sampaio: «*Recebi tambem as plantas da ultima remessa, e chegaram muito bem felizmente*». G. Sampaio teria encontrado uma *Centaurea* nos exemplares enviados por J. M. Miranda Lopes que lhe terá parecido (inicialmente) uma espécie nova, e terá informado o pároco transmontano da novidade. Nesta mesma carta, J. M. Miranda Lopes regozijava: «*Grande prazer me deu V. Ex.<sup>a</sup> com a noticia de que a linda e pequenina Centaurea que lhe enviei com o numero 582 é talvez uma especie nova. Se V. Ex.<sup>a</sup> podesse desde já formar com segurança o seu juízo, bem era menciona-la já na 2.<sup>a</sup> Lista das plantas da Flora do concelho de Vimioso, que tenciono publicar no proximo volume do Boletim da Sociedade Broteriana. V. Ex.<sup>a</sup> porem fará o que julgar mais seguro e prudente. Tratando-se realmente de uma especie nova, muito agradeço a lembrança de a dedicar ao humilde parcho de Argozelo, se com isso V. Ex.<sup>a</sup> quer honrar o clero de Portugal. Não sendo com este intuito, eu antes queria que ela ficasse com o nome de V. Ex.<sup>a</sup> muita pena terei se ella não torna a mostrar-se aos meus olhos. [...] Foi a Divina Providencia que me deu a felicidade de estabelecer relações espirituais com V. Ex.<sup>cia</sup>. Se não fosse V. Ex.<sup>a</sup> que triste figura não faria eu com a apresentação desta planta!*»<sup>338</sup>. No ano seguinte, 1928, escrevia a 21 de Maio para G. Sampaio: «*Muitissimo obrigado pela determinação das plantas e pela remessa da lista das que V. Ex.<sup>cia</sup> colheu por estes sitios em 1907*».

J. M. Miranda Lopes publicará, em 1928, no volume V da nova série do Boletim da Sociedade Broteriana, uma primeira adenda à sua Flora do concelho de Vimioso (LOPES, 1928). Antes da publicação e com as provas tipográficas na mão, escreve, a 4 de Julho deste ano, uma carta a G. Sampaio (**Estampa** IV.14.), pedindo uma resposta definitiva sobre algumas espécies que o professor teria indicado como novas: «*recebi de Coimbra as provas tipograficas do meu trabalho sobre a Flora do Concelho de Vimioso. É a 2.<sup>a</sup> Lista, onde menciono as plantas que colhi durante o ano de 1927 e outras que ainda não estavam bem estudadas. São de facto 190 especies. Peço-lhe o favor de me dizer*

<sup>338</sup> Esta novidade não viria a ser confirmada. Ver parágrafo seguinte.

*se acha conveniente que inclua já nesta lista algumas das plantas mais raras e notáveis que colhi nestes últimos meses, e que foram por V. Ex.<sup>cia</sup> estudadas e classificadas. Para assegurar a prioridade da descoberta parecia-me que não seria mal dar já a notícia da nova variedade da Saxifraga granulata e da Centaurea que V. Ex.<sup>cia</sup> me dedicou, se se trata efectivamente d'uma especie nova. Por este correio lhe envio um ramo desta planta com flores mais desenvolvidas. [...] Talvez se trate d'uma simples forma da Centaurea melitensis, L., mal descrita na Flora de Sr. Dr. Pereira Coutinho». A resposta de G. Sampaio terá sido positiva em relação à primeira espécie e negativa em relação à segunda. A Saxifraga será designada por G. Sampaio de Saxifraga Lopesiana Samp., e que J. M. Miranda Lopes publicará na segunda parte da sua flora de Vimioso (LOPES, 1928). J. M. Miranda Lopes descrevia, encantado, a descoberta desta planta: «A Saxifraga Lopesiana Samp., planta muito mimosa e delicada, que ficaria bem em bordaduras entre as mais lindas dos nossos jardins é espécie nova para a ciência» (Lopes, 1928:235). Posteriormente, G. Sampaio considerará esta espécie efectivamente como uma variedade da S. granulata - Saxifraga granulata var. Lopesiana (Samp.) Samp. (SAMPAIO, 1931b:156-157). Escrevia neste trabalho: «a var. Lopesiana descobriu-a êste meu prezado amigo [J. M. Miranda Lopes] também nos arredores de Argosêlo, em prados naturais. É uma planta relativamente grande, elevada e ramosa no cimo, que a princípio tomei como espécie própria mas que depois preferi inscrever como variedade da S. granulata, atendendo ao polimorfismo desta. É proxima da S. Rouyana Magn. (1893).» (SAMPAIO, 1931b:157).*

Numa carta escrita no mês seguinte, datada de 30 de Agosto de 1928, J. M. Miranda Lopes antevia dificuldades quanto a acrescentar a descrição da nova saxifraga ao trabalho que estava prestes a ser publicado no Boletim da Sociedade Broteriana: «É já tempo de dar-lhe noticias minhas e saber se continua passando bem. Eu tenho sentido algumas perturbações cardiacas, que me não deixam dar grandes passeios e muito menos fazer longas jornadas para herborizar. Apenas vou colhendo uma ou outra planta, que aparece á beira dos caminhos, quando tenho de sahir a cavalo. Colhi há dias uma umbellifera muito linda, de flores brancas como a neve, muito finas e delicadas, e que não é rara por estes sítios. Parece ser um Petroselinum, mas não encontro chave que lhe sirva bem. V. Ex.<sup>cia</sup> verá quando ahi aparecer. Muito obrigado pela determinação das plantas que lhe enviei em 22 de julho. Falta o nome da Ferula gigante, e das duas umbelliferas [...]. Muitíssimo penhorado agradeço tambem as preciosas instruções que me enviou para bem secar as plantas. Muito estimo que continue a trabalhar no seu Compendio de Botanica e Manual da Flora Portuguesa e que estes seus trabalhos

obtenham um exito muito feliz. Recebi agora uma carta do Sr. Dr. Quintanilha<sup>339</sup> em que me diz que o meu trabalho já está impresso, e que as ultimas notas que lhe mandei já não chegaram a tempo por ele já estar em S. Pedro de Moel. Tambem me participa que no proximo mês de setembro parte para Berlim e que por lá se demora um anno. Custa-me deveras que aquelas notas não venham no texto, principalmente as palavras de agradecimento que dirigia a V. Ex.<sup>cia</sup> por me ter dedicado a *Saxifraga* da minha terra e com que tanto honrou o clero do nosso paiz. [...]». Todavia os receios de J. M. Miranda Lopes felizmente não se concretizariam, e a nova saxifraga seria incluída nesta segunda parte da Flora de Vimioso, assim como os agradecimentos a G. Sampaio. Escrevia J. M. Miranda Lopes no fim da introdução deste trabalho: «Ao Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Gonçalo Sampaio, distinto professor da Universidade do Pôrto, muitíssimo reconhecido agradeço também os preciosos esclarecimentos que me deu acerca da determinação de muitas plantas que vão na lista e doutras que me pediu para examinar e incluir no Herbário da sua Universidade» (LOPES, 1928:236). No texto referente à nova saxifraga, acrescentava à descrição que terá sido escrita por G. Sampaio: «Descobri esta planta em maio de 1925 em Argoselo nos lameiros do Ferradal e Vale-de-Ladigo. Não a incluí na primeira lista por ter dúvidas acerca da sua determinação. Foi agora estudada e classificada pelo meu ilustríssimo e querido amigo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Dr. Gonçalo Sampaio» (LOPES, 1928:243).

As herborizações de J. M. Miranda Lopes e a colaboração com G. Sampaio continuaram. A 14 de Maio de 1929 escrevia para G. Sampaio mais uma carta rejubilante de alegria contagiante: «*debaixo d'um calor extraordinario, em direcção a Vimioso; e percorrendo montes e vales, ora a pé, ora a cavalo, cheguei por fim, às 2 da tarde, ao local onde pela 1.<sup>a</sup> vez encontrei a *Saxifraga Blanca*, no dia 18 de Abril. Depois de verificar que à beira do caminho numa extensão de 200 metros aproximadamente não havia nada, entrei num lameiro proximo, e, logo ao primeiro golpe de vista dei com uma pequena colónia desta linda planta, colhendo os exemplares que por este correio lhe envio em três papeis separados*<sup>340</sup>. Antes porem de chegar ao local, tive a felicidade de encontrar outras plantas notaveis, que lhe envio tambem por este correio. Lindissima e muito rara por estes sitios, pois nunca a tinha visto, é a planta numero 1052 que á 1.<sup>a</sup> vista me parece uma *Linaria* ou uma *Polygala*.

<sup>339</sup> Aurélio Quintanilha nasceu em Angra do Heroísmo em 1892. Licenciou-se em Ciências Naturais pela Faculdade de Ciências de Lisboa, em 1919. Entra então para assistente da Universidade de Coimbra, onde se doutora em 1926, com um estudo sobre um grupo de fungos aquáticos («Contribuição ao estudo dos *Synchytrium*»). Em 1928 é professor catedrático da Universidade. De 1928 a 1931 especializa-se em genética de fungos com Kniep na Alemanha. Regressa a Coimbra. Publica em 1933 «Le problème de la sexualité chez les champignons». Afastado do serviço e aposentado em 1935, parte em 1943 para África, onde organiza os serviços de investigação científica e experimentação agrícola do algodoeiro (GEPB; FERNANDES, 1962, 1975; QUINTANILHA, 1975).

<sup>340</sup> Trata-se da *Saxifraga carpetana* Boiss. & Reut. subsp. *carpetana* (sinónimo: *S. blanca* Willk.), desconhecida até então no nosso país.

[...] *Notavel e interessantissima e muito ornamental é a planta numero 1055!! Nunca tinha visto coisa semelhante. Outra descoberta notavel é a Paeonia que vae com o numero 1054. Como verá esta é lanuginosa não só na pagina inferior das folhas, mas até mesmo na capsula dos fructos. Trata-se portanto d'uma planta ou nova para a nossa flora ou para a sciencia. A linda Veronica que lhe mandei com o numero 1050 tambem me parece nova. Se o for, desejava dedica-la ao meu amigo, fazendo eu a diagnose. Descobri em Vimioso um verdadeiro paraíso botânico!». Pela descrição da *Paeonia*, com as folhas pubescentes, terá parecido a G. Sampaio que se tratava da *P. officinalis* Lin., uma espécie desconhecida em Portugal, e terá pedido a J. M. Miranda Lopes mais pormenores. J. M. Miranda Lopes responde rapidamente, a 20 de Maio de 1929, dando detalhes sobre a planta em questão: «*Hontem, por ser Domingo e ter muito serviço religioso, não me foi possivel ter o prazer de acusar a sua correspondencia de 15, 16 e 17 do corrente. Faço-o hoje para lhe agradecer, muitissimo penhorado, não só o favor da determinação das plantas que ultimamente lhe enviei, mas tambem as entusiasticas felicitações que me dirigiu pelas minhas descobertas botanicas. Eu tambem estou encantado com as lindas plantas que no dia 13 encontrei nos montes e lameiros de Vimioso! [...] Da Paeonia [...] só encontrei um exemplar, á ultima hora, quando, estava já a sahir do monte, mas é provável que no mesmo local apareçam mais. As flores deste exemplar que eu vi são cor de rosa muito viva, ou purpureos, como a Paeonia lusitanica; e as da Paeonia humilis, umas são cor de rosa vivo, outras d'um roseo mais esbatido e outras até com estrias quasi esbranquiçadas. Desta aparecem exemplares mais pequenos com as flores amareladas – carmezim e com os segmentos mais estreitos. A esta forma pequena é que Retzius daria com precisão o nome de P. humilis. Mas a 1ª. que lhe mandei e que colhi em Vimioso, nos lameiros do Aveloso, é uma planta robusta, bastante alta e ainda mais alta que a P. lusitanica». Com esta descrição, G. Sampaio terá confirmado que a *Paeonia* de folhas pubescentes seria de facto a *P. officinallis* L., e que a segunda *Paeonia* de flores carmezim e folículos pequenos seria a *P. microcarpa* Boiss. & Reut. A primeira era uma espécie nova para Portugal, a segunda uma espécie quasi desconhecida no nosso país. Relataria as novidades em trabalho datado de Julho de 1931: «Esta *Paeonia officinalis* [é] nova para a flora do nosso país, tendo sido encontrada em Vimioso, a 13 de Maio de 1929, pelo sr. P.º Manuel Miranda Lopes, digno Prior de Argosêlo, de quem recebi um bom exemplar. Êste distinto sacerdote tem prestado grandes serviços ao estudo da flora portuguesa, com minuciosas e frutíferas herborizações realizadas no seu concelho. [...] Em Portugal [a *Paeonia microcarpa* Bois. & Reut.] tinha sido encontrada apenas por Tournefort e mais tarde por Carlos Machado nas margens da ribeira de Niza, próximo de Portalegre; mas em 1929 foi descoberta e colhida**

em várias localidades do concelho de Vimioso, pelo sr. P.<sup>o</sup> Miranda Lopes, de quem recebi bons e numerosos exemplares.» (SAMPAIO, 1931b:137-138).

As descobertas de J. M. Miranda Lopes continuavam. A 15 de Junho de 1929 escrevia nova carta para G. Sampaio a relatar as últimas descobertas: «A aroidacea que lhe mandei com o n.º 1066 é espontanea. Não tinha duvida alguma. Vive nas margens da Ribeira de Avelouro, nas encostas d'um grande vale entre serras e grandes penedos e muito distante dos [...] Colhi-a em 30 de Junho do ano passado pela 1.<sup>a</sup> vez mas só com fructos e ainda verde. Este ano voltei lá para ver se a encontrava com flores e apesar de ser um pouco antes daquela data, já só encontrei com flores o exemplar que lhe mandei que era lindissimo e estava na pujança e no seu maximo desenvolvimento. Sem flores vi muitos no mesmo local. Esta planta tem as folhas alabardinas, maculadas de branco, com grandes aurículas, espadice amarelo com uma clava ou maça bastante grande e comprida, perfeitamente cilíndrica (!) e as sementes são cor de canela, bordadas com alveolos e (albumen?). Parece-me ser o *Arum italicum* Mill. Este ano já não é possível obter um exemplar vivo, e o unico com que fiquei meti-o num papel, não foi seco com pressão, e quando o colhi já tinha o espadice seco. A espatha é esbranquiçada. Oportunamente lhe enviarei este exemplar assim mesmo como está<sup>341</sup>. A *Calluna pubescens* Koch é rarissima por estes sitios. Eu nunca a tinha visto. Quando a colhi pareceu-me que tinha a pubescencia glandulosa; mas agora, que já está seca, fui ver e não a tem. Mas a pubescencia é muito espessa e parece-me uma coisa nova. Vive [...] nas faldas da serra de Aveloso, onde encontrei uma grande colonia de *Paradisica lusitanica*, gigantes – a sua variedade transmontana, por mim descoberta em 1928 em Vimioso; mas agora com as folhas tão grandes, glabras e lusidias que até me parecem diferentes. Não a colhi porque as flores não tinham ainda desabrochado.». G. Sampaio terá tido dúvidas em relação a este *Arum* de que lhe falava J. M. Miranda Lopes, dado que o *Arum maculatum* Lin., então desconhecido em Portugal, tem o espádice violáceo. Terá pedido um exemplar ao pároco transmontano que lhe respondeu poucos dias depois, a 21 de Junho de 1929: «O gigantesco "*Arum italicum*" que foi na mesma remessa levava o apendice da espadice, e ia até embrulhado num papel fino para que não se estragasse com a pressão. Estou bem certo disto. Talvez se desprendesse ahi ao abrir o volume e cahisse no chão. Era exemplar unico!». Todavia, o *Arum maculatum* Lin. acabaria por ser observada em Vimioso pouco tempo depois. Era uma espécie nova para Portugal! A descoberta seria publicada por G. Sampaio, em trabalho datado de Julho de 1931: «Esta espécie, que não era ainda conhecida na flora do nosso país, foi descoberta e colhida no termo de Vimioso, em 1930, pelo sr. Prior de Argosêlo, P.<sup>o</sup> José Manuel Miranda Lopes, a quem devo a fineza de me enviar um exemplar. O seu

<sup>341</sup> A descrição de J. M. Miranda Lopes condiz com esta identificação.

espadice tem apêndice avermelhado-violáceo e o pedúnculo mais longo que os pecíolos das folhas, caracteres que o apartam bem nitidamente do *A. italicum* Mill., frequente de norte a sul» (SAMPAIO, 1931b). A variedade nova de *Paradisica* será designada no trabalho de J. M. Miranda Lopes publicado em 1928 de *Paradisica lusitanica* var. *transmontana* Samp. SAMPAIO (1931b) irá considerá-la como uma variedade de uma espécie já existente: *Anthericum Liliago* var. *transmontanum* (Samp.) Samp. Escrevia neste trabalho: «Foi descoberta esta variedade em 1927, pelo sr. Prior de Argoselo, P.<sup>e</sup> José Manuel Miranda Lopes.»

No volume VI da nova série do Boletim da Sociedade Broteriana (1929-1930), J. M. Miranda Lopes publicará, uma segunda adenda à sua Flora do concelho de Vimioso (LOPES, 1930).

A última carta de J. M. Miranda Lopes para G. Sampaio é datada de 7 de Outubro de 1933. Escrevia: «*Há muito tempo que não tenho o prazer de receber noticias suas. Deus queira que não seja por falta de saude, e que tenha passado melhor dos seus padecimentos. Em maio de 1931 encontrei na mata d'uma cortinha de Visconde de Paradinha uma planta rara e que me pareceu muito interessante. De balde, por varias vezes, fui ao sítio, em diversas epocas, para vêr se a encontrava com flores e frutos. Resolvi então colher alguns bolbos e plantei-os na minha horta de Vale de Ladigo. No Domingo passado, fui lá, e quando suponha que a planta tivesse morrido, surpreendeu-me com uma rara e linda flor amarela, semelhante á d'um Crocus, verificando que os rapazes haviam já cortado mais duas hastes certamente tambem com flor. Não é um Crocus com certeza, pois na Flora de Portugal não vem mencionada especie alguma com flor amarela; e pelo estudo que fiz suponho, e tenho quasi a certeza de que é a Sternbergia lutea, Gaud. Se o é, temos mais uma especie e um genero novo para a flora portugueza. Não lhe mando a flôr, porque já não está em condições de a estudar. Tive de me ausentar repentinamente em serviço do meu ministério; deixei-a por esquecimento sobre a mesa do meu escritório, e quando reparei, encontrei-a completamente seca e enrugada. Tambem ha anos vi a mesma planta em Aveloso, mas sem flôr. Peço-lhe o favor de me dizer se conhece esta especie como espontanea em Portugal. [...] P. S. – Aquela planta que lhe mandei em novembro é o Evonymus europaeus L.<sup>342</sup>, especie e familia nova para a nossa flora».* Podemos antever qual terá sido a resposta de G. Sampaio a esta carta porque, J. M. Miranda Lopes, na introdução à terceira (e última) adenda à flora de Vimioso (LOPES, 1933)<sup>343</sup> dá conta e discute as duas novidades taxonómicas contidas nesta carta. G. Sampaio terá provavelmente respondido a J. M. Miranda Lopes que a *Sternbergia lutea* (L.) Ker Gawl. ex Spreng. não era considerada uma espécie verdadeiramente espontânea no nosso país

<sup>342</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Euonymus europaeus* L.

<sup>343</sup> Ficando portanto editado um conjunto de quatro publicações sobre a flora do concelho de Vimioso (LOPES, 1926, 1928, 1930, 1933).

(ocorre no Mediterrâneo), e quiçá terá sugerido que investigasse em pormenor o local da sua proveniência. Toda a história se encontra na introdução a esta adenda. Após referir como e onde tinha encontrado tão notável espécie, J. M. Miranda Lopes explica como encontrou uma planta exótica naquele sítio: «consultámos ultimamente o actual [...] possuidor do casal [que] informou-nos que, em época muito remota, as antigas senhoras da sua casa tinham nas proximidades um quintal ajardinado, onde talvez cultivassem esta planta. Êste quintal foi destruído para lhe darem outra servidão doméstica; e poderíamos supor que, então, algum bolbo, arremessado dali, foi parar ao local, onde encontrou terreno do seu agrado e proliferou. Depois, comunicou-me em carta muito amável, que esta linda e mimosa planta também se encontra na sua Quinta da Säudade, na povoação de Saldonha, concelho de Alfândega da Fé, em terreno enlameirado e sem cultura alguma, de mistura com outras ervas, que ali vegetam espontâneamente, debaixo da rama duma nogueira e em montes de ameixeiras abandonadas; e que se recorda perfeitamente de a ver também, quando estudante, há pelo menos quarenta anos, em Castro Vicente, concelho de Mogadouro em terra coberta de relva e não cultivada [...]» (LOPES, 1933:178-179). J. M. Miranda acrescenta que em Junho de 1931 também a observou em Avelanoso «em alguns quintais», concluindo que «por tudo isto, enquanto novas descobertas não vierem provar o contrário, podemos afirmar, sem a menor dúvida, que a *Sternbergia lutea* Gawl., é também actualmente subespontânea em Portugal, na Província de Trás-os-Montes», sendo «mais um género e uma espécie nova para a flora portuguesa» (LOPES, 1933:179). Apresenta também resultados detalhados em relação a *Euonymus europaeus* Lin., espécie que se pensava ser exótica no nosso país. Refere que «o facto de se encontrar agora em Argoselo, encravado nos rochedos das margens do rio Sabor, quasi á beira do rio, em sítio deserto, solitário e muitíssimo afastado da povoação, á distância de sete quilómetros, apróximadamente, vem provar-nos que esta planta é também espontânea em Portugal, e, por enquanto, privativa da região transmontana; e por isso não temos dúvida em a mencionar como espécie e família nova para a nossa flora» (LOPES, 1933:177). Apoia a sua conclusão no registo de observações anteriores de outros botânicos que também a observaram em diversos locais de Trás-os-Montes. Apresenta ainda um mapa com as localizações de todas as observações conhecidas da espécie. Termina a introdução «mais uma vez, muitíssimo penhorado, [agradecendo] aos Ex.<sup>mos</sup> Srs. Dr. Gonçalo Sampaio e Dr. Luiz W. Carrisso o valiosíssimo auxílio que têm prestado [ao seu] humilde e insignificante trabalho» (LOPES, 1933:177).

Que balanço se pode fazer do trabalho de J. M. Miranda Lopes? Com o auxílio dos professores das Universidades de Lisboa, Coimbra e Porto, nomeadamente de G. Sampaio, contribuiu de forma fundamental para um conhecimento moderno da flora regional de Trás-os-Montes. Emerge assim como

um exemplo paradigmático de como um botânico amador, se for devidamente enquadrado por especialistas, pode prestar um relevante serviço à Botânica.

### 3. As Floras publicadas, inéditas e inacabadas

#### 3A. As Floras regionais publicadas

G. Sampaio publicou em vida cinco Floras regionais completas, duas (a do Torrão e de Odemira) no início da sua carreira (em 1901 e 1908, respectivamente), uma em 1923 (de Ponte de Lima), e outras duas (Caldelas e Trancoso) já bem no fim da sua carreira (1934 e 1936, respectivamente). O formato das Floras é semelhante. São listadas as espécies recolhidas nas herborizações que tinha feito na região. Para cada espécie, indica o habitat e a abundância. Discute aspectos taxonómicos relevantes. São registadas diversas variedades e espécies novas para Portugal. São ainda propostos alguns táxones novos para a ciência, e também novas combinações (Anexo I).

Na introdução ao trabalho sobre a Flora do Torrão (SAMPAIO, 1901b), G. Sampaio explica porque razão elaborou este trabalho, e como decorreu a herborização, sem dispensar alguns apontamentos de viagem. G. Sampaio visita o «Dr. Diniz Neves», seu «particular amigo», na vila do Torrão, no Alentejo, perto de Alcáçovas. Antes da listagem das espécies observadas na herborização, G. Sampaio descreve, na introdução, a viagem de ida, em particular o caminho que fez de diligência entre a estação de caminho-de-ferro das Alcáçovas e a vila do Torrão, distante de 19 quilómetros. As palavras de G. Sampaio são de puro naturalista extasiado perante a natureza, com uma viva admiração potenciada pela explosão da Primavera nos campos alentejanos. Existe no espólio documental de G. Sampaio uma carta de Diniz Neves, datada de 8 de Outubro de 1898, que terá sido escrita depois das herborizações de G. Sampaio (**Estampa** IV.15.): «*Odemira, 8-10-98, Meu caro Gonçalo, Da tua preguiça não fallo pelo duplo motivo de saber noticias tuas [ilegível] pelo dr. [ilegível] e de saber que ella é incorregivel. Que tu obtenhas nas tuas aspirações o successo digno dos teus merecimentos – é coisa em que constantemente penso, escusado sera repeti-lo. A tua flora já acabou de ser publicada? Fizeste-me a promessa de um exemplar; mas tambem te esqueceu, pelos modos [...] Por aqui eu dou-me muito bem se não achasse abafadiço este ambiente de medico [...] Desconfio que nasci em equilibrio instavel. Já que a medicina tem de ser o meu triste fardo, [...] Resta-me experimentar a situação de medico camarario.[...]*».

A flora contém uma listagem de 222 espécies observadas por G. Sampaio durante esta estadia no Torrão. É patente a preocupação com a «dignificação» e reavaliação dos táxones broterianos e linkeanos. Muitas das espécies listadas têm binomes criados por Brotero ou por Link e van

Hoffmansegg. Ao referir o *Colchicum fritillatum* Link., G. Sampaio chama a atenção para o facto de ser este o binome válido. O nome dado por Brotero - *Colchicum lusitanum*, é posterior. Ao listar o *Alyssum campestre* subsp. *colinum* Brot., G. Sampaio acrescenta que, «parece-me, não obstante as opiniões em contrario, uma boa subespecie». Ao indicar o *Raphanus silvestris* Lamk., G. Sampaio concorda com Rouy e Foucaud que, na sua flora de França, consideraram o binome lineano *R. raphinastrum* «vicioso por tautologia», sendo portanto necessária a sua substituição. Ao citar a *Linaria linogrisea* Hoff. & Link, G. Sampaio faz uma pormenorizada discussão do género, referindo trabalhos do Conde de Ficalho, com cujos pontos de vista concorda, e demonstrando que num trabalho do botânico francês Rouy havia «um erro consideravel, para cuja rectificação aproveito agora o ensejo». Nesta discussão, G. Sampaio recorre às diagnoses de Brotero, mostrando que conhecia bem as obras do botânico coimbrão. G. Sampaio apresenta ainda espécies novas para a flora portuguesa, e algumas variedades novas para a ciência (**Estampa** IV.16.), e dedica uma delas (*Narcissus junquilla* var. *Henriquesii* Samp.) ao «ex.<sup>mo</sup> sr. Dr. Julio Henriques, sabio lente de botanica na Universidade de Coimbra».

O trabalho sobre a Flora de Odemira (SAMPAIO, 1908) inicia com uma descrição da região, incluindo aspectos económicos e culturais. Tal como para o seu trabalho sobre a flora do Torrão, também este foi proporcionado por uma visita a pessoas amigas, tendo estado na região em 1893, 1899 e 1905 para «proceder [...] a herborisações mais largas e minuciosas». São listadas 887 espécies.

Propõe algumas variedades novas. Detem-se no género *Spergularia*, onde propõe duas espécies novas: *Spergularia colorata* Samp. e *Spergularia modesta* Samp.<sup>344</sup> No género *Carex* também propõe uma espécie nova, *Carex intacta* Samp.<sup>345</sup>. Propõe ainda uma nova sub-espécie - *Arenaria conimbricensis* Brot. raç. *littorea* Samp. (**Estampa** IV.17.) Apresenta diagnoses em latim para as espécies novas.

A flora de Ponte de Lima (SAMPAIO, 1923d) é um curto trabalho com dez páginas, datado de Dezembro de 1923. G. Sampaio lista as espécies mais vulgares, muitas acompanhadas dos respectivos nomes vulgares, para os principais habitats da região. Refere as espécies cultivadas. Cita espécies importantes da Serra d'Arga. A revista é de divulgação científica mas G. Sampaio não deixa de salientar a existência de algumas espécies notáveis: «seria demasiado extensa, para se publicar aqui, a lista completa das vasculares do concelho; por isso limito-me a juntar às espécies já mencionadas – sem dúvida suficientes para definirem o caracter botânico da região – mais algumas dignas de

<sup>344</sup> Estas duas espécies não serão incluídas em SAMPAIO (1946).

<sup>345</sup> SAMPAIO (1921b) considerará esta espécie como sinónimo de *Carex helodes* Link. Todavia, será considerada válida em SAMPAIO (1946).

registro». Termina mencionando as criptogâmicas: os musgos estudados por A. Machado; as clorófitas por seu filho, Joaquim Sampaio; os fungos parasitas por R. G. Fragoso; os líquenes estudados por si, dos quais destaca algumas espécies novas para a ciência, já descritas e publicadas anteriormente, mas que também tinha encontrado em Ponte de Lima. Alguns anos mais tarde, foi pedida novamente a colaboração de G. Sampaio, para esta publicação não periódica. Numa carta datada de 10 de Agosto de 1932, Rodrigo Abreu, encarregado de dirigir o oitavo volume do Almanaque, escrevia a G. Sampaio: «*Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Gonçalo Sampaio: Não tenho a honra de conhecer V. Ex.<sup>a</sup> pessoalmente mas o acaso quiz que um amigo comum me animasse a dirigir-me a solicitar um alto favor, que me relevará, tendo em consideração o fim a que se destina. Fui encarregado, por conterraneos meus, de dirigir a publicação do 8.º volume do “Almanaque de Ponte de Lima” – publicação que reúne artigos sobre história, etnografia, arqueologia, arte e flora, etc., que interesse à região limiana, Ribeira-Lima, principalmente. A sábia colaboração de V. Ex.<sup>a</sup> era preciosa por todos os títulos distintos que a recomendam. Nesta conformidade venho solicita-la, ao mesmo tempo que [ilegível] dignará perdoar-me a ousadia com que me atrevo a pedi-la. Entre os colaboradores tenho figuras de professores e escritores de renome nacional como o dr. Gomes Teixeira, dr. Tiago d’Almeida, Teixeira de Pascoais, Ricardo Jorge, etc. O encargo que tomei é livre de qualquer proveito material, que toda a receita reverte a favor da casa editora. Com a mais alta consideração me subscrevo. De V. Ex.<sup>a</sup> admirador atento e venerado, Rodrigo Abreu*».

As últimas duas floras regionais são já publicadas na década de 1930. Seguem o esquema que tinha utilizado nas floras regionais anteriores, indicando para cada espécie a sua abundância e habitat típico. Na introdução à Flora de Caldelas (SAMPAIO, 1934a) refere que se trata da listagem das espécies encontradas «apenas [no] lugar das termas e seus arredores». Terá frequentado as termas nestes anos? Na Flora de Caldelas, de acordo com as suas palavras, o trabalho de campo teria sido realizado em 1908, portanto muito antes da sua publicação. Além das plantas que colheu nas herborizações de 1908, G. Sampaio reconhece, na introdução, que estudou exemplares recolhidos por outros colectores, tais como Seabra Couceiro, Manuel Ferreira, e Carlos Lacerda. Alguns desses exemplares analisados por G. Sampaio, encontravam-se no Herbário da Universidade de Coimbra. Destes trabalhos resultam poucas novidades nomenclaturais. Propõe a seguinte espécie nova para a ciência: *Carex Broteriana* Samp.<sup>346</sup>, que faz acompanhar de um curtíssimo texto de diagnose em latim.

Além destas floras regionais publicadas, G. Sampaio deixou inacabada uma Flora Duriense, que provavelmente foi a primeira Flora a ser escrita. A. Pires de Lima, que conhecia bem a obra e o espólio

---

<sup>346</sup> Em substituição de *Carex caespitosa*, que tinha proposto no «Manual da Flora Portuguesa».

documental de G. Sampaio, escrevia em 1937, numa bibliografia de G. Sampaio: «1899. Flora Duriense. (Encontram-se algumas dezenas de páginas impressas, desconhecendo-se por completo onde foi publicado êste trabalho)» (PIRES DE LIMA, 1937:39). Numa outra biografia de G. Sampaio, escrevia A. Pires de Lima: «Inéditos. Flora Duriense (de que se encontram impressas 164 páginas) – Porto, 1898-99 ? – incompleta» (PIRES DE LIMA, 1942:37). Na Biblioteca Pública Municipal do Porto existe um volume encadernado com algumas obras de G. Sampaio. Entre os trabalhos - «Quadro dichotomico» de 1895 e «Plantas Novas I» de 1900, encontra-se um trabalho impresso constituído por 144 páginas, mas sem capa, nem indicação de editor. A sua posição relativa no volume encadernado é compatível com as datas apresentadas por A. Pires de Lima. Começa na família *Ranunculaceae* (n.º 1) e termina na *Cucurbitaceae* (n.º 34) que está incompleta. Para cada família é apresentada uma descrição, distribuição e propriedades. Segue-se uma chave dicotómica para os géneros. Nos géneros mais numerosos existe uma chave dicotómica das espécies. Cada espécie é descrita, seguindo-se o seu habitat e distribuição. No espólio documental de G. Sampaio, existem dois documentos que se presume que sejam a continuação deste trabalho impresso, depositado na Biblioteca Pública Municipal do Porto. Um desses documentos consiste em provas tipográficas, extensivamente emendadas, que têm mais duas famílias do que o trabalho anterior: *Mesembryanthemaceae* (n.º 35)<sup>347</sup> e *Apiaceae* (n.º 36)<sup>348</sup> (**Estampa** IV.18.). O outro documento consiste num manuscrito (**Estampa** IV.18.), onde são tratadas as seguintes famílias não incluídas no trabalho impresso e nas provas tipográficas: *Campanulaceae*, *Boraginaceae*, *Lamiaceae*<sup>349</sup>, *Plantaginaceae*, *Amarantaceae*<sup>350</sup>, *Chenopodiaceae*, *Polygonaceae*, *Aristolochiaceae*, *Lauraceae*, *Santalaceae* (estas famílias têm um tratamento taxonómico completo, estão numeradas, mas a numeração não é contínua), *Araceae*, *Iridaceae*, *Amaryllidaceae*, *Ulmaceae*, *Urticaceae* (estas famílias têm um tratamento taxonómico completo, mas não estão numeradas), *Juncaceae*, *Alismaceae*<sup>351</sup> (estas famílias não têm um tratamento taxonómico e não estão numeradas) e na família *Gentianaceae* só foi tratado o género *Erythraea*. Mesmo com este manuscrito, a flora permanecia incompleta, faltando várias dezenas de famílias. Todavia, esta Flora Duriense inacabada é uma peça importante na bibliografia de G. Sampaio. Se foi publicada antes de 1900 trata-se de um notável trabalho de síntese e de maturidade intelectual. G. Sampaio tinha abandonado a Academia Politécnica há cinco anos sem terminar o curso. G. Sampaio só iria iniciar a publicação do Manual da

---

<sup>347</sup> Nome actual: *Aizoaceae*.

<sup>348</sup> Nome actual: *Umbelliferae*.

<sup>349</sup> Nome actual: *Labiatae*.

<sup>350</sup> Ortografia actual: *Amaranthaceae*.

<sup>351</sup> Ortografia actual: *Alismataceae*.

Flora Portuguesa em 1909. É também interessante observar, a que autores atribuiu G. Sampaio os géneros que tratou na Flora Duriense. A maioria dos géneros é atribuída a autores pré-lineanos, sobretudo a Tournefort. Este conceito, de que muitos botânicos discordavam, irá ser mantido por G. Sampaio em toda a sua vida, ficando cristalizado na sua «Lista das espécies» de 1913.

### 3B. O Manual da Flora Portuguesa e o Prodrómo da Flora Portuguesa

Em 1909, G. Sampaio inicia a publicação, em fascículos, do Manual da Flora Portuguesa e do Prodrómo da Flora Portuguesa (**Estampa IV.19.**). Aparentemente este facto desencadeou um estímulo em A. X. Pereira Coutinho, que em duas longas cartas escritas em Janeiro deste ano, fala do seu projecto da Flora de Portugal (paralelo ao de G. Sampaio), sem no entanto deixar de felicitar o seu colega. O método de trabalho e programa de acção do botânico lisboeta é claro. Escrevia a 15 de Janeiro de 1909 para G. Sampaio: *«Tambem eu trabalho ha 2 annos em escrever uns elementos da Flora portugueza. Baseio-me no herbario da Polytechnica, nas herborisações que tenho agora mandado empreender, e nos trabalhos anteriormente publicados dos que teem estudado a nossa flora. O meu manuscripto vae acompanhando a revisão, que eu faço, do herbario. Tenho actualmente ordenados 2 armarios, com umas 900 especies, e o manuscripto respectivo. Se tiver força e saude para continuar a trabalhar como tenho trabalhado até aqui, calculo que devo ultimar esta empreitada dentro de uns 5 anos. Só tenciono entregar no fim de tudo, o manuscripto á imprensa, para poder corrigir a parte já feita com o estudo das novas herborisações e poder aproveitar os trabalhos realísados sobre a nossa flora até essa epocha. Tenho encontrado bastantes factos interessantes e várias especies novas para a nossa flora. De algumas d'essas especies, a pedido do Dr. Julio Henriques, dou noticia no proximo volume do Bolletim da Sociedade Broteriana»*. E logo alguns dias depois, a 21 deste mês: *«Quando o Mariz publicou a revisão das primeiras familias (Ranunculaceas, Caryophyllaceas, Cruciferas, Leguminosas), ainda as plantas do herbario da Polytechnica não eram enviadas para Coimbra, para serem revistas conjuntamente. D'aqui resulta que é muito possivel que existem no herbario da Polytechnica especies ou variedades portuguezas ainda não conhecidas, como existentes cá. Mas, sem um trabalho demorado e conscencioso é impossivel apural-o, com segurança. Com effeito o herbario portuguez da Polytechnica enche hoje completamente 6 grandes armarios (tão grandes, que é preciso uma escada para se chegar ás prateleiras superiores), e tem reunidas as colheitas de Welwitsch, do Daveau, R. da Cunha, F. Mendez; mas todas estas plantas estão com a classificação provizoria dos seus collectores, e só uma revisão total do conjunto póde merecer confiança. É isso o que estou fazendo, há 2 annos, e já tenho muitas plantas em ordem e apurados*

*muitos factos interessantes; mas, como ainda não puz as mãos nas famílias a que V. Ex.<sup>a</sup> agora se reffere, comprehende decerto a impossibilidade que eu tenho de indicar especies não conhecidas, ou mesmo determinar o habitat das que já são conhecidas no paiz. Felicitando a V. Ex.<sup>a</sup>, pelo seu emprehendimento». A. Luisier recebe um exemplar do Manual da Flora Portugueza, e escreve a G. Sampaio a 1 de Setembro de 1910: «Muito me regozija com a publicação do seu Manual da Flora Portugueza. Faça o possivel para que o livro possa ser publicado quanto antes. Desejaria muito que o preço seja o mais convidativo possivel para que se possa adoptar como manual escolar nos Collegios e lyceus, para os trabalhos praticos de botanica na 6.<sup>a</sup> e 7.<sup>a</sup> Classes».*

O Manual da Flora Portugueza é publicado no formato de uma flora - famílias ordenadas, com chaves dicotómicas para a determinação dos géneros (em cada família) e das espécies (em cada género). As famílias, os géneros e as espécies (e as categorias infra específicas) são caracterizadas de forma sumária, mas concisa. Para cada espécie é apresentada a sua distribuição no país, e o seu nome vulgar. O ímpeto de publicação era tal que no «Manual» G. Sampaio incorpora muitos táxones novos para a ciência, sem qualquer diagnose (esta seria feita em publicações posteriores). A publicação do «Manual» é interrompida em Dezembro de 1914. Tinham sido publicadas 115 famílias (das 131 representadas na nossa flora), correspondendo a 534 géneros e 1.809 espécies. A última família tratada é *Plantaginaceae*.

A publicação do Prodrómo da Flora Portugueza é concomitante com a do Manual. O Prodrómo está organizado em famílias, cada família apresentando os géneros e as espécies existentes em Portugal. Não tem chaves dicotómicas, nem diagnoses das espécies. Para cada espécie, é apresentada a sua distribuição no país, o nome vulgar, os sinónimos, e a referência bibliográfica da sua publicação. As espécies já mencionadas para a nossa flora (nomeadamente por Brotero, J. Henriques, J. Mariz, Webb, Willkomm & Lange, e por G. Sampaio, em trabalhos anteriores) apresentam uma referência bibliográfica detalhada. G. Sampaio segue, naturalmente, os mesmos critérios nomenclaturais utilizados no Manual (e que manteria, na «Lista das espécies»), atribuindo a autoria da maioria dos nomes dos géneros a Tournefort.

O primeiro fascículo trata das famílias *Ranunculaceae*, *Berberaceae*<sup>352</sup>, *Nymphaeaceae*, *Papaveraceae*, *Fumariaceae*<sup>353</sup>, *Brassicaceae*<sup>354</sup>, *Capparidaceae*<sup>355</sup>, *Resedaceae* e *Cistaceae*, terminando na espécie n.º 195.

---

<sup>352</sup> Nome actual: *Berberidaceae*.

<sup>353</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Papaveraceae*.

<sup>354</sup> Nome actual: *Cruciferae*.

<sup>355</sup> Nome actual: *Capparaceae*.

No segundo fascículo termina a família *Cistaceae*, e trata das famílias *Violaceae*, *Polygalaceae*, *Frankeniaceae* e *Dianthaceae*<sup>356</sup>, terminando no género *Velezia*.

No terceiro fascículo termina a família *Dianthaceae*, e trata das famílias *Alsinaceae*<sup>357</sup>, *Portulacaceae*, *Tamaricaceae*, *Elatinaceae*, *Hypericaceae*, *Malvaceae*, *Linaceae*, *Geraniaceae*, *Oxalidaceae*, *Zygophyllaceae*, *Rutaceae*, *Aquifoliaceae*, *Rhamnaceae*, *Vitaceae* e *Aceraceae*.

No quarto e último fascículo, são abordadas as famílias *Anacardiaceae* e *Phaseolaceae*<sup>358</sup>. A publicação do *Prodromus* termina em 1911, com o taxon n.º 557.

Todavia, após 1914, G. Sampaio continuou a trabalhar no Manual. Existe no seu espólio um manuscrito com a seguinte capa: «*Manual da Flora Portuguesa por G. Sampaio (continuação da família das Verbenaceas até as Compostas)*, Porto, julho e agosto de 1917» (**Estampa IV.20.**). Trata-se de um conjunto de folhas do tipo almaço, não-numeradas, com uma organização constante, mas caligrafia e tinta muito variáveis. Que famílias são tratadas? G. Sampaio inicia o trabalho com a família *Verbenaceae*, a que atribui o número 116, no seguimento da família *Plantaginaceae* numerada no Manual como 115. Apresenta uma chave dicotómica para os dois géneros *Vitex* e *Verbena*, que numera como 535 e 536, também no seguimento da numeração do Manual. Todavia estes dois géneros não são tratados. Seguem-se as famílias *Lamiaceae*, *Boraginaceae* e *Globulariaceae*, que estão completas. A família seguinte, *Rubiaceae*, está incompleta, terminando no género *Asperula* com o número 581 (a espécie *A. arvensis* tem o n.º 1926). As famílias seguintes, *Cucurbitaceae*, *Campanulaceae*, *Lobeliaceae*<sup>359</sup>, *Loniceraceae*<sup>360</sup>, *Valerianaceae*, *Dipsacaceae* e *Ambrosiaceae*<sup>361</sup>, não constam do manuscrito<sup>362</sup>. Segue-se a última família, *Asteraceae*<sup>363</sup>, numerada como 128, mas que está incompleta. Existe a chave da família com todos os géneros, mas só os seguintes géneros estão tratados, pela seguinte ordem: *Micropus* (n.º 612 com *M. supinus* com o n.º 2017), *Achillea* (n.º 620), *Anacyclus* (n.º 621), *Daveaua* (n.º 625), *Chrysanthemum* (n.º 626), *Phalacrocarpum* (n.º 627), *Leucanthemum* (n.º 628) e *Bellis* (n.º 629 com *B. silvestris* com o n.º 2068). Portanto, entre 1914 e 1917, G. Sampaio tinha avançado substancialmente na elaboração da sua flora, mas todavia não a tinha completado.

<sup>356</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Caryophyllaceae*.

<sup>357</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Caryophyllaceae*.

<sup>358</sup> Nome actual: *Leguminosae*.

<sup>359</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Campanulaceae*.

<sup>360</sup> Nome actual: *Caprifoliaceae*.

<sup>361</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Compositae*.

<sup>362</sup> Numa carta para A. Ricardo Jorge, datada de 3 de Agosto de 1917, G. Sampaio escreveu: «*Já acabei as Valerianáceas e vou entrar nas Dipsacáceas para a minha Flora*», o que sugere que este manuscrito pode eventualmente não estar completo (BNP A/2094).

<sup>363</sup> Nome actual: *Compositae*.

Nas cartas que escreve para A. Ricardo Jorge encontramos eco do processo de elaboração do Manual (que também desiga da «Flora» e «Florita») e das dificuldades em concluí-lo. Escrevia num bilhete-postal datado de 9 de Janeiro de 1913 ainda na primeira fase de publicação: «*Agora vou virar-me á conclusão da Flora, a ver se vai d'esta vez. Já estão impressas mais 5 folhas, além das que levou. Logo que conclua a impressão da 6.<sup>a</sup> folha (folha de impressão 23) vou dar ordens para as dobrar e organizar em fascículos. Deste modo o meu amigo terá antes do fim do mez, assim como os assinantes e pessoas a quem envio a obra, mais 96 paginas, abrangendo o resto das dialipetalas e um grande numero de familias de gamopetalas. Com outro fasciculo concluirei a obra, se Deus quizer*» (BNP A/2064). No ano seguinte, em Maio de 1914, escrevia para A. Ricardo Jorge sobre o seu Manual: «*Estou a imprimir outra mais resumida, com diagnoses de 3 linhas e só com as raças e variedades mais salientes. É para os meus rapazes, quem agora obrigo a muitos trabalhos de classificação. De resto, a que imprimo actualmente já vai muito aperfeiçoada e com a nomenclatura que adoto definitivamente. Mande-me as novidades, pois pode ser que ainda se aproveitem e possam ser incluídas nesta flora*» (BNP A/2069). Pouco tempo antes de escrever a capa do manuscrito que continuava o Manual, escrevia numa carta datada de 27 de Junho de 1917: «*Estou actualmente a contas com a conclusão da Flora – o que ainda levará dois mezes*» (BNP A/2091). Mas a previsão de G. Sampaio não se concretizaria. A 3 de Agosto deste ano, escrevia a A. Ricardo Jorge: «*Já acabei as Valerianáceas e vou entrar nas Dipsacáceas para a minha Flora. Deste modo ficará só por fazer, antes de férias, as Compostas. No dezembro estará tudo impresso. Até que enfim*» (BNP A/2094). Mas poucos dias depois, a 13 de Agosto, G. Sampaio adia o estudo da vastíssima família *Asteraceae* para depois das férias: «*Das plantas que me trouxer carregue nas Compostas quanto possa, porque é o que me falta da Flora e desejo redigir essa parte logo que volte de ferias, de modo a estar o livrinho à venda no fim de dezembro*» (BNP A/2090).

Nos meses seguintes, G. Sampaio não fala do seu Manual da Flora Portuguesa, nas cartas que escreve para A. Ricardo Jorge. Os líquenes parecem captar toda a sua atenção. Escrevia a 3 de Dezembro de 1917: «*Hontem o dr. Julio Henriques perguntou-me se eu já lhe tinha classificado os liquenes colhidos por êle no ano passado em Vimioso. Fiquei atrapalhado com a pergunta e resolvi-me a classificar-lhe imediatamente a colheita. Por isso peguei novamente no microscópio, preparei reagentes frescos e atirei-me aos liquenes que hontem ficaram quasi todos determinados e que hoje ou amanhã seguirão para Coimbra. Como pela sua carta vejo que está com grande pena por não ficar com os seus todos determinados, vou amanhã classificar os que cá tem; se quizer aproveitar a ocasião mande já o resto ou, pelo menos, aqueles que tiver mais urgencia de ver determinados. É aproveitar*

esta ocasião; de contrario ha de ter paciencia, esperando para mais tarde. Bem sabe que, depois, seria grande transtorno cortar o novo trabalho que vou encetar» (BNP A/2073). Mas poucos dias depois, a 13 de Dezembro, a conclusão do Manual parece ecoar novamente na sua mente: «Logo que acabe a Flora e os compendiozinhos de botanica para os liceus, recomencarei com os liquenes, para redigir o catalogo definitivamente. Nessa ocasião é que terei maior interesse em ver as suas colheitas, á cata de coisas novas» (BNP A/2021). Numa carta que escreve a 17 de Junho de 1918, G. Sampaio refere a elaboração de ilustrações para o seu manual que pareciam ofuscar os seus interesses liquenológicos: «Estou agora muito ocupado a fazer figurinhas para a próxima folha de impressão da Flora. Os liquenes repousam até ao proximo ano lectivo» (BNP A/1992). A 23 de Agosto deste ano, G. Sampaio escrevia a A. Ricardo Jorge sobre o seu «eterno» problema com as Asteráceas (*Compositae*): «Depois que vim de Coimbra não peguei mais em liquenes e apenas tratei, em junho, da sua nomenclatura, que tenho quasi toda revista, de harmonia com as minhas regras. A seguir retomarei a Flora, mas os exames não me deixaram fazer nada. Só depois destes é que consegui trabalhar nela regularmente. Estou, portanto, com as Asteraceas a contas, já fiz a chave dos géneros – que ficou excelente – e já tratei alguns destes. Qualquer Asteracea que não possuo será muito bem vinda, se porventura tiver novos exemplares» (BNP A/2027). Pouco tempo depois, a 20 de Outubro de 1918 escrevia no entanto: «A sua vinda ao Pôrto transtornou-me o trabalho da Flora, fazendo-me derivar outra vez para os liquenes; no entanto, conto em voltar novamente á conclusão do livrinho dentro de 15 dias» (BNP A/2029).

Em 1920, após o episódio da seu encarceramento e a redacção do «Epitome»<sup>364</sup>, a conclusão da flora parecia iminente, mas a minúcia e o rigorismo com que G. Sampaio revia a taxonomia da flora portuguesa pareciam atrasar inexoravelmente a conclusão do seu Manual-Flora. Escrevia a A. Ricardo Jorge a 3 de Outubro: «Já estou no Porto e ocupo-me em dar os ultimos retoques na minha Florita, para a entregar á tipografia – o que espero seja ainda antes do Natal. Tem-me dado um trabalho enorme, não calcula, mas espero que saia bastante perfeita, tanto pela clareza das chaves e rigoroso inventário das especies, como pela nomenclatura uniforme que sigo. As dúvidas que me ficam – e são poucas – só as poderia tirar consultando o herbario de Lisboa, que é infelizmente uma colecção hermeticamente fechada aos que trabalham fora d’ahi coisa misteriosa, enfim! [...] No entanto muito me obsequiará mandando-me exemplares, se os tiver disponiveis de *Ulex*, sobretudo dos que P. Coutinho denomina *U. scaber*<sup>365</sup>, *U. janthocladus*<sup>366</sup>, *U. Welwitschianus*<sup>367</sup>, *U. Vaillant*<sup>368</sup>, *U.*

<sup>364</sup> Ver capítulo seguinte.

<sup>365</sup> G. Sampaio designará esta espécie de *Ulex scaber* var. *Welwitschianus* Samp. (SAMPAIO, 1946:265).

*Webbianus*<sup>369</sup>, e *U. luridus*<sup>370</sup>. Estou a fazer a revisão, a serio deste género<sup>371</sup>, com os materiais de Coimbra e os meus. Julgo que o Coutinho não tem isso bem determinado, a julgar pela sua Flora. Também me interessam [...] Estas plantas interessam-me muito, porque tenho duvidas sobre elas, e queria resolver essas duvidas para a minha Florita. São 38 especies, creio eu [...] De Coimbra recebi uma grande porção de boas plantas, algumas das quais eu não tinha [...] Preciso com rapidez de acabar a Flora [...]» (BNP A/2014). No dia seguinte escrevia: «Como não sahi, trabalhei em casa, revendo as *Plumbaginaceas*. [Refere seguidamente a taxonomia desta família, referindo os géneros *Limonium* e *Statice*.] As chaves ficaram muito boas, creio eu, não podendo dar lugar a dúvidas ou a hesitações na determinação das especies. Com as modificações que tenho feito ultimamente na Flora confesso que esta agora me satisfaz» (BNP A/2045).

Alguns anos depois, em 1929, a 24 de Janeiro, ainda «restavam dúvidas» sobre a flora portuguesa porque escrevia para A. Ricardo Jorge: «No proximo Domingo, 27 do corrente, vou a Coimbra, onde estarei até quarta-feira. Todas as semanas irei ali resolver o melhor possível um certo numero de duvidas sobre a flora portuguesa. A seguir irei estar oito dias em Lisboa. Quero empregar o ultimo esforço para produzir com a minha Flora um trabalho honesto. Depois disto meto-me na aldeia a passar os últimos dias» (BNP A/2000). Mas no ano seguinte, o impasse mantinha-se. Escrevia a A. Ricardo Jorge a 6 de Agosto: «Aos liquenes só voltarei depois de acabar a nova edição da Flora, em que trabalho com amor. Deus queira que no próximo ano eu termine este trabalho, como espero! Terei de ir várias vezes a Coimbra e de fazer algumas herborisações ainda. A revisão da nomenclatura vou-a fazendo aqui no Pôrto. Enfim, estou novamente a trabalhar com entusiasmo nas fanerogamas, esperando realizar qualquer coisa de geito» (BNP A/2066).

Porque terá interrompido G. Sampaio a publicação do seu Manual?<sup>372</sup> A paixão pelo estudo dos líquenes parece-nos ser uma das razões principais. Num bilhete-postal que escreve para A. Ricardo Jorge datado de 13 de Fevereiro de 1918, G. Sampaio invoca dificuldades económicas para a

<sup>366</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Ulex ianthocladus* Webb.

<sup>367</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Ulex welwitschianus* Planch. G. Sampaio designará esta espécie de *Ulex scaber* var. *Wilkómmii* Samp. (SAMPAIO, 1946:265).

<sup>368</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Ulex vaillantii* (Webb) Nyman. G. Sampaio designará esta espécie de *Stauracanthus Boivini* for. *Vaillantii* Samp. (SAMPAIO, 1946:266).

<sup>369</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Ulex webbianus* Coss. G. Sampaio designará esta espécie de *Stauracanthus Boivini* for. *Webbianus* Samp. (SAMPAIO, 1946:266).

<sup>370</sup> G. Sampaio designará esta espécie de *Stauracanthus Boivini* for. *luridus* Samp. (SAMPAIO, 1946:266).

<sup>371</sup> G. Sampaio publicaria uma revisão dos géneros *Ulex* Lin. e *Stauracanthus* Link, em 1924 (Sampaio, 1924).

<sup>372</sup> José Vilaça, no prefácio ao «Cancioneiro Minhoto», também publicado postumamente, escrevia, em tom de conhecimento pessoal e próximo de G. Sampaio: «Talvez por honestidade – visto que o Estado lhe pagou para estudar botânica – a sua última preocupação foi a Flora Portuguesa, sobre a qual morreu abraçado, como se fora a bem-amada. – “Que Deus me dê vida até terminar a Flora é o que mais peço” - dizia-me certo dia».

publicação do seu Manual: *«Por causa do preço exageradissimo do papel deixo de concluir agora a flora; por isso trabalho activamente no catalogo dos liquenes, redigindo as chaves de muitos géneros. Conto assim entregar o manuscrito ao dr. Julio lá para julho do corrente»* (BNP A/1995).

### 3C. O Epitome da Flora Portuguesa

O Epitome da Flora Portuguesa, que permaneceu em manuscrito (**Estampa IV.21.**), é um dos textos-chave na vida e obra de G. Sampaio. O manuscrito é constituído por 295 páginas numeradas, de caligrafia homogénea, sugerindo que se trata de um texto elaborado de seguida num espaço de tempo relativamente circunscrito. Talvez pressionado pelas difíceis condições de vida que teria no cárcere, quiçá ecoando na sua mente o quase-completo manuscrito do «Manual» de 1917, G. Sampaio lança-se na sua conclusão. O manuscrito é dedicado a Manoel Amandio Gonçalves. G. Sampaio escreve na capa a dedicatória a *«meu professor de botânica na antiga Academia Politécnica do Porto, meu protector e amigo»*. No prefácio, G. Sampaio escreve que este livro (que no prefácio chama *«livrinho»*) se destinava *«para servir nos trabalhos praticos de classificação [...] nos cursos de botânica»*. G. Sampaio sublinha que se tratava de um manual escolar, e não de um trabalho avançado de sistemática, *«reduzi, além disto, as chaves quasi que á maior simplicidade, indicando apenas os caracteres diferenciais mais salientes dos diversos grupos [...] e pondo frequentemente de lado os caracteres classicos para os substituir por outros que permitam uma mais facil analise e uma mais rapida determinação»*. No fim do prefácio, explicita mesmo como devem decorrer os trabalhos práticos, *«o professor [...] deve explicar [...] o modo simples de usar esta Flora, classificando [...] uma planta de que haja distribuido exemplares a todos os alunos. Cada um destes, munido de uma Flora, de uma boa lupa e de um escalpelo, vai acompanhando o professor na leitura das chaves e no exame dos caracteres da planta, até á sua determinação final»*, *«devendo o professôr ter o cuidado de começar pelos vegetais de flores relativamente grandes, e de classificação pouco difficil [...] de todas as especies determinadas deve o aluno secar e preparar um exemplar para o seu herbario [...]»*. Termina o prefácio com uma observação interessante, *«Devo notar, finalmente, que este genero de trabalhos é ao princípio detestado pela maioria dos nossos estudantes, mas tambem posso afirmar, com a experiência de bastantes anos, que passado algum tempo constitui um verdadeiro prazer para todos eles»*. Finalmente o prefácio termina com, *«Porto, Aljube, 27-5-1919»*.

Neste Epitome são tratadas todas as famílias de plantas vasculares existentes em Portugal continental. No entanto, a família *Asteraceae*<sup>373</sup> não está completa, faltando o tratamento de algumas

---

<sup>373</sup> Nome actual: *Compositae*.

dezenas de géneros, sendo *Bellis* o último género estudado. Que avanços faz G. Sampaio neste «Epítome» em relação ao Manual da Flora Portuguesa de 1909-1914 e ao manuscrito de 1917? Estão tratadas as famílias *Cucurbitaceae*, *Campanulaceae*, *Lobeliaceae*<sup>374</sup>, *Loniceraceae*<sup>375</sup>, *Valerianaceae*, *Dipsacaceae* e *Ambrosiaceae*<sup>376</sup>, ausentes do manuscrito de 1917. A família *Asteraceae* tem a chave para os géneros. Os 19 primeiros géneros desta família também estão estudados, desde *Micropus* a *Bellis*. Apesar de ser uma flora incompleta representa um avanço em relação aos seus trabalhos anteriores.

### 3D. A Flora Portuguesa e a Iconografia Selecta

Após a morte de G. Sampaio, são publicadas duas obras fundamentais do professor, a Flora Portuguesa (SAMPAIO, 1946) (**Estampa IV.22.**) e a Iconografia Selecta da Flora Portuguesa (SAMPAIO, 1949) (**Estampa IV.23.**).

A «Flora» de G. Sampaio foi publicada sob a direcção de A. Pires de Lima<sup>377</sup>, que subscreve o prefácio da obra, onde relata a sua génese e percalços na sua edição. A. Pires de Lima começa por referir a elaboração do Manual e o impasse na sua conclusão: «Em 1909, começouse o Prof. Gonçalo Sampaio a impressão do seu Manual da Flora portuguesa. [...] Infelizmente, outros estudos solicitaram mais a sua atenção, de modo que o trabalho foi interrompido e não chegou a completar-se. No entanto, mesmo incompleto, este Manual prestou inestimáveis serviços a sucessivas gerações de estudantes, tal era a luminosa clareza e precisão com que estavam organizadas as chaves dicotómicas, qualidades ainda exaltadas pelas figurinhas que ilustravam o texto, desenhadas pelo próprio autor. E, assim, a edição, mesmo incompleta, há muito tempo que está esgotada. Muitas e muitas vezes insisti com o malgrado Professor e grande naturalista, para que terminasse a sua Flora e dela fizesse uma nova edição, não só pela grande falta que estava fazendo, mas por ser, entre as suas obras, a que lhe poderia trazer algumas compensações materiais. Mas o desinterêsse quási mórbido de Gonçalo Sampaio tirava todo o valor a êste argumento ... ».

Seguidamente, A. Pires de Lima menciona quais os elementos utilizados para a edição da Flora. Refere que o texto é uma síntese do Manual de 1909-1914 e de manuscritos posteriores não-

<sup>374</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Campanulaceae*.

<sup>375</sup> Nome actual: *Caprifoliaceae*.

<sup>376</sup> Esta família encontra-se actualmente incorporada na *Compositae*.

<sup>377</sup> Américo Pires de Lima (1886-1966) era médico pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Entra em 1913, para a Faculdade de Ciências do Porto como 2.º assistente. Em 1919, passa a 1.º assistente, atingindo o topo da carreira docente em 1921. Foi director da Faculdade de Farmácia do Porto de 1929 a 1932, e director da Faculdade de Ciências do Porto, de 1935 a 1945. Em 1935, por jubilação de G. Sampaio, sucede-lhe na direcção do Instituto de Botânica. É jubilado em 1956 por atingir o limite de idade. Publica muitos e valiosos trabalhos na área da medicina, da botânica ultramarina e da História da Botânica (GEPB; PIRES DE LIMA, 1942; FCP, 1969:250-259).

publicados. Os géneros *Calendula* a *Hieracium* da família *Asteraceae* que G. Sampaio não tratou em nenhuma obra impressa ou inédita<sup>378</sup>, terão sido elaborados por A. Rozeira<sup>379</sup>. A ordenação do índice dos nomes específicos e da sinonímia foi também inteiramente de A. Rozeira.

A. Pires de Lima salienta ainda a importância e alcance da edição, não deixando de caracterizar a personalidade do mestre: «Esta Flora vem prestar incalculáveis serviços aos que pretendam ou sejam obrigados ao estudo da nossa flora continental. Mas não interessa somente aos estudantes, antes, interessa a todos, mesmo aos naturalistas feitos. Era Gonçalo Sampaio uma personalidade forte, de critério bem marcado, corajoso e original. Não é lícito desconhecê-lo em obediência a certos dogmatismos, que são incompatíveis com o espírito científico, base indispensável de toda a Ciência.». A edição Flora Portuguesa foi custeada pelo Instituto para a Alta Cultura.

A Iconografia Selecta foi publicada pouco depois da Flora. O prefácio é de A. Pires de Lima que explica a origem e objectivos da obra. «Um dos planos que o Prof. Gonçalo Sampaio mais acarinhou foi o de uma Iconografia Selecta da Flora Portuguesa, onde fossem representadas as plantas mais notáveis, acompanhadas pelos respectivos comentários. Para isso conseguiu que, no Orçamento do Estado, em anos sucessivos, lhe fosse concedida uma verba especial consignada. A habilíssima desenhadora D. Sara Cabral Ferreira, sob a orientação constante do Prof. Sampaio, meteu mãos à obra, chegando a desenhar cento e cinquenta plantas. Nessa altura houve quem supusesse dar melhor aplicação àquela verba, transferindo-a para outro destino qualquer. O Prof. Gonçalo Sampaio, com a sua hipersensibilidade, ficou profundamente desgostoso e melindrado, abandonando a sua obra, que deixou incompleta. Este facto determinou que fosse perdido para sempre o texto com que o grande naturalista acompanharia as suas estampas. Além disso, estas cento e cinquenta, de certo, não eram todas aquelas que planeava incluir na sua Iconografia. Assim, mesmo inacabado, pareceu-nos um dever indeclinável dar publicidade ao presente Atlas, que ficará, sem dúvida, um marco importante na Bibliografia Botânica Portuguesa. Isto só se tornou possível, graças ao auxílio precioso do Instituto para a Alta Cultura. Como nem todos os desenhos foram sombreados pela autora, encarregou-se desse

---

<sup>378</sup> G. Sampaio terá tido, recorrentemente, algumas dificuldades em abordar a extensa família das Compostas. Numa carta dirigida a A. Ricardo Jorge, datada de 13 de Agosto de 1917, G. Sampaio parecia querer definitivamente resolver esta dificuldade: «Das plantas que me trouxer carregue nas Compostas quanto possa, porque é o que me falta da Flora e desejo redigir essa parte logo que volte de férias, de modo a estar o livrinho à venda no fim de dezembro» (BNP A/2090). No ano seguinte, em carta datada de 23 de Agosto, escrevia a A. Ricardo Jorge: «A seguir retomarei a Flora, mas os exames não me deixaram fazer nada. Só depois destes é que consegui trabalhar nela regularmente. Estou, portanto, com as Asteraceas a contás, já fiz a chave dos géneros – que ficou excelente – e já tratei alguns destes. Qualquer Asteracea que não possuo será muito bem vinda, se porventura tiver novos exemplares» (BNP A/2027).

<sup>379</sup> Arnaldo Deodato da Fonseca Rozeira era nesta altura professor do 2.º grupo da 3.ª secção da Faculdade de Ciências do Porto (PIRES DE LIMA, 1942).

serviço o desenhador Sr. Francisco de Sousa. As estampas vão com os nomes que o Prof. Gonçalo Sampaio lhes atribuiu. Mas no fim vai uma sinonímia elaborada pelo Dr. Arnaldo Rozeira.».

Que espécies se encontram representadas nesta Iconografia? As que mereceram especial atenção de G. Sampaio e que foram discutidas ao longo das suas publicações científicas. Estão representadas muitas espécies de Brotero e de Link. Diversas espécies e variedades de G. Sampaio. Naturalmente que é dado destaque aos *Rubus* – 30 estampas. O volume termina com uma bibliografia pormenorizada dos autores das espécies representadas.

#### 4. O Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto

Quando G. Sampaio entra como aluno da Academia Politécnica<sup>380</sup> já a instituição possuía um Herbário valioso. J. Casimiro Barbosa<sup>381</sup> (**Estampa IV.24.**) e Joaquim Tavares<sup>382</sup> (**Estampa IV.25.**) tinham herborizado intensamente e recolhido muitos exemplares para o herbário da Academia. Existia uma rica colecção de exemplares recolhidos por Eugène Schmitz (**Estampa IV.26.**) e por Isaac Newton<sup>383</sup> (**Estampa IV.27.**).

Ainda aluno da Academia Politécnica e quiçá motivado por Amandio Gonçalves, lente de botânica, G. Sampaio recolhe plantas para o Herbário da Academia (**Estampa IV.28.**). Quando é

<sup>380</sup> No ano lectivo de 1890-1891 inscreve-se na 7.<sup>a</sup> Cadeira (Chimica inorganica, 1.<sup>a</sup> Parte: Chimica inorganica geral) e na 10.<sup>a</sup> Cadeira (Botanica, 1.<sup>a</sup> Parte: Botanica). No ano lectivo seguinte, 1891-1892 encontra-se inscrito novamente na 7.<sup>a</sup> Cadeira (Chimica inorganica, 1.<sup>a</sup> Parte: Chimica inorganica geral), na 8.<sup>a</sup> Cadeira (Chimica organica e analytica. 1.<sup>a</sup> Parte: Chimica organica geral e biologica. 2.<sup>a</sup> Parte: Chimica analytica), e na 11.<sup>a</sup> Cadeira (Zoologia, 1.<sup>a</sup> Parte: Zoologia). Não se inscreve no ano lectivo seguinte, 1892-1893. Finalmente, no ano lectivo de 1894-1895, encontra-se inscrito nas seguintes disciplinas: 2.<sup>a</sup> Cadeira (Calculo differencial e integral), 4.<sup>a</sup> Cadeira (Geometria descriptiva. 1.<sup>a</sup> Parte), 6.<sup>a</sup> Cadeira (Physica, 1.<sup>a</sup> Parte), 8.<sup>a</sup> Cadeira (Chimica organica e analytica. 2.<sup>a</sup> Parte: Chimica analytica), e 18.<sup>a</sup> Cadeira (Desenho, 1.<sup>a</sup> Parte e 2.<sup>a</sup> Parte). Do curso da Academia Politécnica, G. Sampaio só teve aprovação nas 7.<sup>a</sup>, 10.<sup>a</sup> e 11.<sup>a</sup> Cadeiras (SAMPAIO, 1912b). Portanto, G. Sampaio não termina o curso da Politécnica. Além de frequentar a Academia Politécnica do Porto, G. Sampaio terá frequentado o curso de Matemática da Universidade de Coimbra, onde obteve aprovação em Algebra superior e Geometria analítica. (SAMPAIO, 1912b). A frequência da Universidade de Coimbra deve ter ocorrido no ano lectivo de 1892-1893 e/ou 1893-1894.

<sup>381</sup> Joaquim Casimiro Barbosa (1841-1921) era natural do Porto. Concluiu o curso de farmacêutico na Escola Médico-Cirúrgica do Porto, em 1861. Em 1875, é nomeado 1.º oficial do Jardim Botânico e Experimental da Academia Politécnica do Porto. Em 1913, é chefe dos jardins e arvoredos da Câmara Municipal do Porto. Publicou trabalhos sobre horticultura e jardinagem. Foi redactor do «Jornal de Horticultura Pratica» e colaborou em diversos jornais da especialidade como o «Jornal Horticulto-Agricola» (PIRES DE LIMA, 1942:14).

<sup>382</sup> Joaquim Tavares era jardineiro do Jardim Botânico e Experimental da Academia Politécnica do Porto quando G. Sampaio entrou como naturalista.

<sup>383</sup> Isaac Newton, de ascendência inglesa, nasceu no Porto em 1840. Foi um dos mais notáveis colectores de criptogâmicas portuguesas. Herborizou sobretudo nos arredores do Porto. Os exemplares de algas foram posteriormente estudados por Richter, os musgos e hepáticas por Lindberg, e os líquenes por Nylander. Participou na importante exsicata de algas - «Phycotheca Universalis» de Hanck e Richter (GEPB). Os seus exemplares encontram-se hoje no Herbário do Departamento de Botânica (FCUP). J. SAMPAIO (1946, 1947) descreveu pormenorizadamente a importância de I. Newton no estudo das criptogâmicas portuguesas.

nomeado naturalista<sup>384</sup>, continua as herborizações agora com ainda maior intensidade (**Estampas** IV.29. e IV.30.). Durante mais de uma década irá ter como companheiro das suas herborizações, Edwin Johnston<sup>385</sup> (**Estampa** IV.31.). Encontramos agradecimentos explícitos ao trabalho do colega amador. G. Sampaio escreve no trabalho de 1899 ao referir a descoberta da *Viola collina* Bess.: «foi na volta de um pequeno passeio botânico com o meu amigo Edwin Johnston que encontrei [...]». As cartas de E. Johnston para G. Sampaio revelam um enorme gosto pela botânica e vontade de ajudar o jovem naturalista. Numa carta datada de 10 de Julho de 1905 (**Estampa** IV.32.), escrevia: «*Amigo e Snr. Sampaio: Hontem, sempre consegui arranjar-lhe alguns exemplares da tal Pinguicula, e aguardo as suas ordens a respeito das mesmas. Se quiser, levo-lhe as plantas à sua casa, com muito gosto, como também specimens do Ranunculus Holianus, das margens do Tamega, e [...] Pena é que as Pinguiculas sejam poucas, mas a estação já está bastante adiantada. Se eu soubera em Maio ou Junho que desejava ter exemplares d'estes arredores, facilmente tinha arranjado um bom numero de plantas, pois varias vezes tenho atravessado terrenos nos quaes a Pinguicula é abundante. Queira, pois, avisar-me com antecedencia, sendo possivel, de qualquer planta que lhe possa arranjar, que eu com o maior prazer farei o possivel para executar as suas ordens*». As colheitas de E. Johnston e a ajuda a G. Sampaio continuarão por muitas anos. Num bilhete-postal datado de 3 de Junho de 1913, escrevia para G. Sampaio: «*Estive ante-hontem em Leça do Balio e graças ás informações que me deu, encontrei o Lychnis flos-cuculi, quasi em frente do mosteiro. Como, porém, as plantas eram poucas, só levei comigo uns seis exemplares para seccar. Foi a primeira vez que vi esta planta, a crescer, n'este país*».

G. Sampaio teve também um forte intercâmbio de exemplares de herbário com instituições e sociedades científicas. Destas destaca-se a sociedade alemã dirigida por Otto Leonhardt, sediada em Nossen.

Existe no espólio de G. Sampaio dois catálogos desta sociedade, um referente a 1906/1907 e outro para 1912/1913 («*Doubletten Verzeichnis des Berliner Botanischen Tauschvereins*»). Na introdução dos catálogos era explicado como funcionava a sociedade, que de facto mais se assemelhava a uma firma comercial. Os exemplares eram permutados ou vendidos (a 0,05 marcos cada). Cada sócio

<sup>384</sup> É nomeado naturalista-adjunto da secção de Botânica, por Decreto de 5 de Dezembro de 1901 (DG 1901 12 12). Residia na Rua de Costa Cabral, 1399 (AAPP, 1901-1902). No mesmo Decreto é nomeado António Augusto da Rocha Peixoto, para a secção de Mineralogia, e Augusto Pereira Nobre, para a secção de Zoologia.

<sup>385</sup> Edwin Johnston, de ascendência inglesa, nasceu no Porto em 1841. Era empregado auxiliar de casas comerciais do Porto. De temperamento sério e reservado, ocupava todo o tempo livre no estudo da flora. Nas herborizações, procurava observar com cuidado as fases das plantas, registando as épocas de floração das espécies que encontrava. Faleceu a 7 de Abril de 1917 no Porto. Foi um «dedicado amigo das plantas» (GEPB; HENRIQUES, 1917b). Nas «Notas críticas sobre a flora portuguesa» G. Sampaio dedicou-lhe a *Brassica Johnstoni* Samp.

devia ainda pagar 1 marco por ano de subscrição, e as despesas de envio das plantas. As listas eram extensíssimas e abrangiam fungos, algas, líquenes, hepáticas, musgos, fetos, e fanerogâmicas.

O. Leonhardt escrevia numa carta para G. Sampaio datada de 2 de Março de 1905: *«J'ai reçu vos desiderata et je vous les enverrai á la fin de la distribution avec le compte. En même temps je vous retourne votre liste. J'ai marqué á l'encre rouge combien je désire de chaque espèce. Je me réjouirai beaucoup quand nous pouvons échanger l'année prochaine. Je vous serais obligé si vous pouvez récolter encore d'autres espèces en grand nombre qui ne se trouvent pas dans la liste»*.

O catálogo de 1906/1907 encontra-se muito marcado, e o de 1912/1913 também tem muitas espécies sublinhadas. Existe uma importante factura desta sociedade que mostra que G. Sampaio terá enviado 1.366 espécimes e que terá recebido 1.768 exemplares. O total a pagar era de 39,05 marcos. A factura não está datada, mas na parte inferior, com a letra de G. Sampaio está escrito: *«Pago. Envie cheque em maio de 1908 sobre Hamburg [...] foi em carta registada»* (**Estampa IV.33.**).

Este pagamento talvez tenha ocorrido de facto a 24 de Julho deste ano de 1908, porque existe uma carta de O. Leonhardt, sem data, mas que acusa a recepção deste pagamento (**Estampa IV.33.**): *«Ne sachant pas bien de français je puis vous répondre à présent seulement à votre lettre du 24-7.<sup>o</sup>-1908. D'abord je vous accuse réception de la somme de 39,05 Mk. qui m'est bien parvenu. Vous vous plaignez d'avoir reçu trop peu d'exemplaires mais l'échange ce fait d'après le nombre des unités. Votre compte se ferait donc de la façon suivante : Vous m'avez envoyé : 5030 unités. D'où je déduis 20 pour cent, reste : 4024 unités. Je vous ai envoyé: 3171 unités. Donc je vous dois encore : 853 unités. Il va sans dire que vous recevrez ces 853 unités la prochaine fois. Pour les frais de port et d'emballage j'ai dépensé 7,60 Mk., que vous devez me rembourser d'après les Statuts de la Société. Si je ne vous ai pas envoyé ce compte tout de suite dans le paquet, c'est que je ne sais pas le français ; je suis très étonné que vous soutenez que nos relations seraient désavantageuses pour vous ; c'est injuste, en tout cas. Si j'avais connu le contenu de votre carte du 15-8<sup>o</sup>-1908, je ne vous aurais pas envoyé ma liste de desiderata. Mais j'espère que nous nous comprendrons mieux après ces explications et que nos relations seront bonnes à l'avenir. Si vous restez membre de la Société, je vous prie de m'envoyer les plantes que je désire avoir et je les accepterez avec la valeur que vous avez indiquée»*.

Esta carta é importante porque nos mostra outros aspectos do funcionamento da sociedade botânica dirigida por O. Leonhardt. Dos exemplares recebidos eram descontados 20%, presumivelmente para despesas de manutenção da Sociedade. Este desconto de 20% dos exemplares não se encontra, de facto, explicitado nos catálogos. Pelo conteúdo da carta, sabemos que G. Sampaio estaria desagradoado com o modo de funcionamento da sociedade. Seria por causa desta inesperada

penalização? Com efeito, pelo espólio documental de G. Sampaio, sabemos que as permutas que efectuava eram tipicamente equitativas. Esta carta mostra-nos também, que G. Sampaio já tinha enviado mais de cinco milhares de exemplares de herbário para a sociedade.

Existe ainda um bilhete-postal de O. Leonhardt datado de 22 de Junho de 1909: «*Aujourd'hui je vous adresse trois paquets. J'espère que vous serez satisfait de mon envoi, qui contient de tres belles plantes. Je vous prie, Monsieur, de vouloir bien m'envoyer la cotisation et les frais de port de l'année, en somme Mark 15,20*». Não existe no espólio de G. Sampaio mais documentos epistolares da sociedade de O. Leonhardt.

O elevadíssimo número de exemplares de herbário que G. Sampaio enviou para esta Sociedade demonstra bem a sua grande capacidade de organização e de trabalho.

##### 5. G. Sampaio e Carlos Pau – o projecto da Flora Ibérica

A correspondência entre C. Pau<sup>386</sup> e G. Sampaio é muita extensa e abrange mais de três décadas (**Estampa IV.34.**). Nela se espelham as vidas e obras dos dois botânicos<sup>387</sup>. A sua análise contribui

---

<sup>386</sup> MATEO SANZ (1995a) publicou uma biografia detalhada de C. Pau, de onde extraímos os seguintes elementos mais relevantes. Carlos Pau Español (1857-1937) nasceu em Segorbe (Castellón, Valencia). Licenciou-se pela Faculdade de Farmácia de Barcelona em 1882, e doutorou-se pela Universidade de Madrid, em 1884, com uma tese sobre as Ranunculáceas e suas propriedades farmacêuticas. Regressa então a Segorbe. Em Olba, instala uma botica de farmácia e herboriza intensamente. Dirige uma botica de farmácia em Gea de Albarracín, no verão de 1886. Conhece o padre e naturalista e entomologista Bernardo Zapater. Em Setembro de 1886, instala-se definitivamente em Segorbe, montando uma botica de farmácia. Não mais abandonará Segorbe, excepto para curtas excursões botânicas e uma expedição a Marrocos. Conhece então o botânico espanhol Francisco Loscos, com quem privou pouco tempo, em virtude do seu falecimento em Novembro de 1886. Contacta com o padre Antonio Badal Solsona, com Juan Ruiz Casaviella, José Pardo Sastrón. Do estrangeiro, corresponde-se com J. Lange, A. Todaro, D. Halacz, A. Callier, K. Richter, M. Willkomm, K. Christ, F. Crépin, W. Bernaulli, C. Magnier, Foucault, E. Reverchon, M. O. Debeaux, E. J. Neyraut, L. Lhomme, D. Stapf e L. Giraudias. Entre 1887 e 1895 publica as «Notas botánicas a la flora española» sobre a flora de Teruel e Castellón. Em 1891, inicia a sua colaboração com a revista «Actas de la Sociedad Española de Historia Natural» - entre 1893 e 1900 publicará 42 trabalhos nesta revista. Em 1902, é sócio da Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales, recentemente criada em Saragoça. No «Boletín de la Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales» publica 40 trabalhos, entre 1902 e 1914. No «Bulletin de la Institución Catalana de Historia Natural» publica 11 trabalhos, entre 1906 e 1914. Contacta com Benito Vicioso, Joan Cadevall, Ángel Sallent, Estanislao Vayreda e Adeodat Marcet. Mantem uma intensa troca epistolar e de plantas com B. Merino, botânico jesuíta que vivia em La Guardia, na Galiza, e com Fr. Sennen, padre francês que, ainda jovem, se estabelece em Barcelona. Participa activamente na excicata de Sennen, «Plantes d'Espagne». Contacta também com Longinos Navás, padre jesuíta, que vivia em Saragoça, especialista em líquenes e insectos. Do estrangeiro relaciona-se com N. Kheil, H. Léveillé, G. Beauverd, R. von Wettstein, A. von Hayek, E. Janchen, H. Gross, L. H. Knoche, L. Hémet, C. Pitard, R. H. Chodat e D. Praui. No período final da sua vida (1915-1937) faz uma excursão a Marrocos, em Abril-Junho de 1921. É director da «Cavanillesia». Publica na «Broteria», em «Le Monde des Plantes», no «Boletín de la Sociedad Ibérica de Ciencias Naturales» e no «Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural». Publica uma flora de Granada, uma de Almería, e uma de Marrocos. Contacta con Font Quer («prestigioso y enciclopédico botánico catalan»), Carlos Vicioso, Emilio Huguet del Vilar (que se dedicava à geobotânica e à edafologia - «personaje bastante singular hombre europeísta, muy culto y polifacético»), Arturo Caballero, R. González Fragoso (a quem enviava plantas infectadas com fungos parasitas), Francisco Beltrán, Mariano Losa (professor de botânica em Barcelona durante o pós-guerra), Manuel Vidal, José Cuatrecasas («hombre laborioso y brillante, que, apoyado de cerca de FontQuer y a distancia por Pau, accede antes de cumplir los treinta años a la cátedra de Botánica de la Facultad de Farmacia de Madrid»). No estrangeiro comunica com R. Maire, E. Jahandiez, C. d'Alleizette, P. Allorge, C. Lacaita, O. Gavioli, J. S. Gilmour, A. W. Hill, B. A.

para um melhor conhecimento da Botânica peninsular nos inícios do século XX. No espólio documental de G. Sampaio existem as cartas enviadas por C. Pau a G. Sampaio. LAÍN Z (2000, 2001) transcreveu muitas das cartas enviadas por G. Sampaio a C. Pau que se encontram hoje no Instituto Botânico de Barcelona, assim como muitas das cartas enviadas por C. Pau a G. Sampaio que se encontram no seu espólio documental (Departamento de Botânica, Faculdade de Ciências do Porto), a que Laínz teve acesso). É assim possível reconstituir grande parte do intercâmbio epistolar entre estas duas figuras cimeiras da Botânica peninsular do início do século XX.

Foi através de B. Merino<sup>388</sup> que se iniciou a troca epistolar entre G. Sampaio e C. Pau. O botânico jesuíta escrevia a C. Pau numa carta datada de 14 de Fevereiro de 1900: «He invitado al Sr. Gonzalo Sampaio, encargado del Jardín Botánico de Oporto, a entrar en relaciones con Vd.» (LAÍN Z (2000:365). G. Sampaio terá tomado a iniciativa de escrever a C. Pau, enviando alguns dos seus trabalhos publicados e indagando do interesse do botânico catalão em trocar plantas de herbário. C. Pau responde positivamente numa carta datada de 5 de Janeiro de 1903<sup>389</sup>: «Segorbe. [...] He leído con gusto su trabajo *Plantas nuevas*<sup>390</sup> [...] Mis deseos son igualmente conocer la flora portuguesa que hoy desconozco por completo. Indicaré V. condiciones y órdenes, pues yo tendré mucho gusto en complacerle en todo cuanto me sea posible; el número puede V. indicarlo. Yo podría fácilmente proporcionarle hasta 600 formas españolas y que tengo de años anteriores. Más adelante remitiré a V. una muestra de más plantas, ó mejor dicho, le haré a V. participe de mis campañas botánicas anuales, recogiendo a su intencion un ejemplar de todas las especies que recogiera en mis viajes. Mis

---

Fedtschenko, M. M. Iljin, G. I. Sirjaev, H. Reese, K. Ronninger, F. L. Diels, C. Faust e W. Rothmaler. O seu herbário, quicá o melhor herbário particular da Península, contava com 100.000 espécimes. A sua biblioteca continha 700 volumes.

<sup>387</sup> MATEO SANZ (1996) descreveu, com muita pertinência, o método de trabalho de C. Pau – construção e manutenção de uma gigantesca teia de colaboradores e colectores de plantas por toda a península: «su labor como coordinador de una importante red de recolectores y aficionados, gracias a lo cual desarrolló, en la práctica una especie de cátedra popular abierta, que contribuiría decisivamente a la formación botánica e incluso a la profesionalización de numerosos e importantes especialistas de finales del pasado y primera mitad de éste». Esta também era a forma de trabalhar de G. Sampaio. No entanto, enquanto que G. Sampaio enriquecia o Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto, C. Pau construía um herbário excepcional, mas particular: «pero esa labor, no remunerada y, en principio, desarrollada con una generosidad y diligencia que cuesta creer a quien no ha leído esa exhaustiva e incontestable documentación de primero mano a que nos estamos refiriendo, le revierte a él el beneficio de los envíos regulares de plantas de los más variados orígenes; gracias a lo cual pudo llegar a estar en condiciones de elaborar el que fue probablemente el herbario privado más completo y valioso que se ha formado en nuestro país, y con ese valioso material en su poder tener la visión de conjunto más completa que en su época tuvo nadie sobre la flora española».

<sup>388</sup> P.<sup>o</sup> Baltasar Merino (1845-1917) realizou os seus estudos teológicos nos E. U. A. Viveu no seminário de Porto Rico, mas o seu estado de saúde obrigou-o a regressar à Galiza. Ensina e investiga no Colegio del Pasaje, onde viverá quase até aos seus últimos dias. Os seus primeiros trabalhos são dedicados à meteorologia, mas, a partir de 1890, a sua atenção focaliza-se no estudo da flora galega. Publica uma Flora da Galiza (três volumes, publicados em 1905, 1906 e 1909), seguida de várias «Adições», publicadas na revista Broteria, serie Botanica (LUISIER, 1917). A bibliografia de B. Merino está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/>

<sup>389</sup> Citada e transcrita parcialmente por LAÍN Z (2001:332).

<sup>390</sup> C. Pau estaria a referir-se aos trabalhos: SAMPAIO (1899b, 1899c, 1900b, 1900c, 1903a).

*formas nuevas, siempre que poseo ejemplares para repartir, son las primeras especies que comunico; muchas las tengo agotadas, pero de bastantes puedo disponer de ejemplares que tendré cuidado de mandarlos á V.»*. No final deste ano de 1903, C. Pau insiste na troca de plantas numa carta datada de 4 de Novembro<sup>391</sup>: «*Segorbe. [...] rendirle a V. el ofrecimiento de plantas españolas que a V. hice el año pasado. Pues bien, a fines de año podré remitirle a V. sobre 500 especies de fanerogamicas; V. me las devolverá en plantas fanerogamicas portuguesas cuando pueda y lo venga bien. Pude V. tomar le tiempo que le plazca. Como estoy muy ocupado, no puedo mandárselas a V. enseguida como eran mis deseos; pero lo haré. Estoy en deuda con el Sr. Henriques*<sup>392</sup>». O envio de plantas de C. Pau para G. Sampaio concretiza-se alguns meses depois. Numa carta datada de 14 de Abril de 1904 C. Pau escrevia a G. Sampaio<sup>393</sup>: «*[...] Segorbe. Tengo el gusto de participarle que ayer saliera para V. dos paquetes de plantas y que celebraré que sean de su agrado. Estoy convencido de que nuestras floras respectivas no podrán nunca llegar á un estado completo de conocimiento, sin una union sincera y franca, asi sea necesaria igualmente, de los botánicos portugueses y españoles. Existe tal relacion entre ambas floras que nada puede hacerse en una región sin la otra. Fue un gran bien para la flora portuguesa la adquisición por el Sr. Henriques del herbario de Willkomm*<sup>394</sup>. Pueden contar conmigo incondicionalmente todos los botánicos portugueses; y siento en el alma, no haber procurado conocer mucho antes á V.<sup>os</sup> para que mis colecciones hubieran podido ser por V.<sup>os</sup> conocidas y poseídas. Bastante progresó la flora portuguesa en estos últimos años; mas creo que ahí deberán descubrirse mil especies más que no se citan, siendo como son vulgares, frecuentes y abundantes en esta parte de la Peninsula. Teniendo el gusto de repetirme de V. muy servidor, queda deseándole salud este su aff.<sup>mo</sup>»». C. Pau salientava assim a importância da cooperação entre botânicos portugueses e espanhóis no estudo da flora ibérica. Este intercâmbio devia abranger a troca de plantas e de opiniões sobre a taxonomia das plantas ibéricas e a elaboração de uma Flora da península. O primeiro desiderato iria concretizar-se. Infelizmente, o segundo não se efectivaria.

G. Sampaio recebe as plantas e responde logo a 18 de Abril de 1904, lamentando não poder nessa altura retribuir as plantas enviadas por C. Pau: «*Infelizmente não me é possível retribuir condignamente a V. Ex.<sup>a</sup> nesta ocasião - o que muito sinto – porque por motivos de pouca saúde e excesso de trabalho, tanto no professorado como na imprensa diária*<sup>395</sup>, onde ganho o pão da família,

<sup>391</sup> Citada e transcrita parcialmente por LAÍN Z (2001:332).

<sup>392</sup> C. Pau referia-se a J. Henriques.

<sup>393</sup> Citada e transcrita em LAÍN Z (2000:366).

<sup>394</sup> Ver capítulo IV.2A.

<sup>395</sup> Ver capítulo I.

não pude realizar grandes colheitas no anno pasado [passado]. Demais acontece que tendo há pouco feito as distribuições para os botânicos e museus estrangeiros com que este Jardim Botânico permuta, esgotei quasi completamente os duplicados. Nos fins de junho remetterei a V. Ex.<sup>a</sup> uma collecção de plantas tam considerável quanto me seja possível; ao presente apenas lhe poderei enviar um pequeno pacote, contendo algumas plantas interessantes da flora portugueza, entre as quaes algumas espécies de *Rubus* que se encontram na Galiza. Actualmente interesso-me muito por este género [...]» (LAÍN Z, 2001:332). A esta carta respondeu C. Pau poucos dias depois, a 27 de Abril de 1904<sup>396</sup>: «*En mi poder su grata del 18: no hay prisa en recibir sus plantas; cuando V. pueda, puede hacerlo. Respecto a mis proximas campañas he de decir a V. que este año me será imposible salir un paso de casa, tengo ya dos o tres meses a mi buena madre delicada, y la ancianidad es muy egoísta; así es que de buena voluntad y por complacer al único ser que tengo en el mundo, querido, [...] aquí, hasta que pueda hacerlo, si puedo hacerlo. Del género *Rubus* poseo varias formas nuevas (*R. Francosianus*, *R. Merinoi*<sup>397</sup>, *R. galloecicus*, *R. lucensis*, *R. profundus* ...) que, ciertamente, alguno ha de pertenecer a las nuevas de V. igualmente. Menos el *R. Merinoi* que es forma hermosísima. Yo no poseo ejemplares, pero quizás el P. Merino guarde alguno del *Merinoi*, y aunque solamente se lo comunique merece la pena verlo. Cita V. los *R. Genevieri*<sup>398</sup> y *R. Koehleri*<sup>399</sup>, que en Galicia no se han descubierto en su forma típica. El *Koehleri* pertenece a mi variedad *galloecicus* n. v.; y el *Genevieri* típico, que lo juzgo sinónimo de *Babingtonii*<sup>400</sup>, no lo he visto de Galicia más que una forma del *R. fuscus* Wh. N., que bien puede asimilarse al *Genevieri*: hay dos formas: *R. Francosianus* mihi f.<sup>a</sup> *microacanthus*; *R. Francosianus* mihi f.<sup>a</sup> *macroacanthus*. Para distinguirlo del *Genevieri* basta ver el envés de las hojas, velloso-tomentoso. Se V. ha propuesto alguna especie afine de estas dos especies (*Koehleri* et *Genevieri*), con seguridad pertenecen a estas indicadas, por no existir otras en Galicia conocidas hasta hoy. El P. Merino me pidió las descripciones de las especies nuevas y en ello andaba cuando recibí su carta: por su contenido deduzco que vamos a tomar por especies nuevas las mismas formas probablemente, y yo siento no poder participarle a V. ejemplares míos por únicos en mi herbario. Agradeceré a V. que, si no lo es enojoso, me proporcione muestras de V., para no perjudicarle a V. adelantando las descripciones o aumentando los sinónimos. Sentiria únicamente que el *R. Merinoi* estuviera descrito por V., tratándose del P. Merino. Los demás, creama que me son indiferentes por*

<sup>396</sup> Citada e transcrita em LAÍN Z (2001:333).

<sup>397</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Rubus merinoi* Pau ex Merino.

<sup>398</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Rubus genevieri* Boreau.

<sup>399</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Rubus koehleri* Weihe & Nees.

<sup>400</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Rubus babingtonii* T.B.Salter.

*tratarse de un género que más o menos tarde ha sufrir un estudio serio y filosófico, y las consecuencias [...] un desmoche terrible de especies. He traído de los Pireneus aragoneses dos especies nuevas, también del grupo Radula; describo otro Rubus nuevo de Huelva. Y en mi herbario existen varias formas para mí desconocidas procedentes de Cataluña. Pero no tengo tiempo por atenciones de la botica, y por el estado de excitación [...] la enfermedad de mi buena madre».*

Neste ano de 1904 G. Sampaio terminava o seu monumental estudo sobre os *Rubus* portugueses e a resposta de C. Pau, muito pormenorizada e receptiva em relação a este grupo de plantas com a indicação de uma espécie nova – *R. merinoi*<sup>401</sup>, que desconhecia (e não existia em Portugal), terá agradado sobremaneira a G. Sampaio. A 10 de Agosto de 1904, G. Sampaio escreve a C. Pau. LAÍN Z (2000:366) resume o conteúdo desta missiva: «anuncia envio de cien pliegos ulteriores – de *Rubus* en especial – y se interesa por conocer, sobre todo, el *Rubus merinoi* Pau». Mas as plantas prometidas por G. Sampaio tardam em chegar a Segorbe e C. Pau escreve uma carta a 28 deste mês de Agosto de 1904<sup>402</sup>, focalizado em receber plantas portuguesas em troca das que tinha enviado: «*Todavía no he recibido sus plantas de V. y le ruego se sirva decirme a qué estación facturó el paquete. Si no lo hubiera hecho sería para mí más conveniente el que fuera a Sagunto. Las plantas que a mí en primer lugar me interesan son las de la Península, y de Portugal las formas propias de esta flora: de la isla de Madera, no siendo alguna especie que exista en las floras mediterráneas, no me importan. Del Rubus Merinoi no poseo más que un solo ejemplar, que proporcionaré a V. apenas pasen unos días, pues hoy tengo bastante que hacer con las plantas de mis amigos españoles. Ya me lo devolverá V. cuando le convenga, pues no tengo prisa por hoy. No creo que V. haya [...] esta especie. En las muestras del P. Merino hay un inconveniente, porque la inmensa mayoría, sobre todo los ejemplares de años atrás, no trae fragmentos de ramos esteriles (turiones)*<sup>403</sup>. *No me cabe duda alguna de que muchas especies propuestas por V. existen en Galicia y existen en mi coleccion; algunas coincidirán con las especies a V. indicadas, pero no han sido publicadas esperando que el P. Merino me las completara. Si de ellas poseyera más de que un ejemplar ya se lo proporcionaré a V. Ahí en las cercanias de Oporto existen, según los autores, bastantes formas propias de Portugal y que no poseo: quedaría muy agradecido a V. si pudiera proporcionármelas para mi coleccion. No tengo prisa en recibir las plantas que V. me*

<sup>401</sup> Descrito por C. Pau no «Boletín de la Sociedad Aragonesa de Ciencias Naturales» de 1904 (volum 3).

<sup>402</sup> Citada e transcrita em LAÍN Z (2001:333-334).

<sup>403</sup> As características que, à época, eram consideradas como as mais relevantes para a taxonomia deste género eram as dos caules estéreis (turiões) e a cor, forma e comprimento dos órgãos florais, as quais foram utilizadas por G. Sampaio no seu estudo monográfico sobre os *Rubus* portugueses (SAMPAIO, 1904e). Para uma correcta identificação, os exemplares de *Rubus* deviam possuir os caules estéreis e o órgãos florais.

ofrece; poco a poco ya hará V. lo que buenamente pueda; y si no puede V., por más que lo sienta y lo lamente, no por eso he de incomodarme con V. ni tenerle resentimiento alguno».

Esta carta chega ao Porto em poucos dias. G. Sampaio responde a 1 de Setembro de 1904: «Creio que lhe remetti algumas espécies que o devem interessar; brevemente remeterei outro pacote. Se V. Ex.<sup>a</sup> quizesse ter esse incómodo, poderia enviar-me uma lista das espécies de Portugal que mais deseja possuir e eu farei o possível por lhe enviar exemplares d'essas espécies» (LAÍNIZ, 2001:334). Neste lote de plantas, G. Sampaio enviava diversos exemplares de *Rubus*, alguns de espécies e variedades novas para a ciência, por si propostas. Durante o seu trabalho de revisão dos *Rubus* portugueses, tinha acumulado um grande número de exemplares. Tinha certamente muitos duplicados. É também muito provável que G. Sampaio, ao enviar o material para C. Pau, esperasse receber em troca alguns comentários, que poderiam ser úteis para o trabalho que ultimava. Efectivamente, C. Pau, numa carta resposta de 11 de Setembro de 1904<sup>404</sup> anuncia finalmente o envio do exemplar do *R. merinoi* e continua a discussão da sistemática e taxonomia deste difícil género das Rosacéas, iniciada na carta de 27 de Abril deste ano: «Remito la muestra del *Rubus Merinoi* para que V. la conozca. No tengo otro ejemplar; a tener otro, no tendria inconveniente en ofrecerselo a V., pero V. muy bien comprendera que tratandose de ejemplar único, no es conveniente desprenderme de él. De los *Rubus* de V., únicamente el *R. Henriquesii* Samp.<sup>405</sup> (*R. lucencis* Pau hb) ha sido recogido por el P. Merino en Cabañas (Ancares). Es más parecido a la muestra de Jerez, pero las hojas no son más vellosas en el envés, estípulas filiformes, más grácil; pero creo entra bien en el tipo *R. Henriquesii*. El *R. lusitanicus*<sup>406</sup>, no! ha sido recogido por el P. Merino todavía, en Galicia: a mí no me lo ha remetido. *R. galloecicus* Pau hb. – Entre *R. babingtonii* et *Genevieri* -. Tallos floríferos robustos, aguijones mayores: floribundus. Muy parecido al *R. brigantinus* Samp.<sup>407</sup>, pero más gladulífero y aguijones menores: panoja floribunda, etc. – El *Rubus elatior, villicaulis*<sup>408</sup> [...] si que vive en Galicia. Las plantas portuguesas que a mí más me convienen y vería con placer son las que pertenecen a las especies típicas de Brotero, Mariz, Henriques, de V., etc. Las de Link, Hoffmansegg, Welwitsch ... Es decir: las propias de la flora de Portugal. Agradezco mucho los estudios que V. ha hecho sobre el

<sup>404</sup> Citada e transcrita em LAÍNIZ (2001:334-335).

<sup>405</sup> Espécie nova para a ciência, publicada a 15 de Outubro de 1903 (SAMPAIO, 1904a). A ortografia actual do nome da espécie é *Rubus henriquesii* Samp.

<sup>406</sup> Teria G. Sampaio enviado um exemplar do *Rubus lusitanicus* var. *signifer* Samp., uma variedade nova que publicaria pouco tempo depois (SAMPAIO, 1904e)?

<sup>407</sup> Espécie nova para a ciência, publicada em Janeiro de 1904 (SAMPAIO, 1903b)

<sup>408</sup> Teria G. Sampaio enviado um exemplar do *Rubus villicaulis* Koehl. var. *beirensis* Samp., uma variedade nova que tinha sido publicada em Janeiro de 1904 (SAMPAIO, 1903b)? Esta variedade seria retirada em SAMPAIO (1904e), sendo substituída por *Rubus obtusangulus* Greml. raç. *beirensis* (Samp.) Samp.

género *Spergularia*<sup>409</sup>. Y me voy a permitir indicarle que la *Sperg. purpurea* P., según ejemplares que recogí en Aranjuez (1. class?), para mí es sinónimo de la *Sp. longipes* (Lg.)<sup>410</sup>, muestra que he visto con frecuencia en la provincia de Madrid. La *Sp. diandra* creo que ha de existir en Portugal<sup>411</sup>, pues yo la poseo o la he recogido desde Castilla la Vieja hasta la Bética. Aquí en España creo que es la especie más vulgar y frecuente. Por estas razones yo creo, y repito, que la *Sp. diandra* debe encontrarse en Portugal, siendo como es muy vulgar en toda la parte de la Península por mi conocida».

G. Sampaio envia para C. Pau mais plantas, assim como o monumental trabalho «Notas criticas» que recentemente tinha publicado. O botânico espanhol escreve numa carta datada de 19 de Janeiro de 1905<sup>412</sup>: «Segorbe [...] En mi poder las plantas y el folleto que se ha servido V. comunicarme por todo lo cual le manifiesto mi agradecimiento. Entre ellas veo la *Centaurea Fraylensis*, que no poseía, y le doy un millón de gracias por habermela proporcionado: ella sola, vale por ciento. Mis plantas no tardaran en ir y mañana mismo comenzaré á prepararlo. Hubiera visto con agrado algunas formas que V. trae en sus “Notas criticas” como [Segue-se uma discussão das espécies descritas por G. Sampaio neste trabalho] *Le felicito por sus descubrimientos y porque adivino en V. al futuro autor de la flora portuguesa. Yo creo que seria á V. fácil publicarla un poquito más seria que la italiana de Arcangeli* [G. Arcangeli], más detenida que la reciente de Battandier y Trabut, menos apasionada y farragosa que la de Rouy<sup>413</sup> [...] los autores alemanes le pueden servir de buen ejemplo; yo estoy muy entusiasmado con sus producciones, porque son el único freno que puede contener las escapadas de la escuela francesa, parcial y envidiosa como nadie. De “falsa y envidiosa” la motejó *Bubani!* [...]». No fim da carta, C. Pau pergunta a G. Sampaio se existe alguma biblioteca de botânica à venda: «Si por casualidad se enajenara alguna biblioteca portuguesa en donde existieran libros clásicos de botánica, agradecería á V. se sirviera tomarse la molestia de participarmelo pues, con el precio, se podria hacer alguna compra». Pergunta também se existe algum herbário português

<sup>409</sup> C. Pau referia-se ao trabalho monográfico sobre o género *Spergularia* (SAMPAIO, 1904d), datado de Março de 1904, que G. Sampaio lhe teria enviado. Pelo que escreve, de seguida, nesta carta, C. Pau não concordava com algumas das opiniões expressas por G. Sampaio, sobre a sistemática e taxonomia deste género.

<sup>410</sup> Pelo contrário, G. Sampaio tinha considerado a *Spergularia longipes* Lge., como uma variedade da *Spergularia purpurea* (Pers.) G. Don.: «Seja como for, o que não se póde admittir mais é o erroneo conceito de Lange e outros botanicos que filiam a *S. longipes* no mesmo grupo específico da *S. campestris*. Collocando-a como simples variedade da *S. purpurea*, a que refiro a planta da margem do rio Douro, não faço mais do que pôr-me em harmonia com os factos sobre as relações das fôrmas, sem me atrever a assegurar definitivamente que a planta portuguesa corresponde na realidade á especie de Pers.» (SAMPAIO, 1904d). G. Sampaio manterá esta opinião na «Lista das espécies» (SAMPAIO, 1913b:79).

<sup>411</sup> Pelo contrário, G. Sampaio não admitia a existência, em Portugal, da *Spergularia diandra* (Guss.) Boiss. Manterá esta opinião na «Lista das espécies» (SAMPAIO, 1913b:79).

<sup>412</sup> Citada e transcrita na integra em LAÍN Z (2001:335).

<sup>413</sup> G. Rouy, E.-G. Camus & J. Foucaud publicaram, entre 1893 e 1913, uma flora de França, em 14 volumes.

disponível para compra: «*Lo mismo compraría un herbario portugues (unicamente) si por casualidad supiera V. de alguno que lo quisiera vender; pero habia de poseer de mil especies por arriba, y no ser exajerado el precio*».

Alguns meses depois, numa carta datada de 22 de Maio de 1905<sup>414</sup>, C. Pau recorda a G. Sampaio que ainda não lhe tinha devolvido o exemplar do *Rubus merinoi* emprestado e manifestava a sua vontade de conhecê-lo pessoalmente: «*Segorbe [...] Mi permito recordarle á V. la muestra del Rubus Merinoi que todavía no he recibido, y como V. puede suponer, tengo necesidad de poseerla. Ya encargaré al P. Merino me procure algunos pies más adelante pues tendría gusto en repartirla. [...] Tengo también deseo de recorrer el norte de Portugal; y espero entonces hacer conocimiento personal de V., más ahora no podrá ser porque mi buena madre no me deja, ni yo lo intentaré*». No fim da carta insistia: «*¿Existe en Portugal algún botánico que se dedique á la venta de las plantas?*».

O intercâmbio epistolar continuava em 1906. Numa carta com data de 2 de Fevereiro<sup>415</sup>, escrevia C. Pau a G. Sampaio: «*Segorbe, El Prodromus Florae Hispanicae, de los autores Willkomm y Lange, fue obra producida muy a la ligera, y con desatencion grande en lo que corresponde a la bibliografía española, que desdeñaron, o que no poseían. Le deseo bueno resultado en el «Manual da Flora Portuguesa»<sup>416</sup> y celebro mucho conocer sus intenciones de producir una obra de más empuje. [...] Agradeceré a V. mucho poseer las plantas que V. pueda proporcionarme este verano, y recibiré con agradecimiento las nuevas y raras que V. indica en su carta. Yo pienso ir, si el tiempo es lluvioso, a Sierra Morena; veremos lo que hago; pero no puedo apartarme hoy muy lejos, por cuestiones de familia. Yo deseo visitar de Portugal la Sierra de la Estrella, pero me es imposible por causa de no poder abandonar mi buena madre sufre infinito cuando estoy ausente, y yo no tengo otra obligación que complacerla y esperar tiempos peores para explorar lejanas tierras. Con mucho sentimiento, pero sin violencia, me veo reducido hoy a no pasar fuera del pueblo más de seis u ocho dias*». No ano seguinte, a 30 de Abril de 1907, G. Sampaio escreve a C. Pau. LAÍN Z (2000:366) resume o conteúdo desta correspondência: «*pide a Pau materiales autenticos de plantas diversas, muy en especial dos Brassica, en préstamo si es preciso, y anuncia envió de paquete*».

Durante dois anos a correspondência entre os dois botânicos parece ter-se interrompido, para se reactivar em 1910. Numa carta com data de 14 de Setembro<sup>417</sup>, C. Pau escrevia para G. Sampaio: «*Segorbe, He tenido sumo gusto el ver carta de V. por aquí, después de tanto tiempo que nuestras*

<sup>414</sup> Citada e transcrita na íntegra em LAÍN Z (2001:336).

<sup>415</sup> Citada e transcrita na íntegra em LAÍN Z (2001:336).

<sup>416</sup> A publicação do Manual da Flora Portuguesa só se iniciaria em 1909.

<sup>417</sup> Citada e transcrita na íntegra em LAÍN Z (2001:337).

*relaciones científicas fueron interrumpidas. He pasado dos años de muchos afanes y trabajos y no pude dedicar á las plantas más que alguno que otro rato; el año próximo creo estaré listo como años anteriores y no tendré inconveniente a proporcionarle plantas del país. Por este año no puedo ofrecer nada á los amigos porque mis viajes fueran visitas y no herborizaciones serias». No ano seguinte, a 24 de Abril<sup>418</sup> nova carta de C. Pau para G. Sampaio: «Segorbe, [...] me apresuro a contestar á V. comenzando por mostrarle mi agradecimiento por la señalada distinción que V. me dispensa, solicitando mi colaboración para los anales de la Academia Polytechnica do Porto, y á la cual no puedo negarme y si aceptar muy reconocido á su atención de V. Puede V., pues, contarme entre los colaboradores. Comenzare, por consiguiente, con un trabajito ligero sobre las plantas del Riff (Marruecos) que recogí en mi visita del año pasado y daré las descripciones de las formas nuevas. Y, probablemente, podré remitir durante al año alguno que otro artículo sobre flora peninsular».*

Em Maio de 1909 G. Sampaio tinha iniciado a publicação, em fascículos, do Manual da Flora Portuguesa, que pretendia constituir uma nova Flora de Portugal. Em Janeiro de 1912 tinham sido editadas as páginas 321-336, mas a obra estava longe de estar terminada. G. Sampaio numa carta datada de 13 de Março deste ano de 1912, imputava parte das dificuldades à situação do país: «A agitação política em que se tem encontrado Portugal obriga-me a constantes interrupções no meu trabalho botânico, algumas bem demoradas. Deus queira que isto sossegue, para ver se consigo acabar a impressão de minha Flora, há já três annos em impressão typográfica!» (LAÍNZ, 2001:338). C. Pau respondia logo a 18 de Maio de 1912<sup>419</sup> em tom positivo, conhecendo bem o que significava a gigantesca tarefa de escrever uma flora mesmo de um país pequeno como Portugal: «Segorbe, [...] *Casi es un bien que demoré V. su flora porque algo nuevo añadirá V. y algo igualmente corregirá, pues, los días no pasan inútilmente para el estudioso. [...]*»

Com a publicação das «Lista das espécies» e seus três apêndices, 1913 e 1914 constituíam dois anos chave na vida e obra de G. Sampaio. As questões da nomenclatura botânica emergiam com toda a intensidade no trabalho de G. Sampaio. O segundo apêndice era publicado a 14 de Fevereiro de 1914. Numa carta para C. Pau datada de 2 de Março deste ano, G. Sampaio revelava o seu total enfoque nas questões nomenclaturais. LAÍNZ (2000:366) sintetiza-a da seguinte forma: «referente a los “géneros *Armeria* y *Limonium*” pero cuyo propósito evidentísimo es atraer a Pau a puntos de vista nomenclaturales que hacen de Sampaio un autor heterodoxo en alguna medida».

<sup>418</sup> Citada e transcrita na íntegra em LAÍNZ (2001:337).

<sup>419</sup> Citada e transcrita na íntegra em LAÍNZ (2001:338).

A troca epistolar parece interromper-se em 1915 e 1916. Em Maio de 1917 G. Sampaio participa no Congresso de Sevilha da «Asociación Española para el Progreso de las Ciências» onde apresenta um trabalho sobre «Os líquenes espanhoes do Herbarium Willkomm». Todavia C. Pau não participa no Congresso – mais uma vez o encontro pessoal entre os dois botânicos peninsulares, ambicionado há mais de uma década, ficava adiado. Nesta reunião, terá sido decidido que o Congresso a realizar em 1921, teria lugar no Porto. De regresso à cidade onde residia, G. Sampaio escreve a C. Pau a 10 de Maio. LAÍNZ (2000:366) resume o conteúdo desta correspondência da seguinte forma: «Sampaio, gratamente impresionado por el ambiente andaluz, toma parte allí en el Congreso de la Asociación Española para el Progreso de las Ciencias – lamenta que no hubiera ido Pau, quien por lo visto no era muy de congresos – y allí se le ha dicho que tenía la intención el de Segorbe de visitarle pronto en Oporto, lo que celebra mucho. Le pide, además, que no deje de asistir en 1921 al congreso luso-hispano de Oporto, que acaba de convocarse».

Seguem-se vários anos de aparente incomunicabilidade epistolar. O avizinhado Congresso do Porto reactiva a comunicação, mas infelizmente o encontro pessoal entre ambos não se concretizaria mais uma vez. C. Pau escrevia para G. Sampaio a 8 de Abril de 1921: «*Segorbe, Yo tambien tengo ganas de conocer a V. personalmente y si puedo, procuraré acudir al congreso, por mas que siempre he procurado apartarme de la gente de Madrid, por no haber padecido de los de esa Corte mas que perjuicios y molestias sin cuento. Pero, por complacerle a V. acudiré, aunque solamente lo haga por una sola vez. Quería ir a baños este mes de junio; pero, para que vea V. que mis deseos de conocerle son grandes, dejaremos para julio mis baños y lo cambiaremos por la visita a Porto. Será probable que salga esta semana próxima para Marruecos, en donde pienso estar unos dos meses; recorreré y estudiaré detenidamente Tánger, de donde me faltán la mar de tipos clásicos de esta interesante localidad; después, pasaré a Tetuan para terminar en Sexahuen. El viaje no está del todo decidido; quizás me arrepienta a última hora; pero, mi intencion es visitar Marruecos este mes de Abril y de Mayo. [...] He tenido la fortuna de poder estudiar con entera libertad el herbario de Planellas; cuando se publique en Broteria, verá V. allí lo que me parecen algunas especies de este botánico. Le agradezco en el alma sus delicadas invitaciones i ofrecimientos, que estimo en mucho y que tengo a mucho honor; estas delicadas invitaciones me obligan a no negarme y a manifestarle a V. mi sincero agradecimiento, del modo mas completo que me sea factible; y creo que no hay mejor, que non negarme a su peticion*». Após a realização do Congresso do Porto G. Sampaio escreve a C. Pau uma carta datada de 10 de Agosto de 1921 agora focalizada no difícil grupo das «Ulicíneas»: «Não sei se lhe agradeci já o exemplar de *Ulex baeticus* Bois. que teve a amabilidade de me enviar e que foi para

mim precioso [...] Pelo meu trabalho sobre o gén. *Ulex*, apresentado ao Congresso, reconheci em Portugal as seguintes espécies: [...] Estas conclusões do meu trabalho devem certamente concordar com as observações de V. Ex.<sup>a</sup>. Resultam de alguns anos de observações dos nossos *Ulex* e da sua comparação com numerosas formas clássicas. Que esteja repostos dos seus incómodos é quanto deseja [...]» (LAÍNIZ, 2000:367). Numa carta datada de 27 de Dezembro deste ano, G. Sampaio teçe considerações extra-botânicas, sobre a situação política espanhola: «Aproveito este ensejo para o felicitar pelo êxito das forças espanholas em Marrocos. Creia que me tem dado o maior prazer os triunfos do heróico exército da Espanha, paiz irmão da minha pátria e pelo qual eu sempre senti um grande afecto. Que a Espanha desagrave o traiçoeiro insulto feito à sua bandeira é quanto do coração apeteço, embora não seja apologista de guerras» (LAÍNIZ, 2000:367). C. Pau responde a 5 de Janeiro do ano seguinte, 1922<sup>420</sup>. Os comentários políticos de G. Sampaio desencadearam comentários ácidos de C. Pau, que se tornarão constantes e de crescente acutilância nos anos seguintes: «[...] *Acabo de ver un trabajo de no recuerdo que autor publicado en la revista del dr. Henriques, y siento en el alma tener que decirle a V. que acusa un desconocimiento tan grande de la flora general de nuestra peninsula que me hizo daño tal desconocimiento. [...] Gracias por el interes que demuestra por nuestras contiendas en Marruecos; yo soy muy piadoso, y sobre estas cosas, me limito a ponerme una hoja de parra. Creame, amigo Sampaio, no estan a la altura del pueblo español sus gobernantes. A medida que ascendio la cultura media de los españoles, ha ido rebajando la talla de nuestros directores. No parece sino que lo mas despreciable, lo mas bajo y lo mas indocto ha subido a la superficie y con un descaro insultante y un cinismo desvergonzado, todavia nos insultan, a los que llamamos y pagamos y mantenemos a esta pilleria. Sampaio, el poso subio a la superficie y la locura ordena y manda. El golfo, el haragan, el fracasado, el inadaptable se empeña en que no haya categorías; el cretino no busca mas que desaparezca el hombre de cultura superior y el bueno. Lo bajuno pasea por encima de nuestras cabezas. Es V. joven y lo compadezco; yo ya soy viejo y lo que me pueda de vida lo dedico unicamente al estudio de las plantas. No fui jamas politico y ahora menos».*

Na frase inicial desta carta, C. Pau referia-se certamente ao trabalho de A. X. Pereira Coutinho «Breves considerações estatísticas acerca da flora portuguesa» publicado no volume XXVIII do Boletim da Sociedade Broteriana. Desde há vários anos que se tinham estabelecido fortíssimas divergências científicas entre G. Sampaio e A. X. Pereira Coutinho, pelo que a opinião negativa de C. Pau teve naturalmente uma boa receptividade da parte de G. Sampaio. Escrevia a 18 de Junho de 1922, aproveitando para enumerar e enfatizar as suas críticas ao trabalho do professor de Lisboa: «É

<sup>420</sup> Citado e transcrito por LAÍNIZ (2000:367).

inteiramente justa a sua crítica ao trabalho de P. Coutinho publicado no último volume da revista do dr. Júlio Henriques. Quando li aquilo fiquei envergonhado pelos disparates que nesse infeliz trabalho se contram [contam]. Este professor tem passado a vida no gabinete, não herborizando nunca, a não ser em férias, nos terrenos da sua quinta em Caparide. Apesar disso, escreve sobre tudo o que lhe dá na gana, sem a menor preparação, compilando e roubando dos outros, falseando a verdade até conscientemente, do que tenho provas, e sonegando os herbários da Universidade de Lisboa, onde é professor, ao exame de outros botânicos, com um espírito de enveja muito mesquinho. No ano passado pediu a aposentação de professor, sendo substituído pelo dr. Palhinha. Desta maneira, já eu pude examinar as plantas daquele herbário onde existem as colheitas preciosas de Welwitsch – que com o sr. Coutinho eu não podia examinar» (LAÍNIZ, 2000:367-368). A esta carta responde logo C. Pau a 23 de Junho deste ano de 1922<sup>421</sup>, instalando-se definitivamente o seu estilo impiedoso de crítica mordaz e acutilante: «[...] *No estoy mal de salud; pero, el brazo derecho no tiene fuerza ni para sacar un paquete del herbario y lo tengo que extraer con la izquierda; el pie no he repetido pero, me resiento si camino mucho; en fin, una ruina. Veremos si este mes proximo en los baños de Camarena echamos un remiendo a este cuerpo. Estas molestias me preocupan poco; mas me hicieron pensar los catarros intestinales, a mi vuelta de Marruecos y parece que han desaparecido y ha mi estomago vuelto a estar como siempre. Espero que suceda con estos intentos de reuma lo mismo. Le agradezco mucho a V. las noticias que del Sr. P. Coutinho me comunica. Me lo figuraba; pero, no es lo mismo que saberlo. Aquí tambien se da esa cosecha. Dejo a su libertad el envio de las plantas portuguesas que a V., le pareciere; como sean propias de Portugal y formas endemicas, todas me gustaran. Yo por mi parte, procurare tambien remitirle las que juzgue interesantes y sobre todo, los numerosos hybridos que he publicado. Ahora, unicamente le agradecería a V. todas las formas de Sideritis que crezcan en Portugal; sean o no vulgares; por que un amigo mio pretende publicar una monografía del genero y con este motivo, incluiria las de toda la Peninsula. Estos dias le remiti todas las de mi colección y alla las tiene. Aquí se han descubierto una infinidad de hybridos y estos dias he visto otro nuevo. Recibi su grata carta del dia 5 de los corrientes y no se como manifestar a V. mi agradecimiento tanto por su interes como por el afecto que demuestran sus palabras. Yo aceptaria con mucho entusiasmo las proposiciones que pudieran hacerme de Madrid<sup>422</sup>; pero, amigo Sampaio, hay una no pequeña dificultad y es: [a frase seguinte está escrita a vermelho] *que no soy rico para abandonar el negocio de mi profesion, ni soy lo bastante pobre para salir huyendo de aquí. Me confesaré con V. – Mi**

<sup>421</sup> Citada e transcrita, parcialmente, em LAÍNIZ (2000:368).

<sup>422</sup> Estaria C. Pau a referir-se já ao Projecto da Flora Ibérica? Ver à frente neste capítulo.

*independencia es grande y el mayor placer y fortuna que a mi ver puede desear una persona es: [a frase seguinte está escrita a vermelho] poder mantener una perro, una escópeto y un caballo. Esto lo vengo poseyendo desde mi niñez y con este goce me contento. La ciencia o el estudio de las plantas lo tome por distraccion recreativa y con el fin de ni aburrirme, por que mi caracter no puede estar ocioso; padezco mas y sufro que estar trabajando o ocupado en algo. Sin darme cuenta me fui colando en el estudio y como financieramente no andaba corto y mi carácter no es para tener ahorros ni llegar a rico, me gastaba todos los años la mayor parte de mis ganancias en libros, viajes y plantas; por que dado me manera de pensar, me los hubiera gasto en vicios y distracciones, que me hubiesen perjudicado, tanto el cuerpo, como al espiritu. Esto como V. ve carece de merito alguno y quizas por esta misma independencia, que da el trabajo y no necesitar proteccion oficial, haya sido lo que soy. Figurese V. por un momento que yo saliera de aquí, gozando de una renta, con lo poco mio y lo de la profesion, de 15 a 20.000 pesetas, y despreciara esta vida tranquila. Que diria V.? Pues, con toda seguridad que V. me tacharia de anormal y loco, y no lo diria infundadamente. Buena es la ciencia; pero, no hay que despreciar los bienes terrenales por una gloria que pudiera resultar causa eficiente de nuestra vida desesperada. Ya lo dijeron los griegos: [a frase seguinte está escrita a vermelho] La vejez sin dineros es muy larga y muy fea. El mucho bien hace mal, decia mi santa madre. Eso mismo me sucede a mi; si fuese un desgraciado, me acojeria a lo de Madrid, si antes no estaba ya en Barcelona, de donde tambien me reclaman. Y “arbol viejo transplantado o muerto o desmedrado”. He terminado de estudiar las talamifloras de Marruecos; creame que estoy verdaderamente satisfecho, por que salen mas novedades de las que esperaba. Es una verdadera lastima no haber podido estar todo el mes de junio para que las plantas se hubiesen podido recoger en sus diferentes fases de vejetacion».*

A 24 de Julho de 1922 nova carta de C. Pau para G. Sampaio<sup>423</sup>: «*Mi distinguido y muy apreciado amigo: Debo comenzar por manifestar a V. mi agradecimiento por el concepto cientifico que le merece mi modestisima persona; los amigos son muy complacientes y alguna vez algo exagerados; pero, de todos modos hay que reconocer la buena intencion y quedar muy reconocido y manifestar, por lo menos, que hacemos lo que se puede por no dejar en mal lugar a los amigos. Ademas, estas buenas ausencias obligan mucho al que se tiene por buen nacido. Esta carta la escribo solamente para dar a V. muestras de mi reconocimiento y para que V. vea que deseo visitarle a V.; pues, el año pasado le rogué al amigo Font<sup>424</sup> para ir a Porto y Coimbra y no pudo ser la cosa, y como*

<sup>423</sup> Citada e descrita, mas não transcrita, em LAÍNZ (2000:368).

<sup>424</sup> C. Pau referia-se a Font Quer. Ver biografia à frente, neste capítulo.

sabe los deseos que tengo de visitar a V. y de ver algo del herbario de Willkomm, por eso me dice en su carta de ir el año próximo a visitar a V. Es un buen naturalista y muy entusiasta; celebraría que hiciese con V. buenas amistades; tiene un buen colector, quizás el mejor que yo haya conocido y podría cambiar con V. muy curiosas especies. Este año me remitió sobre una docena de especies interesantísimas de Almería y como nuevas para la ciencia. Ahora anda por Gibraltar y Tarifa. En las Baleares también hizo descubrimientos notables, bajo el punto de vista geográfico. Gros es muy superior. Celebraría conocer todo cuanto V. publicó y pueda publicar en lo sucesivo; y no tema mis críticas ni mis observaciones, que yo soy muy tolerante y además, me hago cargo de la situación, edad, ... , de los escritores y comprendo bastante bien el estado de cada uno para portarme según sus maneras de ser. Lo que me irrita algo es la trapacerías y demás producciones del que carece de ingenio, talento, material de estudio, hábito de trabajo, practica tenaz y constantes, ..., y se mete a escribir doctoralmente, únicamente, porque un Estado cualquiera lo elevó a un destino por artes ocultas y que tomó en serio su papel de comediante. Lo que más me disgusta es la falta de seriedad y la sobre de petulancia. Al modesto se lo dispense todo; todo y todo. Por que ese fué mi principio y no hay que olvidarlo jamás. Por ahí se comienza y algunas veces así mismo se acaba. Hoy, el talento y el genio, sin dinero, no van a ninguna parte. Los sabios totalmente individualistas son tan raros, como las lunas verdes. Ha de ser el Estado el puede sufragar los gastos que se requieren para no trabajar en tonto; es muy corta la vida de un individuo para acumular lo que se exige en las ciencias todas. Estoy conforme en lo que V. me dice sobre los géneros de las labiadas que me cita; es muy sano su parecer de V. Seguiré su opinión en cuanto pueda meter baza o la ocasión se presente». G. Sampaio responde num bilhete-postal datado de 17 de Agosto deste ano. LAÍN Z (2000:368) sintetiza assim o seu conteúdo: «dice haber estado en Lisboa donde le convoco el Ministerio de Instrucción, se refiere brevemente a *Sideritis* – había dado ya lista de las portuguesas: promete ahora rápido envío – y anuncia el simultáneo de la parte publicada (1909-1914) de su Manual da flora portuguesa».

G. Sampaio envia o exemplar da parte publicada do Manual da Flora Portuguesa e C. Pau responde numa carta datada de 21 de Setembro de 1922<sup>425</sup> (**Estampa IV.35.**), elogiando a obra do professor: «[...] Por fin llegó un “Manual da Flora Portuguesa”, después de un mes exacto de andar perdido por la huelga de los correos. Temi no recibirla y esperaba el resultado para escribir a V. Ante todo le doy á V. las más expresivas gracias por el envío de la Flora, que le agradezco infinito. Estas obras de difícil manejo, [cuando] sean completas las especies de la flora, sirven mucho y se manejan continuamente para la ortografía de las especies, para recordar nombres de especies y de autores y

<sup>425</sup> Citada muito sumariamente, mas não transcrita em LAÍN Z (2000:368), que a datou erradamente de Novembro.

*para darse enseguida cuenta de sus endemismos. Pero, amigo Sampaio, estos manuales son muy difíciles de escribir. [...] es mas facil una monografía, una obra extensa y hasta colosal, que un compendio. Para publicar una monografía ó flora grande y con pretensiones, no se necesita mas que materiales; pero, en un compendio se necesita sumo dominio de la especialidad, conocer la organografía externa, dominar y tener siempre presente la morfología característica de las especies, para dar las sentencias reales y no compendiar lo indiferente y sin interes diferencial. Y luego, no sirven mas que para determinar lo conocido y confundir lo nuevo para la ciencia con cualquiera especie del genero. El procedimiento dicotómico conduce á tales absurdas determinaciones ... Su obrita la encuentro bastante clara y las descripciones precisas y nada latosas. Me gusta mas que todo; por su modestia, por que demuestra superiores conocimientos fitograficos, por su claridad y sencillez, porque no es tan superficial como la de Battandier y Trabut<sup>426</sup>, ni la encuentro tan pretenciosa como la de su paisano Pereira Coutinho<sup>427</sup>. Una obrita como esta suya nos hace falta en España; yo la escribiré, pero, no puedo comprometerme y ni quizas pudiera. Y nada [...] que suprimir en estas floras son: la descripción de las familias! No sirven para nada, apenas conoce uno las plantas. Yo envidio á los que disponen de tranquilidad y de tiempo para escribir: [...] el que puede dedicarse á escribir el tiempo que se necesita para publicar obras extensas y de substancia. Yo no paso, ni pasaré más que por un guerrillero, que aprovecha la ocasión de acudir a las plantas, cuando puede y lo dejan, y no cuando quiere. Yo espero continuar, porque la cosa no lleva camino mejor: eso que gozo ahora da misma libertad que hace años y eso que tengo mejor independencia. [...] Creo no se negará V. el placer de la continuacion de su Manual, que realmente y sin simulacion, me gusta; y eso que siempre [...] prevencion los compendios. Hay cierta cosa en la sapiencia, que sin ser orador, se es elocuente, y sin apasatora y teatral presentacion es bella una obra [...] eso descubro en su manual. Y ya ve V. como paso por alto lo sistematico, teorico ó taxonomico».*

Em 1923 parece não ter havido comunicação entre os dois botânicos. A 12 de Julho de 1924, G. Sampaio escrevia num bilhete-postal: «Chegando hoje ao Porto, para principiar os exames, tive o prazer de encontrar as publicações que V. Ex.<sup>a</sup> teve a gentileza de enviar-me. Li-as com atenção, como sempre faço quando se trata de botânicos autorizados, aproveitando muito com essa leitura. Muito obrigado por este oferecimento e também pelas palavras tão amáveis com que se refere ao meu humilde trabalho, a respeito do *Astragalus hypoglottis* Lin. [...] Com a doença de meu filho<sup>428</sup> tenho

<sup>426</sup> J. A. Battandier e L. Trabut publicaram, em 1898, uma flora da Argélia.

<sup>427</sup> C. Pau estava a referir-se à «Flora de Portugal» publicada, em 1913, por A. X. Pereira Coutinho. Dado que o «Manual» de G. Sampaio não tinha sido completado, a Flora de A. X. Pereira Coutinho era a única flora de Portugal completa editada.

<sup>428</sup> G. Sampaio estaria a referir-se a seu filho, Fernando Sampaio.

vivido quasi todo o ano em Braga, onde o clima lhe é mais favorável; por isso trabalhei pouco em botânica, entretendo-me mais particularmente com a história da música popular, que muito me interessa também. É com muito prazer que recebo notícias de V. Ex.<sup>a</sup>, a quem me afiz a estimar e a admirar há muito tempo. Espero enviar-lhe no próximo mez um pequeno folheto sobre fanerógamas» (LAÍNIZ, 2000:368-369). C. Pau responde a 27 deste mês de Julho de 1924<sup>429</sup>: «*No he contestado antes a su grata del 12 por encontrarme ausente: acostumbro, después de mi catarro gastro-intestinal de origen griposo a pasar unos dias a 1.400 m., y a tomar aguas. Tambien vine indispuesto de mi viaje a Marruecos y tengo necesidad de tomar esta agua, por agradecimiento; por que ahora no me son necesarias. Todos tenemos una preocupación; y la mia no ha sido siempre mas que el temor a una molestia intestinal, por los abusos que en mis viajes he tenido que hacer. Por fortuna mia, mis temores por ahora, no han pasado de temores. Le agradeceré una lista del fasciculo de Brotero, conteniendo solamente año, relación de las especies y su página. Conozco este fascículo, por haberlo visto en la biblioteca de un amigo; pero, me pareció que a del año 1901. Ademas: Colmeiro<sup>430</sup> dijo, que este fascículo salió lleno de erratas tipográficas y no se difundió. Y como el mismo Brotero dice que referirá a su fasciculo las descripciones de su Fitografía, como se lee en el prologo, como no lleva la sinonimia de la genista, por este motivo admiti la de Cavanilles, que data del mes de Enero. El Sr. Lacaita me dijo de viva voz, que la especie se conservaba en el Hb. [Herbário] de Linné; no obstante, yo me inclino al parecer de V.; por que estos problemas únicamente pueden resolverlos a satisfaccion, los naturales de un país, por aquello de nuestro refrán: [A frase seguinte está em tinta azul] Mas sabe el loco en su casa, que el cuerdo en la agenda. Yo no me ha detenido a estudiar este asunto; asi es, que no puedo fundamentar mi parecer, mas que en lo dicho o comunicado por V.; por que en los herbarios hay [A palavra seguinte está em tinta azul] malicias como esta, que paso a decirle. Un botánico creó la especie A; otro que detras vino propuso para esta misma especie el nombre B; pero, con el tiempo, vino a revisar el herbario del primer botánico que creo la especie A, y como la vio autentica y no podia negarse la identidad de A y B, pues, no encontró mejor resolucion, que robar la planta típica, substituyéndola por una forma disparatadamente diversa. Esto creo que ha sucedido en Paris y en el herbario de Desfontaines. Adulterar el país de origen ha sido frecuente. En Clusius ya lo tengo*

<sup>429</sup> Citada muito sumariamente, e só transcritas duas frases, em LAÍNIZ (2000:369).

<sup>430</sup> C. Pau estaria a referir-se a Miguel Colmeiro y Penido (1816-1901). Foi professor de botânica e reitor da Universidade Central de Madrid. Foi director do Real Jardim Botânico de Madrid, um dos sócios fundadores da Real Sociedade Espanhola de História Natural e membro da Real Academia de Ciências Exactas, Físicas e Naturais de Espanha. Entre as suas obras publicadas, destaca-se a monografia de carácter histórico: «La Botánica y los botánicos de la península hispano-lusitana» (COLMEIRO, 1858) ([http://es.wikipedia.org/wiki/Miguel\\_Colmeiro\\_y\\_Penido](http://es.wikipedia.org/wiki/Miguel_Colmeiro_y_Penido); [http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural); SÁNCHEZ DEL RIO, 2003:15-16).

observado. Hay naciones que a la ausencia de ética se la llama patriotismo. Y describir una especie, para luego de conocida la equivocacion, pasar la descripcion a otro tipo, tampoco faltaron botanicos que lo hicieron, como Arvet-Touvet<sup>431</sup>. Por eso yo no creo que en los textos: descripcion y ... nada mas. Y si con la muestra conviene, superior. Pensaba visitarle a V. este mes de Agosto, y asi se lo participé al Sr. Tabares; pero, uno de mis dependientes se cayó estos dias de la jaca y se fracturó el brazo; y aquí me tiene V. sin poder ausentarme una temporada, como eran mis deseos. Tengo vivos deseos de visitar al Sr. Henriques y de revisar el herbario de Willkomm; yo creo que en dia ha de ser; pero, esto se alrga [alarga] mucho y ya me va desespacienciando [sic]. Veremos si a Septiembre puedo largarme unos dias a Madrid, y de aquí a esa. Veré con sumo gusto el trabajo ofrecido; yo estoy bajo la influencia perezosa mas grande que he podido en mi vida; no hago nada y aun escribir a los amigos. Veremos si con el fresco del Otoño, sacudo esta indolencia que me tiene prisionero. Si dura este estado, soy hombre al agua».

A 30 de Julho de 1924 G. Sampaio escrevia a C. Pau, empenhado em publicar a sua Flora de Portugal<sup>432</sup>: «Desejo principiar brevemente a impressão da minha nova “Flora”, que julgo razoavelmente executada tanto pelo lado da taxinomia como da nomenclatura. Falta-me rever o género *Iberis*, que em Portugal está mal estudado, mas encontro duas dificuldades, que só poderei resolver com o auxílio dos botânicos espanhóis<sup>433</sup>. Sem solucionar esses dois problemas é impossível fazer obra segura, e o “Prodromus” do Willkomm, assim como o respectivo herbário, em vez de auxiliar a resolução dos casos complicam-na. [...] V. Ex.<sup>a</sup> muito me obsequiaria, também, cedendo-me exemplares de todas as suas espécies novas, pois teria o maior prazer em ter no herbário desta Universidade as espécies de fanerógamas descritas por V. Ex.<sup>a</sup>» (LAÍNIZ, 2000:369). Nova comunicação de G. Sampaio a 8 de Agosto: «Acabo de regressar de uma excursão botânica pelas Beiras, onde tudo estava seco e ruim, não conseguindo eu mais do que fadigas e insolações inúteis. Venho um pouco doente, com dores e alguma temperatura, as [às] noites. Vamos ver o que sai d’aquí. Agora mesmo escrevi a relação das plantas descritas por Brotero na 1.<sup>a</sup> edição do fasc. 1.º da *Phytographia* [*Phytographia Lusitaniae selectior*]. Esta 1.<sup>a</sup> edição é inteiramente diferente da segunda. [...] Estou

<sup>431</sup> J. M. C. Arvet-Touvet (1841-1913), botânico amador, especializou-se no género *Hieracium*, publicando, em 1913, a monografia «*Hieraciorum praesertim Galliae et Hispanica systematicus*». Neste género, propôs numerosas espécies novas para a ciência ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Casimir\\_Arvet-Touvet](http://fr.wikipedia.org/wiki/Casimir_Arvet-Touvet)).

<sup>432</sup> A partir de inícios da década de 1920, com a redação do «Épitome» em 1919 - uma flora abreviada, mas quase completa, emerge em G. Sampaio uma vontade psíquica para publicar a versão completa da sua Flora de Portugal. Todavia, aos períodos de enfoque obsessivo (mas em que as dúvidas não tinham fim – havia sempre espécies para observar melhor), seguem-se fases de dispersão por outros assuntos como os líquenes e os estudos da música popular, e o trabalho nunca seria publicado. Como seria de esperar, também nas cartas para C. Pau se evidenciam estas ambivalências e dialécticas do pensamento e acção de G. Sampaio. Ver capítulo IV.3B.

<sup>433</sup> G. Sampaio publicaria, em 1936, uma revisão do género *Iberis* (SAMPAIO, 1936b).

neste momento a sentir-me com febre, e por isso, termino esta carta para me recolher á cama. Se puder enviar-me, por empréstimo, as *Iberis* que lhe pedi, muito me obsequiava. Sobretudo os exemplares de Gutarrón e o n.º de Bourgeau que indiquei. [...] Disculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> pelo mal ataviado nesta carta, que escrevo já com certa dificuldade» (LAÍNIZ, 2000:369). A resposta de C. Pau foi muito rápida e positiva porque G. Sampaio escrevia logo no dia 11: «Achando-me um pouco melhorado de saúde, levantei-me hoje da cama, onde estive desde sábado, para vir até ao Gabinete do Botânico. Com grande prazer recebi a carta de V. Ex.<sup>a</sup> assim como a amostra da *Iberis* de Gutarrón. [...] Como disse a V. Ex.<sup>a</sup> encontro-me um pouco melhorado e livre já de febre; por isso pude escrever esta longa carta sobre um assunto que a outros aborreceria, mas que a nós tanto nos interessa! São estes os meus únicos prazeres; do resto só tenho encontrado dissabores e dificuldades na vida. Mas isto chega-me, graças a Deus, que bem sabe o que deve dar a cada um. A notícia que há dias me deu, do [de] que tenciona vir cá em Setembro, satisfez-me muito, pois tenho a [o] maior prazer em conhece-lo pessoalmente» (LAÍNIZ, 2000:369-370). A 19 de Novembro deste ano, escrevia novamente G. Sampaio: «[...] Eu vivo actualmente em Braga, onde venho ao Porto dar aulas em três dias da semana. Vou escrever ao amigo que V. Ex.<sup>a</sup> me recomenda, mandando-lhe as publicações que deseja. É com o maior interesse que espero a publicação dos novos trabalhos de V. Ex.<sup>a</sup>, onde tenho aproveitado tantas coisas excelentes. Ultimamente tenho-me ocupado menos de botânica por causa de estudos de ordem musical que trago entre mãos e que espero publicar brevemente» (LAÍNIZ, 2000:370).

Em 1925 prossegue o intercâmbio epistolar entre os dois botânicos. A morte recente de seu filho Fernando Sampaio teria motivado o envio dos pêsames por C. Pau. G. Sampaio responde a 22 de Janeiro de 1925, re-insistindo no problema de terminar a sua *Flora de Portugal*: «Muito lhe agradeço os pêsames pelo falecimento do meu querido filho Fernando, vitimado pela tuberculose pulmonar. Meu filho Joaquim, ferido por incidente com arma de caça, está felizmente quasi curado, ficando apenas com uma cicatriz no queixo inferior». «Depois deste estudo terei completado, finalmente, o estudo dos géneros difíceis da flora portuguesa, cujo conhecimento julga já bastante perfeito. Uma ou outra dúvida, aqui e ali, dúvidas que procurarei esclarecer pouco a pouco. Findo isto, tenciono redigir a *Flora portuguesa* descritiva, que será o meu testamento. Estou cansado, meu caro amigo, e sinto que o meu termo se aproxima a passos acelerados. Em 15 de Junho próximo inicia-se em Coimbra o Congresso hispano-lusitano. Não quererá vir cá nessa ocasião, em que deve ter muitos companheiros de viagem? A Universidade de Coimbra tem instalações e herbários dignos de serem vistos, entre os quais o herbário de Willkomm, que o deve interessar» (LAÍNIZ, 2000:370). C. Pau responde numa carta datada

de 6 de Fevereiro de 1925<sup>434</sup>: «Dispénsese la tardanza en contestarle, a pesar de ser su causa intencionada; por que cuando llegó su grata del día 16 del mes pasado, y me enteré del cúmulo de fatalidades que sobre su persona gravitaron, no me quedaron ganas de escribirle a V., por que me hubiese sido imposible encontrar frases de consuelo, y no hubiese dicho mas que esas tonterias corrientes, que se suelten sin pizca de sentimiento e interes. Hoy, todavia, no sé que decirle a V., y ahora si que necesito de su bondad que me perdone, pues no me atrevo ni a mandarle frases de consuelo, por no encontrarlas, adecuadas a las desgracias circunstancias, quizás este ejemplo pudiera servirle de alivio, aunque no de consuelo. Cuando falleció mi buen padre, me quitó de tal manera el sentido, que me creí atontado y llegué, como dije a los amigos, a querer retirarme del estudio de las plantas; por favorecer al sr. Vicioso, el año 1892, me entretuve en revisar un envío de plantas aragonesas en numero de un millar, y aquello me volvió a reconciliarme con las plantas. Ante este sufrimiento, vivi en una pena continua, temiendo que al fallecimiento de mi santa madre se duplicara la conmocion psiquica; pero, dio la casualidad, de mandarme unos dias antes el hijo de Vicioso una notabilisima coleccion de plantas de Persia; y me tiré con furia a su estudio, para distraer el pensamiento, que lo tenía preocupado por la perdida de mi querida madre. Este trabajo me salvó de esta preocupación y seguí la vida, sino con alegria, por que ya no era posible, al menos, con cierta insensibilidad tranquila, que me hace soportar la vida con resignación filosófica y conformidad natural. Este medicamento moral pudiera a V. igualmente serle de alguna utilidad. El *Ulex canescens* Lange que V. me comunica, no es igual al que yo poseo de la Sierra de Gata<sup>435</sup>; esto confirma la imposibilidad geográfica, que yo temia. Los herbarios, a veces caen en manos imperitas o [palavra seguinte em tinta azul, o restante parágrafo a vermelho] maliciosas, que alteran y cambian los ejemplares; como sucede con este ejemplo. La *Vicia calcarata* Desf. ha de tener las flores mitad menores que la *V. sativae*, y legumbres de 2 cm. Pues, bien; los autores la asimilaron a otras especies de legumbres mayores y fueron dando tumbos, solamente por que no podian sospechar que fuera la *V. disperma* DC. Yo no afirmo que el mismo Candolle robara la especie del herbario de Desfontaines y la substituyera con otra disparatadamente diversa; pero, si estoy seguro, que alguien cometió esa barbaridad, sea discipulo o amigo de Candolle; por que los lacayos son peores que los amos y desean

<sup>434</sup> Citada e transcrita muito sumariamente por LAÍN Z (2000:370).

<sup>435</sup> Em dois trabalhos já publicados (SAMPAIO, 1922b e 1924), G. Sampaio tinha referido que esta espécie era nova para Portugal. No primeiro destes trabalhos, datado de 1920, indicava a sua distribuição como sendo dos «arredores de Faro e de Sagres». No segundo trabalho, publicado em Dezembro de 1924, já apresentava a sua área de distribuição como sendo o Algarve (em Portugal) e o Cabo da Gata (Espanha). G. Sampaio ter-se-á baseado em exemplares desta espécie enviados por C. Pau? No entanto, pela observação de C. Pau, existiam no seu herbário exemplares desta espécie ou desta localidade, mal etiquetados, o que lhe motiva os rudes comentários que se seguem.

*congraciarse. Y ejemplos de escamoteo no son raros en los herbarios; y muchísimo mas, [palavras seguintes em tinta azul] cuando los manejan los que fueron nuestros enemigos. Esa es mi única preocupación: el temor de que mi herbario vaya a caer en manos de nuestra envidiosa y analfabeta sabiduría oficial. Para evitar este peligro, no tendré otro remedio que mandar mi colección al extranjero. Probablemente, estos días tendré que estudiar un Ulex nuevo de Marruecos; entonces, veré mis muestras del Cabo de Gata y le mandaré un trozo, con el fin de que V. lo compare con el suyo. Y si V. pudiera visitar la provincia de Huelva, desde Ayamonte hasta la Capital, vería una abundancia de Ulex, con algunas formas muy curiosas. Y gracias mil por su atención».*

Na carta seguinte de C. Pau para G. Sampaio, datada de 12 de Junho de 1925, é mencionado o projecto da Flora Ibérica, dirigido por G. Sampaio, e patrocinado pelo governo espanhol. Todavia a ideia remonta a alguns anos antes. A primeira referência que existe no espólio documental de G. Sampaio sobre este assunto ocorre numa carta de R. G. Fragoso<sup>436</sup> para G. Sampaio, datada de 30 de Maio de 1922. Em jeito de apresentação escreve: «*El Jardín*<sup>437</sup>, hoy reunido bajo su dirección con el Museo<sup>438</sup>, forma parte del Instituto de Ciencias Naturales con el Museo Antropológico, y como yo soy profesor de dicho Instituto, agregado al Museo y Gefe de este Laboratorio botánico, al pasar al Botánico, sigo siendo profesor del Instituto pero agregado al Jardín y Gefe en el de la Sección de Criptogamia». Seguidamente apresenta a proposta da Flora Ibérica: «*de Barcelona Dr. Caballero*<sup>439</sup>, discípulo mio de Micología, y amigo muy querido, tendremos a nuestra disposición los Herbarios

<sup>436</sup> Romualdo González Fragoso (1862-1928) nasceu em Sevilha. Graduou-se em medicina pela Universidade de Sevilha. Em 1911 e 1912 estagia em França, Bélgica e Suíça na área da Micologia. Em 1918, é nomeado naturalista do Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid e, posteriormente, director do Laboratório de Criptogamia deste museu. É nomeado professor honorário do Museu e do Real Jardim Botânico de Madrid. Foi presidente da Real Sociedad Española de Historia Natural, em 1920. Estuda a flora micológica espanhola, portuguesa, marroquina e da República Dominicana. Especializa-se em uredináceas e ustilagináceas (sobretudo parasitas de plantas, musgos e líquenes), mas também estuda deuteromicetos e basidiomicetos. O Herbário de Criptogâmicas, por si criado em 1915 no Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid, será incorporado, em 1928, nos herbários do Real Jardim Botânico de Madrid. Conhece pessoalmente G. Sampaio no Congresso do Porto de 1921, estabelecendo-se desde logo uma colaboração e amizade que perdurarão até à sua morte. Autor de uma vastíssima obra científica foi um dos fundadores dos estudos modernos das uredináceas e ustilagináceas. Publica em 1924-1925 a «Flora Ibérica – Uredales» em dois volumes. Publica em 1927 uma obra de referência sobre os hifomicetos «Estudio sistemático de los hifales de la Flora española conocidos hasta esta fecha». A colaboração dos botânicos portugueses permitir-lhe-á estudar a flora micológica portuguesa publicando vários trabalhos: «Algunos hongos de la flora lusitánica» (Broteria, 1924:128-133), a monumental «Contribución a la flora micológica lusitánica» (Boletim de Sociedade Broteriana, 1923:3-83) e «Adiciones a la micoflora lusitánica» (Congreso de Coimbra, Ciencias Naturales, Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, 1925:5-27). UNAMUNO (1928) escreverá a seu respeito: «porque toda su vida fue eso: trabajo incesante y fructífero [...] merece el nombre de Saccardo español». De acordo com UNAMUNO (1928), do labor científico de R. G. Fragoso resultaram a publicação de 193 formas e variedades, 544 espécies, 1 subgénero, e 13 géneros novos para a ciência ([http://es.wikipedia.org/wiki/Romualdo\\_González\\_Fragoso](http://es.wikipedia.org/wiki/Romualdo_González_Fragoso); [http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural); UNAMUNO, 1928; SAMPAIO, J., 1948, 1949).

<sup>437</sup> R. G. Fragoso referir-se-ia ao Real Jardim Botânico de Madrid.

<sup>438</sup> R. G. Fragoso estaria a referir-se ao Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid.

<sup>439</sup> R. G. Fragoso referir-se-ia a Arturo Caballero Segarés (1877-1950). Estudioso da flora norte africana, foi professor em Barcelona e depois em Madrid. Foi director do Real Jardim Botânico de Madrid (MATEO SANZ, 1995a).

*todos, y cualquier planta que Vd. desee consultar estará a su disposición en cuanto la pida. Esto se lo digo en vista a su colaboración para la flora ibérica. Escoja Vd. una familia, la que V. quiera, pida las plantas y tipos que desee, y cuanto tengamos aquí, incluso notas de libros, copias, etc. Con eso, su profundo conocimiento de la flora lusitánica y el Herbario de Willkomm, nadie estará como Vd. en disposición de hacer admirablemente las floras das familias de la península ibérica».* Por esta carta deduzimos que o projecto seria promovido por R. G. Fragoso, de Madrid, e por Caballero, de Barcelona. O projecto não se concretiza, mas dois anos depois, Font Quer<sup>440</sup>, também de Barcelona (do Museu de Ciências Naturais), propõe a elaboração de um catálogo da flora ibérica, dirigido por G. Sampaio em colaboração com C. Pau. Escreve numa carta datada de 5 de Fevereiro de 1924: *«Creo que es indispensable publicar el catálogo de la flora ibérica si se quieren establecer con probabilidades de éxito las nuevas reglas de nomenclatura propuestas por V.; y creo tambien que si el Sr. Pau se decidia a emprender esa obra junto con V. adelantáramos mucho en la resolución de no pocos problemas de sistemática, y de nomenclatura especialmente. Yo podria ofrecer a los dos la hospitalidad de las publicaciones de esto Museo, para editar el catálogo con la máxima dignidad. Si llegáramos asi a tener una obra parecida al «Genera» de Dalla Torre<sup>441</sup>, concerniente a la flora peninsular, es indudable que nuestros botánicos lo adoptarían de muy buena gana. Sus puntos de vista me parecieron muy lógicos. Sólo falta desarrollar la idea, dándole la forma práctica de un catálogo».* Esta carta é importante porque mostra o alcance e o impacto que as propostas de nomenclatura botânica apresentadas por G. Sampaio no Congresso do Porto tiveram na comunidade de taxonomistas espanhóis. R. G. Fragoso insistiria em carta datada de 8 de Março de 1926: *«Hemos de ocuparnos los botánicos y Bolívar<sup>442</sup>, de ver como se hace algo de la flora ibérica, contando sobre todo con su valiosísima cooperación».*

<sup>440</sup> Pius Font i Quer (1888-1964) foi botânico, farmacêutico e químico. Foi professor de farmácia e botânica na Universidade de Barcelona, e professor na Escola de Agricultura. Foi vice-presidente nos Congressos Internacionais de Botânica de Paris (1954) e Edimburgo (1964). Herborizou na Península Ibérica e em Marrocos. Das suas obras, destacam-se: «Instruccions per a la recollecció, preparació i conservació de les plantes» (Museu Martorell, Barcelona, 1917); «Illustraciones Florae Occidentales» (Museo de Ciencias Naturales, Barcelona, 1926); «Diccionario de botánica» (1953); «Plantas medicinales: el Dioscorides renovado» (1964) ([http://es.wikipedia.org/wiki/Pius\\_Font\\_i\\_Quer](http://es.wikipedia.org/wiki/Pius_Font_i_Quer)). Parte da bibliografia de Font Quer está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/>.

<sup>441</sup> Karl Wilhelm von Dalla Torre (1850-1928), naturalista austríaco, estudou ciências naturais na Universidade de Insbrueque. Nesta universidade, foi depois professor de entomologia e zoologia. Publicou trabalhos sobre a sistemática dos himenópteros e sobre a flora dos Alpes e do Tirol ([http://es.wikipedia.org/wiki/Dalla\\_Torre](http://es.wikipedia.org/wiki/Dalla_Torre)).

<sup>442</sup> R. G. Fragoso estaria a referir-se a Ignacio Bolívar y Urrutia (1850-1944). Professor de entomologia na Universidade Central de Madrid foi um especialista mundial em ortópteros. Foi um dos sócios fundadores e presidente da Real Sociedade Espanhola de História Natural, membro da Real Academia de Ciências Exactas, Físicas e Naturais de Espanha, e presidente da «Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas». Foi também director do Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid (no qual exerce uma notável actividade organizativa) e do Real Jardim Botânico de Madrid. Com a

Retomemos a carta de C. Pau para G. Sampaio datada de 12 de Junho de 1925<sup>443</sup> (**Estampa IV.36.**). O botânico catalão não parece disposto a participar no projecto da Flora Ibérica, mas não tem dúvidas que G. Sampaio era o único capaz de a concretizar: «*Con individuos de su psicología y de su elevado juicio, muy superior y poco frecuente, se puede hablar con franqueza, según es mi carácter, rebelde al fingimiento y muy apartado del [palavra seguinte em tinta azul; o restante parágrafo a vermelho] amigo, que o no piensa como habla, o no habla como piensa. Otro, con menos motivos, que yo le di a V., en mi carta anterior, se hubiera creído, enfatuado en su analfabetismo científico, que mis observaciones eran motivadas por la envidia; en V., y me felicito, no encuentro ni rastros de esa cretina suposición. Por lo que no cambio de parecer, y le felicitaré cordialmente, el que V. pueda ver terminada la flora [palavra seguinte em tinta azul] Peninsular, y yo también estaré de en horas buenas por ello. No desista y manos a la obra; ya que yo, por circunstancias que no hacen al caso, [palabras siguientes em tinta azul] ni quiero ni debo hacerla. Este mes de Mayo ha sido uno de los que mas correspondencia científica he padecido; y si a esto añadimos los paquetes de plantas, deduciré V. lo divertido que estuve y verá V. además, la causa de que no contestara a su grata última antes. Y atienda V. al despacho con la epidemia gripal pasad. Ayer le remiti a V. una memoria acerca de las plantas almerienses; allí ya verá V. algunos sinonimos, de los que V. me pedia parecer. De toda la lista que V. me remite, me parece que de casi todas podré decirle a V. algo; menos de las de Lázaro, que no son mas que collonadas y modos de darse importancia con falsas creaciones y publicadas solamente con miras al ombligo. No he conocido persona [p]seudocientífica que anduviera mas a trompicones con los limites de la ignorancia necia. Vea V. los enebros (*Juniperus*), cuatro especie de dos solamente; el genero *Alsine*: tres especies de una. Yo no poseo esta obra, para evitarme un día el disgusto de ocuparme de ese esperpento botánico. [...] Yo creo que lo mas conveniente seria el que V. me remitiese la lista de por familias de todas las especies que V. incluye en su flora, y con ellas a la vista le comunicaria lo que buenamente pudiera yo decirle, tanto para añadir, como para suprimir. Vaya un sinonimo que todavia no he publicada, pero que esta a punto de aparecer en mis notas matritenses. [...] Nada, nada; el Compendio lo hace V.; en la Peninsula no conozco a nadie que pudiera intentarlo mas que V. solamente; animo, y a trabajar; y cuando nos veamos por esa, hablaremos de largo y entonces verá V. de lo que soy capaz, para que V. publique una flora digna de V. y la Peninsula. Son centenares las especies descubiertas en España, y son mas los descubrimientos sinonímicos publicados*

---

guerra civil em Espanha, exila-se, em 1939, no México ([http://es.wikipedia.org/wiki/Ignacio\\_Bolívar\\_y\\_Urrutia](http://es.wikipedia.org/wiki/Ignacio_Bolívar_y_Urrutia); SÁNCHEZ DEL RIO, 2003:13).

<sup>443</sup> Citada e transcrita muito sumariamente por LAÍN (2000:371).

*en las revistas, y sin embargo, en la obra de Lázaro<sup>444</sup> no aparecen; proceden como el pajarito aquel, que metía la cabeza bajo del ala, y no viendo al cazador, el cazador tampoco lo veía. Jente de una miopía cerebral tan sumamente necia, que se llagaban a creer que en sus manos residía la fama y credito científicos de los trabajadores de su país. Una conspiración del silencio, que unicamente aprovechada esa por los legos y ayunos de cultura científica. Y como todos estan a la misma altura de la Maritornes de Cajal, que apenas sabia contar mas que por los dedos ... Willkomm mismo, publicó una monografía de las cistaceas y no se puede pedir mayor desconocimiento de la flora española; Grosser se metió en lo mismo, y este fue peor, por que su monografía no pasa de ser una verdadera desdicha. Si V. sigue a estos autores deduzca lo que a V. le puede acontecer. Pero, yo creo que el genero mas mal tratado de España es el Linaria, sobre todo, la seccion supina. Y el mismo Prodrómus fue hecho tan de prisa, que parece no sea producto de un cerebro sajón. Kehil ya me dijo hablando un dia, la causa de haberse escrito. Colmeiro lleva algunos datos que conociendo a fondo la geografía botánica española y la de las costas africanas, sobre todo de Marruecos, se puede obtener alguna noticia interesante, aunque no sea segura, como todas las suyas. [...]*».

A 19 de Setembro de 1925 C. Pau escreve a G. Sampaio retomando a discussão da obra de Brotero. G. Sampaio conhecia como ninguém a obra do mestre de Coimbra. Uma das suas preocupações durante toda a vida foi justamente a análise crítica das obras fundamentais de Brotero, e também as de Link e van Hoffmanssegg - os mais notáveis estudiosos da flora portuguesa dos séculos XVIII e XIX<sup>445</sup>. Escrevia C. Pau: «*Mi distinguido y muy apreciado amigo: Doy a V. un millon de gracias por la molestia causada al proporcionarme la relacion completa de las especies de Brotero, publicadas en su primer fascículo y edicion de 1800. Noticia que debi haber adquirido de su misma obra, pues el prólogo de la edicion del año de 1918 [1818], se encuentra esta advertencia, del mismo Brotero: In hujus Phytographici Tomo I., Stirpium descriptiones, qua antea jâm anno MDCCC in primo Fasciculo edideram. – Esto, no se puede negar. Del estudio de las floras mediterraneas, occidentales, he llegado a darme cuenta de la falsa politica (o lo que sea) seguida por los autores de*

<sup>444</sup> C. Pau referir-se-ia a Blas Lázaro y Ibiza (1858-1921). Era doutorado em ciências e em farmácia. Trabalhou no Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid e no Real Jardim Botânico de Madrid. Foi professor de botânica da Universidade Central de Madrid, presidente da Real Sociedade Espanhola de História Natural (em 1901) e membro da Real Academia de Ciências Exactas, Físicas e Naturais de Espanha. Publicou importantes obras sobre a flora ibérica: «Contribuciones a la Flora de la Península Ibérica» e a monumental «Botánica descriptiva. Compendio de la Flora Española» (em dois volumes, editado em Madrid, em 1896) ([http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural); SÁNCHEZ DEL RÍO, 2003:109). Parte da bibliografia de Blas Lázaro y Ibiza está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/>.

<sup>445</sup> G. Sampaio contribuiu para uma reavaliação das obras destes botânicos: 1. Demonstrando a prioridade de várias espécies broterianas e de Link e van Hoffmanssegg em relação a propostas posteriores. 2. Mostrando interpretações erradas de espécies broterianas por botânicos posteriores. 3. Reavaliando a posição taxonómica de táxones broterianos. 4. Restaurando espécies broterianas. 5. Indicando imprecisões cometidas nestes trabalhos.

las floras; por el desconocimiento de que ha tenido de la vejetacion vecina y similar, se han propuesto especies nuevas, que ya fueron publicadas; pero, de todos los botánicos, ninguno como Ball, en sus plantas de Marruecos. De todos los botánicos extranjeros, creo que Cosson fue el que mas conoció la biblioteca botanica de la Peninsula. Hoy mismo, creo que el *Trifolium arrieteseccatum* Brotero, fitigrafia [Phytographia Lusitaniae selectior] I, tbla 63, es un sinónimo del *Tr. cartaiense* Coicy., f. *occidental* del *T. lappaceum*<sup>446</sup>. Al menos, la muestra de Marruecos es muy parecida a la estampa de Brotero. ¿Pudiera V. proporcionarme ejemplares para confirmar la sospecha mia? He pasado por una situacion tan particular, que no he tenido ganas ni de escribir a los amigos; jamas conoci tal [...] de pereza como me ha dominado este mes y el pasado. Espero con verdadera ansia el mes próximo, para ver si vuelven mis entusiasmos, por este sino, estoy completamente perdido para el estudio de la botánica. Aquí delante de la mesa tengo un monton de cartas incontestadas, y esta dirigida a V., es la primera, que me saca de la indiferencia en que he vivido. Ya conoce V. la causa de no haberle contestado antes y de no haberle acusado recibo de su última, dándole las gracias por su atencion. Tengo verdaderos deseos de conocerles a Vds. personalmente y de visitarles; esta era mi intención; pero, no encuentro amigo que me acompañe. Así se lo dije al Sr. Tabares. No habrá mas remedio, si me decido a verles ahí, que hacer el viaje yo solo; aunque sea por etapas, para menos molestias. Aunque tengo confianza en la dependencia, conviene no abusar».

A troca epistolar é interrompida e retomada em 1928. G. Sampaio escrevia a C. Pau uma carta datada de 19 de Junho de 1928. LAÍNZ (2000:371) sintetiza o seu conteúdo da seguinte forma: «se anuncia envío a Pau de unos *Rubus* cogidos por Sampaio en Galicia en el verano de 1927, con los que pretende se le aclare lo que son *R. galloecicus* Pau y *R. merinoi* Pau». A 11 de Novembro deste ano, G. Sampaio escrevia novamente a C. Pau: «Ainda que muito tardiamente venho agradecer-lhe as informações que me deu sobre os *Rubus*. Era escusado o enviar-me os exemplares, porque eu tinha cá duplicados. Logo que de Madrid me mandem as provas do trabalho incluirei nele a diagnose do *Rubus Paui*, nob., que é uma linda e inconfundível espécie da Galiza<sup>447</sup>. Reato agora a minha actividade botânica, suspensa durante três anos. Nas passadas férias já realizei herborizações em diferentes localidades e dentro de alguns dias vou redigir um trabalho novo sobre fanerogâmia da flora portuguesa. Sobre uma planta de que vou tratar nesse trabalho desejava um esclarecimento, que é o seguinte: De que cor são as pétalas do *Helianthemum Viciosorum*, Pau?» (LAÍNZ, 2000:371). C. Pau

<sup>446</sup> G. Sampaio também considerava o *Trifolium arrectisetum* de Brotero como uma forma do *Trifolium lappaceum* Lin. (SAMPAIO, 1913b:56).

<sup>447</sup> G. Sampaio não publica esta espécie de *Rubus*, nem localizámos, no seu herbário, qualquer exemplar. Aliás, depois da edição do Manual, G. Sampaio não publicará mais nenhum taxon deste género.

respondia a 29 de Novembro de 1928: «*He recibido la suya del dia 21 con suma alegria, por apreciar en mucho su amistosa correspondencia, que echaba de menos. Le agradezco la dedicatoria del Rubus, y espero de V., que me dará el obsequio de un ejemplar, cuando a V. le venga bien remitirmelo; pues, no es cosa de que esta forma, falte en mi colección particular. Yo me creí descansar, cuando llegase a los 70 años; pero me sucede ahora, que jamas he tenido mas ocupación que estos años; el pasado revisé sobre 5.000 pliegos de consulta, y este año, sobre ser mucho menor número, tambien he tenido que dedicar algunos meses a las plantas. Creo, como le decia al P. Navas<sup>448</sup>, que la muerte nos sorprenderá sobre la mesa de estudio. Cosa de que no estoy quejoso. Esta aficion no altera el sistema nervioso. [C. Pau seguidamente responde à questão colocada por G. Sampaio sobre o *Helianthemum*, tecendo considerações sobre este género]».*

Em 1929 continua o intercâmbio entre os dois botânicos. Escrevia C. Pau a G. Sampaio numa carta datada de 23 de Fevereiro<sup>449</sup>: «*Tuve verdadera alegria al ver carta de V.; pero, luego, al leerla y enterarme de sus Plagas, tuve un verdadero sentimiento y solamente me consuela, la creencia en que estoy, de que la cosa no ha que tener fatales consecuencias y que me da de comunicar V. prontamente noticias de un completo restablecimiento. A cuidarse y a buscar en el estudio de las plantas una distraccion agradable y un sedante moral, que nos es necesario a todos. Yo no tengo otra distraccion en este cochino mundo. Efectivamente; tiene V. mucha razon, para decir del herbario de Willkomm lo que escribe; y no solamente es este género, proxicamente verá V., lo que digo del género Thymus, apenas se publique mi trabajo. Alli digo que la estampa de Boissier del Th. hirtus es el verdadero. No pareced obra de un sajon; por mas que un amigo me dice que el Reino Vegetal de Engler<sup>450</sup>, le parece que es una empresa editorial y no verdaderamente científica. Con la Sociedad Española de H. N.<sup>451</sup>, no quiero tratos de ninguna clase; la cosa está en manos de un botarate, y yo no aguanto groserias de nadie y menos de una cuadrilla de necios y envidiosos, que no quieren disfrutar mas que los de la*

<sup>448</sup> C. Pau estaria a referir-se a Longinos Navás.

<sup>449</sup> Citada e transcrita muito sumariamente por LAÍN Z (2000:371).

<sup>450</sup> H. G. Adolf Engler (1844-1930), professor de botânica em Berlim, publicou com Karl Prantl (1849-1893), o monumental catálogo da flora mundial «Die natürlichen Pflanzenfamilien». A primeira edição foi publicada em 1899-1914, seguindo-se uma segunda edição em 1925-1942. Prantl encarregou-se do tratamento das criptogâmicas (oito volumes), enquanto Engler, em colaboração com diversos botânicos, estudou as fanerogâmicas. Cada família é descrita em pormenor e ilustrada, apresentando-se chaves para os géneros. O sistema de classificação das plantas adoptado nesta obra é ainda hoje utilizado, tanto em manuais e livros de texto, como nos herbários. Engler viajou na África tropical e na Ásia e dirigiu o Jardim Botânico de Berlim (PORTER, 1959:22; MAGNIN-GONZE, 2004:197-198).

<sup>451</sup> A Real Sociedade Espanhola de História Natural foi fundada em 1871. Entre os sócios fundadores, contam-se distintos naturalistas espanhóis como Ignacio Bolívar y Urrutia, Miguel Colmeiro y Penido e Joaquín González Hidalgo. Actualmente, tem como objectivos o fomento do estudo da natureza, a defesa do património natural, e contribuir para a formação de professores de ciências naturais. É a mais antiga sociedade científica espanhola privada ([http://es.wikipedia.org/wiki/Real\\_Sociedad\\_Española\\_de\\_Historia\\_Natural](http://es.wikipedia.org/wiki/Real_Sociedad_Española_de_Historia_Natural)).

*camarilla, pagando todos lo mismo. A mi tambien me han hecho algunas groserias y por este motivo, he dejado de escribir en la Española. Y si en el homenaje al Sr. Bolívar<sup>452</sup> publico lo de los tomillos, es por agradecimiento a D. Ignacio; tanto, que el dia que falte este señor, si le sobrevivo, me dará de baja enseguida. Alli no tengo otro colega mas que el dicho consocio; lo demas, me han resultado suegras».* G. Sampaio escreve a 23 de Março. LAÍNZ (2000:371) descreve o conteúdo desta correspondência: «pide prestamos de Gagea, más informaciones. Dice que sale al dia siguiente hacia su casa de Póvoa-de-Lanhoso. Estou trabalhando de novo na botânica e preparo algumas publicações para breve». A esta carta respondeu C. Pau a 3 de Abril deste ano de 1929 (**Estampa IV.37.**), re-abordando a questão do projecto da Flora Ibérica. As palavras de C. Pau parecem indicar que os botânicos de Barcelona (presumivelmente A. Caballero ou Font Quer) estariam a tentar que fosse ele próprio a dirigir ou elaborar esta flora peninsular. Este facto dever-se-ia a um manifesto desinteresse da parte de G. Sampaio em assumir a direcção da Flora Ibérica? Mas C. Pau sente que não tem capacidade ou condições para concretizar o projecto: «*No escribi a V. a Povoia por el motivo de mi excursión a Cullera, una sierra que penetra en el golfo sucronense, y que desconocia. Rocas peladas de misera vegetación y esta atrasada, e de donde no he traído grandes cosas; pero, creo que he logrado descubrir un [...] Yo no tengo otro entretenimiento y paso la vida muy agradablemente y con verdadera alegria. Estos dias me han escrito de Barcelona, proponiéndome la publicación de una flora peninsular; pero, me parece que yo [a frase seguinte está escrita a tinta preta, quando o restante parágrafo está a tinta vermelha] no tengo materia de mártir. Me gustaría publicarla, pero no me sujeto, tengo miedo a la esclavitud que supone un trabajo de tanta seriedad científica, y mi naturaleza me dice que yo ni servo, ni quiero ser santo ni sabio. Yo creo que los trabajos criticos solamente los pueden hacer los naturalistas del pais, y no los extranjeros; por poco que valga un botánico indígena, está en condiciones de superioridad sobre el extraño al pais. Ya lo verá V. próximamente en un trabajo mio sobre el género Thymus, llegando Boissier a publicar el Th. vulgaris como Th. hirtus Willd. En su lámina del Voyage bot. Miller, Boissier, Rouy, Rueter, etc., desconocieron el vulgarisimo Th. vulgaris español. Y con el el Zygis se puede decir lo mismo».*

G. Sampaio responde logo a 13 de Abril deste ano de 1929. É um dos documentos-chave para a compreensão da vida e obra de G. Sampaio. O conteúdo da carta é precioso para a compreensão da história do projecto da Flora Ibérica, pois permite responder à questão que formulámos no parágrafo anterior, e elaborar uma proposta interpretativa do desenrolar dos acontecimentos históricos. Existiam os conhecimentos necessários para elaborar esta flora. Teoricamente o projecto seria exequível, se

<sup>452</sup> C. Pau referir-se-ia a Ignacio Bolívar y Urrutia.

ambos tivessem «elan» mental para «aguentar» a realização de uma tarefa de tão grande envergadura. Todavia a ambos faltava esta capacidade de concentração psíquica, em que a atenção teria de estar focalizada durante anos (décadas?) seguidos num único objectivo e objecto de estudo. O impasse da Flora Ibérica parecia contagiar a conclusão da sua Flora de Portugal. O tom é de desmoralização e desânimo perante o gigantismo dos objectivos. Escrevia G. Sampaio: «Chegando da Póvoa tive o prazer de encontrar a carta de V. Ex.<sup>a</sup>, assim como os exemplares de *Gagea* que teve a gentileza de emprestar-me e que eu devolverei d'aqui a alguns dias. Eu não conheço a *G. pratensis* var. *Gussonii*, nem encontro a sua diagnose<sup>453</sup>. Poderá V. Ex.<sup>a</sup> enviar-me a cópia da diagnose desta variedade *Gussonii* ou, pelo menos, dizer-me quais as diferenças que ela apresenta do tipo da espécie? [...] aguardo, com o máximo interesse, o seu trabalho sobre os *Thymus*, com que muito devo aproveitar. Os trabalhos de V. Ex.<sup>a</sup> são para mim preciosos, por eles tenho aproveitado muito. Lástima é que V. Ex.<sup>a</sup> não queira aceitar o encargo de escrever a Flora peninsular, que seria a coroa do seu labor verdadeiramente notável. Como em tempos lhe comuniquei, eu desejava colaborar com V. Ex.<sup>a</sup> numa obra dessa natureza, mas os meus desgostos e o desânimo que eles me determinão fizeram-me desistir desse intento. No entanto estou pronto a fornecer a V. Ex.<sup>a</sup> tudo quanto queira da flora portuguesa, com o maior prazer. Actualmente desejo apenas concluir a *Flora portuguesa*, de que só me resta apurar um certo número de pontos duvidosos. Para isso faço constantes visitas, quasi todas as semanas, aos herbários de Coimbra e de Lisboa, onde tenho verificado diferentes erros. Acabado este trabalho de apuramento, será publicada a Flora portuguesa, inteiramente refundida. E está cumprida a minha missão de botânico. Descançar e morrer na minha aldeia é quanto depois me resta fazer. Levo para a sepultura o imenso pesar de o não conhecer pessoalmente e de não o poder abraçar, como a um verdadeiro irmão, a quem muito quero. Unidos pelo espírito e pelo trabalho, condenou-nos o destino a vivermos materialmente sempre separados» (LAÍNIZ, 2000:371-372). Neste ano a 17 de Maio uma outra carta de G. Sampaio para C. Pau: «Há poucos dias escrivi-lhe uma carta dizendo-lhe que não conhecia nem a *Gagea Gussonii* Terr. nem a sua diagnose e pedia-lhe, por isso, para me remeter os caracteres diferenciais dela para a *G. pratensis*. Veja como está perdida a minha memória: hontem, indo á pasta

---

<sup>453</sup> No Manual da Flora Portuguesa e na Lista das espécies, G. Sampaio tinha considerado a existência, em Portugal, de três espécies de *Gagea*: *G. foliosa* R. et S.; *G. Soleirolii* Sch.; *G. bohémica* R. et S. (SAMPAIO, 1909-1914:88; 1913b:29). J. M. Miranda Lopes descobre, em Vimioso, uma *Gagea* nova. Em Março de 1929, envia exemplares para G. Sampaio, pedindo a sua opinião. Querendo ter a certeza de que se tratava de uma variedade nova de *G. pratensis*, G. Sampaio pede a C. Pau a diagnose de *G. pratensis* var. *Gussonii* (*Gagea gussonii* A.Terracc.). Concluiria que a *Gagea* de Vimioso não era esta variedade, que aliás não existia no nosso país. A *Gagea* nova será publicada por J. M. Miranda Lopes, em 1930, como *Gagea nova* Samp. (LOPES, 1930:272). Posteriormente, G. Sampaio designá-la-á como *Gagea pratensis* raç. nova (Samp.) Samp. (SAMPAIO, 1931b:123). Neste trabalho publicado, G. Sampaio descreve a descoberta da variedade nova, e suas características diferenciais.

do gén. *Gagea*, do herbário deste Instituto, encontro a *G. Gussonei* [...]». LAÍNZ (2000:371-372) resume a continuação desta correspondência: «Discurre a continuación sobre sus problemas en el género; con harta lucidez, naturalmente, que no es lo mismo un lapsus que tener la memoria perdida. Y acaba, muy diplomáticamente, ofreciéndose a enviar materiales en préstamo».

Dos anos de 1930 e 1931 não se registam trocas epistolares. Em 1932 existe a possibilidade para um encontro pessoal entre ambos, que mais uma vez não se concretizará. G. Sampaio escrevia num bilhete-postal datado de 7 de Julho de 1932: «Chegando agora de Braga, tive o prazer de encontrar a carta de V. Ex.<sup>a</sup>, que me deu um grande gosto com a noticia de que virá aqui dentro de poucos dias. Não imagina quanto me alegro com a sua visita! Eu estou no Porto até ao fim do mez corrente e desejaria saber a hora e dia da sua chegada para o esperar na estação do Caminho de ferro» (LAÍNZ, 2000:371-372). A 4 de Setembro escrevia G. Sampaio a C. Pau em tom de desalento: «Muito pezar tive de que não viesse ao Porto, pois muito desejo abraça-lo. Há muito anos que mantemos relações científicas, com a maior e a mais leal amizade; por isso lamentável será que nunca nos encontrássemos pessoalmente na vida, que para mim já não pode ser longa. Tive há dias uma pequena congestão pulmonar e os médicos não querem que eu volte a fazer esforços físicos. Acabaram para mim as herborizações. Mando-lhe um pequeno retrato, como recordação que lhe quero deixar, se por ventura eu deixar de existir de um dia para o outro. Muito estimo sempre as suas notícias e muito le [lhe] desejo que tenha saúde e felicidade. E mande-me, que eu não posso deixar de ter prazer em ser-lhe agradável» (LAÍNZ, 2000:372-373).

Em 1933 a troca epistolar é dominada por um problema com a revista *Cavanillesia*. Escrevia G. Sampaio numa carta datada de 5 de Novembro: «Muito desejo que esteja de boa saúde; a minha, infelizmente não é das melhores. Venho pedir-lhe o favor de recomendar à administração da “*Cavanillesia*” para responder se sim ou não receberam um cheque de 60 pesetas que lhes enviei em 13 de Outubro de 1932. V. Ex.<sup>a</sup> há de estar lembrado de que lhe pedi o favor de considerar este Instituto como assinante da *Cavanillesia*, enviando-me os n.<sup>os</sup> publicados e a respectiva conta. O meu pedido foi satisfeito e eu recebi, efectivamente, os n.<sup>os</sup> publicados e a nota da sua importância, que era de 60 pesetas. Remeti para a *Cavanillesia* essa importância, em cheque, por intermédio de um Banco. Nunca me mandaram aviso de recepção dessa quantia, e perguntando eu para a *Cavanillesia* se receberam ou não essas 60 pesetas, não responderam. Peço a V. Ex.<sup>a</sup> para me informar se esse cheque foi ou não recebido; pois caso não foi recebido na *Cavanillesia*, eu tenho de fazer uma reclamação no Banco. Alguém o há de ter recebido e o Banco se encarregará de saber quem o recebeu e descontou. O que eu preciso de saber é se a *Cavanillesia* o recebeu ou não. Não compreendo porque motivo me não

respondem num simples postal. Mando a V. Ex.<sup>a</sup> cópia da última carta que eu envieie à *Cavanillesia* em 15 de Julho passado. Não sei se a revista deixou de publicar-se; o que sei é que nunca mais recebi fascículo algum» (LAÍNZ, 2000:372-373). C. Pau responde a 15 deste mês de Novembro de 1933<sup>454</sup>: «*Mi distinguido colega y muy apreciado amigo. No se puede V. imaginar, en el compromiso que me ha puesto su carta de V.; habia decidido no hacer caso de los amigos de Barcelona, no escribiéndoles para nada; pero su carta de V., no me lo permite, y ayer mismo, escribi al Sr. Font Quer y esperaremos su respuesta, que me apresuraré a comunicar a V., apenas la reciba. Quizas no haya tenido amigo alguno, que me hubiera hecho torcer mi decisión, mas que V., y la groseria que con un amigo mio, sea cometido. No me estraña nada de lo que me cuenta en un catalán. Aquí entre los valencianos tenemos este refan: Catalá, sino te l'ha fet, te la farà. Que dice: Catalan, si no ta la ha hecho, te la hará. Pero, el defecto mayor que tienen los de Barcelona, es el de que desconocen la educacion; y además, el negocio sea como sea, antes de todo. Yo estoy muy disgustado con Cavanillesia por dos o tres gorrinerías cometidas conmigo; y decidí no colaborar mas en ella. Todos quieren mi herbario; pero, todos quieren adquirirlo de momio; y yo primero le pego fuego o lo mando al extranjero, que me lotiman [lo timen]. Quien lo quiera, que lo pague. A mi, también me sucedió con el administrador de Cavanillesia, lo mismo que a V. Aún espero acuse de recibo de 50 pesetas que le remeti, por dos anualidades que le pagaba. Dame pan, y llamame socialista. Ya me dira V. el resultado, si a mi, por estar distanciado, no me quieren contestar a lo suyo».*

A última correspondência entre ambos permanece no espólio de G. Sampaio. Trata-se de uma fotografia de C. Pau que escreveu na parte detrás: «A un amigo estimado Sr. Sampaio. C. Pau. Ag. 1935» (**Estampa IV.34.**). Num cartão-de-visita, que todavia não está datado, mas poderia acompanhar esta fotografia escreveu<sup>455</sup>: «*Mi distinguido amigo: Ahi van esas dos fotos y vea V. como no tengo edad para trotar por el mundo, y no para escribir tampoco trabajos de botanica. He perdido el entusiasmo y ya ni tengo ganas de trabajar ni encuentro placer en publicar novedades científicas. Todo muere. Tengamos salud en lo poco que nos queda y lo mismo le desea a V. como siempre su amigo q. e. s. m.*».

<sup>454</sup> Citada e transcrita por LAÍNZ (2000:373).

<sup>455</sup> Citada e transcrita por LAÍNZ (2000:374).

## V. G. Sampaio e a nomenclatura botânica

1. G. Sampaio e a História da nomenclatura botânica
2. A «Lista das espécies» do Herbário Português
3. O Congresso do Porto

### 1. G. Sampaio e a História da nomenclatura botânica

Num dos seus cadernos de apontamentos, G. Sampaio escreve, em poucas páginas, a sua história da nomenclatura botânica (**Estampa V.1.**).

O texto, muito sintético, inicia-se com «*Nomenclatura*», e termina com a seguinte frase: «1913 – *Sampaio: Lista das espécies do herbario portugues*». Pelas razões que desenvolveremos ao longo deste capítulo, consideramos que esta é uma das obras-chave de G. Sampaio e marca uma revolução na taxonomia botânica no início do século XX. Esta síntese da história da nomenclatura terminando na sua «Lista das espécies» e a longuíssima lista de investigadores a quem enviou, por sua iniciativa, esta obra, mostra que G. Sampaio também a consideraria uma das suas mais importantes criações.

Que síntese faz G. Sampaio da história da nomenclatura botânica?

G. Sampaio deixou os capítulos «*I - Idade antiga*» e «*II – Idade media*» em branco e só escreveu sobre a «*Idade moderna*». Começa com Lineu, 1753, *Species plantarum*. Seguidamente, 1866, em que o «*Congresso internacional de Botanica de Londres*<sup>456</sup>, encarregou Af. De Candolle de redigir o *Código de nomenclatura*». No ano seguinte, 1867, o «*Congresso internacional botânico de Paris*<sup>457</sup>, discutiu e aprovou o *Código de Alph. De Candolle* [Af. De Candolle]<sup>458</sup>: *Lois de la nomenclature botanique*»<sup>459</sup>. Em 1883, Af. De Candolle publicou as «*Nouvelles remarques sur la*

<sup>456</sup> O Congresso de Botânica de Londres de 1866 decorreu de 22 a 31 de Maio. Foi assistido por 143 participantes, a grande maioria europeus. O discurso de abertura foi proferido por A. P. De Candolle ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)).

<sup>457</sup> O Congresso de Botânica de Paris de 1867 decorreu de 16 a 23 de Agosto ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)).

<sup>458</sup> Afonso De Candolle (1806-1874), filho de A. P. De Candolle (Agostinho Piramo), sucedeu ao pai na regência da Cadeira de Botânica, em Genebra, e continuou a publicação do *Sistema natural* de 1844 a 1874 («*Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis*», 10 vol., Paris). Publicou obras notáveis como a *Geografia botânica racional* e a *Origem das plantas cultivadas* («*Origine des plantes cultivées*», Paris, 1896). Para o Congresso de Botânica de Paris de 1867, elaborou as «*Leis da nomenclatura botânica*» («*Lois de la nomenclature botanique*»), que constituem o designado *Código de Paris* de 1867, que completou com as *Novas observações sobre a nomenclatura botânica* («*Nouvelles remarques sur la nomenclature botanique*», Geneve, 1883). Seu filho, Casimiro De Candolle, dedicou-se ao estudo da morfologia geral dos vegetais, publicando as *Considerações sobre o estudo da filotaxia*, em 1881, e a *Anatomia comparada das folhas nas famílias das dicotiledóneas*. «*Devem-se-lhe notáveis estudos de fisiologia vegetal e investigações sobre a germinação*» (GEPB).

<sup>459</sup> As «*leis da nomenclatura botânica*» (o *Código de Paris* de 1867), antes de apresentadas ao Congresso foram discutidas por uma comissão composta por Barthélemy Charles Joseph Du Mortier (1797-1878), Hugh d'Algeron Weddell (1819-1877), Ernest Staint-Charles Cosson (1819-1889), Jules Émile Planchon (1823-1888), August Wilhelm Eichler (1839-1887), Louis Édouard Bureau (1830-1918), além do próprio Af. De Candolle. Estas regras estabeleciam: a data de início de toda a nomenclatura vegetal com as obras de Lineu, mas não especificava quais os trabalhos em referência; o princípio da prioridade, sem excepções; as normas para a citação dos autores, para a publicação válida e para a aceitação e rejeição de

*nomenclature botanique*» em que o autor «*Dá novos comentários, esclarecimentos, adições e interpretações ao Código de 1867 [Código de Paris de 1867], dizendo que quanto aos generos de Lineu é a 1.<sup>a</sup> edição do Genera plantarum (1737) que deve ser invocada*». Neste mesmo ano, Asa Gray publica no Journal of Science, vol. XXVI, o trabalho «*Some points in Botanical Nomenclature; a revision of “Nouvelles remarques sur la nomenclature botanique par M. A. de Candolle”*», mas G. Sampaio não faz comentários a este trabalho.

Em 1891, o «*dr. Otto Kuntze*» publica a «*Revisio generum plantarum*»<sup>460</sup> e no ano seguinte, 1892, na «*Rochester Meeting (Congresso de Rochester, da Associação Americana para o Avanço da Sciencia – Agosto)*» são aprovados «*7 artigos divergentes do Código de Paris [Código de Paris de 1867] (homonimos; prioridade aos géneros de 1753, etc.)*»<sup>461</sup>. Neste mesmo ano realiza-se o «*Congresso internacional botânico de Génova (setembro)*»<sup>462</sup> que «*estabelece como ponto de partida da nomenclatura tanto para os géneros como para as espécies o ano de 1753 (Species plantarum de Linneu), mantendo a lei da prioridade, a partir desta data, mas com excepções para generos consignados numa “lista de nomina regiendi”*. Em nome do Comité de iniciativa, Ascherson<sup>463</sup> apresentou uma lista de nomes a conservar, mas esta lista não foi apreciada, por falta de tempo. O congresso nomeou uma comissão para elaborar uma lista de nomes genericos a conservar (“nomina conservanda”)»<sup>464</sup>. No ano seguinte, O. Kuntze publica em Junho o «*Codex nomenclaturae botanicae emendatus*»<sup>464</sup>.

Em 1894 realiza-se, em Setembro, o «*Congresso dos naturalistas de Viena (ou Assembleia dos naturalistas de Viena)*» em que «*Ascherson e Engler combatem a data de 1737 para [a] prioridade de géneros, advogando a de 1753 com um periodo de 50 anos para os generos que não forem*

nomes ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique); LAWRENCE, 1973:176). As regras de Af. De Candolle foram descritas pormenorizadamente por GRAY (1907:347-358)

<sup>460</sup> Otto Kuntze propunha a data de 1735 (1737) como a data para o início da publicação válida dos nomes genéricos.

<sup>461</sup> Este Código de Rochester de 1892 diferia das regras de Af. De Candolle nos seguintes aspectos principais: a necessidade da existência de tipos nomenclaturais (espécimes de herbário) para «fixar» as espécies; o início da publicação válida com Species Plantarum de Lineu; a possibilidade do epíteto específico ser idêntico ao nome do género (tautonímia) (TAVARES, 1958:12; LAWRENCE, 1973:177).

<sup>462</sup> O Congresso de Botânica de Génova de 1892 decorreu de 4 a 11 de Setembro. Foi organizado pela Sociedade Botânica de Itália, tendo sido supervisionado por Alberto Giulio Ottone Penzig (1856-1929) e inaugurado por Giovanni Arcangeli. O Congresso manifestou-se em desacordo com as regras propostas por O. Kuntze ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)).

<sup>463</sup> Paul Friedrich August Ascherson (1834-1913).

<sup>464</sup> No Congresso de Botânica de Viena de 1905, O. Kuntze tentou impor, sem sucesso, as suas ideias sobre a nomenclatura botânica. LUISIER (1906:56-57) descreveu o assunto da seguinte forma: «Sabidas são as exorbitantes pretensões do dr. Otto Kuntze (S. Remo) que queria ser nada menos que o unico legislador e juiz nesta questão e impôr uma reforma que pôde ser theoreticamente recommendavel, mas que, na practica, só poderia produzir, como notou muito bem o dr. Fedde, um inextricavel chaos. O congresso fez justiça a estas pretensões e, por duas vezes, ouvida a leitura dos protestos do dr. Kuntze, votou-se por unanimidade, que se passasse á ordem do dia».

*binomizados durante esse periodo*». Neste mesmo ano, J. Briquet<sup>465</sup> publica a «Question de nomenclature».

Em 1895 «Ascherson e Engler admitem a prioridade de generos e especies desde 1753, mas em vez de uma lista de excepções propõem um periodo prescriptivo de 50 anos para os generos que durante esse tempo não tivessem aplicação em binomes». Em jeito de observação pessoal concordante, G. Sampaio escreve a seguir «Principio de bons resultados práticos». Neste ano, Lester F. Ward publica «The nomenclature question» e Emile Levier «La Pseudo-priorité et les noms a bequilles». Em 1896, J. Briquet publica a continuação da sua «Question de nomenclature».

Em 1897 na «Nomenklaturreg» «os botanicos do Museu de Berlim propoem a prescrição por 50 anos para os nomes genericos que nesse tempo não forem binomizados, mas cassando essa prescrição para os que ficam tomados em monografias e grandes obras floristicas (É este o Codigo articulado dos botanicos do Museu de Berlim)»<sup>466</sup>.

Em 1900 realiza-se o «Congresso internacional botanico de Paris»<sup>467</sup>, mas G. Sampaio não insere nenhum comentário neste texto. Em 1903 são publicadas as «Regras berlinezas (ou Regras do Museu de Berlim)» que «renovam o principio da prescrição». Neste mesmo ano na «Preposition de changements avec lois de la nomenclature botanique de 1867 par un groupe de botanistes belges et suisses» é proposta «a data de 1753 com uma lista de excepções que seria elaborada segundo a regra prescriptiva do Museu de Berlim».

Para o ano de 1904, G. Sampaio refere dois documentos elaborados por botânicos italianos e o «Code de la nomenclature botanique elaborado pela comissão de nomenclatura da A. A. A. S. [American Association for the Advancement of Science] em 1904 – Projecto americano».

---

<sup>465</sup> John Isaac Briquet (1870-1931).

<sup>466</sup> No volume XIV do Boletim da Sociedade Broteriana (1897), J. Henriques apresentava uma introdução explicativa a estas regras e uma tradução das regras para português (HENRIQUES, 1897). As regras utilizadas pelos botânicos nas instituições alemãs eram essencialmente as seguintes: A. O nome válido de um género ou espécie é o nome mais antigo, válido de acordo com as regras – princípio da prioridade. B. A data de início da publicação válida para nomes de géneros e espécies é a da publicação de «Species plantarum» de Lineu. C. Se o nome de um género não se tornar generalizado nos 50 anos posteriores à sua publicação, este nome deixa de ser válido. D. Quando uma espécie é transferida de género, deve conservar o seu epíteto específico e o autor inicial figurar entre parêntesis a seguir ao nome da espécie e antes do nome do autor que transferiu a espécie de género. E. Os táxones novos têm de ser acompanhados de uma diagnose publicada em obra impressa. Referências de táxones novos em etiquetas de exsicatas ou catálogos comerciais não são válidas.

<sup>467</sup> O Congresso de Botânica de Paris de 1900 é geralmente considerado como o primeiro Congresso Internacional de Botânica. Decorreu de 1 a 10 de Outubro, tendo sido presidido por Jules De Seynes (1833-1912) e assistido por 230 congressistas ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)).

Em 1905 ocorreu o «*Congresso internacional botânico de Viena*» [Congresso de Viena de 1905]<sup>468</sup>, mas G. Sampaio deixa essa página em branco. Em 1907 o «*American Code of botanical nomenclature – É o Código dissidente Americano*»<sup>469</sup> ao qual G. Sampaio também não faz comentários. Este pequeno texto termina, como já referimos com a «Lista das espécies» publicada em 1913.

## 2. A «Lista das espécies» do Herbário Português

O Congresso de Botânica de Viena de 1905<sup>470</sup>, marca uma etapa histórica na nomenclatura botânica. Elaborado sob a forma de 58 artigos e diversas recomendações<sup>471</sup>, o primeiro Código era de tal forma coerente e moderno, que, apesar de diversas melhorias e aperfeiçoamentos posteriores, ainda permanece hoje como o esqueleto do Código Internacional de Nomenclatura Botânica contemporâneo.

Quais as principais normas estabelecidas pelo Código de Viena de 1905? Podemos resumi-las da seguinte forma (BRITTON, 1905; BRIQUET, 1907; LAWRENCE, 1973):

A. Cada taxon só pode ter um nome válido. Este é o nome mais antigo, válido de acordo com as regras – princípio da prioridade (artigo 15.º).

B. A data de início da publicação válida para todos os táxones é a da 1.ª edição da «*Species plantarum*» de Lineu – 1753. Para os géneros referidos nesta obra, são válidas as descrições posteriores apresentadas na 5.ª edição de «*Genera plantarum*» de Lineu publicada em 1754 (artigo 19.º).

C. Podem existir excepções à aplicação estrita do Código - nomes conservados (artigo 20.º). Por exemplo, nomes que não têm prioridade mas que estão tão enraizadas no uso botânico, cuja supressão poderia causar perturbações e inconvenientes<sup>472</sup>.

<sup>468</sup> O Código de Viena de 1905, aprovado neste congresso, seria herdeiro das Regras de Af. De Candolle, contrário às pretensões do Código de Rochester de 1892, e constituiriam o esqueleto do Código moderno actual (LAWRENCE, 1973:177-178). Ver capítulo seguinte.

<sup>469</sup> O Código Americano de Nomenclatura Botânica de 1907 era herdeiro do Código de Rochester de 1892, e diferia do Código de Viena de 1905 nos seguintes aspectos cruciais: recusar a existência de nomes genéricos conservados; recusar a necessidade de diagnose latina para acompanhar a publicação de novos táxones; impor a necessidade da existência de tipos nomenclaturais (LAWRENCE, 1973:178-179).

<sup>470</sup> Constituiu o segundo Congresso Internacional de Botânica. Decorreu de 11 a 18 de Junho, tendo sido presidido por Richard von Wettstein von Wettersheim (1863-1931) e Julius von Wiesner (1838-1916), e secretariado por A. Zahlbruckner. Assistiram 500 congressistas, estando representadas mais de 200 instituições e sociedades botânicas ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique)). A. Luisier, descreveu, na revista *Broteria*, como decorreram os trabalhos do Congresso (LUISIER, 1906).

<sup>471</sup> A discussão da nomenclatura no Congresso de Botânica de Viena de 1905 foi liderada por J. Briquet, C. H. M. Flahault, K. Mez e Rendle. O. Kuntze tentou impedir esta discussão, declarando que o congresso era incompetente e ilegítimo, mas não teve sucesso ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres\\_de\\_botanique](http://fr.wikipedia.org/wiki/Congres_de_botanique); BRITTON, 1905; LUISIER, 1906:56). O Código aprovado foi baseado numa proposta elaborado por J. Briquet (LUISIER, 1906:56).

<sup>472</sup> No Congresso de Botânica de Viena de 1905 foi aprovada uma lista (elaborada por Harms de Berlim) com 400 nomes genéricos que constituíam excepções ao princípio da prioridade (BRITTON, 1905). O presidente da Comissão Americana de

D. Todos os nomes de táxones novos têm de ser publicados em obras impressas. Comunicações orais, nomes colocados em colecções (exsicatas por exemplo) ou em jardins, não constituem publicação válida (artigos 35.º e 37.º).

E. A partir de 1 de Janeiro de 1908, nomes de táxones novos só serão válidos quando acompanhados de uma descrição (diagnose) em latim (artigo 36.º).

F. Em publicações anteriores a 1 de Janeiro de 1908, estampas com legenda podem substituir a diagnose latina (artigo 37.º).

G. No entanto, se se tratar de uma combinação nova, com a categoria de espécie ou inferior (uma espécie transferida de género, uma espécie convertida em variedade ou vice-versa, por exemplo), é considerada validamente publicada se se referenciar com precisão a uma descrição anterior. A simples indicação de um nome anterior não é suficiente (artigo 37.º).

H. As principais categorias infra-específicas são (por ordem decrescente de hierarquia): sub-espécie, variedade, sub-variedade, forma e sub-forma. Podem ser criadas categorias intercalares «com a condição de não provocar confusão ou erro» (artigo 12.º).

I. A data de um nome de taxon novo é a da sua publicação efectiva, que se encontra inscrita na obra (artigo 39.º).

J. O nome de qualquer taxon deve ser acompanhado do respectivo autor (artigo 40.º).

L. Quando se subdivide um género ou uma espécie, um dos novos táxones deve manter o nome original (artigos 45.º e 47.º).

M. Quando uma espécie é transferida de género, o epíteto específico original tem de ser mantido, excepto se no novo género já existir esse epíteto (artigos 48.º e 53.º).

N. O nome de um taxon não pode ser rejeitado «sob o pretexto de ter sido mal escolhido, de não ser agradável, de que outro é melhor, ou mais conhecido, [...] nem por outro motivo contestável ou de pouco valor» (artigo 50.º).

O. Um nome de um taxon deve ser rejeitado, nomeadamente, quando esse nome já tiver sido validamente utilizado anteriormente, quando o taxon «compreender elementos completamente incoerentes ou que possa ser origem permanente de confusão ou de erros», ou quando não obedecer às regras do Código (artigo 51.º).

P. O nome rejeitado tem de ser substituído pelo válido mais antigo, respeitante ao mesmo taxon (artigo 56.º).

Q. As regras só podem ser modificadas em Congresso Internacional de Botânica (artigo 58.º).

G. Sampaio discordava de algumas das regras do Código de Viena de 1905 e era adepto de várias disposições do Código Americano de Nomenclatura Botânica de 1907, em particular quanto à refutação dos nomes conservados e da necessidade de diagnose latina. A sua discordância aparece formalizada e aplicada pela primeira vez na sua obra «Lista das espécies representadas no Herbário Português» publicada em 1913 (**Estampa** V.2.), e seus três apêndices, publicados no ano seguinte (SAMPAIO, 1913b, 1914a, 1914b, 1914c)<sup>473</sup>. Trata-se de uma listagem de todas as espécies de plantas vasculares na altura existentes no Herbário da Faculdade de Ciências, com os nomes de acordo com as suas regras de nomenclatura<sup>474</sup>.

G. Sampaio tinha a noção que a sua obra era chocante e revolucionária porque ia contra um certo consenso estabelecido pelo Código de Viena de 1905. Escrevia a A. Ricardo Jorge a 16 de Maio de 1913: «*Se demorar posso mandar-lhe para ahi ou para onde me indicar, um trabalho que está a imprimir e que o ha de interessar bastante, creio eu. Vai nêlle toda a minha pouco sciencia, mas vai toda. Deve deitar cerca de 100 paginas e deve ficar em impresso este mez, sem falta. Ultimamente tenho adquirido muitas e boas obras antigas, entre as quais todas as do Hill*<sup>475</sup>, porque andava ancioso. Com o que tenho já posso fazer coisa aceitável e, por isso, vou deitar mãos á obra de revisão da nomenclatura das vasculares portuguezas, segundo os meus principios. Estou quasi resolvido a

<sup>473</sup> Estas listagens tinham, também, o grande mérito de restabelecer alguns binómios criados por Brotero, Link e van Hoffmanssegg, que tinham prioridade e eram válidos, mas que tinham entrado no esquecimento pela publicação, por outros botânicos, de nomes novos (mas que afinal eram sinónimos de acordo com as regras do Código de Viena de 1905).

<sup>474</sup> A. Luisier apreciava da seguinte forma estas publicações de G. Sampaio: «constitue um valioso instrumento de trabalho para todos os que estudam a flora portuguesa. A nomenclatura empregada pelo Sr. Gonçalo Sampaio, afasta-se, é verdade, em alguns pontos das regras do congresso botânico de Vienna, mas essas pequenas divergencias provêm da aplicação logica dos proprios principios formulados pelo mesmo Congresso. Da aplicação dos principios adoptados pelo A. resulta um certo numero de combinações binomicas novas» (B, XIII:64).

<sup>475</sup> Na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP) existe um exemplar de «A History of Plants» de J. Hill, publicado em Londres, em 1751. Terá sido adquirido por iniciativa de G. Sampaio? É interessante que no resumo da História da Botânica incluído no programa da Botânica, publicado em 1911, G. Sampaio não mencione este importante autor inglês. Esta carta é posterior, pelo que é de admitir que, quando escreveu o programa da disciplina, não conhecesse a obra de Hill. Todavia G. Sampaio conhecia bem a bibliografia deste botânico inglês. Num dos seus cadernos de apontamentos sobre os tratadistas clássicos escreveu: «A History of plants, London, 1751» que considera ser «uma especie de “Genera plantarum” seguindo o criterio de Linneu. Não emprega nomenclatura binaria». Na página seguinte, escreveu sobre «The useful family herbal, London, 1754» deste mesmo autor, que considera que «trata de muitos generos, dispostos por uma forma exquisita e por vezes emprega binomes para as especies. Entre os generos e binomes notaveis:». Segue-se uma lista com algumas dezenas de nomes latinos de plantas. Uma outra obra deste autor é de seguida analisada: «The British Herbal, London, 1756» que G. Sampaio classifica como sendo uma «especie de Flora ingleza, em grande formato e com numerosas gravuras. Os principais nomes genericos e binomes que contem são:». Segue-se também uma lista de nomes. A seguir, ainda deste autor, G. Sampaio escreveu sobre o «Index Kewensis, London, 1768» que opina tratar-se de «um catalogo com descrições das especies, algumas novas. Nomes notaveis:». Na lista que seguidamente apresenta, G. Sampaio sublinha, com dois traços pretos, o binome *Mariana mariana* que faz equivaler a *Cardus marianus* Lin. G. Sampaio considerava que o género *Mariana* tinha sido efectivamente criado por este autor inglês, porque tinha sido o primeiro a binomiá-lo depois de Lineu.

*inutilizar toda a parte impressa da Flora e começar uma nova impressão, que irá rápida, em harmonia com o que desejo. Deste modo sahirá uma obra bonita e da minha affeição. O que está choca-me por ser heterogeneo e por conter coisas que agora emendaria. Não gosto de obras imperfeitas, desde que se possam fazer melhor»* (BNP A/2012). Pouco tempo depois, com a impressão dos vários apêndices à «Lista das espécies» escrevia em Maio: «*Desculpe-me por não lhe ter mandado o 1.º suplemento. Ando muito esquecidiço e o muito trabalho mais agrava o meu mal. [...] Nada mais tenho publicado, embora tenha preparado um 3.º suplemento e continue a trabalhar com intensidade»* (BNP A/2069).

G. Sampaio pretendia, naturalmente, difundir pelos seus colegas botânicos as ideias contidas na «Lista das espécies». Existe no seu espólio um documento importante que sugere que terá enviado exemplares para todos botânicos que conhecia (ou mesmo que não conhecia mas a quem considerava importante dar a conhecer este seu último trabalho), e outras pessoas do seu relacionamento científico, cultural e político. São duas folhas de papel almaço quase totalmente preenchidas. Intitula «*Lista das pessoas a quem envie (+) ou vou enviar a Lista do Herbário Portuguez da Faculdade de Sciencias»* (**Estampa V.3.**). Que botânicos estão na lista? Muitos dos mais notáveis da época. De Espanha: C. Pau, B. Merino, Fr. Sennen<sup>476</sup>, Lázaro y Ibiza e A. Luisier. De França: Bouly de Lesdain, J. Daveau, Abbé H. Coste<sup>477</sup>, H. Leveillé, A. Bouchon, Beille e G. Rouy. Da Suíça: G. Beauverd, R. Chodat, H. Schinz, Hassler, A. Thellung<sup>478</sup> e G. Müller. Da Bélgica: De Wildeman<sup>479</sup>. De Itália: L. Nicotra e A. Fiori. Da Rússia: G. Dervitsky. Da Alemanha: W. Focke, P. Ascherson, P. Graebner, A. Engler. Da Inglaterra: W. Linton e W. M. Rogers. De Portugal: Santos Motta (Braga), Julio Henriques (Coimbra), Joaquim de Mariz (Coimbra), A. X. Pereira Coutinho (Lisboa), A. Ricardo Jorge (Lisboa), Antonio Mantas (Lisboa)<sup>480</sup>, J. M. Queiroz Veloso<sup>481</sup> (Lisboa), Sousa Junior (Lisboa), Carlos França (Lisboa), A. A. da

<sup>476</sup> Frère Sennen (1861-1937), Étienne Marcellin Granier-Blanc, era francês. O seu herbário, constituído por cerca de 85.000 espécimes, encontra-se actualmente no Instituto Botânico de Barcelona (<http://www.institutbotanic.bcn.es/herbario.html>). Bibliografia de Fr. Sennen está disponível em <http://bibdigital.rjb.csic.es/>

<sup>477</sup> Hippolyte Jacques Coste (1858-1924), padre, dedicou-se à botânica. Publicou uma Flora de França (1900-1906), ilustrada com desenhos originais, de grande qualidade. O seu herbário conserva-se hoje no Instituto de Botânica da Universidade de Montpellier 2 ([http://fr.wikipedia.org/wiki/Hippolyte\\_Coste](http://fr.wikipedia.org/wiki/Hippolyte_Coste)).

<sup>478</sup> Albert Thellung (1881-1928), botânico suíço, especialista em taxonomia.

<sup>479</sup> Emile August Joseph De Wildeman (1866-1947).

<sup>480</sup> António Mantas (1878-1939) era «republicano fervoroso desde os bancos da escola». «Os seus artigos primaram sempre, não só pelo vigor do ataque como pela clareza da exposição». Foi eleito deputado pela Guarda, na legislatura de 1921, e exerceu altas funções no Ministério da Instrução (GEPB).

<sup>481</sup> José Maria Queiroz Veloso nasceu em Barcelos, em 1860. Formou-se pela Academia Politécnica do Porto e pela Escola Médico-Cirúrgica do Porto. Cedo abandonou a prática da Medicina, para se dedicar ao jornalismo. Foi um dos fundadores da «Folha Nova», que teve uma influência importante na vida cultural do Porto. Anos depois, entrou para a redacção da «Provincia», onde conheceu Antero de Quental, Eça de Queirós e Carlos Mayer. Em 1892, vive em Lisboa e entra para a redacção do «Novidades» onde, ao tempo, estavam Eugénio de Castro e Melo Barreto. Colabora no «Reporter» e no «Tempo». Em 1895, é professor do liceu de Évora, em cuja cidade é também director da Biblioteca Pública. Em 1900, ingressa na política, filiando-se no Partido Regenerador. Foi eleito deputado, em diversas legislaturas. Foi nomeado para

Costa Ferreira (Casa Pia de Lisboa), M. de Souza da Camara (Instituto d'Agronomia), J. Verissimo d'Almeida (Instituto d'Agronomia), José de Magalhães<sup>482</sup> (redacção da Lutta, Lisboa), Anthero F. de Seabra (Faculdade de Ciências de Lisboa), C. Azevedo de Menezes (Bibliotheca Municipal do Funchal), Antonio Machado, Tude de Sousa<sup>483</sup> (Serviços Florestais) e A. Bensaude (Instituto Superior Technico). Além destas individualidades também estão representadas largas dezenas de Jardins e Sociedades Botânicas de diversas cidades europeias e extra-europeias como Tóquio, Manila, Cairo e Alger e muitas bibliotecas portuguesas – Biblioteca Municipal do Porto, da Escola Médica do Porto, da Faculdade de Ciências do Porto, do Lyceu de Braga, Biblioteca Publica de Braga e da Associação Academica do Porto.

Que regras discordantes apresentava G. Sampaio?

Estas são claramente enunciadas e justificadas na introdução à primeira «Lista das espécies» publicada em Julho de 1913. As três mais importantes eram as seguintes:

A. Para os nomes de géneros, restringir o princípio da prioridade a nomes que tenham sido usados na criação de binómios. Um nome de um género só se torna válido quando for utilizado na formação de um binómio específico, em data posterior a 1753. Escrevia G. Sampaio: «Esse congresso [de Viena], fixando como ponto de partida para a nomenclatura dos géneros a data de 1753, aceitou e consagrou, *ipso facto*, a boa doutrina dos que sustentavam que nenhuns nomes genéricos deviam prevalecer – só pela circunstância de serem mais antigos – contra os que Linneu binomizou na 1.<sup>a</sup> edição do *Species plantarum*. Ora isto é reconhecer, evidentemente, que o ser um termo empregado na formação de binomes específicos é o que lhe constitui, fundamentalmente, a base da prioridade em nomenclatura binária. E não se deixe de acentuar que um tal critério realiza melhor que nenhum outro o

---

governador civil em Viana do Castelo. Após a instauração da República, foi director da Faculdade de Letras de Lisboa (em vários mandatos) e vice-reitor da Universidade de Lisboa. Desempenhou vários cargos na Direcção Geral de Instrução Pública e no Ministério da Instrução Pública. Foi sócio da Academia das Ciências de Lisboa e da Academia Portuguesa de História. Jubilou-se em 1950. «É um dos raros exemplos de longevidade em plena posse das suas faculdades intelectuais e de verdadeiro espírito produtivo». «Tem sido um dos mais entusiásticos propugnadores do intercâmbio luso-espanhol» (GEPB).

<sup>482</sup> José António de Magalhães nasceu em 1867. Formou-se em medicina, em 1889, na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa (juntamente com Câmara Pestana). Foi professor de Patologia da Escola de Medicina Tropical (cargo de que foi jubilado), e médico no Hospital da Marinha, no Arsenal de Marinha e a bordo de navios de guerra e navios-hospitais. Exerceu medicina em Angola, Moçambique, e na Guiné. Realizou várias conferências sobre assuntos sociais e pedagógicos. Antes do advento do regime republicano, tomou parte numa série de conferências sobre educação popular, realizadas na Voz do Operário e no Ateneu Comercial, organizadas por um grupo de colaboradores do jornal «A Luta». Em 1913 realizou, na Universidade Livre, um curso de Psicologia em dez lições, com demonstrações práticas e exercícios. Colaborou intensamente em revistas médicas e jornais (GEPB).

<sup>483</sup> Tude Martins de Sousa (1874-1951) concluiu o curso de regente-agrícola na Escola de Agricultura de Coimbra, em 1893. De 1904 a 1915, foi regente-florestal na Serra do Gerês. Exerceu alguns cargos nos serviços prisionais (GEPB).

principal fim para que se convocou aquela assembleia: procurar o meio de obstar, o mais possível, á substituição de antigas por novas combinações binómicas».

B. O autor original do nome do taxon deve manter-se. De acordo com as regras em vigor, a publicação válida dos táxones de plantas vasculares começava em Lineu. Mas, enquanto que em relação aos binomes específicos, muitos tinham sido efectivamente criados pelo botânico sueco<sup>484</sup>, a maioria dos nomes genéricos era pré-lineanos – Lineu tinha-os adoptado, modificando alguns e mantendo a maioria. Para G. Sampaio era injusto omitir a autoria destes géneros pré-lineanos, os quais tinham sido definidos, com um conceito moderno de género, pela primeira vez, por Boerhaave<sup>485</sup>, Dillenius, Micheli, Rivinus, Rupp, Vaillant e sobretudo por Tournefort<sup>486</sup>. Existia ainda uma discordância fundamental entre o ponto de vista de G. Sampaio e o de Lineu relativamente à autoria dos nomes genéricos pré-lineanos. Para G. Sampaio, Rivinus era efectivamente o autor de muitos dos géneros pré-lineanos, dado que tinha sido o primeiro botânico que os tinha bem caracterizado. Para Lineu a autoria destes géneros deveria ser atribuída a Tournefort, que segundo G. Sampaio os tinha citado a partir de Rivínio.

C. Não aceitar excepções às regras, como os nomes conservados. Escrevia G. Sampaio: «Uma lista de excepções, por último, reprovoo-a em absoluto, porque representa a condenação dos próprios princípios da nomenclatura. Ou um nome está de harmonia com as regras estabelecidas e aceita-se, ou não está e, nesse caso, é rejeitado. Alem disso, a pouca coerência da lista aprovada pelo congresso torna-se manifesta, desde que se comparem os nomes que ele rejeitou com outros que, não os mencionando, parece admitir».

G. Sampaio tinha um espírito resoluto e determinado, e não só propõe regras discordantes, como demonstra que são exequíveis, aplicando-as à flora do nosso país. Mas para as aplicar na «Listas

---

<sup>484</sup> Muitos dos autores pré-lineanos utilizam efectivamente uma nomenclatura polinomial para designar as espécies, sistema difícil de manusear e sistematizar. Uma das criações geniais de Lineu foi a aplicação da nomenclatura binária a todas as espécies biológicas conhecidas na época. O sistema binomial era muito mais fácil de organizar e sistematizar do que a nomenclatura polinomial. Ver capítulo III.1.

<sup>485</sup> Hermann Boerhaave (1668-1738), médico holandês, foi nomeado professor de medicina e botânica da Universidade de Leida, em 1690. Foi director do Jardim Botânico de Leida, que ampliou e melhorou substancialmente (MAGNIN-GONZE, 2004:111; MÜLLER-WILLE & REEDS, 2007).

<sup>486</sup> Apesar de G. Sampaio considerar estes botânicos como os autores dos géneros pré-lineanos, a maioria dos nomes é-lhes anteriores, alguns datam até de Dioscorides e Plínio. A «obsessão» pela verdadeira autoria dos nomes dos géneros, fez G. Sampaio escrever, num dos exemplares da «Lista das espécies», para os géneros pré-lineanos, o nome dos autores que considerava serem os verdadeiros.

das espécies» teve que fazer uma consulta exaustiva dos autores pré-lineanos<sup>487</sup> e das obras clássicas pós-Lineu<sup>488</sup>. O trabalho foi gigantesco.

### 3. O Congresso do Porto

As questões da nomenclatura botânica serão retomadas por G. Sampaio alguns anos mais tarde, no Oitavo Congresso da «Asociación Española para el Progreso de las Ciencias» (realizado conjuntamente com o Primeiro Congresso da Associação Portuguesa para o Progresso das Ciências), que decorreu no Porto de 26 de Junho a 1 de Julho de 1921<sup>489</sup>. A sessão de abertura do congresso foi

---

<sup>487</sup> A consulta da bibliografia pré-lineana era também indispensável para G. Sampaio delinear a sua História da Botânica. Qual das duas vertentes terá suscitado os primeiros interesses de G. Sampaio?

<sup>488</sup> Nomeadamente de Boissier, Brotero, Cavanilles, Af. De Candolle, Decaisne, Link y van Hoffmannsegg, Lacaita, Lagasca, Lamarck, Loscos y Willkomm.

<sup>489</sup> J. S. Tavares, que, com A. Luisier, assistiu e participou no Congresso do Porto, descreveu a reunião, em traços gerais, num artigo publicado na revista Broteria (TAVARES, 1921). J. S. Tavares, assim como os restantes membros da Companhia de Jesus, tinha sido expulso de Portugal, após a instauração de República. Em 1921, diversos dos fundadores e redactores da Broteria viviam no «Colegio del Pasaje», em La Guardia, na Galiza. Após 11 anos de exílio, a participação de J. S. Tavares numa reunião desta dimensão, com centenas de investigadores portugueses e espanhóis, teve em si um grande impacto, e explica a importância que dá, no início do seu texto, ao que denomina de intercâmbio científico: «Não é nos poucos dias que duram os congressos, em grande parte ocupados em diversões e festas, que se fazem descobrimentos científicos, nem a eles se destinam essas reuniões. O resultado prático de maior monta é o chamado intercâmbio científico, que quer dizer, as relações que se estabelecem ou se estreitam entre cientistas da mesma especialidade, para se auxiliarem com o estímulo da emulação e com o saber mútuo de experiências e investigações feitas. Este intercâmbio tem summa importância, não tanto por ocasião do congresso, como sobretudo nos tempos subsequentes. Verdade é que, muita vez, já nos dias do congresso essa vantagem se pode apalpar visivelmente, não só nas conferências públicas feitas geralmente pelos homens mais eminentes, mas ainda pelas explicações dadas de viva voz com a apresentação e discussão das comunicações. Também não é raro, que alguns naturalistas apresentem ao Congresso os seus trabalhos práticos de colleções e preparações microscópicas, como fizeram na secção de Anatomia do Congresso Internacional de Medicina em Lisboa, onde nos mostraram preparações microscópicas notáveis. Na Secção de Medicina do Congresso do Porto, não só estavam patentes aos Congressistas os Laboratórios e Museus da Faculdade respectiva, e bem assim os Hospitais, mas ainda vários cirurgiões do Porto dedicaram aos Congressistas diversas sessões de demonstração operatória. Acrescem para os naturalistas as excursões ao campo feitas por toda a Secção, ou mais ordinariamente por grupos de particulares. Assim, na Subsecção de Biologia, foi organizada uma excursão em que entraram 5 entomologistas, três de Madrid – Drs. J. Dusmet, C. Bolívar e C. Ceballos – e dois portugueses – Correia de Barros e o padre Tavares – à distância de 20 kilómetros do Porto, no magnífico automóvel em que o Sr. J. Dusmet viera de Madrid. Este facto leva-nos já a outra vantagem particular do Congresso do Porto e foi a união e estreitamento de relações entre os cientistas portugueses e espanhóis, muita vez tão distanciados por ódios e rivalidades seculares de raça e de nacionalidade. Esta união foi apregoada por todas as formas, pode dizer-se em todos os discursos das solennes sessões de inauguração e encerramento, em todas as saudações oficiais e não oficiais, nas festas celebradas em honra dos Congressistas, e nas sessões ordinárias das diversas Secções, sendo mútuos os elogios e calorosos os vivas a Espanha e a Portugal, e saindo dessas manifestações entusiásticas mais vivo e incendiado o patriotismo. As duas nações rivalizaram como num grande certame: cada uma apresentou os seus cientistas mais notáveis e estes, por sua vez, estadearam os seus descobrimentos científicos, nas exposições de instrumentos para o progresso das ciências e da indústria, e nas inúmeras comunicações feitas às 8 Secções do Congresso. Cada cientista de persi é uma unidade a concorrer com a sua cota parte para o progresso científico; todos ou muitos juntos formam uma plêiade brilhante que muito honra a Península Ibérica, que muito anima ao trabalho científico, que estimula muitas actividades latentes, que nos reprehende a indolência, que muito desperta a nobre emulação e o pundonor, mostrando que acima da vil politicagem e dos bens materiais, um interesse se alevanta superior – a ciência com as diversas actividades da industria e do progresso que da mesma ciência, bem orientada, dimanam». De seguida, a apreciação de J. S. Tavares entra num tom de confiança, patriotismo e auto-estima da nação portuguesa e da Península Ibérica (em que não deixa de mencionar a proscricção da Companhia de Jesus), quiçá aguçado pelo seu longo exílio de 11 anos, que bem contrasta com o pessimismo de G. Sampaio (ver capítulo I.4.). «Em Portugal então, esta manifestação da actividade intellectual, perante a qual houve uma quasi trégua

realizada no Teatro de São João, no dia 26 de Junho de 1921, tendo o discurso inaugural sido proferido por Gomes Teixeira, reitor honorário da Universidade do Porto. Os discursos da inauguração das secções foram também lidos no dia 26 de Junho de 1921. Na 4.<sup>a</sup> secção, Ciências Naturais, o discurso inaugural foi proferido por G. Sampaio, e focou precisamente a «Revisão das regras da nomenclatura botânica»<sup>490</sup> (SAMPAIO, 1921c) (**Estampa V.4.**).

Oito anos passados sobre a publicação da primeira «Lista das espécies», mantinha G. Sampaio as suas ideias originais e pessoais sobre a nomenclatura botânica? G. Sampaio mantinha, no essencial, as suas posições. Aliás irá mantê-las até ao fim da sua produção científica, chegando a publicar em 1931 um artigo só dedicado à questão da taxonomia e nomenclatura dos géneros (SAMPAIO, 1931a).

O discurso de G. Sampaio na abertura da 4.<sup>a</sup> secção do Congresso do Porto segue o seu estilo habitual – autoconfiante, contundente, implacável e com alguma ironia. Interpretemos o essencial.

G. Sampaio começa por recordar que o Congresso espanhol de Sevilha realizado em 1917, ao qual tinha assistido, o tinha encarregado de «uma revisão urgente às regras internacionais de nomenclatura botânica em vigor». Seguidamente chama a atenção para a importância da nomenclatura biológica, e sobretudo à necessidade de existirem regras precisas para o seu uso: «uma linguagem tão opulente pela quantidade de nomes que, a não ser muito racionalmente estabelecida e precisamente regrada – o mais metódica, o mais uniforme, o mais mnemónica e o mais simples possível – tornar-se-ia um babel na ciência, em vez de ser, como deve ser, um meio claro de compreensão».

---

e se abateram ódios e todas as luctas mesquinhas, sentando-se juntos e confraternizando scientificamente nas sessões ordinárias monárchicos e republicanos de todos os partidos, sacerdotes sem exclusão de jesuítas da Associação Espanhola, ao lado de professores primários, de senhoras illustradas e de cientistas de todas as categorias, essa manifestação intellectual ou assembleia selectíssima de cerca de 2.000 Congressistas, dizia eu, foi de summa importância para soerguer o espírito nacional abatido por tantas calamidades e luctas estéreis. Allí pôde cada qual reconhecer, que a ciência nacional, mais cultivada do que fariam suppor tantos contratempos e reveses, não envergonhou Portugal perante os sábios espanhóis que, tantos em número – cerca de 500 -, concorreram àquelle certame. E também se mostrou ao mundo illustrado, como já indiquei noutra lugar, que a ciência da Península, em todos os ramos da actividade intellectual, não anda tão atrasada como crêem algumas nações rivais. O Congresso do Porto não faria má figura se celebrara as suas sessões em Paris, em Roma ou nalguma outra cidade onde mais se cultivam as sciências. As nações que, como Espanha e Portugal, podem ao mundo apresentar citologistas como Ramón y Cajal, mathematicos como Gomes Teixeira, químicos como Ferreira da Silva e o padre Victoria, physicos como Virgílio Machado, entomologistas como Bolívar e o padre Navás, e botânicos como Júlio Henriques, C. Pau e Gonçalo Sampaio, para não citar senão meia dúzia de nomes dentre uma pléiade luzidíssima de cientistas e investigadores dos segredos da natureza; tais países nada têm que ruborizar perante a ciência estrangeira, nem se podem dizer nações mortas, por quanto tais se devem considerar tão somente aquellas que não apreciam nem cultivam a sciência». Para J. S. Tavares, o saldo do Congresso do Porto era muito positivo, e a confiança nos investigadores portugueses (e espanhóis) e nos seus trabalhos, elevada.

<sup>490</sup> J. S. Tavares descreveu os trabalhos iniciais da 4.<sup>a</sup> secção da seguinte forma (TAVARES, 1921): «O discurso inaugural foi feito pelo sr. prof. Gonçalo Sampaio, da Universidade do Porto, e versou sobre “Revisão das regras de nomenclatura botânica”. Pelo grande número de communicacões – 54 em português e 33 em castelhano – fêz-se mester subdividir esta Secção em duas Subsecções que trabalharam independentes: uma de Biologia, e outra de Ciências Geológicas e Anthropológicas. Nesta, realizou-se a conferência com projecções, do sr. D. Lucas Fernández Navarro, da Universidade de Madrid, sobre “La Piedra de Manzanares. Topología de una región granítica bien típica”».

Na nomenclatura botânica, a «maior dificuldade que ainda nos oferece [...] reside na parte relativa aos géneros, que por ora se não encontra regulamentada de forma inteiramente satisfatória». Seguidamente G. Sampaio faz um historial do conceito de género, citando a formulação de Gesner, Tournefort, e finalmente Lineu. Ora para G. Sampaio, Lineu «teve os mais assinalados méritos», mas em relação aos géneros o seu trabalho é criticável: «refundiu grande número dos géneros de Tournefort e de Ray, ao mesmo tempo que mudou discricionariamente as denominações de outros, sem respeito pela prioridade, e transferiu o significado de muitos, creando assim uma homonímia extremamente perturbadora da clareza e da tradição».

G. Sampaio faz então um historial dos Códigos de nomenclatura até ao de Viena. Detém-se neste código que contém regras «excelentes» mas que não «são suficientemente completas e precisas em certos pontos». G. Sampaio focaliza então o seu discurso nas suas discordâncias relativamente ao Código de Viena de 1905.

Começa por discordar das excepções ao princípio da prioridade, como os nomes conservados ou rejeitados, que constituem «uma quebra sempre complicadora das regras». G. Sampaio acharia preferível a regra utilizada pelos botânicos alemães no final do século XIX que previa a prescrição dos nomes dos géneros não usados ao fim de meio século. Mas para G. Sampaio a solução que preconiza é a de ceder a prioridade aos nomes de géneros só quando são usados na formação de binomes específicos porque «verifica-se com facilidade que entre dois ou mais sinónimos genéricos publicados depois de 1753 aquele que se perpetuou ou mais se generalizou no uso dos botânicos foi, por via de regra, o que primeiro teve emprego na formação de binomes específicos, embora por vezes mais novo que os outros». Seguidamente aplica a sua regra à nomenclatura de diversos géneros da flora portuguesa, concluindo pelas suas vantagens.

Seguidamente aborda a questão da autoria dos nomes dos táxones. Na «Lista das espécies», G. Sampaio tinha defendido a autoria taxativa e explícita dos nomes criados por autores pré-lineanos, que, pelo Código de Viena de 1905, seriam substituídos pelo de Lineu. G. Sampaio pretendia justamente homenagear todos os grandes botânicos pré-lineanos, que afinal tinham uma quota-parte na revolução lineana. Que posição apresenta agora G. Sampaio? Não mantém a posição inicial, mas a sua nova formulação – o autor separado do validador - pretende continuar a homenagear os verdadeiros autores dos nomes pré-Lineu: «necessidade urgente que existe, hoje mais que nunca, de separar as noções de validação e de autoria dos nomes taxinómicos [...] nada mais falso e mais iníquo, realmente, do que atribuir a um botânico moderno os nomes genéricos ou específicos estabelecidos pelos autores prelineanos, nomes que esse botânico não creou mas simplesmente validou, por se ter limitado a

adopta-los nas suas obras depois de 1753 [...]». G. Sampaio formulava a seguinte pergunta, sabendo que tinha razão: «porque Lineu ou Miller aceitaram, com os respectivos títulos, géneros de Rivinus, de Ray, de Tournefort [**Estampa** V.5.], de Dillenius [**Estampa** V.6.] e de outros, deveremos nós considerar Lineu ou Miller como autores dessas criações, de mais a mais quando eles próprios as indicam como sendo daqueles tratadistas anteriores?». De seguida, perguntava de outra forma, evocando a «verdade e a justiça», valores tão caros ao seu comportamento e ética: «Com que verdade e com que justiça se pode escrever: *Carlina* Lin., *Linaria* Mill., *Hedypnois* All. e *Corydalis* Med., se estes géneros foram originalmente definidos e assim denominados não por Lineu, Miller, Allioni e Médicus mas sim, respectivamente, por Ray, Rivinus, Tournefort e Dillenius? [...] Suprimir as firmas de autoria destes grandes botânicos antigos que se chamaram Lobelius, Clusius, Dodaneus, C. Bauhinus, Rivinus, Ray, Tournefort e Dillenius, para as substituir pelas dos modernos – às vezes bem menos importantes – é cometer simultaneamente tres espécies de acções recrimináveis: 1.º afirmar uma falsidade por cada substituição; 2.º praticar uma injustiça com o autor espoliado; 3.º apagar vestígios de uma época que foi verdadeiramente prodigiosa pela grandesa do trabalho e da fé científica». Qual a forma que G. Sampaio propõe para homenagear os botânicos pré-lineanos? «escrever entre colchetes e adiante do autor antigo de uma designação, quer do género quer da espécie, o botânico moderno que a validou, isto é, que pela primeira vez a empregou a partir de 1753. Deste modo teríamos para os géneros: *Fumaria* Riv. [Lin.], *Dracunlus* Tour. [Mill.], *Cakile* Tour. [Gaert.], *Lobelia* Plum. [Lin.], *Narthecium* Moerh. [Huds.], *Calocasia* Boerh. [Scot.], *Crupina* Dill. [Cass.]».

Quase no final da sua palestra, G. Sampaio retoma as críticas à abordagem que Lineu fez dos géneros na sua obra botânica: «Quasi todas as pessoas de uma certa cultura teem a ideia errónea de que a botânica descritiva saiu de um jacto das mãos de Lineu e que foi ele, na realidade, quem deu a conhecer à ciência a imensa quantidade de géneros e de plantas cujas denominações trazem a sua assignatura. Ora a verdade é que os géneros e as espécies que este naturalista descreveu originariamente são em número muito reduzido e que o facto de se encontrar a sua firma na maior parte dos nomes taxinómicos resulta principalmente: 1.º de ter passado á forma binária um elevadíssimo número de designações polinómicas dos antigos - pertencentes muitas a vegetais que nem conhecia -; 2.º de ter mudado arbitrariamente os nomes de vários géneros, assim como os de muitas espécies já designadas binariamente; 3.º de lhe serem indevidamente atribuídos muitos nomes que ele não creou mas apenas adaptou. Suprimindo estes últimos, que devem regressar à posse dos seus legítimos autores, muito se contribuirá, portanto, para que da obra do grande sueco se não tenha um conceito tão exageradamente falso como em geral é feito».

G. Sampaio terminava o discurso no seu tom habitual. Afirmava que as regras do Código de Viena de 1905 «não conseguiram ainda impor-se, em 16 anos, a uma consideração tal dos botânicos que possa dar esperanças de vir a ser quasi geral; muitos são os que as não seguem, por desacordo com algumas das suas disposições, e em Portugal e na Hespanha não conheço um único que as pratique, embora alguns possam haver que delas se julguem partidários». Finalmente em tom de confiante iberismo: ao «actual Congresso, [...] não faltam autoridade, competência e patriotismo para promover a preparação de um Código hispano-português de nomenclatura botânica, em que se afirme também o vigor e a independência mental da nossa raça para a solução dos seus problemas científicos de maior actualidade».

Efectivamente G. Sampaio faz aprovar, no último dia do Congresso do Porto (1 de Julho de 1921), um mini-Código de Nomenclatura Botânica, constituído por nove artigos<sup>491</sup> (VOTO, 1922) (**Estampa** V.7.). Qual o conteúdo deste mini-Código «hispano-português»? A essência do que tinha sido defendido no discurso de abertura. No artigo 1.º afirmava-se que a data de início da publicação válida não admitia excepções: «para cada tipo ou grupo taxinómico só se pode adoptar em ciencia uma única designação (nome ou binome), a qual será *sempre* a primeira publicada, a partir de 1753, com as condições de validade exigidas pelas regras». A palavra «sempre» está em itálico no texto, pretendendo reforçar o seu significado. Não eram portanto admitidos os nomes conservados. No artigo 3.º afirmava-se que «os nomes genéricos não se podem considerar válidos antes de serem empregados na constituição de binomes específicos, a partir de 1753». Nos artigos 8.º e 9.º distinguia-se o autor do táxon do seu validador: «Artigo 8.º. A validação de nomes taxinómicos alheios não confere ao validador a autoria desses nomes, a não ser que este lhes altere inteiramente o significado. § 1.º Considera-se validador de um nome taxinómico o primeiro que o empregou, a partir de 1753, em condições de validade. § 2.º Considera-se autor de um binome válido ou validado o primeiro que o empregou, em qualquer época, para designar a respectiva espécie. § 3.º Considera-se autor de um nome genérico o primeiro que o empregou quer em binome válido ou validado, quer como designação de um género devidamente definido. Artigo 9.º. Depois do nome de um tipo ou grupo dever-se-á indicar

---

<sup>491</sup> J. S. Tavares apreciou da seguinte forma estas resoluções do Congresso do Porto (TAVARES, 1921): «Com serem estas, vantagens importantíssimas, outras há ainda no Congresso do Pôrto que cumpre considerar, e vêm a ser as resoluções tomadas nas diferentes Secções ou apresentadas na sessão de encerramento. Uma das mais importantes é sem dúvida a proposta do sr. Gonçalo Sampaio, na Subsecção de Biologia, para a unificação da nomenclatura botânica, proposta que foi provisoriamente adoptada nas bases apresentadas pelo illustre professor, sendo logo nomeada uma comissão composta de dois botânicos portugueses – o proponente e o sr. dr. António Machado – e outros dois espanhóis – srs. Carlos Pau e R. Fragoso – para no entanto estudar o assumpto e apresentar no Congresso de 1923 em Salamanca as bases do código definitivo».

sempre, e nas condições das regras, o respectivo autor; nos nomes de origem prelineana poderão as obras eruditas indicar ainda o validador, entre colchetes e seguidamente ao autôr».

Todavia este código «hispano-português» concordava em muitas disposições com o Código de Viena de 1905. O artigo 6.º correspondia aos artigos 48.º e 53.º do Código de Viena, respeitantes à manutenção do epíteto específico de espécies que são transferidas de género. O artigo 7.º tinha o teor dos artigos 45.º e 47.º do Código de Viena, respeitantes à manutenção do nome do taxon quando este é subdividido.

Que avaliação se pode fazer destas propostas de G. Sampaio, discordantes do Código de Viena de 1905? A limitação da prioridade dos nomes genéricos era herdeira da regra que os Jardins e Museus Botânicos alemães usavam no fim do século XIX, que previa a prescrição dos nomes de géneros que não fossem usados na formação de nomes de espécies, ao fim de 50 anos da sua criação. O carácter moderador e clarificador desta regra é incontestável, dado que existe no actual Código de Nomenclatura Zoológica. A inexistência de nomes conservados e a explicitação do autor efectivo do táxon confeririam, sem dúvida, uma maior coerência interna, transparência e carácter orgânico à nomenclatura botânica (regras simples, universais, sem excepções, autoria explícita), mas a sua aplicação obrigaria a que se procedesse a uma revisão completa dos nomes dos géneros e das espécies e dos seus autores, de que resultaria um elevadíssimo número de alterações nomenclaturais. Talvez por G. Sampaio propor uma revolução na taxonomia botânica – um corte drástico com o passado -, as suas propostas não foram incorporadas nos códigos de nomenclatura subsequentes e no código actualmente em vigor<sup>492</sup>.

---

<sup>492</sup> O Código de nomenclatura actualmente em vigor, no seu artigo 46.º, prevê que se possa indicar, facultativamente, o autor original do taxon, seguido de «ex», antes do nome do seu «validador». Assim o género *Lupinus* criado por Tournefort e «validado» por Lineu pode ser citado como *Lupinus* Tourn. ex L. (1753). Esta formulação aproxima-se da de G. Sampaio, mas não tem a ênfase no autor original que G. Sampaio sempre afirmou. No código «hispano-português», a indicação do autor do taxon era obrigatória, a do validador facultativa. No Código moderno ocorre o oposto.

## VI. G. Sampaio e o ensino

1. O ensino elementar da Botânica
2. O ensino universitário da Botânica
3. G. Sampaio, professor de Zoologia da Faculdade de Ciências

### 1. O ensino elementar da Botânica

G. Sampaio dedicou naturalmente o seu empenho no ensino universitário da Botânica. No entanto, existem documentos que provam que o ensino da Botânica a nível elementar também foi objecto de estudo e dedicação por parte de G. Sampaio.

Os seus colegas de Lisboa e de Coimbra – A. X. Pereira Coutinho e J. Henriques, tinham publicado alguns manuais de botânica para o ensino elementar ou liceal<sup>493</sup>. A. X. Pereira Coutinho tinha mesmo uma longuíssima bibliografia nesta matéria, tendo publicado manuais para muitas das reformas do ensino que ocorreram nas primeiras décadas do século XX.

A vocação docente de G. Sampaio (aliada a uma notável capacidade de síntese e elaboração) terá sido precoce. Em 1890 inscreve-se na Academia Politécnica do Porto. Existe no seu espólio documental um manuscrito intitulado «*Curso dos Lyceus. Historia Natural. II. Botanica por Gônçalo Sampaio, alumno da Polytechnica do Porto, 1891*». Seria o resultado da frequência das aulas de botânica, neste ano leccionadas pelo seu lente-proprietário, Manoel Amandio Gonçalves<sup>494</sup>? Trata-se de um caderno de capa preta, com algumas dezenas de páginas, escritas com tinta e caligrafia variáveis, e com abundantes rasuras. O texto aborda os seguintes tópicos: estrutura da célula vegetal; tecidos vegetais; fisiologia e nutrição vegetais; estrutura da flor e do fruto; reprodução; classificação; características dos principais grupos - dos fungos às angiospérmicas; características diferenciadoras das principais famílias, com referência a espécies relevantes (com indicação do nome vulgar e respectivo binome latino). No final existe uma lista de «*Estampas*» com 118 títulos. Trata-se de um texto curto, mas de grande equilíbrio sintético. A ênfase na descrição das famílias parece antever a predilecção de G. Sampaio pela taxonomia vegetal.

Existe no espólio documental de G. Sampaio, um rascunho de uma carta, datado de 28 de Agosto de 1913, que G. Sampaio pensava enviar (ou terá enviado) para o Ministro da Instrução (**Estampa VI.1.**). Nesta carta, G. Sampaio propunha-se elaborar um compêndio de botânica para os

<sup>493</sup> Mencionados nas biografias destes dois botânicos apresentadas no capítulo IV.1.

<sup>494</sup> Manoel Amandio Gonçalves nasceu no Porto em 1861. Bacharel em Filosofia pela Universidade de Coimbra, foi nomeado lente-substituto da secção de Filosofia da Academia Politécnica do Porto por Decreto de 19 de Junho de 1884, e lente-proprietário da 11.ª Cadeira - Zoologia desta Academia, por Decreto de 14 de Agosto de 1885. Em 1890 transitava para a Cadeira de Botânica. Em 1912, por motivo de doença, foi substituído na regência da Botânica por G. Sampaio. Aposentou-se em 1915 (PIRES DE LIMA, 1942:31-32; FCP, 1969:245).

liceus: «Perdoe-me V. Ex.<sup>a</sup> por tomar-lhe tempo, que deve ser coisa bem preciosa e escassa para um ministro. No entanto eu tenho absoluta necessidade de expor a V. Ex.<sup>a</sup> o seguinte: Estou aqui na aldeia, trabalhando sem descanso nuns livrinhos de botânica para os liceus. O meu desejo é harmonizar o que se estude nos liceus com o que se estuda, depois, nas universidades. É um grave inconveniente que os estudantes tenham, nos cursos superiores, de se verem na dura necessidade de esquecerem o que lhes ensinaram nas escolas médias e estudar coisas elementares ou gerais, de novo. O meu programa na Universidade do Porto está em completa desarmonia com o da instrução secundária; da mesma forma o está o da Universidade de Lisboa publicado ultimamente – que confere sensivelmente com o que publiquei há dois anos. Com este proposito de harmonizar os dois ensinos – o do liceu e o da Universidade – comecei a escrever o livrinho das 3 primeiras classes. O programa liceal está longe, e muito, de ser bom; mas é aceitável, desde que se lhe faça uma pequena alteração não na quantidade e natureza das matérias, mas apenas na sua disposição. Poderei eu esperar que com essa alteração nos meus livritos eles possam de futuro ser aprovados? A alteração que proponho é esta: 1.<sup>a</sup> classe – Morfologia externa. 2.<sup>a</sup> classe – Histologia. 3.<sup>a</sup> classe – Fisiologia da nutrição. 4.<sup>a</sup> classe – Fisiologia da reprodução. 5.<sup>a</sup> classe – Classificação. 6.<sup>a</sup> classe – Revisão da morfologia e fisiologia. 7.<sup>a</sup> classe – Botânica especial. Isto não altera muito pela natureza dos materiais, o que está – que é na disposição uma salganhada enorme – mas melhorou-o muito. Demais, como na 5.<sup>a</sup> classe acaba para os alunos do curso de letras o estudo da botânica, não se compreende que eles fiquem com o curso cortado, como ficam actualmente. Por isso como proponho é melhor, porque estudam todos os alunos a morfologia externa e interna, a fisiologia e, por fim, no 5.<sup>o</sup> ano, a classificação. Os que seguem letras ficam com um curso completo, embora elementar; os que vão para sciências apenas revêm na 6.<sup>a</sup> classe tudo que estudaram antes e aperfeiçoam os seus conhecimentos aprofundando-os com a botânica especial, na 7.<sup>a</sup> classe. Desejava o conselho de V. Ex.<sup>a</sup>. Devo fazer os livros segundo este plano ou seguir á risca os programas? Desculpe-me V. Ex.<sup>a</sup> esta impertinencia».

Existe no espólio documental de G. Sampaio, o manuscrito deste pequeno curso de «*Botânica do curso dos liceus (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> classes)*» (**Estampa VI.2.**) Trata-se de um documento constituído por dois cadernos manuscritos, com letras muito variadas e muitas emendas e rasuras. O prefácio está datado de 20 de Agosto de 1913 e foi escrito em S. Gens de Calvos, Póvoa de Lanhoso. Foi portanto escrito pouco dias antes da carta que mencionamos atrás. A obra terá assim provavelmente sido escrita em diversas ocasiões e finalizada no Verão de 1913. Para alguns capítulos existem, às vezes, duas versões, uma seria um rascunho inicial, a outra, a versão mais finalizada. Como na maioria das suas obras, G. Sampaio incorpora, neste prefácio, muitas observações pessoais e forma de pensar.

Começa por referir que considerava que a instrução liceal deveria ser ministrada *«não por classes mas sim por por disciplinas isoladas e completas, embora sèriadas numa ordem logicamente estabelecida»*. Seguidamente refere que um dos seus objectivos era *«harmonizar os conhecimentos adquiridos pelos estudantes na instrução secundária com os que, mais tarde, terão de receber nas nossas universidades»*.

Um dos parágrafos seguintes é dedicado ao método de ensinar a Botânica nos liceus: *«o ensino dos liceus deve incidir mais sôbre a educação logica e geral do espírito dos alunos, pelo desenvolvimento das faculdades de percepção e memória, pelo exercício da análise metódica, pela aquisição de rigor e facilidade no raciocínio e pelo aperfeiçoamento da exposição verbal e escrita, do que sôbre o preparo de uma instrução intensa em cada sciência [...] o ensino secundário deve sobretudo ministrar bem, e com especial cuidado, os conhecimentos que constituem os princípios basilares e as noções gerais [...] não procurando versar os assuntos com aquela particularidade que transformaria os liceus em autênticas universidades»*. Apesar de ser omissivo quanto à necessidade de um ensino prático e experimental da Botânica, mesmo a nível pré-universitário, G. Sampaio tem razão quando apela para uma clara separação entre a profundidade de um ensino liceal em relação ao universitário, não se devendo colocar nos programas do ensino liceal, assuntos particulares ou de pormenor.

No último parágrafo deste prefácio, G. Sampaio assume-se contra as «sebentas» e, correctamente, concede ao professor, a liberdade (e necessidade) de adaptar o compêndio resumido às circunstâncias concretas: *«se devem adoptar não “tratados” desenvolvidos, como convem em aulas da especialidade, mas antes simples “compêndios”, onde estejam reunidos e condensados os conhecimentos que de maneira alguma os estudantes devem deixar de reter com segurança e perfeita clareza. Para esplanção de certas minudências lá está o professor, que as fará, ampliando o livro segundo o seu critério e feitio pedagógico, em proporção com o tempo, com os recursos mentais dos próprios discípulos e com muitas outras circunstâncias furtuitas, que nunca o autor dos textos adoptados pode calcular e prevenir»*.

A seguir ao prefácio, segue-se o texto do compêndio. Para a 1.<sup>a</sup> classe, o programa começa com uma descrição sumária do que é a Botânica. Segue-se a morfologia da raíz e do caule. Para a 2.<sup>a</sup> classe, o texto escrito só trata da estrutura das células. Portanto, o manuscrito que G. Sampaio nos deixou está muito incompleto, em relação ao seu desiderato. Porque terá desistido G. Sampaio de finalizar este compêndio de botânica para os liceus?

Este projecto de compêndio de botânica para os liceus, apesar de não ter sido finalizado por G. Sampaio, poderá ter sido aproveitado e continuado por Celestino Maia. Nesta época, Celestino Maia era 2.º assistente provisório, do 2.º grupo da 3.ª secção, da Faculdade de Ciências do Porto (AFSP)<sup>495</sup> e também professor do Liceu Alexandre Herculano do Porto. Em 1914 publica um pequeno livro que intitula «A Botânica nos liceus» (MAIA, 1914), que dedica «ao distinto professor e ilustre botânico Gonçalo Sampaio, humilde homenagem do seu discipulo»<sup>496</sup>. Pelo prefácio podemos concluir que tinha já frequentado durante três anos a Faculdade, e, que, pela observação dos seus colegas alunos, tinha concluído que a preparação que «traziam dos liceus [era] péssima, se não nula [e que esta] devia ser a consequência do mau ensino recebido». O objectivo deste pequeno trabalho era, para o seu autor, «investigar as causas deste mau ensino, propondo a sua eliminação, e buscar a maneira de o tornar eficaz, remodelando-o». Na introdução, traça um diagnóstico muito desfavorável do ensino liceal da Botânica da altura: «o ensino da botânica, como o das sciências histórico-naturais em geral, está abandonado quási por completo na maior parte dos nossos liceus». Porque era tão mau o ensino da Botânica nos liceus? Para Celestino Maia as causas eram as seguintes: A carga horária era reduzida – quatro horas semanais para a física, química, zoologia, botânica, mineralogia e geologia (na 3.ª, 4.ª e 5.ª classes). A Botânica era geralmente deixada para o fim do ano. Os professores eram muitas vezes médicos, pelo que insistiam mais na Zoologia, do que na Botânica. Os métodos de ensino e o programa eram inadequados. O autor apresenta então os remédios. Celestino Maia tem uma visão correcta e moderna do método de ensinar as ciências naturais, que mantém hoje toda a sua actualidade: «Não sou daqueles que prescrevem o livro, nem mesmo nos cursos superiores, mas entendo que para o ensino das sciências naturais o livro é coisa secundária e a observação da natureza tudo. É observando animais que a zoologia se deve aprender e não decorando um livro ou fixando-lhe as gravuras. E o que digo da zoologia digo da botânica e da mineralogia, disciplinas que só se aprendem bem no campo, herborizando e coleccionando minerais e rochas. [...] Sem ser prático não pode o ensino ser bom. O conhecimento exclusivo dum livro é sempre verbal, falso, incompleto. Um aluno, que estude botânica pelo livro apenas, julgará a natureza submetida rigorosamente às formas-tipo que o livro lhe descreve, e adquirirá ideias esquemáticas, precisas, duma precisão mais bela do que real. [...] Fazer estudar um livro a um aluno é empregar mal a sua actividade intelectual, é fazer-lhe do cérebro um depósito de conhecimentos d'outrem, é cansar-lhe a memória sem lhe desenvolver o espírito». E concretizando, afirma: «Não se deverá dizer ao aluno as partes constituintes duma célula, sem que êste as veja

<sup>495</sup> Celestino da Costa Maia termina o curso de Ciências Histórico-Naturais com 16 valores em 1916 (FCP, 1969:379).

<sup>496</sup> Existe no espólio documental de G. Sampaio, um exemplar desta obra, com a seguinte dedicatória manuscrita do autor: «Ao Il.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Snr. Gonçalo Sampaio, em testemunho de viva gratidão, oferece, Celestino Maia».

nitidamente, não se lhe deve falar em estruturas de caule, raiz, etc., sem lhas mostrar em cortes vivamente coloridos, que prendam a sua atenção. A fisiologia deverá ensinar-se fazendo experiências muito simples, a morfologia verificando-a nos diferentes vegetais, a taxinomia praticando-a. Exemplaes vivos, microscópios e preparações deverão estar sempre presentes em todas as aulas. [...] O professor [...] deve ir para o campo, em excursões, ensinar os seus alunos a observar directamente o mundo botânico, insistindo sobretudo na morfologia externa, pedra angular da taxinomia actual. Os alunos devem herborizar, criando o gosto pelas colecções e interesse pela observação». Para auxiliar o ensino das ciências naturais, Celestino Maia advoga a existência, nos liceus, de museus de História Natural: «É preciso que nos liceus haja museus de história natural, não digo ricos que deslumbrem visitantes, mas úteis, modestos e sobretudo pedagógicos. [...] Enquanto não houver em todos os liceus pequeninos gabinetes de história natural, enquanto o professor não fôr um prático e o aluno um observador, o ensino há de ser sempre estéril, mesmo para os mais intilgentes». Seguidamente, Celestino Maia caracteriza o que deve ser um bom compêndio, e as ideias, correctas, seguem de perto as do seu professor da Faculdade, G. Sampaio: «um bom livro deve ser curto sem ser deficiente, frisando bem o que há de essencial em cada capítulo; simples na linguagem; homogéneo e preciso na terminologia científica; despertando a curiosidade do aluno e afeição-lhe as qualidades de observação». Finalmente, Celestino Maia apresenta a sua proposta de programa para a Botânica. Critica o programa em vigor estabelecido por Decreto de 5 de Agosto de 1905. Que programa propõe Celestino Maia para o ensino pré-universitário? O esquema é semelhante ao delineado por G. Sampaio no manuscrito de 1913, e é, de certa forma, uma simplificação do programa que G. Sampaio propunha para o ensino universitário da Botânica em 1911 (SAMPAIO, 1911c), que mencionaremos no capítulo seguinte. 1.<sup>a</sup> classe. Morfologia externa das plantas. Raíz, caule, folha, flor e fruto. 2.<sup>a</sup> classe. Citologia e histologia vegetais. 3.<sup>a</sup> classe. Fisiologia vegetal. Nutrição, crescimento e propagação. 4.<sup>a</sup> classe. Taxonomia vegetal. Sistemas de classificação e características dos grandes grupos de plantas, das bactérias às angiospérmicas. Nomenclatura botânica. 5.<sup>a</sup> classe. Geografia botânica. Prática de identificação de plantas até à família. 6.<sup>a</sup> classe. Revisão coordenada das matérias anteriores. 7.<sup>a</sup> classe. Trabalhos práticos. Herborizações e identificação de plantas por meio de floras analíticas. Manuseamento de microscópios. Técnica histológica. Execução de preparações temporárias e definitivas.

## 2. O ensino universitário da Botânica

No ano lectivo de 1910-1911, Manoel Amandio Gonçalves era o lente-proprietário da 10.<sup>a</sup> Cadeira - Botânica, e G. Sampaio naturalista-adjunto da Cadeira de Botânica (AAPP, 1910-1911). No ano lectivo seguinte, Manoel Amandio Gonçalves adoece e «não se encontra em exercício por motivo de doença verificada pela junta médica» (AFSP). Mas os Decretos da criação da Universidade do Porto e da sua Faculdade de Ciências tinham tirado a possibilidade legal de G. Sampaio leccionar, dado ser naturalista e não ter terminado o curso da Academia Politécnica. O Conselho Académico da Faculdade encarrega G. Sampaio de, excepcionalmente, substituir o lente doente (SAMPAIO, 1912b). G. Sampaio substituíra Amandio Gonçalves e fazia imprimir os programas dos seus cursos (SAMPAIO, 1911b, 1911c).

O programa do curso de microscopia vegetal (SAMPAIO, 1911b) focava a utilização dos aparelhos usados em microscopia, a técnica de realização de preparações para observação microscópica e a fotomicrografia (**Estampa VI.3.**). O capítulo I era dedicado ao «conhecimento pratico dos aparelhos». Referia os diferentes tipos de microscópio, e as partes que os constituem. Os diferentes tipos de oculares e objectivas eram mencionados. Seguia-se uma parte circunstanciada referente às imagens obtidas no microscópio, focando a aberração de esfericidade, a aberração cromática, a distância focal, a distância frontal e o ângulo de abertura, e a ampliação total. Seguidamente focavam-se as boas regras de utilização do microscópio. Após esta abordagem do microscópio, estudavam-se alguns acessórios e outros aparelhos indispensáveis à microscopia vegetal: os micrómetros; a câmara clara; o polarizador e os micrótomos. O capítulo II era dedicado à técnica de realização de preparações microscópicas para botânica. Dos reagentes, mencionavam-se os fixadores, e os corantes, com as respectivas utilizações nas colorações citológicas e histológicas diferenciais. Seguia-se uma descrição das etapas das técnicas com material inteiro e com impregnação em parafina e cortes finos. O último capítulo era dedicado à microfotografia. Apesar do texto ser curto, trata-se na realidade de um brevíssimo guia para ser usado na execução dos trabalhos práticos. O texto termina com a seguinte indicação reveladora: «O chefe dos trabalhos práticos, Gonçalo Sampaio», confirmando que G. Sampaio estaria de facto a leccionar os trabalhos práticos em substituição de Amandio Gonçalves.

Os «programas descritivos de Botânica geral» (SAMPAIO, 1911c) apresentam na capa: «Organizados por Gonçalo Sampaio naturalista encarregado da regência do curso», como que a enfatizar o seu estatuto profissional e a actividade que na prática desenvolvia. O programa teórico focava os seguintes aspectos: 1. Citologia e histologia vegetal. Organitos celulares. Células especializadas. 2. Morfologia e organografia vegetais. Raíz, caule, folha, flor e fruto: morfologia

externa; organização interna. 3. Fisiologia vegetal. Nutrição. Circulação interna. Respiração. Produtos secundários. Crescimento. Propagação dos vegetais. 4. Ciclos de vida e reprodução nos principais grupos de plantas. 5. Taxonomia vegetal. Nomenclatura botânica. Sistemas de classificação das plantas. 6. Características gerais das bactérias, fungos, algas, líquenes, briófitas, e plantas vasculares. Fungos: ficomicetos, ascomicetos e basidiomicetos. Algas: feófitas, clorófitas e rodófitas. 7. Geografia botânica e paleontologia vegetal. 8. História da Botânica. A Botânica em Portugal.

O programa prático correspondia ao do curso de microscopia vegetal, seguido de prática de diagnose e identificação de plantas vasculares da flora portuguesa com a utilização de floras analíticas e noções de preparação de material para herbário. Nesta parte prática de taxonomia vegetal, os alunos começavam por executar «desenhos [...] de gomos, folhas, flores, ramos, ou plantas completas». Seguiu-se a diagnose do exemplar em estudo. G. Sampaio indica explicitamente como o aluno deve proceder, indicando os sete passos sucessivos a utilizar na descrição de um exemplar. Apresenta um exemplo. Após a diagnose seguia-se a determinação «por meio de uma flora analítica». Finalmente os alunos aprendiam a preparar folhas de herbário, desde as herborizações, até à etiquetagem final dos espécimes na folha de herbário.

Tal como o programa do curso de microscopia vegetal, também este texto é, na realidade, mais um compêndio resumido e conciso, do que um simples programa de um curso. Além dos temas do curso, G. Sampaio incorpora, no texto, observações e comentários – a sùmula do que entenderia ser o cerne das matérias. O espírito parece ser o que tinha formulado no manuscrito inacabado do compêndio de botânica para os liceus: transmitir no compêndio as ideias basilares e deixar ao professor a sua explanação.

No capítulo da taxonomia vegetal, G. Sampaio inclui a nomenclatura botânica<sup>497</sup>. Refere as principais regras da nomenclatura. Nas nove regras enunciadas, G. Sampaio não menciona as que, poucos anos depois, irão ser o foco das suas atenções – a questão da nomenclatura dos géneros, dos nomes conservados e da referência aos autores «descobridores» das espécies. Todavia, ao referir com algum pormenor as contribuições de Tournefort e Lineu, sente-se já em G. Sampaio o substrato em que iria alicerçar as suas propostas drásticas de nomenclatura da «Listas das espécies» de 1913. Destaca a história do conceito de género e o papel de Tournefort como o primeiro equacionador do conceito moderno do género como categoria taxonómica. A contribuição de Lineu é também naturalmente destacada, mas a admiração e consideração de G. Sampaio para com o mestre sueco é comedida - Lineu foi o genial criador e uniformizador da nomenclatura binária, o sistematizador e catalogador

---

<sup>497</sup> Ver capítulo V.1.

incansável, mas não foi o fundador da taxonomia botânica. No capítulo da História da Botânica<sup>498</sup>, a história da taxonomia é novamente abordada, e em particular a do conceito de género. O último capítulo do programa teórico é dedicado à História da Botânica em Portugal.

A 13 de Julho de 1911 é publicado um Decreto que permitia o concurso a 2.º assistente a «indivíduos que, nos últimos anos, tenham publicado trabalhos científicos de reconhecido merecimento sobre as disciplinas do grupo a que pretendem concorrer», e a 17 de Agosto um outro diploma que permitia que os naturalistas fossem promovidos a primeiros assistentes, desde que os «Conselhos Escolares julguem de merecimento os trabalhos por eles executados», mas «sem direito a promoção» (AFSP). Estava assim aberta a possibilidade de G. Sampaio entrar como primeiro assistente da Faculdade. Todavia, o desfecho seria outro. A legislação (Decreto de 15 de Maio de 1911) previa no artigo 33.º que «O provimento [dos] lugares é feito por concurso, por distinção e por antiguidade» e no artigo 42.º que «A promoção a professor ordinário faz-se, em regra, por antiguidade de serviço; mas pode a Faculdade propôr a nomeação para tal lugar de pessoa de excepcional valor, que tenha prestado relevantes serviços à ciência». G. Sampaio poderia portanto entrar para professor da Faculdade por mérito, sem ter um curso universitário. Tal viria a acontecer. Por Decreto de 7 de Dezembro de 1912, G. Sampaio era nomeado directamente para o topo da carreira de professor - Professor Ordinário da 3.ª Secção – Ciências Histórico-Naturais, 2.º Grupo – Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto<sup>499</sup> (AFSP) (**Estampas** VI.4. e VI.5.).

G. Sampaio fará imprimir, em 1920, uma segunda edição do programa da Botânica geral (SAMPAIO, 1920c) e uma terceira, em 1935 (SAMPAIO, 1935b) (**Estampa** VI.5.). Na contra-capá da edição de 1935, G. Sampaio escreve: «A 2.ª edição destes Programas descritivos foi publicada em 1920 e está desde há muito tempo inteiramente esgotada». Seguidamente, ao iniciar o programa teórico escreve: «As matérias apontadas neste programa são devidamente explicadas e desenvolvidas na aula», reforçando mais uma vez a sua forma de entender estes textos, como compêndios-súmulas e não como «sebentas».

---

<sup>498</sup> Ver capítulo III.1.

<sup>499</sup> G. Sampaio é nomeado professor ordinário por proposta do conselho escolar da Faculdade, nos termos do parágrafo único do art. 41.º do Decreto de 22 de Abril e art. 42.º do Decreto de 15 de Maio de 1911 (AFSP, 1911-1912 a 1913-1914). Quando em 1921 é criado o Instituto de Investigações Botânicas, com G. Sampaio como director, no seu currículo, a nomeação para professor é descrita da seguinte forma: «Em 1911-1912 concorreu a um lugar de professor, sendo admitido, e sendo depois, por proposta unânime do júri ao Governo da República, isento, por distinção, das respectivas provas e despachado para o lugar que actualmente desempenha» (DG 1921 03 21). G. Sampaio regeu, nos anos lectivos de 1913-1914, as Cadeiras de Botânica (curso geral), Morfologia e fisiologia vegetais, Botânica especial e Ciências naturais (Botânica) (AFSP). No ano lectivo de 1917-1918, regeu as seguintes disciplinas: Botânica (curso geral), Morfologia e fisiologia vegetais, Botânica especial e geografia botânica e Botânica F.Q.N. (preparatórios para Medicina) (AFSUP).

Na edição de 1935, o programa da Botânica geral segue o esquema dos anteriores. Na nomenclatura botânica, enuncia oito regras. Volta a não mencionar as suas regras discordantes do código estabelecido. O texto da História da Botânica é praticamente idêntico ao das edições anteriores.

### 3. G. Sampaio, professor de Zoologia da Faculdade de Ciências do Porto

Não mencionado nas bibliografias publicadas sobre G. Sampaio, é o facto do professor de botânica ter sido nomeado para reger algumas Cadeiras de Zoologia, por impedimento de Augusto Nobre, seu professor titular (que entretanto era nomeado para a Câmara dos Deputados)<sup>500</sup>.

Num telegrama com o carimbo de 3 de Janeiro de 1914, o secretário-geral (do Ministério da Instrução?) escrevia para A. Nobre: «*Decisão sua Ex.<sup>a</sup> Ministro não confirma regencia cadeiras segundos assistentes efectivos devendo ser consultados primeiros assistentes faculdade e professores se podem reger. Se caso estes não o fizerem poderão ser nomeados segundos assistentes conforme parecer Procuradoria Republica decisão Ex.<sup>mo</sup> Ministro enviada hontem reitoria. Secretario Geral A. [...] Andrade*». Mas, na altura, no 2.º grupo da 3.ª secção da Faculdade de Ciências do Porto (Ciências Biológicas), os dois lugares de primeiros assistentes não estavam preenchidos (AFSP) – A. Mendes Correia e A. Pires de Lima eram segundos assistentes efectivos (AFSP). Por estas razões, o Conselho Escolar decide nomear G. Sampaio, o único professor em funções do 2.º grupo, para reger uma das disciplinas de Zoologia. No ofício n.º 422, datado de 12 de Janeiro de 1914, o Director da Faculdade escrevia para G. Sampaio (**Estampa VI.6.**): «*De harmonia com o officio de V.<sup>ssa</sup> Ex.<sup>cia</sup> acerca da regência dos cursos de Zoologia, e dada a auctorisação do Conselho Escolar desta Faculdade para essa nomeação ser feita por mim, comunico que fica V.<sup>ssa</sup> Ex.<sup>cia</sup> encarregado de reger o curso de Zoologia dos Invertebrados, podendo desde já tomar conta da respectiva regência*».

O espírito organizado de G. Sampaio revela-se em dois cadernos de apontamentos de Zoologia dos Invertebrados que permanecem no seu espólio. Num dos cadernos (**Estampa VI.7.**) G. Sampaio escreve na primeira página: «*Apontamentos de Zoologia. Gonçalo Sampaio, Janeiro de 1914*». Seguem-se diversas páginas sobre a biologia dos invertebrados, com muitas rasuras. G. Sampaio tinha sido nomeado a 14 de Janeiro. Iniciava portanto os seus estudos de Zoologia poucos dias depois. Num outro caderno, sem data, que intitulava «*Zoologia*» (**Estampa VI.8.**), o conteúdo é semelhante, mas tem poucas rasuras. Seria, provavelmente, o seu segundo caderno de apontamentos de Zoologia dos Invertebrados.

---

<sup>500</sup> Ver biografia de Augusto Nobre no capítulo IV.1.

Permanece todavia na dúvida se efectivamente G. Sampaio terá leccionado esta disciplina de Zoologia. No Anuário da Faculdade de Ciências referente a este ano lectivo (AFSP), a regência das disciplinas de Zoologia estão atribuídas a Augusto Nobre (**Estampa** VI.6.). No entanto, num bilhete manuscrito, datado de 19 de Janeiro de 1916, o Director da Faculdade escrevia a G. Sampaio: «V. Ex.<sup>cia</sup> tomar conta da regência do curso de Zoologia (F. C. N.) logo que as aulas reabram, cessando a pena dos alunos, efectuando-se assim a auctorização do Conselho da Faculdade, no impedimento do respectivo professor, dr. A. Nobre».

## VII. G. Sampaio e o estudo dos líquenes portugueses

1. Como organiza G. Sampaio o estudo dos líquenes portugueses?
2. G. Sampaio e Bouly de Lesdain
3. Intercâmbios com H. Olivier, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner
4. O projecto da Flora de Líquenes de Portugal

1. Como organiza G. Sampaio o estudo dos líquenes portugueses?

Entre 1916 e 1923, G. Sampaio quase deixa o estudo da flora vascular portuguesa para se dedicar intensamente ao estudo da flora líquénica portuguesa<sup>501</sup> (SAMPAIO, 1916a, 1916b, 1917a, 1917b, 1917c, 1917d, 1918a, 1918b, 1920a, 1921a, 1922a, 1923a). Este período termina lapidariamente com a publicação em Março de 1923 da sua exsicata «Lichenes de Portugal»<sup>502</sup> e do trabalho sobre um novo género de líquenes, *Carlosia* Samp. (SAMPAIO, 1923b).

O arranque do estudo sistemático e aprofundado dos líquenes portugueses terá começado em 1915. Num dos seus cadernos de apontamentos G. Sampaio escreveu, no seu tom organizado habitual, numa página em forma de capa: «*Liquenes portugêses (apontamentos) por Gonçalo Sampaio, Porto, 1915*» (Estampa VII.1.). Na folha seguinte do caderno, G. Sampaio escrevia sobre o seu método de trabalho e fontes de consulta: «*Para o estudo dos líquenes portugueses sirvo-me de um microscópio Zeiss, grande modelo, com platina normal. Oculares empregadas n.º 4 e n.º 2 (micrométrica). Objectivos a\*, C e E. Lupa Zeiss. Reagentes empregados: hidrato de potássio (K), hipoclorito de cálcio (CaCl) e agua iodada (J). Escala micrométrica: objectivo E e ocular 2: cada divisão do micrómetro ocular corresponde a 2½ micras (µ)*». As colecções de líquenes de que dispunha para estudo e comparação eram discriminadas nesta mesma página<sup>503</sup>: «*Colecções de líquenes consultados: 1.ª – Colecção de líquenes portuguesas, de Isac Newton, classificada por Nylander*<sup>504</sup>, existente na

<sup>501</sup> Neste período, G. Sampaio publica ainda um trabalho sobre uma espécie nova de *Centaurea* (SAMPAIO, 1916c) e dois trabalhos sobre algas verdes de água doce (SAMPAIO, 1920b, 1921d).

<sup>502</sup> A exsicata de G. Sampaio “Lichenes de Portugal”, datada de Março de 1923, era constituída por 6 séries de 50 exemplares cada, num total de 300 espécimes. Destes, 18 representavam táxones novos para a ciência validamente publicados por G. Sampaio. A exsicata segue uma ordem taxonómica. As espécies estão agrupadas por géneros, e estes em famílias. Os primeiros espécimes são de líquenes foliáceos e fruticulosos. A maioria dos exemplares (178) foi recolhida por G. Sampaio. Um número apreciável (37) foi recolhido por A. Ricardo Jorge. Mais de 75% dos exemplares foram recolhidos entre 1920 e 1921.

<sup>503</sup> Estas colecções, já valiosas em 1915, seriam enriquecidas nos anos seguintes pela aquisição de outras colecções como (Estampa VII.2.): o «Herbarium A. Le Jolis»; «Lichenes Italiae meridionalis», de A. Jatta; «Flora exsiccata Austr.-Hung.», de Lojka; «Lichenes rariores exsiccati», de A. Zahlbruckner; «Lichenes Gallici exsicc.», de C. Roumoguere; «Swedish Lichens» e «Lichenes selecti Scandinavici exsiccati», de A. H. Magnusson; «Herbarium Bouly de Lesdain», de Bouly de Lesdain; «Bryotheca», de C. Sbarbaro; «Herbarium Lichenum Moroviae», de Suza; «Herbarium of Geo. Knox Merrill». Todas estas colecções permanecem no Herbário do Departamento de Botânica (FCUP).

<sup>504</sup> William Nylander (1822-1899) nasceu na Finlândia. Cedo se interessou pelo estudo dos líquenes. Foi professor na Universidade de Helsínquia, mas em 1863 parte para Paris, onde permanece até à sua morte. Deve-se a Nylander a descoberta das reacções coloridas dos líquenes com a potassa e com o hipoclorito de cálcio, que serão designadas de testes

*Faculdade de Ciências do Porto*. 2.<sup>a</sup> – *Die Flechten Europa's, von Ph. Hepp, existente na Faculdade de Ciências do Porto* [Estampa VII.3.]. 3.<sup>a</sup> – *Colecção de líquenes estrangeiros da Faculdade de Ciências do Porto*. 4.<sup>a</sup> – *Guide élémentaire du lichenologue – exsiccata – do Abbé J. Harmand, existente na Faculdade de Ciências do Porto*. 5.<sup>a</sup> – *Lichenes Gallici praecipui exsiccati – por Claudel et Harmand, existente na Faculdade de Ciências do Porto* [Estampa VII.2.]. 6.<sup>a</sup> – *Colecção de líquenes estrangeiros da Universidade de Coimbra*. 7.<sup>a</sup> – *Colecção de líquenes portugueses da Universidade de Coimbra* [Estampa VII.1.]. 8.<sup>a</sup> – *Colecção de líquenes portugueses de Welwitsch, da Universidade de Coimbra*<sup>505</sup>. Na página seguinte, G. Sampaio discriminava a bibliografia de que

---

K e C. Este autor não admitia a natureza simbiótica da associação líquénica proposta por Schwendener. Pouco receptivo a críticas, morre em 1899, em isolamento científico (SMITH, 1921:16-17; HAWKSWORTH *ET AL.*, 1995:318).

<sup>505</sup> Na correspondência com J. Henriques encontramos eco desta fase inicial da investigação liquenológica de G. Sampaio. J. Henriques, no seu tom habitual de modéstia e generosidade, escrevia a G. Sampaio numa carta datada de 20 de Março de 1915, oferecendo não só a colecção como importante bibliografia: «*A remessa do todos os lichenes foi devida ao amável oferecimento de [ilegível] aumentar a colecção de Coimbra. É um grande serviço que presta, porque eu nada sei de lichenes, como de muita outra cousa. Os enganões que encontra não são de muita responsabilidade. O Moller foi quem remetia exemplares especialmente [ilegível] de botânicos alemães e muitas vezes do Nylander. Como as cousas daqui eram, não sei bem, mas é bem possível que houvesse trocas. Muitos exemplares vinham de Newton já classificados. Não se teria ele enganado também? Como há remédio para todos os males, a cura é certa e a colecção ficará apresentável e boa para quem queira estudar. Mandarei o volume dos lichenes da obra do Engler und Prantl. Não digo que seja hoje porque chove a bom chover, mas espero que amanhã haverá alguma aberta, que permita ir ao correio.* Pouco tempo depois, G. Sampaio devolvia a Coimbra, alguns dos líquenes emprestados. J. Henriques agradecia o trabalho do colega, em carta datada de 7 de Junho de 1915. Nesta carta, depois de fazer referência aos líquenes, falou sobre a sua paixão pela Botânica e as perspectivas de trabalho após a sua aposentação: «*Recebi a sua carta e o pacote de lichenes. Muito agradeço todo o trabalho que teve e os exemplares novos com que enriqueceu a colecção do nosso herbário. Só tratarei de dispor tudo na devida ordem depois de me ver livre de aulas e de exames. Não sei se já lhe disse como tenciono dispor a minha vida. Tenho já completado 50 anos de professorado; entendo que está no caso de me aposentar, mas de modo a continuar a trabalhar. Para isso penso em ser colocado no lugar que deixou o dr. Mariz. Fico muito bem a tratar do herbário e museu, que criei e aos quaes tenho muita afeição, e fico livre de aulas, [ilegível], exames, isto é de tudo que nos causa incomodo. Se quiser dar um passeio para erborizar, nada me impedirá. É um bom serviço para um velho que ainda tem alguma visão. Eu tinha pensado no Johnston, mas por fim escolhi-me e preferi-me. A Faculdade já concordou comigo e [ilegível] falta-me só entender-me com o ministro. Espero ir a Lisboa para a semana para ver o que ele dirá. [...]*». Nos seus cadernos de apontamentos, G. Sampaio registou o trabalho de estudo e revisão dos líquenes da Universidade de Coimbra. Numa página escreveu: «*Generos novos para Coimbra*» seguido de cinco nomes. Numa página seguinte escreveu: «*Mandadas para Coimbra: as que não tinham: x*», seguido de uma lista de mais de trinta espécies, algumas assinaladas com um «x» antes do nome. Numa outra página tratou dos «*erros*» de determinação que encontrou nos exemplares estudados, seguida de uma lista das «*Etiquetas que foram para Coimbra, e que tenho a emendar para ficarem em harmonia com a obra do Zahlbruckner, como deseja o dr. Julio Henriques*». Estes poderão ser os exemplares que G. Sampaio estudou em 1915, mas nos três anos seguintes, o trabalho adquire uma envergadura muito maior. Numa página que intitula de «*Liquenes do Herbario da Universidade de Coimbra (revistos por G. Sampaio, março de 1916)*», G. Sampaio listou os exemplares que tinha estudado. Para cada espécie, enumerou os exemplares com o nome do local e colector. Nos exemplares que tinham sido já estudados por Nylander, escreveu: «*Det. Nylander*». Encontramos citados exemplares colhidos por Estácio da Veiga, Isaac Newton, J. Henriques, Möller, Welwitsch, mas também muitos exemplares recolhidos por si próprio, indicando que G. Sampaio tinha oferecido ao Herbário de Coimbra muitos dos seus duplicados. A lista é extensa – tem mais de cem espécies. Logo a seguir, G. Sampaio listou uma «*2.<sup>a</sup> remessa*», que terá sido o seguinte lote de líquenes de Coimbra por si estudados. A lista é menos extensa. Segue-se uma «*3.<sup>a</sup> remessa (12-2.º-1917)*» também muito extensa que termina com «*Foi feita esta 3.<sup>a</sup> remessa (2 pacotes) em 12-2.º-1917*» e ainda uma «*4.<sup>a</sup> remessa (em 7 do 2.º - do 1918)*» que ocupa duas páginas e meia do seu caderno de apontamentos. Nestas listas, a fracção de exemplares colhidos por G. Sampaio é considerável, pelo que concluímos que G. Sampaio contribuiu para um enriquecimento da colecção liquenológica da Universidade de Coimbra.

dispunha<sup>506</sup>. Que obras tinha para consulta? A «*Flora italica cryptogama pars III*»<sup>507</sup> de A. Jatta, «*Lichens de France*»<sup>508</sup> de Harmand<sup>509</sup>, «*Flore des Lichens de l'Orne*»<sup>510</sup> de H. Olivier, «*Nouvelle Flore des Lichens*»<sup>511</sup> de Boistel, «*The Lichen Flora of Great Britain*» de W. A. Leighton, «*Systema Lichenum Germaniae*»<sup>512</sup> de G. W. Koerber<sup>513</sup>, «*Lichenographia europaea reformata*»<sup>514</sup> de E. Fries<sup>515</sup>, «*Lichenographiae suecicae prodromus*»<sup>516</sup> [Estampa VII.4.], «*Methodus qua omnes detectos Lichens*»<sup>517</sup>, «*Lichenographia universalis*»<sup>518</sup> [Estampa VII.5.] e «*Synopsis methodica Lichenum*»<sup>519</sup> de Erik Acharius<sup>520</sup>. Finalmente, G. Sampaio discriminava quais os «*liquenólogos com que me correspondo*». Nesta lista só constam dois investigadores, Bouly de Lesdain e F. Erichsen. Nos anos seguintes G. Sampaio irá estabelecer correspondência com outros especialistas - A. H. Magnusson, H. Olivier e A. Zahlbruckner.

<sup>506</sup> As obras citadas por G. Sampaio são clássicas da bibliografia mundial e permanecem hoje na Biblioteca do Departamento de Botânica (FCUP). Apresentam extensas anotações manuscritas de G. Sampaio. Além destas obras mencionadas, G. Sampaio consultou outras, que também permanecem na Biblioteca do Departamento de Botânica, e que também apresentam diversas anotações manuscritas de G. Sampaio.

<sup>507</sup> JATTA, A. (1909-1911) *Flora italica cryptogama. Pars III*. Società Botânica Italiana; L. Cappelli.

<sup>508</sup> HARMAND, J. (1905) *Lichens de France. Catalogue systematique et descriptif*. Paul Klincksieck; Paris.

<sup>509</sup> P.<sup>e</sup> Juliano Harmand (1844-1915), de nacionalidade francesa, foi professor de história natural no Instituto de Malgrange, perto de Nancy. Em 1889, sobreveio-lhe uma surdez que o obrigou a abandonar o ensino, dedicando-se à liquenologia, em que se tornaria uma autoridade mundial. Orienta Valério Cordeiro no estudo dos líquenes da região de Setúbal, que publica um trabalho na revista Broteria, serie Botanica, de 1914 e 1915. Harmand publica, no «Bulletin de la Société Botanique de France» de 1906 e 1909, uma revisão geral dos líquenes portugueses (CORDEIRO, 1916).

<sup>510</sup> OLIVIER, H. (s/d) *Flore analytique et dichotomique des lichens de l'Orne*. Chez l'auteur; Autheil (Orne).

<sup>511</sup> BOISTEL, A. (1902) *Nouvelle flore des lichens. 2.<sup>e</sup> Partie (partie scientifique)*. Paul Dupont; Paris.

<sup>512</sup> KOERBER, G. W. (1855) *Systema lichenum germaniae*. Verlag Von Trewendt & Granier; Breslau.

<sup>513</sup> Gustav Wilhelm Körber (1817-1885) foi professor na Universidade de Vratislavia na Polónia. Contribuiu decisivamente para um melhor conhecimento da natureza da associação líquénica em «De gonidiis lichenum» publicado em 1840, e para a taxonomia dos líquenes crustáceos (recorrendo ao estudo de características microscópicas). As suas obras principais são «Systema lichenum germaniae» (1854-55) e «Parerga lichenologica» (1859-1865) (HAWKSWORTH ET AL., 1995:229).

<sup>514</sup> FRIES, E. (1831) *Lichenographia europaea reformata*. Typis Berlingianis; Lundae.

<sup>515</sup> Elias Magnus Fries (1794-1878) é considerado o Lineu dos fungos. Estuda com Acharius e torna-se professor de botânica na Universidade de Uppsala. O «Systema mycologicum» em três volumes (1821-1832) e o «Elenchus fungorum» (1828) constituem um enorme avanço na taxonomia dos fungos, e continuam a ser dos trabalhos mais importantes de micologia sistemática, especialmente para o grupo dos himenomicetos. São descritos perto de 5.000 fungos. Utiliza a cor dos esporos como característica discriminante dos géneros. Distingue os ascomicetos dos basidiomicetos por um conjunto de características macroscópicas. Não recorre à observação microscópica cuidada e portanto não os distingue pelas suas características mais fundamentais – a presença de ascos e basídios, respectivamente (esta observação primordial caberá a Joseph-Henri Léveillé em 1834) (HAWKSWORTH ET AL., 1995:168; MAGNIN-GONZE, 2004:171).

<sup>516</sup> ACHARIUS, E. (1798) *Lichenographiae suecicae prodromus*. Lincopiae; D. G. Björn.

<sup>517</sup> ACHARIUS, E. (1803) *Methodus qua omnes detectos lichenes*. Impensis F. D. D. Ulrich, Typis C. F. Marquard; Stockholmliae.

<sup>518</sup> ACHARIUS, E. (1810) *Lichenographia universalis*. Apud Iust. Frid. Danckwerts; Gottingae.

<sup>519</sup> ACHARIUS, E. (1814) *Synopsis methodica lichenum*. Litteris et Sumtibus Svanborg et Soc.; Lundae.

<sup>520</sup> Erik Acharius (1757-1819) foi o fundador da liquenologia moderna. Médico em Wadstena na Suécia, cedo se interessou por este grupo de plantas. Foi aluno de Lineu e correspondente de E. Fries. Divide as criptogâmicas em seis «famílias», ocupando os líquenes um destes grupos. Os líquenes são distribuídos por classes, com base nas características dos corpos frutíferos. Deve-se a Acharius as designações para importantes estruturas dos líquenes como «apotécio», «peritécio», «cifela» e «cefalóidio». O entusiasmo pelos líquenes era tão grande que parece ter morrido de comoção (em 14 de Agosto de 1819) quando soube que uma grande colecção de líquenes de Espanha lhe tinha sido enviada (SMITH, 1921:10-11; HAWKSWORTH ET AL., 1995:3).

Assim como em relação às plantas vasculares, G. Sampaio irá estudar a flora líquénica portuguesa focalizando a sua atenção em determinadas espécies, e não seguindo um estudo sistemático por grupos ou famílias. As suas publicações seguem o seu formato preferido – análise e discussão de 50 - 100 táxones críticos da flora líquénica portuguesa. Escrevia numa carta dirigida a A. Ricardo Jorge datada de 21 de Fevereiro de 1916: «*Os líquenes novos para Portugal vou publica-los em duas ou tres series de cerca 50 especies cada serie*» (BNP A/2011). Dos trabalhos de G. Sampaio sobre a flora líquénica portuguesa resultou um género novo e um número elevado de espécies novas para a ciência<sup>521</sup>. As espécies novas são geralmente acompanhadas de uma diagnose em latim. Tal como procedia em relação às plantas vasculares, G. Sampaio irá homenagear algumas pessoas ao escolher o nome do género e os epítetos específicos para as espécies novas.

## 2. G. Sampaio e Bouly de Lesdain

Bouly de Lesdain, H. Olivier, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner desempenharam um papel muito importante na investigação liquenológica de G. Sampaio. Enquanto que em relação às plantas vasculares, G. Sampaio tinha colegas botânicos portugueses com quem podia trocar impressões sobre a identificação de exemplares difíceis e sobre a taxonomia de determinados géneros (o que aliás fez), em relação aos líquenes não existia em Portugal, nessa época, nenhum botânico com grande experiência neste grupo de vegetais. A. X. Pereira Coutinho também intentava a renovação do herbário de líquenes de Lisboa, mas a relação entre ambos, a partir de meados da década de 1910, deteriorou-se. A. Ricardo Jorge era ainda mais inexperiente do que G. Sampaio. Aliás foi o professor do Porto quem orientou o investigador de Lisboa para a área liquenológica, onde realizou um excelente trabalho de recolha sistemática em áreas do país mal conhecidas. Em Espanha, o panorama era igualmente desolador. L. Crespí estagiou com G. Sampaio, no Porto, sobre a identificação de líquenes da Galiza. Emilio Del Vilar recorreu a G. Sampaio, em muitas ocasiões, para a identificação de líquenes espanhóis.

Apesar de G. Sampaio ter à sua disposição boas colecções e exsicatas liquenológicas nacionais e estrangeiras e bibliografia de excelente nível, surgem sempre dúvidas para quem não tem muita experiência (e mesmo até quem tem muita prática), nomeadamente quando se estudam espécimes de regiões mal conhecidas como era o nosso país, nessa época. Por estas razões, G. Sampaio terá tido a iniciativa de contactar com Bouly de Lesdain, H. Olivier, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner, figuras cimeiras da liquenologia mundial de então. Assim como em relação às plantas vasculares, também nos líquenes, os colegas com quem contactou revelaram-se surpreendidos com a qualidade e maturidade de

---

<sup>521</sup> Ver Anexo II.

G. Sampaio, desconhecido até então no círculo dos líquenólogos mundiais. Será mesmo no contacto com estes quatro botânicos que G. Sampaio se sentirá mais bem «compreendido» pela comunidade científica estrangeira. Dedicará várias espécies novas a estes líquenólogos, pretendendo com este gesto retribuir os conselhos recebidos pelos colegas estrangeiros.

Que exemplares de líquenes envia para os colegas estrangeiros? Pela análise da correspondência e dos seus cadernos de apontamentos, conclui-se que G. Sampaio, correctamente, dá prioridade a enviar exemplares de espécies novas que tinha descrito, ou que pensava descrever brevemente, ou sobre as quais tinha dúvidas.

Será com Bouly de Lesdain que G. Sampaio manterá a mais intensa troca de exemplares e sugestões sobre a taxonomia de líquenes (Anexo III) (**Estampas** VII.6. e VII.7.). A primeira carta enviada por Bouly de Lesdain existente no espólio de G. Sampaio é datada de 1902, portanto muito antes da fase liquenológica de G. Sampaio. A correspondência atravessa a fase dos *Rubus* e continuará até 1925.

A correspondência focalizada nos líquenes começa em 1920. Num bilhete-postal datado de 18 de Maio de 1920, enviado de Dunquerque, Bouly de Lesdain escrevia: «[...] *Je vous adresse aujourd'hui un coli postal de lichens ou vous trouvez, je l'espère quelques espèces qui peuvent vous intéresser.*[...]». G. Sampaio terá recebido estes líquenes e enviou uma remessa com líquenes portugueses. Bouly de Lesdain, num bilhete-postal datado de 24 de Outubro de 1920 pronunciava-se em particular sobre as limitações de um destes exemplares: «[...] *Je viens de commencer l'étude du Lecania (n.º 2349) que vous m'avez envoyé et que je serai heureux de vous dédier s'il est inédit comme je le crois. L'échantillon est malheureusement trop petit, et je désirerais en recevoir d'autres pour étudier le développement des apothécies, aussi que les [...]* *J'espère que le coli de lichens que je vous ai adressé il y a quelques mois, vous est parvenu en bon état.* [...]». Nos cadernos de apontamentos de G. Sampaio existe um pequeno texto referente aos líquenes que terão sido enviados para Bouly de Lesdain e que são referidos nesta carta. No topo da página G. Sampaio escreveu: «*Para o dr. Bouly de Lesdain – rue Emmerly – 16 – Dunkerque (remetidas em fins de abril de 1920)*»<sup>522</sup> (**Estampa** VII.6.). Segue-se uma lista dos exemplares enviados com a respectiva identificação e número de entrada do herbário da Faculdade. Dos 17 exemplares enviados por G. Sampaio, nove eram de espécies ou combinações novas suas: *Acarospora Schleicheri* raç. *transtagana* Samp.<sup>523</sup>, *Acarospora varzinensis*

<sup>522</sup> Neste mês G. Sampaio vivia na Póvoa de Varzim.

<sup>523</sup> Este taxon não foi publicado por G. Sampaio.

Samp.<sup>524</sup>, *Diphrotora subdisparata* (Nyl.) Samp.<sup>525</sup>, *Lecania citrinella* Samp.<sup>526</sup>, *Lecania Lesdaini* Samp.<sup>527</sup> (**Estampa VII.7.**), *Lecidea Chodati* Samp.<sup>528</sup>, *Lecidea macrocarpoides* Samp.<sup>529</sup>, *Pachyphiale decipiens* Samp.<sup>530</sup>, *Pachyphiale limica* Samp.<sup>531</sup>. No exemplar n.º 2349 G. Sampaio tinha colocado só a identificação genérica: «*Lecania sp.?*». À frente com outra tinta escreveu: «*Lec. Sampaiana, B. Lesd.*», provavelmente depois de ter recebido uma resposta de Bouly de Lesdain<sup>532</sup>. No final da página escreveu: «*Respondeu agradecendo e dizendo que eram quasi todos novas para ele e que lhe deram um grande prazer. Promete enviar liquenes e diz que a Lecania (2349) a julga nova e que teria muito desejo em dedicar-ma, caso eu não quizesse descrevê-la*»<sup>533</sup>. Portanto, dos líquenes novos enviados por G. Sampaio nesta remessa, alguns já tinham sido descritos nas suas publicações, mas outros permaneciam ainda inéditos. Com este envio pretenderia G. Sampaio saber a opinião do liquenólogo francês?

No mês seguinte, num bilhete-postal com o carimbo de Dunquerque e datado de 10 de Novembro de 1920, Bouly de Lesdain escrevia: «[...] *Je rassemble en ce moment des matériaux pour une monographie des Lecania d'Europe. Je vous serai très reconnaissant s'il vous était possible de m'aider dans ce travail en m'envoyant les espèces (de nombreuses localités si possible) que vous avez*

<sup>524</sup> Só seria publicado em Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1920a). O exemplar a que se refere (n.º 2233) tinha sido recolhido, há pouco tempo, precisamente na Póvoa de Varzim.

<sup>525</sup> Combinação nova publicada em SAMPAIO (1917d).

<sup>526</sup> Este taxon tinha sido publicado em SAMPAIO (1917c).

<sup>527</sup> G. Sampaio tinha publicado este líquene como *Caloplaca Lesdaini* Samp. (SAMPAIO, 1916a). Pouco tempo depois publicava-o como uma nova combinação - *Lecanora Lesdaini* (Samp.) Samp «dedicada ao sr. Bouly de Lesdain, insigne liquenólogo de Dunkerque, com quem desde há vários anos mantenho cordiais relações» (SAMPAIO, 1916b). Finalmente considerou-o como *Lecania Lesdaini* (Samp.) Samp. (SAMPAIO, 1917d).

<sup>528</sup> Só seria publicado em Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1920a). O exemplar a que se refere (n.º 2347) tinha sido recolhido há pouco tempo na Póvoa de Varzim.

<sup>529</sup> Este taxon tinha sido publicado em SAMPAIO (1917a).

<sup>530</sup> G. Sampaio tinha publicado este líquene como *Gyalecta decipiens* em SAMPAIO (1918a).

<sup>531</sup> Só seria publicado em SAMPAIO (1922a).

<sup>532</sup> G. Sampaio tinha publicado este taxon como uma nova combinação de *Lecanora rimularum* Wedd. (SAMPAIO, 1917a). No entanto, esta nova combinação já tinha sido publicada antes por outros botânicos, como Olivier, não sendo portanto válida. A problemática deste taxon era descrita por G. Sampaio numa carta endereçada da Póvoa de Varzim e enviada a A. Ricardo Jorge a 16 de Maio de 1920: «*Emende tambem na planta que levou do litoral de Leça como Lecania rimularum. Tendo dúvidas e parecendo-me diversa desta, consultei o dr. Bouly, perguntando-lhe se não seria espécie nova. Respondeu-me que o é, e boa espécie, dedicando-me-a com o nome de Lecania Sampaiana, B. de Lesd. Corrija portanto a determinação. E para que não fique sem a Lecania rimularum procurarei brevemente enviar-lhe um exemplar desta, dos meus duplicados*» (BNP A/2088).

<sup>533</sup> No bilhete-postal datado de 24 de Outubro de 1920 que transcrevemos, Bouly de Lesdain escreve efectivamente que lhe parecia uma espécie nova e que a poderia dedicar a G. Sampaio: «*je serai heureux de vous dédier s'il est inédit comme je le crois*». Não encontramos a menção que G. Sampaio refere de «*caso eu não quizesse descrevê-la*». Este aspecto não é de somenos importância porque dos sete táxones novos descobertos por G. Sampaio e descritos por Bouly de Lesdain, só quatro terão o botânico francês e G. Sampaio, como autores. Parece um pouco discutível esta atitude de Bouly de Lesdain de publicar os restantes táxones novos com a sua autoria exclusiva, apesar de mencionar que tinha sido G. Sampaio quem os tinha recolhido. Tanto mais que, em 1920, G. Sampaio já não era um principiante na liquenologia, apesar de ser, certamente, menos experiente do que Bouly de Lesdain.

*l'occasion de récolter. Je serais heureux de recevoir le Lecania rimularum Wedd. que je n'ai jamais vu. [...]*». O interesse de Bouly de Lesdain pelas *Lecania* spp. teria sido suscitado pelo exemplar n.º 2349 enviado por G. Sampaio (e que efectivamente se viria a revelar uma espécie nova para a ciência)?

G. Sampaio enviou mais amostras do exemplar n.º 2349 e Bouly de Lesdain responde, já decidido, num bilhete-postal com o carimbo de Dunquerque datado de 4 de Dezembro de 1920: «[...] *J'ai reçu en bon état les 2 boîtes de lichens que vous m'avez envoyées par la poste, et vous remercie des espèces nouvelles qu'elles renfermaient. Le nouvel échantillon de Lecania portait de nombreuses spermogonies et était beaucoup mieux caractérisé que le premier. Ce sera le Lecania Sampaionis<sup>534</sup>. J'ai étudié aussi le n.º 2027 ; c'est un Microglæna (paraphyses graciles dense ramoso-connexae) qui est nouveau ; je le décrirai dans mes prochaines Notes Lichénologiques sous le nom de M. Sampaionis<sup>535</sup>. Je vais étudier les autres genres, et vous en enverrai les noms. [...]*».

Poucos dias depois, Bouly de Lesdain escrevia, numa carta datada de 8 de Dezembro anunciando novamente a publicação das duas espécies novas: «[...] *J'ai appuis avec beaucoup de peine que vous venez d'être aussi cruellement éprouvé par la mort d'un fils qui vous était si cher*<sup>536</sup>; *en cette douloureuse circonstance je vous prie de vouloir bien agréer toute la part que je prends à votre deuil. Vous avez raison de vous remettre au travail, car il aide à oublier. J'ai déjà déterminé quelques uns de vos lichens et trouvé parmi eux des nouveautés ; je vous ai d'ailleurs envoyé déjà deux déterminations. Je publierai dans mes prochaines « Notes Lichenologiques » les espèces nouvelles que je trouvai dans l'envoi que vous venez de me faire. Quant aux autres lichens que vous m'envoyer dans la suite, ils seront publiés sous nos deux noms, puisque cela vous fait plaisir*<sup>537</sup>. *Si vous ne possédez pas l'ouvrage de l'Abbé Harmand « Lichens de France » resté malheureusement inachevé, je vous conseille vivement de l'acheter car il est indispensable à un lichénologue. [...]*». A parte restante da carta consta de transcrições (da obra de Harmand?) de descrições de diversas espécies; quiçá pedidas por G. Sampaio: *Acarospora transtagana* Hue<sup>538</sup>, *Lecidea derivata* Nyl., *Lecidea millegrana* (Tayl.)

<sup>534</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921): «*Lecania sampaiana* B. de Lesd. Portugal, Povoia de Varzim, n.º 2351, Vila do Conde, n.º 2349, sur les roches granitiques au bord de la mer. Leg. Dr. G. Sampaio, 1920» (Estampa VII.8.).

<sup>535</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921): «*Microglæna Sampaiana* B. de Lesd. Portugal, Povoia de Lanhoso, n.º 2027. Leg. Dr. G. Sampaio, 1919».

<sup>536</sup> Bouly de Lesdain estaria a referir-se a Alberto Ferreira Sampaio, que faleceu em 1920. Em «Líquenes inéditos» (SAMPAIO, 1920a), G. Sampaio dedicar-lhe-ia uma espécie nova para a ciência – *Acarospora Alberti* Samp. dedicada «á adorada memória de meu filho Alberto, para quem era sempre um grande prazer acompanhar-me nas minhas excursões liquenológicas. Que o nome do pequeno líquen fique lembrando a creança alegre, inteligente e boa que comigo passou dias dos mais felizes naquela tranquila aldeia e que hoje deve gosar no seio de Deus o merecido prémio da sua vida exemplar».

<sup>537</sup> Esta frase de Bouly de Lesdain não revela efectivamente uma atitude de respeito e consideração pelo naturalista português; o tom é de uma certa sobranceira.

<sup>538</sup> Bouly de Lesdain deveria estar a referir-se à *Acarospora transtagatana*.

Nyl., *Lecidea athalloides* Nyl., *Lecidea deceptor* Nyl., *Graphis striatula* Nyl., *Chiodecton pilocarpum* Nyl. e *Pertusaria exalbescens* Nyl. Existe ainda uma pequena lista com identificações de exemplares da colecção de G. Sampaio (na carta, a lista não está por ordem numérica): «n.º 1938 *Lecidea granulosa* var. *hilaris* Nyl.<sup>539</sup>; n.º 1989 *Apothécies trop jeunes ne renferment pas de spores*<sup>540</sup>; n.º 2005 *Aspicilia calcarea* (spores ± averties)<sup>541</sup>; n.º 2169 *vu seulement des spermogonies*<sup>542</sup>; n.º 2374 *Opegrapha zonata* Kob.<sup>543</sup>; n.º 3001 *Lecania cyrtella* Th. Fr.<sup>544</sup>».

Poucos dias depois, a 17 de Dezembro de 1920 Bouly de Lesdain escrevia novamente, continuando com a análise dos líquenes enviados por G. Sampaio em que tinha encontrado mais espécies novas: «[...] *Je vous adresse la liste de déterminations des lichens que vous m'avez envoyés ; un certain nombre sont nouveaux et seront décrits dans mes prochaines « Notes lichénologiques ». Les autres espèces nouvelles que vous m'enverrez seront décrites sous nos deux noms. [...] Quand vous m'écrivez, envoyez moi je vous prie la liste de mes brochures que vous possédez [...]»*. Segue-se uma lista com a numeração de G. Sampaio, com determinações e comentários de B. de Lesdain (na carta a lista não está por ordem): «n.º 101 *Ramalina usneoides* (Ach.) Fr.<sup>545</sup>; n.º 1134 *Schismatomma chloroticum* Samp.<sup>546</sup> *paraît bien nouveau*; n.º 1164 *Acarospora Fuana* B. de Lesd.<sup>547</sup>; n.º 1934 *Lecidea infidula* Nyl.<sup>548</sup>; n.º 1959 *Lecidea platycarpa* Ach.<sup>549</sup>; n.º 1988 *Thelidium umbrino-fuscum* B. de Lesd.<sup>550</sup>; n.º 1993 *Buellia Duarti* Samp.<sup>551</sup> *paraît bien être une espèce nouvelle*; n.º 1995 *Lecidea*

<sup>539</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea viridescens?*».

<sup>540</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea*».

<sup>541</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Aspicilia operta* Samp.».

<sup>542</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Arthonia*».

<sup>543</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Opegrapha zonata*».

<sup>544</sup> Este número não consta da lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências.

<sup>545</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Ramalina*».

<sup>546</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Schismatomma chloroticum* Samp.».

<sup>547</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921), mas com outro nome: «*Acarospora duriana* B. de Lesd. et Sampaio. Portugal, Foz-Tua, rives du fleuve Douro, où il forme des plaques très étendues recouvrant les roches schisteuses, n.º 1164. Leg. Dr. G. Sampaio, 1916».

<sup>548</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea infidula* Nyl.».

<sup>549</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea platycarpa*».

<sup>550</sup> Esta espécie será publicada com outro nome (ver carta seguinte). G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Verrucaria Sampaiana* B. de Lesd.».

*scabra* / *Lecidea protrusa* var. *subviridans* (Nyl.)<sup>552</sup> votre détermination est exacte; n.º 2027 *Microglæna Sampaionis* B. de Lesd.<sup>553</sup>; n.º 2039 *Rhizocarpon obscuratum* (Ach.) Krb.<sup>554</sup>; n.º 2067 *Acarospora*<sup>555</sup> échantillon insuffisant; n.º 2292 *Aspicilia recedens* (Nyl.) Arn.<sup>556</sup>; n.º 2347 *Lecidea viridans* Krb.<sup>557</sup>; n.º 2349, 2351 *Lecania Sampaionis* B. de Lesd.<sup>558</sup>; n.º 2370 *Buellia atroalbella* (Nyl.) Oliv.<sup>559</sup>; n.º 2371 *Arthonia pruinosa* Ach.<sup>560</sup>; je ne connais pas votre *Arthonia algarbica*, et serais heureux de le recevoir à l'occasion; n.º 2379 *Lecanora Bragana* B. de Lesd.<sup>561</sup>; n.º 2388 *Lobaria mollissima* Samp.<sup>562</sup>; découverte très intéressante que vous pouvez publier; je viens de revoir toutes les espèces que je possède, je n'ai rien d'approchant; n.º 2416 *Lecanora Limana* B. de Lesd.<sup>563</sup>; n.º

<sup>551</sup> Esta espécie nova é publicada como «*Buellia Duartei* Samp.», num trabalho (SAMPAIO, 1920a) terminado antes de receber esta carta de Bouly de Lesdain. Esta situação ocorreu com outras espécies (ver nota 562).

<sup>552</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea protrusa* var. *subviridans* (conf. B. de Lesd.)».

<sup>553</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Microglæna Sampaionis* B. de Lesd.». Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921): «*Microglæna Sampaiana* B. de Lesd. Portugal, Povoia de Lanhoso, n.º 2027. Leg. Dr. G. Sampaio, 1919». Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 28. Ver nota 535.

<sup>554</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Rhizocarpon*».

<sup>555</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Acarospora*».

<sup>556</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Aspicilia recedens*».

<sup>557</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea Chodati* Samp.». Esta espécie nova será publicada por G. Sampaio num trabalho datado de Dezembro deste ano de 1920 (SAMPAIO, 1920a).

<sup>558</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921): «*Lecania sampaiana* B. de Lesd. Portugal, Povoia de Varzim, n.º 2351, Vila do Conde, n.º 2349, sur les roches granitiques au bord de la mer. Leg. Dr. G. Sampaio, 1920». G. Sampaio na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências escreve para estes espécimes: «*Lecania Sampaiana* B. de Lesd.». Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 137. Ver nota anterior.

<sup>559</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Buellia*».

<sup>560</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Arthonia*».

<sup>561</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921), mas com outro nome: «*Lecanora bracarensis* B. de Lesd. et Sampaio. Portugal, Braga (Falperra), Commune dans le nord du Portugal sur les vieux chênes, n.º 2379. Leg. Dr. G. Sampaio, 1920» (**Estampa VII.9**). Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 75. Todavia G. Sampaio na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências escreve para este espécime: «*Lecanora Celestini* Samp.». Efectivamente irá descrever esta espécie nova - *Lecanora Celestini* Samp., num trabalho datado de Dezembro deste ano de 1920 (SAMPAIO, 1920a).

<sup>562</sup> Esta espécie nova é publicada por G. Sampaio como «*Lobaria mollissima* Samp.» num trabalho datado de 14 de Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1920a). Portanto G. Sampaio já tinha escrito o trabalho quando recebeu esta carta de Bouly de Lesdain, situação que ocorreu com outras espécies (ver nota 551). G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lobaria mollissima* Samp.».

<sup>563</sup> Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921), mas com outro nome: «*Lecanora Limica* B. de Lesd. et Sampaio. Portugal, Ponte do Lima, sur les pierres granitiques d'un mur, n.º 2416. Leg. Dr. G. Sampaio, 1916». Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 83. G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecanora*».

2416 *Lecanora Lusitanica* B. de Lesd.<sup>564</sup> nov. sp.; n.º 2417 – 2418 *Lecanora piniperda* Krb. nova var. *Lusitanica* B. de Lesd.<sup>565</sup>; dans le n.º 2418 se trouve une *Rhinodina* que je n'ai pu étudier complètement parce qu'il y avait trop peu d'apothécies; c'est à rechercher: n.º 2422 *Lecidea* voisin du *L. latypiza* Nyl.<sup>566</sup>; il faudrait voir encore d'autres exemplaires; n.º 2423 Spores 21-22 × 11-12 µ<sup>567</sup>». No fim de uma das páginas escrevia: «*Acarospora Lesdaini*. Est-ce l'Abbé Harmand qui vous avait déterminé ce lichen ? Je ne trouve plus l'exemplaire type ; attendez avant de publier votre lichen sous ce nom».

A 16 de Fevereiro do ano seguinte, 1921, Bouly de Lesdain escreve novamente, continuando com a discussão dos líquenes enviados por G. Sampaio: «[...] Veuillez je vous prie de m'accuser si j'ai tardé si longtemps á vous répondre, mais je voulais auparavant revoir la plante que j'aurais nommée *Thelidium*<sup>568</sup>, et diverses accusations m'en avaient empêché jusqu'à présent. J'ai donc revu ce matin, au microscope, le *Thelidium* en question, et j'ai trouvé [segue-se uma enumeração de três características do exemplar] Ce lichen est donc à revoir et j'en supprimerai la description. Quand les épreuves à corriger de mes « Notes lichenologiques » me seront retournées, je changerai un certain nombre de noms. Le n.º 2370 est en effet un peu différent du *Buellia atroalbella*, mais il se rapproche [...] beaucoup de certaines exemplaires que je possède, et qui proviennent de l'herbier de Lamy de la Chapelle. Je n'ai pu retrouver l'*Acarospora Lesdaini* déterminé par l'Abbé Harmand. Le dernier fascicule des Lichens de France de l'Abbé Harmand est le n.º 5 crustacés [...] Je serai très heureux d'avoir vos publications lichénologiques ; je ne possède que la dernière ; je vous demanderai en même temps, si cela vous est possible, de m'envoyer un échantillon des espèces nouvelles que vous avez décrites, et que vous ne m'avez pas envoyées. Le *Ramalina Panizzei*<sup>569</sup> est indiqué aux environs de Porto ; je ne connais pas cette espèce ; l'avez-vous trouvée ?».

<sup>564</sup> Deverá aqui haver um erro de Bouly de Lesdain porque o n.º 2416 aparece repetido. G. Sampaio escreveu por baixo: «vem tambem como *Lec. limana*, B. de Lesd.».

<sup>565</sup> Bouly de Lesdain começa por escrever «*Lecanora subpiniperda* B. de Lesd.»; depois risca o «sub» e acrescenta a nova variedade, talvez por verificar que a *Lecanora subpiniperda* era uma espécie que já existia (*Lecanora subpiniperda* C. Knight 1882). Esta espécie nova para a ciência será efectivamente descrita em BOULY DE LESDAIN (1921): «*Lecanora piniperda* nov. var. *lusitanica* B. de Lesd. et Sampaio. Portugal, Ponte de Lima, sur vieilles écorces, n.º 2417. Povoia de Lanhoso, sur *Pirus communis*, n.º 2418. Leg. Dr. G. Sampaio, 1920». Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichens de Portugal» com o n.º 77. G. Sampaio na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências escreve para estes dois espécimes: «*Lecanora piniperda* var. *lusitanica* B. de Lesd.».

<sup>566</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea latypiza*».

<sup>567</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecidea latypiza*».

<sup>568</sup> Bouly de Lesdain refere-se ao exemplar n.º 1988.

<sup>569</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Ramalina panizzei* de Not. (1846).

Alguns meses depois, num bilhete-postal datado de 28 de Maio de 1921 (**Estampa VII.9.**), Bouly de Lesdain anunciava a G. Sampaio a publicação eminente das suas «Notes lichénologiques. XVIII» onde deveriam figurar as descrições das espécies novas baseadas em exemplares recolhidos por G. Sampaio. O conteúdo da missiva é bizarro. Bouly de Lesdain afirma ter emendado as provas mas não tomou nota das emendas! Já não sabe exactamente quais as espécies que têm G. Sampaio como co-autor! «[...] *Le n.º XVIII de mes Notes lichénologiques, est actuellement á l'impression. Quand j'ai reçu les feuilles d'imprimerie pour les corrections, j'ai changé les 3 noms : L. limana, L. Bragana, Acarospora Fuana<sup>570</sup>. Malheureusement j'ai oublié de pendre note de ces corrections, et il m'est absolument impossible de vous dire quel est celui des deux adjectifs que vous m'avez proposé que j'ai employé. Ces espèces ont été publiées sous nos deux noms ; je n'ai de certitude que pour le Lecanora piniperda nov. var. Lusitanica B. de Lesd. et Sampaio<sup>571</sup>. Je vous remercie beaucoup des brochures que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer, et que j'ai lu avec le plus grand intérêt ; permettez moi de vous féliciter d'être aussi compétent dans [...] toutes les parties de la botanique.[...]*».

No ano seguinte, continuava a troca epistolar entre G. Sampaio e Bouly de Lesdain e o envio de líquenes do Porto para Dunquerque. Num bilhete-postal datado de 22 de Fevereiro de 1922 escrevia o líquenólogo francês: «[...] *Je vous remercie beaucoup de l'offre si aimable que vous me faites de m'envoyer des lichens ; [...] A la mort de l'Abbé Hue, j'ai reçu un certain nombre de tirés á part de ses travaux ; Veuillez je vous prie m'indiquer les ouvrages de cet auteur que vous possédez ; je pourrai très probablement vous donner quelques brochures qui vous manquent [...]*». No mês seguinte, a 8 de Março, Bouly de Lesdain escrevia novamente a G. Sampaio : «[...] *Je regrette beaucoup de ne pouvoir m'occuper des Lichens d'Afrique dont vous me parlez, car pour mener á bien un pareil travail, il faudrait habiter [à] Paris, afin de pouvoir consulter les «types» qui se trouvent dans l'herbier du Muséum. Je vous remercie beaucoup de l'envoi de lichens rares que vous m'annoncez ; je les [...] avec le plus grand plaisir. [...] Je vous enverrai tout prochainement le grand nombre des brochures publiées par l'Abbé Hue. Vous me feriez plaisir, si dans vos excursions vous pourriez me récolter le plus grand nombre possible de formes de Lepra. J'en possède déjà plus d'un millier. Je les aurais communiqués á l'Abbé Hue qui désirait en faire la monographie. A sa mort, le Muséum qui héritait de ses collections, m'a renvoyé mes échantillons, ainsi que les nombreuses diagnoses d'espèces nouvelles qu'il avait reconnues. Quand j'aurai mis un peu d'ordre dans le manuscrit, dont les feuillets ont été*

<sup>570</sup> Efectivamente Bouly de Lesdain publicaria estas três espécies com os nomes de *Lecanora limica*, *Lecanora bracarensis* e *Acarospora duriana*. Ver notas anteriores e Anexo III.

<sup>571</sup> As espécies que foram efectivamente publicadas em co-autoria foram: *Lecanora Limica*, *Lecanora piniperda* nov. var. *lusitanica*, *Lecanora bracarensis* (**Estampa VII.9.**) e *Acarospora duriana* (Anexo III).

*mélangés, et dont certains me manquent encore, je le publierai probablement dans le Bulletin de la Soc. de bot. de France. [...] Toujours à votre disposition quando vous désirez avoir la copie de diagnoses de lichens».*

G. Sampaio envia efectivamente mais uma remessa de líquenes para Bouly de Lesdain. Num dos seus cadernos de apontamentos, escreveu: «*B. de Lesd. (2.<sup>a</sup> remessa) – 15-3.º-1922*»<sup>572</sup>. Segue-se uma lista com as seguintes espécies (por esta ordem): *Koerberia biformis* Mass.; *Pertusaria exalbescens* Nyl.; *Lecanora Celestini* Samp.<sup>573</sup>; *Lecanora lisbonensis* Samp.<sup>574</sup>; *Lecidea portuensis* Nyl.; *Acarospora Alberti* Samp.<sup>575</sup>; *Acarospora Zalhbruckneri* Samp.<sup>576</sup>; *Caloplaca limitosa* Oliv.; *Solenopsora vulturiensis* Bap.; *Rinodina Olivieri* Samp.<sup>577</sup>; *Lecanora intercincta* Nyl. Das 11 espécies da lista, cinco eram táxones novos de G. Sampaio, dos quais um ainda permanecia inédito. Quereria G. Sampaio pedir uma opinião sobre as suas descobertas?

Bouly de Lesdain irá discutir estes exemplares na correspondência que escreve seguidamente. Todavia no bilhete-postal seguinte, datado de 1 de Outubro de 1922, Bouly de Lesdain ainda discutia os exemplares de uma remessa anterior: «[...] *Je viens de revoir votre n.º 2422 (Gouveia 5-8-1916) [...] C'est le Lecidea latipiza Nyl. <sup>578</sup>. Le n.º 1286 (Povoa de Lanhoso 9º 1919) [...] ressemble extérieurement au Verrucaria Romeana<sup>579</sup> que j'ai décrit dans mes notes lichénologiques<sup>580</sup>, mais il faudrait voir les spores que je n'ai pas trouvés ; en possédez vous d'autres exemplaires ?<sup>581</sup>».*

Alguns dias depois, num bilhete-postal datado de 18 deste mês de Outubro, continuava a discussão de exemplares de remessas anteriores e referia-se à última remessa: «[...] *Je viens revoir le lichen que vous m'avez envoyé ; c'est le Pertusaria velata Nyl. ; Vous ne m'avez pas envoyé le Rinodina Olivieri je ne peu donc vous donner mon avis à ce sujet. Le Verrucaria dont ce vous avais parlé dans ma dernière carte (1988) et qui vous m'avez envoyé autrefois, est insuffisant. Il faudrait pour en faire l'étude de recueillir d'autres exemplaires<sup>582</sup>. Je vous remercie beaucoup de l'annonce que vous me*

<sup>572</sup> A primeira remessa tinha sido em Abril de 1920. Ver nota 522.

<sup>573</sup> Esta espécie nova tinha sido descrita num trabalho datado de Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1920a).

<sup>574</sup> Esta espécie nova tinha sido descrita num trabalho datado de Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1921a).

<sup>575</sup> Esta espécie nova tinha sido descrita num trabalho datado de Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1920a).

<sup>576</sup> Esta espécie nova tinha sido descrita num trabalho datado de Dezembro de 1920 (SAMPAIO, 1921a).

<sup>577</sup> G. Sampaio ainda não tinha publicado esta espécie nova. Será publicada como *Rinodina confragosa* (Ach.) Korb. var. *oliveri* Samp. (SAMPAIO, 1923a).

<sup>578</sup> Ver nota 566.

<sup>579</sup> A ortografia actual do nome da espécie é *Verrucaria romeana* B. de Lesd.

<sup>580</sup> BOULY DE LESDAIN (1921).

<sup>581</sup> G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «*Lecanora saxicola*».

<sup>582</sup> Bouly de Lesdain tinha identificado este espécime n.º 1988 como *Thelidium umbrino-fuscum* em carta anterior. Será publicado em BOULY DE LESDAIN (1923): «*Verrucaria Sampaiana* B. de Lesd. Portugal, Povoa de Lanhoso, sur les roches granitiques, n.º 1988. Leg. Dr. G. Sampaio, 1919». G. Sampaio na lista dos exemplares do herbário de líquenes da

*faites du prochain envoi de votre travail sur les lichens du Portugal, et serais heureux si vous pourriez en même temps m'envoyer vos premières brochures sur les lichens, auxquelles je tiens beaucoup, et qui ont été malheureusement perdues».*

A correspondência seguinte é um bilhete-postal datado de 17 de Março de 1923 e revela que G. Sampaio terá enviado mais uma remessa de líquenes para Bouly de Lesdain: «[...] *Je vous remercie beaucoup des lichens que vous m'avez envoyés ; les Crocynia m'ont paru intéressantes, mais je ne les étudierai que lorsque j'aurai pu faire paraître le manuscrit de l'Abbé Hue « Monographie des Crocynia ». Buellia Jorgei<sup>583</sup> c'est le Buellia subdisciformis (Nyl.) Jatta, dont les apothécies sont en effet parfois pruineuses.[...] 2629 Aspicilia corrugata (Arn.) Nyl. Lecidea corrugata Arn.<sup>584</sup>.[...] Vos lichens m'intéressent toujours beaucoup, et je recevrai avec plaisir ceux dont vous m'annoncez l'envoi». Numa carta datada de 17 de Julho deste ano de 1923, escrevia Bouly de Lesdain: «[...] *Je vous remercie beaucoup de l'intéressante brochure que vous avez eu l'amabilité de m'envoyer*<sup>585</sup>, *et vous félicite de toutes vos belles découvertes. Vous trouverez ci-joint la description abrégée d'un Koerberia que vous pouvez peut être rencontré dans votre pays. Je vous ai écrit il y a quelque temps pour vous demander des graminées en échange de Rubus ; je serai très heureux si vous voulez bien me répondre à ce sujet».**

No ano seguinte, 1924, numa carta datada de 29 de Fevereiro, escrevia Bouly de Lesdain : «[...] *Voilà bien longtemps que je n'ai eu de vos nouvelles ; j'espère que vous n'êtes pas souffrant, et que j'aurai bientôt le plaisir de recevoir un mot de vous. J'ai reçu dernièrement de M. Ove Hoeg un travail intitulé «The corticolous Norwegian Pertusariaceae and Thelotramaceae» dans lequel il démontre que le Pertusaria velata est très rare en Europe, et que presque tous les exemplaires (Européens) ainsi appelés sont constitués par 2 nouvelles espèces, le Pertusaria subviridis et le P. speciosa Ove Hoeg. Le*

---

Faculdade de Ciências escreve para este espécime: «Verrucaria Sampaiana B. de Lesd.»). Ao publicar esta espécie nova só com a sua autoria, Bouly de Lesdain não cumpria efectivamente a promessa que tinha feito de incluir G. Sampaio como autor das espécies a publicar posteriormente às «Notes lichénologiques. XVIII». Estranhamente, na correspondência seguinte a este bilhete-postal datado de 18 de Outubro de 1922, Bouly de Lesdain não volta a referir-se a esta nova Verrucaria. Terá informado G. Sampaio da sua publicação? Mas G. Sampaio toma conhecimento da publicação de Bouly de Lesdain e em «Novos materiais para a liquenologia portuguesa» datado de Março de 1924 irá citá-la como espécie nova para a flora portuguesa com a autoria de Bouly de Lesdain.

<sup>583</sup> G. Sampaio ainda não tinha publicado esta espécie nova. Será publicada num trabalho datado de Março de 1924 (SAMPAIO, 1923a). Esta espécie nova será incluída na exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 180. A opinião negativa de Bouly de Lesdain, considerando o espécime como pertencente a uma espécie já descrita, não terá assim influenciado G. Sampaio que o publica como uma espécie efectivamente nova.

<sup>584</sup> Bouly de Lesdain referia-se provavelmente a Aspicilia corrugatula (Arnold) Hue e a Lecidea corrugatula Arnold. G. Sampaio, na lista dos exemplares do herbário de líquenes da Faculdade de Ciências, escreve, para este espécime: «Lecidea corrugatula Arn. (= Aspicilia Nyl.)».

<sup>585</sup> Bouly de Lesdain referia-se provavelmente ao trabalho SAMPAIO (1923a), datado de Março de 1924. Neste trabalho, G. Sampaio propunha efectivamente uma espécie nova de Koerberia – K. lusitanica. Foi provavelmente esta espécie nova de Koerberia que terá suscitado o comentário seguinte de Bouly de Lesdain.

*Pertusaria* que vous m'avez envoyé «Ponte de Lima» sur *Pinus silvestris*, que j'avais nommé *P. velata*, doit en réalité être appelé *P. speciosa*. Voici d'ailleurs la diagnose de cette espèce [...] J'espère pouvoir faire paraître bientôt le manuscript de l'Abbé Hue « Monographia Crocyanum » qui renferme la description d'un grand nombre d'espèces nouvelles. J'ai aussi à l'impression une note sur « L'écologie d'une Aulnaie » *Alnus glutinosa*. Je vous enverrai naturellement ces 2 brochures des qu'elles seront parues».

Em 1925, termina o intercâmbio epistolar entre Bouly de Lesdain e G. Sampaio. Num bilhete-postal datado de 28 de Janeiro escrevia Bouly de Lesdain: «[...] Je vous remercie beaucoup de votre monographie des *Ulex* du Portugal<sup>586</sup> qui est très intéressante. Comme je vous l'ai déjà écrit, je serais très heureux de me procurer de graminées et vous feriez bien plaisir s'il vous était possible de m'envoyer. Adressez moi un mot je vous prie pour me dire si c'est possible, et dans ce cas, je vous enverrai un colis postal de phanerogames provenant de mon herbier (France, Algérie, et un bon nombre de numéros d'exsicata) vous pourrez alors m'envoyer en échange les graminées qu'il vous plaira. [...]». A 5 de Dezembro deste ano escrevia Bouly de Lesdain pela última vez a G. Sampaio : «[...] La Flore des Lichens de France, interrompue par la mort de son auteur, va probablement continuer ; dans ce cas, je me chargerai des Verrucariées. Le travail sera particulièrement difficile [...] il suffit de lire l'ouvrage de Mr. Vainio sur les lichens de la Finlande, pour voir que Nylander a donné le même nom à des espèces ?? différentes. [...]».

### 3. Intercâmbios com H. Olivier, A. H. Magnusson e A. Zahlbruckner

O intercâmbio epistolar entre H. Olivier e G. Sampaio é reduzido, mas significativo, dado que G. Sampaio publicará um táxon novo para a ciência dedicado a este líquenólogo. No espólio documental de G. Sampaio só existe uma carta de H. Olivier para G. Sampaio (**Estampa VII.10.**). Não se encontra datada, mas deve ter sido escrita no final de 1923 ou inícios de 1924, pelas razões que seguidamente se expõem. H. Olivier inicia a carta por responder às questões sobre bibliografia colocadas por G. Sampaio, referindo as obras de Boistel e Forsell. Seguidamente H. Olivier escreve sobre o exemplar de *Rinodina* que terá sido enviado por G. Sampaio, considerando-o como uma espécie nova para a ciência: «Je sors d'examiner votre *Rinodina* autant que mes tremblantes peuvent le faire. Il semble rentrer dans le groupe de *R. confragosa*. Thalle K+ légèrement jauni mais, autant que j'ai pu voir, à spores beaucoup plus petites, etc., l'aspect extérieur est assez celui du *Rinodina atrocinerea* Krb., mais à réaction toute différente et à spores  $19,19 \times 9,6$  ( $20,23 \times 11,12$  dans

<sup>586</sup> Bouly de Lesdain referia-se provavelmente ao trabalho SAMPAIO (1924), datado de Dezembro de 1924.

*atrocinerea*). *Je ne possède rien de pareil dans mon herbier, je crois qu'il y a bien là une nouvelle espèce demandant une bonne description*». No espólio de G. Sampaio existe o rascunho da sua carta para H. Olivier que terá merecido a resposta acima transcrita: «*Je vous remercie très vivement de vos notables brochures sur les Opegraphes et sur les Arthonies d'Europe ; elles m'ont fait un grand plaisir. [...] je possède déjà «Les principaux parasites des lichens» avec supplément. [...] je vous prie de m'envoyer seulement le I volume de vos «Lichenes de l'Orient » avec supplément, bien que les «Lecidea de la Flore d'Europe», suite du Lecidées. Ci-joint je vous envoie un billet de vingt francs pour le payement de ces ouvrages et des ports de courrier. Connaissez-vous cher Monsieur le moyen d'obtenir en France [segue-se uma série de trabalhos de Forsell, Hue, e Boistel] Je n'ai pas obtenu encore ces ouvrages et je les payerais à tout prix. J'aurai un grand honneur de vous dédier une Rinodine que je crois nouvelle, en la nomment Rinodina Olivieri ; cependant je veux la soumettre á votre examen avant la publication de sa diagnose. Cette plante, que je vous remette dans ce moment, présente des apothécies zeorines – ce que je n'ai pas vu dans quelque autre Rinodine de ma connaissance. On la trouve sur les rochers granitiques de vieux château romain de Lanhoso au nord de Portugal. Elle sera distribuée dans fascicule IV de mes « Lichens de Portugal »*».

G. Sampaio irá seguir a recomendação de H. Olivier e publicar em «Novos materiais para a liquenologia portuguesa», datado de Março de 1924 (SAMPAIO, 1923a) este novo taxon como uma nova variedade da *Rinodina confragosa*: *Rinodina confragosa* (Ach.) Korb. var. *oliveri* Samp. (**Estampa VII.11.**). Após a diagnose, escreve neste trabalho: «Esta nova variedade, que é muito distinta, consagro-a à memória do falecido liquenólogo francês Abade Olivier, com quem nos últimos anos mantive relações científicas e de quem recebi deferências que muito me penhoraram». G. Sampaio também irá cumprir o que escreveu a H. Olivier incluindo este líquene na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 194.

A. H. Magnusson<sup>587</sup> terá sabido do trabalho de G. Sampaio através de A. Zahlbruckner. A. H. Magnusson estava particularmente interessado no género *Acarospora* e G. Sampaio já tinha publicado

<sup>587</sup> Adolf Hugo Magnusson (1885-1964) foi professor liceal em Gotemburgo na Suécia, de 1909 a 1948. Dedicava o seu tempo livre à liquenologia, estudando, em especial, a flora líquénica do Havai, da Escandinávia e da China, e os géneros *Acarospora*, *Caloplaca*, *Lecanora* e *Lecidea*. Descreveu cerca de 900 espécies novas, em aproximadamente 150 trabalhos publicados. Destes trabalhos, destacam-se as 15 publicações da série «New or interesting Swedish lichens» e a monografia sobre o género *Acarospora*. Elaborou uma exsicata de líquenes escandinavios - «Lichenes selecti Scandinavici exsiccati», organizada em 17 séries, num total de 425 exemplares, distribuídos entre 1927 e 1952. Colaborou com G. Sampaio e Carlos das Neves Tavares (Faculdade de Ciências de Lisboa) no estudo dos líquenes portugueses, publicando diversas espécies novas para a ciência baseadas em exemplares portugueses. Vários investigadores dedicaram-lhe nomes de espécies novas de líquenes (TAVARES, 1965; HAWKSWORTH ET AL., 1995:261).

algumas espécies novas deste género, incluindo uma precisamente dedicada a A. Zahlbruckner<sup>588</sup>. Escrevia A. H. Magnusson para Gonçalo Sampaio a 5 de Outubro de 1922: «[...] *By a visit this summer to Hofrat Zahlbruckner, Wien, I have heard that you have a great interest in lichens and I have there seen some species of Portuguese Acarospora, a genus of which I have just finished a monograph (in English) of the Scandinavian 30 species. I now intend to continue with the European and should be grateful to get specimens from you, both from the new ones you have described and from others in your country. As I have a great many duplicates I am willing to send you some species in exchange other lichens if you have an interest in Swedish lichens (a great many are from Lappland). At the same time I send you my small papers. I also read German and French. [...]*». G. Sampaio escreveu no fim da página, um resumo em português da carta: «*Viu no herbário de Zahlbruckner especies de Acarospora mandadas por mim. Concluiu uma memoria, em ingles, sobre as Acarospora da Scandinavia e vai continuar com as da Europa. Pede troca de Acarospora, assim como de qualquer liquenes com liquenes da Laponia*».

G. Sampaio respondeu rapidamente a A. H. Magnusson que retribui, a 27 deste mês de Outubro de 1922, com uma carta e um envio de líquenes escandinavos: «[...] *I thank you very much for your friendly letter and I have to day sent you a parcel with 75 lichens mostly from the desiderata list. In my unarranged collections I have most of what you have not obtained this time, but I hope to get them ready by and by [sic]. I have also many duplicates from the mountains and am willing to send you a list of between 4 – 500 [sic] species if you are interested in a further exchange. I shall be very much pleased to obtain those you have told me in the list, because they all are new and certainly not to be obtainable in a Swedish museum. I should also be very glad if you still had some excerpts of your lichenological papers to send me, because I have nothing of what you have written, and because there are few botanical periodicals in this town and none from Portugal. I must try to get the lichenological literatur in antiquaries and in excerpts from the authors.[...]*».

G. Sampaio recebeu os líquenes de A. H. Magnusson e num dos seus cadernos de apontamentos, escreve: «*Lichens scandinavos – mandados por A. H. Magnusson – 11-1922 – 78 exemplares*» (**Estampa VII.12.**). Segue-se uma lista de 25 espécies dos géneros *Catillaria*, *Caloplaca*, *Aspicilia*, *Lecidea*, *Buellia*, *Rhizocarpon*, *Pyrenopsis*, *Lecania*, *Lecanora*, *Cetraria*, *Peltigera*, *Gyrophora*, *Pertusaria* e *Cladonia*. À frente de algumas das espécies G. Sampaio escreve comentários sobre os espécimes. À frente de *Caloplaca pyracea*: «*A nossa pequenina dos calcareos*». À frente de

<sup>588</sup> *Acarospora alberti* Samp. (SAMPAIO, 1920a), *Acarospora flavorubens* Bagl. et Car. var. *angulosa* Samp. (SAMPAIO, 1917a), *Acarospora granatensis* Samp. (SAMPAIO, 1917b), *Acarospora varzinensis* Samp. (SAMPAIO, 1920a) e *Acarospora Zahlbruckneri* Samp. (SAMPAIO, 1921a).

*Lecidea paupercula*: «Parece a Aspicilia olivacea». À frente de *Lecidea neglecta*: «Temos. Parece uma *Lepraria* sobre os musgos, esteril». À frente de *Peltigera spuria*: «Temos».

G. Sampaio retribui enviando as suas publicações e promete enviar líquenes portugueses. A. H. Magnusson responde numa carta datada de 17 de Dezembro de 1922: «[...] *I am very much obliged to you for your sending of your interesting lichenological papers and I am very curious on your sendings of lichens to come. Biatorrella campestris is not in my own collections but I have succeeded to find out a little bit from dr. Hultings herbarium which belongs to our museum. Perhaps can find out what you need. The whole specimen is very bad and apothecia are very scarce and difficult to find. You need not send it back. When your sending of lichens has arrived it will be a pleasure to me to send you another set in return as I have rather rich collections of duplicates.* [...]».

G. Sampaio concretiza então o envio de líquenes portugueses. Envia um ou vários dos primeiros fascículos da sua exsicata «Lichenes de Portugal» e uma *Acarospora* que lhe terá parecido ser uma espécie nova. A. H. Magnusson responde, positivamente, numa carta datada de 1 de Junho de 1923 (**Estampa VII.12.**): «[...] *I have received your postcard and am very much obliged to you for your promise to send me the rest of your exsiccata. I have also received and examined your Acarospora [segue-se uma descrição sumária do exemplar] Certainly it is a new species, deserving the name of picea. It is not identical to any of the Scandinavian ones, the European ones I hope to study more completely at the end of this summer. I should like to possess the sent specimen, but if you have only this I will send it back in my next sending to you. [...]*».

G. Sampaio terá ficado entusiasmado com esta carta de A. H. Magnusson, e, terá respondido que lhe dedicaria esta nova espécie (**Estampa VII.13.**). A. H. Magnusson responde, rapidamente, em tom modesto e despretensioso, num bilhete-postal com data de 29 de Julho de 1923: «[...] *I thank you for your last postcard and for the promise to send me the continuation of your exsiccata. Of course, I feel very proud if you will name an Acarospora after me, though I think one must be careful in using names of persons. Only if there is not a good name, pointing out characteristics, it must be used, and I myself have named one species *Duriehzii*, in want of a better name. The Acarospora peliocypha in Gall. Prec. Exs. is (at least the copy in Uppsala) Acarospora Lesdainii, a variable but not rare species, formerly quite misunderstood. I hope to get my paper printed this winter and am very thankful for all [...] from Portugal with its rich flora. In a few days I will go to Helsingfor to study the authentic specimens of Acharius and Nylander, and I hope by and by to come to the European collections. [...]*».

A 17 de Setembro deste ano escrevia num bilhete-postal para G. Sampaio: «[...] *On my return from Finland I found the Acarospora come which you mentioned in your last card. It was forgotten till*

*I some days ago again found it. Such specimens are not seldom in Sweden and I have called them Lesdainii. But after having, these last days, seen the authentic specimen of Lesdainii (from Lesdain), I find that it is not the typical form. But it is so varying a species that I have not been able to find the limits between the forms and therefore provisionally calls it only Lesdainii. As it perhaps will go some time before my monograph will be printed I will send you the key of the species in order to give you some idea of it. But keys are always very incomplete and give no idea of the variability of the species. By and by I have obtained a number of duplicates of lichenological literature as perhaps you too have. I send a list of them if there should happen to be some which you have not. Then there perhaps may be an exchange of duplicates of papers. [...]*». A carta era acompanhada de uma chave dicotómica do género *Acarospora*, e uma lista de bibliografia de Wainio e A. Zahlbruckner.

Não existe mais correspondência entre A. H. Magnusson e G. Sampaio. G. Sampaio publicará esta nova *Acarospora* como *A. Magnussoni* Samp. em «Novos materiais para a liquenologia portuguesa» datado de Março de 1924, mas com a data de publicação de 1923 (**Estampa VII.13.**). Escrevia nesta publicação: «Segundo a autorizada opinião do sr. H. Magnusson, liquenólogo escandinávico, a quem consultei sôbre esta planta, trata-se de uma espécie nova, do grupo “smaragdula”. Nestas condições tenho o maior prazer em dedicá-la a êste distinto especialista do género *Acarospora*».

O contacto entre G. Sampaio e A. Zahlbruckner é anterior ao com H. Olivier e A. H. Magnusson. Num bilhete-postal não-datado, mas com carimbo de correio de Dezembro de 1920 (dia ilegível), e escrito em alemão, A. Zahlbruckner pedia separatas dos trabalhos publicados por G. Sampaio: «*Líquenes novos para a flora portuguesa I – III*»<sup>589</sup>. A. Zahlbruckner era um reputadíssimo liquenologista e este bilhete-postal terá parecido a G. Sampaio uma oportunidade para estabelecer contacto com este investigador. No espólio documental de G. Sampaio existe um rascunho de uma carta para A. Zahlbruckner. O manuscrito não se encontra datado, mas foi escrito muito provavelmente próximo do dia 13 de Janeiro de 1921, face ao conteúdo dos documentos que mencionamos de seguida. O rascunho, escrito a lápis, contém: «[...] *J'ai reçu avec plaisir votre carte postale, mais je suis forcé à vous répondre en français, puisque, malheureusement, je ne connais pas l'idiome de votre patrie. En premier lieu, je dois vous remercier très vivement l'envoi des separatae que vous m'annoncez et que j'espère avez l'intérêt le plus grand. Je vais vous remettre mes «Liquenes novos para a flora portuguesa » I-III [os trabalhos que tinham sido pedidos por A. Zahlbruckner]. Très prochainement je vous enverrai mes “Novas contribuições para o estudo dos liquenes portugueses » qui sont sous*

<sup>589</sup> SAMPAIO (1916b, 1917a, 1917d).

presse<sup>590</sup>, et la description du genre nouveau de *Carlosia* nob., avec la diagnose de l'espèce portugaise *Carlosia virescens*.<sup>591</sup> C'est pour moi un grand plaisir l'échange de lichens que vous me proposez. Ci-joint je vous envoie une liste d'espèces plus intéressantes dont je puis vous offrir des échantillons. Dans ce moment je ne pourrai vous envoyer les espèces marquées avec +, mais je les enverrai presque toutes après mes récoltes à l'été prochain. Toutefois, si vous avez un intérêt tout particulier de examiner quelques de ces espèces, je pourrai vous remettre les échantillons de notre herbier, sous la condition qu'ils seront renvoyés le plus rapidement possible à notre Université. [...]».

Existe nos cadernos de apontamentos de G. Sampaio, uma lista dos líquenes que seriam os mencionados nesta carta: No topo da página escreveu: «Ao prof. Zahlbruckner, mandei em 13 de Janeiro de 1921» (**Estampa VII.14.**). Segue-se uma lista de 12 espécies da sua autoria. Todas estão marcadas com uma cruz antes: *Lecania Lesdainii* Samp.<sup>592</sup>; *Lecania citrinella* Samp.<sup>593</sup>; *Gyalecta decipiens* Samp.<sup>594</sup>; *Pachyphyale limica* Samp.<sup>595</sup>; *Acarospora Zahlbruckneri* Samp.<sup>596</sup> (**Estampa VII.15.**); *Acarospora alberti* Samp.<sup>597</sup>; *Acarospora varzinensis* Samp.<sup>598</sup>; *Schismatomma chloroticum* Samp.<sup>599</sup>; *Omphalaria granítica* Samp.<sup>600</sup>; *Buellia Duartei* Samp.<sup>601</sup>; *Lecanora Celestini* Samp.<sup>602</sup>; *Lobaria mollissima* Samp.<sup>603</sup>. As restantes oito espécies são de outros autores. Algumas destas espécies novas de G. Sampaio, tinham acabado de ser publicadas. O conjunto era impressionante. Saberíamos G. Sampaio que A. Zahlbruckner estava em vias de publicar o seu Catálogo Universal de Líquenes, uma obra monumental com a citação de todas as espécies publicadas, e pretenderia divulgá-las junto do liquenólogo austríaco?

A. Zahlbruckner responde logo numa carta datada de 20 de Janeiro de 1921 (em papel timbrado do Botanische Abteilung des Naturhistorischen Staatsmuseums, Wien), após ter recebido a carta de G. Sampaio, mas sem ainda ter recebido os líquenes enviados a 13 de Janeiro passado (**Estampa VII.16.**):

<sup>590</sup> SAMPAIO (1921a).

<sup>591</sup> Este género novo só seria publicado em 1923 (SAMPALIO, 1923b). A espécie será *Carlosia lusitanica* Samp. e não *Carlosia virescens* Samp.

<sup>592</sup> Este líquene tinha sido publicado em SAMPAIO (1917d).

<sup>593</sup> Este líquene tinha sido publicado em SAMPAIO (1917c). Em SAMPAIO (1917d) é transferido para o género *Lecanora*.

<sup>594</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1918a).

<sup>595</sup> Esta espécie só seria publicada em SAMPAIO (1922a).

<sup>596</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1921a) (**Estampa VII.15.**).

<sup>597</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1920a).

<sup>598</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1920a).

<sup>599</sup> Esta espécie seria publicada como *Pilocarpon leucoblepharum* (Nyl.) Vain. var. *chloroticum* Samp. em SAMPAIO (1923a).

<sup>600</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1916b).

<sup>601</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1920a).

<sup>602</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1920a).

<sup>603</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1920a).

*«J'ai reçu vos deux lettres avec beaucoup de plaisir. Je répondrai en français, quoiqui ma connaissance de cette idiome est très imparfaite. Mais, dans ce rapport, je l'espère, vous ne serez pas un critique rigoureux, car notre correspondance ne veut être une discussion philologique. La flore lichénologique de Lusitanie est très intéressante renfermant beaucoup des formes atlantiques et appartenant au climat plus chaud. Je connais les lichens de la Dalmatie ; la comparaison avec la flore lichénique de votre pays est très important pour mes études, bien qu'il existe, je crois, une différence dans le substratum. Je vais préparer pour vous une collection des espèces desiderées et des espèces dalmatiques. C'est avec impatience que j'attends le paquet annoncé pour vous pour voir les échantillons intéressants. Maintenant je prépare une deuxième édition des Lichens de Engler-Prantl. [...] Votre nouveau genre sera [...] dans cette nouvelle édition. Mon « Catalogus Lichenum Universalis » est sous presse, il comprendra 6 volumes. Savez-vous la pagination originale de votre étude : « Contrib. para o estudo dos líquenes portugueses »<sup>604</sup> dans les Annales de la Academia Polytech. do Porto, vol. XIII ? Je veux citer la pagination du separatum. Les « Annal. Acad. Polytech. » sont dans notre bibliothèque seulement jusqu'au 1914. Agréez, cher Monsieur l'assurance de mes sentiments les plus distingués».*

A. Zahlbruckner recebe, enfim, os líquenes enviados por G. Sampaio. Em troca envia a sua exsiccata «Lichenes rariores exsiccati» e responde num bilhete-postal datado de 27 de Fevereiro de 1921: «*Cher Monsieur : Aujourd'hui j'ai envoyé a votre adresse le paquet avec les « Lichenes rarior. exsic. » [...] le prix est de 5 francs. [...] Je prépare maintenant un second paquet de lichens pour principalement des Verrucarias».*

G. Sampaio tinha uma boa colecção de líquenes, mas a de angiospérmicas seria ainda melhor, e terá perguntado a A. Zahlbruckner se não estaria interessado em trocar os seus líquenes por plantas vasculares portuguesas. A flora portuguesa é muito diversa da austríaca e A. Zahlbruckner esperava ansioso por ver as novidades da flora lusitânica. Escrevia numa carta data de 26 de Abril de 1921 : «*Cher Monsieur : [...] J'attends avec impatience la collection de phanérogames, que vous avez la bonté d'envoyer au notre Muséum. La liste renferme des plantes très intéressantes, dont plusieurs manquent dans notre herbier».* G. Sampaio envia as plantas e A. Zahlbruckner agradece numa carta datada de 7 de Julho deste ano: «*Cher Monsieur : Nous avons reçu en bon état la précieuse collection de phanérogames du Portugal ; il-y-a beaucoup des espèces, que nous ne possèdent pas. Je me dépêche de vous présenter nos meilleures remerciements et je vous prie aussi à l'avenir garder le souvenir de notre Muséum. Prochainement paraîtra une nouvelle centurie de nos « Kryptogamae*

<sup>604</sup> SAMPAIO (1918a).

*exsiccatae* » ; je enverrai un spécimen complet pour votre Institut et les lichens pour vous. [...] Maintenant demeure chez moi un lichénologue suédois, M. E. du Rietz, qui veut apprendre mes méthodes<sup>605</sup>. [...] Deux fascicules de mon «Catalogus lichenum universalis» sont parus, malheureusement je ne possède pas des exemplaires pour pouvoir vous envoyer un de ceux. [...]

O intercâmbio de material com A. Zahlbruckner continua em 1922. G. Sampaio teria dificuldades com o género *Koerberia* e terá pedido a A. Zahlbruckner exemplares destes líquenes. Num bilhete-postal de 22 de Fevereiro de 1922, respondia o botânico austríaco, lamentando-se das precárias condições do seu herbário: «*Cher Monsieur : Je vous adresse aujourd'hui des petits échantillons du Koerberia biformis, et je vous en prie les accepter pour votre herbier. En automne j'ai préparé pour vous une nouvelle collection mais je ne pu finir ce travail dans notre herbier pas chauffé. Je continuerai la distribution dans printemps. [...] J'espère avec le plus vif intérêt l'édition de vos « Lich. du Portugal exsic. » [...]*». A. Zahlbruckner referia-se à exsiccata «Lichenes de Portugal» que G. Sampaio iria distribuir poucos meses depois, neste ano. Portanto G. Sampaio terá informado o colega suíço desta distribuição, como se constata por esta carta.

G. Sampaio recebeu estas amostras de *Koerberia* e terá respondido rapidamente. Desta resposta existe o rascunho datado de 2 de Março de 1922 (**Estampa VII.14**): «*2-3°-1922 [...] Je vous remercie beaucoup l'envoye des échantillons de Koerberia. Ils m'ont permis de reconnaitre que ce genre est représenté en Portugal par deux espèces très distinctes : une est la K. biformis, qui vit sur les arbres, l'autre on la trouve sur les roches granitiques et je la nommerai K. rupestris dans une notice sur des lichens nouveaux de mon pays. Cependant, si vous le permettez, j'observe ici que ce genre Koerberia*

<sup>605</sup> Interessantemente, G. Einar du Rietz irá estudar líquenes de G. Sampaio, em particular a *Lobaria mollissima* Samp., espécie nova descrita por G. Sampaio em 1920 no trabalho «Líquenes inéditos». Como mencionámos, G. Sampaio enviou para A. H. Magnusson, em 1923, parte ou a totalidade da sua exsiccata «Lichenes de Portugal». A *Lobaria mollissima* era o exemplar n.º 226 desta colecção. Foi no Herbário de A. H. Magnusson que Einar du Reitz a encontrou e estudou. Mas Einar du Reitz constata que o espécime de G. Sampaio é efectivamente mais afim do género *Erioderma* do que do género *Lobaria*, no qual G. Sampaio o tinha colocado. Publica as suas descobertas em 1926, na revista «Botaniska Notiser» e informa G. Sampaio das suas observações. Em Maio de 1926 escreve uma carta do Museu Botânico de Uppsala na Suécia. A carta estaria escrita numa língua que G. Sampaio não sabia ler (alemão?) e terá pedido a A. Ricardo Jorge para a traduzir. É esta tradução (dactilografada em papel timbrado do Museu Bocage em Lisboa) que permanece no espólio documental de G. Sampaio. Einar du Reitz começa por referir como tinha encontrado este espécime de G. Sampaio e o tinha achado pouco típico de uma *Lobaria* e mais parecido com uma *Erioderma*: «*Numa revisão das Stictaceas do Herbario de Magnusson encontrei um exemplar da Lobaria mollissima recentemente descrita por G. Sampaio [...] que me pareceu precisamente muito pouco semelhante a uma Lobaria e pelo contrario me lembrou o genero Erioderma que me levou a consultar para comparação as especies deste genero existentes no Museo de Upsala. Donde pude concluir, primeiro que o liquen em questão era seguramente um Erioderma [...] O genero Erioderma fica assim pela primeira vez indicado na Europa. [...] considero-o seguramente uma espécie distinta. Como o nome especifico tem porem a prioridade, [...] a espécie deve portanto chamar-se Erioderma mollissimum (Samp.) DR.*». De seguida, Einar du Reitz indica as semelhanças e diferenças com espécies próximas. Termina salientando o carácter notável da distribuição deste género de líquenes, que tem espécies na América do Sul e esta espécie em Portugal, mas admite que, por se tratar de um género mal conhecido, a questão possa ser esclarecida no futuro.

ne doit pas entrer dans la famille des Collemaaceae ; il a le thalle à structure stratifiée et ses gonides ne sont pas nostocoides, comme affirment les auteurs, vu qu'ils se présentent, au contraire, très distinctement scytonenioides. Je crois, donc, qu'ils appartiennent aux Pannariaceae, s'approchant du genre Massalongia par son thalle blanc en dessous, etc. De plus, la structure du thalle des plantes du genre Koerberia n'est pas, comme vous le pourrez très facilement vérifier, la structure indiquée dans les livres, et les apothécies sont lécanorines et non pas lecideines, car elles ont un bord thallin, avec gonides. Ce bord disparaît bientôt dans K. biformis, mais dans K. rupestris il est permanent. Je vous prie, cher Maître<sup>606</sup>, d'examiner par un moment cette question, car je crois que, alors, vous reconnaîtrez rapidement que j'affirme la vérité. En reconnaissant que les deux espèces du Portugal appartiennent aux Pannariaceae, mais ne trouvant pas décrit dans cette famille un genre correspondant, j'avois cru qu'elles représentaient un genre nouveau. Mais, dernièrement, la lecture de la diagnose de K. biformis m'a fait suspecter qu'elle serait une des deux espèces trouvées par moi en Portugal ; par ce motif je vous ai prié de m'envoyer un petit échantillon de Koerberia pour élucider le cas. Dans ce moment je vous envoie un échantillon de K. biformis recolté par moi à Coimbra ; la K. rupestris est très rare, mais vous en recevrez un exemplaire dans mes « Lichenes de Portugal ». Toutefois, si vous desirez examiner déjà cette plante, je pourrai vous remettre l'échantillon que je vous ai destiné. Agreez, cher Monsieur, l'assurance de ma considération la plus distinguée, G. Sampaio». Estas duas espécies do género *Koerberia* serão referidas no trabalho que publicará «Novos materiais para a liquenologia portuguesa» datado de Março de 1924. A espécie nova para a ciência será todavia designada de *K. lusitanica* Samp., e não *K. rupestris* como anunciava nesta carta para A. Zahlbruckner. A *K. lusitanica* será efectivamente incluída na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º55.

A carta chega rapidamente a Viena, e, A. Zahlbruckner responde numa carta datada de 8 de Março de 1922 (**Estampa** VII.17.). O botânico austríaco ficou surpreendido com a minúcia e capacidade de observação de G. Sampaio. A sua carta é muito elogiosa para G. Sampaio: «*Cher Monsieur : Je vous remercie bien votre lettre et l'envoi de échantillon de Koerberia biformis. Ce que vous écrivez concernant la structure de ce lichen est très intéressant et de grande importance pour moi, car je prépare maintenant une deuxième édition des lichens pour Engler – Prantl « Naturliche Pflanzenfamilien ». L'édition 1 de cette ouvrage était très pressé par M. Engler, parce que M. [...] chargé d'écrire les lichens, ne pouvait pas faire la partie systématique et j'ai accepté la faire dans les moments dernières. Alors je n'ai pu étudier tous les genres des lichens concernant leur structure plus*

<sup>606</sup> Não encontramos esta forma de tratamento em mais nenhum documento escrito por G. Sampaio. Efectivamente A. Zahlbruckner será para G. Sampaio uma figura «endeusada». Ver capítulo I.4.

*oubliée et j'ai accepté les descriptions des auteurs plus récents. Aussi le genre Koerberia. Ces lichens se trouvaient dans l'Autriche d'autrefois seulement les environs de Vienne, ou M. Schaler l'a trouvé et déterminé. Beaucoup de lichénologues modernes se contentent de déterminer les espèces et négligent d'étudier la structure des lichens mêmes et ne connaissant pas les méthodes modernes pour examiner exactement le thalle et le système d'involucre des apothécies. Je vois avec grand plaisir, que vous pénétrez dans ces détails et j'accepterais avec grand intérêt la description exacte réalisée pour vous».*

G. Sampaio ainda terá enviado para A. Zahlbruckner pelo menos mais duas remessas de líquenes. Nos seus cadernos de apontamentos escreveu «2.<sup>a</sup> remessa», mas não colocou datas. A inclusão da *Carlosia rupestris* indica que é anterior a 1924. Efectivamente, esta espécie será publicada como *C. lusitanica*. A lista é constituída, maioritariamente, por espécies suas e de Bouly de Lesdain, a si dedicadas: *Lecidea macrocarpoides* Samp.<sup>607</sup>; *Lecidea Chodati* Samp.<sup>608</sup>; *Rinodina confinis* Samp.<sup>609</sup>; *Carlosia rupestris* Samp.<sup>610</sup>; *Alectoria variegata* Samp.<sup>611</sup>; *Lecanora pachycarpa* Samp.<sup>612</sup>; *Lecania Sampaiana* B. de Lesd.; *Microglæna Sampaiana* B. de Lesd.; *Lecanora braccarenensis* B. de Lesd.<sup>613</sup>. Existe ainda uma outra lista: «Ao dr. Zahlbruckner (9-11-24)». A lista é constituída quase exclusivamente por espécies suas: *Acarospora Magnussoni* Samp.<sup>614</sup>; *Aspicilia transmontana* Samp.<sup>615</sup>; *Bacidia sulphurella* Samp.<sup>616</sup>; *Carlosia lusitanica* Samp.<sup>617</sup>; *Chiodecton Fragosoi* Samp.<sup>618</sup>; *Cyphelium Zahlbruckneri* Samp.<sup>619</sup> (**Estampa VII.18.**); *Gyalecta deminuta* Samp.<sup>620</sup>; *Lecanora lisbonensis* Samp.<sup>621</sup>; *Lecidea Machadoi* Samp.<sup>622</sup>; *Lecidea rigata* Samp.<sup>623</sup>; *Pyrenopsis anemoides* Samp.<sup>624</sup>; *Ramalina portuensis* Samp.<sup>625</sup>; *Rinodina Lesdani* Samp.<sup>626</sup> e *Verrucaria limae* Samp.<sup>627</sup>. Portanto, a maioria destas espécies tinha sido recentemente publicada nos «Novos materiais para a liquenologia

<sup>607</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1917a).

<sup>608</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1920a).

<sup>609</sup> Esta espécie é publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>610</sup> Esta espécie é publicada em SAMPAIO (1923b) como *Carlosia lusitanica*.

<sup>611</sup> Esta espécie é publicada em SAMPAIO (1917d) como *Alectoria dichotoma* (Hoffm.) Samp. var. *variegata* Samp.

<sup>612</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1917a).

<sup>613</sup> Ver capítulo anterior sobre Bouly de Lesdain.

<sup>614</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>615</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>616</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>617</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1923b).

<sup>618</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>619</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a) (**Estampa VII.18.**).

<sup>620</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>621</sup> Esta espécie tinha sido publicada em SAMPAIO (1921a).

<sup>622</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>623</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>624</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>625</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>626</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

<sup>627</sup> Esta espécie tinha acabado de ser publicada em SAMPAIO (1923a).

portuguesa» datado de Março de 1924, poucos meses antes do envio destes exemplares a A. Zahlbruckner. O envio não foi assim com o intuito de G. Sampaio pedir uma opinião sobre a «qualidade» das novas espécies, mas antes com o objectivo de divulgar o seu trabalho junto de A. Zahlbruckner, seguramente para que este as citasse no seu Catálogo Universal em edição. Qual foi a retribuição de A. Zahlbruckner? A citação dos táxones novos de G. Sampaio no seu Catálogo monumental (Anexo II) (**Estampa VII.19.**).

#### 4. O projecto da Flora de Líquenes de Portugal

G. Sampaio teve o projecto de redigir uma flora liquénica de Portugal. Vários documentos apontam inequivocamente neste sentido. Em 1921 num currículo que redige para apoiar a sua nomeação como primeiro director do então criado Instituto de Investigação Botânica da Faculdade de Ciências do Porto escreverá no final do currículo, um «Catálogo analítico dos líquenes portugueses», «em preparação». A. Ricardo Jorge escreve numa carta datada de 18 de Novembro de 1921: «*Fico radiante com a ideia da sua Flora Descritiva mas julgue que perderá recorrendo a estranhos. Tomára também ver as suas gravuras. Sobre estes e outros assuntos voltarei a escrever com mais vagar*». Numa outra carta datada de 21 de Abril de 1924, A. Ricardo Jorge escrevia: «*E as floras e o catalogo geral dos liquenes? Que pena tenho que não apresse a sua publicação. Aproveite a quietude de Braga para lhes dar o ultimo retoque e depois deite-as cá para fora*». L. W. Carrisso, da Faculdade de Ciências de Coimbra escrevia para G. Sampaio a 1 de Fevereiro de 1922: «*Diz-me o Quintanilha [Aurélio Quintanilha] (que muito lhe agradece os cumprimentos, que retribue) que V. Ex.<sup>a</sup> elaborou, para seu uso, uma chave para a determinação dos liquenes portugueses. Não estará V. Ex.<sup>a</sup> disposto a dar-mo-la, para ser publicada no volume em impressão do Boletim? Ficar-lhe hiamos mais uma vez muito agradecidos pela honrosa colaboração*». L. Crespi, numa carta com a data de 12 de Março de 1926, escrevia: «*Con reserva le diré que ya traté con D. Ignacio Bolívar [...] su proyecto de escribir una flora de la península en claves. En principio está acordado invitar a V. a que la haga y [...] proyecto es el siguiente: Que V. venga a Madrid dos meses, para ver los herbarios y recoger materiales: Después trabajaria en esa para la redacción de la flora, que llevaria los más dibujos posibles, para lo cual dispondríamos de dibujantes del Museo<sup>628</sup> y de lo que yo pudiera hacer. Hecho el trabajo, la Junta<sup>629</sup> se posesionaria de el, ofreciéndole el tanto por ciento de la venta. Todo esto son*

<sup>628</sup> L. Crespi referia-se ao Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid.

<sup>629</sup> L. Crespi referia-se à «Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas». Esta instituição foi criada em 1907, por decreto de Afonso XIII, tendo como objectivo a promoção da investigação e educação científicas. Durante a Guerra civil, foi dissolvida, pelo governo de Burgos, por decreto de 19 de Maio de 1938. Terminada a Guerra civil, o

*las ideas que existen y que yo trataré de mejorar cuanto sea posible contando con la buena voluntad de todos para con V. nada definitivo hay; pero nos reuniremos pronto, se acordarán las bases del acuerdo y si yo me anticipo a darle estas noticias es para advertirle que cuando reciba las propuestas, vengan de quien vinieren, las estudie y medité y ponga a ellas cuantos reparos estime oportunos. Dos cosas anhelo a cual más vivamente: que haga la Flora Vd. y que por ello reciba los mayores beneficios económicos. No tenga V. escrúpulos en cuestiones económicas y tenga siempre la seguridad de que las ofertas que se le hagan estaran hechas por personas serias y que procuran encontrar la fórmula [...] mas ventajosa para V. y para la cultura botánica en España».* Todavía a ideia não avança. Numa carta com a data de 13 de Outubro de 1926, L. Crespí informava G. Sampaio que «*Me dijo el Sr. Bolívar*<sup>630</sup> *que no era posible invitarle a V. a venir este otoño porque la Junta*<sup>631</sup> *carecía de recursos económicos para ello; pero que confiaba en poderlo hacer para año nuevo. Ha pasado la Junta situaciones muy difíciles con D. Miguel Primo de Rivera que justifican en esta imposibilidad actual, aunque vamos mucho los que lamentamos no verle a V. pronto».* Não existe nestes documentos a explicitação do tipo de flora em causa. Seria uma flora vascular ibérica, na continuação da ideia lançada por R. G. Fragoso e Font Quer?<sup>632</sup> Ou seria uma flora liquénica ibérica? Esta segunda hipótese talvez seja mais plausível, dado que L. Crespí tinha trabalhado com G. Sampaio unicamente no estudo de líquenes e a correspondência de L. Crespí com G. Sampaio versava quase exclusivamente a liquenologia.

G. Sampaio não publica nenhuma flora de líquenes de Portugal mas deixou, nos seus cadernos de apontamentos, muitas páginas de rascunhos sobre esta flora. Encontramos assim listas de espécies e chaves dicotómicas sobre diversos géneros. Existe mesmo um caderno de apontamentos onde escreve numa das páginas iniciais: «*Líquenes. Chaves dicotómicas para as especies portuguesas, pôr Gonçalo Sampaio, Porto, Junho de 1916*» (**Estampa VII.20.**). A data que coloca corresponde ao início do seu estudo dos líquenes portugueses. Este seria portanto um caderno que, presumivelmente, iria preencher à medida que avançava o seu trabalho liquenológico. Deixa algumas páginas em branco, seguidamente apresenta chaves dicotómicas e/ou listas de espécies para diversos géneros. O caderno apresenta, de seguida, outros assuntos. Perto do fim tem um «*Quadro dos generos dos lichenes portugueses*» com chaves dicotómicas para a determinação genérica.

---

governo de Franco criou, a 24 de Novembro de 1939, o Conselho Superior de Investigações Científicas (CSIC), que ainda hoje se mantém em funcionamento ([http://es.wikipedia.org/wiki/Junta\\_para\\_la\\_Ampliación\\_de\\_Estudios](http://es.wikipedia.org/wiki/Junta_para_la_Ampliación_de_Estudios)).

<sup>630</sup> L. Crespí referir-se-ia a Ignacio Bolívar y Urrutia.

<sup>631</sup> L. Crespí referia-se à «Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas».

<sup>632</sup> Ver capítulo IV.5.

### **VIII. A consagração. Uma obra inacabada?**

1. A criação do «Instituto de Investigações Botânicas» na Faculdade de Ciências do Porto
2. A fundação do «Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio»
3. Conclusão

#### 1. A criação do «Instituto de Investigações Botânicas» na Faculdade de Ciências do Porto

Pode dizer-se que o reconhecimento público da obra de G. Sampaio se inicia em 1921 com a criação, na Faculdade de Ciências do Porto, do Instituto de Investigações Botânicas, sendo o seu director, G. Sampaio. O processo de criação destes Institutos é descrito em pormenor no próprio Diário do Governo que os institucionaliza (DG 1921 03 21). A proposta era aprovada em Conselho Escolar da Faculdade, ratificada pelo Senado da Universidade do Porto, e o reitor, Augusto Nobre, a remetia para o Ministro da Instrução Pública, António José de Almeida, que a aprovava a 24 de Novembro de 1920. A proposta era pormenorizadamente justificada. No preâmbulo, elogiava-se a obra de G. Sampaio: «A carreira científica [...] é comprovada pelos numerosos trabalhos de investigação científica original [...] concorrendo desta forma consideravelmente para o reconhecimento da flora portuguesa. Esses trabalhos vêm sendo publicados, sem interrupção, desde há muitos anos, em revistas científicas [...] que muito honram, certamente, a mentalidade portuguesa». Apresenta-se de seguida detalhadamente o currículo de G. Sampaio. «Tem este professor exercido uma grande actividade em serviço da ciência, contribuindo com numerosas descobertas e publicações para o estado adiantado em que, com verdadeira honra para o país, se encontra actualmente o conhecimento da flora portuguesa». Considerava-se então que a actividade de investigação de G. Sampaio tinha sido particularmente relevante a três níveis: no estudo de plantas vasculares; no estudo de criptogâmicas; na nomenclatura botânica. Em relação aos estudos da flora vascular portuguesa, listavam-se as espécies novas para a ciência propostas até à data por G. Sampaio. Resumia-se da seguinte forma a sua contribuição para o conhecimento da flora vascular portuguesa: «a sua iniciativa define-se pela publicação de numerosas notas críticas sobre plantas portuguesas, pela correcção de classificação de muitas outras, que andavam erroneamente determinadas, e pela descoberta de grande quantidade de variedades e de mais de cem espécies cuja existência era ignorada na flora do país». Em relação às criptogâmicas, pode ler-se: «É porém no estudo dos líquenes portugueses que mais se tem acentuado a sua acção, mencionando até hoje, em várias publicações, cerca de trezentas espécies inéditas para o país, com bastantes géneros e famílias que se desconheciam em Portugal». A contribuição de G. Sampaio na nomenclatura botânica era sintetizada da seguinte forma: «Dos seus estudos de revisão e uniformização de nomenclatura, assunto de tamanha importância [...] tem resultado não só a reposição duma elevada quantidade de

binomes válidos, que andavam desconhecidos em documentos antigos ou eram mal interpretados, mas também a formação de muitas combinações binómicas novas, umas de harmonia com as regras formuladas pelo moderno Código de Viena de 1905, outras resultantes da aplicação de princípios novos de nomenclatura estabelecidos originalmente por êste professor». De seguida segue-se uma lista dos trabalhos publicados. A lista termina com a indicação dos trabalhos «em impressão», «em publicação», e «em preparação».

## 2. A fundação do «Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio»

Em Março de 1935, a homenagem pública a G. Sampaio cristalizava na criação de um Instituto com o seu nome. No Diário do Governo de 8 de Março de 1935 era publicado um Decreto que transformava o «Laboratório e Museu de Botânica da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto» em «Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio» (DG 1935 03 08) (**Estampa VIII.1.**).

## 3. Conclusão

O que nos deixou G. Sampaio?

1. Do ponto de vista de pensamento político, cívico e ético, uma defesa de convicções até às últimas consequências, um patriotismo e um amor «infinitos» pela Pátria, uma ética pautada pela honestidade e seriedade.

2. Do ponto de vista da investigação musical, uma análise crítica da origem do fado, um trabalho original de recolha e análise da música popular do Minho e um estudo da História da música sacra portuguesa.

3. Do ponto de vista da investigação botânica, as suas mais importantes contribuições centraram-se no estudo da flora portuguesa de plantas vasculares e de líquenes, na nomenclatura botânica, e na História da Botânica.

3A. No estudo da flora vascular portuguesa destaca-se: 1. A criação de um grande número de nomes novos para a ciência (espécies e variedades novas e novas combinações), em particular no género *Rubus* (Anexo I) (**Estampa VIII.2.**), sendo de lamentar que muitos destes nomes novos não merecessem a atenção devida em catálogos monográficos como a «Flora Europaea» (Anexo I). 2. A elaboração de uma Flora e de uma Iconografia de Portugal, que no entanto, só foram publicadas postumamente.

3B. No estudo da flora líquénica portuguesa destacam-se: 1. A criação de um elevado número de nomes novos para a ciência, dos quais se salienta um género novo (Anexo II) (**Estampa VIII.3.**). Os

nomes validamente publicados em obra impressa totalizam 101, sendo um género e, os restantes, espécies, variedades ou raças novas para a ciência, assim como novas combinações de nomes. 2. A descoberta de várias espécies e variedades novas para a ciência que foram descritas formalmente por Bouly de Lesdain (Anexo III). 3. A elaboração e distribuição de uma monumental exsicata de líquenes portugueses constituída por 300 exemplares (**Estampa VIII.4.**). 4. A elaboração de uma Flora ou Catálogo dos líquenes portugueses, que todavia não foi concluído, nem publicado.

4. De salientar ainda, o notável enriquecimento e modernização do Herbário da Academia Politécnica e da Faculdade de Ciências do Porto, com a preparação de milhares de espécimes e a aquisição, por permuta ou compra, de um número também elevado de exemplares estrangeiros.

5. A contribuição de G. Sampaio para a nomenclatura botânica centrou-se na proposta de regras divergentes do Código oficial, muitas com carácter moderador e clarificador incontestável, que todavia não terão merecido a atenção crítica devida.

6. Por fim, no estudo da História da Botânica G. Sampaio, notabilizou-se por uma análise original à obra botânica de Amato Lusitano, uma visão abrangente do processo da evolução histórica da Botânica e por uma dignificação do trabalho desenvolvido pelos botânicos portugueses notáveis que o precederam.

7. Infelizmente, não conseguiu concretizar o convite do governo espanhol para dirigir a elaboração de uma Flora Ibérica.

### Anexo I. Nomes novos de plantas vasculares publicados por G. Sampaio

Na tabela seguinte, apresentamos uma lista dos novos nomes (táxones novos e novas combinações de táxones de G. Sampaio) de plantas vasculares publicados por G. Sampaio. Esta lista foi elaborada com base nos trabalhos que G. Sampaio publicou. Só foram incluídos os nomes publicados em obra impressa, acompanhados de uma diagnose em português e/ou em latim, com exemplares recolhidos por G. Sampaio e actualmente no Herbário do Departamento de Botânica (FCUP). Nas combinações novas indica-se, entre parêntesis, a ortografia original do taxon. Todos os nomes estão de acordo com a ortografia original de G. Sampaio utilizada na publicação. As datas referem-se às publicações citadas na bibliografia. Muitos dos nomes novos propostos por G. Sampaio não foram considerados na compilação da «Flora Europaea».

<i>Alsine maritima</i> Samp. raç. <i>atheniensis</i> (Samp.) Samp. (1946:344) ( <i>Spergularia atheniensis</i> (Heldr. et Sart) Aschers var. <i>salinaria</i> Samp. (1904d:160))
<i>Alsine purpurea</i> Heynh. var. <i>crassipes</i> (Samp.) Samp. (1946:343) ( <i>Spergularia purpurea</i> (Pers.) Don. var. <i>crassipes</i> Samp. (1905e:23))
<i>Alsine purpurea</i> Heynh. var. <i>indurata</i> (Samp.) Samp. (1946:343) ( <i>Spergularia purpurea</i> (Pers.) Don. var. <i>indurata</i> Samp. (1905e:22-23))
<i>Alsine rupicola</i> Heynh. var. <i>australis</i> (Samp.) Samp. (1946:343) ( <i>Spergularia rupicola</i> Leb. var. <i>australis</i> Samp. (1899c:71, 1904d:161-162))
<i>Anthericum liliago</i> Lin. var. <i>transmontanum</i> (Samp.) Samp. (1931b:121) ( <i>Paradisica lusitanica</i> var. <i>transmontana</i> Samp. (Em LOPES, 1928:239)) (1)
<i>Anthericum lusitanicum</i> (Samp.) Samp. (1931b:120) ( <i>Paradisica lusitanicum</i> Samp. (1909-1914:87)) (1) (2)
<i>Arenaria conimbricensis</i> Brot. raç. <i>littorea</i> Samp. (1908:26)
<i>Brassica Johnstoni</i> Samp. (1905e:8-9) (2)
<i>Bunium flexuosum</i> With. raç. <i>Marizianum</i> (Samp.) Samp. (1946:427) ( <i>Conopodium Marizianum</i> Samp. (1905e:77-78)) (2)
<i>Carex algarbiensis</i> Samp. (1921b:144) (1) (2)
<i>Carex Broteriana</i> Samp. (1934a:68) (1) (2)
<i>Corydalis claviculata</i> DC var. <i>picta</i> Samp. (1935a:222) (1) (2)
<i>Cynoglossum clandestinum</i> Desf. var. <i>fallax</i> Samp. (1901b:66)
<i>Daucus breviaculeatus</i> Calestani var. <i>rubescens</i> Samp. (1935a:238) (1)
<i>Dianthus Marizi</i> (Samp.) Samp. (1922:134) ( <i>Dianthus graniticus</i> var. <i>Marizi</i> Samp. (1905e:14))
<i>Digitalis Amandiana</i> Samp. (1905e:21) (2)
<i>Echium Broteri</i> Samp. (1900a:9) (2)
<i>Echium gaditanum</i> Bois. form. <i>campestre</i> (Samp.) Samp. (1946:534) ( <i>Echium rosulatum</i> Lge. var. <i>campestre</i> Samp.

(1899c:75))
<i>Epilobium alpinum</i> Lin. var. <i>diffusum</i> (Samp.) Samp. (1946:405) ( <i>Epilobium aganallidifolium</i> Lam. var. <i>diffusum</i> Samp. (1905e:190))
<i>Erodium sublyratum</i> Samp. (1912a:52) (1) (2)
<i>Euphrasia Mendonçae</i> Samp. (1937:50) (1) (2)
<i>Evax lusitanica</i> Samp. (1921b:161) (1) (2)
<i>Gagea pratensis</i> R. & S. raç. <i>nova</i> (Samp.) Samp. (1931b:123) ( <i>Gagea nova</i> Samp. (Em LOPES, 1930:272)) (1)
<i>Gratiola officinalis</i> Lin. var. <i>meonantha</i> (Samp.) Samp. (1909-1914:404) ( <i>Gratiola meonantha</i> Samp. (1905e:54-55))
<i>Juncus subnodulosus</i> Schrk. var. <i>farctus</i> (Samp.) Samp. (1946:95) ( <i>Juncus obtusiflorus</i> Ehrh. var. <i>farctus</i> Samp. (1905e:73))
<i>Laserpitium thalictrifolium</i> Samp. (1912a:53-54) (1) (2)
<i>Linaria pygmaea</i> (Samp.) Samp. (1935a:243) ( <i>Linaria Munbyana</i> var. <i>pygmaea</i> Samp. (1922:135)) (1) (2)
<i>Linaria spartea</i> (Lin.) Hoff. et Link var. <i>expensa</i> Samp. (1905e:48)
<i>Lithospermum lusitanicum</i> Samp. (1913b:123) (2)
<i>Loeflingia Tavaresiana</i> Samp. (1905e:25) (2)
<i>Millegrana Radiola</i> Druce var. <i>emarginata</i> (Samp.) Samp. (1946:334) ( <i>Radiola multiflora</i> (Lam.) Gmel. var. <i>emarginata</i> Samp. (1899c:72))
<i>Montia lusitanica</i> Samp. (1912a:52) (1) (2)
<i>Myosotis globularis</i> Samp. (1900c:115) (1) (2)
<i>Nepeta latifolia</i> DC var. <i>controversa</i> Samp. (1921b:160)
<i>Nephrodium filix-mas</i> C. Rich. raç. <i>rupestre</i> (Samp.) Samp. (1921b:142) ( <i>Nephrodium rupestre</i> Samp. (1909-1914:8)) (2)
<i>Rosa rubiginosa</i> Lin. raç. <i>lusitanica</i> (Samp.) Samp. (1946:398) ( <i>Rosa viscaria</i> Rouy raç. <i>lusitanica</i> (Samp.) Samp. (1908:43))
<i>Rubus beirensis</i> (Samp.) Samp. (1913b:89) ( <i>Rubus obtusangulus</i> Gremlí raç. <i>beirensis</i> (Samp.) Samp. (1904e:41)) (2)
<i>Rubus bifrons</i> Vest. var. <i>duriminius</i> Samp. (1903a:7)
<i>Rubus brigantinus</i> Samp. (1903b:120) (2)
<i>Rubus castranus</i> (Samp.) Samp. (1913b:89) ( <i>Rubus mercicus</i> Bagnall var. <i>castranus</i> Samp. (1904e:38)) (2)
<i>Rubus gerezianus</i> (Samp.) Samp. (1909-1914: 327) ( <i>Rubus koehleri</i> Veihe var. <i>gerezianus</i> Samp. (1903b:121-122)) (2)
<i>Rubus Henriquesii</i> Samp. (1904a:58) (2)
<i>Rubus herminicus</i> Samp. (1912a:53) (1)
<i>Rubus maranensis</i> (Samp.) Samp. (1913b:90) ( <i>Rubus discerptus</i> Mul. var. <i>maranensis</i> Samp. (1904e:62-63)) (2)
<i>Rubus Muenteri</i> Mars. raç. <i>minianus</i> (Samp.) Samp. (1913b:89) ( <i>Rubus incurvatus</i> Bab. var. <i>minianus</i> (Samp.) Samp. (1904e:34), <i>Rubus minianus</i> Samp. (1904b:42))
<i>Rubus nitidus</i> W. et N. var. <i>lusitanicus</i> Samp. (1903a:4)
<i>Rubus obtusangulus</i> Gremlí raç. <i>Caldasianus</i> (Samp.) Samp. (1913b:89) ( <i>Rubus caldasianus</i> Samp. (1903a:6)) (2)
<i>Rubus peratticus</i> Samp. (1904c:55) (2)
<i>Rubus portuensis</i> Samp. (1903a:8) (2)

<i>Rubus subincertus</i> Samp. (1904b:41) (2)
<i>Rubus thyrsoides</i> Wim. raç. <i>peculiaris</i> (Samp.) Samp. (1946:390) ( <i>Rubus peculiaris</i> Samp. (1904c:54))
<i>Rubus vagabundus</i> Samp. (1904b:43) (2)
<i>Saxifraga granulata</i> Lin. var. <i>Lopesiana</i> (Samp.) Samp. (1931b:156) ( <i>Saxifraga Lopesiana</i> Samp. (Em LOPES, 1928:243))
<i>Senecio gallicus</i> Chaix var. <i>maritimus</i> Samp. (1905e:39-40)
<i>Seseli granatense</i> Willk. var. <i>Peixoteanum</i> (Samp.) Samp. (1913b:97) ( <i>Seseli Peixoteanum</i> Samp. (1905e:36))
<i>Silene duriensis</i> (Samp.) Samp. (1921b:151) ( <i>Silene Boryi</i> Bois. var. <i>duriensis</i> Samp. (1900c:112)) (1) (2)
<i>Statice humilis</i> Link var. <i>odorata</i> (Samp.) Samp. (1946:441) ( <i>Armeria Willkommii</i> J. Henriq. var. <i>odorata</i> Samp. (1903a:13)) (2)
<i>Teucrium Haenseleri</i> Bois. var. <i>Luisieri</i> Samp. (1905e:62) ( <i>Teucrium Luisieri</i> Samp. (1900b:10)) (1)
<i>Thymus caespititius</i> Brot. var. <i>macranthus</i> Samp. (1900b:12) (1)
<i>Trichonema bulbocodium</i> Gaw. for. <i>debilis</i> (Samp.) Samp. (1946:126) ( <i>Romulea bulbocodium</i> (Lin.) S. et Maur. var. <i>debilis</i> Samp. (1905e:11))
<i>Trichonema Clusianum</i> Lge. var. <i>serotina</i> (Samp.) Samp. (1946:125) ( <i>Romulea Clusiana</i> (Lge.) Nym. var. <i>serotina</i> Samp. (1905e:10))
<i>Trichonema tenellum</i> (Samp.) Samp. (1946:126) ( <i>Romulea tenela</i> Samp. (1905e:13-14))
<i>Trigonella polycerata</i> Lin. var. <i>amandiana</i> (Samp.) Samp. (1946:285) ( <i>Trigonella Amandina</i> Samp. (1899c:143-144)) (1)
<i>Veronica arvensis</i> Lin. raç. <i>demissa</i> (Samp.) Samp. (1946:479) ( <i>Veronica demissa</i> Samp. (1900c:117)) (1) (2)
<i>Veronica officinalis</i> Lin. raç. <i>Carquejana</i> (Samp.) Samp. (1946:476) ( <i>Veronica Carquejeana</i> Samp. (1905e:47))
<i>Wilckia gracilima</i> (Samp.) Samp. (1913b:56) ( <i>Malcomia gracilima</i> Samp. (1909-1914:195)) (2)

(1) Diagnose em latim.

(2) Citado na Flora Europaea.

## Anexo II. Nomes novos de líquenes publicados por G. Sampaio

Na tabela seguinte, apresentamos uma lista dos nomes novos (táxones novos e novas combinações) de líquenes publicados por G. Sampaio. Esta lista foi elaborada com base nos trabalhos que publicou e no estudo crítico de PAZ-BERMÚDEZ *ET AL.* (2002). Os nomes encontram-se com a ortografia original de G. Sampaio. As datas referem-se às da lista de bibliografia. Os táxones novos que G. Sampaio propôs na sua exsicata, «Lichenes de Portugal» mas que não publicou em obra impressa, não foram incluídos.

<i>Acarospora Alberti</i> Samp. (1920a:5-6) (1) (6)
<i>Acarospora flavorubens</i> Bagl. & Car. var. <i>angulosa</i> Samp. (1917a:21) (4)
<i>Acarospora granatensis</i> Samp. (1917b:142) (1) (6)
<i>Acarospora Lesdainii</i> Harm. Ex A. L. Sm. var. <i>alberti</i> Samp. (1927:143) (5)
<i>Acarospora Lesdainii</i> Samp. (1927:143) (5)
<i>Acarospora Magnussoni</i> Samp. (1923a:173) (6)
<i>Acarospora varzinensis</i> Samp. (1920a:4-5) (1) (6)
<i>Acarospora Zahlbruckneri</i> Samp. (1921a:31-32) (1) (6)
<i>Alectoria dichotoma</i> (Hoffm.) Samp. (1917d:41) (3)
<i>Alectoria dichotoma</i> (Hoffm.) Samp. var. <i>variegata</i> Samp. (1917d:41) (4) (6)
<i>Amphiloma lobulatum</i> (Oliv.) Samp. (1927:143) (3) (6)
<i>Arthonia algarbica</i> Samp. (1918a:28) (1) (6)
<i>Arthopyrenia cinereopruinosa</i> Koerb. var. <i>olivetorum</i> Samp. (1927:138) (4)
<i>Aspicilia transmontana</i> Samp. (1923a:169) (1) (6)
<i>Bacidia cuprea</i> (Mass.) Samp. (1921a:24) (2)
<i>Bacidia mesoidea</i> (Nyl.) Samp. (1921a:25) (2)
<i>Bacidia sulphurella</i> Samp. (1923a:174) (1) (6)
<i>Blastenia subarenaria</i> Samp. (1917c:48-49) (1) (6)
<i>Buellia Duartei</i> Samp. (1920a:1-2) (1) (6)
<i>Buellia indissimilis</i> (Nyl.) Samp. (1921a:18) (2) (6)
<i>Buellia Jorgei</i> Samp. (1923a:177-178) (1) (6)
<i>Buellia myriocarpa</i> Mudd. var. <i>lusitanica</i> Samp. (1923a:177) (4)
<i>Buellia pseudosaxatilis</i> Samp. (1917c:49-50) (1) (6)
<i>Buellia subcinerascens</i> (Nyl.) Samp. (1917d:139) (2) (6)
<i>Calicium brunneolum</i> Ach. var. <i>stemonoides</i> Samp. (1917a:23) (4)
<i>Caloplaca herminica</i> Samp. (1917c:47-48) (1) (6)
<i>Caloplaca Lallavei</i> (Clem.) Samp. (1918a:34) (2)
<i>Caloplaca Lesdaini</i> Samp. (1916a:37) (4)
<i>Caloplaca peregrina</i> Samp. (1917c:48) (1) (6)
<i>Carlosia lusitanica</i> Samp. (1923b) (1) (6)
<i>Carlosia</i> Samp. (1923b) (1) (6)
<i>Catillaria melastigma</i> Samp. (1927:144) (5)
<i>Cetraria chlorophylla</i> Samp. (1916b:82) (5)
<i>Chiodecton Fragosoi</i> Samp. (1923a:167-168) (1) (6)
<i>Cladonia foliacea</i> Willd. raç. <i>convoluta</i> Samp. (1927:151) (5)

<i>Cladonia subturgida</i> Samp. (1918a:38) (1) (6)
<i>Cladonia verticillata</i> Hoff. raç. <i>cervicornis</i> Samp. (1927:151) (5)
<i>Collema anemoides</i> Samp. (1918a:25) (1) (6)
<i>Collema Harmandii</i> Samp. (1918a:25-26) (4) (6)
<i>Collemopsidium stenosporum</i> Samp. (1918a:25) (1) (6)
<i>Coniocybe brunneola</i> (Ach.) Samp. (1922a) (3)
<i>Coniocybe chrysiccephala</i> (Fr. fil.) Samp. (1922a:153) (2)
<i>Cyphelium Zahlbruckneri</i> Samp. (1923a:161) (1) (6)
<i>Diphrotora subdisparata</i> (Nyl.) Samp. (1917d:129) (3)
<i>Diphrotora vulturiensis</i> Samp. (1917d:129) (5)
<i>Diploschistes cinereocaesius</i> Samp. (1927:145) (5)
<i>Diploschistes cinereocaesius</i> Samp. var. <i>violarius</i> Samp. (1927:145) (5)
<i>Girardia cantabrica</i> Samp. (1927:137) (5)
<i>Gyalecta decipiens</i> Samp. (1918a:31) (1) (6)
<i>Gyalecta deminuta</i> Samp. (1923a:168-169) (1)
<i>Gyalecta limica</i> Samp. (1916a:38-39) (4) (6)
<i>Gyrophora torrefacta</i> Samp. (1917a:39) (5)
<i>Hypogymnia tubulosa</i> Samp. (1927:147) (5)
<i>Koerberia lusitanica</i> Samp. (1923a:167) (4) (6)
<i>Lecania badiella</i> Samp. (1920a:3) (1) (6)
<i>Lecania citrinella</i> Samp. (1917c:49) (1) (6)
<i>Lecania Lesdani</i> (Samp.) Samp. (1917d:144) (5)
<i>Lecania rimularum</i> Samp. (1917a:38) (5) (6)
<i>Lecanora calvosina</i> Samp. (1923a:170) (1) (6)
<i>Lecanora Celestini</i> Samp. (1920a:6-7) (1) (6)
<i>Lecanora circumrubens</i> Samp. (1917c:47;1917d:44-45) (1) (6)
<i>Lecanora citrinella</i> (Samp.) Samp. (1917d:43) (1) (3) (6)
<i>Lecanora conimbricensis</i> (Samp.) Samp. (1916b:75) (1) (6)
<i>Lecanora conimbricensis</i> (Samp.) Samp. var. <i>tumidula</i> Samp. (1916b:75) (4)
<i>Lecanora gerezina</i> (Samp.) Samp. (1921a:32-33) (2) (6)
<i>Lecanora herminica</i> (Samp.) Samp. (1917d:46-47) (1) (3) (6)
<i>Lecanora Lesdani</i> (Samp.) Samp. (1916b:73) (1) (3) (6)
<i>Lecanora lisbonensis</i> Samp. (1921a:33) (1) (6)
<i>Lecanora pachycarpa</i> Samp. (1917a:26) (1) (6)
<i>Lecanora peregrina</i> (Samp.) Samp. (1917d:46) (1) (3) (6)
<i>Lecanora pruinella</i> (Bagl.) Samp. var. <i>cintrana</i> Samp. (1916b:74-75) (4) (6)
<i>Lecanora rustica</i> Samp. (1923a:170) (1) (6)
<i>Lecanora subarenaria</i> (Samp.) Samp. (1917d:49) (1) (3) (6)
<i>Lecanora tristis</i> Samp. (1917a:28) (1)
<i>Lecidea acicularis</i> (Anzi) Samp. (1916b) (3) (6)
<i>Lecidea athallina</i> (Hellb.) Samp. (1917d:51) (2)
<i>Lecidea atrogrisea</i> (Hepp.) Samp. (1916b:78-79) (2) (6)
<i>Lecidea Chodatii</i> Samp. (1920a:3-4) (1) (6)
<i>Lecidea flavigrana</i> Samp. (1922a:156-157) (1) (6)
<i>Lecidea limica</i> (Samp.) Samp. (1916b:77-78) (1) (3)
<i>Lecidea Machadoi</i> Samp. (1923a:171-172) (1) (6)
<i>Lecidea macrocarpoides</i> Samp. (1917a:36-37) (1) (6)
<i>Lecidea moriformis</i> (Th. Fr.) Samp. (1917a:34-35) (2) (6)
<i>Lecidea nigrescens</i> (Anzi) Samp. (1916b:79) (2) (6)

<i>Lecidea populicola</i> Samp. (1918a:36) (1) (6)
<i>Lecidea pseudosaxatilis</i> (Samp.) Samp. (1917d:52) (1) (3) (6)
<i>Lecidea rigata</i> Samp. (1923a:172) (1) (6)
<i>Leciographa Fragosoi</i> Samp. (1923a:178-179) (1)
<i>Leciographa parellaria</i> (Nyl.) Samp. (1917d:140) (2)
<i>Leiophloea sphaeroides</i> (Wallr.) Samp. (1923a:162) (2) (6)
<i>Leiophloea biformis</i> (Oliv.) Samp. (1927:137) (5)
<i>Lemmopsis affine</i> Samp. (1918a:26) (1) (6)
<i>Lepraria candelaris</i> (Schaer.) Samp. (1927:151) (3)
<i>Leptorhaphis epidermis</i> (Ach.) Th Fr. var. <i>olivetorum</i> Samp. (1923a:162-163) (4)
<i>Leptorhaphis pinicola</i> Samp. (1923a:163) (1) (6)
<i>Lobaria mollissima</i> Samp. (1920a:7) (1) (6)
<i>Lopadium athalloides</i> (Nyl.) Samp. (1921a:19) (2) (6)
<i>Lopadium Newtonii</i> Samp. (1920a:2-3) (1) (6)
<i>Microglæna Cordeiri</i> (Harm.) Samp. (1922a:151) (2) (6)
<i>Omphalaria granitica</i> Samp. (1916b:66) (1) (6)
<i>Pachyphiale carneolutea</i> (Oliv.) Samp. (1921a:22-23) (2) (6)
<i>Pachyphiale limica</i> Samp. (1922a:153-154) (5)
<i>Parmelia conspersa</i> Ach. raç. <i>lusitanica</i> Samp. (1927:148) (5)
<i>Parmelia stygia</i> Ach. var. <i>herminica</i> Samp. (1917a:13) (4)
<i>Pertusaria aspicilioides</i> Samp. (1917a:33) (1) (6)
<i>Pertusaria lutescens</i> Lamy var. <i>conimbricensis</i> Samp. (1917b:143) (4)
<i>Pertusaria pseudocorallina</i> Samp. (1927:140) (5)
<i>Pertusaria pseudocorallina</i> Samp. var. <i>concreta</i> Samp. (1927:140) (5)
<i>Physcia caesia</i> Nyl. var. <i>perrugosa</i> Samp. (1922a:162-163) (4)
<i>Physcia hispida</i> Tuck. raç. <i>leptalea</i> Samp. (1927:147) (5)
<i>Physma hispanicum</i> Samp. (1917b:136-137) (1) (6)
<i>Pilocarpon leucoblepharum</i> (Nyl.) Vain. var. <i>chloroticum</i> Samp. (1923a:168) (4)
<i>Polyblastia exigua</i> Samp. (1922a:152) (1) (6)
<i>Psoroma murale</i> Samp. (1927:142) (5)
<i>Psorotichia Henriquesii</i> Samp. (1918b) (1)
<i>Psorotichia macrospora</i> Samp. (1923a:166) (1) (6)
<i>Pyrenopsis anemoides</i> Samp. (1923a:165-166) (1) (6)
<i>Pyrenopsis calvosina</i> Samp. (1923a:165) (1) (6)
<i>Ramalina portuensis</i> Samp. (1923a:179) (1) (6)
<i>Rhizocarpon discrepans</i> Samp. (1917c:50) (1) (6)
<i>Rhizocarpon geographicum</i> DC. var. <i>lavatum</i> Samp. (1923a:178) (4)
<i>Rinodina atrocinerella</i> (Nyl.) var. <i>macrospora</i> Samp. (1918a:30) (4)
<i>Rinodina cintrana</i> (Samp.) Samp. (1922a:161) (3) (6)
<i>Rinodina confinis</i> Samp. (1923a:177) (4) (6)
<i>Rinodina confragosa</i> (Ach.) Korb. var. <i>oliveri</i> Samp. (Olivieri) (1923a:176) (4)
<i>Rinodina conimbricensis</i> Samp. (1916a:37-38) (4)
<i>Rinodina conimbricensis</i> Samp. var. <i>tumidula</i> Samp. (1916a:38) (4)
<i>Rinodina Lesdaini</i> Samp. (1923a:175-176) (1) (6)
<i>Schismatomma diploimmoides</i> (Bagl.) Samp. (1917d:53-54) (2) (6)
<i>Schismatomma graphidioides</i> Samp. (1917d:141) (5)
<i>Solenopsora holophaea</i> (Mont.) Samp. (1921a:26) (2)
<i>Solenopsora olivacea</i> (Fr.) Samp. var. <i>spadicea</i> Samp. (1927:144) (5)
<i>Solenopsora subdisparata</i> (Nyl.) Samp. (1921a:26) (3) (6)

<i>Toninia abilabra</i> (Duf. ex Fr.) Samp. (1918a:32) (2) (6)
<i>Toninia lurida</i> (Bagl.) Samp. (1918a:32-33) (5) (6)
<i>Toninia sabulosa</i> (Mass.) Samp. (1918a:32) (2) (6)
<i>Umbilicaria deusta</i> (Ach.) Samp. (1917a:25) (2)
<i>Verrucaria Carrisoii</i> Samp. (1922a:150-151) (1) (6)
<i>Verrucaria fallaciosa</i> (Stitz.) Samp. (1917d:55) (2) (6)
<i>Verrucaria Limae</i> Samp. (1923a:163-164) (1) (6)
<i>Xanthocarpia aurantiaca</i> (Hepp) Samp. (1927:143) (3) (6)
<i>Xanthocarpia vitellinula</i> (Nyl.) Samp. (1927:143) (3) (6)

- (1) Nome validamente publicado. Diagnose latina original.
- (2) Nome validamente publicado. Nova combinação. Diagnose em português.
- (3) Nome validamente publicado. Nova combinação.
- (4) Nome originalmente não validamente publicado, porque não acompanhado de uma diagnose latina, exigida pelo Código de Nomenclatura então em vigor. Hoje considerado validamente publicado de acordo com o Código de Nomenclatura actual, porque acompanhado de uma diagnose em português.
- (5) Nome não validamente publicado. Muitos destes nomes foram publicados sem qualquer descrição. Outros são novas combinações, mas sem referência correcta ao respectivo basinómio.
- (6) Citado por A. Zahlbruckner em «Catalogus lichenum universalis» com Sampaio como autor.

### Anexo III. Espécies e variedades novas de líquenes publicadas por Bouly de Lesdain com material recolhido por G. Sampaio

Na tabela seguinte, apresentamos uma lista dos táxones novos de líquenes publicados por Bouly de Lesdain com material recolhido por G. Sampaio em Portugal.

<i>Acarospora duriana</i> B. de Lesd. & Samp. (1921) (1)
<i>Lecania sampaiana</i> B. de Lesd. (1921) (1) (3)
<i>Lecanora bracaraensis</i> B. de Lesd. & Samp. (1921) (1) (4)
<i>Lecanora limica</i> B. de Lesd. & Samp. (1921) (1) (5)
<i>Lecanora piniperda</i> Körber var. <i>lusitanica</i> B. de Lesd. & Samp. (1921) (1) (6)
<i>Microglæna sampaiana</i> B. de Lesd. (1921) (1) (7)
<i>Verrucaria sampaiana</i> B. de Lesd. (1923) (2)

(1) Publicado em BOULY DE LESDAIN (1921).

(2) Publicado em BOULY DE LESDAIN (1923).

(3) Inserida por G. Sampaio na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 137.

(4) Inserida por G. Sampaio na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 75.

(5) Inserida por G. Sampaio na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 83.

(6) Inserida por G. Sampaio na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 77.

(7) Inserida por G. Sampaio na sua exsicata «Lichenes de Portugal» com o n.º 28.

## **Bibliografia citada**<sup>633</sup>

### **Departamento de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto**<sup>634</sup>

#### 1. Correspondência recebida por G. Sampaio

De Abreu, Rodrigo:  
1932 08 10

De Basto, Alvaro:  
1915 01 12  
1920 01 00; dia ilegível

De Bouly de Lesdain, M.:  
1920 05 18  
1920 10 24  
1920 11 10  
1920 12 04  
1920 12 08  
1920 12 17  
1921 02 16  
1921 05 28  
1922 02 22  
1922 03 08  
1922 10 01  
1922 10 18  
1923 03 17  
1923 07 17  
1924 02 29  
1925 01 28  
1925 12 05

De Carrisso, L. W.:  
1922 02 01

De Celestino da Costa:  
1921 01 13

De Coimbra, Leonardo:  
não-datado; datação provável: Maio de 1923

De Correia, António Domingues  
1935 01 16

De Coutinho, A. X. Pereira:  
1909 01 15  
1909 01 21

De Crespí, Luis:  
1924 11 04  
1925 10 12

---

<sup>633</sup> As datas encontram-se no seguinte formato: ano mês dia.

<sup>634</sup> O espólio documental de G. Sampaio encontra-se no Departamento de Botânica (FCUP) onde pode ser consultado a pedido.

1926 01 18  
1926 03 12  
1926 04 01  
1926 10 13

De Font Quer:  
1924 02 05

De Fragoso, Romualdo Gonzalez:  
1922 05 30  
1926 03 08

De Guimarães, Bertino Daciano:  
1931 09 18

De Henriques, Júlio:  
1915 03 20  
1915 06 07  
1919 11 24  
1919 11 30  
1919 12 21  
1920 02 09  
1920 04 23

De Johnston, Edwin:  
1905 07 10  
1913 06 03

De Leonhardt, Otto:  
1905 03 02  
não-datada; data provável próxima de 24 de Julho de 1908  
1909 06 22

De Lima (ilegível), A. D.:  
1925 08 26

De Lobo, Celestino:  
1923 06 05

De Lopes, José Manuel Miranda:  
1927 10 21  
1927 11 18  
1927 11 29  
1928 05 21  
1928 07 04  
1928 08 30  
1929 05 14  
1929 05 20  
1929 06 15  
1929 06 21  
1933 10 07

De Luisier, Alphonse:  
1910 09 01

De Magnusson, A. H.:  
1922 10 05

1922 10 27  
1922 12 17  
1923 06 01  
1923 07 29  
1923 09 17

De Neves, Dinis:  
1898 10 08

De Olivier, H.:  
não-datada; datação provável: final de 1923 ou inícios de 1924

De Osório, Belarmino:  
1920 01 21

De Pau, Carlos:  
1903 01 05  
1903 11 04  
1904 04 14  
1904 04 27  
1904 08 28  
1904 09 11  
1905 01 19  
1905 05 22  
1906 02 02  
1910 09 14  
1911 04 24  
1912 05 18  
1921 04 08  
1922 01 05  
1922 06 23  
1922 07 24  
1922 09 21  
1924 07 27  
1925 02 06  
1925 06 12  
1925 09 19  
1928 11 29  
1929 02 23  
1929 04 03  
1933 11 15  
1935 00 00; datação provável: Agosto de 1935

De Ricardo Jorge, Arthur:  
1919 08 29  
1921 11 18  
1924 04 21

De Sampaio, Livia:  
1910 06 01

De Saraiva, João:  
não-datada; datação provável: 1906  
1907 09 13 (telegrama)

De Sennen, Fr.:  
1919 09 24

De Seabra, Anthero F. de:

não-datada; datação provável: 1907

não-datada; datação provável: perto de 24 de Abril de 1909

1909 04 24

1910 12 07

1915 10 07

De Soeiro, Antonio:

1919 08 27

De Tavares, J. S.

1920 12 29

De Vieira d' Andrade, Affonso:

não-datada; datação provável: 1908

De Zahlbruckner, A.:

1920 12 00; dia ilegível

1921 01 20

1921 02 27

1921 04 26

1921 07 07

1922 02 22

1922 03 08

## 2. Correspondência de G. Sampaio não-expedida ou rascunho de correspondência expedida

Para A. Ricardo Jorge (provavelmente), datada de 1 de Fevereiro de 1921.

Para A. Zahlbruckner, datada de 2 de Março de 1922.

Para A. Zahlbruckner, não-datada, muito provavelmente alguns dias anterior a 13 de Janeiro de 1921.

Para H. Olivier, não-datada, provavelmente de final de 1923 ou inícios de 1924.

Para o Governador Civil de Vila Real, datada de 6 de Junho de 1906.

Para o Ministro da Instrução, datada de 28 de Agosto de 1913.

Para o Ministro da Instrução, não-datada, provavelmente da década de 1930.

Para Ricardo Jorge, datada de 17 de Maio de 1916.

## 3. Correspondência enviada por G. Sampaio

Para Sampaio, Julia:

1922 05 24

Para Sampaio, Livia:

não-datada; datação provável: Maio de 1910

1919 02 10

## 4. Manuscritos de G. Sampaio de obras suas não-publicadas

Manuscrito da continuação da Flora Duriense.

Manuscrito intitulado «*Curso dos Lyceus. Historia Natural. II. Botanica por Gônçalo Sampaio, alumno da Polytechnica do Porto, 1891*».

Manuscrito intitulado «*Botânica do curso dos liceus (1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> classes). Gonçalo Sampaio, Professor na Faculdade de Ciências da Universidade do Pôrto. Pôrto, Tipografia, 1913*».

Manuscrito intitulado: «*Epitome da Flora Portuguesa, pelo Dr. Gonçalo Sampaio, prof. Da Universidade do Porto, Porto, Aljube, 27-5.º-1919*».

Manuscrito intitulado: «*Manual da Flora Portuguesa por G. Sampaio (continuação da familia das Verbenaceas até as Compostas), Porto, julho e agosto de 1917*».

## 5. Manuscritos diversos de G. Sampaio

Em cadernos de apontamentos:

Título: «*2.ª remessa*» (para A. Zahlbruckner).

Título: «*Ao dr. Zahlbruckner (9-11-24)*».

Título: «*Ao prof. Zahlbruckner, mandei em 13 de Janeiro de 1921*».

Título: «*Apontamentos de Zoologia. Gonçalo Sampaio, Janeiro de 1914*».

Título: «*B. de Lesd. (2.ª remessa) – 15-3.º-1922*».

Título: «*Binomes específicos válidos encontrados nas obras dos botânicos antigos e que me interessam para a revisão da nomenclatura da Flora portuguesa. Gonçalo Sampaio*» (Três cadernos de apontamentos dedicados aos tratadistas clássicos).

Título: «*Correspondencia, Botânica, de Gonçalo Sampaio*» (Caderno com os correspondentes de G. Sampaio).

Título: «*Ermezinde (14-10-1919)*».

Título: «*Generos novos de Dillenius*

».

Título: «*Generos novos para Coimbra*»; «*Mandadas para Coimbra: as que não tinham: x*»; «*Etiquetas que foram para Coimbra, e que tenho a emendar para ficarem em harmonia com a obra do Zahlbruckner, como deseja o dr. Julio Henriques*»; «*Liquenes do Herbario da Universidade de Coimbra (revistos por G. Sampaio, março de 1916)*»; «*2.ª remessa*»; «*Foi feita esta 3.ª remessa (2 pacotes) em 12-2.º-1917*»; «*4.ª remessa (em 7 do 2.º - do 1918)*».

Título: «*Guimarães (15-10-1919)*».

Título: «*Lichens scandinavos – mandados por A. H. Magnusson – 11-1922 – 78 exemplares*».

Título: «*Líquenes (Herbario da Faculdade de Sciencias do Pôrto)*».

Título: «*Liquenes portugueses (apontamentos) por Gonçalo Sampaio, Porto, 1915*».

Título: «*Líquenes. Chaves dicotómicas para as especies portuguesas, pôr Gonçalo Sampaio, Porto, Junho de 1916*».

Título: «*Lista das pessoas a quem enviei (+) ou vou enviar a Lista do Herbário Portuguez da Faculdade de Sciencias*».

Título: «*Livros de Botanica da Bibliotheca da Escola Medica do Porto*».

Título: «*Livros de Botanica da Bibliotheca Municipal do Porto*».

Título: «*Nomenclatura*» (História da nomenclatura botânica).

Título: «*Para o dr. Bouly de Lesdain – rue Emmerly – 16 – Dunkerque (remetidas em fins de abril de 1920)*».

Título: «*Povoa de Lanhoso: 8.º - 1919 e 9.º*».

Título: «*Universidade do Porto. Faculdade de Sciencias. Catalogo da Bibliotheca da Secção de Botânica. Organizado por Gonçalo Sampaio. Porto, Novembro de 1911*».

Título: «*Vieira (5 e 6 de 10-1919)*».

Título: «*Zoologia*».

Manuscrito do discurso de G. Sampaio na abertura da 4.ª secção do Congresso do Porto.

Manuscrito do mini-Código de Nomenclatura Botânica aprovado no Congresso do Porto.

Manuscrito do trabalho «*Nota sôbre o género *Carlusia**».

Manuscrito do trabalho «*Subsídios para a História dos músicos portugueses*».

## 6. Outros documentos

Bilhete de Identidade de «*Gonçalo Antonio da Silva Ferreira Sampaio, Prof. da Faculdade de Sciencias*» do Ministerio da Instrução Publica, Universidade do Porto, datado de 1 de Janeiro de 1925.

Bilhete manuscrito, datado de 19 de Janeiro de 1916, do Director da Faculdade de Ciências do Porto, para G. Sampaio.

Capas (três) para as três centúrias da exsicata «*Lichenes de Portugal*».

Cartão pessoal de «*Afonso Valentim, Rua da Torrinha, 275, Porto*».

Cartão pessoal de «Docteur Bouly de Lesdain, Dr. es Sciences, 16, rue Emery, Dunkerque».

Cartão pessoal de «Gonçalo Sampaio, Naturalista adjunto á Academia Polytechnica, Porto, Jardim Botanico».

Cartão pessoal de «Gonçalo Sampaio, Naturalista adjunto á Polytechnica do Porto».

Cartão pessoal de «Gonçalo Sampaio, Prof. da Universidade».

Cartão pessoal de «P.<sup>o</sup> Affonso Luisier, S. J., Serranos, 2, Salamanca».

Convite da Renascença Portuguesa, datado de 30 de Janeiro de 1914.

Convite da Universidade de Madrid para G. Sampaio assistir ao Doutoramento Honoris Causa de Gomes Teixeira, datado de Maio de 1922.

Convocatória dactilografada para G. Sampaio participar numa reunião da Comissão Executiva do Congresso do Porto, datada de 6 de Abril de 1921.

Currículo dactilografado de Anthero F. de Seabra, que contém a sua bibliografia entre 1897 e 1920.

Factura de Otto Leonhardt, Nossen, referente à venda de exemplares de herbário. Documento datado por G. Sampaio de Maio de 1908.

Factura do «Gran Hotel de Madrid y su sucursal – Sevilla», referente a uma estadia de G. Sampaio, em Sevilha, de 4 a 12 de Maio de 1917.

Folheto comemorativo do sexto aniversário do Orfeón Lusitano de 1928.

Fotografia de Afonso Valentim, com a seguinte mensagem manuscrita: «Ao Ex.<sup>mo</sup> Senhor Dr. Gonçalo Sampaio, Homenagem de Afonso Valentim, Dezembro de 1931».

Fotografia de J. Mariz, não-datada.

Fotografia de J. M. Miranda Lopes em Argoselo, não-datada (oferta de Carlos Prada de Oliveira).

Fotografia de Julio Henriques, com a seguinte dedicatória manuscrita: «Ao meu dedicado amigo Gonçalo Sampaio, recordação do meu 80.<sup>mo</sup> aniversario, Coimbra 17 de Janeiro de 1918, Julio Henriques».

Fotografia do Colégio jesuíta del Pasaje, em La Guardia (cópia de originais do Colégio Nuno Álvares, Caldas da Saúde).

Fotografia do Colégio Nuno Álvares, em Caldas da Saúde, no início da década de 1930 (cópia de originais do Colégio Nuno Álvares, Caldas da Saúde).

Fotografia pessoal de Carlos Pau, datada de 1935.

Fotografia pessoal de G. Sampaio, provavelmente da década de 1930.

Fotografias do Colégio de Nuno Álvares na actualidade.

Ofício n.º 422, datado de 12 de Janeiro de 1914, do Director da Faculdade de Ciências do Porto, para G. Sampaio.

Provas tipográficas da continuação da Flora Duriense, muito emendadas.

Provas tipográficas do trabalho sobre o género *Carlosia* (SAMPAIO, 1923b).

Telegrama de João Saraiva para o Administrador do concelho de Póvoa de Lanhoso, datado de 13 de Setembro de 1907.

Telegrama do secretario geral (do Ministério da Instrução?) para Augusto Nobre, de 3 de Janeiro de 1914.

Trabalho de um aluno: «*Gabinete de Microphotographia da Academia Polytechnica do Porto, Vasos riscados d'um caule de feto, Abril de 1910, Guilherme Machado Braga, n.º 43*».

Trabalho de um aluno: «*Gabinete de Microphotographia da Academia Polytechnica do Porto, Corte transversal do caule de Petroselinum sativum, Abril de 1910, J. M. V. Castro e Silva, n.º 57*».

Tradução (dactilografada em papel timbrado Museu Bocage em Lisboa) feita por A. Ricardo Jorge de uma carta de Einar du Reitz do Museu Botânico de Uppsala na Suécia para G. Sampaio, datada de Maio de 1926.

## 7. Comentários de G. Sampaio em obras impressas (anotações manuscritas)

Em «Corollarium institutionum rei herbariae» de Tournefort.

Em «Genera plantarum» de Lineu.

Em «Genera plantarum» de A.-L. Jussieu.

Em «Opera omnia» de Matthiolo.

Em «Rariorum plantarum historia» de Clúsio.

Em «Stirpium historiae pemptades sex. Sive liberi XXX» de Dodaneo.

Em «Theatri botanici» de Gaspar Bauhino.

## Biblioteca Nacional de Portugal

### 8. Correspondência expedida por G. Sampaio para A. Ricardo Jorge

(BNP A/1987-2099)

1913 01 09 A/2064

1913 05 16 A/2012

1914 05 00 A/2069: não datado: carimbo: 1[ilegível o segundo número]-5-14 19H

1916 02 21 A/2011

1917 06 27 A/2091

1917 08 03 A/2094

1917 08 13 A/2090

1917 12 03 A/2073

1917 12 13 A/2021

1918 02 13 A/1995

1918 06 17 A/1992

1918 08 23 A/2027

1918 10 20 A/2029

1920 01 30 A/2049

1920 05 16 A/2088

1920 10 03 A/2014

1920 10 04 A/2045

1923 05 09 A/2051: o dia é ilegível, mas pelo seu conteúdo é datável do dia 9.

1926 07 03 A/1987

1929 01 24 A/2000

1929 02 18 A/2006

1930 08 06 A/2066

### 9. Espólio de Ricardo Almeida Jorge

(BNP, E18)

Carta de G. Sampaio para Ricardo Jorge, datada de 18 de Maio de 1916.

Provas tipográficas emendadas, do trabalho de RICARDO JORGE (1963)

**Fontes impressas**

## 10. Periódicos e monografias

AAPP, *Anuario da Academia Polytechnica do Porto*  
Edições para os anos lectivos: 1901-1902 e 1910-1911.

ABBOTT, ALISON

2008 Hidden treasures: the Cajal collection in Madrid. *Nature*, **452**: 940.

ADANSON, M.

1763 *Familles des plantes. I. Partie. Contenant une préface istorike sur l'état ancien & actuel de la Botanique, & une théorie de cette Science.* A Paris, Chez Vincent, imprimeur-libraire de Mgr. le Comte de Provence, rue de S. Severim.

AFSP, *Anuário da Faculdade de Ciências do Porto*

Edição para os anos lectivos: 1911-1912 a 1913-1914.

AFSUP, *Anuário da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto*

Edição para os anos lectivos: 1914-1915 a 1917-1918.

ALC, *Anuario do Lyceu de Camões*

Anuario de 1908-1909.

ALCL, *Anuario do Lyceu Central de Lisboa*

Anuario de 1907-1908. Typographia do Anuario Commercial, Lisboa.

ALLORGE, LUCILE & IKOR, OLIVIER

2003 *La fabuleuse odyssée des plantes. Les botanistes voyageurs, les Jardins des Plantes, les herbiers.* Hachette Littératures, Paris, 861 pp.

ALMEIDA, LUÍS FERRAND DE

1992 A propósito de milho “marroco” em Portugal nos séculos XVI-XVIII. *Revista Portuguesa de História*, **27**: 103-143.

D'AVOINE, P.-J.

1850 *Éloge de Rembert Dodoëns.* Typographie de J. F. Olbrechts, Bruxelles, 146 pp.

AZEVEDO, C. M.

1913 *A Broteria no exílio.* *Broteria* Suplemento de Março-Abril de 1913.

B, *Broteria*

Volume VII, serie de Vulgarização Scientifica.

Volume XIII, serie Botanica.

Volume XXI.

BARBOSA, ANTÓNIO

- 1999 Miguel Bombarda. In ALVES, M. VALENTE (direcção). *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Pp. 221-229. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

## BOTELHO, LUIZ DA SILVEIRA

- 1999a Ricardo Jorge In ALVES, M. VALENTE (direcção). *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Pp. 261-264. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.
- 1999b Notas biográficas. In ALVES, M. VALENTE (direcção). *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Pp. 293-305. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

## BOULY DE LESDAIN

- 1921 Notes lichénologiques. XVIII. *Bulletin de la Société Botanique de France*, **68**: 203-207.
- 1923 Notes lichénologiques. XX. *Bulletin de la Société Botanique de France*, **70**: 277-283.

## BRIGOLA, J. C. P.

- 2003 *Colecções, gabinetes e museus em Portugal no século XVIII*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 614 pp.

## BRIQUET, J.

- 1907 Regras internacionaes da nomenclatura botanica adoptadas pelo Congresso Internacional de Botanica de Viena 1905 e publicadas em nome da Comissão de Redacção do Congresso. Introdução e tradução de J. Henriques. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **23**: 176-199.

## BRITTON, N. L.

- 1905 Nomenclature at the Vienna Internacional Botanical Congress. *Science*, NS **22**(555): 217-219.

BSB, *Boletim da Sociedade Broteriana*

Série I, volumes: X, XIX, XXI e XXVI.

Série II, volumes: V e XIV.

*Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*

Volume 1, fascículo 1, datado de Julho de 1907.

Volume 2, 1909.

## CABRAL, J. P. &amp; FOLHADELA, E.

- 2006 3. *BOTÂNICA. GONÇALO SAMPAIO. Catálogo da exposição. Ciclo de Exposições «Aventureiros, Naturalistas e Coleccionadores»*. Julho-Setembro de 2006. Edição da Reitoria da Universidade do Porto, 55 pp.

## CARDOSO, ORLANDA MARIA PEREIRA

- 1927 *Plantas tintoriais portuguesas*. Universidade do Porto, Tipografia da Companhia Portuguesa Editora, Porto, 61 pp.

## CARVALHO, A. F.

- 1939 Prof. Luiz Carrisso. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **13**(2): XI-XVI.

## CARVALHO HOMEM, AMADEU

- 1995 João Franco ou a tentação ditatorial. In MEDINA, JOÃO. (direcção). *História de Portugal. Dos tempos pré-históricos aos nossos dias. Volume IX. A Monarquia Constitucional*. Pp. 390-399. Clube Internacional do Livro, Amadora.

## CASTELO-BRANCO, SALWA EL-SHAWAN

- 2002 Fado. In SADIE, STANLEY & TYRRELL, JOHN (editores). *The New Grove Dictionary of Music and Musicians. Volume 8*. Pp. 508-510. Macmillan, London.

## CASTELLARNAU, I. S.

- 1958 Nota necrológica. El R. P. Alfonso Luisier, SJ (1872-1957). *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, **56**: 21-22.

## CELESTINO DA COSTA, JAIME

- 1999 Origem realização e destino. In ALVES, M. VALENTE (direcção). *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Pp. 29-62. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

## CHORÃO, DIAS

- 1906 XV Congresso Internacional de Medicina, em Lisboa. *Broteria*, **6**: 205-213.

## COLMEIRO, MIGUEL

- 1858 *La Botánica y los Botánicos de la Península Hispano-Lusitana*. Imprenta y Estereotipia de M. Rivadeneyra, Madrid, 216 pp.

## CORDEIRO, VALÉRIO

- 1916 Rev. Juliano Harmand. *Broteria, serie Botanica*, **14**: 120-121.

## CORREIA, A. M.

- 1939 Alguns passos da acção colonial do Prof. Doutor Luiz Carrisso. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **13**(2): XVII-XXXI.

## COSTA, A. J.

- 1982 *Normas gerais de transcrição e publicação de documentos e textos medievais e modernos*. 2.<sup>a</sup> edição, Tip. Diário do Minho, Braga.

## COUTINHO, A. X. P.

- 1886 *Curso de Silvicultura. Tomo I – Botânica Florestal*. Lisboa, 425 pp.  
1887 *Curso de Silvicultura. Tomo II – Esboço de uma flora lenhosa*. Lisboa, 346 pp.  
1890 As Juncaceas de Portugal. Dissertação apresentada ao Conselho da Escola Polytechnica de Lisboa, no concurso para o provimento do lugar de lente substituto da 9.<sup>a</sup> Cadeira. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **8**: 72-127.  
1893 *Elementos de Botânica (Primeira e segunda Parte do Curso dos Lyceus)*. Guillard, Aillaud, Paris-Lisboa, 298 pp.  
1896 *Curso Elementar de Botanica para uso dos lyceus, segundo os programmas approvados pelo decreto de 14 de Setembro de 1895. Vol. II. (II Classe)*. Aillaud, Paris-Lisboa, 94 pp.

- 1898 *Atlas de Botanica – Mandado organizar pela Direcção Geral d’Instrução Publica de Portugal para uso nos Lyceus (I, II, III e IV classes)*. Companhia Nacional Editora, Lisboa.
- 1900 *Curso Elementar de Botanica para uso dos Lyceus, segundo os programmas approvados pelo decreto de 14 de Setembro de 1895. Vol. V. (VI classe)*. Aillaud, Paris-Lisboa, 175 pp.
- 1906 *Atlas de Botanica. Mandado organizar pela Direcção Geral d’Instrução Publica de Portugal á «A Editora» para uso nos Lyceus (I, II, III e IV classes)*. 2.<sup>a</sup> edição. A Editora, Lisboa.
- 1907a *Curso Elementar de Botanica para IV e V classes do Curso dos Liceus, 2.<sup>a</sup> edição, segundo os programmas approvados pelo decreto de 3 de Novembro de 1905*. Aillaud, Paris-Lisboa, 139 pp.
- 1907b *Curso Elementar de Botanica para uso dos Lyceus. VI e VII classes, 2.<sup>a</sup> edição, segundo os programmas approvados pelo decreto de 3 de Novembro de 1905*. Aillaud, Paris-Lisboa, 310 pp.
- 1913 *A Flora de Portugal (plantas vasculares) disposta em chaves dichotomicas*. Aillaud, Paris, Alves, Lisboa, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 767 pp.
- 1916 *Lichenum Lusitanorum Herbarii Universitatis Olisiponensis Catalogus*. Lisboa, 122 pp.
- 1917a *Catalogi Lichenum Lusitanorum Herbarii Universitatis Olisiponensis. Supplementum primum*. Lisboa, 40 pp.
- 1917b *Musci Lusitanici Herbarii Universitatis Olisiponensis*. Lisboa, 143 pp.
- 1917c *Hepaticae Lusitanicae Herbarii Universitatis Olisiponensis*. Lisboa, 39+5 pp.
- 1919 *Eubasidiomycetes Lusitanici Herbarii Universitatis Olisiponensis*. Lisboa, 195 pp.
- 1920 *Rudimentos de botanica e de agricultura para os alunos do Ensino Primário Geral (segundo o programma oficial de 7 de Novembro de 1919) (3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup> classes)*. 1.<sup>a</sup> edição. Aillaud, Paris-Lisboa, Bertrand, Porto, 174 pp.
- 1921 *Eubasidiomycetum Lusitanorum Herbarii Universitatis Olisiponensis. Supplementum*. Lisboa, 13 pp.
- 1923 *Curso Elementar de Botânica para uso dos Liceus, vols. III, IV e V (III, IV e V classes), segundo os programas aprovados pelo decreto de 23 de Dezembro de 1919*. 3.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup> edições. Aillaud, Paris-Lisboa, Bertrand, Porto, 273 pp.
- 1928 *Curso Elementar de Botânica (VII classe), segundo os programas aprovados pelo decreto de 23 de Dezembro de 1919*. 3.<sup>a</sup> edição. Aillaud, Paris-Lisboa, Bertrand, Porto, 278 pp.
- 1935 *Suplemento da Flora de Portugal. Boletim da Sociedade Broteriana, série II, 10: 43-194.*
- 1936 *Esboço de uma Flora Lenhosa Portuguesa – 2.<sup>a</sup> edição. Publicações da Direcção Geral dos Serviços Florestais e Aquícolas, 3(1): 7-371.*
- 1938 *Doutor Júlio Henriques (15-I-1838 – 7-V-1928). Nota biográfica. Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Coimbra, 7(1): III-VII.*
- 1939 *Flora de Portugal (plantas vasculares). Disposta em Chaves Dicotómicas. 2.<sup>a</sup> edição, dirigida por Ruy Telles Palhinha. Bertrand, Lisboa, 938 pp.*

CP, *O Commercio do Porto*

- 1910 05 24  
 1910 05 27  
 1910 05 28  
 1910 05 29  
 1910 06 01  
 1910 06 03  
 1910 06 05  
 1910 06 09

1910 06 18

1910 06 22

1910 06 23

Edições dos seguintes dias do mês de Janeiro de 1919: 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 29, 30, 31.

Edições dos seguintes dias do mês de Fevereiro de 1919: 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 18, 19.

Edição de 21 de Março de 1919.

Edições dos seguintes dias do mês de Agosto de 1919: 1, 2, 3, 5, 6, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20 e 21.

DEAR, PETER

- 2006 The meanings of experience. In PARK, KATHARINE & DASTON, LORRAINE (editores). *The Cambridge History of Science. Volume 3. Early Modern Science*. Pp. 106-131. Cambridge University Press, Cambridge.

DE WITT, HENDRICK C. D.

- 1992 *Histoire du développement de la Biologie. Volume I*. Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne, 404 pp.
- 1993 *Histoire du développement de la Biologie. Volume II*. Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne, 460 pp.
- 1994 *Histoire du développement de la Biologie. Volume III*. Presses Polytechniques et Universitaires Romandes, Lausanne, 635 pp.

DG, *Diário do Governo*

1901 12 12, n.º 281.

1919 03 03, n.º 43, série I.

1921 03 21, n.º 73, série II.

1935 03 08, n.º 54, série I.

DIAS, JOSÉ LOPES

- 1952 João Rodrigues de Castelo Branco. Amato Lusitano. Resumo bibliográfico. Separata da Imprensa Médica, Lisboa, 16 pp.
- 1968 Comentários ao «Index Dioscorides» de Amato Lusitano. Comunicação ao XXI Congresso Internacional de História da Medicina, em Sena (Itália), Setembro de 1968. Gráfica de S. José, Castelo Branco, 28 pp.

DN, *Diário Nacional*

1907 10 01

DROUIN, JEAN-MARC

- 2001 Principles and uses of taxonomy in the works of Augustin-Pyramus de Candolle. *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, **32**(2): 255-275.

EARLE, F. S.

- 1905 Nomenclature at the International Botanical Congress at Vienna. *Science*, NS **22**(563): 468-469.

EJ, ENCYCLOPEDIA JUDAICA

- 1971 Amato Lusitanus (João Rodrigues de Castelo Branco). Enciclopedia Judaica, volume 2, A-Ang. Pp. 795-797. Meter Publishing House, Jerusalem.

FARLOW, W. G. & ATKINSON, G. F.

- 1910 The Botanical Congress at Brussels. *Science*, NS **32**(812): 104-107.

FCP

- 1969 *Faculdade de Ciências do Porto. 1762-1803-1837-1911*. Tipografia Bloco Gráfico, Porto, 446 pp.

FD, *Folha Democratica*. Semanario Politico. Redactor, Gonçalo Sampaio. Administrador, Albino Bastos. Redacção e administração em Póvoa de Lanhoso.

- 1888 02 02, 1º ano, número 1  
 1888 02 09, 1º ano, número 2  
 1888 02 16, 1º ano, número 3  
 1888 02 23, 1º ano, número 4  
 1888 03 01, 1º ano, número 5  
 1888 03 08, 1º ano, número 6  
 1888 04 19, 1º ano, número 12  
 1888 04 26, 1º ano, número 13  
 1888 05 18, 1º ano, número 16

FERNANDES, A.

- 1939 Notícia sôbre a vida e a obra do Prof. Luiz Wittnich Carrisso. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **13**(2): xxxiii-lxxii.  
 1958 Sobre a necessidade da publicação de uma nova Flora de Portugal. *Naturalia*, **7**(1-4): 7 pp.  
 1962 Prof. Dr. Aurélio Quintanilha. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **36**: 7-34.  
 1963 Panorama dos estudos florísticos em Portugal. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **29**: 21-66.  
 1975 Palavras de Abílio Fernandes introdutórias à última lição do Prof. Aurélio Quintanilha. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **41**: 11-25.  
 1977 História da aquisição do Herbário de Willkomm pelo Jardim Botânico de Coimbra. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **43**: 15-44.  
 1980 História do ensino da Botânica em Portugal. I – Universidade de Coimbra: 1772-1872. *Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências*, **21**: 203-253.

FERNANDES, A. & GARCIA, J. C.

- 1943 P.<sup>c</sup> José Manuel Miranda Lopes. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **9**: 6-17.

FICALHO, CONDE DE

- 1886 *Garcia da Orta e o seu tempo*. Imprensa Nacional, Lisboa.

FINDLEN, PAULA

- 2006a Anatomy theaters, botanical gardens, and the natural history collections. In PARK, KATHARINE & DASTON, LORRAINE (editores). *The Cambridge History of Science. Volume 3. Early Modern Science*. Pp. 272-289. Cambridge University Press, Cambridge.

- 2006b Natural history. In PARK, KATHARINE & DASTON, LORRAINE (editores). *The Cambridge History of Science. Volume 3. Early Modern Science*. Pp. 435-468. Cambridge University Press, Cambridge.

FORD, BRIAN J.

- 2003 Scientific illustration in the eighteenth century. In PORTER, ROY (editor). *The Cambridge History of Science. Volume 4. Eighteenth-Century Science*. Pp. 561-583. Cambridge University Press, Cambridge.

FRANCO, J. E.

- 2003a História da revista Brotéria (1902-2002). In RICO, H. & FRANCO, J. E. (coordenadores). *Fé, Ciência, Cultura: A Brotéria – 100 anos*. Pp. 89-139. Gradiva, Lisboa.
- 2003b Os directores da Brotéria. In RICO, H. & FRANCO, J. E. (coordenadores). *Fé, Ciência, Cultura: A Brotéria – 100 anos*. Pp. 143-190. Gradiva, Lisboa.

GARRETT, ANTÓNIO DE ALMEIDA

- 1941 Ricardo Jorge, higienista. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, 4(4): 18 pp.

GEPB, Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira

Entradas:

Aguiar, Alberto Pereira Pinto de  
 Almeida Lima, João Maria de  
 Aristóteles  
 Athias, Marck  
 Azevedo de Meneses, Carlos  
 Azevedo Neves, João Alberto Pereira de  
 Barrilheira  
 Bauhin, Gaspar  
 Beirão, Caetano Maria Ferreira da Silva  
 Belo de Moraes, Carlos  
 Bensaúde, Alfredo  
 Bethencourt Ferreira, Júlio Guilherme  
 Bettencourt, Aníbal  
 Bettencourt, Nicolau Anastácio de  
 Bombarda, Miguel Augusto  
 Borges, Ildefonso  
 Canto e Castro, Eugénio Vaz Pacheco do  
 Cardoso Pereira, Artur  
 Carrisso, Luis Wittnich  
 Celestino da Costa, Augusto Pires  
 Cesalpini, André  
 Chaves, Francisco Afonso  
 Choffat, Léon Paul  
 Clúsio, Carlos  
 Costa Ferreira, António Aurélio da  
 Daciano, Bertino  
 Daveau, Júlio  
 De Candolle, Afonso  
 De Candolle, Agostinho Piramo  
 Dioscórides  
 Esparto  
 Fado  
 Ferreira da Silva, António Joaquim

Figueiredo, Jerónimo Joaquim de  
Fonseca Benevides, António Albino da  
França, Carlos  
Franco, João  
Fuchs, Leonardo  
Gesner, Conrado  
Gomes Teixeira, Francisco  
Gomes, Bernardino António  
Gomes, Jacinto Pedro  
Henriques, Júlio  
Johnston, Eduíno João  
Jorge, Artur Ricardo  
Jorge, Ricardo Almeida  
Jussieu, António Lourenço de  
Labresto  
Lacerda, Aarão Soeiro de  
Le Cocq, Alfredo Carlos  
Leituga  
Lemos, Maximiano Augusto de Oliveira  
Lineu, Carlos  
Link, Henrique Frederico  
Luisier, Padre Afonso  
Machado Guimarães, António Luís  
Magalhães, José de  
Malpighi, Marcelo  
Mantas, António  
Mariz Júnior, Joaquim  
Martins, Miguel Augusto Reis  
Mastbaum, Hugo  
Matoso Santos, Fernando  
Miranda do Vale, José  
Möller, Adolfo Frederico  
Moreira de Sá, Bernardo Valentim  
Newton, Francisco  
Newton, Isaac  
Nobre, Augusto Pereira  
Orta, Garcia de  
Pastel-dos-tintureiros  
Paula Nogueira, João Viegas  
Pereira Coutinho, António Xavier  
Pinto, José Antunes  
Pires de Lima, Américo  
Plínio  
Queirós Veloso, José Maria de  
Ramon y Cajal, Santiago  
Rasteiro, Joaquim Pedro da Assunção  
Rivinus, Augusto Quirino  
Rocha Peixoto, António Augusto da  
Quintanilha, Aurélio  
Saganho  
Saraiva, João  
Schmitz, Padre Ernesto João  
Seabra, Antero Frederico Ferreira de  
Silva Teles, Francisco Xavier da  
Sousa da Camara, Manuel de  
Sousa Júnior, António Joaquim de  
Sousa, Tude Martins de

Tavares, Padre Joaquim da Silva

Teofrasto

Tournefort, José Pitton de

Valentim, Afonso

Vandelli, Domingos

Veloso, Frei José Mariano da Conceição

Veríssimo de Almeida, José

Vigier, João

Welwitsch, Frederico Artur

GOMES, B. A. & BEIRÃO, C. M. F. DA S.

1852 *Catalogus plantarum horti botanici Medico-cirurgicae scholae olisiponensis. Anno MDCCCLII. Typographia Nationali, Olisipone.*

GOMES, J. P.

2003 *Nas origens da revista Brotéria (Louriçal do Campo, 1902-1910). In RICO, H. & FRANCO, J. E. (coordenadores). Fé, Ciência, Cultura: A Brotéria – 100 anos. Pp. 193-210. Gradiva, Lisboa.*

GOUVEIA, ANTÓNIO JORGE ANDRADE DE

1983 *Livros dos séculos XV e XVI, sobre artes químicas e simples e drogas, nas livrarias da Universidade e de Colégios de Coimbra. Memórias da Academia das Ciências de Lisboa, Classe de Ciências, 22: 289-309.*

GRAY, ASA

1907 *Gray's Botanical Text-Book. Volume I. Structural Botany, or Organography on the basis of Morphology, to which is added the principles of Taxonomy and Phytography. American Book Company, New York, 442 pp. Edição fac-simile da Kessinger Publishing's Rare Reprints.*

GRIBBIN, JOHN

2002 *Science. A History. 1543-2001. Penguin Books, London, 646 pp.*

GUIMARÃES, BERTINO DACIANO R. S.

1947 *Primeiro Esboço duma Bibliografia Musical Portuguesa, com uma breve notícia histórica da música no nosso país. Imprensa Portuguesa, Porto.*

HAWKSWORTH, D. L., KIRK, P. M., SUTTON, B. C. & PEGLER, D. N.

1995 *Ainsworth & Bisby's Dictionary of the fungi. CAB Internacional, Oxon, 616 pp.*

HENRIQUES, J.

1882 *Felix d'Avellar Brotero. In "O Plutarcho portuguez", volume II, fascículo VI. Julio Costa & Emilio Biel, Porto, 8 pp.*

1885 *Terminologia botanica. Imprensa da Universidade, Coimbra.*

1889a *Programma da 4.<sup>a</sup> cadeira de Botânica para o anno lectivo de 1889 a 1890. Imprensa da Universidade, Coimbra, 16 pp.*

1889b *Rudimentos de botanica. Typ. A. J. da Silva Teixeira, Porto, 106 pp.*

1892 *A cadeira de botanica na Universidade. Imprensa da Universidade, Coimbra, 10 pp.*

- 1897 Regras de Nomenclatura adaptadas pelos botanicos empregados no Jardim e Museu Botanicos Reaes de Berlim. Introdução e tradução. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **14**: 209-214.
- 1913 *Esboço da Flora da Bacia do Mondego*. Tip. França Amado, Coimbra.
- 1916a Dr. Joaquim de Mariz. *Broteria, serie Botanica*, **14**: 117-118.
- 1916b *Terminologia e taxonomia botanicas: Clave para a determinação das familias*. 2.<sup>a</sup> edição. Livraria Neves, Coimbra, 186 pp.
- 1917a Os mortos. Dr. Joaquim de Mariz. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **27**: 214-215.
- 1917b Os mortos. Edwin Johnston. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **27**: 216.
- 1918 J. F. Correa da Serra. *Broteria, serie Botanica*, **16**(3): 104-112.
- 1920 O Herbário do Colégio de S. Fiel. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **28**: 123-164.
- 1922 As colecções do Colégio de S. Fiel. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **1**: 137-167.
- 1923 Correia da Serra (Apontamentos biográficos e correspondência). *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **2**: 5-46.

IP, *Ilustração Portuguesa*. Edição semanal do jornal «O Seculo».

1919 02 03, n.º 676, série II.

JACKSON, JOHN R.

- 1890 *Commercial Botany of the Nineteenth Century*. Cassell & Company, London, 168 pp.  
Edição fac-simile da Kessinger Publishing's Rare Reprints.

JN, *Jornal de Noticias*.

1923 05 08

1923 05 15

JOHNSON, THOMAS

- 1636 *The Herball or generall Historie of plantes*, gathered by John Gerard and very much enlarged by Thomas Johnson. London.

JORDÃO, J. GUILHERME

- 1999 C. Bello Moraes. Uma vida e uma obra no presente. In ALVES, M. VALENTE (direcção). *1911-1999. O ensino médico em Lisboa no início do século. Sete artistas contemporâneos evocam a geração de 1911*. Pp. 159-165. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa.

LAÍNZ, M.

- 2000 Algo sobre las relaciones de Pau con Gonçalo Sampaio. *Anales del Jardín Botánico de Madrid*, **57**(2): 365-374.
- 2001 Más aún sobre las relaciones de Pau con Gonçalo Sampaio. *Anales del Jardín Botánico de Madrid*, **58**(2): 331-339.

LAWRENCE, G. H. M.

- 1965 Herbs, their history and significance. In. *History of Botany*. Pp. 1-20. The Clark Memorial Library, Los Angeles; The Hunt Botanical Library, Pittsburg.
- 1973 *Taxonomia das Plantas Vasculares. Volume I*. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 296 pp.

LEITE, S.

1931 J. S. Tavares. *Brotéria. Fé-Sciências-Letras*, **13**: 273-297.

LEMOS, MAXIMIANO

1899 *Historia da Medicina em Portugal. Doutrinas e instituições. Volume I*. Manoel Gomes, editor, Lisboa.

1913 Amato Lusitano. Novas investigações. *Revista de Historia*, **5**: 25-31.

LIMA, JOÃO EVANGELISTA CAMPOS

1919 *O Reino da Traulitânia. 25 dias de reacção monárquica no Porto*. Renascença Portuguesa, Porto, 343 pp.

LINNAEO, CAROLO

1754 *Genera plantarum*. Editio quinta ab auctore reformata et aucta. Holmiae, Impensis Laurentii Salvii.

LOPES, J. M. M.

1926 A flora do concelho de Vimioso. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **4**: 130-154.

1928 A flora do concelho de Vimioso. Continuação – 2.<sup>a</sup> Lista. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **5**: 234-255.

1930 A flora do concelho de Vimioso. Continuação – 3.<sup>a</sup> Lista. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **6**: 266-278.

1933 A flora do concelho de Vimioso. Continuação – 4.<sup>a</sup> Lista. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **8**: 176-189.

1939 *Carção. Concelho de Vimioso. I. Apontamentos para uma monografia. II. Normas de instrução paroquial*. Tipografia Saca Nun'Alvares, Porto, 19 pp.

LUISIER, A.

1906 O segundo Congresso internacional de Botanica. *Broteria*, **5**: 54-59.

1917 Le P. Baltasar Merino, S. J. *Broteria, serie Botanica*, **15**: 99-106.

1944 R. P. Cândido de Azevedo Mendes, S. J. *Broteria, série de Ciências Naturais*, **13**(1): 43-48.

MAGNIN-GONZE, JOËLLE

2004 *Histoire de la Botanique*. Delachaux et Niestlé, Paris, 217 pp.

MAIA, CELESTINO

1914 *A Botânica nos liceus*. Tip. a vapor da “Enciclopédia Portuguesa”, Porto, 117 pp.

MARINHO, J. A.

1924 Á memória do Dr. A. J. Ferreira da Silva. *Brotéria, série de Vulgarização Científica*, **22**: 201-207.

MARTINS, JOSÉ ANTÓNIO DE JESUS

2004 *O Foral Manuelino de Aljezur*. Introdução, transcrição e notas. Câmara Municipal de Aljezur, Gráfica S.<sup>10</sup> António, 269 pp.

MARTINS, N. N.

1908 O milho grosso em Portugal e seus inimigos. *Broteria, serie de Vulgarização Científica*, **7**: 68-83.

## MATEO SANZ, GONZALO

- 1995a Carlos Pau Español (1857-1937). La Botánica extraacadémica. In CAMARASA, J. M. & ROCA, A. (editores). *Ciencia i tècnica als Països Catalans: una aproximació biogràfica, vol. 1*. Pp. 730-760. Barcelona.
- 1995b M. Willkomm y su labor como investigador de la flora española y de la Codillera Ibérica. *Flora Montiberica*, **1**: 16-22.
- 1996 La red de recolectores de Carlos Pau como continuación de la «Agencia de Castelserás» de Francisco Loscos. *Flora Montiberica*, **2**: 5-15.

## MATTOS, JULIO DE

- 1881 José Corrêa da Serra. In “*O Plutarcho portuguez*”, volume I, fascículo IX. Julio Costa & Emilio Biel, Porto, 8 pp.

## McCLELLAN III, JAMES

- 2003 Scientific institutions and the organization of science. In PORTER, ROY (editor). *The Cambridge History of Science. Volume 4. Eighteenth-Century Science*. Pp. 87-106. Cambridge University Press, Cambridge.

## MELO, I.

- 1987 A evolução da Botânica no Museu Nacional de História Natural. Catálogo da Exposição Comemorativa do 150.º Aniversário da Escola Politécnica e do 75.º Aniversário da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa. Pp. 271-289. Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, Lisboa.

## MILLER GUERRA

- 1968 A obra científica de Amato Lusitano. Estudos Castelo Branco Revista de História e Cultura, 17 pp.

## MONTEIRO, HERNÂNI

- 1941 Ricardo Jorge na Escola Médico-Cirúrgica do Pôrto. *Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*, **4**(4): 51 pp.

## MORAIS, A. T.

- 1937 Notícia sôbre a vida e a obra do Prof. Gonçalo Sampaio. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **12**: 297-314.

## MÜLLER-WILLE, S. &amp; REEDS, K.

- 2007 A translation of Carl Linnaeus's introduction to *Genera plantarum* (1737). *Studies in History and Philosophy of Biological and Biomedical Sciences*, **38**: 563-572.

## N, O Nacional, «Diario regenerador-liberal»

- 1908 03 05, 1.º ano, n.º 211  
1908 03 21, 1.º ano, n.º 227  
1908 03 22, 1.º ano, n.º 228  
1908 03 24, 1.º ano, n.º 229  
1908 04 21, 1.º ano, n.º 252  
1908 04 25, 1.º ano, n.º 256

1908 04 26, 1.º ano, n.º 257

NERY, RUI VIEIRA

2005 *Fado an overview*. University, Évora, 52 pp.

OLIVEIRA MARQUES, A. H. DE, SACUNTALA DE MIRANDA, ROLLO, FERNANDA & RODRIGUES, LUÍS NUNO

1991 *Nova História de Portugal. Volume XI. Portugal - Da Monarquia para a República*. Editorial Presença, Lisboa.

ONC, *O Nosso Colégio*

1914-1934. Edição do Instituto Nuno Álvares.

PALHINHA, R. T.

1930 Jules Daveau. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **6**: IX-XII.

1940 D. António Xavier Pereira Coutinho. *Boletim da Sociedade Broteriana*, II série, **14**: VII-XX.

1953 Escorço biográfico do Conde de Ficalho, no cinquentenário do seu passamento. *Revista da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa*, série II, C, **3**: 5-24.

PAZ-BERMÚDEZ, G., AGUIAR-BRANCO, H. & FOLHADELA, E.

2002 Typification of names of lichen taxa described by G. Sampaio and some others, deposited in the Porto Herbarium (PO). *Taxon*, **51**: 771-785.

PEREIRA, C. L.

1920 Flora do concelho de Paredes de Coura. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **28**: 33-69.

1931a Flora da bacia do Minho. Parte I. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **17**: 129-162.

1931b Flora da bacia do Minho. Parte II. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **17**: 204-239.

PERES, DAMIÃO (direcção)

1954 *História de Portugal. Suplemento*. Portucalense Editora, Porto.

PICCOLINO, MARCO

1999 Marcello Malpighi and the difficult birth of modern life sciences. *Endeavour*, **23**(4): 175-179.

PIMENTA, JOSÉ RAMIRO

2004 Introdução. In *Obras de Silva Telles – A Ciência Geográfica*. Pp. I-XXIX. Associação Portuguesa de Geógrafos, Lisboa.

PIMENTEL, ALBERTO

1989 *A Triste Canção do Sul. Subsídios para a História do Fado. Edição fac-similada*. Publicações D. Quixote, Lisboa.

PINTO, O.

1910a O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide. *O Nosso Colegio*, **1908-1910**: 99-102.

1910b O Instituto de Sciencias Naturaes do Collegio de Campolide. *O Nosso Colegio*, **1908-1910**: 143-149.

PINTO DE CARVALHO (TINOP)

- 1982 *História do Fado*. Publicações Dom Quixote, Lisboa.

PIRES DE LIMA, A.

- 1937 A Botânica na Academia Politécnica do Pôrto. 1.º Centenário da Academia Politécnica e da Escola Médico-Cirúrgica; Porto; 43 pp.  
 1938 O Prof. Gonçalo Sampaio. Elogio histórico. *Anais da Faculdade de Ciências*, **23**(1): 5-18.  
 1942 A Botânica no Porto. Notas biográficas e bibliográficas. Comunicação apresentada ao Congresso de História da Actividade Científica, Coimbra, 1940. Coimbra; 57 pp.  
 1952 O Prof. Gonçalo Sampaio. *Anais Azevedos*, **4**(1): 3-6.

PIŠÚT, IVAN

- 2002 Alexander Zahlbruckner (1860-1938): the author of two historical milestones in lichenology. *The Bryologist*, **105**: 243-245.

PJ, *O Primeiro de Janeiro*

- Edições dos seguintes dias do mês de Agosto de 1919: 1, 2, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20 e 21.  
 1923 05 06

PORTER, C. L.

- 1959 *Taxonomy of Flowering Plants*. W. H. Freeman, San Francisco, 452 pp.

PYLE, CYNTHIA M.

- 2000 Art as science: scientific illustration, 1490-1670 in drawing, woodcut and copper plate. *Endeavour*, **24**(2): 69-75.

QUINTANILHA, A.

- 1926 Necrologie. Carlos França. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **4**: 155-157.  
 1975 Quatro gerações de cientistas na história do Instituto Botânico de Coimbra. *Anuário da Sociedade Broteriana*, **41**: 27-44.

RAMOS, RUI

- 2001 *História de Portugal. Sexto volume. A segunda fundação (1890-1926)*. Edição revista e actualizada. Editorial Presença, Lisboa, 626 pp.

RICARDO JORGE

- 1916 *Comentos á vida, obra e época de Amato Lusitano*. Separata dos Arquivos de Historia da Medicina Portuguesa. Tip. a vapor da Enciclopédia Portuguesa; Porto.  
 1936 *Comentos à vida, obra e época de Amato Lusitano*. Separata da revista Clínica, Higiene e Hidrologia. Impr. Libânio da Silva, Lisboa.  
 1963 *Amato Lusitano. Comentos à sua vida, obra e época*. Instituto de Alta Cultura, Lisboa, 278 pp.

RODRIGUES, MANUEL AUGUSTO (directção)

- 1992 *Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis 1772-1937. Volume II*. Arquivo da Universidade de Coimbra; Coimbra; 431 pp.

## RÓMULO DE CARVALHO

- 1987 *A História Natural em Portugal no século XVIII*. Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, Biblioteca Breve, n.º 112. Bertrand, Lisboa, 123 pp.

## ROZEIRA, A.

- 1946 Gonçalo Sampaio como sistemata. *Brotéria, série de Ciências Naturais*, **15**(2): 49-55.  
 1970 Garcia de Orta. Trabalhos do Instituto de Botânica «Dr. Gonçalo Sampaio» (2.<sup>a</sup> série), I, Porto, 19 pp.

## SACHS, JULIS VON

- 1906 *History of Botany (1530-1860)*. Oxford, at the Clarendon Press, 568 pp. Edição fac-simile da Kessinger Publishing's Rare Reprints.

## SALEMA, R.

- 1991 O botânico Gonçalo Sampaio. *Boletim da Universidade do Porto*, **10**: 29-31.

## SALVADO, M. A. N.

- 2003 O Colégio de S. Fiel: centro difusor da Ciência no interior da Beira. In RICO, H. & FRANCO, J. E. (coordenadores). *Fé, Ciência, Cultura: A Brotéria – 100 anos*. Pp. 211-231. Gradiva, Lisboa.

SAMPAIO, G.<sup>635</sup>

- 1895 *Quadro dichotomico para a determinação das famílias. Flora vascular portugueza*. Livraria de S. Thomaz d'Aquino, Porto, 24 pp.  
 1896a Estudos de flora local. I. Vasculares do Porto. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, **4**: 150-158.  
 1896b Estudos de flora local. I. Vasculares do Porto. *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, **4**: 195-202.  
 1897a Estudos de flora local. II. Vasculares do Porto (continuação). *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, **5**: 26-42.  
 1897b Estudos de flora local. II. Vasculares do Porto (continuação). *Revista de Sciencias Naturaes e Sociaes*, **5**: 122-138.  
 1898-99? Flora Duriense<sup>636</sup>.  
 1899a Estudos sobre a flora dos arredores do Porto. I. *Primulaceae*, Vent. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **6**: 51-62.  
 1899b Plantas novas para a Flora de Portugal. I. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **6**: 67-78. [Datado pelo autor de Novembro de 1899]  
 1899c Plantas novas para a Flora de Portugal. II. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **6**: 141-151. [Datado pelo autor de Abril de 1900]  
 1900a Especies do genero *Echium* ao norte de Portugal. *O Lusitano*, **1**(5): 6-9.  
 1900b Plantas novas para a Flora de Portugal. III. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **7**: 7-14. [Datado pelo autor de Janeiro de 1901]  
 1900c Plantas novas para a Flora de Portugal. IV. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **7**: 111-121. [Datado pelo autor de Agosto de 1901]

<sup>635</sup> Apresentamos uma bibliografia completa de G. Sampaio.

<sup>636</sup> Ver capítulo IV.3A.

- 1901a Nota sobre as especies do genero *Mentha* dos arredores do Porto. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **18**: 126-136. [Datado pelo autor de Janeiro de 1902]
- 1901b Um passeio botanico ao Torrão. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **18**: 47-79.
- 1902 Herbario Portuguez da Academia Polytechnica do Porto. I. Cryptogamiae. *Annuario da Academia Polytechnica*, **25**: 81-171. [Datado pelo autor de Maio de 1902]
- 1903a Plantas novas para a Flora de Portugal (2.<sup>a</sup> série). I. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **8**: 3-16. [Datado pelo autor de Outubro de 1902]
- 1903b Plantas novas para a Flora de Portugal (2.<sup>a</sup> série). II. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **8**: 115-122. [Datado pelo autor de Janeiro de 1904]
- 1904a *Rubus Henriquesii*, Samp. *A Revista*, **1**(4): 57-59. [Publicado em 15 de Outubro de 1903]
- 1904b Alguns *Rubus* novos para a flora portuguesa. I. *A Revista*, **2**(3): 41-44. [Publicado e distribuído em 15 de Setembro de 1904]
- 1904c Alguns *Rubus* novos para a flora portuguesa. II. *A Revista*, **2**(4): 54-57. [Publicado e distribuído em 15 de Outubro de 1904]
- 1904d Estudos sobre a flora dos arredores do Porto. Gen. *Spergularia*. *Annuario da Academia Polytechnica*, **27**: 147-171. [Datado pelo autor de Março de 1904]
- 1904e «*Rubus portuguezes*». *Contribuições para o seu estudo*. Typ. de A. F. Vasconcellos, Porto, 101 pp.
- 1905a «*Rubus portuguezes*». *Contribuições para o seu estudo*. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **9**: 5-101.
- 1905b *Contribuições para o estudo da flora portugueza*. Gen. *Romulea*. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **21**: 3-15.
- 1905c *Contribuições para o estudo da flora portugueza*. *Epilobiaceae*. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **21**: 182-208.
- 1905d Duas especies novas de *Digitalis*. *A Revista*, **3**(2): 21-24. [Publicado e distribuído em 15 de Agosto de 1905]
- 1905e Notas criticas sobre a flora portugueza. I. *Annaes de Sciencias Naturaes*, **10**: 5-78. [Separata com a data de Dezembro de 1905]
- 1907 Note sur *Ranunculus gregarius*, Brot. *Bulletin de la Société Portugaise de Sciences Naturelles*, **1**(2): 34-47.
- 1908 Flora vascular de Odemira. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **24**: 7-132.
- 1909-1914 *Manual da Flora Portuguesa*. Tipografia Occidental; Porto; 416 pp. [Obra publicada em fascículos datados em SAMPAIO (1949) e num manuscrito de G. Sampaio: páginas (ano mês): 1-16 (1909 05), 17-32 (1909 08), 33-48 (1909 12), 49-176 (1910 05), 177-208 (1910), 209-320 (1911 12), 321-336 (1912 01), 337-353 (1912 11), 354-368 (1912 12), 369-384 (1913 11), 385-400 (1914 11), 401-416 (1914 12)]
- 1909a Prodrómo da flora portugueza. (I). *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **4**(1): 36-64. [táxones 1-195]
- 1909b Prodrómo da flora portugueza. (II). *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **4**(2): 116-128. [táxones 196-270]
- 1910a Prodrómo da flora portugueza. (III). *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **5**(1): 44-64. [táxones 271-409]
- 1910b Plantas novas para a flora portugueza. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **5**(3): 157-160.
- 1910c Nota a proposito dos *Quercus Lusitanica*, Lamk., *Q. humilis*, Lamk. e *Q. faginea*, Lmk. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **5**(3): 161-165.
- 1911a Prodrómo da flora portugueza. (IV). *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **6**(1): 39-57. [táxones 410-557]

- 1911b *Programa do curso de microscopia vegetal*. Academia Polytechnica do Porto, trabalhos práticos de Botanica. Livraria Moderna, Porto, 13 pp.
- 1911c *Programas descritivos de Botânica geral*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências. Tipografia Costa Carregal, Porto, 58 pp.
- 1912a Estudos botânicos. Espécies novas e nomes novos. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **7**(1): 51-54.
- 1912b *Sem comentarios*. Tipografia Costa Carregal; Porto; 2 pp. [apesar de não estar datada, a publicação é seguramente de 1912; ver Capítulo VII.6.]
- 1913a Duas plantas criticas. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **8**(2): 79-82.
- 1913b *Lista das espécies representadas no Herbário Português. Pteridófitas e Spermatófitas*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências, Gabinete de Botânica. Tip. Costa Carregal, Porto, 148 pp. [Publicado em Julho de 1913]
- 1913c *Quadro analítico para a determinação das famílias da flora portuguesa*. Tip. da Enciclopédia Portuguesa, Porto, 31 pp.
- 1914a *Apêndice à lista das espécies representadas no Herbário Português*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências, Gabinete de Botânica. Tip. Costa Carregal, Porto, 10 pp. [Publicado a 3 de Janeiro de 1914]
- 1914b *Segundo apêndice à lista das espécies representadas no Herbário Português*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências, Gabinete de Botânica. Tip. Costa Carregal, Porto, 9 pp. [Publicado a 14 de Fevereiro de 1914]
- 1914c *Terceiro apêndice à lista das espécies representadas no Herbário Português*. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências, Gabinete de Botânica. Tip. Costa Carregal, Porto, 15 pp. [Publicado a 18 de Novembro de 1914]
- 1915 Plantas novas para a flora portuguesa. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **10**(2): 123-124.
- 1916a Tres líquenes novos. *Revista dos Estudantes da Universidade do Porto*, **1**(2): 37-39. [Publicado em Março]
- 1916b Líquenes novos para a flora portuguesa (1.<sup>a</sup> série). *Broteria, série Botânica*, **14**(2): 65-84. [Datado pelo autor de Maio de 1916]
- 1916c *Centaurea Luisieri* (sp. n.). *Broteria, série Botânica*, **14**(2): 104-105. [Datado pelo autor de 25 de Maio de 1916]
- 1917a Líquenes novos para a flora portuguesa (2.<sup>a</sup> série). *Broteria, série Botânica*, **15**(1): 12-29. [Datado pelo autor de Fevereiro de 1916. Publicado a 15 de Março de 1917]
- 1917b Os líquenes espanhóis do Herbarium Willkomm. Trabalho apresentado ao Congresso de Sevilha da Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, sección 4.<sup>a</sup>, Ciências Naturales. Pp. 135-145. Trabalho apresentado na sessão do dia 7 de Maio de 1917.
- 1917c Espécies novas de líquenes. *Annaes Scientificos da Academia Polytechnica do Porto*, **12**(1): 47-50. [Datado pelo autor de 12 de Junho de 1917]
- 1917d Líquenes novos para a flora portuguesa (3.<sup>a</sup> série). *Broteria, série Botânica*, **15**(3): 128-145. [Datado pelo autor de Outubro de 1917]
- 1918a Contribuições para o estudo dos líquenes portugueses. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **13**(1): 24-38. [Datado pelo autor de Maio de 1918. Publicado em Julho]
- 1918b *Psorotichia Henriquesi* (n. sp.). *O Instituto*, **45**(5): 245-246.
- 1920a *Líquenes inéditos*. Publicação do gabinete de Botânica da Faculdade de Ciências do Porto. Impresso a 14 de Dezembro de 1920 na Tipografia da «Enciclopedia Portuguesa», 8 pp.
- 1920b Subsídios para o estudo das «Desmidiaceas» portuguesas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **28**: 151-163. [Datado pelo autor de Dezembro de 1919]

- 1920c *Programas descritivos de Botânica geral*. 2.<sup>a</sup> edição. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências. Livraria Moderna, Porto, 70 pp.
- 1921a Novas contribuições para o estudo dos líquenes portugueses. *Broteria, série Botânica*, **19**(1): 12-35. [Datado pelo autor de Dezembro de 1920]
- 1921b Observações sobre algumas plantas. *Annaes da Academia Polytechnica do Porto*, **16**(3): 142-164. [Datado pelo autor de 1920]
- 1921c Revisão das regras de nomenclatura botânica. Discurso inaugural na sección 4.<sup>a</sup>, Ciencias Naturales, Asociación Española para el Progreso de las Ciencias, Congreso de Oporto; Tomo I; Discursos inaugural y de apertura. Pp. 77-89; Imprenta de Eduardo Arias, Madrid.
- 1921d Subsídios para o estudo das “Desmídeas” portuguesas. *Boletim da Sociedade Broteriana*, **28**: 151-163. [Datado pelo autor de Dezembro de 1919]
- 1922a Materiais para a liquenologia portuguesa. *Broteria, série Botânica*, **20**(3): 147-163. [Datado pelo autor de Agosto de 1922 e publicado a 10 de Outubro]
- 1922b Apontamentos sobre a flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **1**: 124-136. [Datado pelo autor de Agosto de 1922]
- 1923a Novos materiais para a liquenologia portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **2**: 161-179. [Datado pelo autor de Março de 1924]
- 1923b *Carlosia*, Samp. Novo género de líquenes. Nota apresentada ao Congresso de Salamanca. [Datado pelo autor de Junho de 1923]
- 1923c As origens do fado. *A Aguia*, 3.<sup>a</sup> série **2**(9-10): 131-133. [Datado pelo autor de 11 de Maio de 1923]
- 1923d A flora de Ponte de Lima. In MAGALHÃES, ANTONIO DE (director). *Almanaque de Ponte de Lima*, 5.<sup>o</sup> ano. Pp. 256-265. Tipografia Guimarães, Ponte de Lima.
- 1924 Revisão das “Ulicíneas” portuguesas. *Broteria, série Botânica*, **21**(3): 142-168. [Publicada em Dezembro de 1924]
- 1929 Cantos populares do Minho. Braga, 1 pp.
- 1931a Apontamentos sôbre alguns géneros de plantas. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **17**(1): 43-51.
- 1931b Adições e correcções á Flora Portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **7**: 111-168. [Datado pelo autor de Julho de 1931]
- 1931c Cantos populares minhotos a Nossa Senhora. In BARREIROS, MANUEL DE AGUIAR. “*Nossa Senhora nas suas imagens e no seu culto na Arquidiocese de Braga*”. Of. Graf. da «Pax», Braga, 24 pp.
- 1933 Côro das maçadeiras. In “*Homenagem a Martins Sarmiento*”. Pp. 355-359. Sociedade Martins Sarmiento, Guimarães.
- 1934a Flora vascular de Caldelas. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **19**(2): 65-96, **19**(3): 177-182. [Datado pelo autor de 1933]
- 1934b Subsídios para a história dos músicos portugueses. *Boletim da Biblioteca Pública e do Arquivo Distrital de Braga*, 49 pp. [Datado pelo autor de Outubro de 1932]
- 1935a Novas adições e correcções á flora portuguesa. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **10**: 216-248. [Datado pelo autor de 1932]
- 1935b *Programas descritivos de Botânica geral*. 3.<sup>a</sup> edição. Universidade do Porto, Faculdade de Ciências. Tip. da Empresa Guedes, Porto, 70 pp.
- 1936a Flora vascular de Trancoso. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **20**(3): 129-154, **20**(4): 209-223. [Datado pelo autor de 1934]
- 1936b *Iberis* de Portugal. *Boletim da Sociedade Broteriana*, série II, **11**: 17-26.
- 1937 Breves notas sobre algumas plantas. *Anais da Faculdade de Ciências do Porto*, **22**(1): 42-52. [Datado pelo autor de Junho de 1936]

- 1940 *Cancioneiro minhoto*. Costa Carregal, Porto, 213 pp.
- 1946 *Flora portuguesa*. Dirigida por A. Pires de Lima. Imprensa Portuguesa, Porto, 792 pp. [obra póstuma]
- 1949 *Iconografia selecta da flora portuguesa*. Instituto para a Alta Cultura, Lisboa. [obra póstuma]
- 1970 *Miscelânea dos trabalhos sobre líquenes*. Publicações do Instituto de Botânica «Dr. Gonçalo Sampaio» da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, 3.<sup>a</sup> série, n.º 20, Porto. [obra póstuma]

SAMPAIO, G. & CRESPI, L.

- 1927 Líquenes de la Província de Pontevedra. *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, **27**: 136-151.

SAMPAIO, J.

- 1946 Subsídios para a História da Botânica em Portugal. I. O colector Isaac Newton e o estudo das criptogâmicas celulares portuguesas. *Broteria, série de Ciências Naturais*, **15**(1-2): 145-189.
- 1947 Subsídios para a História da Botânica em Portugal. I. O colector Isaac Newton e o estudo das criptogâmicas celulares portuguesas (continuação). *Broteria, série de Ciências Naturais*, **16**(1-2): 20-52.
- 1948 Subsídios para a História da Botânica em Portugal. II. O Dr. Romualdo Fragoso e o Dr. Gonçalo Sampaio e a Micologia portuguesa. *Broteria, série de Ciências Naturais*, **17**: 115-132.
- 1949 Subsídios para a História da Botânica em Portugal. II. O Dr. Romualdo Fragoso e o Dr. Gonçalo Sampaio e a Micologia portuguesa (continuação). *Broteria, série de Ciências Naturais*, **18**: 85-92.

SÁNCHEZ DEL RÍO, CARLOS

- 2003 *Real Academia de Ciencias Exactas, Físicas y Naturales. Relación de académicos desde el año 1847 hasta el 2003*. Madrid, 169 pp.

SANTOS, C.

- 1996 *Universidade do Porto. Raízes e memória da instituição*. Reitoria da Universidade do Porto, Porto, 447 pp.

SERRÃO, JOAQUIM VERÍSSIMO

- 1990 *História de Portugal. Volume X. A queda da monarquia (1890-1910)*. Editorial Verbo, 2.<sup>a</sup> edição revista, 543 pp.

SILVA, H. M.

- 2006 *Monarquia do Norte. Batalhas da História de Portugal*. Volume 19. Quidnovi, Matosinhos, 124 pp.

SMITH, ANNIE LORRAIN

- 1921 *Lichens*. Cambridge University Press, Cambridge.

STRATTON, ELIZABETH

- 1999 Art and illustration in the natural history sciences. *Endeavour*, **23**(3): 95-97.

## TAVARES, CARLOS DAS NEVES

- 1958 *Código Internacional de Nomenclatura Botânica. Tradução, introdução e notas.* Coimbra Editora, 54 pp.
- 1965 In Memorium. Dr. A. H. Magnusson (1/III/1885 – 14/VII/1965). *Revista da Faculdade de Ciências de Lisboa*, 2.<sup>a</sup> série, C, **13**(2): 282-288.
- 1969 Vida e obra do Prof. D. António Xavier Pereira Coutinho (11.VI.1851- 27.III.1939). *Boletim da Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais*, **12**(2): 17-43.

## TAVARES, J. S.

- 1915 José Veríssimo de Almeida. *Broteria, serie Botanica*, **13**: 57-60.
- 1921 O Congresso Científico do Pôrto (26-VI a 1-VII-1921). *Broteria, serie de Vulgarização Científica*, **19**: 226-235.
- 1922 José de Ascensão Guimarães. *Broteria, serie Botanica*, **20**: 130-146.
- 1924 O Herbário do Collégio de S. Fiel. *Broteria, serie Botanica*, **21**: 82-87.

## TOURNEFORT, T.

- 1719 *Institutiones rei herbariae.* Editio Tertia, Appendicibus aucta ab Antonio de Jussieu. Parisiis, é Typographia Regia.
- 1797 *Éléments de botanique ou méthode pour connoitre les plantes. Tome premier.* Édition augmentée [...] par N. Jolyclerc. Lyon, chez Pierre Bernuset et Comp.<sup>e</sup>.

## UNAMUNO, L. M.

- 1928 D. Romualdo González Fragoso (1862-1928). Noticia cronologica. *Conferencias y Reseñas Cientificas de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, **3**(3-4): 101.

## VASCONCELOS, AUGUSTO

- 1915 Dicionário das plantas de Portugal: (espontâneas e subespontâneas) que teem nome popular. Tipografia do Pôrto Gráfico, Porto, 91 pp.

## VIGIER, JOAN

- 1718 *Historia das plantas da Europa, e das mais usadas que vem de Ásia, de Affrica, & da América.* Em Lion, na Officina de Anisson, Posuel & Rigaud.

## VOTO

- 1922 Da Subsecção de Ciências Biológicas. Congresso Luso-Espânico do Pôrto, sessão de 1 de Julho de 1921. Tip. da «Enciclopédia Portuguesa», Porto, 4 pp.

## WALTER, JAIME

- 1964 Introdução à versão portuguesa do «Tractado delas drogas, y medicinas de las indias Orientales» de Cristóvão da Costa. Edição comemorativa do quarto centenário da publicação dos Colóquios dos Simples. Junta de Investigações do Ultramar.

## WALTER, JAIME &amp; ALVES, MANUEL

- 1964 Introdução à versão portuguesa do «Aromatorum simplicium aliquot medicamentorum apud Indos nascentium historia» de Carlos Clúcio. Junta de Investigações do Ultramar.

## 11. Catálogos de exsiccatas

«Doubletten Verzeichnis des Berliner Botanischen Tauschvereins» da firma Otto Leonhardt, para os anos de 1906/1907 e 1912/1913. Os catálogos estão extensivamente marcados por G. Sampaio.

## Índice remissivo

## A

- A Aguiã, 48  
 A. A. da Costa Ferreira, 111, 116  
 A. A. F. Benevides, 60  
 A. Acloque, 60  
 A. Bensaude, 110, 188  
 A. C. Oliveira Pinto, 113  
 A. Cardoso Pereira, 111  
 A. H. Magnusson, 206, 208, 220, 221, 222, 223, 226  
 A. J. de Souza Júnior, 115  
 A. Le Cocq, 112  
 A. Luisier, 112, 123, 124, 125, 141, 187  
 A. Machado, 120, 126  
 A. Nobre, 113, 205  
 A. P. De Candolle, 60, 61, 64, 90, 91, 181  
 A. Pires de Lima, 57, 138, 147, 148  
 A. Ricardo Jorge, 26, 28, 43, 46, 148, 206, 209, 229  
 A. Rozeira, 148  
 A. Thellung, 187  
 A. X. Pereira Coutinho, 94, 112, 115, 117, 120, 121, 122, 127, 128, 140, 162, 166, 187, 196, 209  
 A.-L. Jussieu, 85, 86  
 Aarão de Lacerda, 45  
 Academia das Ciências de Lisboa, 30, 60, 64, 76, 87, 106, 109, 113, 114, 115, 188  
 Academia Politécnica, 124, 146, 149, 196, 201  
 Academia Politécnica do Porto, 29, 108, 113, 149  
 Academia Polytechnica do Porto, 34, 41, 120, 160  
 Academia Portuguesa de História, 46, 188  
 Academia Real da Marinha e Comércio, 80  
*Acarospora*, 43  
*Acarospora Alberti* Samp., 212, 217, 237  
*Acarospora duriana* B. de Lesd. & Samp., 241  
*Acarospora flavorubens* Bagl. & Car. var. *angulosa* Samp., 237  
*Acarospora granatensis* Samp., 237  
*Acarospora Lesdainii* Harm. Ex A. L. Sm. var. *alberti* Samp., 237  
*Acarospora Lesdainii* Samp., 237  
*Acarospora Magnussoni* Samp., 228, 237  
*Acarospora varzinensis* Samp., 237  
*Acarospora Zahlbruckneri* Samp., 43, 221, 224, 237  
 Acharius, 208, 222  
 Af. De Candolle, 61, 181, 182, 184, 190  
 Affonso Vieira d' Andrade, 19  
 Afonso Valentim, 52, 53, 54  
 Alberto de Aguiar, 109  
 Alberto Pimentel, 49  
 Aldrovandi, 68  
*Alectoria dichotoma* (Hoffm.) Samp., 237  
*Alectoria dichotoma* (Hoffm.) Samp. var. *variegata* Samp., 228, 237  
*Alsine maritima* Samp. raç. *atheniensis* (Samp.) Samp., 234  
*Alsine purpurea* Heynh. var. *crassipes* (Samp.) Samp., 234  
*Alsine purpurea* Heynh. var. *indurata* (Samp.) Samp., 234  
*Alsine rupicola* Heynh. var. *australis* (Samp.) Samp., 234  
 Álvaro Basto, 26  
 Amandio Gonçalves, 146, 149, 201  
 Amato Lusitano, 66, 92, 93, 112, 233  
 Amici, 89  
*Amphiloma lobulatum* (Oliv.) Samp., 237  
 Annibal Bettencourt, 110  
*Anthericum liliago* var. *transmontanum* (Samp.) Samp., 234  
*Anthericum lusitanicum* (Samp.) Samp., 234  
 Anthero F. de Seabra, 106, 114, 116, 118, 119, 120, 121, 188  
 Anthylis, 98  
 António Domingues Correia, 57  
 Antonio Mantas, 187  
 António Soeiro, 25  
*Arenaria conimbricensis* Brot. raç. *littorea* Samp., 137, 234  
 Argoselo, 125, 127  
 Aristóteles, 65, 71, 74  
*Armeria Willkommii* J. Henriq. var. *odorata* Samp., 236  
 Arnaldo de Villanova, 67  
 Arnoldus de Bruxella, 67  
*Arthonia algarbica* Samp., 237  
*Arthopyrenia cinereopruinosa* Koerb. var. *olivetorum* Samp., 237  
 Ascherson, 182, 183, 187  
 Asociación Española para el Progreso de las Ciências, 29  
*Aspicilia transmontana* Samp., 237  
 Athias, 105, 106, 109, 110  
 Aubriet, 78, 79  
 Aurélio Quintanilha, 118, 131, 229  
 Avernois, 67  
 Avicena, 67  
 Ayres Kopke, 112

## B

- B. A. Gomes, 61  
 B. Merino, 153  
 Bachmann, 77  
*Bacidia cuprea* (Mass.) Samp., 237  
*Bacidia mesoidea* (Nyl.) Samp., 237  
*Bacidia sulphurella* Samp., 237  
 barba-de-bode, 101  
 Barbaro, 66  
 Barcelona, 171, 187  
 barrilheiras, 98  
 Belarmino Osório, 26

Belleval, 68  
 Bello de Morais, 109  
 Bernardo de Jussieu, 60, 63, 85  
 Bertino Daciano R. S. Guimarães, 45  
 Bethencourt Ferreira, 106, 110  
 Biblioteca Pública Municipal do Porto, 59, 63, 79, 81, 82, 139  
*Blastenia subarenaria* Samp., 237  
 Boerhaave, 82, 84, 189  
 Boissier, 60, 88, 176, 190  
 Boistel, 61, 208, 219  
 Boletim da Sociedade Broteriana, 117, 118, 123  
 Bolívar, 52, 172, 176, 177, 190, 229, 230  
 Bouly de Lesdain, 187, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 228, 233, 241  
*Brassica Johnstoni* Samp., 150, 234  
 Broteria, 43, 112, 114, 118, 123, 124, 125, 171  
 Brotero, 55, 61, 63, 64, 88, 94, 97, 100, 101, 136, 149, 157, 167, 168, 174, 186, 190  
 Broussonet, 90  
 Brunfels, 69  
*Buellia Duartei* Samp., 214, 224, 237  
*Buellia indissimilis* (Nyl.) Samp., 237  
*Buellia Jorgei* Samp., 237  
*Buellia myriocarpa* Mudd. var. *lusitanica* Samp., 237  
*Buellia pseudosaxatilis* Samp., 237  
*Buellia subcinerascens* (Nyl.) Samp., 237  
*Bunium flexuosum* raç. *Marizianum* (Samp.) Samp., 234

## C

C. Acqua, 60  
 C. Allioni, 60  
 C. Azevedo de Menezes, 109, 188  
 C. França, 105, 106, 111  
 C. L. Pereira, 125, 126  
 C. M. F. da S. Beirão, 61  
 C. Pau, 152, 153, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 187  
 C. Torrend, 115  
 C. Zimmermann, 115, 124  
 Caballero, 171  
*Calicium brunneolum* Ach. var. *stemonoides* Samp., 237  
*Caloplaca herminica* Samp., 237  
*Caloplaca Lallavei* (Clem.) Samp., 237  
*Caloplaca Lesdaini* Samp., 211, 237  
*Caloplaca peregrina* Samp., 237  
 Cancioneiro Minhoto, 57, 145  
 Candido Mendes, 113, 118  
 Cantos populares do Minho, 45, 55  
 Cantos populares minhotos a Nossa Senhora, 45, 56  
*Carex algarbiensis* Samp., 234  
*Carex Broteriana* Samp., 138, 234  
*Carex intacta* Samp., 137  
*Carlosia lusitanica* Samp., 237  
*Carlosia* Samp., 49, 206, 237

Casimiro De Candolle, 181  
 Catálogo analítico dos líquenes portugueses, 229  
 Catalogus lichenum universalis, 42, 43, 226, 240  
*Catillaria melastigma* Samp., 237  
 Cavanilles, 63, 88, 167, 190  
 cecídias, 114  
 Celestino da Costa, 106, 109, 110, 111, 121  
 Celestino Lobo, 48  
 Celestino Maia, 199  
 Centurias Medicas, 92  
 Cesalpino, 68, 73, 74  
*Cetraria chlorophylla* Samp., 237

## Ch

Ch. Chamberlain, 61  
*Chiodecton Fragosoi* Samp., 228, 237  
 Chodat, 38, 61, 152, 187  
 chupa mel, 102

## C

cipó do reino, 103  
 Circa instans, 67  
*Cladonia foliacea* Willd. raç. *convoluta* Samp., 237  
*Cladonia subturgida* Samp., 238  
*Cladonia verticillata* Hoff. raç. *cervicornis* Samp., 238  
 Clúcio, 66, 68, 70, 72, 73, 74, 83  
 Clusius, 40, 61, 69, 72, 73, 74, 84, 98, 167, 193  
 Códex Aniciae Julianae, 66, 74  
 Códex de Munique, 66  
 Códex Neapolitanus, 66  
 Códex Vindobonensis, 66  
 Código Americano de Nomenclatura Botânica de 1907, 184  
 Código de Paris de 1867, 181  
 Código de Rochester de 1892, 182, 184  
 Código de Viena de 1905, 184, 185, 186  
 Colégio de Campolide, 112, 114, 118, 123, 124  
 Colégio de S. Fiel, 113, 114, 123, 124  
 Colégio de Setúbal, 114, 124  
 Colegio del Pasaje, 112, 113, 124, 125, 190  
 Colégio Nuno Álvares, 112, 113, 114, 124  
*Collema anemoides* Samp., 238  
*Collema Harmandii* Samp., 238  
*Collemopsidium stenosporum* Samp., 238  
 Colmeiro, 70, 93, 167, 174  
 Colóquios dos Simples, 63, 64, 70  
 Columna, 63, 69, 74  
 Comentários a Dioscorides, 92  
 Compendio de Botanica, 60, 61, 88, 130  
 Conceição Velloso, 62  
 Conde de Ficalho, 91, 117  
 Congresso de Botânica de Bruxelas de 1910, 35, 39  
 Congresso de Botânica de Génova de 1892, 182  
 Congresso de Botânica de Londres de 1866, 181  
 Congresso de Botânica de Paris de 1867, 181  
 Congresso de Botânica de Paris de 1900, 183

Congresso de Botânica de Viena de 1905, 182, 184  
 Congresso de Salamanca, 49  
 Congresso de Sevilha, 161  
 Congresso do Porto, 126, 161, 171, 172, 191, 194  
*Coniocybe brunneola* (Ach.) Samp., 238  
*Coniocybe chrysicephala* (Fr. fil.) Samp., 238  
*Conopodium Marizianum* Samp., 117, 234  
 corais do Minho, 45, 47, 48, 49  
 Cordus, 69, 71  
 Côro das maçadeiras, 45, 56  
 Correia da Serra, 87  
*Corydalis claviculata* DC var. *picta* Samp., 234  
 Crantz, 63, 64, 84  
 Cristóbal Acosta, 63  
 Cristóvão da Costa, 63, 72  
*Cynoglossum clandestinum* Desf. var. *fallax* Samp., 234  
*Cyphelium Zahlbruckneri* Samp., 228, 238

## D

Dalechamps, 61  
 Dalla Torre, 172  
 Darwin, 7, 90  
*Daucus breviaculeatus* Calestani var. *rubescens* Samp., 234  
 De Historia Mundi, 66  
 De Materia Medica, 66, 67, 71, 92  
 De Vries, 90  
 De Wildeman, 187  
 Decaisne, 90, 190  
 Decreto de 15 de Maio de 1911, 203  
 Desfontaines, 63, 88, 167, 170  
*Dianthus graniticus* var. *Marizi* Samp., 234  
*Dianthus Marizi* (Samp.) Samp., 234  
 Diario Nacional, 15, 19  
*Digitalis Amandiana* Samp., 234  
 Dillen, 82  
 Dillenio, 82  
 Dillenius, 59, 82, 189, 193  
 Dinis Neves, 136  
 Dioscorides, 63, 65, 66, 67, 69, 70, 71, 72, 74, 76, 81, 92, 93, 95, 98, 189  
*Diphrotora subdisparata* (Nyl.) Samp., 211, 238  
*Diphrotora vulturiensis* Samp., 238  
*Diploschistes cinereocaesius* Samp., 238  
*Diploschistes cinereocaesius* Samp. var. *violarius* Samp., 238  
 Dodaneo, 72, 73  
 Dodoens, 61, 72, 73, 74  
 Dodonaeus, 69, 73, 74, 84  
 Duque de Lafões, 87

## E

E. P. Canto e Castro, 111  
*Echium Broteri* Samp., 234  
*Echium gaditanum* Bois. form. *campestre* (Samp.) Samp., 234

*Echium rosulatum* Lge. var. *campestre* Samp., 234  
 Edwin Johnston, 150  
 Ehrenberg, 89  
 Ehret, 83  
 Endlicher, 64  
 Engler, 43, 85, 176, 182, 183, 187, 207, 225, 227  
*Epilobium aganallidifolium* Lam. var. *diffusum* Samp., 235  
*Epilobium alpinum* Lin. var. *diffusum* (Samp.) Samp., 235  
 Epitome da Flora Portuguesa, 146  
 Ernesto João Schmitz, 115  
*Erodium sublyratum* Samp., 235  
 Escola de Salerno, 67  
 Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, 60, 62, 93, 109, 110, 114, 188  
 Escola Médico-Cirúrgica do Porto, 13, 63, 93, 109, 112, 115, 147, 149, 187  
 Escola Politécnica, 91, 111, 117, 120, 122  
 espargos, 100  
 esparto, 95, 96  
 espécies broterianas, 174  
 espinheiro, 101  
*Euphrasia Mendonçae* Samp., 235  
*Evax lusitanica* Samp., 235  
 exsicata, 28, 149, 150, 237  
 exsiccata, 183, 185

## F

F. A. Chaves, 111  
 F. Mattoso Santos, 105, 106, 112  
 F. Möller, 113  
 F. Newton, 113  
 F. X. Silva Telles, 114  
 Faculdade de Ciência de Lisboa, 110  
 Faculdade de Ciências de Lisboa, 28, 109, 112, 114, 115, 117, 128, 131, 220  
 Faculdade de Ciências do Porto, 4, 22, 29, 60, 72, 73, 74, 76, 77, 78, 81, 108, 110, 113, 121, 126, 147, 148, 153, 199, 204, 229, 231, 233  
 Faculdade de Medicina de Lisboa, 109, 110, 111, 112  
 Faculdade de Medicina do Porto, 109, 112, 115  
 fado, 45, 47, 48, 49, 232  
 Fernando Sampaio, 166, 169  
 Ferreira da Silva, 20, 108, 191  
 Flahault, 184  
 Flora Duriense, 138  
 Flora francesa, 88, 90  
 Flora Ibérica, 171, 173, 177, 233  
 Flora lusitanica, 61, 88, 94, 117, 123, 124  
 Flora lusitanica exsiccata, 117, 123  
 Flora Portuguesa, 138, 147  
 Flore Portugaise, 91  
 Folha Democrática, 7, 11  
 Font Quer, 172, 177, 230  
 Fr. Sennen, 27, 187

*Frankenian*, 99  
 Franquismo, 5, 12, 13, 15  
 Fries, 208  
 Fuchs, 63, 69, 70, 73

## G

G. Arcangeli, 60, 158  
 G. Bonnier, 61  
 Gaertner, 63, 86  
*Gagea nova* Samp., 127, 178, 235  
*Gagea pratensis* raç. *nova* (Samp.) Samp., 178, 235  
 Galeno, 66, 67, 70, 75, 93  
 Garcia de Horta, 63, 64, 70, 72  
 Gärtner, 63  
 Gaspar Bauhino, 60, 74, 98  
 Gaza, 65  
 Genera plantarum, 59, 64, 82, 85, 88, 96, 98, 99, 182, 184, 186  
 Genera plantarum secundum ordines naturales disposita, 64, 85, 88  
 Gesner, 71, 72, 77, 192  
 Gessner, 61, 71  
 Ghini, 68  
*Girardia cantabrica* Samp., 238  
 Gleditsch, 64  
 Gomes Teixeira, 29, 30, 31, 41, 42, 138, 191  
 grã dos tintureiros, 96  
*Gratiola meonantha* Samp., 235  
*Gratiola officinalis* Lin. var. *meonantha* (Samp.) Samp., 235  
 Grew, 75, 86  
 Grisley, 76  
*Gyalecta decipiens* Samp., 238  
*Gyalecta deminuta* Samp., 238  
*Gyalecta limica* Samp., 238  
*Gyrophora torrefacta* Samp., 238

## H

H. Coste, 187  
 H. Mastbaum, 112  
 H. Olivier, 208, 209, 219, 220, 223  
 Hales, 80  
 Harmand, 207, 208, 212, 215  
 Herbário da Universidade de Coimbra, 122, 138  
 herbários, 68, 122, 124, 153, 163, 169, 176, 178  
 Herbarium Apulei, 66, 67  
 herbolários, 67, 69  
 Hintze Ribeiro, 12  
*Hirci barbula*, 101  
 Hofmeister, 90  
*Hypogymnia tubulosa* Samp., 238

## I

Iconografia Selecta, 147, 148  
 Ildefonso Borges, 110

incunábulo, 67  
 Ingen-Housz, 86, 87  
 Insalde, 125  
 Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, 109, 110, 111, 114  
 Instituto de Agronomia e Veterinária, 110, 113, 114, 115, 117  
 Instituto de Botânica Dr. Gonçalo Sampaio, 232  
 Instituto de Investigações Botânicas, 203  
 Instituto Geral de Agricultura, 109, 117  
 Instituto para a Alta Cultura, 52, 111, 117, 148  
 Instituto Superior de Agronomia, 113, 115  
 invenção da tipografia, 67  
 Isaac Newton, 149, 207

## J

J. A. Guimarães, 112  
 J. A. P. Azevedo Neves, 109  
 J. Antunes Pinto, 109  
 J. Briquet, 183, 184  
 J. Casimiro Barbosa, 60, 149  
 J. Daveau, 122, 187  
 J. G. Gmelin, 61  
 J. Henriques, 27, 94, 96, 112, 117, 118, 119, 122, 125, 126, 127, 183, 196, 207  
 J. J. de Figueiredo, 64  
 J. Lange, 122, 152  
 J. M. de Almeida Lima, 109  
 J. M. Miranda Lopes, 125, 127, 129, 131, 134  
 J. M. Queiroz Veloso, 187  
 J. Mariz, 117, 122  
 J. Miranda do Valle, 113  
 J. P. Rasteiro, 113  
 J. Pontederæ, 62  
 J. S. Tavares, 26, 106, 114, 123, 124, 125  
 J. V. Paula Nogueira, 113  
 J. Verissimo d'Almeida, 115, 120, 188  
 Jacintho P. Gomes, 112  
 Jardim Botânico da Ajuda, 68, 87, 88, 91  
 Jardim Botânico de Berlim, 64, 85, 91, 176  
 Jardim Botânico de Bolonha, 68  
 Jardim Botânico de Chelsea, 83  
 Jardim Botânico de Coimbra, 53, 68, 87, 88, 113, 117  
 Jardim Botânico de Florença, 81  
 Jardim Botânico de Genebra, 90  
 Jardim Botânico de Gotinga, 84  
 Jardim Botânico de Heidelberg, 68  
 Jardim Botânico de Leida, 68, 189  
 Jardim Botânico de Lisboa, 117, 122  
 Jardim Botânico de Montpellier, 62, 68  
 Jardim Botânico de Pádua, 68  
 Jardim Botânico de Pisa, 68, 73  
 Jardim Botânico de Turim, 60  
 Jardim Botânico de Viena, 64, 72, 73  
 Jardim Botânico de Zurique, 71  
 Jardim Botânico e Experimental, 149

Jardim do Rei, 62, 63, 76, 78, 84, 85  
 jardins botânicos, 68  
 Jatta, 206, 208, 218  
 João Bauhino, 75  
 João Franco, 12, 13, 14, 15, 17  
 João Loureiro, 87  
 João Sampaio, 22, 25  
 João Saraiva, 13, 14  
 João Vigier, 80  
 Joaquim Sampaio, 22, 138  
 Joaquim Tavares, 149  
 Jornal de Notícias, 47  
 José de Magalhães, 188  
 Julia Sampaio, 42  
*Juncus obtusiflorus* Ehrh. var. *farctus* Samp., 235  
*Juncus subnodulosus* Schrk. var. *farctus* (Samp.) Samp., 235  
 Junta para Ampliación de Estudios e Investigaciones Científicas, 172, 229, 230

## K

Kali, 98  
 Koerber, 208  
*Koerberia lusitanica* Samp., 238  
 Körber, 208

## L

L. Crespí, 51, 229  
 L. J. Chenon, 61  
 L. W. Carrisso, 229  
 l'Obel, 71  
 labrêsto, 100  
 Lacaíta, 152, 167, 190  
 Laguna, 66, 92, 101  
 Lamarck, 84, 85, 88, 90, 190  
*Laserpitium thalictrifolium* Samp., 235  
*Lecania badiella* Samp., 238  
*Lecania citrinella* Samp., 238  
*Lecania Lesdani* (Samp.) Samp., 238  
*Lecania rimularum* Samp., 238  
*Lecania sampaiana* B. de Lesd., 212, 214, 241  
*Lecanora bracaraensis* B. de Lesd. & Samp., 241  
*Lecanora calvosina* Samp., 238  
*Lecanora Celestini* Samp., 214, 217, 224, 238  
*Lecanora circumrubens* Samp., 238  
*Lecanora citrinella* (Samp.) Samp., 238  
*Lecanora conimbricensis* (Samp.) Samp., 238  
*Lecanora conimbricensis* (Samp.) Samp. var. *tumidula* Samp., 238  
*Lecanora gerezina* Samp., 238  
*Lecanora herminica* (Samp.) Samp., 238  
*Lecanora Lesdani* (Samp.) Samp., 238  
*Lecanora Limica* B. de Lesd. & Samp., 241  
*Lecanora lisbonensis* Samp., 238  
*Lecanora pachycarpa* Samp., 238  
*Lecanora peregrina* (Samp.) Samp., 238

*Lecanora piniperda* Körber var. *lusitanica* B. de Lesd. & Samp., 241  
*Lecanora pruinella* (Bagl.) Samp. var. *cintrana* Samp., 238  
*Lecanora rustica* Samp., 238  
*Lecanora subarenaria* (Samp.) Samp., 238  
*Lecanora tristis* Samp., 238  
*Lecidea acicularis* (Anzi) Samp., 238  
*Lecidea athallina* (Hellb.) Samp., 238  
*Lecidea atrogrisea* (Hepp.) Samp., 238  
*Lecidea Chodatii* Samp., 238  
*Lecidea flavigrana* Samp., 238  
*Lecidea limica* (Samp.) Samp., 238  
*Lecidea Machadoi* Samp., 228, 238  
*Lecidea macrocarpoides* Samp., 238  
*Lecidea moriformis* (Th. Fr.) Samp., 238  
*Lecidea nigrescens* (Anzi) Samp., 238  
*Lecidea populicoa* Samp., 239  
*Lecidea pseudosaxatilis* (Samp.) Samp., 239  
*Lecidea rigata* Samp., 239  
*Leciographa Fragosoi* Samp., 239  
*Leciographa parellaria* (Nyl.) Samp., 239  
*Leiophloea biformis* (Oliv.) Samp., 239  
*Leiophloea sphaeroides* (Wallr.) Samp., 239  
 leituga, 100, 101  
*Lemmopsis affinis* Samp., 239  
 Leonardo Coimbra, 48  
 Leonhardt em Nossen, 150  
*Lepraria candelaris* (Schaer.) Samp., 239  
*Leptorhaphis epidermis* (Ach.) Th Fr. var. *olivetorum* Samp., 239  
*Leptorhaphis pinicola* Samp., 239  
 Lesczyc-Suminski, 90  
 Liceu Camões, 115, 120  
 Lichenes de Portugal, 28, 206, 237  
 Lichenes rariores exsiccati, 42, 206, 225  
*Linaria Munbyana* var. *pygmaea* Samp., 235  
*Linaria pygmaea* (Samp.) Samp., 235  
*Linaria sparteae* (Lin.) Hoff. et Link var. *expensa* Samp., 235  
 Lineu, 59, 62, 73, 74, 77, 79, 82, 83, 84, 85, 96, 98, 99, 181, 183, 184, 186, 189, 190, 192, 193, 195, 202, 208  
 Link, 55, 64, 88, 91, 95, 136, 137, 149, 157, 174, 186, 190  
 Linnaeus, 82, 83  
 Lista das espécies, 59, 81, 82, 103, 140, 181, 184, 186, 187, 188, 189, 191  
*Lithospermum lusitanicum* Samp., 235  
 Livia Sampaio, 22, 30, 31  
*Lobaria mollissima* Samp., 239  
 Lobélio, 70, 71, 72, 83  
 Lobelius, 74, 193  
*Loeflingia Tavaresiana* Samp., 235  
 Longinos Navás, 118, 152  
*Lopadium athalloides* (Nyl.) Samp., 239  
*Lopadium Newtonii* Samp., 239

## M

M. A. Reis Martins, 114  
 M. Adanson, 60  
 M. de Souza da Camara, 115  
 M. Rebimbas, 113  
 Macer Floridus, 67  
 Madrid, 51, 171, 172, 229  
 Magnol, 62, 78, 84  
*Malcomia gracilima* Samp., 236  
 Malpighi, 75  
 Manoel Amandio Gonçalves, 41, 196, 201  
 Manual da Flora Portuguesa, 4, 130, 138, 140, 141, 142, 143, 147, 160, 165  
 Marquês de Condorcet, 85, 86  
 mâtapulga, 97  
 Mathiolo, 101, 102  
 Mathiólo, 95, 98, 102  
 Matthaeus Sylvaticus, 67  
 Matthioli, 67  
 Matthiolo, 70, 81, 102  
 Matthiolus, 74, 81  
 Maximiano de Lemos, 92, 93, 112  
 Mendel, 90  
 Meyer, 69  
 Micheli, 59, 81, 99, 189  
*Microglæna Cordeiri* (Harm.) Samp., 239  
*Microglæna sampaiana* B. de Lesd., 241  
 Miguel Bombarda, 106, 109, 110  
 milho maís, 99  
 milho miúdo, 99  
*Millegrana Radiola* Druce var. *emarginata* (Samp.) Samp., 235  
 Miller, 83, 84, 177, 193  
 mini-Código de Nomenclatura Botânica, 194  
 Mirbel, 89  
 Monardes, 64  
 Monarquia do Norte, 20, 21, 25, 28  
 Monte Cassino, 66, 67  
*Montia lusitanica* Samp., 235  
 Moreira de Sá, 46, 47, 50, 53  
 Morison, 62, 76, 84  
 Museu de História Natural de Paris, 60, 62, 122  
 Museu Nacional de Ciências Naturais de Madrid, 52, 171, 172, 174, 229  
 música popular, 45, 57  
*Myosotis globularis* Samp., 235

## N

N. Bettencourt, 110  
 Nägeli, 89  
*Narcissus junquilla* var. *Henriquesii* Samp., 137  
*Nepeta latifolia* DC var. *controversa* Samp., 235  
*Nephrodium filix-mas* C. Rich. raç. *rupestre* (Samp.) Samp., 235  
*Nephrodium rupestre* Samp., 235  
 nomenclatura botânica, 172, 184, 190, 202, 231

nomes conservados, 184, 189  
 Nylander, 149, 206, 207, 219, 222

## O

O Commercio do Porto, 20, 21, 22, 25, 31, 35, 36, 40  
 O Nacional, 15, 19  
 O Primeiro de Janeiro, 25, 45  
 O. Kuntze, 182  
 O. Leonhardt, 151, 152  
 Odemira, 137  
 Odo de Meung, 67  
 Ogier Ghislain de Busbecq, 66  
*Omphalaria granitica* Samp., 239  
 Orfeão Lusitano, 53  
 Orfeon de Braga, 48

## P

P. Choffat, 111  
*Pachyphiale carneolutea* (Oliv.) Samp., 239  
*Pachyphiale limica* Samp., 239  
 Paiva Couceiro, 21, 23  
 palmeira das vassouras, 95  
 pão e queijo, 102  
*Paradisialia lusitanica* var. *transmontana* Samp., 134, 234  
*Paradisialia lusitanicum* Samp., 234  
 Paredes de Coura, 125, 127  
*Parmelia conspersa* Ach. raç. *lusitanica* Samp., 239  
*Parmelia stygia* Ach. var. *herminica* Samp., 239  
 Partido Regenerador Liberal, 13, 15  
 pastel do reino, 96, 97  
 pastel-das-ilhas, 97  
 pastel-dos-tintureiros, 96  
*Pertusaria aspicilioides* Samp., 239  
*Pertusaria lutescens* Lamy var. *conimbricensis* Samp., 239  
*Pertusaria pseudocorallina* Samp., 239  
*Pertusaria pseudocorallina* Samp. var. *concreta* Samp., 239  
*Physcia caesia* Nyl. var. *perrugosa* Samp., 239  
*Physcia hispida* Tuck. raç. *leptalea* Samp., 239  
*Physma hispanicum* Samp., 239  
 Phytographia Lusitaniae selectior, 61, 88, 168, 175  
*Pilocarpon leucoblepharum* (Nyl.) Vain. var. *chloroticum* Samp., 213, 239  
 pilriteiro, 101  
 Pinax, 60, 68, 74, 80, 98  
 Pinto de Carvalho, 49  
 plantas carnívoras, 112  
 Platearius, 67  
 Plínio, 62, 65, 66, 67, 70, 71, 74, 76, 95, 96, 189  
*Polyblastia exigua* Samp., 239  
 Póvoa de Lanhoso, 4, 6, 7, 14, 27, 28, 45, 56, 197  
 Prantl, 176, 207, 225, 227  
 princípio da prioridade, 183, 184, 188  
 Prodromo da Flora Portuguesa, 4, 140  
 Prodromus Florae Hispanicae, 122, 123, 159

Prodromus systematis naturalis regni vegetabilis, 61, 90, 91, 181

*Psoroma murale* Samp., 239

*Psorotichia Henriquesii* Samp., 239

*Psorotichia macrospora* Samp., 239

*Pyrenopsis anemoides* Samp., 239

*Pyrenopsis calvosina* Samp., 239

## R

R. G. Fragoso, 171, 230

R. T. Palhinha, 115, 117

*Radiola multiflora* (Lam.) Gmel. var. *emarginata* Samp., 235

Raius, 77

*Ramalina portuensis* Samp., 239

Ramon y Cajal, 108

*Ranunculus*, 150

Ray, 62, 76, 77, 78, 82, 84, 192, 193

Real Academia de Ciências Exactas, Físicas e Naturais de Espanha, 167, 174

Real Academia do Porto, 80, 85

Real Batalhão Académico do Porto, 21, 22

Real Jardim Botânico de Madrid, 63, 167, 171, 173, 174

Real Sociedade Espanhola de História Natural, 51, 108, 116, 167, 171, 172, 174, 176

Renascença Portuguesa, 48

revolução de 28 de Maio de 1926, 28

*Rhizocarpon discrepans* Samp., 239

*Rhizocarpon geographicum* DC. var. *lavatum* Samp., 239

Ricardo Jorge, 26, 28, 53, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 112, 142, 143, 144, 145, 148, 186, 187, 209, 211, 226, 229

*Rinodina atrocinerella* (Nyl.) var. *macrospora* Samp., 239

*Rinodina cintrana* (Samp.) Samp., 239

*Rinodina confinis* Samp., 239

*Rinodina confragosa* (Ach.) Korb. var. *oliveri* Samp. (Olivieri), 239

*Rinodina conimbricensis* Samp., 239

*Rinodina conimbricensis* Samp. var. *tumidula* Samp., 239

*Rinodina Lesdaini* Samp., 239

rio Minho, 126

Rivínio, 77, 83

Rivinus, 59, 62, 77, 78, 79, 189, 193

Robert Brown, 89

Rocha Peixoto, 57, 114, 150

Rodrigo Abreu, 138

*Romulea bulbocodium* (Lin.) S. et Maur. var. *debilis* Samp., 236

*Romulea Clusiana* (Lge.) Nym. var. *serotina* Samp., 236

*Romulea tenela* Samp., 236

Rondelet, 61, 68, 71, 72

*Rosa rubiginosa* Lin. raç. *lusitanica* (Samp.) Samp., 235

*Rosa viscaria* Rouy raç. *lusitanica* (Samp.) Samp., 235

Roth, 84

Rouy, 38, 137, 158, 177, 187, 235

Royal Society, 75, 76, 80, 84

*Rubus beirensis* (Samp.) Samp., 235

*Rubus bifrons* Vest. var. *duriminius* Samp., 235

*Rubus brigantinus* Samp., 235

*Rubus caldasianus* Samp., 235

*Rubus castranus* (Samp.) Samp., 235

*Rubus discerptus* Mul. var. *maranensis* Samp., 235

*Rubus gerezianus* (Samp.) Samp., 235

*Rubus Henriquesii* Samp., 235

*Rubus herminicus* Samp., 235

*Rubus incurvatus* Bab. var. *minianus* (Samp.) Samp., 235

*Rubus koehleri* Veihe var. *gerezianus* Samp., 235

*Rubus maranensis* (Samp.) Samp., 235

*Rubus mercicus* Bagnall var. *castranus* Samp., 235

*Rubus minianus* Samp., 235

*Rubus Muenteri* Mars. raç. *minianus* (Samp.) Samp., 235

*Rubus nitidus* W. et N. var. *lusitanicus* Samp., 235

*Rubus obtusangulus* Greml. raç. *beirensis* (Samp.) Samp., 235

*Rubus obtusangulus* Greml. raç. *Caldasianus* (Samp.) Samp., 235

*Rubus peculiaris* Samp., 236

*Rubus peratticus* Samp., 235

*Rubus portuensis* Samp., 235

*Rubus subincertus* Samp., 236

*Rubus thyrsoides* Wim. raç. *peculiaris* (Samp.) Samp., 236

*Rubus vagabundus* Samp., 236

Rupp, 59, 189

## S

saganhos, 97

Saint-Hillaire, 64

Salamanca, 112, 114

*Salicornia*, 97, 98

*Salsola*, 97, 98

saramago, 100

Saussure, 87

*Saxifraga granulata* Lin. var. *Lopesiana* (Samp.) Samp., 236

*Saxifraga granulata* var. *Lopesiana* (Samp.) Samp., 130

*Saxifraga Lopesiana* Samp., 127, 130, 236

*Schismatomma graphidioides* Samp., 239

*Schistomma diplotommoides* (Bagl.) Samp., 239

Schleiden, 89

Schmidel, 62

Schwann, 89

Schwendener, 90, 207

Senebier, 64, 86, 87

*Senecio gallicus* Chaix var. *maritimus* Samp., 236

Serapio, 67

*Seseli granatense* Willk. var. *Peixoteanum* (Samp.) Samp., 236

*Seseli Peixoteanum* Samp., 236

*Silene Boryi* Bois. var. *duriensis* Samp., 236

*Silene duriensis* (Samp.) Samp., 236

Sociedade Broteriana, 91, 94, 106, 112, 117, 118, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 134, 140, 162, 171, 183  
 Sociedade Farmacêutica Lusitana, 62  
 Sociedade Portuguesa de Ciências Naturais, 105, 106, 107, 108, 118, 121  
*Solenopsora subdisparata* (Nyl.) Samp., 239  
*Solenospora holophaea* (Mont.) Samp., 239  
*Solenospora olivacea* (Fr.) Samp. var. *spadicea* Samp., 239  
*Species plantarum*, 183, 184  
*Spergularia*, 137  
*Spergularia atheniensis* (Heldr. et Sart) Aschers var. *salinaria* Samp., 234  
*Spergularia colorata* Samp., 137  
*Spergularia modesta* Samp., 137  
*Spergularia purpurea* (Pers.) Don. var. *crassipes* Samp., 234  
*Spergularia purpurea* (Pers.) Don. var. *indurata* Samp., 234  
*Spergularia rupicola* Leb. var. *australis* Samp., 234  
 Sprengel, 62, 88, 134  
*Statice humilis* Link var. *odorata* (Samp.) Samp., 236  
 Subsídios para a história dos músicos portugueses, 45, 56, 57

## T

tasna, 103  
 táxones broterianos, 136, 174  
 Teofrasto, 65, 66, 70, 72  
*Teucrium Haenseleri* Bois. var. *Luisieri* Samp., 236  
*Teucrium Luisieri* Samp., 236  
 Th. Johnson, 62  
 Thuret, 90  
*Thymus coespititius* Brot. var. *macranthus* Samp., 236  
 Tirol, 112  
*Toninia abilabra* (Duf. ex Fr.) Samp., 240  
*Toninia lurida* (Bagl.) Samp., 240  
*Toninia sabulosa* (Massal.) Samp., 240  
 Torrão, 136, 137  
 Tournefort, 59, 62, 64, 65, 66, 67, 69, 71, 73, 74, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 84, 96, 98, 99, 140, 189, 192, 193, 195, 202  
 tremoço de cão, 103  
*Trichonema bulbocodium* Gaw. for. *debilis* (Samp.) Samp., 236  
*Trichonema Clusianum* Lge. var. *serotina* (Samp.) Samp., 236  
*Trichonema tenellum* (Samp.) Samp., 236  
*Trigonella Amandina* Samp., 236  
*Trigonella polycerata* Lin. var. *amandiana* (Samp.) Samp., 236

Tude de Sousa, 188

## U

*Umbilicaria deusta* (Ach.) Samp., 240  
 Unger, 89  
 Universidade de Coimbra, 60, 87, 122, 123  
 Universidade do Porto, 60

## V

Vaillant, 59, 62, 189  
 van Hoffmannsegg, 55, 91, 137, 174, 186, 190  
 van Leeuwenhoek, 75  
 Vandelli, 64, 87, 88  
 Vaucher, 89  
*Veronica arvensis* Lin. raç. *demissa* (Samp.) Samp., 236  
*Veronica Carquejeana* Samp., 236  
*Veronica demissa* Samp., 236  
*Veronica officinalis* Lin. raç. *Carquejiana* (Samp.) Samp., 236  
*Verrucaria Carrisoi* Samp., 240  
*Verrucaria fallaciosa* (Stitz.) Samp., 240  
*Verrucaria Limae* Samp., 240  
*Verrucaria Sampaiana* B. de Lesd., 213, 217, 241  
 Vigier, 62, 64, 80, 98, 99, 101  
 Vimioso, 125, 127, 129, 131, 134  
 von Haller, 63, 84  
 von Mohl, 89  
 Voyage au Portugal, 91, 96

## W

W. Becker, 60  
 Wallace, 90  
 Weiditz, 69  
 Welwitsch, 91, 140, 157, 163, 207  
*Wilckia gracilima* (Samp.) Samp., 236  
 Willdenow, 84, 85, 90  
 Willkomm, 54, 88, 97, 117, 122, 152, 154, 159, 161, 165, 168, 169, 172, 174, 176, 190

## X

*Xanthocarpia aurantiaca* (Hepp) Samp., 240  
*Xanthocarpia vitellinula* (Nyl.) Samp., 240

## Z

Zahlbruckner, 29, 42, 43, 206, 207, 208, 209, 220, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 240

*Póvoa de Lanhoso*



CÂMARA MUNICIPAL  
PÓVOA DE LANHOSO